

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FAALC – FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

SONIA GONÇALVES BATISTA DIAS

O CORPO CRISTÃO MIDIÁTICO-DIGITAL: DESFRONTEIRIZAÇÃO DAS PRÁTICAS
DE DIVULGAÇÃO RELIGIOSA MATERIALIZADAS NO *YOUTUBE*

CAMPO GRANDE

2024

SONIA GONÇALVES BATISTA DIAS

O CORPO CRISTÃO MIDIÁTICO-DIGITAL: DESFRONTEIRIZAÇÃO DAS PRÁTICAS
DE DIVULGAÇÃO RELIGIOSA MATERIALIZADAS NO *YOUTUBE*

Tese de doutorado apresentada como requisito parcial, para obtenção do título de doutora em Estudos de Linguagens, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sueli Maria Ramos da Silva

Área de Concentração: Linguística e Semiótica

Linha de pesquisa: Práticas e Objetos Semióticos.

CAMPO GRANDE

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pelas inspirações e motivações diárias que me deram força para continuar no intento de elaborar esta tese.

À minha família, esposo Jardel e filhas Luísa e Sophia, por abster de momentos que mereciam a atenção da esposa e mãe, preferindo compreender minhas aspirações.

Ao meu pai Francisco Batista, *in memorian*, pelos momentos vividos em templos cristãos.

À minha mãe, Maria Abadia e minhas irmãs e irmão pelas palavras de incentivo.

À minha orientadora querida e exigente, professora Doutora Sueli Maria Ramos da Silva, por acreditar no meu projeto, pela paciência e orientações, levando-me por caminhos semióticos mais densos e desafiadores, além do que eu imaginava percorrer.

A todos os colegas e professores do programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, pela participação em meu processo de desenvolvimento e aprimoramento na teoria semiótica e áreas afins.

À UFMS, mais especificamente, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens pela oportunidade de vaga e suporte técnico-administrativo.

À professora Doutora Renata Ciampone Mancini, por conseguir, no Grupo de Estudos Semióticos GES-Usp, fazer a Semiótica Tensiva mais acessível e compreensível, dada sua complexidade teórica.

Aos amigos e pastores Alessandro e Andreia, pelas orações e tutoria sobre a Bíblia Sagrada.

À paróquia Maria Auxiliadora dos Cristãos e ao Grupo da Renovação Carismática Católica dela pertencente, pelas memórias de minha infância e início da adolescência revisitadas durante a elaboração desta tese.

Aos padres Fábio de Melo e Chrystian Shankar e aos pastores Antônio Júnior e Cláudio Duarte, produtores dos vídeos que compõem o corpus de pesquisa.

À plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*, que tem proporcionado conteúdos dos mais diversos, gerando, em seu papel de suporte midiático-digital, material de pesquisa do qual disjunge as práticas sociais, objeto de interesse de acadêmicos de diversas universidades.

À banca examinadora pelas contribuições para o aprimoramento da pesquisa;

À professora Doutora Aline Saddi Chaves (UEMS), minha orientadora de mestrado, presente nesta banca.

*Recebi tua luz, recebi tua paz
Senti tua presença, com o teu o amor
Sei que nada faço,
Sem tua graça que me faz andar
Todo o meu trabalho
Oferenda a ti vai se tornar
Fruto do amor, tem outro sabor
É sinal de luz, vem do coração
[...]
Sem ti eu sei, nada vou fazer
Mesmo se eu plantar, nada vai nascer
Todos os meus passos, pedem tua luz
Sei que me sustentas, meu mestre Jesus [...]*

(Minha Alegria – Padre Ezequiel Del Pozzo)

*“Não que eu [...] tenha já obtido a perfeição;
mas prossigo para conquistar [...]”
(Filipenses 3:12)*

RESUMO

Esta tese tem por objetivo geral analisar o discurso religioso cristão midiático-digital, a partir da proposta de tese da desfronteirização, termo que cunhamos para propor uma fronteira imaginária entre o discurso de divulgação e o discurso de fidelização. Para tal finalidade, retomamos os estudos de Silva (2020), ao propor três cenas enunciativas referentes ao discurso religioso (fundação, fidelização e divulgação). Propomos como consequência do rompimento dessa fronteira a mistura de estilos de gêneros discursivos a partir da mestiçagem zilberberguiana (2004). Após a mestiçagem, analisamos os gêneros discursivos dessa mistura a fim de apreender o corpo discursivo, manifestado por meio do estilo, da voz e do caráter emanados de quatro atores de enunciações cristãs midiático-digitais, materializados, de acordo com nossa proposta, em tipologias genéricas de estilo actorial. A tese analisa o corpo cristão midiático-digital, tendo-o como uma organização depreendida das marcas da enunciação enunciada, amparando-se nos componentes sintáticos e semânticos. Organização esta que propomos: situar, nomear, elencar, organizar e classificar mediante tipologias. Assim sendo, os objetivos específicos desta tese são: a) Analisar o corpo do enunciador na plataforma *YouTube*, considerando-o um corpo discursivo, conforme assinala Discini (2012; 2015); b) Analisar o corpo do enunciador na plataforma *YouTube* na perspectiva da mestiçagem zilberberguiana (2004); c) Apreender o estilo dos atores de enunciações cristãs midiáticas, a partir de uma noção de estilo com base nos estudos sobre o corpo na semiótica discursiva; d) Contribuir com os estudos do discurso religioso na semiótica discursiva da atualidade, no que tange às mídias digitais; e) Propor duas cenas enunciativas oriundas da tipologia pregação cristã midiático-digital. f) Delinear o fenômeno da desfronteirização em uma perspectiva tensiva da mestiçagem. Quanto à metodologia, a pesquisa é quali-quantitativa, com levantamento de informações e conhecimentos acerca de pesquisas realizadas na semiótica discursiva no campo da religião e da religiosidade a partir de trabalhos já publicados, colocando em diálogo diferentes autores e dados. Além das análises do corpus selecionado, com pesquisas exploratórias, descritivas e explicativas. Os resultados obtidos revelam distintos estilos actoriais, os quais diferenciam-se entre algumas práticas católica e protestante historicamente marcadas e apreendidas durante as análises dos argumentos retóricos escolhidos.

Palavras-Chave: semiótica tensiva; corpo; estilo; discurso religioso; mídias digitais.

ABSTRACT

The general objective of this thesis is to analyze Christian religious discourse in digital media based on the proposal of the “crossing borders” thesis, a term we coined to propose an imaginary border between the discourse of dissemination and the discourse of loyalty. To this end, we revisit the studies of Silva (2020) in proposing three enunciative scenes referring to religious discourse (foundation, loyalty and dissemination). As a consequence of breaking this border, we propose mixing styles of discursive genres based on Zilberberguian miscegenation (2004). After the miscegenation, we analyze the discursive genres of this mixture in order to grasp the discursive body, manifested through the style, voice and character emanating from four actors of Christian enunciations in digital media, materialized, according to our proposal, in generic typologies of acting style. We analyze the Christian media-digital body, considering it as an organization inferred from the marks of the enunciated enunciation, supported by the syntactic and semantic components. This organization that we propose is to: situate, name, list, organize and classify through typologies. Therefore, the specific objectives of this thesis are to: a) analyze the body of the enunciator on the YouTube platform, considering it a discursive body, as pointed out by Discini (2012; 2015); b) analyze the body of the enunciator on the YouTube platform from the perspective of Zilberberguian miscegenation (2004); c) understand the style of the actors of Christian media enunciations, from a notion of style based on studies on the body in discursive semiotics; d) contribute to religious discourse studies in the discursive semiotics of today with regard to digital media; e) propose two enunciative scenes originating from the typology of Christian preaching in digital media; and to f) outline the phenomenon of crossing borders from a tensive perspective of miscegenation. The study methodology is qualitative and quantitative, with a survey of information and knowledge about research conducted in discursive semiotics in the field of religion and religiosity based on previously published works, placing different authors and data in dialogue. In addition, an analysis of the selected corpus with exploratory, descriptive and explanatory research is performed. The results obtained reveal distinct acting styles, which differ between some historically marked Catholic and Protestant practices and learned during the analysis of the chosen rhetorical arguments.

Keywords: tensive semiotics; body; style; religious discourse; digital media.

RÉSUMÉ

Cette thèse a pour objectif général d'analyser le discours religieux chrétien médiatique-numérique, sur la base de la thèse proposée de la défrontalisation, terme que nous avons inventé pour proposer une frontière imaginaire entre le discours de diffusion et le discours de loyauté. Pour cela, nous revisitons les études de Silva (2020), en proposant trois scènes énonciatives faisant référence au discours religieux (fondation, fidélité et diffusion). Nous proposons, comme conséquence de briser cette frontière, le mélange de styles de genre discursifs basés sur le métissage zilberbergien (2004). Après le métissage, nous avons analysé les genres discursifs de ce mélange afin d'en comprendre le corps discursif, manifesté à travers le style, la voix et le caractère émanant de quatre acteurs d'énonciations chrétiennes médiatiques-numériques, matérialisées, selon notre proposition, dans des typologies génériques de style acteur. Nous analysons le corps médiatique-numérique chrétien, en le considérant comme une organisation déduite des marques de l'énonciation prononcée, soutenue par des composantes syntaxiques et sémantiques. Nous proposons cette organisation: situer, nommer, répertorier, organiser et classer à l'aide de typologies. Les objectifs spécifiques de cette thèse sont donc: a) Analyser le corps de l'énonciateur sur la plateforme YouTube, en le considérant comme un corps discursif, comme le souligne Discini (2012; 2015); b) Analyser le corps de l'énonciateur sur la plateforme YouTube sous l'angle du métissage Zillbergien (2004); c) Comprendre le style des acteurs dans les énonciations médiatiques chrétiennes, à partir d'une notion de style issue des études sur le corps en sémiotique discursive; d) Contribuer aux études du discours religieux dans la sémiotique discursive d'aujourd'hui, en ce qui concerne les médias numériques; e) Proposer deux scènes énonciatives issues de la typologie de la prédication chrétienne médiatique-numérique; f) Décrire le phénomène de défrontalisation dans une perspective tensive de métissage. La méthodologie de l'étude est qualitative et quantitative, avec un relevé d'informations et de connaissances sur les recherches menées en sémiotique discursive dans le domaine de la religion et de la religiosité à partir de travaux déjà publiés, mettant en dialogue différents auteurs et données. En outre, une analyse du corpus sélectionné avec des recherches exploratoires, descriptives et explicatives a été réalisée. Les résultats obtenus révèlent des styles comédiens différents, qui diffèrent entre certaines pratiques catholiques et protestantes historiquement marquées et apprises lors de l'analyse des arguments rhétoriques choisis.

Mots-clés: sémiotique tensive; corps; style; discours religieux; médias numériques

TABELAS

Tabela 1 - Organização dos níveis do percurso gerativo de sentido.....	67
Tabela 2 - Competências do manipulador.....	70
Tabela 3 - Unidades sintáticas.....	71
Tabela 4 - As instâncias da enunciação/instauração do sujeito.....	75
Tabela 5 - Aspecto do tempo.....	79
Tabela 6 - Densidade da presença.....	83
Tabela 7 - Função semiótica.....	127
Tabela 8 - Disponibilidade das categorias semióticas.....	134
Tabela 9 - Ocorrência de um acontecimento.....	136
Tabela 10 - Forias de “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém.....	172
Tabela 11- Papéis temáticos da mulher no casamento.....	180
Tabela 12 - Papéis temáticos do homem no casamento.....	181
Tabela 13 - Papéis temáticos da mulher no casamento + forias.....	188
Tabela 14 - Papéis temáticos do homem no casamento + forias (Organizada para esta tese).....	189
Tabela 15 - Forias de “Estamos presos em casa!!! [...]”.....	204
Tabela 16 - Forias de “Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita”.....	221
Tabela 17 - Forias de Missa Dominical com padre Fábio de Melo.....	229
Tabela 18 - Forias de Palavra Essencial: Espiritualidade a partir de relacionamentos.....	237
Tabela 19 - Forias de “O que pode ser evitado no casamento”.....	258
Tabela 20 - Forias de “A matemática do casamento”.....	269
Tabela 21 - Forias de “Nosso casamento”.....	281
Tabela 22 – Forias de “Casamento com excelência”.....	296
Tabela 23 - Forias de “Homem banana e mulher abacaxi”.....	306
Tabela 24 - Forias de “Arrume sua família na quarentena”.....	314
Tabela 25 - Recorrência de traços do <i>ethos</i> do ator da enunciação da cena enunciativa 1.a.....	326
Tabela 26 - Recorrência de traços do <i>ethos</i> do ator da enunciação da cena enunciativa 1.b.....	327
Tabela 27 - Recorrência de traços do <i>ethos</i> do ator da enunciação da cena enunciativa 2.a.....	328
Tabela 28 - Recorrência de traços do <i>ethos</i> do ator da enunciação da cena enunciativa 2.b.....	329
Tabela 29 - Triagem e mistura: manutenção e divulgação da cena enunciativa 2	337

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Frame</i> com Eniac - primeiro computador.....	54
Figura 2 - <i>Frame</i> Logo da plataforma YouTube em 2005.....	62
Figura 3 - <i>Frame</i> Logo da plataforma YouTube em 2017.....	63
Figura 4 - Categorias de veridicção.....	71
Figura 5 - <i>Frame</i> do comediante Leo Lins no palco (0:11”).....	105
Figura 6 - <i>Frame</i> do comediante Leo Lins no palco com convidados ao palco (0’:55”)	106
Figura 7 - Representação esquemática das dimensões direção e intimidade.....	109
Figura 8 - Hiperlink da página do Canal Antônio Júnior.....	146
Figura 9 - Página do perfil do Canal Antônio Júnior.....	146
Figura 10 - Recorte da figura 9 (1).....	147
Figura 11 - Recorte da figura 9 (2).....	149
Figura 12 - Recorte da figura 9 (3).....	149
Figura 13 - Recorte da figura 9 (4).....	149
Figura 14 - Recorte da figura 9 (5).....	150
Figura 15 - Recorte da figura 9 (6).....	150
Figura 16 - Recorte da figura 9 (7).....	151
Figura 17 - Recorte da figura 9 (8).....	152
Figura 18 da cena enunciativa 1.a - <i>Frame</i> no tempo de 1’:39”	158
Figura 19 da cena enunciativa 1.a - <i>Frame</i> no tempo de 1’: 52”	159
Figura 20 da cena enunciativa 1.a - <i>Frame</i> no tempo de 2’:29”	160
Figura 21 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 2’26”	161
Figura 22 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 3’:00”	162
Figura 23 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 3’:11.....	163
Figura 24 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 3’:14”.....	164
Figura 25 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 3’: 48”	165
Figura 26 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 3’: 50”.....	166
Figura 27 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 4’: 05”	167
Figura 28 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 4’: 14”	168
Figura 29 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 4’: 38”	169
Figura 30 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 5’:01”.....	170
Figura 31 da cena enunciativa 1.a- <i>Frame</i> no tempo de 5’:14”.....	171
Figura 32 - <i>Frame</i> da capa do vídeo 3.1.3 – O papel do homem e da mulher no casamento.....	182
Figura 33 - Recorte da figura 32 (1).....	182
Figura 34 - Recorte da figura 32 (2).....	183
Figura 35 - <i>Frame</i> no tempo de 3’05” – O papel do homem e da mulher no casamento.....	184
Figura 36 - <i>Frame</i> no tempo de 0’:10” – Narrador como figura actancial.....	195
Figura 37 - <i>Frame</i> no tempo de 1’:26” – A Bíblia Sagrada como figura actancial.....	197
Figura 38 - <i>Frame</i> no tempo de 1’:45” – Narrador portando a Bíblia Sagrada.....	198
Figura 39 - <i>Frame</i> no tempo de 1’:56” – Figuras actanciais dos tempos bíblicos.....	200
Figura 40 - <i>Frame</i> no tempo de 3’:36” – Figuras actanciais de sacerdotes.....	201
Figura 41 - <i>Frame</i> no tempo de 4’:13” – Figuras actanciais de cientistas.....	202
Figura 42 - <i>Frame</i> no tempo de 4’:17”/ Vírus da covid-19 e final do vídeo.....	203
Figura 43 - <i>Frame</i> do hiperlink “Sobre” da página do Canal Padre Fábio de Melo.....	207
Figura 44 - Página inicial do perfil do Canal do Padre Fábio de Melo no YouTube.....	208
Figura 45 - Recorte da figura 44 (1).....	210
Figura 46 - Recorte da figura 44 (2).....	210
Figura 47 - Recorte da figura 44 (3).....	210

Figura 48 - Recorte da figura 44 (4).....	211
Figura 49 - Recorte da figura 44 (5).....	211
Figura 50 - <i>Frame</i> no tempo de 0’28”.....	215
Figura 51 - <i>Frame</i> no tempo de 0’42”.....	216
Figura 52 - <i>Frame</i> no tempo de 0’43”.....	217
Figura 53 - <i>Frame</i> da capa do vídeo - Somos a casa onde Deus habita.....	219
Figura 54 - <i>Frame</i> da Missa dominical – Pe. Fábio de Melo.....	227
Figura 55 - Capa do vídeo “Espiritualidade a partir dos relacionamentos”.....	235
Figura 56 - Cenário do texto-enunciado 3.2.4.....	236
Figura 57 - Hiperlink “Sobre” do Canal Luz e Vida Chrystian Shankar.....	241
Figura 58 - Página de apresentação do enunciador no site Padre Chrystian.....	242
Figura 59 - Recorte da figura 58 (1).....	243
Figura 60 - Recorte da figura 58 (2).....	243
Figura 61 - Página do perfil do Canal Luz e Vida - Padre Chrystian Shankar no YouTube.....	246
Figura 62 - Recorte figura 60 (Página do perfil do Canal - enunciador 2.a).....	248
Figura 63 - Recorte da página do perfil do Canal Luz e Vida.....	250
Figura 64 - <i>Frame</i> com momento de tentativa de trocar as bexigas (16’:08”).....	255
Figura 65 – <i>Frame</i> com momento de orientação da dinâmica (20’:35”).....	255
Figura 66 – <i>Frame</i> da Capa do vídeo “A matemática do casamento”.....	266
Figura 67 - <i>Frame</i> ref. excerto 89 - Formato de coração com as duas mãos (2’:17”).....	266
Figura 68 – <i>Frame</i> do momento de demonstração da dinâmica (6’:22”).....	276
Figura 69 – <i>Frame</i> - sujeito destinador imitando actante esposa ao se sentar (8’:14”).....	277
Figura 70 - <i>Frame</i> - Hiperlink “Sobre” do enunciador 2.b.....	283
Figura 71 - Página do perfil do Canal Pr. Cláudio Duarte no <i>YouTube</i>	284
Figura 72 - Recorte da figura 71 (1).....	287
Figura 73 - Recorte da figura 71 (2) - banner da página do perfil do Canal Pr. Cláudio Duarte.....	287
Figura 74 - Recorte da figura 71 (3) - vídeo anunciado na página do perfil do Canal Pr. Cláudio Duarte.....	287
Figura 75 - <i>Frame</i> do simulacro da junção dos corpos de um casal (5’:44” até 5’:60”).....	294
Figura 76 – <i>Frame</i> após a junção de dois corpos que se tornaram um casal.....	294
Figura 77 – <i>Frame</i> do momento da pregação de <i>Homem banana e mulher abacaxi</i>	303
Figura 78 - <i>Frame</i> com pregador no púlpito no momento da pregação.....	312
Figura 79 - Sintaxe da mestiçagem do esquema 2.....	322
Figura 80 - Sintaxe da mestiçagem do esquema 3.....	324

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Representação da instauração do sujeito no campo de presença.....	84
Gráfico 2 - Representação do corpo discursivo no campo de presença.....	88
Gráfico 3 - Demonstração de Família feliz vs. família em possibilidade de divórcio Gráfico	91
Gráfico 4 - Correlação conversa - O riso como quebra de expectativa.....	107
Gráfico 5 - Uma possibilidade interpretativa do bem e do mal na perspectiva cristã expressa nas cores.....	134
Gráfico 6 - Processo para novo paradigma - a partir das ideias de Zilberberg.....	137
Gráfico 7 - Esquema tensivo da divulgação com base em Zilberberg.....	139
Gráfico 8 - Gráfico 8 -Divulgação vs manutenção com base em Zilberberg.....	141
Gráfico 9 - Correlação inversa de “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém”.....	173
Gráfico 10 - Papéis temáticos do homem no casamento + forias com base na proposta de Zilberberg.....	190
Gráfico 11 - Correlação conversa - Sujeito aturdido vs Sujeito da ação.....	204
Gráfico 12 - Correlação inversa “Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita””.....	222
Gráfico 13 - Correlação inversa de <i>Missa Dominical com padre Fábio de Melo</i>	229
Gráfico 14 - Correlação inversa de Palavra Essencial: Espiritualidade a partir de relacionamentos.....	238
Gráfico 15 - Correlação inversa de <i>O que pode ser evitado no casamento</i>	259
Gráfico 16 - Correlação inversa de <i>A matemática do casamento</i>	270
Gráfico 17 - Correlação inversa de <i>Nosso Casamento</i>	281
Gráfico 18 - Correlação inversa de <i>Casamento com excelência</i>	297
Gráfico 19 - Correlação inversa de <i>Homem banana e mulher abacaxi</i>	307
Gráfico 20 - Correlação inversa de “Arrume sua família na quarentena ”.....	315
Gráfico 21- Balizas aspectuais de triagem e mistura do gênero pregação midiático-digital com base em Zilberberg	322
Gráfico 22 - Balizas aspectuais de triagem e mistura do gênero pregação midiático-digital com base em Zilberberg com <i>stand up comedy</i>	324
Gráfico 23 - Perfil aspectual da cena enunciativa 1.a	332
Gráfico 24 - Perfil aspectual da cena enunciativa 1.b	333
Gráfico 25 - Perfil aspectual da cena enunciativa 2.a	334
Gráfico 26 - Perfil aspectual da cena enunciativa 2.b	334
Gráfico 27 - Balizas aspectuais do perfil do enunciário (internauta).....	336
Gráfico 28 - Esquema tensivo de retenção e divulgação da cena enunciativa 2 com base no modelo de Zilberberg	338

ESQUEMAS

Esquema 1 - Esquema da posição dos partícipes na práxis da pregação do Evangelho.....	40
Esquema 2 - Esquema de mestiçagem de formação do gênero pregação midiático-digital a partir de três totalidades discursivas e três cenas enunciativas de Silva (2011; 2020).....	321
Esquema 3 - Gênero pregação e as duas cenas enunciativas após o processo de mestiçagem, a partir do esquema 2.....	323

LISTA DE ABREVIATURAS BÍBLICAS

Gênesis.....	Gn
Êxodo.....	Êx
Levítico.....	Lv
Números.....	Nm
Deuteronômio.....	Dt
Josué.....	Js
1 Reis.....	1 Rs
Ester.....	Et
Jó.....	Jó
Salmos.....	Sl
Provérbios.....	Pv
Eclesiastes.....	Ec
Isaías.....	Is
Ezequiel.....	Ez
Daniel.....	Dn
Oséias.....	Os
Amós.....	Am
Mateus.....	Mt
Marcos.....	Mc
Lucas.....	Lc
João.....	Jo
Atos.....	At
Romanos.....	Rm
1 Coríntios.....	1 Co
2 Coríntios.....	2 Co
Gálatas.....	Gl
Efésios.....	Ef
1 Timóteo.....	1 Tm
Hebreus.....	Hb
Apocalipse.....	Ap
Novo Testamento.....	NT
Velho Testamento.....	VT

Introdução.....	14
Capítulo I	

A Semiótica nos Estudos da Religião e da Religiosidade na Espacialidade Midiático-Digital

1. Semiótica Discursiva e os textos bíblicos	31
1.1 A práxis do objeto de análise.....	37
1.1.1 Uma reflexão acerca da importância dos estudos da religião.....	41
1.1.1.1 Noção de religião e de religiosidade.....	44
1.1.2 O sincretismo religioso.....	46
1.1.3 A instituição casamento.....	51

Capítulo II

O Surgimento da Internet e o YouTube como Suporte de Pregações

2. O surgimento da internet.....	53
2.1 Mídias digitais.....	59
2.2 O YouTube	60
2.3 Religião e midiatização da sociedade.....	63
2.3.1 Religião e religiosidade nas mídias digitais.....	65

Capítulo III

A Semiótica Discursiva, o Corpo Sensível e A Retórica

3. Os níveis do percurso gerativo de sentido.....	67
3.1 Os desdobramentos tensivos.....	81
3.1.1 As densidades de presença enquanto corpo discursivo.....	86
3.1.2 A práxis enunciativa do corpo discursivo nos vídeos do YouTube.....	89
3.1.3 A Retórica na Semiótica Discursiva.....	91
3.1.4 Corpo discursivo e estilo retórico.....	95
3.1.5 O humor como ferramenta retórica discursiva religiosa.....	101
3.1.6 A retórica da argumentação nas pregações	110
3.2 Acerca do sincretismo textual e do semissimbolismo nas pregações cristãs midiático-digitais.....	123
3.3 A desfronteirização da fidelização e divulgação do corpo cristão midiático-digital.....	136

Capítulo IV

Discursivização do Corpo Cristão Midiático-Digital da Cena Enunciativa I

4. O <i>ethos</i> do enunciador da cena enunciativa 1.a.....	145
4.1 Página do perfil do Canal Antônio Júnior.....	146

Cena enunciativa 1.a- Mensagem bíblica didático-religiosa

4.1.1 Os <i>framings</i> na cena enunciativa 1.a.....	153
4.1.2 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém”	154
4.1.3 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “O papel do homem e da mulher no casamento”	175

4.1.4 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena”.....	194

4.2 O <i>ethos</i> do enunciador da cena enunciativa 1.b.....	207

4.2.1 Página do perfil do Canal Padre Fábio de Melo.....	208

Cena Enunciativa 1.b – Palavra Amiga católica

4.2.2 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “Espiritualidade do dia – Somos a casa onde Deus habita”.....	213

4.2.3 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “Missa Dominical com Padre Fábio de Melo”.....	224

4.2.4 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “Palavra Essencial – Espiritualidade a partir dos relacionamentos”.....	231

Capítulo V

Discursivização do Corpo Cristão Midiático-Digital da Cena Enunciativa II

5. O <i>ethos</i> do enunciador da cena enunciativa 2.a.....	241

5.1 Página do perfil do Canal Luz e Vida – Padre Chrystian Shankar.....	246

Cena enunciativa 2.a – Pregação Stand Up Comedy Católica

5.1.2 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “O que deve ser evitado no casamento”.....	252

5.1.3 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “A matemática do casamento”.....	261

5.1.4 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “Nosso casamento”.....	273

5.2 O <i>ethos</i> do enunciador da cena enunciativa 2.b	282

5.2.1 Página do perfil do Canal Cláudio Duarte.....	284

Cena enunciativa 2.b – Pregação Stand Up comedy protestante

5.2.1.2 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “Casamento com excelência”.....	289

5.2.1.3 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “Homem Banana e Mulher Abacaxi”	299

5.2.1.4 O <i>ethos</i> do ator da enunciação “Arrume sua família na quarentena”.....	309

5.3 Tipologia midiático-digital: Da origem à proposta.....	318

5.4 Recorrência de traços do <i>ethos</i> discursivo.....	324

Considerações Finais.....	329

Referências.....	339

Anexos.....	352

INTRODUÇÃO

1. Problemáticas da tese

Esta tese tem por objetivo geral analisar o discurso religioso cristão midiático-digital a partir da noção de desfronterização, a fim de apreender o corpo discursivo, manifestado por meio do estilo, da voz e do caráter emanados de quatro atores de enunciações cristãs midiático-digitais, materializados, de acordo com nossa proposta, em tipologias genéricas de estilo actorial transmutadas a partir do processo de mestiçagem zilberberguiano.

Analizamos o corpo cristão midiático-digital, tendo-o como uma organização apreendida das marcas da enunciação enunciada, que se ampara nos componentes sintáticos e semânticos. Organização esta que propomos: situar, nomear, elencar, organizar e classificar mediante tipologias.

Assim sendo, os objetivos específicos desta tese são:

a) Contribuir com os estudos do discurso religioso na semiótica discursiva da atualidade, no que tange às mídias digitais;

b) Delinear o fenômeno da desfronterização em uma perspectiva tensiva da mestiçagem;

c) Analisar o corpo do enunciador cristão midiático na plataforma *YouTube* na perspectiva da mestiçagem zilberberguiana (2004);

d) Analisar o corpo do enunciador cristão midiático na plataforma *YouTube*, considerando-o um corpo discursivo, conforme assinala Discini (2015);

e) Apreender o estilo dos atores de enunciações cristãs midiáticas, a partir de uma noção de estilo com base nos estudos sobre o corpo na semiótica discursiva;

f) Propor duas cenas enunciativas oriundas da tipologia pregação cristã midiático-digital.

Quanto à metodologia, considera-se nossa pesquisa quali-quantitativa com levantamento de informações e conhecimentos acerca de pesquisas realizadas na semiótica discursiva no campo da religião e da religiosidade a partir de trabalhos já publicados, colocando em diálogo diferentes autores e dados. Além das análises do corpus selecionado, com pesquisas exploratórias, descritivas e explicativas.

O caminho de investigação científica apoia-se na semiótica padrão greimasiana com o conceito de percurso gerativo de sentido e os desdobramentos da semiótica tensiva, a qual inclui dois conceitos primordiais: intensidade e extensidade, estados de alma e estados de coisa, respectivamente; bem como análise do discurso de divulgação religiosa no universo midiático, de modo a analisar o perfil dos *ethé* como estilo e aspecto.

II. Da proposta da tese

Espera-se encontrar pontos de intersecção, que podemos chamar de mistura/mestiçagem midiaticizada, oriunda de uma desfronteirização entre o discurso de divulgação e de fidelização. Dessa forma, há levantamento de dados correlacionando o discurso midiático-digital religioso às perspectivas da semiótica, procurando demonstrar em que medida os ambientes digitais formam uma prática semiótica.

A tese de Silva (2011), publicada em livro (2020), basilar para a concatenação das cenas genéricas desta pesquisa, não tratou das mídias na internet, dado que o recorte de pesquisa delineado pela autora delimitou o corpus de pesquisa nas mídias impressas, tais como: “(encíclica, compêndio, artigos jornalísticos e entrevistas em revistas e jornais de divulgação religiosa especializada, entre outros)” (Silva, 2011, p. 107), textos relativos à divulgação promovida pela Igreja Católica, pela Igreja Universal do Reino de Deus e das Igrejas das Testemunhas de Jeová.

Na proposta de Silva (2011; 2020) o discurso religioso é delimitado em três tipologias distintas calcadas no enunciário: a) o discurso fundador; b) o discurso de fidelização religiosa e c) o discurso de divulgação religiosa. E é desta última, discurso de divulgação religiosa, que parte nossa proposta de tese, mas agora em uma versão midiático-digital. Importante mensurar que a autora delineia esse último, o discurso de divulgação religiosa, em cinco cenas enunciativas: especializada; instrucional; conscientização social; propagandista e midiática.

Dentro de nossa proposta, na espacialidade do mundo digital, extraímos as três totalidades discursivas propostas por Silva (2011; 2020), fundadora, de fidelização e de divulgação, juntamente com as três cenas enunciativas, especializada, midiática e instrucional, também propostas por Silva (2011; 2020), são, em nossa proposta, transmutadas pelo processo de mestiçagem, formando novas totalidades genéricas de divulgação.

Propomos, a partir das análises, considerando como resultado do processo de mestiçagem, duas cenas enunciativas cristãs midiático-digitais, de dois estilos de gêneros de quatro atores distintos, que intitulamos e organizamos a seguir como:

Cena enunciativa 1

- a) Mensagem bíblica didático-religiosa protestante;
- b) Palavra Amiga católica.

Cena enunciativa 2:

- c) Pregação *Stand Up comedy* católica;
- d) Pregação *Stand Up comedy* protestante.

Assim sendo, consideramos quatro perguntas de pesquisa como linhas organizadoras desta tese:

- a) Há uma desfrontereirização entre a fidelização e a divulgação nas pregações cristãs midiático-digitais?
- b) Em que proporção as fronteiras dos discursos de fidelização e de divulgação se aproximam ou se dissipam?
- c) De que forma se processa o humor no discurso religioso midiático-digital?
- d) As proposições tipológicas propostas se confirmam?

Para as análises da presente tese utilizamos o ferramental teórico-metodológico do percurso gerativo do sentido, os desdobramentos tensivos da semiótica discursiva, a partir da retórica do destinador em seu fazer cognitivo e persuasivo sobre o fazer interpretativo do destinatário. A metodologia de análise é mediada pela observação e descrição do corpus com identificação das marcas do plano de expressão e de conteúdo deixadas no enunciado, a fim de depreender o modo específico de dizer, para enfim desvendar o modo particular de ser, trata-se da apreensão propriamente dita do *ethos* do enunciador, o que implica mostrar a construção do *ethos* do ator da enunciação no texto-enunciado.

A fim de realizar a operacionalização das categorias selecionadas para esta tese, consideramos nas estruturas semionarrativas, os investimentos abstratos concretizáveis no nível discursivo, para enfim apreender os procedimentos argumentativos e persuasivos do enunciador. Nas estruturas tensivas, a percepção sensível e o estilo tensivo em uma articulação com a retórica a partir das tipologias dos argumentos retóricos, representados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]). No nível discursivo, as categorias dêiticas de tempo, espaço e pessoa, por meio dos mecanismos de debreagem; na ordem semântica, os temas e figuras. Para análise da linguagem não-verbal, manifestação das figuras actanciais nos *frames* selecionados, utilizaremos a oposição *forma aberta* vs. *forma fechada*, conforme sugerido por Zilberberg (2011, p. 197-198) a partir do modelo Wölfflin, seguindo a tabela reproduzida no item 2.4 desta tese.

A cada um dos quatro enunciadores, apresentamos o que está dito sobre eles em *sites* de notícias e/ou o que eles dizem de si em declarações publicadas em vídeos e ainda o que consta no ¹*hiperlink* “Sobre”, uma aba que direciona o enunciatário para informações sobre o

¹ *Hiperlink* é um tipo de elemento presente em documentos eletrônicos (páginas da *Web*, *e-mails*, documentos de texto digital, etc.) que se refere a um documento diferente, uma parte específica do mesmo documento ou outro recurso de qualquer natureza, como pesquisas on-line, mecanismos de compra, assinaturas, etc. Os hiperlinks consiste, portanto, na possibilidade de “saltar” de um texto para outro, de uma informação para outra, seguindo o fio de associação dos interesses do usuário, e não uma lógica linear e sucessiva como ocorre na cultura tradicional.

enunciador do Canal do *YouTube*, e pelas análises das páginas do perfil dos Canais dos quais são enunciados seus vídeos, a fim de apreender marcas que possam desvendar o *ethos* do enunciador. Para a apreensão do *ethos* do ator da enunciação, analisamos cada uma das três pregações subsequentes. E, por fim, considerações finais de cada análise realizada.

Para melhor compreensão, as etapas de análise organizam-se conforme a seguir:

1. Apresentação do enunciador;
2. Análise semiótica da página do perfil de cada enunciador;
3. Análise dos textos-enunciados.

A análise semiótica seguirá a seguinte ordem:

Estruturas semionarrativas

- a) Sintaxe narrativa: Enunciado elementar, programa narrativo, percurso narrativo;
- b) Semântica narrativa: procedimentos argumentativos e persuasivos do enunciador na modalização do ser e do fazer.

Nível discursivo

- a) Sintaxe discursiva: As categorias dêiticas de tempo, espaço e pessoa, por meio dos mecanismos de debreagem;
- b) Na ordem semântica: os temas e figuras.

Estruturas tensivas

- a) O estilo tensivo e a percepção sensível;
- b) Tipologias dos argumentos retóricos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958]);
- c) Considerações Finais de cada análise.

Pelo comando de busca do *YouTube*, encontramos pregações cristãs de vertentes católica e protestante (evangélica) que apresentaram distintas *performance* dos pregadores.

Por conseguinte, selecionamos como corpus da presente tese pregações de Canais do *YouTube*, publicadas a partir do ano de 2013 até o ano de 2022, sob o critério de popularidade midiática, visualizações e inscritos nos Canais. É importante destacar que os objetos recortados para análise não contemplam apenas o período da pandemia do covid-19, mas também um período anterior a ela. Os enunciadores dos Canais são: 1) Pastor Antônio Júnior, com mais de doze milhões de inscritos; 2) Padre Fábio de Melo, mais de dois milhões de inscritos em seu Canal de hegemonia musical, no qual constam mensagens cristãs das quais selecionamos três; 3) Padre Chrystian Shankar, mais de um milhão de inscritos; 4) Pastor Cláudio Duarte, como é itinerante, prega em diversas igrejas por meio de convites, suas publicações estão em distintos canais, mas destaca-se o Canal Palavra de fé, um Canal em parceria com outros pregadores com mais de dois milhões de inscritos.

Em seguida, de cada Canal, selecionamos três vídeos de pregações de cada um dos enunciadores, para termos uma amostra representativa da totalidade discursiva de cada enunciador. No caso das pregações do quarto enunciador, pastor Cláudio Duarte, destacamos que cada pregação é de um site diferente, visto que se trata de pregador itinerante (prega mediante convite de distintas denominações protestantes).

Constatamos uma longa duração de gravação (duração da pregação) em cada vídeo, por isso, tomamos como alicerce de pesquisa a consideração de que o todo está nas partes, pois, por pregação, temos a noção de gênero discursivo, o qual representa uma totalidade discursiva. No caso, somam-se duas totalidades selecionadas para análise nesta tese. Assim, sendo analisada uma de suas partes (cada pregação), depreende-se o estilo de gênero, de onde emerge o estilo actorial (Cf. Discini, 2015). Trataremos mais especificamente no capítulo II sobre a noção de gênero discursivo atrelada à noção de estilo actorial, de acordo com as ideias de Discini (2012; 2015).

A partir de Brondal (1948; 1986) sobre o todo e as partes, Discini (2015, p. 23) dispõe a noção de estilo de gênero como aquele que corresponde a unidade integral realizada (*unus*), de onde se apreende o ator da enunciação. Enquanto que um conjunto de enunciados desse mesmo estilo de gênero corresponde à totalidade integral (*totus*). E, dessa totalidade, apreende-se o corpo.

Dentro dessa lógica de unidade integral (*unus*) e totalidade integral (*totus*), Discini respalda-se para a premissa de que o todo também está nas partes, não sendo necessária, desse modo, a análise do total de enunciados para a apreensão das marcas do corpo discursivo.

Desse modo, selecionamos até dois trechos de cada vídeo para realização das análises, os quais foram transcritos conforme normatiza o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) e das orientações de Dino Preti (2010), disponíveis nos anexos desta tese. A título de exemplo, como normas de transcrição, há o uso de letra maiúscula, quando estivermos indicando uma entonação mais enfática durante o discurso, além de três pontos (...) como sinalização de pausa ou sinalizando prolongamento de vogais ou consoantes (ex.::). Outrossim, para a realização das análises, organizamos os trechos das pregações em excertos enumerados na sequência enunciada.

Tecidas essas considerações, apresentamos a seguir cada enunciador com suas três pregações midiático-digitais que previamente selecionamos, acompanhados da quantidade de visualizações dos vídeos com medição em 16/05/2024. As pregações estão intituladas conforme constam na própria publicação do vídeo no *YouTube*. A soma das três pregações midiático-digitais para cada enunciador, totalizam 12 pregações a serem analisadas nesta tese:

Enunciador 1: ²Pastor Antônio Júnior: Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém (2020), ³mais de um milhão de visualizações; ⁴O papel do homem e da mulher no casamento (segundo a bíblia) (2019), mais de um milhão de visualizações; ⁵Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena (2020), setecentos e sessenta e cinco mil visualizações.

Enunciador 2: ⁶Padre Fábio de Melo: ⁷Espiritualidade do dia - Somos a casa onde Deus habita (2020) mais de 300 mil visualizações; ⁸Missa Dominical com Padre Fábio de Melo (2020) mais de 320 mil visualizações; ⁹Palavra Essencial – Espiritualidade a partir dos relacionamentos (2022), mais de 220 mil visualizações.

Enunciador 3: ¹⁰Padre Chrystian Shankar: ¹¹Nosso casamento (2018), mais de cento e cinquenta mil visualizações; ¹²A matemática do casamento (2018), mais de quinhentas e quinze mil visualizações; ¹³O que deve ser evitado no casamento (2015), mais de três milhões de visualizações.

Enunciador 4: ¹⁴Pastor Cláudio Duarte: ¹⁵Casamento com excelência (2017), mais de noventa e três mil visualizações; ¹⁶Homem banana e mulher abacaxi (2013), ¹⁷mais de três milhões de visualizações; ¹⁸Arrume sua família na quarentena (2020), ¹⁹mais de um milhão de visualizações.

A cada um dos quatro enunciadores, apresentamos o que está dito sobre eles em *sites* de notícias e/ou o que eles dizem de si em declarações publicadas em vídeos e ainda o que consta no *hyperlink* “Sobre”, uma aba que direciona o enunciário para informações sobre o enunciador do Canal do *YouTube*, e também pelas análises das páginas do perfil dos Canais dos quais são enunciados seus vídeos, a fim de apreender marcas que possam desvendar o *ethos* do enunciador. Para a apreensão do *ethos* do ator da enunciação, analisamos três pregações de cada

² Disponível em: <https://www.pastorantoniojunior.com.br>. Acesso em: 16/05/2024

³ 1.043.279 visualizações (Última medição em 16/05/2024).

⁴ 1.559.834 visualizações (Última medição em 16/05/2024).

⁵ 765 mil visualizações (Última medição em 16/05/2024).

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial>. Acesso em: 16/05/2024.

⁷ 319.716 visualizações (Última medição em 16/05/2024).

⁸ 417.718 visualizações (Última medição em 16/05/2024).

⁹ 227.870 visualizações (Última medição em 16/05/2024).

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/@ArquidioceseMaringa>. Acesso em: 17/05/2024.

¹¹ 151.562 visualizações (Última medição em 17/05/2024).

¹² 520.198 visualizações (Última medição em 17/05/2024).

¹³ 3.615.664 visualizações (Última medição em 17/05/2024).

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/@igrejadosfilhos>. Acesso em: 17/05/2024.

¹⁵ 93.409 visualizações (Última medição em 17/05/2024).

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/@lagoadigital>. Acesso em: 17/05/2024.

¹⁷ 3.024.324 visualizações (Última medição em 17/05/2024).

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/@OficialPalavrasdeFe>. Acesso em: 16/05/2024.

¹⁹ 1.333.626 visualizações (Última medição em 17/05/2024).

um dos quatro enunciadores. E por fim, considerações finais de cada análise realizada.

Importa ressaltar a *web 2.0*, a qual possibilitou o surgimento da plataforma *YouTube* que hospeda as pregações analisadas. A *web 2.0* é a web de pessoas, da interatividade, das redes sociais. O'Reilly (2006), ao responder um comentarista de seus posts, define Web 2.0 como “a mudança para uma Internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma [...]” (O'Reilly, 2006, s.p.).

Primo (2007) assinala sobre a *Web 2.0* como a segunda geração de serviços on-line, com a característica de “potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” (Primo, 2007).

Considerando a interatividade das redes sociais, dentro dessa rede de interatividade, que exploramos o discurso midiático sob a perspectiva de divulgação e de fidelização do cristianismo, tornam-se necessários os estudos da retórica, devidamente semiotizados, como assinala Silva (2011; 2020) e Machado (2020), pois se trata de um discurso que tem seu fazer persuasivo (fazer-crer) para impor valores e negar outros. O ferramental teórico-metodológico da semiótica discursiva inaugurado por Greimas (1975, 1976, 1979, 2001, 2014), será utilizado em uma articulação entre a tensividade e a retórica, por meio de ferramentas propostas por Fontanille e Zilberberg (2001), Zilberberg (2004, 2006a, 2006b, 2007, 2011, 2012) e a nova retórica argumentativa de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) na qual há a demonstração de que a lógica verossímil é a argumentação, apresentada por uma sistematização das tipologias dos argumentos retóricos, os quase-lógicos, os baseados na estrutura do real, as ligações que fundamentam a estrutura do real e as dissociações das noções, aplicáveis nas análises de pregações cristãs midiático-digitais, as quais tomamos como corpos discursivos, baseando-nos em estudos de Discini (2015). Alguns conceitos advindos da Análise do Discurso Francesa, como discurso fundador (Orlandi, 2003),²⁰ formação discursiva (Orlandi, 2013) serão

²⁰ Segundo Orlandi (2013), a formação discursiva define-se “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio- histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2013, p. 43). Originalmente o conceito de formação discursiva, surgiu nos estudos de Michel Foucault para “designar conjuntos de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras historicamente determinadas” (Charaudeau; Maingueneau, 2020, p. 241). Pêcheux, na fase da Análise de Discurso (AD) correspondente ao período de 1970 a 1975, empresta o conceito de formação discursiva de Foucault, mas atualiza seu sentido ao utilizá-lo na AD francesa, cuja noção corresponde à formação social e formação ideológica, também conceitos da AD. Por formação social compreende-se lugar institucional ocupado por um sujeito, em um dado momento histórico, enquanto “a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou mais formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas” (Brandão, 2004, p. 47). Dessa forma, ao adotarmos, de modo semiotizado o conceito de formação discursiva (FD) para designar o modo de enunciação, entendemos ser pertencentes à formação ideológica cristã todo aquele que tem o cristianismo como prática de vida. E dentro dessa formação ideológica constam, dentre outras, a FD cristã católica de um lado, e de outro, a FD cristã protestante. A intensidade da adesão da fé cristã

utilizados, em alguns momentos, em nossa pesquisa, com a devida incorporação à teoria semiótica. Ademais, encontramos essas incorporações, por exemplo, em trabalhos como na tese de Silva (2011, 2020), basilar para nossa proposta de estilo de gêneros e estilo actorial midiático-digitais e na tese de Cardoso (2017), quanto ao discurso fundador, ambos abordam sobre o discurso religioso cristão na perspectiva da semiótica discursiva.

Além disso, tomamos de Charaudeau (2006), de modo semiotizado, a noção de mídia como um suporte organizacional que se apossa das noções informação e comunicação “para integrá-las nas lógicas – econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã) (Charaudeau, 2006, p. 15).

Desse modo, as mídias digitais são suportes organizacionais que abrigam as pregações cristãs, essas inseridas em um ponto de vista de cunho ideológico religioso, encontram-se disponíveis em um suporte digital de amplo acesso ao público. Assim, elas se inserem em uma estrutura social e econômica de uma sociedade organizada em uma macroestrutura midiático-digital, cujo acesso, via internet, é, em sua maioria, gratuito.

Dessa forma, correlacionamos o discurso religioso midiático-digital com as perspectivas da semiótica discursiva e sensível, procurando demonstrar em que medida os ambientes digitais formam uma prática semiótica específica.

É importante enfatizar que esta tese se inscreve na teoria semiótica discursiva, cujo objeto é o texto, e não o autor e leitor “de carne e osso”, pois tratamos de um *eu* e um *tu* actantes da enunciação, posicionados em uma cena enunciativa, os quais se materializam no nível discursivo e passam a atores da enunciação, como assinala Fiorin (2004, p. 18). O texto é nosso objeto assim como o é para a semiótica discursiva, considerando sua construção sempre em um contexto historicamente marcado pela cultura e manifestado nas práticas semióticas, conforme apregoa Fontanille (2008), pois:

As práticas recebem uma “forma” (constituintes) de sua confrontação com outras práticas e, por isso, de um lado, integram os elementos materiais dos níveis inferiores (signos, textos, objetos) para torná-los elementos distintos e pertinentes e lhes dar “sentido”, e de outro lado, recebem um “sentido” de sua própria participação nos níveis superiores (estratégias e formas de vida) (Fontanille, 2008, p. 23).

Corroborando Portela (2008) ao observar que:

[...] o último seminário de A. J. Greimas (Fontanille, 2003) teve como tema “A Estética da Ética” (1991-1992), [e] já sinalizava mudanças importantes na maneira

entre os partícipes da formação discursiva será determinada pelo fazer interpretativo do destinatário em relação ao fazer cognitivo e persuasivo do destinador, o qual se pauta no discurso fundador (Bíblia Sagrada), inspirado pelo Arquí-Destinador divino para proferir suas palavras ao destinatário.

como os semioticistas viam à época os níveis de pertinência semiótica e sua integração. Prova disso é a proposta greimasiana de valer-se das “formas de vida” cunhadas por L. Wittgenstein para designar uma instância enunciativa englobante que, condensando um “estilo de vida”, servia de moldura e matriz para a ocorrência dos enunciados. (Portela, 2008, p.98).

Lopes (1980) contribui ao dizer que a semiótica “não estuda nenhum tipo de “realidade natural”, mas sim a “realidade cultural” de uma comunidade” (Lopes, 1980, p. 16).

O objeto da semiótica, de acordo com o autor, é “estudar um “conhecimento” da realidade fenomênica, tal como ele se espelha nos diferentes sistemas linguísticos que *re-criam – no sentido literal, criam de novo* – essa realidade” (Lopes, 1980, p. 16 – grifo do autor).

Assim sendo, nossas proposições são acerca do discurso religioso e da religiosidade, cuja complexidade se dá, essencialmente, na análise semiótica do texto, o que nos exige desvencilharmos de quaisquer práticas ou profissão de fé de âmbito pessoal, para analisarmos o texto pelo que ele diz e pelo modo de dizer o que diz. Assim apregoa a metodologia semiótica na qual embasamos nossa pesquisa.

Dito isso, importa destacar alguns trabalhos acadêmicos desenvolvidos no campo da religião e religiosidade: Fiorin (1988), Jadon (2005), Discini (2012), Silva (2011; 2020); Demarchi (2015), Machado (2022), Dias e Silva (2022), Dias (2022), Dias (2024a), (2024b), bem como os periódicos da Revista trimestral, *Semiotique et Bible*, publicados sob a direção do centro para análise do discurso religioso de Lyon (CADIR).

Isso posto, a razão motivadora da proposição desta tese é a necessidade de contribuir com a continuidade de pesquisas que apresentam caminhos para a compreensão da dinâmica social da atualidade, a qual é permeada por uma semiose midiática que envolve a sociedade de forma a não permitir o distanciamento das mídias, seja para o trabalho com os grupos de *WhatsApp*, com constantes informações, seja no *YouTube*, no caso do corpus selecionado, com a interatividade direta e presença de seguidores, enunciatários presumidos como alvo de fidelização, e simpatizantes, enunciatários presumidos como foco de evangelização, cujo discurso acessado seria aquele que divulga.

Dito isso, na sociedade moderna a disseminação da informação e o compartilhamento de formas de vidas distintas, paradoxalmente, são unidas em torno da rede mundial de computadores, formando uma grande aldeia global, graças ao advento da internet.

Desde a disponibilização da internet nos anos noventa, ao deixar de ser um projeto governamental, a sociedade pôde, por meio do *International Connections Program* (Programa

de Conexões Internacionais) lançado pela NSF²¹, conectar máquinas possuidoras de um espaço de informação abstrato (*Web*) capazes de compartilhar e armazenar informações (Castells, 2003, p. 17).

Antes mesmo da *Web*, os discursos acerca da religião e da religiosidade, já se valiam da tecnologia para sua propagação, por meio da televisão e rádio, por exemplo (Martino, 2016), o que se evidencia com a chegada das mídias digitais, especialmente nos discursos cristãos católicos e protestantes (evangélicos), analisados nesta tese como pregações, sob o ponto de vista da semiótica discursiva e seus desdobramentos tensivos.

A definição do termo “pregação” no Dicionário Aurélio, versão on-line, aparece associada aos termos “sermão” e “discurso”. Sermão é “ação de pregar, de discursar sobre um tema religioso (Sermão, 2021). Quanto ao termo “discurso”, no Dicionário de Gêneros Textuais²², encontramos a seguinte definição: “mensagem oral, geralmente solene e prolongada (peça oratória), que um orador profere perante um público” (Costa, 2018).

O termo “pregação” sempre irá aparecer associado a qualquer gênero que intencione levar o Evangelho, porque para os cristãos, o verbo “pregar” é indissociável de Evangelho. Segundo Nascimento (2010), pregar é anunciar as Boas Novas de salvação, o Cristo crucificado; é anunciar que o Reino de Deus está próximo e que todos devem se arrepender (Nascimento, 2010).

A ação de pregar é primordial ao cristianismo, com estudos específicos na chamada homilética, a qual embasada na retórica grega e oratória romana, é tida como “a ciência que se ocupa com a pregação cristã e, de modo particular, com o sermão proferido no culto, no seio da comunidade reunida” (Silva, Pedro. 1999, p. 6). A homilética:

É uma ciência, quando considerada sob o ponto de vista de seus fundamentos. Pode também ser considerada uma arte, quando visualizada em seus aspectos estéticos. E não deixa de ser também concebida como uma técnica, quando aplicada no modo específico de sua execução ou ensino (Silva, Pedro. 1999, p. 5).

Desse modo, entendemos o sermão, a partir dos estudos da homilética (Silva, Pedro. 1999), como uma prática mais específica ao púlpito de uma igreja, restrito e privado, enquanto a pregação teria seu sentido mais amplo, sendo qualquer prática conversacional que inclua levar as “Boas Novas ao mundo”, sendo as Boas Novas o Evangelho de Jesus. Nesse sentido, adotamos nesta tese o termo pregação como prática de divulgação do cristianismo, pois no que concerne ao estilo do gênero, propomos delinear o estilo da pregação enquanto prática

²¹ NSF é a *National Science Foundation*, fundação não governamental de apoio à pesquisa nos Estados Unidos.

²² COSTA, Sérgio Roberto. Dicionário de gêneros textuais, 3ª edição revista e ampliada. Editora: Autêntica, versão Kindle, DISCURSO (v. homilia, oração, prática, prédica, sermão).

desfronteirizada.

Assim sendo, chamamos de pregação, um sermão, uma mensagem bíblica, uma conversa que tenha o cristianismo como tema pressuposto, um ensinamento bíblico, enfim, toda e qualquer forma de anunciar o Evangelho, mesmo quando nos reportarmos a um discurso proferido em outro ambiente diferente de um templo religioso, como estúdio de gravação ou ambiente familiar, por exemplo.

Com a chegada da *Web 2.0*, o acesso às redes sociais nas mídias digitais e às plataformas como *YouTube*, com vídeos compartilhados de modo interligado com os aplicativos como *WhatsApp*, *Telegram* e *Instagram* passa a se tornar comum. Destacamos esses aplicativos na medida em que eles apresentam recursos dos mais utilizados para conversas do cotidiano e compartilhamentos de conteúdo dos mais variados temas, inclusive os religiosos. Desses, o *YouTube* é selecionado nesta tese para a seleção do corpus de pesquisa.

Barros (2015), ao pesquisar sobre discursos na internet sob aspectos temporais, espaciais e actoriais, aponta a *Web* como detentora de uma complexidade discursiva que envolve a fala e a escrita em uma temporalidade intermediária entre ambas, pois, segundo a autora, os discursos se aproximam tanto da fala cotidiana, concomitante ao momento do enunciado (quanto da escrita, em que não há concomitância temporal (Barros, 2015, p. 17).

Quanto ao espaço, Barros (2015) aponta dois fatores, sendo eles a presença dos interlocutores e o contexto, como aqueles que podem ser dados por duas ordens sensoriais, visual e auditiva:

Duas questões se apresentam na internet, em relação ao espaço: a presença dos interlocutores e do contexto pode ser dada por duas ordens sensoriais, a visual e a auditiva, mas não pelas demais (tátil, gustativa e olfativa); a internet cria a presença dos interlocutores e do contexto que estão na mesma sala de bate-papo, que estão online, que entram e saem da sala, que mostram o espaço em que estão (Skype, etc.) (Barros, 2015, p. 17).

Em relação ao ator, Barros (2015) o examina quanto aos papéis narrativos, temáticos e figurativos assumidos no texto.

A internet, ambiente de complexidade discursiva, tornou-se um suporte comunicacional de uso mais intenso e contínuo a partir da pandemia da covid-19, pois, devido ao alto índice de contaminação viral, houve a necessidade de restrições sanitárias como o distanciamento social, que promoveu um maior tempo dos usuários em suas redes sociais, produzindo ou acessando conteúdos.

Ao proporem uma reflexão a partir de perturbações causadas pela pandemia de covid-19, Bertrand e Darrault-Harris (2021) procuram entender se ela produz “um mundo”

paradigmaticamente distinto. Para tanto, os autores estudam a flutuação do gênero (feminino e masculino da palavra covid), a disseminação do destinador e a proliferação de variantes de antissujeitos.

Esse “mundo”, paradigmaticamente distinto, indagado por Bertrand e Darrault-Harris (2021), de fato, existiu, mas de modo pontual e terminativo, haja vista o fim das medidas restritivas no Brasil e na grande maioria dos países, mesmo sem o fim das ocorrências de casos, que, por sinal, diminuíram consideravelmente, ao menos em relação à mortalidade, o que confirma um caráter de pessimismo coletivo, com razões claras para isso, que pairava antes das vacinações em massa.

E foi nesse cenário de discursos complexos da internet (Barros, 2015), que durante a seleção do corpus, foram incluídos discursos historicamente contextualizados pelo fatídico acontecimento da pandemia do covid-19²³, tendo a *Web* como espaço da pesquisa, mais especificamente a plataforma *YouTube*.

O *YouTube* é um *website*, um lugar localizado na *Web*, que atua desde 2005 com a “disponibilização de uma plataforma conveniente e funcional para o compartilhamento de vídeos on-line: os usuários (alguns deles parceiros de conteúdo ²⁴premium) fornecem o conteúdo que, por sua vez, atrai novos participantes e novas audiências” (Burgess; Green, 2009. p. 11).

Partimos da ideia de que os cenários da manutenção e divulgação da fé passaram a ser imbricados e diluídos em um mesmo discurso, pois, por exemplo, uma pregação com público de mesma fé, quando divulgado em uma publicação no *YouTube* alcança novas pessoas, muitas vezes de outras crenças.

Desse modo, os enunciadores fidelizam no privado e evangelizam no público, independentemente dos presentes no ambiente de gravação, quando publicado o conteúdo nas redes sociais, o domínio passa a ser público, aspecto inerente às redes sociais, todavia, de modo mais intenso no período pandêmico, proporcionando aos fiéis e simpatizantes a possibilidade de acompanhar, por exemplo, missas e cultos cristãos de suas residências.

Assim sendo, observamos uma mudança nos estilos dos enunciadores que têm se

²³ No Brasil, houve registro de contaminação pelo vírus covid-19 em 26 de fevereiro de 2020, [com] “o primeiro caso registrado em São Paulo em um homem de 61 anos que havia viajado para a Itália” (Martin et al, 2020, p. 18), mas somente em 11 de março de 2020, foi considerada pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O fim da emergência em saúde pública de importância nacional foi declarado pelo então ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, em 17 de abril de 2022.

²⁴ “O *YouTube* Premium é uma assinatura que melhora sua experiência no *YouTube*. [...] Com o *YouTube* Premium, você assiste milhões de vídeos sem a interrupção de anúncios [...]” (Fonte: <<http://support.google.com/youtube/answer>> Acesso em 16/05/2024).

modernizado a cada dia, adaptando-se aos suportes de divulgação, levando-nos também, em um desses momentos, a refletir sobre o perfil de enunciatários no meio religioso, pois a internet tem um caráter democrático, possuidor de possibilidades de escolha do enunciatário, o qual decide o que deseja acessar e no momento desejado e possível. Tal liberdade pressiona o enunciador a refletir sobre a produção de conteúdo, como o que dizer e como dizer.

Embora haja a liberdade de escolha do enunciatário, é importante ressaltar, mesmo que esta pesquisa não tenha a intenção de tratar dos algoritmos²⁵, que à medida de suas escolhas clicadas, digitadas ou até mesmo ditas no ambiente digital, os chamados algoritmos delineiam suas preferências, passando a sugerir mais conteúdos baseados em escolhas anteriores, mudando de conteúdo apenas se o enunciatário manifestar novas escolhas.

Podemos dizer que a modulação de ambos, enunciador e enunciatário, é recíproca. Nesse aspecto, contribuem Silva e Silva (2023, p. 115), os quais, baseados no dialogismo bakhtiniano, analisam discursos religiosos do bispo evangélico Edir Macedo e do bispo-auxiliar católico Dom Nivaldo dos Santos Ferreira divulgados nas mídias digitais, considerando que, por mais amplo que seja o alcance da internet, ambos levavam em conta sua plateia específica, pois, segundo Silva e Silva (2023, p. 115), o evangélico falava para evangélicos, o católico com o católicos, mas, a partir do momento em que se materializaram, ou seja, no momento em que houve a divulgação na internet, ficaram aptos a serem repercutidos por terceiros, e que estes passaram a poder concordar ou discordar; tornaram-se, assim, passíveis de uma avaliação por outros (Silva; Silva, 2023, p. 115).

Importa ainda ressaltar que há o reconhecimento da igreja católica quanto à relevância da internet como meio de divulgação da fé, como por exemplo, em mensagem aos fiéis católicos, no 47º dia mundial das comunicações sociais de 12 de maio de 2013, o papa Bento XVI, ao reconhecer as redes sociais digitais como a maneira como as pessoas se comunicam atualmente, compara o espaço na web a uma ágora, praça pública e aberta, e incentiva a pregação do Evangelho de Cristo, mas sugere a prática do amor na divulgação das Boas Novas, com a luz gentil da fé. De fato, a internet tornou-se uma praça pública para a discussão e divulgação de diversos assuntos,²⁶ principalmente no período da pandemia da covid-19, com aumento de 71%

²⁵ Algoritmo: Termo associado [...] “a um conjunto de regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas” (Manzano; Oliveira, 2019, p. 28).

²⁶ A pandemia de covid-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, intensificou o uso de tecnologias digitais no Brasil, passando de 71% dos domicílios com acesso à internet em 2019 para 83% no ano passado, o que corresponde a 61,8 milhões de domicílios com algum tipo de conexão à rede. Os dados são da Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros (TIC Domicílios) 2020, divulgados em livro [em 25/11/2021] pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), órgão do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). O coordenador do CGI.br, Márcio Migon, explica que a internet e

para 83 %, conforme divulgado pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) em 25 de novembro de 2021, um acontecimento abrupto e impetuoso, gerador de consequentes medidas de restrição sanitária e impulsionador de produção de conteúdo, dentre os quais, publicações de práticas religiosas diversas.

Em publicação pela CNBB em 23 de novembro de 2023, o arcebispo de Natal (RN) Dom João Santos Cardoso declara:

[...] a Revolução Digital e o advento da internet são forças poderosas que impactam e moldam a nossa sociedade. Se por um lado, proporcionam oportunidades sem precedentes, por outro, apresentam desafios complexos. A compreensão e gestão desses aspectos são cruciais para garantir que a transformação digital seja inclusiva, ética e benéfica para toda a humanidade (CNBB, 2023).

As igrejas evangélicas não possuem comunicação homogênea, os enunciadores selecionados não divulgam as denominações as quais fazem parte e as comunicações das denominações religiosas ocorrem de maneira privada e particular. Todavia, selecionamos algumas publicações para termos uma noção do que algumas denominações dizem a respeito das redes sociais como ferramenta de interação.

O site ²⁷Gospel Prime, com redação de Augusto Marques, em 13 de junho de 2021, reconhece as redes sociais como uma ferramenta importante para divulgação de mensagens e exemplifica o uso das “lives” como modo de propagar a mensagem pretendida, o que exige conhecimento técnico.

Entendendo as especificidades de cada plataforma para conseguir gerar engajamento e ter o devido alcance na sua mensagem, as “lives” vieram para ficar e absolutamente todo mundo está pondo a cara na internet para se comunicar e contar a sua história, todas as plataformas se adequaram rapidamente para fornecer a opção live (Marques, 2021).

Encontramos o site ²⁸cristão na mídia, cuja idealizadora é Vanda de Souza Machado, a qual atua na área de comunicação social. Convertida ao cristianismo após sua formação, produz um *e-book* gratuito e cria um site com a finalidade de orientar os cristãos a utilizarem as mídias sociais. Em um trecho de seu livro, declara:

Acredito verdadeiramente que se o povo de Deus aprender a usar as mídias sociais com o propósito de evangelização, rapidamente a mensagem de Cristo chegará aos lugares mais longínquos da terra. As mídias sociais ampliaram também as maneiras de evangelizar. Podemos usar a criatividade e espalhar a mensagem da cruz por toda

os dispositivos móveis passaram a desempenhar papel central durante a pandemia, possibilitando a continuidade de atividades empresariais com o home office, do comércio com as vendas online, prestação de serviços públicos, atividades educacionais com o ensino remoto e de saúde com as teleconsultas. Porém, ele destaca que as desigualdades sociais foram agravadas pelas diferenças no acesso à tecnologia. Fonte: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>> Acesso em 18/05/2022.

²⁷ <https://www.gospelprime.com.br/a-atuacao-da-igreja-nas-redes-sociais/> Acesso em 19/05/2024.

²⁸ <https://www.cristaonamidia.com> Acesso em 19/05/2024.

parte, expor a bondade de Deus e os princípios cristãos de diversas formas (Souza-Machado, 2024, p. 2).

Dito isso, propomos considerar a configuração da desfronteirização ao reconhecer uma fronteira que se rompe, para mais ou para menos, conforme a extensidade da difusão (propagação) do discurso religioso cristão, por meio da divulgação em uma mestiçagem (mistura) entre o discurso de divulgação com o discurso de fidelização. A ideia da desfronteirização, pensada a partir dos estudos da semiótica tensiva de Zilberberg (2011), é de que os discursos religiosos cristãos, quando intensos e restritos, são da ordem da triagem (seriam as pregações tradicionais em ambiente físico e privado). Todavia, quando são preparados para divulgação nas mídias digitais, por estratégias discursivas, ficam na ordem da mistura, com uso, por exemplo, de humor, de gírias, a fim de tornarem-se mais atrativos ao público presumido, o qual tem perfil imprevisível (misto), característica inerente às redes sociais.

Desfronteirização é o termo que cunhamos e vinculamos aos estudos de Zilberberg no que diz respeito aos conceitos de triagem e mistura, para construirmos nosso raciocínio quando nos referirmos à quebra de uma fronteira imaginária entre os discursos religiosos cristãos e os discursos seculares. O conceito de mestiçagem (Zilberberg, 2004), bem como as suas possíveis implicações na análise, será adequadamente definido no terceiro capítulo desta tese.

Assim sendo, a partir do discurso religioso como prática social, faz-se a pesquisa relevante. Justifica-se pela contribuição aos trabalhos acadêmicos existentes ainda não se cessaram devido à complexidade e dinamismo midiático presente no mundo globalizado da atualidade, que se mostra a cada dia mais conectado com divulgações de fatos, tornando assim uma pesquisa importante que deseja desvendar o processo de significação do discurso religioso no meio midiático, sendo ele um dos discursos norteadores de nossa cultura, e que tem o poder de moldar o pensar dos cristãos, portanto se mostra formador de opinião do público cristão e por meio de compartilhamentos atinge enunciatórios que sequer frequentam uma missa ou culto devido ao fácil acesso ao discurso religioso na *internet*.

III. Da organização da tese

Capítulo 1: *A Semiótica nos estudos da religião e da religiosidade na espacialidade midiático-Digital*. Procura delinear a pesquisa a partir da seção *Semiótica discursiva e os textos bíblicos*, trata da introdução dos textos bíblicos como objeto de análise na semiótica discursiva e apresenta alguns trabalhos desenvolvidos no Brasil; no subitem *Uma reflexão acerca da importância dos estudos da religião*, parte do reconhecimento da importância dos saberes do

campo da religião, traça um caminho de compreensão da origem do cristianismo e a organização de seus escritos sagrados, a Bíblia; apresenta algumas definições de estudiosos do campo da linguagem e da religião para delinear e situar o objeto de pesquisa. O subitem *Noção de religião e religiosidade* procura compreender essas noções basilares para a pesquisa, para enfim tratar do *sincretismo religioso*, item necessário haja vista a composição da religião cristã ao longo de sua história, o que inclui sua configuração no Brasil, a qual é marcadamente diversa e ao mesmo tempo única no que diz respeito a pessoa de Jesus Cristo. O item *A instituição casamento* é pertinente uma vez que as temáticas dos vídeos selecionados versam sobre relacionamentos, tendo como tema predominante o sucesso ou fracasso do casamento.

Capítulo II: *O Surgimento da Internet e o YouTube como suporte de pregações*. Este capítulo apresenta o item que intitula o capítulo, *O surgimento da internet*, o qual trata dos fatos históricos dos computadores e da *World Wide Web*. Por meio de pesquisa histórico-descritiva busca compreender, delinear e situar a espacialidade em que se encontra o *corpus* de pesquisa. Intrínseco a esse processo de evolução dos meios midiático-digitais, oriundos da internet, busca compreender o surgimento, a definição e a configuração da práxis da plataforma *YouTube* como espacialidade das pregações cristãs midiático-digitais. Os itens *Religião e midiatização da sociedade*, busca, a partir das ideias de Martino (2016) delinear a relação da religião na mídia, especialmente as digitais. O subitem *Religião e religiosidade nas mídias digitais* apresenta algumas vozes representativas católicas e protestantes a fim de compreender como essas instituições religiosas vinculadas ao cristianismo manifestado em produções de conteúdos da fé católica e da fé protestante se posicionam publicamente a respeito.

O capítulo III *A Semiótica Discursiva, o Corpo sensível e a Retórica*. Neste capítulo estão os conceitos teóricos que irão embasar as análises, bem como a problematização teórica da tese. Há a apresentação dos níveis do percurso gerativo do sentido e seus desdobramentos tensivos, os níveis enunciativos a partir dos estudos de Fiorin (2001 [1996]), Greimas e Courtés (2020) e os níveis de manifestação da enunciação e seus desdobramentos tensivos; as densidades da presença considerando-o como o processo de formação de um corpo que emana das profundidades figurais em uma metalinguagem com a noção de enunciação e dentro desse ensejo, descreve a práxis enunciativa do corpo discursivo nos vídeos do YouTube em uma situação hipotética de acesso. Este capítulo também reflete sobre a retórica na semiótica tensiva, articulada à retórica argumentativa de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), expõe as partes do discurso aristotélico e pensa o estilo retórico do corpo discursivo a partir das

contribuições de Discini (2015) e exemplifica algumas técnicas. Trata do humor de modo contextualizado ao meio cristão e em sua recorrência nas pregações analisadas. Pensa a conceituação dos textos sincréticos nas pregações midiático-digitais e propõe pensar os estudos do semissimbolismo a partir da proposta tensiva.

O capítulo IV: *Discursivização do corpo cristão midiático-digital da cena enunciativa 1*, reservado às análises da cena enunciativa 1, está organizado em cena enunciativa A e cena enunciativa B, a fim de diferenciar os enunciadores, que embora sejam de uma mesma cena enunciativa, tem estilos actoriais distintos. A sequência das análises são: o *ethos* do enunciador da cena enunciativa, o *ethos* do ator da enunciação das respectivas cenas com considerações finais para cada análise.

O capítulo V, *Discursivização do corpo cristão midiático-digital da cena enunciativa 2*, reservado às análises da cena enunciativa II, cuja diferenciação também está organizada em cena enunciativa II - A e cena enunciativa II - B. A sequência de análise é *ethos* do enunciador da cena enunciativa; *ethos* do ator da enunciação das respectivas cenas com considerações finais; bem como os resultados da pesquisa. No item *Tipologia midiático-digital: Da origem à proposta* apresenta as tipologias das quais, por meio da mestiçagem, surgem as tipologias das cenas enunciativas I e II e apresenta recorrência de traços do *ethos* discursivo. Nas considerações finais reflete sobre os resultados a considerar o enunciatário presumido nas cenas enunciativas I e II, o perfil aspectual do enunciatário presumido das pregações midiático-digitais; O perfil aspectual do ator da enunciação das duas cenas enunciativas; referências e anexos.

CAPÍTULO I

A SEMIÓTICA NOS ESTUDOS DA RELIGIÃO E DA RELIGIOSIDADE NA ESPACIALIDADE MIDIÁTICO-DIGITAL

Este capítulo inicia com a introdução dos estudos dos textos bíblicos na teoria greimasiana, em seguida procura delinear os estudos basilares, sobretudo, os mais recentes desenvolvidos no Brasil. Apresenta a práxis do objeto de análise; trata da noção de religião e religiosidade e uma reflexão acerca da importância dos estudos da religião e do sincretismo religioso a partir das ideias de Boff (1994) com alguns apontamentos acerca das manifestações de práticas de fé.

Assim, iniciemos a seção deste primeiro capítulo da tese de modo a situar a semiótica nos estudos dos textos bíblicos e apresentar um breve panorama dos estudos no campo da religião e da religiosidade no âmbito da semiótica desenvolvidos no Brasil.

1. SEMIÓTICA DISCURSIVA E OS TEXTOS BÍBLICOS

Na semiótica discursiva, o interesse pela exegese, interpretação de textos bíblicos, ocorre de maneira distinta da análise crítica dos textos, praticadas pelos estudiosos da hermenêutica religiosa, pois inclui um panorama epistemológico que se distingue da exegese tradicional (Panier, 1989, p. 19). Tradicionalmente os textos bíblicos são estudados pelos estudiosos da hermenêutica bíblica, enquanto a semiótica propõe análises cuja abordagem é uma leitura imanente e sincrônica.

A hermenêutica, prática judaica e cristã, “está associada a antigas formas de superar, atualizar, controlar a interpretação dos textos “canônicos” [...] sagrados e portadores de mensagem religiosa normativa” (Santos, 2008, p. 30).

Da Reforma [protestante], no século XVI, a concepção de hermenêutica passa a ser uma ciência autônoma que se ocupa desde os problemas como a arte da compreensão, o valor e a interpretação da tradição humanista, o conhecimento como Hermenêutica do ser, a historicidade da verdade, o papel do sujeito na interpretação, até as várias funções da linguagem e das relações entre as filosofias e ideologias. (Idem, 2008, p. 30).

O advento da prensa de Gutenberg [Gensfleisch], desenvolvida entre 1439 a 1440, proporcionou a difusão da Bíblia Sagrada na Era Moderna, impulsionada pelos pensamentos de Martinho Lutero (1483-1546), com a ideia *sola Scriptura e Scriptura sui ipsius interpres, que quer dizer que o texto bíblico é autointerpretativo, não requer um intérprete* (Santos, 2008), o que influencia na mudança de um pensamento teocêntrico (Deus no centro do universo), representado pela Igreja Católica Apostólica Romana, para um pensamento antropocêntrico (o

homem no centro do universo), período conhecido como Renascimento, no qual houve uma redução na influência do pensamento religioso cristão e um aumento das referências da Antiguidade Clássica.

Outro importante nome nos estudos da hermenêutica foi Hans-Georg Gadamer (1900-2002), de antecedentes familiares protestantes, marca a hermenêutica com a publicação do artigo científico “Verdade e Método”, publicado em revista fundada por ele, em 1953, juntamente com Hermut Kuhn e intitulada *Philosophische Rundschau*.

Influenciado por seu amigo Heidegger de compreender a hermenêutica além dos textos bíblicos, Gadamer (1960), desenvolve suas ideias filosóficas sobre a linguagem dentro dos estudos da hermenêutica, e valoriza a importância do intérprete dos textos bíblicos, o qual deve entrar em contato com a realidade do texto, conforme conferimos na seguinte citação: “O intérprete deve entrar em diálogo com a realidade à qual se refere o texto. A compreensão se opera na *fusão dos horizontes* diferentes do texto e de seu leitor (« Horizontverschmelzung »)” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993).

Gadamer (1997 [1960], p. 643), considera a linguagem uma construção dialética entre o ser e a dimensão linguística, sendo essa dimensão linguística uma importante instância de compreensão, visto que a linguagem não se trata de apenas uma das habilidades humanas, mas elemento pelo qual o ser humano acontece e se estrutura, o que o faz consciente no mundo (Nunes, 2018, p. 166).

Na Pontifícia Comissão Bíblica (PCB) (1993), há a relação dos métodos e abordagens para a interpretação dos textos bíblicos reconhecidos pela Igreja Católica Apostólica Romana, a fim de “precisar a orientação que melhor corresponde à missão do exegeta na Igreja católica” (Idem, 1993). Os métodos listados são: A) Método histórico-crítico, B) Novos métodos de análise literária (1. Análise retórica, 2. Análise narrativa e 3. Análise semiótica), C) Abordagens baseadas na Tradição (1. Abordagem canônica, 2. Abordagem com recurso às tradições judaicas de interpretação, 3. Abordagem através da história dos efeitos do texto), D) Abordagens através das ciências humanas (1. Abordagem sociológica, 2. Abordagem através da antropologia cultural, 3. Abordagens psicológicas e psicanalíticas), E) Abordagens contextuais (1. Abordagem da libertação, 2. Abordagem feminista), F. Leitura fundamentalista. Dos métodos elencados pela Pontifícia Comissão Bíblica (1993), esta tese seleciona a análise semiótica.

Na semiótica discursiva, as análises do discurso religioso têm seu início, segundo Panier (2008), no final de 1960 na França, quando da semiotização dos textos bíblicos. Consta no documento pontífice que:

A semiótica repousa sobre três princípios ou pressupostos principais: Princípio de imanência: cada texto forma um conjunto de significados: a análise considera todo o texto, mas somente o texto; ela não apela a dados « externos », tais como o autor, os destinatários, os acontecimentos narrados, a história da redação. Princípio de estrutura do sentido: só há sentido através da relação e no interior dela, especialmente a relação de diferença; a análise de um texto consiste assim em estabelecer a rede de relações (de oposição, de homologação...) entre os elementos, a partir da qual o sentido do texto se constrói. Princípio da gramática do texto: cada texto respeita uma gramática, isto é, um certo número de regras ou estruturas; em um conjunto de frases, chamado discurso, há diferentes níveis, tendo cada um a sua gramática. O conteúdo global de um texto pode ser analisado em três níveis diferentes [...] (PCB, 1993)

A análise semiótica, teoria Greimasiana, como pudemos perceber acima, é reconhecida em documento oficial católico, Pontifícia Comissão Bíblica (1993), a qual abordaremos mais especificamente no capítulo 3.

O marco inaugural dos estudos bíblicos com a semiótica discursiva, foi uma sessão de três dias no *Grand Séminaire* de Versailles, em setembro de 1968, conforme assinala Theriault (2006). Em tal sessão, estavam presentes M. de Certeau, J.P. Chabrol, J. Courtés, L. Marin, F. Rastier e mais trinta especialistas em Bíblia, reunidos com Greimas. No mesmo ano, em 1968, é publicada a obra *Du sens* (Silva, 2011; Cardoso, 2017).

E, em 1969, debates acerca dos estudos bíblicos na semiótica discursiva são destaque em um congresso promovido pela Associação Bíblica Francesa (A.C.F.E.B), do qual originou-se uma publicação intitulada *Exégèse et herméneutique* em 1971 (Silva, 2011; Cardoso, 2017).

Conforme Panier (2008), na École des Hautes Études, no ano de 1973, realizou-se um seminário liderado por Greimas, juntamente com F. Bastide, C. Combet-Galland, C. Turiot, no qual acontece um *workshop* bíblico.

Em 1975, na *Université Catholique de Lyon*, por iniciativa de J. Delorme e de J. Calloud, surge o grupo ²⁹CADIR, Centro de Análise do Discurso Religioso. O grupo encontra-se ativo até os dias atuais e seus estudos são publicados na revista ³⁰*Sémiotique et Bible*.

Desde a inauguração dos estudos da semiótica discursiva no Brasil com o texto *A Semântica Estrutural de Greimas*, na obra *Fundamentos da linguística contemporânea* de Edward Lopes (1980), os estudos do campo religioso vêm se desenvolvendo no país. A título de exemplo, elencamos alguns importantes trabalhos.

²⁹ Fonte: <https://www.cadir-recherche.bible-lecture.org/quisommes-nous/> - Acesso em 12/05/2023.

O CADIR organiza, mediante solicitação, sessões introdutórias em semiótica durante os fins de semana ou férias escolares. Estas sessões começam com um tempo de leitura aberto a todas as partes interessadas. Em seguida, oferecem um tempo de treinamento teórico seguido de uma conscientização sobre a facilitação de grupos de leitura semiótica da Bíblia. Uma fórmula flexível para preparar os facilitadores do futuro, uma excelente porta de entrada para a formação oferecida no CADIR em Lyon (Site CADIR, 2022 – tradução nossa).

³⁰ *Sémiotique et Bible* (<https://www.ucl.fr/la-recherche/editions/semiotique-et-bible/>) Acesso em 12/05/2023.

A tese de Fiorin (1983) intitulada *A religião da imanência: Uma leitura de discursos presidenciais (1964- 1978)*, que dedicou o último capítulo a uma análise comparativa entre o discurso religioso e político.

O semioticista Pietroforte (1997), contribui com a dissertação *O discurso da tradição esotérico-religiosa*, defendida em 1997, a qual tem como uma de suas proposições a organização do discurso religioso em quatro diferentes isotopias: teológica, litúrgica, devocional e entrópica.

Aquino (2001), contribuiu com *Personnas: gradações e sujeitos do discurso político-religioso no Estado Autoritário Pós-64. Uma abordagem lexical e sociosemiótica*”, cuja proposição se dedica a análise da actorialização dos actantes do discurso proposto no título do trabalho.

Em uma proposta brevemente baseada na semiótica discursiva e sociosemiótica, Alma (2005), defendeu dissertação intitulada “*A imigração Árabe-Muçulmana na cidade de São Paulo: a influência religiosa nos contatos interétnicos e etnolinguísticos dos imigrantes*”, em que descreve, por meio de modalizações, o universo do discurso da legalidade na religião muçulmana.

Silva (2007), contemporaneamente, dedica-se principalmente a trabalhos que envolvem semiótica discursiva, religião e religiosidade. A autora descreveu em sua dissertação os discursos de divulgação religiosa, que partem de um fazer-crer peculiar à Palavra Revelada, com produção de diferentes *ethé* devido a diferentes modos de presença no mundo.

Mendes (2009), com o livro oriundo da tese denominado *No princípio era o poder*, tem como foco das análises textos bíblicos do Antigo Testamento.

Jadon (2009), em tese de doutorado, *Sucesso e salvação - Estudo semiótico comparativo entre os discursos televisivos das Igrejas Universal do Reino de Deus e Católica Apostólica Romana no Brasil*, também dedica sua pesquisa ao discurso religioso midiático.

A publicação do livro *Bíblia, literatura e linguagem*, de Júlio Paulo Zabatiero e João Leonel (2011), tem a segunda parte da obra reservada ao diálogo entre semiótica e exegese bíblica, na qual apresenta análises de passagens bíblicas na perspectiva da semiótica greimasiana.

Demarchi (2015), tem destaque com a tese *Da paixão à ressurreição: uma análise semiótica*. O autor propôs analisar os textos dos Evangelhos canônicos acerca da paixão, morte e ressurreição de Jesus, na perspectiva da semiótica discursiva.

Santos (2017), contribui com as pesquisas do campo religioso midiático, também na perspectiva da semiótica discursiva, ao propor análises da *Eleição papal nas coberturas midiáticas de jornais paulistas: de Leão XIII (1878) a Francisco (2013)*.

Silva (2011), na tese *Discurso de divulgação religiosa: semiótica e retórica*, com publicação também no formato livro on-line (2020), a partir da qual refletimos e apresentamos nossa proposta tipológica no item *Tipologia midiático-digital: Da origem à proposta*.

Ao prosseguir suas pesquisas, Silva publica artigo, em 2013, intitulado *O discurso fundador na esfera religiosa* (Silva, 2013, p. 57-81), em que discute o processo de significação do discurso bíblico; e na coletânea *Em torno do acontecimento* (2016), publicou o capítulo “*A primazia do acontecimento: tensão entre acontecimento e estado no domínio religioso*” (Silva, 2016), em que caracteriza o discurso fundador pela prevalência das operações tensivas de triagens, pela presença dos valores de absoluto, cujas práticas sociais se justificam nos valores presentes no discurso fundador. Silva (2018), publica ainda o artigo *A semiótica greimasiana no quadro epistemológico das teorias da linguagem e dos estudos da religião*, contribuindo com os estudos semióticos no Brasil, pois o artigo realiza um breve histórico dos enunciados de interpretação religiosa, efetivados pela semiótica, traçando considerações acerca de como se processa o projeto da semiótica no que concerne ao tratamento de enunciados das linguagens da religião.

Soares (2019), desenvolve sua pesquisa de mestrado sobre o discurso de homilias e tem artigo publicado intitulado “Sobre fé e sentido, enunciação e *ethos* no discurso de homilias”; em dissertação de mestrado. Soares (2020), analisa a enunciação e *ethos* no discurso de 24 homilias de freis franciscanos, proferidas por cinco sacerdotes distintos no período de Páscoa.

Silva (2019), abre caminhos para análises do discurso religioso midiático-digital quando publica o artigo intitulado *Novas tecnologias na midiatização das práticas religiosas*, com publicação nos Anais, SIEL e Semanas de Letras (Silva, 2019, pp. 139-147), cuja proposta foi de “analisar as práticas de divulgação dentro do ambiente de midiatização, sobretudo no que se refere ao uso de aplicativos religiosos disponíveis em *tablets* e *smartphones ios* e *android* concernentes às práticas de fé de distintas denominações religiosas” (2019, p. 140).

Cardoso, tem sua tese de doutorado publicada em 2017, com o título *Corpo e presença na Bíblia Sagrada*. Além de dois artigos intitulados *Verificação nos milagres bíblicos* (2020). *Estudos Semióticos* e *A emergência do sentido nas narrativas bíblicas: uma proposta de pesquisa semiótica na Bíblia* (2020).

Machado (2022), publicou a tese “*Ethos e identidade no discurso religioso fundador: Uma abordagem semiótica do corpus paulinum*, a qual objetivou investigar como o *ethos* do ator da

enunciação do discurso bíblico fundador é construído no texto epistolar do *corpus paulinum*. Especificamente, o autor pretendeu analisar as estratégias discursivas utilizadas pelo enunciador na construção dos sentidos do discurso epistolar paulino tendo em vista o *fazer-crer*; verificar a recorrência dos modos de dizer do enunciador que remetem a um modo específico de ser no mundo, uma imagem-fim, um efeito de identidade do ator da enunciação; estabelecer as relações entre a construção do *ethos* e a presença de uma ou várias identidades *éticas* enunciantes no epistolário paulino; e contribuir de modo transversal para as discussões em torno da autoria desse acervo paulino.

E, ainda, Azevedo e Silva (2023) com o artigo “Pandemia e prática religiosa no discurso *on-line*: A situação do enunciado”, nos Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 16, nº 1, a partir da noção da pandemia como um acontecimento discursivo disfórico, analisam com base nos preceitos da Semiótica Discursiva, a Prática de Fidelização Religiosa da Novena do Perpétuo Socorro, de Campo Grande – MS, como um fenômeno discursivo resiliente à pandemia.

Dias e Silva (2022), contribuem com o artigo “Análise Isotópica de pregação cristã midiático-digital”: “A postura de Daniel”, no qual se fundamentam nos estudos da semiótica discursiva e propõem, a partir do livro Semântica Estrutural de Greimas (1975), aos conceitos de Bertrand em Caminhos da Semiótica Literária (2003), uma análise das considerações acerca da isotopia do discurso.

Dias (2022), contribui com o artigo “O perfil de um ator da enunciação religiosa nas mídias digitais”, tendo como ferramental teórico a semiótica discursiva, objetivou estabelecer uma proposição analítica referente às práticas religiosas de divulgação religiosa midiática, tendo como base a análise de um recorte da mensagem videográfica, retirada do Canal intitulado Pastor Antônio Júnior, da plataforma *YouTube*. A pesquisadora realiza a análise do perfil do ator da enunciação do corpus selecionado como corpo, estilo e aspecto no discurso religioso midiático-digital.

Dias (2024a), em capítulo de livro intitulado “O Discurso Religioso em “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto na Perspectiva da Semiótica Discursiva”, analisa o discurso cristão especificado no título do texto, sob um ponto de vista tensivo da semiótica discursiva.

Dias (2024b), contribui ainda com o capítulo de livro intitulado “O Rito do Casamento Cristão Coletivo Sob um Ponto de Vista Tensivo”, a partir do interesse em compreender como esse corpo discursivo (casamento cristão) é construído, analisa, a partir das cifras tensivas (Zilberberg, 2011), um conjunto de discursos em uma proposta de inter-relação figurativa entre as imagens selecionadas, as quais representam a materialização do rito matrimonial católico

realizado duas vezes ao ano no Santuário da Paróquia do Perpétuo Socorro em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, desde a entrada das noivas à pregação do padre.

Outrossim, exemplificam-se alguns trabalhos de outras áreas de estudos, cujos temas envolvem religião/religiosidade e midiatização. Assim, citamos Cunha (2018), no artigo intitulado “Os processos de midiatização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico”, em estudo desenvolvido em perspectiva interdisciplinar com base em abordagens teóricas da comunicação (estudos sobre midiatização social) e das ciências da religião (evangélicos na política no Brasil). O artigo tem como objetivo demonstrar como a midiatização das religiões, especificamente o processo que envolve a fé evangélica no Brasil, é potencializadora desse fenômeno, provocando o surgimento do ativismo político digital evangélico. Camargo (2020) em dissertação de mestrado, pautada em estudos da sociologia e comunicação, intitulada “Mudança de autoridade religiosa: Estudo da midiatização no catolicismo mediante a análise textual discursiva da missa do padre Marcelo Rossi transmitida no *YouTube*”; e ainda dois artigos pautados em área da Comunicação e Cultura Contemporânea: Martins e Rivero (2019) com artigo Da TV à internet, dos televangelistas aos youtubers: apontamentos sobre canais evangélicos no *YouTube* e outro também de Martins e Rivero (2019), intitulado *O YouTube é meu pastor e ele postará*: “Evangelificação nos canais brasileiros Fafismelo e Fabibertotti”, cuja proposição é investigar como as dez produções mais visualizadas dos canais trabalham a evangelização.

Tendo situado a semiótica nos estudos dos textos bíblicos e apresentado um breve panorama dos estudos bíblicos no âmbito da semiótica desenvolvidos no Brasil, trataremos no próximo item, a partir de uma reflexão, da importância dos estudos da religião.

1.1 A PRÁXIS DO OBJETO DE ANÁLISE

Como exposto na introdução, o objeto de análise desta tese é a pregação cristã midiático-digital, definida como “³¹ ação de pregar; discursar sobre um tema religioso [...] (Pregação, 2021). Para Koller (1999), pregação é “aquele processo único pelo qual Deus, mediante Seu mensageiro escolhido, se introduz na família humana e coloca pessoas perante Si, face a face) (Koller, 1999, p. 9). Em termos semionarrativos, a mensagem de um Arqui-Destinator divino é proferida por um destinator mensageiro a um destinatário, mediante contrato de fideducía, a fé.

³¹ Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/pregacoes/#:~:text=Significado%20de%20pregação,discurso%20de%20conteúdo%20religioso%3B%20prédica>. Acesso em 20/05/2021.

Nos estudos da homilética, “pregação” e “pregar” tem origem no latim “*praedicare*”, cujo significado é proclamar (Reifler, 2007, p.13). A homilética “é a ciência que se ocupa com a pregação cristã e, de modo particular, com o sermão proferido no culto, no seio da comunidade reunida. [...] Sua tarefa não se limita apenas aos princípios teóricos, mas concentra-se grandemente no treinamento prático (Silva, Pedro. 1999, p. 13).

O termo “pregação” vem do grego “*kerysso*”, que significa proclamar, anunciar, tornar conhecido, anunciar em alta voz alguma notícia, para assim torná-la conhecida (Reifler, 2007, p.13).

Reifler (2007) argumenta fazendo uma analogia entre a função de um arauto de rei com o ato de pregar. Arauto era um “oficial das monarquias medievais encarregado de missões secretas, de proclamações solenes, do anúncio de guerra ou paz e de informar os principais sucessos nas batalhas” ³²(Arauto, 2024). Na pregação do Evangelho, conforme apregoa Reifler (2007), o pregador enquanto arauto do Rei Jesus, teria quatro características, as quais consistem em falar e agir em nome de Deus, assim como João Batista, proclamar a pessoa de Jesus Cristo às nações e tornar conhecidas a vontade e a Palavra do Senhor, tendo como teor principal da mensagem do arauto bíblico, o anúncio de que existe um reino de Deus (Id., 2007, p. 17). O autor (2007), ainda associa mais três termos gregos à pregação, “*euangelizomal*” com a noção de evangelizar sem se limitar a uma classe especial; “*martyrein*” com a noção de ³³testemunhar, testificar, ser testemunha e “*didaskain*” com a noção de ensinar, tendo Jesus Cristo como modelo de educador (Reifler, 2007, p.13).

No Novo Testamento “a pregação era essencialmente a simples proclamação dos fatos do Evangelho” (Koller, 1999, p. 12), tendo início com o próprio Jesus Cristo, com ³⁴pregações itinerantes destinadas aos judeus, realizadas nas ruas, nas casas, nas sinagogas ou nos montes por onde Ele passava, utilizando alegorias e metáforas em textos chamados parábolas ³⁵(Cf. NT). Após a crucificação de Cristo, os apóstolos permaneceram em Jerusalém (Cf. Lc 24:49), tendo retomado suas pregações somente após o dia de Pentecostes (At 2:5-13). Pope (2021) analisa que: “Antes de Pentecostes, os Apóstolos se reuniam amedrontados e a portas fechadas.

³² Disponível em https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#2 - Acesso em 25/05/2024.

³³ O sentido de testemunhar neste caso é de viver com conduta ilibada, ética e moral conforme apregoadada por Cristo e que a prática de vida seja percebida por quem está à volta.

³⁴ No site respostas bíblicas consta a seguinte consideração: Jesus pregava o arrependimento. Ele veio falar aos homens acerca do reino de Deus, o reino dos céus. Logo após a sua tentação, Jesus começa seu ministério já dizendo o seu propósito (Mt 4:17). [...] No Novo Testamento, [...] Sua pregação não consistia em linguagem elaborada, mas sim na salvação dos homens. Em muitas das suas pregações citava o Antigo Testamento para confirmar o seu ministério, pois nele tudo indicava a vinda do Messias. (Disponível em <https://www.respostas.com.br/o-que-jesus-pregava> - Acesso em 23/05/2024)

³⁵ Novo Testamento da Bíblia Sagrada.

Depois do derramamento do Espírito Santo, porém, suas mentes foram despertadas, seus corações, confirmados [...]” (Mons. Charles Pope, 2021)³⁶. Os fatos do Evangelho, conteúdo das pregações, consistiam na vida de Cristo sem pecado, Sua identidade messiânica, Sua morte expiatória, Sua ressurreição e Sua soberania Eterna, incluindo também o Sermão de Pedro [em At 2 após manifestação de Pentecostes] (Koller, 1999, p. 12).

Há uma distinção entre a pregação protestante e a católica, herdada da Reforma. Na pregação protestante a Bíblia está no centro da pregação (Reifler, 2007, p. 7), por outro lado, a pregação católica teria o pregador, estando a interpretação a cargo da Igreja Católica.

Durante as análises dos excertos nos vídeos com pregações, será observado se de fato há o uso frequente da Bíblia Sagrada pelos enunciadores protestantes. Isso, ao certo, serão marcas discursivas importantes evidenciadas como conflito ideológico oriundo da Reforma protestante, pois na ocasião Martinho Lutero apregoou a Bíblia Sagrada como fonte exclusiva da Palavra Revelada, sem interferência de um intérprete. A PCB (1993), apresenta essa questão da Igreja Católica valorizar a interpretação do sacerdote (padre) detentor do conhecimento prévio da Palavra, visto ser um representante (Destinador, orientado por um Arqui-Destinador divino) de Deus na Terra, portanto uma figura de autoridade (Cf. Pontifícia Comissão Bíblica, 1993).

A pregação, como vimos acima, é a proclamação do Evangelho de Cristo, o que a torna mais abrangente do que um sermão, por exemplo. O sermão, do latim “*sermo*” quer dizer discurso, o qual organiza-se formalmente com um início, meio e fim, a partir de estudos realizados pela hermenêutica, a qual se alimenta de estudos da arte retórica para se organizar e obter êxito. Desse modo, a pregação é manifestada em diversos gêneros discursivos, dentre os quais o sermão.

A diversidade de gêneros pelos quais a práxis se manifesta dificulta a possibilidade de um esquema único da práxis de pregação. Entretanto, podemos observar, a seguir, um esquema da posição dos partícipes da práxis enunciativa da pregação do Evangelho.

³⁶ Tradução: Equipe Christo Nihil Praeponere - Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/blog/depois-de-pentecostes-os-apostolos-ficaram-assim> - Acesso em 23/05/2024.



Esquema 1 - Posição dos partícipes da práxis da pregação do Evangelho (Elaboração nossa).

No corpus de pesquisa as pregações proferidas pelo enunciador na figura do padre Chrystian Shankar são sermão homiliasta, quando proferidos em uma missa e palestra quando proferidos em auditório. As pregações proferidas pelo enunciador na figura do pastor Cláudio Duarte são ³⁷sermões homiliastas. Todavia, esses sermões, quando publicados na internet, assumem uma significação para além de um sermão, visto que o sermão ser gênero discursivo de fidelização, que passarão pelo processo de mestiçagem zilberberguiana, oriundo da desfronteirização midiática, a qual é um processo de mediatização do discurso religioso promovido pelo surgimento das mídias digitais, a partir do advento da *Web 2.0*. Quanto às pregações do enunciador na figura do padre Fábio de Melo e as pregações do enunciador na figura do pastor Antônio Júnior, são gêneros nativos, pois foram produzidos especialmente para

³⁷ O sermão homiliasta subdivide-se em temático, textual e expositivo. O sermão temático geralmente tem início com um assunto, tópico ou tema. A dissertação do sermão temático não se concentra no texto, ou numa parte das Escrituras, a exemplo do textual e expositivo; e sim, em todas as partes das Escrituras onde aquele tema está em foco (Silva, Pedro. 1999, p. 23). O sermão textual é aquele em que as divisões principais são derivadas de um texto constituído de uma breve porção da Bíblia. Essa porção pode ser, dependendo da natureza do sermão, um a linha, um versículo ou até mesmo dois ou três versículos (Silva, Pedro. 1999, p. 24). O sermão expositivo parece um pouco em sua estruturação com o sermão textual. Sendo que, necessariamente, ele assume um caráter mais extenso e progressivo. Define-se este tipo de sermão como aquela mensagem em que uma porção mais ou menos extensa das Escrituras é interpretada em relação a um tema ou assunto. O sermão temático gira em torno de um tema; o textual, em torno de um texto enquanto que o expositivo, em torno de um assunto (Silva, Pedro. 1999, p. 25). Tratemos, nos casos das homilias, sem nos determos se temática, textual ou expositiva, pois as pregações selecionadas são trechos, o que impossibilita da plena certeza do tipo de homilia, mesmo quando supostamente seja perceptível a classificação. Ademais, a proposta da tese é analisar o corpus considerando o processo de mestiçagem e propor uma tipologia textual inerente às mídias digitais, de caráter difuso, que fideliza e ao mesmo tempo divulga, o que difere dos sermões, proferidos em ambiente privado, em templos religiosos.

serem publicados nas mídias digitais. No capítulo III e IV, com as análises do corpus serão esclarecidas essas questões que envolvem a discursivização do corpo por meio das ferramentas teórico-metodológicas da semiótica discursiva, bem como da análise dos argumentos retóricos.

1.1.1 UMA REFLEXÃO ACERCA DA IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA RELIGIÃO

A religião é importante porque faz parte do cotidiano das pessoas e conseqüentemente encontra-se discursivizada em uma gama de enunciados, sendo os enunciados objetos dos estudos da linguagem, incluindo-se, portanto, a semiótica discursiva. Não é possível, por exemplo, estudar história sem tratar da reforma da igreja católica romana no século 16, cujo marco são as noventa e cinco teses de Martinho Lutero, afixadas na porta do Castelo de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, ato implicativo à axiologia estrutural cristã do mundo ocidental, católicos/protestantes, observável no cotidiano das práticas religiosas do mundo ocidental.

Para Greimas (2004, p. 14), “toda religião é uma axiologia, isto é, um sistema conforme o qual se afirmam ou se negam certos valores: é antes de mais nada, um sistema abstrato e conceitual”. Assim, entendemos a religião como uma prática inerente à cultura, vida social e política de um povo, que busca de modo contínuo manter-se ligado a um ser superior divino, o chamado Arqu-Destinator pelos estudos da semiótica discursiva, sendo a religião incutida de valores axiologizados, como o bem e o mal, o sagrado e o profano, de um sujeito sensível que atua no individual (religiosidade) e no coletivo (religião).

Flor (2009, pp. 51-57) assinala as grandes religiões existentes no mundo como aquelas que se organizam a partir da fé expressa em livro, das quais podemos citar o judaísmo com o Torá, cujos textos compõem os Dez mandamentos e as leis cerimoniais e civis a serem observadas pelos judeus. Trata-se de textos escritos por Moisés no Monte Sinai, enquanto dotado de uma inspiração divina, assim, foram enviados por Deus, durante o êxodo do povo judeu, que por quarenta anos viveram no deserto caminhando em busca da chamada terra prometida (Êx: 1), a qual equivale, nos tempos atuais, desde 1948, reconhecida pela ONU (Organização das Nações Unidas), ao Estado de Israel (Flor, 2009, p. 52).

Segundo Flor (2009, p. 52), a história do judaísmo inicia-se em meados de 1.700 a.C, com a partida de Abraão de Ur da Caldeia, na Babilônia, para Canaã e depois para o Egito. Assinala Steffen (2000, p. 67). O judaísmo foi fundamental para a formação do cristianismo, pois aquele crê que haverá o dia em que o Messias virá para governá-los, enquanto estes creem que o Messias é Jesus Cristo.

Para Flor (2009, p. 58), em sua interpretação acerca dos relatos bíblicos, o cristianismo surge a partir de Isaac, filho de Abrão com Sara e o islamismo a partir de Ismael, filho de ³⁸Agar. Assinala citação a seguir:

Abraão desposou Sara. Como Sara não teve filhos, Abraão querendo continuar sua linhagem, tomou Agar como segunda esposa. Agar deu-lhe um filho, Ismael. Depois, Sara concebeu e teve um filho, chamado Isaac. Sara então exigiu que Abraão banisse Ismael e Agar da tribo. Chegamos aqui à primeira divergência entre os corânicos e bíblicos. Segundo o Alcorão, Ismael foi para o local onde se ergueria Meca. Seus descendentes, florescendo na Arábia, tornaram-se muçulmanos; enquanto os descendentes de Isaac, que permaneceram na Palestina, eram hebreus e se tornaram judeus (Flor, 2009, p. 58).

O islamismo surge a partir do livro Alcorão, escrito pelo profeta Maomé, por inspiração divina, por meio do anjo Gabriel. “Por volta de 610, o profeta recebe a sua missão: na mesma caverna, depois de muitas visitas e horas de meditação, uma voz desce do céu e diz: “Tu és o escolhido”. [...] Naquela noite, dizem os muçulmanos, o livro foi aberto para uma alma já preparada” (Smith, 1991). Dentre a Bíblia, a Torá e o Alcorão, destacamos a Bíblia para continuarmos nossa reflexão, visto ser fonte basilar para a construção retórica dos discursos dos enunciadores selecionados para análise nesta tese.

No Dicionário Houaiss on-line, encontramos a noção de Bíblia, na história da religião, como compilação das Sagradas Escrituras (livro sagrado dos cristãos e, parcialmente, dos judeus), que compreende o Antigo e o Novo Testamento (Bíblia, 2022).

O termo “bíblia” tem origem grega como *biblos*, depois no latim torna-se *biblia*, e por último chega nos estudos modernos, por meio do francês, como “*bible*”, sendo, no século XI a.C. o nome da casca de um papiro. Somente a partir do século II d.C a palavra passa a designar os escritos sagrados dos cristãos (Geisler; Nix, 1997, p. 6).

No caso do Antigo Testamento, refere-se à história de Abraão, o qual recebeu a promessa de vir a ser uma grande nação, livro sagrado dos judeus, equivalente ao Torá dos judeus. Quanto ao Novo Testamento, é lembrado o cumprimento da promessa de que o Messias, tido como Jesus Cristo, salvara os homens da morte eterna com o derramar do seu sangue, e enviara seus mensageiros ao mundo para pregar seu Evangelho (Geisler; Nix, 1997), (Flor, 2009).

Quanto à palavra testamento, surge com a noção de aliança ou acordo, estabelecido entre Deus e os seres humanos. Segundo indica citação a seguir:

A palavra testamento, que seria mais bem traduzida por “aliança”, é tradução de palavras hebraicas e gregas que significam “pacto” ou “acordo” celebrado entre duas

³⁸ Conforme assinala o *site* Nomes Bíblicos, a origem do nome Hagar é proveniente de grafia hebraica, que posteriormente se tornou Agar tanto no grego quanto no latim – dois idiomas da antiguidade –, enquanto na língua árabe a variação utilizada é Hajar, embora podendo também aparecer em outras duas versões: Hadjara e Hagir. Fonte: <https://www.nomesbiblicos.com/hagar> - Acesso em 12/10/2022.

partes ("aliança"). Portanto, no caso da Bíblia, temos o contrato antigo, celebrado entre Deus e seu povo, os judeus, e o pacto novo, celebrado entre Deus e os cristãos (Geisler; Nix, 1997, p. 6).

Desse modo, o sentido de testamento trazido nos escritos bíblicos, trata-se, pois, do acordo fiduciário, que dentro da formação discursiva cristã, é ponto de partida para a discursivização do corpo.

Para Geisler e Nix (1997, p. 7), baseados em Agostinho sobre a fé cristã em relação à Bíblia, o Novo Testamento acha-se velado no Antigo Testamento, e o Antigo, revelado no Novo. Assim, para os cristãos, “Cristo se esconde no Antigo Testamento e é desvendado no Novo. Os crentes anteriores a Cristo olhavam adiante com grande expectativa, ao passo que os crentes de nossos dias veem em Cristo a concretização dos planos de Deus” (Geisler; Nix, 1997, p. 7).

A bíblia, na versão protestante, é composta de um total de 66 livros, divide-se geralmente em 8 sessões, sendo 4 sessões para o Antigo Testamento e outras 4 sessões para o Novo Testamento, sendo cada sessão organizada por tópicos.

O primeiro tópico, do Antigo Testamento, é composto por cinco livros de Moisés, os chamados pentateucos; o segundo tópico, tido como poético, é composto pelos livros de Jó, Sl, Pv, Ec e Cânticos dos cânticos; o terceiro tópico vai do livro de Js até Et e são considerados históricos, enquanto a quarta e última sessão é composta por 17 livros, sendo os maiores de Is a Dn. Somam-se, pois, 39 livros.

Quanto ao Novo Testamento, a primeira seção compõe-se dos quatro Evangelhos, Mt, Mc, Lc e Jo; a segunda seção, considerada histórica, é composta por At; a terceira seção são as epístolas, com 21 livros. Entende-se por epístolas, cada uma das cartas ou lições dos apóstolos dirigidas às primeiras comunidades cristãs e inseridas no Novo Testamento. A última seção do Novo Testamento equivale ao livro de Apocalipse (Ap), chamados de profecias. Somam-se, pois, 27 livros.

Quanto à palavra *Evangelho* (escrita geralmente com letra inicial maiúscula), do grego *euangelion*, significa boas novas (a doutrina de Jesus Cristo), no sentido de boas notícias, que na Bíblia Sagrada são os quatro Evangelhos conforme indicado no parágrafo anterior. Os Evangelhos (Marcos, Mateus, Lucas e João) são gêneros literários do tipo narrativos únicos na literatura universal (Bogaz et al, 2014).

Segundo Silva (2020, p. 24), na tradição católica, a bíblia é composta por 73 livros

divididos em duas partes, sendo 46 livros³⁹ no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento.

O apóstolo Paulo, em epístola aos romanos, ao argumentar sobre o propósito da Bíblia Sagrada, escreve: "Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança " (Cf Rm 15:4).

A Bíblia, mesmo escrita por homens, recebe uma adjetivação de sacralidade, por isso, chama-se Bíblia Sagrada, que se justifica pela própria natureza religiosa que possui, pois os cristãos acreditam tratar-se de escritos inspirados por Deus, revelados aos homens na Terra, a fim de orientá-los a como viver em harmonia com a vontade Dele. É como um manual de instruções da vida, sendo desse modo, o discurso fundador da fé cristã. Para esta tese, quanto necessária uma Bíblia Sagrada como referência de pesquisa, utilizaremos a ⁴⁰Bíblia Sagrada on-line Almeida Revisada e Atualizada (2022-2024) e/ou ⁴¹Bíblia on-line versão católica (2022-2024). Todavia, os enunciadores decerto que terão utilizado cada um uma versão diferente, podendo ser a mesma vez ou outra. Nesse sentido, os discursos serão analisados respeitando o que o enunciador proferiu, independente da versão que escolheu para uso, pois o que se pretende analisar é o discurso do enunciador e não a Bíblia Sagrada propriamente dita.

Tendo tratado da importância dos estudos da religião, trataremos no próximo item, da noção de religião e religiosidade e sobre o sincretismo religioso.

1.1.1.1 NOÇÃO DE RELIGIÃO E DE RELIGIOSIDADE

Segundo o dicionário ⁴²Houaiss on-line, “religião é crença da existência de um poder ou princípio superior, sobrenatural, do qual depende o destino do ser humano e ao qual se deve respeito e obediência; postura intelectual e moral que resulta dessa crença”. A noção de religião, segundo o mesmo dicionário, também é de “sistema de doutrinas, crenças e práticas rituais próprias de um grupo social, estabelecido segundo uma determinada concepção de divindade e da sua relação com o homem; fé; culto” (Religião, 2023).

No dicionário ⁴³etimológico on-line, temos a seguinte definição de “religião”:

Do latim religio, que significa “louvor e reverência aos deuses”. Os etimologistas discutem bastante a respeito sobre a real origem etimológica da palavra “religião”. No entanto, muitos acreditam que tenha surgido a partir da junção do prefixo re, que

³⁹ Os sete livros adicionais incluídos na Bíblia católica são Tobias, Judite, 1 e 2 Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruque. O cânone católico também inclui seções dos Livros de Ester e Daniel que não são encontradas nas bíblias protestantes (<https://pt.aleteia.org>).

⁴⁰ Bíblia on-line Almeida Revisada e Atualizada, disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara> (2022-2024).

⁴¹ Bíblia on-line versão Católica, disponível em: <https://bibliaonline.com.br/vc> (2022-2024)

⁴² https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#1 Acesso em 05/08/2023.

⁴³ <https://www.dicionarioetimologico.com.br> (clicar na palavra “religião”) Acesso em 05/08/2023.

funciona como um intensificador da palavra que o sucede, neste caso *ligare*, que significa “unir” ou “atar”. Assim, *religare* teria o sentido de “ligar novamente”, “voltar a ligar” ou “religar”. Neste caso, o termo era utilizado como um ato de “voltar a unir” o humano com o que era considerado divino. Ainda existe outra teoria que diz ser o verbo latino *relegere* a origem da palavra religião (Religião, 2023).

Segundo Kuchenbecker (2000, p. 18), etimologicamente, o termo religião surge na história por meio dos autores clássicos, Cícero com o termo *re-legere*, que significa reler, Lactânio com o termo *re-ligare*, que significa religar, e Agostinho com o termo *re-eligere*, que significa reeleger, tendo todos os conceitos a ideia de voltar a uma situação anterior, ou seja, ligar novamente a criatura com o criador. A partir dessas definições, Kuchenbecker (2000, p. 18) apresenta religião como “exatamente esta tentativa de religar com o Ser Superior, através de um conjunto de crenças, normas, ritos e costumes, que dá origem às diversas religiões, o fenômeno religioso propriamente dito” (Kuchenbecker, 2000, p. 18).

Sobre o termo religiosidade encontramos, no dicionário Houaiss on-line, qualidade do que é religioso; tendência para os sentimentos religiosos, para as coisas sagradas; conjunto de escrúpulos religiosos ou de valores éticos que apresentam certo teor religioso (Religiosidade, 2023).

Conforme afirma Cortella (2013), religiosidade é “um sentimento que não necessariamente se integra a uma formalização coletiva, institucional ou formal - é falar em uma das forças mais profundas de movimentação da humana e intensa busca pelo sentido de tudo que nos cerca”. As definições vistas, trazem-nos a noção de religiosidade como prática religiosa do sujeito, independente dele estar ou não vinculado a uma religião; é a prática individual da fé.

Assim sendo, ao pensar a religiosidade na *Web*, no contexto da desfronteirização entre o discurso de fidelização e o discurso de divulgação no mundo religioso midiático-digital, permite-nos pensar as mídias digitais como propulsoras da religiosidade independente do vínculo com a religião, pois a religiosidade não exige formalização, assim, os inscritos nos Canais do *YouTube* podem ser enunciatários de distintas crenças, não frequentadores de cultos ou missas, portanto podem escolher não ser membros de nenhuma comunidade e ainda assim, ter assiduidade nas visualizações de vídeos. Ao pensarmos a religiosidade na *web*, a partir de um ponto de vista cristão, seria, por exemplo, não ter de passar pelo batismo ou não ter de dizer, e mesmo assim participar das missas aos domingos ou dos cultos protestantes. Por outro lado, se pensarmos a partir do ponto de vista das instituições religiosas cristãs, as mídias digitais tornam possível uma maior propagação da fé, entendida enquanto dogma das religiões em análise nesta tese.

1.1.2 O SINCRETISMO RELIGIOSO

O sincretismo religioso no Brasil é historicamente marcado pela sua colonização, pois povos distintos tiveram de conviver com suas práticas religiosas, uns à revelia, no caso dos índios e negros, outros por decisão, no caso dos colonos, que impuseram a fé católica que até os dias de hoje, mesmo com menos adeptos, é hegemônica.

Boff (1994) apresenta distintas definições para o sincretismo religioso: sincretismo como adição, sincretismo como acomodação, sincretismo como mistura, sincretismo como concordismo, sincretismo como tradução e sincretismo como refundição.

O sincretismo como adição é praticado por um sujeito que vive a fé frequentando, por exemplo, ora uma missa, ora um culto, ora um centro espírita; trata-se de uma religiosidade difusa, sem uma definição de identidade (id. 1994, p. 160).

O sincretismo por acomodação (id. 1994) é conflituoso, pois ocorre quando da dominação de um povo sobre o outro, assim o povo dominado assume as práticas religiosas sem sua convicção, podendo adaptar práticas religiosas à religião dominante.

Todo ⁴⁴sincretismo [religioso] é uma mistura, adverte Boff (1994), mas o que recebe esse nome especificamente, equivale a uma “mistura superficial e justaposição como ocorreu, por exemplo, no panteão romano: num mesmo templo estão misturados deuses e deusas da Ásia, do Egito, da Síria, da Pérsia, enfim, de todos os povos vencidos, ao lado dos deuses romanos” (Boff, 1994, p. 159).

O sincretismo como “concordismo” “[...] consiste em querer criar um concordismo de fórmulas, ritos e expressões em vista de uma religião útil a todos [...] seria uma religião montada, uma espécie de esperanto religioso. Sincretismo aqui equivaleria a justaposição, sem qualquer organicidade (Id, 1994).

Boff (1994), ainda apresenta mais dois sincretismos, um como tradução e outro como refundição. O primeiro diz respeito à utilização de categorias, expressões culturais, tradições de outras religiões, mas compatíveis com a prática religiosa em vigor, ou são adaptados de modo que fica imperceptível sua acomodação. Enquanto o segundo, como refundição, seria quando a “religião se abre às diferentes expressões religiosas, assimila-as, reinterpreta-as, refundi-as, a partir dos critérios de sua própria identidade” (Id, p. 1994, p. 160). Ainda a respeito do sincretismo como refundição:

Algo semelhante ocorre com a religião inserida na história e aberta às influências do meio. Não só recebe; trabalha o que recebe e lhe confere a marca de sua identidade. Podemos dizer que todas as grandes religiões que atingiram um desenvolvimento

⁴⁴ É importante destacar que o sincretismo religioso nada tem a ver com o sincretismo textual, tampouco com a mestiçagem zilberberguiana.

sistemático resultaram de um imenso processo de sincretização. O processo continua; uma religião, como o cristianismo, conserva e enriquece sua universalidade na medida em que é capaz de falar todas as línguas e de encarnar-se, refundindo-se, em todas as culturas humanas (Boff, 1994, p. 160).

Essa compreensão se faz importante para esta tese porque os discursos em análise são de origem cristã e de vertentes distintas (católicas e protestantes), as quais embora surjam do judaísmo, possuidor de certo sincretismo, modificam-se ao longo do tempo, adquirindo cada qual suas doutrinas específicas e marcadas em suas práticas de fé.

As definições de sincretismo de Boff (1994) apresentam variações interessantes, mas podemos, de todo modo, compreender como “a fusão ou associação de religiões, ritos, crenças e personagens culturais” (Flor, 2009, p. 14).

Boff (1994) vai mais longe, e aponta a presença do sincretismo no cristianismo católico:

[O] catolicismo oficial [...] é tão sincrético como qualquer outra religião. O Antigo e o Novo Testamento se constituem igualmente em escritos sincretistas, assimilando as influências ambientais da cultura própria e de outras. Os textos neotestamentários contêm substância jesuânica, apostólica, judaica, judeu-cristã, tipicamente cristã, romana, grega, gnóstica, estoica etc. Os elementos não se encontram justapostos — por isso não é qualquer tipo de sincretismo — mas estão aí assimilados a partir de uma forte identidade cristã dentro de critérios especialmente de corte cristológico (Boff, 1994, p. 161-162).

Entendemos, a partir das definições apresentadas, que o sincretismo religioso tanto nas práticas individuais quanto nas práticas institucionais, que sua ocorrência é tão comum que pode passar despercebido, pois a assimilação de uma prática por outra ocorre, mais significativamente de modo gradual e lento, possível de observação de modo mais contundente quando estudamos a história antiga.

Entretanto, quando voltamos para as práticas individuais, o sincretismo fica no âmbito do pressuposto, pois estaria vinculado ao perfil do enunciário presumido, enquanto o sincretismo institucional, é algo que tem a ver com o que já está posto como prática efetiva das grandes religiões. Sobre o perfil do enunciário presumido trataremos no capítulo 4.

Refletimos sobre a construção do cenário cristão formado ao longo do tempo a partir de uma maioria de fiéis católicos que se mantém até os dias de hoje, mas divide espaço com os chamados evangélicos, o que exige maior esforço para manutenção e divulgação da fé católica, como, por exemplo, a adesão de novos meios midiáticos, que surgem no Brasil ora por iniciativa institucional, como a Canção Nova, ou por postagens de vídeos de fiéis católicos no *YouTube*.

Assim sendo, o cristianismo tem início concomitante ao período de colonização, a partir da chegada da Companhia de Jesus em 1540, vinda de Portugal, a qual pretendeu catequizar os

habitantes colonos, sendo os catequistas exclusivamente católicos (Santos, 2009), cuja primeira diocese⁴⁵ construída é de 1551, por iniciativa do Papa Júlio III.

O catolicismo teve a exclusividade religiosa garantida até o surgimento, em 1810 dos tratados com a Inglaterra e a carta constitucional em 1824 (Santos, 2009), quando fica garantida a liberdade religiosa aos protestantes e a outros cultos (Santos, 2009; Casamasso, 2010).

Conforme Santos (2009), o artigo 12 do Tratado de Comércio e Navegação de 1810, trata das práticas religiosas dos ingleses dentro do território brasileiro, conforme a seguir:

[...] não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa de sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-poderoso Deus, quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas igrejas e capelas, que Sua Alteza Real agora, e para sempre graciosamente lhes permite a permissão de edificarem e manterem dentro de seus domínios (Artigo 12, Tratado de Comércio e Navegação de 1810).

Entretanto, o art. 5º da Constituição brasileira de 1823, dizia que a religião católica romana continuaria a ser a religião oficial do Império, e que todas as outras religiões estavam permitidas a realizarem cultos domésticos ou particulares, em casas para isso destinadas, sem que houvesse formas externas que fizessem com que se percebessem que ali se tratava de templo (Wirth, 2005, p.71). A imposição descrita por Wirth (Id., Ibid), estava justificada pelo Império brasileiro, pelo fato de o país ter o catolicismo como religião oficial.

Os dois artigos, do Tratado e da Constituição, mostram-nos uma liberdade de expressão religiosa conquistada pouco a pouco e de maneira desalinhada entre um documento oficial e outro, pois mesmo tendo em 1810 um tratado entre os ingleses quanto à liberdade religiosa, a constituição brasileira surge em 1823 com restrições a respeito.

A condição restrita dos cultos protestantes àquela época, conforme pudemos observar em Wirth (2005, p. 71), demonstra a grande extensão de possibilidades de divulgação dos ritos católicos, em detrimento a total restrição de divulgação dos ritos protestantes, cujo objetivo, obviamente, era de impedir a disseminação de novas conversões não somente ao protestantismo, mas a qualquer discurso religioso diferente do católico.

E era assim, de maneira desproporcional quanto às possibilidades de divulgação, que, “desde o período colonial coexistem diversas religiões no Brasil” (Martino, 2016, p. 50-51).

Desse modo, o cenário atual de transformações das possibilidades de divulgação do discurso religioso cristão protestante e as adaptações do catolicismo, dentro de um contexto, antes de exclusividade, agora de competitividade, que exige um maior esforço quanto a renovação de estilo de pregação e recursos digitais.

⁴⁵ Disponível em <https://diocesedecruzdalasmas.com.br> – Acesso em 20 out de 2022.

Os cristãos protestantes têm doutrinas diversificadas, pois não há uma uniformidade doutrinária, teológica, litúrgica e nem histórica.

Segundo Jadon (2009), a igreja católica organiza-se atualmente em três correntes distintas. São elas:

[...] *a tradicionalista*, defensora das práticas ortodoxas e conservadoras; a *Teologia da Libertação*, considerada uma espécie de esquerda eclesial e a *Renovação Carismática Católica* (RCC), que recuperando a figura do Espírito Santo, tornou-se o movimento de maior vigor (Jadon, 2009, p. 16 – Itálico do autor).

Nas pregações selecionadas não é possível afirmar essa ou aquela corrente doutrinária, pois os temas tratados têm adesão por todas elas.

No censo demográfico de 2010, pelo IBGE, 64,6 % da população brasileira declarou-se católica e 22, 2%, protestantes. O que demonstra uma Igreja Católica ainda viva, mas em declínio, pois em 2000 era um total de 73,6% da população. Embora novo censo tenha ocorrido em 2022, em 2024, quando da finalização desta tese, novos percentuais ainda não foram divulgados. Todavia, o site da revista ⁴⁶Veja.abril, faz as seguintes considerações:

Há duas ou três décadas, a ideia de um Brasil majoritariamente evangélico soaria distante, quase inconcebível para a maioria das pessoas. Atualmente, a hipótese tornou-se não apenas possível, como bem próxima e até inevitável. Os protestantes, que representavam cerca de 22% da população em 2010, devem chegar a um terço da população no Censo de 2022, cujos detalhamentos ainda serão divulgados pelo IBGE, e, segundo projeções, devem ultrapassar os católicos a partir de 2032 (Caniatto, 2024).

Um fato histórico conhecido como o Avivamento da rua Azuza, ocorrido no dia 31 de dezembro de 1900, em Los Angeles, Estados Unidos, é reconhecido como marco inicial do movimento pentecostal, tanto pela Igreja Católica, quanto pelas Igrejas protestantes. A Igreja Católica relata um fato ocorrido simultaneamente ao da rua Azuza. Tal fato teria sido uma “ação multiforme do Espírito Santo na vida dos cristãos, pois esta experiência vivenciada por evangélicos acontece praticamente de modo simultâneo à oração feita pelo Papa Leão XIII, consagrando o século XX ao Espírito Santo” ⁴⁷(Renovação Carismática Católica, 2009).

O avivamento da rua Azuza ocorreu quando um pregador chamado

Parham e seus alunos realizaram um culto de vigília em seu instituto bíblico para aguardar a chegada do novo século. Uma evangelista de 30 anos, Agnes Ozman, pediu que lhe impusessem as mãos para que ela recebesse o Espírito Santo a fim de ser missionária no exterior. Ela falou em línguas, fenômeno esse que se repetiu nos dias seguintes com metade das pessoas da escola, inclusive Parham. Nos anos seguintes, Parham deu continuidade ao seu trabalho em várias partes dos Estados Unidos e no Canadá, atraindo milhares de seguidores (Id., 2009).

⁴⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/tres-fatores-que-explicam-o-fenomeno-do-boom-evangelico-no-brasil> - Acesso em 19/05/2024.

⁴⁷ Disponível em <https://rcccamocim.blogspot.com/2009/08/historia-do-movimento-carismatico.html> Acesso em 19/05/2024.

Há diferenças nas igrejas protestantes entre o ⁴⁸pentecostalismo e o neopentecostalismo:

O pentecostalismo se caracteriza pela ênfase na experiência direta e pessoal com Deus, enfatizando a atuação do Espírito Santo. É comum a busca por dons espirituais, como a cura divina, o falar em línguas, e a profecia. Outro elemento importante do pentecostalismo é o seu discurso moral, que se expressa em regras estritas de comportamento e vestimenta. Vale destacar que essa corrente propõe uma interação intensa e íntima com o sagrado, proporcionando aos seus seguidores uma experiência religiosa que transcende o mero cumprimento de ritos e dogmas. O culto pentecostal se caracteriza pelo fervor e pela espontaneidade, onde a emoção e a vivência do sagrado se misturam, criando um ambiente de intensa comunhão com o divino. Neste cenário, os cultos de cura, de libertação e os louvores intensos, muitas vezes acompanhados de manifestações extáticas, assumem um papel central. O pentecostalismo, portanto, oferece aos seus recebidos uma forma de vivenciar a religiosidade de maneira profundamente emocional e pessoal, confiante para sua atração e expansão. [...] O pentecostalismo se caracteriza pela ênfase na experiência direta e pessoal com Deus, enfatizando a atuação do Espírito Santo. É comum a busca por dons espirituais, como a cura divina, o falar em línguas, e a profecia. Outro elemento importante do pentecostalismo é o seu discurso moral, que se expressa em regras estritas de comportamento e vestimenta ⁴⁹(Pentecostalismo, 2024).

Sobre o neopentecostalismo, o site biblia.com.br declara:

O Neopentecostalismo, por sua vez, emergiu na segunda metade do século XX, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977. Nesta corrente, o foco se move da busca pelos dons espirituais para a cooperação material, com entusiasmo na Teologia da Prosperidade. Enquanto o Pentecostalismo tradicional prega a salvação e a santificação como formas de aproximação a Deus, o Neopentecostalismo associa a fé ao sucesso financeiro e pessoal. Além disso, o neopentecostalismo se caracteriza pela flexibilidade nas normas de comportamento e vestimenta, o uso de meios de comunicação de massa e uma maior abertura para a cultura contemporânea. Também se destaca a prática do exorcismo, buscando a libertação de fiéis de influências demoníacas. É importante ressaltar que essa corrente religiosa tem demonstrado uma notável capacidade de adesão ao mundo contemporâneo. Empregando de maneira habilidosa as ferramentas de comunicação modernas, tais como televisão, rádio e internet, as igrejas neopentecostais conseguem alcançar um público extenso e diversificado. Além disso, elas se caracterizam pela abertura para a cultura popular e pelo uso de linguagem e rituais que ressoam com a realidade cotidiana de seus seguidores (Neopentecostalismo, 2024).

Procuramos nesta seção situar o cristianismo como religião oriunda de um sincretismo religioso, como ocorre com as grandes religiões e tratar de como se manifesta a prática religiosa no que tange o pentecostes. O cristianismo tem forte apelo à conservação da família e da moralidade, o que pode justificar a maioria dos temas ser a respeito da família, o que também

48 No Novo Testamento, a comemoração de Pentecostes é citada no livro em At 2, episódio que narra o momento em que os apóstolos de Cristo receberam os dons do Espírito Santo, logo após a subida de Jesus aos céus [Há outras questões que envolvem o pentecostes no Velho Testamento]. Disponível em <https://significados.com.br/pentecostes/>. Acesso em 20/05/2024.

⁴⁹ Disponível em: <<https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/pentecostalismo-e-neopentecostalismo-no-brasil-diferencas-e-impactos/#:~:text=Diferen%C3%A7as%20e%20Impactos,-A%20diferen%C3%A7a%20entre&text=O%20pentecostalismo%2C%20com%20sua%20%C3%A9nfase,uma%20vis%C3%A3o%20individualista%20de%20sucesso.>>> Acesso em 19/05/2024.

influenciou um afunilamento das seleções dos vídeos para essa temática. Desse modo, importa tratar da configuração da instituição casamento na próxima seção.

1.1.3 A INSTITUIÇÃO CASAMENTO⁵⁰

Pautando-se na Bíblia Sagrada, a instituição casamento é compromisso assumido pelo casal perante Deus, sétimo sacramento para os católicos e ato não obrigatório, podendo o cristão permanecer solteiro.

Casamento, no rito cristão, é a união de um homem e uma mulher, unidos na intenção de constituir uma família, sendo essa união, uma vez consumada, a efetivação da união de um *eu* e um *tu*, os quais juntos formam uma só carne, conforme podemos encontrar na passagem bíblica: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne. [...] (Gn 2:24-25).

Desse modo, um casal, unido pelo matrimônio, segundo a Bíblia Sagrada, submete-se aos princípios contidos no livro sagrado, que aconselha e orienta o modo de vida do casal para que possam agradar a Deus, que garante um casamento duradouro e até que a morte os separe.

A separação de corpos, divórcio ou anulação do casamento é um processo disfórico e passível de questionamentos por parte da igreja de Cristo, sendo analisado por meio da direção espiritual do líder religioso, padre ou pastor. Uma vez estabelecido na lei dos homens o divórcio, na igreja protestante, geralmente um novo casamento pode ocorrer normalmente após curso de noivos.

No caso dos católicos, uma vez estabelecido o divórcio no código civil, não há a possibilidade de um novo casamento na igreja, pois o divórcio não é reconhecido pela igreja católica, sendo possível apenas a separação mediante nulidade do casamento, a partir de um julgamento da causa apresentada ao tribunal eclesiástico (Hortal, 1987).

As etapas do casamento consistem em a) contrato civil; b) cerimônia presidida pelo padre (conhecida por celebração do matrimônio); c) perspectivas que quando não cumpridas podem dar a nulidade; medidas apenas durante o processo durativo.

As perspectivas que podem gerar a nulidade é que são julgadas no tribunal eclesiástico. A título de exemplo, sem entrar nas minúcias jurídicas, podemos citar, o casamento contra a vontade de uma das partes, a falha de consentimento, como exemplo, casar-se sem total

⁵⁰ O texto “A instituição casamento” é parte integrante do capítulo de livro publicado em DIAS, Sonia G. B. O Rito do Casamento Cristão Coletivo Sob um Ponto de Vista Tensivo. In: *Semiótica Discursiva, Educação Linguística e Letramento Teatral* [livro eletrônico]. Curitiba: Bagai, 2024b.

convicção, o adultério, uma das partes não desejar ter filhos ou não poder tê-los e esconder isso do cônjuge.

Na fé cristã, os princípios bíblicos devem ser seguidos, pois são considerados mandamento divino, nos quais os enunciadores do corpus selecionado se apoiam ao construírem seus discursos. Os enunciadores, passam a exercer a posição de destinadores, submetidos a um Arqui-Destinador divino, cuja missão é manter os casais firmes no propósito do casamento. Os casais são os destinatários, os quais por meio de acordo tácito, ouvem a Palavra Revelada ao destinador e comprometem-se a cumpri-la. Assim, o objeto-valor não é o casamento por si só, mas o casamento bem-sucedido segundo os princípios bíblicos.

No capítulo I, delineamos a pesquisa ao tratarmos da introdução dos textos bíblicos como objeto de análise na semiótica discursiva; apresentamos alguns trabalhos desenvolvidos no Brasil e delineamos a práxis do objeto de análise, a pregação. Refletimos sobre a importância dos estudos da religião de modo a compreender a origem do cristianismo e da Bíblia Sagrada. Apresentamos algumas definições de estudiosos do campo da linguagem e da religião e delineamos e situamos o objeto de pesquisa. Apresentamos a noção de religião e religiosidade, para enfim tratar do sincretismo religioso. Tratamos ainda de questões pertinentes à instituição casamento com elucidações que serão auxiliares para a compreensão do conteúdo das pregações que versam sobre esse tema. A seguir, no capítulo II, trataremos do surgimento da internet e das mídias digitais, em especial da plataforma *YouTube*, a qual hospeda os vídeos de pregações cristãs.

CAPÍTULO II

O SURGIMENTO DA INTERNET E O YOUTUBE COMO SUPORTE DE PREGAÇÕES

Este capítulo, por meio de pesquisa histórico-descritiva, busca compreender, delinear e situar a espacialidade do *corpus* de pesquisa. Embora breve, o capítulo é importante para a concatenação da noção da desfronteirização disponível no capítulo III. A noção de desfronteirização é de uma fronteira imaginária que se rompe a partir da materialização de pregações cristãs no universo midiático-digital. Essas pregações surgem como corpos discursivos manifestados com especificidades inerentes ao discurso religioso em condições de produção midiático-digital, conferidas nas análises disponíveis no capítulo IV e V. Os itens a seguir tratam do surgimento da *internet*, das mídias digitais, da religião e religiosidade nas mídias digitais, religião e midiatização, a plataforma *YouTube* e a *World Wide Web*.

2. O SURGIMENTO DA INTERNET

Conforme assinala Castells (2003, p. 17-18), Vannevar Bush, considerado o pai do hipertexto, publicou em 1945 o artigo “As We May Think”, em português, “Como pensamos”, a fim de apresentar o Memex (Memory extender). Sobre a importância de Vannevar Bush na história do hipertexto, Ribeiro destaca que:

Manuel Castells, professor de sociologia e planejamento regional da Universidade da Califórnia (Berkeley), desde 1979; George Landow, professor de História da Arte e de Inglês na Brown University, dono de vasta experiência acadêmica; Steven Johnson, considerado um “pensador da *web*”, formado em semiótica e, atualmente, professor da New York University; são todos, de alguma forma, alicerçados no trabalho de Bush quando desenvolvem raciocínios sobre o hipertexto⁵¹ (Ribeiro, 2008, p. 46).

O artigo científico de Bush (1945) parte da ideia de “necessidade de ampliarmos nossas capacidades de memorizar e acessar informações” (Reino, 2017, p. 82) e apresenta o Memex, “junção das palavras memória e indexação, [como] uma mistura de enciclopédia com uma máquina manual, na qual seria possível acessar documentos registrados de forma ágil e a partir de pequenos trechos” (Reino, 2017, p. 82).

Vannevar Bush em 1945, ano de publicação do artigo científico, atuava como diretor do Gabinete de Desenvolvimento e Pesquisa Científica do Governo Federal dos Estados Unidos e defendia a informação como fundamental nas disputas de guerra (Ribeiro, 2008; Reino, 2017).

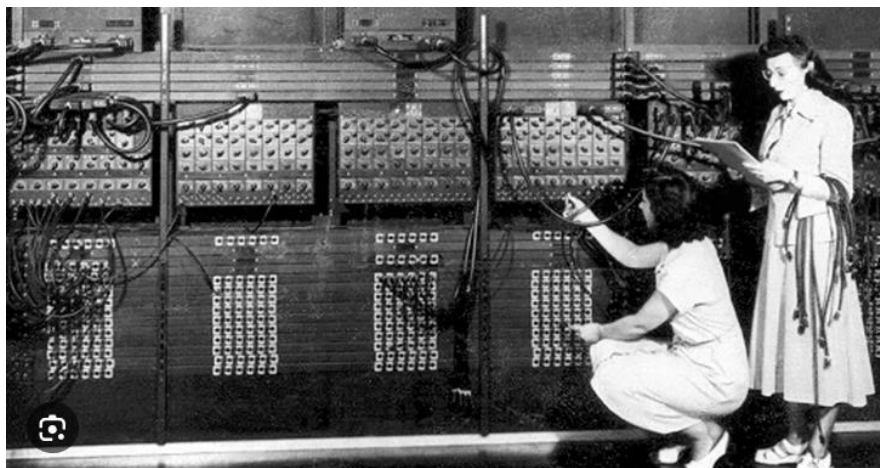
⁵¹ Lévy assinala hipertexto como “um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria deles, estende suas conexões em estrela, de modo reticular” (Lévy, 1993, p. 33).

As ideias de Bush (1945) são difundidas e ganham força na Guerra Fria (1945-1991), período em que Estados Unidos e União Soviética dividiram-se em dois blocos, socialista e capitalista em uma disputa pela hegemonia, quando fica mais intensa a percepção da falta de um meio de comunicação mais eficaz (Reino, 2017, p. 83).

Na década de 40 inicia-se a Era Digital, período em que se encerra a Segunda Guerra Mundial, quando os matemáticos construíram um computador eletrônico com base nos princípios da máquina analítica de Babbage⁵² (Spalding, 2012). Ainda na década de 40 “Allan Turing criou um computador (constituído de relés telefônicos) que desvendou os códigos alemães Enigma e deu a Winston Churchill a transcrição de praticamente todas as mensagens nazistas” (Kurzweill, 2003, p. 204).

Em 1946, surge, para fins militares, o primeiro computador chamado ENIAC (Eletronic Numeral Interpreter and calculator), tão grande que ocupava um andar inteiro de um prédio. Confira na figura a seguir:

Figura 1 - *Frame* com Eniac – Primeiro computador.



Fonte: Google imagens – www.google.com.br – Acesso em 30/12/2023.

Em 1975 no Novo México, surge o primeiro microcomputador chamado Altair, vendido em um kit que incluía monitores, discos e impressoras. Em 1977, na garagem de Steve Jobs e Steve Wosniak surge o Apple II. Em 1981, o primeiro Personal Computer (PC) pela IBM e em 1984 o Apple Macintosh (Lemos, 2010, p. 104).

⁵² Babbage idealizou uma máquina de tecer números que fizesse cálculos e pudesse ser controlada por cartões. Em 1822, apresentou o projeto de sua grande máquina, a qual chamou de máquina diferencial, capaz de resolver equações polinomiais, possibilitando a construção de tabelas de logaritmos, um dos maiores problemas da época. Em 1823, recebeu financiamento do governo britânico para desenvolver um aparelho que pudesse resolver qualquer tipo de cálculo — ideia por trás dos computadores (Disponível em: revistagalileu.globo.com - Acesso em 30/12/2023).

Nos ínterims da evolução de computadores, a história caminha para o que hoje chamamos de internet. Joseph Carl Robnett Licklider publica um artigo científico intitulado “Comunicação homem-computador on-line” em março de 1962 e em outubro do mesmo ano assume a direção do IPTO (Information Processing Techniques Office), escritório ligado à então DARPA (Reino, 2017, p. 89).

Licklider recebeu a missão de “dar vida ao que ele havia vislumbrado como futuro: uma integração entre homens e máquinas, uma rede de computadores entre instituições, e todos os benefícios que já havia defendido sendo aproveitado na prática” (Reino, 2017, p. 89), todavia, deixa o cargo sem o grande feito. Ao deixar o cargo em 1964, assume Ivan Sutherland, que por sua vez contrata um jovem especialista conhecido por Bob Taylor (Robert Willian Taylor) (Reino, 2017, p. 89).

Bob Taylor, estudioso da computação, assume em 1966 o cargo de Diretor do IPTO (Information Techniques Office), ligado à ARPA, acomoda-se em uma sala com três computadores, os quais eram conectados às instituições de ensino superior MIT⁵³, Berkeley e Santa Mônica, em sistemas distintos e individuais, que demandavam ações também distintas (Reino, 2017, p. 89), que o fez pensar em como “encontrar uma forma de conectar todas essas três diferentes máquinas” (Hafner e Lyon, 1996, p.7).

Em 29 de outubro de 1969, surge a primeira conexão entre Universidade da Califórnia e o Instituto de Pesquisa de Stanford, inaugurada com o envio de um e-mail via primeiro protótipo da rede de internet Arpanet (Advanced Research Projects Agency Network) (Reino, 2017, p. 83). “A Arpanet era uma resposta à necessidade de comunicação entre os centros de pesquisa, de descentralizar as informações e ampliar a difusão do conhecimento” (Id., 2017, p. 83).

Em 1973, dois cientistas da computação, Robert Kahn e Vint Cerf, da ARPA, marcam seus registros na história da internet moderna ao delinearem a arquitetura básica da internet. “Para que pudessem falar umas com as outras, as redes de computadores precisavam de protocolos de comunicação padronizados” (Castells, 2003, p. 17). Conseguiram:

Em parte, em 1973, num seminário em Stanford, por um grupo liderado por Cerf, Gerard Lelann (do grupo de pesquisa francês Cyclades), e Robert Metcalfe (então no Xerox PARC), com o projeto do protocolo de controle de transmissão (TCP). Em 1978 Cerf, Postel e Crocker, trabalhando na Universidade da Califórnia do Sul, dividiram o TCP em duas partes, acrescentando um protocolo intrarrede (IP), o que gerou o protocolo TCP/IP, o padrão segundo o qual a Internet continua operando até hoje (Castells, 2003, p. 17).

⁵³ A sigla MIT significa Massachusetts Institute of Technology – Instituto de Tecnologia de Massachusetts (em português).

A disseminação do acesso à internet foi possível a partir do surgimento, em 1989, da *World Wide Web* (WWW), aplicação de compartilhamento de informação desenvolvida por um programador inglês, Tim Berners-Lee, que trabalhava no CERN (*European Organization for Nuclear Research*), um instituto europeu de pesquisas de física de partículas, instalado nas montanhas da Suíça (Castells, 2003, p. 20), (Briggs; Burke, 2006, p. 302). Segundo Briggs e Burke (2006), Tim Berners-Lee ao imaginar a rede de amplitude mundial (WWW), especulou: "Suponha que eu tenha a possibilidade de programar meu computador para criar um espaço em que tudo possa ser ligado a tudo"; "Suponha que toda a informação arquivada nos computadores de todos os lugares estivesse interligada" (Briggs; Burke, 2006, p. 302).

"Berners-Lee não sabia então que Vannevar Bush, pesquisador do MIT [...], havia feito observações similares em um artigo da revista *Atlantic Monthly*, em 1945, quando projetou uma máquina fotomecânica chamada "Memex"" (Briggs; Burke, 2006, p. 302).

Observa Araya (et, al., 2010, p. 26), quanto a diferença entre *Web* e Internet conforme consta na página de Berners-Lee (2001, p.5), do site da W3C (*World Wide Web Consortium*):

A *Web* é um espaço de informação abstrato (imaginário). Na Internet você encontra computadores – na *Web*, você encontra documentos, sons, vídeos, informação. Na Internet, as conexões são cabos entre computadores [atualmente também o wi-fi]; na *Web*, as conexões são os links de hipertextos. A *Web* existe devido a programas que se comunicam entre computadores na Internet. A *Web* não poderia ser criada sem a Internet. A *Web* tornou a rede útil porque as pessoas estão realmente interessadas em informação (para não citar conhecimento e sabedoria!) e realmente não querem saber sobre computadores e cabos. (Tradução de Araya, et al. 2010⁵⁴)

Por meio do *International Connections Program* (Programa de Conexões Internacionais) lançado pela NSF⁵⁵, ao deixar de ser um projeto governamental, a internet foi disponibilizada efetivamente para a sociedade em 1990 (Castells, 2003, p. 17; Carvalho, 2006, p. 33).

Um nome importante se destaca na teoria da informação. Claude Shannon, de acordo com sua biografia, escrita por Ioan James FRS (2001), foi um gênio brincalhão, estudou, de 1932 a 1936, matemática e engenharia na Universidade de Michigan. Em 1948, com a publicação do artigo *A Mathematical Theory of Communication*, no qual problematiza a melhor forma de codificar a informação de um emissor para um receptor. O autor (1948) tem suas maiores contribuições com "entropia da informação", o conceito de "bit" e "Teorema da Codificação de Canal".

⁵⁴ The Web is an abstract (imaginary) space of information. On the Net, you find computers -- on the Web, you find document, sounds, videos, information. On the Net, the connections are cables between computers; on the Web, connections are hypertext links. The Web exists because of programs which communicate between computers on the Net. The Web could not be without the Net. The Web made the net useful because people are really interested in information (not to mention knowledge and wisdom!) and don't really want to have know about computers and cables.

⁵⁵ NSF é a *National Science Foundation*, fundação não governamental de apoio à pesquisa nos Estados Unidos.

Sobre a “entropia da informação”:

Ele demonstrou que a entropia, um conceito emprestado da física, poderia ser aplicada à teoria da informação para medir a incerteza ou imprevisibilidade em um sistema de comunicação. A entropia da informação tornou-se fundamental para a compressão de dados, criptografia e muitas outras aplicações em ciência da computação e engenharia de comunicação ⁵⁶ (Pires, 2024).

Quanto ao conceito de “bit”:

Ele mostrou como a quantidade de informação poderia ser medida em termos de bits, que representam as escolhas binárias (0 ou 1) em um sistema de comunicação. Essa ideia revolucionou a forma como pensamos sobre a transmissão e armazenamento de informações, pavimentando o caminho para a era digital (Id., 2024).

E a respeito da “Teoria da Codificação de Canal”, unidade fundamental de informação:

Este teorema provou que, independentemente do método de codificação utilizado, existe um limite superior para a taxa na qual a informação pode ser transmitida de forma confiável através de um canal sujeito a ruído. Além de suas contribuições para a teoria da informação, Claude Shannon também foi um pioneiro no campo da lógica digital e computação (Id., 2024).

A *World Wide Web* (WWW), Rede de Amplitude Mundial, Rede Mundial de Computadores ou apenas *Web*, passou por evolução desde a sua aparição, constituindo conceitos conforme as fases de desenvolvimento e aprimoramento baseados nas necessidades dos usuários no decorrer da história: *Web* de documentos (*Web* 1.0), *web* de pessoas (*Web* 2.0) (Hiremath; Kenchakkanavar, 2016, p. 1). E mais recentes, *web* de dados (*Web* 3.0) e *Web* 4.0 (Guimarães; Rocha 2021, p. 3).

Na *Web* 1.0, em vigor até os anos 2000, seu “ambiente era em sua grande maioria de dados estáticos, em fluxo unidirecional (do portador de conteúdo ao usuário final) e que serviam para consultas de forma passiva e armazenados em arquivos, um movimento experimental” (Id., Ibid, p. 3).

Com aparição em 2004, a *Web* 2.0, termo criado por O'Really, é a *Web* social da qual surgem os sites, as “plataformas de serviços e facilidades tais como ferramentas como *webmail*, álbuns de fotografia, redes sociais, *blog* ou *podcasts* que a tornaram dinâmica” (Id., Ibid, p. 4).

Segundo Isotani (et al., 2008), na *Web* 2.0 a interação proporciona aos usuários a possibilidade de avaliar o conteúdo de seus criadores, “através de tags, pontuações e comentários, existe um envolvimento entre a informação e seus leitores/avaliadores e, dessa forma, apenas as informações mais relevantes [ou mais atrativas] acabam prevalecendo” (Isotani et al., 2008, p. 2).

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.eset.com/br/blog/cultura/quem-foi-claude-shannon-e-como-ele-revolucionou--a-era-digital>> (Por Luíza Peres em 06/05/2024).

A *Web 3.0*, em vigor atualmente, é conhecida como *Web* semântica, “caracterizada como uma ‘Internet mais inteligente e mais organizada’ com resultados mais precisos. Portanto, ela permite que seus usuários acessem, manipulem e transformem a informação, criando um mundo próprio e um campo de reflexão” (Oliveira et al., 2018, p. 3). A *Web 3.0*:

[...] foi anunciada pela primeira vez em 2001 em um artigo de Tim Berners Lee, James Hendler e Ora Lassila. Ela se encontra em fase de desenvolvimento e ainda dependente de mecanismos e agentes para organizá-la e assim obter informações de forma mais fácil. A *Web 3.0* caracteriza-se por um período de evolução da *Web* com a criação de ambientes informacionais especializados (Oliveira et al., 2018, p. 3).

Dentre muitos dos atributos da *Web 3.0* estão os metadados, os quais são “utilizados para reconhecer de forma mais organizada e inteligente os tipos de informações buscadas e as mais interessantes para cada usuário” (Id., Ibid, 2018, p. 65).

A *web 3.0* presta assessoria ao usuário:

[...] em suas navegações, pelos mecanismos algorítmicos da *Web* semântica, os quais se constituem em artefatos mediadores. [Pensando em uma] metáfora da navegação, o usuário, na maior parte das vezes, deixa o barco operando de maneira automática, neste caso, é guiado pelo sistema, ou pode assumir o comando, mas sempre recebendo a ajuda de um co-piloto astuto que antecipa suas necessidades práticas de navegação [...] (Guimarães; Rocha 2021, p. 6).

Em 2016, surge a *Web 4.0*, chamada de *Web* pragmática, com foco maior na mobilidade e ubiquidade dos usuários, trata-se de uma *Web* que deduz as preferências do usuário a partir de dados, informações ou ações anteriores (Id. Ibid, p. 6). A “*Web 4.0* que devido às inovações e diversidades tecnológicas, não tem ainda seu uso e recursos compreendidos cientificamente” (Id. Ibid, p. 7).

O que nos parece é que o início de uma *Web* não exclui, ao menos em sua totalidade, a *Web* anterior. O que há é uma evolução dos mecanismos e no conceito, que deseja proporcionar maior comodidade ao usuário, tornando o ambiente de rede relacional mais próximo do que se encontra no mundo natural. As mídias digitais, como vimos, surgiram na *Web 2.0*, a *Web* da interação social, onde concentramos nossa atenção.

Tratamos até aqui do surgimento da internet, a evolução inicial dos computadores, o surgimento da World Wide Web (WWW), os conceitos de *Web 1.0*, *Web 2.0*, *Web 3.0* e *Web 4.0*, os quais são basilares para compreensão dos próximos itens sobre as mídias digitais e a plataforma *YouTube*.

2.1 MÍDIAS DIGITAIS

Mídia é uma palavra, segundo o dicionário Houaiss on-line (2023), com a noção de meio, trata-se de todo o suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens.

Desse modo, as mídias digitais são meios de comunicação, cujos dados são convertidos em sequências numéricas ou de dígitos interpretados por um processador, o computador, responsável por realizar cálculos de extrema complexidade em frações de segundos, sendo chamados todos de dados de sequências numéricas, os quais podem ser sons, imagens, letras ou qualquer outro elemento (Martino, 2014, p. 11- 13).

Para estabelecermos uma reflexão sobre as mídias digitais, faz-se necessária a noção de ciber (cyber). Trata-se, pois, de um prefixo capaz de formar diversas palavras, como por exemplo, ciberespaço, cibercultura, ciber-café (Martino, 2014, p. 20). No caso da palavra *cybernetics* (cibernética), a noção é construída a partir da relação entre outras três noções, informação, comunicação e controle em sistemas específicos, noção esta, proposta por Norbert Wiener no livro *Cybernetics* de 1948, que significa, do grego, *kibernos*, referindo-se a “controle”, mas que na tradução latina fica “governo”, sendo a cibernética aquela que se refere a dados que alimentam um sistema, os quais permitem tomar-se decisões, numa concepção instrumental de informação (Martino, 2014, p. 21).

Lévy assim define ciberespaço (1996, p. 17):

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Lévy, 1996, p. 17).

Desse modo, “o controle do sistema cibernético é derivado o tempo todo de um sistema de retroalimentação”, traz a ideia de fluxo contínuo de informações e respostas, o chamado *feedback* (Martino, 2014, p. 22).

Quanto ao termo cibercultura, é definido como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modo de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1996, p. 17).

Em conformidade, Martino (2014), a partir de Lévy (1996), apresenta o termo cibercultura:

[...] como aquele que designa a reunião de relações sociais das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores [...], é a cultura — entendida em um sentido bastante amplo como a produção humana, seja material, simbólica, intelectual — que acontece no ciberespaço (Martino, 2014, p. 27).

Trata-se, pois, da cultura humana transposta em um espaço conectado por aparelhos capazes de estabelecer uma conexão entre os humanos de magnitude ampla, que uma vez ampliadas as relações, ampliam-se as modulações impulsionadas pelo constante *feedback*.

Na concepção de Lévy (1996), o ciberespaço é tido como ambiente de interconexão digital ampla e gratuita, virtual e real, sendo o virtual como parte integrante do real. Para tanto, parte da ideia de que no ciberespaço, embora os dados existam, não são acessados ao mesmo tempo, ficando armazenados e assumem o *status* de um *quem sabe, talvez* “possa vir a se tornar um ato quando forem acessados e transformarem-se em figuras, imagens, textos e sons na tela” (Martino, 2014, p. 30), em uma composição sincrética.

Ademais, o termo “virtual” mais ou menos assemelha-se como a ideia do que seja a enunciação virtualizada, que após potencializada por uma tensividade sensível, é transformada em presença atualizada e realizada, passando assim, a ser enunciação em ato, o que equivale dizer, enunciado (Discini, 2015, p. 18-30).

2.2 O YOUTUBE

Em junho de 2005, Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal criam o *YouTube*, um *website*⁵⁷ com atuação de plataforma, tem como funções originais proporcionar o carregamento e compartilhamento de vídeos no formato digital, conexão com outros usuários, com geração de URLs e códigos HTML, para que os vídeos possam ser facilmente incorporados a outros sites. Em outubro de 2006 o Google adquire a plataforma por 1,65 bilhão de dólares (Burgess; Green, 2009. p. 11).

Contemporâneo ao surgimento da *Web 2.0*, o *YouTube* tem foco na interatividade, sendo possível “[...] fazer *upload*, publicar e assistir vídeos em ⁵⁸*streaming* sem necessidade de altos níveis de conhecimento técnico e dentro das restrições tecnológicas dos programas de navegação padrão” [...] (Burgess; Green, 2009. p. 17).

Desse modo, vídeos amadores aos mais elaborados são compartilhados e assistidos com sucesso de views, o que para David Weinberger (2007), segundo Burgess e Green (2009), é um “metanegócio”, uma “nova categoria de negócio que aumenta o valor da informação desenvolvida em outro lugar e posteriormente beneficia os criadores originais dessa informação” (Weinberger, 2007, p. 224).

⁵⁷ *Website* significa um endereço, um lugar, localizado na *Web*. *Web* é a world wide web (Rede de computadores conectados) e site é sítio (lugar).

⁵⁸ Streaming é um método de visualizar vídeo ou ouvir conteúdo de áudio sem realmente baixar os arquivos de mídia. (Disponível em <https://www.cloudflare.com/pt/learning/video/what-is-streaming/>) Acesso em 31/05/2024.

A plataforma atua como *reach business*, pois o:

YouTube desempenha uma função para os produtores de vídeo, atraindo a atenção para o conteúdo ao mesmo tempo em que oferece uma participação em dinheiro nas vendas de anúncios no site. Pela mesma lógica, o *YouTube* na realidade não está no negócio de vídeo – seu negócio é, mais precisamente, a disponibilização de uma plataforma conveniente e funcional para o compartilhamento de vídeos on-line: os usuários (alguns deles parceiros de conteúdo premium) fornecem o conteúdo que, por sua vez, atrai novos participantes e novas audiências (Burgess; Green, 2009. p. 11).

A cultura do “faça você mesmo”, no inglês DIY – do *it yourself*, gerou um entusiasmo em pessoas de todas as idades, pois é possível encontrar vídeos de idosos, adultos, adolescentes crianças, tendo a divulgação de suas formas de vida, mesmo quando a possibilidade de criar seus conteúdos seja de câmeras das mais simples com acesso à internet de largura de banda relativamente modesta. Quanto à cultura do DIY, corrobora Valente (2016): “O entusiasmo com essa possibilidade de colocar conteúdo no *YouTube* tem ligação com a celebração da cultura DIY – do *it yourself*, que caracteriza uma forma de se pensar a tecnologia” (Valente, 2016, p. 277).

Por sua vez, conforme afirma Almeida (2023, p. 137), a televisão surgiu de uma invenção do padre Landell em 1904, não reconhecida historicamente, como uma projeção batizada de *The Telephotorama* ou A visão à distância. Entretanto, publicamente há registro de que a televisão surgiu a partir de um invento mecânico apresentado pelo escocês John Logie Baird em 1926 aos cientistas da Academia Britânica (Almeida, p. 137), mas superado em 1927 pelo americano Philo Taylor Farnsworth, após apresentação de artefato transmissor de imagens através de raios catódicos, tendo depois dele outros estudiosos que melhoraram o invento, mas o acesso ao público amplo somente inicia-se após 1945, com o barateamento e criação de mais canais de transmissão (Ross, 2007).

Embora a televisão tenha sido extremamente relevante para a sociedade, ficou e fica até os dias de hoje nas mãos de poucos, tendo poder de transmissão para o público amplo, a chamada TV aberta, apenas a empresa possuidora da concessão do governo para atuação de suas programações, demasiadas partidárias, no âmbito político, cultural e religioso.

A internet surge como um novo paradigma comunicacional, influenciando até mesmo a tecnologia de transmissão da televisão para o digital e possibilitando a atuação de plataformas como o *YouTube*. A internet permite um amplo acesso tanto dos produtores de conteúdo quanto para os que consomem o conteúdo e faz surgir a formação de um novo público.

A palavra *YouTube* é um substantivo próprio por composição justaposta das palavras “you”, você em português, e “tube”, uma gíria, também do inglês, utilizada para se referir à

televisão. Numa possibilidade de tradução, teríamos "Você televisiona", "Você transmite", "Você na telinha", "Você na tela".

O sentido da palavra *YouTube* remete-nos à palavra televisão e seu sentido, não por acaso, visto o logo do *YouTube* ter sido um tubo de televisão por algum tempo, conforme podemos conferir nas figuras abaixo:

Figura 2 - *Frame Logo* da plataforma *YouTube* em 2005.



Fonte: <http://turbologo.com/pt/blog/youtube-logo/> - Acesso em 03/01/2024.

Na primeira figura temos o logo antigo do *YouTube*. Por conter a palavra “Tube” dentro da figura de um “tube”, um retângulo vermelho, antecedido pela palavra “you” na cor preta, deixava o nome da plataforma com a escrita separada, devido a relação com os tubos CRT das TVs antigas, como teria anunciado Christopher Betting, diretor do Departamento de Arte do *YouTube*, quando da mudança de logo de 2017, conforme consta na próxima figura (Cf. Silva, Eduardo., 2017).

Figura 3 – *Frame Logo* da plataforma *YouTube* em 2017.



Fonte: <http://turbologo.com/pt/blog/youtube-logo/> - Acesso em 03/01/2024.

Na figura acima, as palavras “you” e “tube” aparecem juntas, e a figura em vermelho já não deseja representar a figura de uma TV, mas sim de um “icônico símbolo [semioticamente uma figura] de “executar” em branco e vermelho, na intenção de promover uma identidade única para todos os produtos do *YouTube*, como *YouTube Kids*, *Gaming*, *Red*, *TV* e *Music*” (Cf. Silva, Eduardo, p. 2017).

Tecemos considerações a respeito do surgimento da internet, a evolução dos computadores e sobre a *World Wide Web*. Ademais tratamos das mídias digitais, da plataforma *YouTube* e a cultura do “faça você mesmo” atrelada a essa plataforma, da qual surgem vídeos amadores. No próximo item daremos início às considerações a respeito da intersecção entre a religião e a midiaticização da sociedade.

2.3 RELIGIÃO E MEDIATEZACÃO DA SOCIEDADE

Para tratar da religião e mediatezação da sociedade, recorremos a Martino (2016), pois embora não associe à semiótica discursiva seus apontamentos, sua obra abrange o universo religioso e a mídia, dialogando assim, com nossa proposta.

No capítulo dois da obra *Mídia, religião e sociedade*, Martino conceitua campo religioso, “como um espaço formado pela relação entre “agentes” – que podem ser pessoas ou instituições – que têm um interesse comum” (2016, p. 32), pertinente à noção de campo discursivo, a qual adotamos para esta pesquisa. Por campo discursivo, compreende-se “conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (Maingueneau, 2005, p.35).

Segundo Martino, tem-se discutido, no campo discursivo religioso a mediatezação da religião, sem deixar de levar em conta a também mediatezação da sociedade (Martino, p. 31, 2016), sendo os agentes, segundo o autor (2016), cada religião, igreja ou denominação religiosa, assim como cada padre ou pastor.

Para o autor (2016), pensar a religião a partir das mediações, ou seja, a partir do universo midiático, é na verdade, verificar como esse processo altera tanto as práticas religiosas quanto questões internas das igrejas e dos fiéis (Id., Ibid, p. 45).

Para Martino (2016), o que une os agentes do campo religioso é a relação de disputa permanente por estabelecer a verdade e assim manter e conquistar mais adeptos, pois os temas abordados por cada agente são semelhantes, como por exemplo, o sagrado, o sentido da vida, a origem e a finalidade da existência, oferecendo, cada religião, sua própria resposta para cada questão, assim, competindo com todas as outras para convencer o maior número de pessoas de que sua mensagem é a correta (Id., Ibid, p. 32).

Desse modo, cada agente, para conseguir “o maior número de adeptos, de modo a garantir maior importância dentre as demais, prestígio e visibilidade pública – e, portanto, capacidade de interferir em outras áreas da sociedade” (Id., Ibid, p. 32), busca os meios de comunicação como aliados. Martino (2016), traz à tona o uso das mídias como televisão, rádio e internet, sendo este último o espaço tensivo de nossa proposta.

O processo de secularização que ocorreu a partir do avanço da modernidade, que fora apontado por Marx e Engels como uma característica do capitalismo, no qual nada seria sagrado (Id., Ibid, p. 66) é, a tempos, uma realidade que vivemos.

No processo de secularização a religião deixou de fazer parte das decisões políticas, públicas e passou a atuar mais no privado, na vida íntima das pessoas, como de fato acontece nos tempos de hoje, mesmo com a presença de pessoas religiosas na política pelo processo democrático, o voto, a interferência religiosa tende a ser pouco relevante, quando comparamos com as decisões políticas antes do período iluminista, por exemplo.

A desfronteirização da religião e o mundo secular presente nos vídeos publicados na internet, não se refere a secularização da política em detrimento da religião, mas sim da adaptação dos destinadores em seu fazer cognitivo, o modo de pregar a mensagem aos destinatários, uma adaptação da linguagem dita mais sisuda a uma linguagem mais próxima do público, como pôr-se no discurso com testemunhos de vida e superação, despindo-se, aparentemente, da cultura religiosa, como por exemplo, realizar uma pregação sentado, ao invés de em pé, no altar, ou sem o uso da batina, no caso dos padres, ou ainda pregar com exemplificações cômicas para provocar o riso dos enunciadores, cuja finalidade seria a fidelização ou o ganho de destinatários fiéis à prática cristã da formação discursiva religiosa em que o destinador se inscreve, em um fazer persuasivo de encantamento (fazer-crer).

Reconhecemos que há, de fato, uma retomada da religião do privado para o público a partir do rádio, televisão e ainda mais com a internet, pois a presença, por exemplo, do padre Fábio de Melo nas programações opinando sobre diversos assuntos sócio-políticos é comum, todavia de maneira ainda desacelerada.

O que há na verdade é uma força, uma estratégia, uma tentativa religiosa de resgatar ao menos minimamente um espaço que se perde a cada ano que passa, a fim de diminuir os efeitos do processo de secularização já implantado na sociedade moderna. O que vemos é uma reinvenção da noção do que antes se entendia como pregação.

O termo público que adotamos não é na esfera política, mas no alcance mais abrangente de cristãos, ao acesso à pregação, que continua sendo a influência ainda para o privado, influência íntima, particular de cada enunciatário.

2.3.1 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE NAS MÍDIAS DIGITAIS

Apenas a Igreja Católica possui uma formalidade oficial, para posicionar-se quanto ao uso das mídias digitais para a proclamação do Evangelho. As Igrejas evangélicas, por possuírem distintas denominações, divulgam, provavelmente internamente seus posicionamentos. Para os católicos que possuem o papa como representante supremo, teve sua sanção eufórica, digamos assim, em 1966, antes da propagação da internet, quando o Concílio Vaticano II aprovou o decreto *Inter Mirifica* sobre os meios de comunicação social, cujo objetivo é incentivar o uso das novas tecnologias para propagação da fé católica. Esse decreto consta no site do Vaticano, datado de 04 de dezembro de 1966. Em um trecho reconhece a abertura de novos caminhos para a comunicação:

Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriam novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens, mas também às multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meios de comunicação social (Paulo VI, 1966).

Em mensagem para a celebração do 43º dia Mundial das Comunicações Sociais em 2009, o Papa Bento XVI trata as novas tecnologias com forma de novas relações, considerando o cyberspace como “a nova arena digital”:

As novas tecnologias abriram também a estrada para o *diálogo* entre pessoas de diferentes países, culturas e religiões. A nova arena digital, o chamado *cyberspace*, permite encontrar-se e conhecer os valores e as tradições alheias. Contudo, tais encontros, para ser fecundos, requerem formas honestas e correctas de expressão juntamente com uma escuta atenciosa e respeitadora. O diálogo deve estar radicado numa busca sincera e recíproca da verdade, para realizar a promoção do desenvolvimento na compreensão e na tolerância (Bento XVI, 2009).

As igrejas protestantes seguiram no processo de mediatização da religião de maneira independente, por não terem vínculo com o Vaticano desde a Reforma protestante no século XVI. Todavia, empiricamente, o que se vê é uma presença significativa nas mídias digitais, haja vista a possibilidade de escolha dos vídeos para esta pesquisa desde os mais amadores aos mais profissionais.

Conforme assinala Martino (2016, p. 23), o uso das mídias por uma instituição religiosa na transmissão de mensagens, sem alteração da prática religiosa, “não significa sua “mediatização”, mas sua “mediação” (*mediation*)”, mas sim quando se tornam parte das atividades individuais e institucionais.

Para se considerar prática religiosa mediatizada é necessário que sejam percebidas novas

configurações, outras formas e contornos. Desse modo, como assinala Martino (2016, p. 24), “quando algumas lideranças religiosas adotam práticas semelhantes à de figuras midiáticas, seja no modo de vestir, seja na maneira de lidar com o público, seja em sua preparação específica para conduzir celebrações e cultos”, passa-se a configurar-se a midiaticização da prática religiosa.

No capítulo II tratamos do surgimento da internet, dos fatos históricos dos computadores e da *World Wide Web*, a fim de compreender, delinear e situar a espacialidade em que se encontra o corpus de pesquisa. E apresentamos a configuração da práxis da plataforma YouTube como espacialidade das pregações cristãs midiático-digitais.

Para cumprir com as proposições de análise é mobilizado o percurso gerativo de sentido (Greimas, 1975), para a apreensão do sentido no plano do conteúdo, juntamente com a noção de enunciação, atrelada à noção de corpo discursivo e às noções de estilo de gênero e estilo actorial trazidas dos estudos de Discini (2015), a qual se filia, assim como a presente tese, aos estudos dos gêneros discursivos de Mikail Bakhtin e de *ethos* aristotélico no que tange a noção de estilo, em diálogo com o ponto de vista tensivo e a retórica tropológica e argumentativa. Esta última, como dito na introdução, a partir de estudos da Nova Retórica argumentativa de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) apresentada por uma sistematização das tipologias dos argumentos retóricos, os quase-lógicos, os baseados na estrutura do real, as ligações que fundamentam a estrutura do real e as dissociações das noções, aplicáveis nas análises de pregações cristãs midiático-digitais, as quais tomamos como corpos discursivos, baseando-nos em estudos de Discini (2015), as quais se manifestam sincreticamente, pois são realizadas em textos multissemióticos audiovisuais. Desse modo, a seguir, no capítulo III, trataremos dos conceitos teóricos que embasam esta pesquisa.

CAPÍTULO III

A SEMIÓTICA DISCURSIVA, O CORPO SENSÍVEL E A RETÓRICA

Este capítulo trata da semiótica discursiva, do corpo sensível e da retórica, apresenta os conceitos teóricos que irão embasar as análises, a problematização teórica da tese, além de apresentar os níveis do percurso gerativo do sentido inaugurados por Greimas (1975) e os desdobramentos tensivos, oriundos de estudos desenvolvidos por Zilberberg (2011), os níveis enunciativos a partir dos estudos de Benveniste (1966), revisitados por Fiorin (2001 [1996]) e os níveis de manifestação da enunciação (Cf. Zilberberg, Fontanille, 2001; Discini, 2015). Outrossim, este capítulo reflete sobre a retórica na semiótica tensiva, articulada à retórica argumentativa de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]); trata do humor de modo contextualizado ao meio cristão e em sua recorrência nas pregações analisadas; além de apresentar a conceituação dos textos sincréticos nos textos midiático-digitais e propõe pensar os estudos do semissimbolismo a partir da proposta tensiva.

3. OS NÍVEIS DO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

A teoria greimasiana (1975) tem como objeto de estudo o discurso, sendo esse, conforme explica Greimas (1975) da ordem da estrutura, que leva em consideração a natureza e a cultura. O termo “semiótica” é originário do grego *semeion*, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos, o estudo dos significados das linguagens. A semiótica discursiva é uma teoria que propõe a construção do sentido do texto por meio de seu plano de conteúdo na forma do que chama de *percurso gerativo de sentido*, como explica Fiorin (2002) é “um modelo que simula a produção e interpretação do significado, do conteúdo” (2002, p. 31).

Esse percurso organiza-se em níveis, do mais abstrato ao mais complexo, representados em três etapas. As três etapas do percurso são a) nível fundamental, b) nível narrativo e c) nível discursivo, tendo cada nível dois componentes, um sintático e um semântico, como na tabela a seguir:

	Componente Sintático	Componente Semântico
Estruturas semionarrativas	Nível profundo Sintaxe fundamental	Semântica fundamental
	Nível de superfície Sintaxe narrativa	Semântica narrativa

Estruturas discursivas	Sintaxe discursiva	Semântica discursiva
	Discursivização (actorialização, temporalização, espacialização)	Tematização figurativização

Tabela 1 - Organização dos níveis do percurso gerativo de sentido (Cf. Greimas; Courtés, 2020, p. 235)

a) NÍVEL FUNDAMENTAL

O primeiro nível do percurso gerativo do sentido é o fundamental, o qual possui as estruturas elementares mais simples e abstratas, onde surge a significação como uma oposição semântica mínima. A semântica do nível fundamental apresenta duas qualificações, eufórica, considerada como valor positivo e disfórica, considerada como valor negativo. Tais qualificações ocorrem de acordo com as intenções do discurso, em uma relação não de contiguidade, mas de diferença, oposição em uma relação de pressuposição recíproca, a esses há uma relação de contrariedade, como divindade *versus* humanidade (Fiorin, 2002, p. 19).

Ao aplicar uma relação de negação a cada um dos contrários, obtêm-se dois contraditórios, por exemplo, não divindade *versus* não humanidade. Cada um dos contraditórios, implica o termo contrário de que é o contraditório. Assim, não divindade implica humanidade e não humanidade implica divindade, chamados de subcontrários (Cf. Fiorin, 2002, p. 19).

O mito constrói-se com a junção de termos opostos. No universo mítico cristão, a partir da oposição semântica de base /divindade/ *versus* /humanidade/, teremos seres complexos como Cristo (divindade e humanidade) ou neutros como os anjos (nem divindade nem humanidade) (Fiorin, 2002, p. 19).

Conforme explica Fiorin (2002), a sintaxe do nível fundamental abrange as operações de negação e de asserção. Na sucessividade de um texto, ocorrem essas duas operações, o que significa que, tendo as oposições A *versus* B, as relações seriam: a) afirmação de A, negação de A, afirmação de B; b) afirmação de B, negação de B, afirmação de A (Fiorin, 2002, p. 20).

A título de exemplo, imaginemos um cristão e um não cristão. Dada a categoria /parcialidade/ (termo a) *versus* /totalidade/ (termo b), há a seguinte organização sintática fundamental: afirmação da /parcialidade/, quando cada um deles afirma seu ponto de vista; negação da /parcialidade/, no momento em que cada um se coloca como verdade absoluta, negando a existência do outro; afirmação da /totalidade/, quando se tem a compreensão da coexistência de cristão e não cristão como algo socialmente democrático, passível de escolha.

Tem-se desse modo, que a “semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso” (Fiorin, 2002, p. 20).

b) NÍVEL NARRATIVO

No nível narrativo, Fiorin (2002) faz uma distinção entre texto narrativo e narratividade, ao considerar que o percurso gerativo de sentido é aplicável a qualquer texto. A partir da noção de que todo o texto possui uma narrativa mínima (⁵⁹enunciado narrativo), pois constrói-se com início (estado inicial), meio (transformação) e fim (estado final). O autor argumenta que a narratividade está presente em todo texto, enquanto que a narração é uma classe determinada de texto (Id., Ibid, p. 21). Assim, o termo “nível narrativo” refere-se à narratividade e não à narração. Em uma narratividade, de estado inicial, transformação e estado final, haveria duas narrativas mínimas, a de início, por exemplo, não saber, e a do final, saber (Cf. Fiorin, 2002, p. 21).

Desse modo, entendida “como transformação de conteúdo, a narratividade é um componente da teoria do discurso. A narração constitui a classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizadas” (Id., Ibid, p. 21).

Quanto à sintaxe narrativa, os enunciados elementares organizam-se em enunciado de estado e o enunciado de fazer. No *enunciado de estado* a premissa básica é que há sempre um sujeito e um objeto em relação entre si, que pode ser de conjunção, em que o sujeito tem a posse do objeto e pode ser de disjunção, em que o sujeito tem a privação do objeto (Id., Ibid). Inserindo dentro do discurso religioso, tomemos os exemplos: “Pedro tem fé”/ “João não tem fé”. No primeiro enunciado, o sujeito está em conjunção com o objeto valor (fé); enquanto no segundo enunciado, o sujeito está em disjunção com o objeto valor (fé).

No *enunciado de fazer* ocorrem as transformações entre um estado e outro, o que possibilita a existência de duas narrativas mínimas, a de estado inicial, antes das transformações, e a de estado final, após as transformações. Há sujeitos que realizam ações, são os sujeitos do fazer, e há os que sofrem ações, são os sujeitos de estado, afetados quando da competência do sujeito da ação. Sujeito e objeto são papéis narrativos, que a depender do texto, podem ser coisas, pessoas ou animais (Id., Ibid).

Qualquer que seja a natureza do texto que pode ser desde uma imagem, uma propaganda, uma música, que em nossa pesquisa encaixa-se, a título de exemplo, a pregação religiosa (sermão homiliasta, mensagem bíblica, palavra amiga), são narrativas complexas, as quais se estruturam numa sequência canônica que compreende quatro fases, *manipulação*, competência, performance, sanção.

Na fase de manipulação, Fiorin explica (2002), que um sujeito age sobre outro para levá-

⁵⁹ Enunciado narrativo: é a unidade sintática mais simples da organização narrativa, em que dois actantes, sujeito e objeto, mantêm relação transitiva, de junção ou de transformação (Barros, 2005, p. 82).

lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. O autor (2002) esclarece que há inúmeros tipos de manipulação, como o pedido e a ordem, por exemplo, e descreve quatro tipos mais comuns: tentação, intimidação, sedução, provocação. Segundo Fiorin (Id., Ibid), se o manipulador propor ao manipulado uma recompensa (objeto valor) mediante um feito, tem-se a *tentação*. E se o manipulador ameaça o manipulado para que um feito ocorra, tem-se uma *intimidação*. E na hipótese de o manipulador levar a fazer manifestando um juízo positivo (elogio) sobre a competência do manipulado, há uma *sedução*. Se ele impele à ação, exprimindo um juízo negativo (ex. desaprovação/palavras desmotivadoras) a respeito da competência do manipulado, sucede uma *provocação* (Cf. Fiorin, 2002, p. 22).

A partir do exposto acima, segue tabela com as competências do manipulador:

	Competência do destinador-manipulador	Alteração na competência do destinatário
Provocação	SABER (imagem negativa do destinatário)	DEVER-FAZER
Sedução	SABER (imagem positiva do destinatário)	QUERER-FAZER
Intimidação	PODER (valores negativos)	DEVER-FAZER
Tentação	PODER (valores positivos)	QUERER-FAZER

Tabela 2 - Competências do manipulador - Reproduzida de Barros (2005, p.35).

O sujeito, ao adquirir competência, por meio de um saber e/ou poder fazer (objeto cognitivo), realiza a transformação central da narrativa. A performance é a mudança de um estado a outro, é a fase em que se dá a transformação, implica um poder e um saber realizá-la e, além disso, um querer e/ou dever executá-la. Enquanto a sanção ocorre mediante a atualização da *performance*, fase em que se distribuem prêmios e/ou castigos ao sujeito da *performance* (Barros, 2005, p. 35).

Sobre a sanção explica Barros (2005, p. 35):

A sanção é a última fase da organização narrativa, necessária para encerrar o percurso do sujeito e correlata à manipulação. Organiza-se pelo encadeamento lógico de programas narrativos de dois tipos: o de sanção cognitiva ou interpretação e o de sanção pragmática ou retribuição (Id., Ibid).

Há a chamada interpretação veridictória, mesmo que dinâmica veridictória, que consiste no destinador, a partir de uma leitura cognitiva de reconhecimento do sujeito, julgar o sujeito destinatário, de modo a averiguar suas ações e valores ao estabelecer relações. O destinador julga os estados resultantes do fazer do sujeito (Id., Ibid, p. 35).

Dessa forma, define-se verdadeiro o que parece e é; falso o que não parece e não é; mentiroso o que parece, mas não é; secreto o que parece e é. Para interpretar, o destinador-julgador verifica a conformidade ou não da conduta do sujeito com o sistema de valores que representa e com os valores do contrato inicial estabelecido com o destinador-manipulador. Cabe ao destinador-julgador comprovar se o sujeito cumpriu o compromisso assumido na manipulação. A interpretação faz-se, assim, em nome de uma ideologia, de que depende o sentido do percurso narrativo realizado (Id., Ibid).

Figura com as definições das categorias da veridicção:

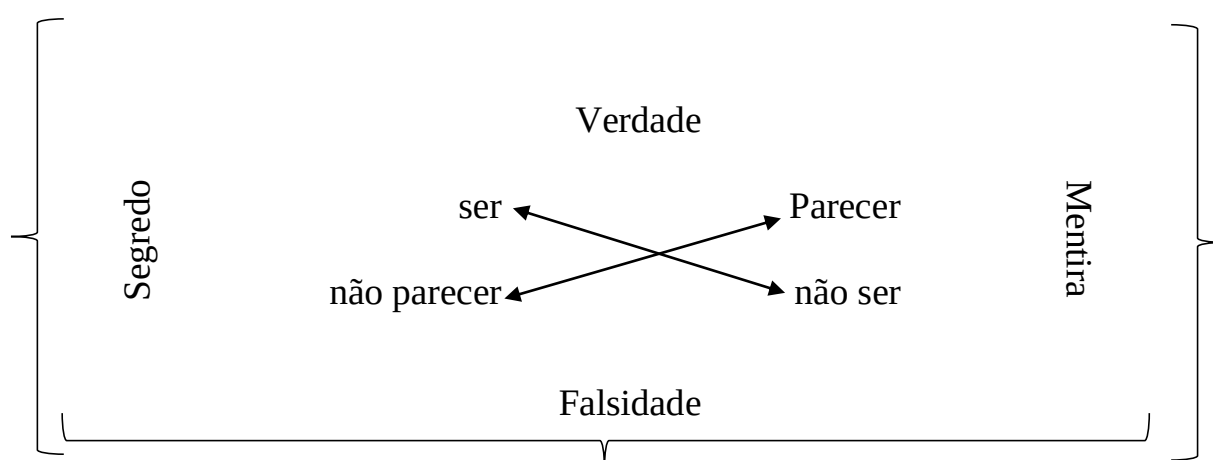


Figura 4 - Categorias de veridicção de acordo com ilustração de Greimas e Courtés (2020, p. 532).

Percebe-se acima, que a categoria da veridicção é constituída “pela colocação em relação de dois esquemas: O esquema parecer/não parecer é chamado de manifestação, o do ser/não ser, de imanência” (Greimas, Courtés, 2020, p.533).

Quanto às unidades sintáticas mais simples, percurso narrativo e programa narrativo, organizam-se em um esquema narrativo:

UNIDADES SINTÁTICAS	CARACTERIZAÇÃO	ACTANTES
esquema narrativo	encadeamento lógico de percursos narrativos	actantes funcionais: sujeito, objeto, destinador, destinatário
percurso narrativo	encadeamento lógico de programas narrativos	papéis actanciais: sujeito competente, sujeito operador, sujeito do querer, sujeito do saber etc.
programa narrativo	encadeamento lógico de enunciados	actantes sintáticos: sujeito de estado, sujeito do fazer, objeto

Tabela 3 - Unidades sintáticas de acordo com tabela reproduzida de Barros (2005, p.35).

O esquema narrativo, “unidade maior na hierarquia sintática da narrativa, que se define pelo encadeamento lógico dos percursos narrativos da manipulação (ou do destinador-manipulador), da ação (ou do sujeito) e da sanção (ou do destinador-julgador)” (Barros, 2005, p. 82), abriga o percurso narrativo percorrido pelo sujeito mediante um programa narrativo, os quais ocorrem em um esquema narrativo.

A noção de programa narrativo é de um “sintagma elementar da sintaxe narrativa de superfície, constituído de um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado (Greimas; Courtés, 2020, p. 388).

Entende-se por percurso narrativo “uma sequência de programas narrativos de tipos diferentes (de competência e de *performance*), relacionados por pressuposição simples” (Barros, 2020, p. 84). O percurso impõe-se “progressivamente, na medida em que implica não somente uma disposição linear e ordenada dos elementos entre os quais se efetua, mas também uma progressão de um ponto a outro, graças a instâncias intermediárias” (Greimas, Courtés, 2020, p. 362). Grosso modo, é o caminho percorrido pelo actante ao longo da narrativa.

c) NÍVEL DISCURSIVO

Por meio da semântica do nível discursivo é possível realizar as análises das figuras (figurativização) que se materializam nos temas (tematização), enquanto na sintaxe analisa-se as categorias de pessoa (actorialização), tempo e espaço. “Os discursos temáticos tratam os conteúdos de forma mais abstrata e os figurativos concretizam sensorialmente (com forma, cores, sons, gestos, cheiros) esses temas” (Barros, 2003, p. 51).

A figura é a recriação (simulacro) de algo existente no mundo natural, em que “figuras do conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial” (Id., 2011, p. 72).

A figurativização possui duas etapas, “a figurativização propriamente dita, que responde pela conversão dos temas em figuras” (Greimas; Courtés, 2020, p. 251). E a figurativização, dada por iconização, a qual corresponde a última etapa da figurativização, pois “tomando as figuras já constituídas, as dotam de investimentos particularizantes, suscetíveis de produzir a ilusão referencial” (Id., Ibid).

Há textos figurativos e temáticos, a depender do grau de concretude, pois há temas mais abstratos e outros mais concretos, sendo os abstratos de função predicativa ou interpretativa e os concretos com a função descritiva ou representativa (Cf. Fiorin 2002, p. 65). Os textos tematizam o nível narrativo e depois esse nível temático poderá ou não ser figurativizado (Id., Ibid, p. 64).

À recorrência de temas dá-se o nome de isotopia, inicialmente tida por redundância das categorias morfológicas sendo as unidades sintáticas de natureza hierárquica. Essas unidades sintáticas servem de quadros, dentro dos quais se situam as iterações, as repetições das estruturas morfológicas, as quais definem a concordância e dão conta da recção (regência e concordância) (Greimas, 1975, p. 93-94).

Dias e Silva (2022) esclarecem que a escolha do termo isotopia tem sua inspiração no trabalho do filósofo e físico Gaston Bachelard, que tentou descrever o simbolismo dos quatro elementos, terra, ar, fogo, água por meio de análises sêmicas. Segundo as autoras (2022) a observação desse fenômeno foi mais fortemente trabalhada pelo filósofo e físico em uma obra chamada *Poétique de l'Espace*. Afirmam ainda (Ibid) que foi antes dessa obra que o físico percebeu que os elementos classificatórios da matéria não eram simples nem unívocos, pois dentro da matéria terrestre, por exemplo, há a moleza da terra para o plantio e ao mesmo tempo, em um extremo, a dureza das rochas e ainda o simbolismo da água calma, que se opõe às águas revoltosas. Desse modo, as relações de oposição moleza vs dureza, por exemplo, estático vs dinâmico são pressupostas às matérias terra e água (Greimas, 1975, p. 78).

Desse modo, as autoras (Ibid) observam que Greimas (1975) nos mostra sua inspiração para estabelecer as bases de isotopia que se originam então da física, pela axiologia presente nos termos. Tal conceito se completa quando o autor nos remete ao termo *conector comum* e o define como aquele que liga uma isotopia a outra, formando uma cadeia de significação por recorrências semânticas.

Quanto à origem da palavra, ainda de acordo com Dias e Silva (2022), isotopia vem do grego, “*isos*”, significa igual, semelhante e “*topia*”, mesmo que *topos*, significa lugar. E por significar lugar de semelhança, consoante Dias e Silva (2022), isotopia também é um termo utilizado na química, que quer dizer ocorrência de átomos de um mesmo elemento químico que apresentam o mesmo número atômico e diferentes números de massa. O que traz a analogia de mesmo lexema, mesmo sintagma e no uso mais recente, mesmo texto e diferentes sentidos. Assim, a comparação recai entre o átomo e o texto (antes apenas semas) e entre a massa e o plano de sentido (Id., Ibid).

Em uma contribuição mais recente, Barros (2005), de forma sucinta, conceitua isotopia como “a reiteração de quaisquer unidades semânticas (repetição de temas ou recorrência de figuras) no discurso, o que assegura sua linha sintagmática e sua coerência semântica” (Barros, 2005, p. 81).

Segundo Bertrand (2003, p. 186), como afirmam Dias e Silva (2022), a isotopia não diz respeito à categorização em si, e sim aos desdobramentos das categorias semânticas ao longo

do discurso e pertence à dimensão sintagmática. E é aquela que “designa a iteração de semas ao longo de uma cadeia sintagmática, sendo reiteração dos elementos de significação e não das palavras, das figuras e não dos signos” (2003, p. 186).

Esclarecem Dias e Silva (2022), que Bertrand (2003) avalia a evolução do conceito de isotopia que, segundo ele, assentava exclusivamente nos clasemas. As definições posteriores, conforme explica o autor, são mais flexíveis, baseando no mesmo princípio de iterações são consideradas as recorrências, agora, qualquer que seja seu nível de reconstrução, sem limitar os clasemas (Bertrand 2003, p. 188).

Assim, isotopia na semiótica discursiva é, dentro de uma relação de diferenças, processo de iterações de temas e figuras organizados em estruturas sintagmáticas, que constrói o sentido no decorrer do enunciado, sendo possível um discurso dispor de mais de um plano de sentido, portanto mais de uma isotopia.

Conforme explica Fiorin, “[...] as dificuldades práticas para estabelecer esses universais semânticos e para definir regras [...]” (Fiorin, 2002, p. 11) forçaram os linguistas a analisarem unidades maiores. Desse modo, a Semiótica atualmente tem como unidade de sentido o discurso (Id., Ibid).

Para a análise da sintaxe discursiva, é necessário considerar o enunciado como “resultado alcançado pela enunciação, [a qual] aparece como a instância de mediação, que assegura a colocação em enunciado-discurso das virtualidades da língua” (Greimas; Courtés, 2020, p. 166).

Para a semiótica discursiva a enunciação é concebida como um componente autônomo da teoria da linguagem, como uma instância que possibilita a passagem entre a competência e a *performance* (linguísticas); entre as estruturas semióticas **virtuais**, de cuja **atualização** ela deve encarregar-se, e as estruturas **realizadas** sob a forma do discurso (Greimas; Courtés, 2020, p. 166 – grifo nosso).

Destacamos os termos “virtuais”, “atualização” e “realizadas”, a fim de trazer à tona a proposta da semiótica que leva em conta essas diferentes estruturas semióticas “que, dispostas em camadas de profundidades, constituem o percurso gerativo global, pois [...] considera que o espaço das **virtualidades** semióticas cuja **atualização** cabe à enunciação, é o lugar de residência das estruturas semionarrativas” (Greimas; Courtés, 2020, p. 167 – grifo nosso).

Além disso, ao tomar para si a enunciação como o lugar de competência, a semiótica discursiva tem que a enunciação é

ao mesmo tempo a instância de instauração do sujeito, o lugar que se pode denominar *ego*, *hic et nunc* é, antes da sua articulação, semioticamente vazio e semioticamente ((enquanto depósito de sentido) demasiado cheio: é a projeção (através dos procedimentos aqui reunidos sob o nome de *debreagem*), para fora dessa instância tanto dos actantes do enunciado quanto das coordenadas espaçotemporais, que

constituem o sujeito da enunciação por tudo aquilo que ele não é; é a rejeição (através dos procedimentos denominados embreagem) das mesmas categorias, destinada a recobrir o lugar imaginário da enunciação, que confere ao sujeito o estatuto ilusório do ser (Greimas; Courtés, 2020, p. 167).

Desse modo, as instâncias da enunciação/instauração do sujeito assim se organizam:

Estruturas semionarrativas		Estruturas discursivas
Nível fundamental	Nível narrativo	Nível discursivo
Virtualidade	Atualização	Realização
⁶⁰ Competência	<i>Performance</i>	Manifestação no discurso
(Estrutura modal) “[...] um saber-fazer)/ [...] Aquilo que faz ser” (Greimas; Courtés, p. 75)	“[...] é um fazer produtor de enunciados” (Greimas; Courtés p. 75).	Implica as modalidades veridictórias (Cf. Greimas; Courtés, p. 300). • É na realização que é possível analisar o procedimento de debreagem.

Tabela 4 - As instâncias da enunciação/instauração do sujeito. Elaboração própria a partir de Greimas e Courtés (2020, p. 166-167).

Assim sendo, a enunciação é instância linguística pressuposta ao enunciado, que se dá na mediação entre as virtualidades do sistema e as realizações discursivas; enquanto a instância de instauração do sujeito se define como a instância de um *ego* (eu), *hic* (aqui) *et nunc* (agora), pois sempre há um eu que se dirige a um tu, em um espaço e num tempo. Assim, enunciação e sujeito são logicamente pressupostos ao enunciado (Greimas; Courtés, 2020, pp. 159-162).

De acordo com Greimas e Courtés (2020, p. 166), Benveniste atribui à enunciação a noção de “ato de linguagem, sempre em sua singularidade”, diferenciando-se da noção de enunciação da semiótica discursiva. Embora haja essa distinção conceitual em torno da enunciação, o enunciado, resultado alcançado pela enunciação, tem o discurso analisado nas categorias de pessoa, tempo e espaço, por meio dos pressupostos teóricos de Benveniste sobre os embreadores, mecanismos de instauração de pessoa, espaço e tempo no enunciado, a embreagem e a debreagem (1995 [1986]).

Sobre a questão dos níveis enunciativos, na categoria de pessoa, Fiorin (2001 [1996]) assinala, seguindo as ideias de Benveniste (1995 [1986]), que há vários níveis de “eu” no interior do discurso. Desse modo, o “eu” pressuposto, que nunca aparece dentro do texto, é o

⁶⁰ [...] a competência é uma **competência modal** que pode ser descrita como uma organização hierárquica de modalidades (ela será fundamentada, por exemplo, num querer-fazer ou num dever-fazer que rege um poder-fazer ou um saber-fazer). Deve distingui-la da **competência semântica** (no sentido mais lato da palavra semântica, o que se dá, por exemplo, quando dizemos que a estrutura profunda de uma língua e de natureza lógico-semântica), cuja forma mais simples é o programa narrativo virtual. Uma vez que as reunamos, essas duas formas de competência constituem o que se pode chamar de **competência do sujeito** (Greimas; Courtés, p. 76 – grifo do autor).

enunciador, o qual é o *ethos* discursivo, é a imagem do enunciador que o texto cria, é aquele que possui um caráter, uma voz e um corpo, apreendidos quando da análise da totalidade de suas obras, não sendo admitida nunca a análise do escritor de carne e osso (Fiorin, 2001 [1996]). Quanto ao enunciatário, é tido como a imagem pressuposta do leitor, criada também pelo texto (Id., Ibid, pp. 64-67).

Já o “eu” projetado no enunciado, é o narrador, representa o primeiro grau, é o que conta a história, projetando-se ou não no interior da história. O “tu” do narrador é o narratário. Já na instância de segundo grau, o “tu” do interlocutor é o interlocutário.

Debreagem é a “[...] expulsão, da instância de enunciação, de termos categóricos que servem de suporte ao enunciado (Greimas; Courtés, 2020, p. 159).

A debreagem é a instauração da pessoa, tempo e espaço (eu-aqui-agora) no seu valor próprio e se organiza em dois tipos, uma enunciativa e outra enunciva. Os textos enuncivos estão na debreagem enunciva, aquela em que se instauram no enunciado os actantes do enunciado (ele), o espaço do enunciado (algures) e o tempo do enunciado (então), cujo texto é narrado em terceira pessoa, o que gera efeito de sentido de objetividade, mecanismo que produz o enunciado enunciado, “sequência enunciada desprovida de marcas da enunciação” (Fiorin, 1995, p. 24).

Destarte, Fiorin (2001 [1996]) define que dentro do enunciado há o processo enunciativo chamado enunciação enunciada, o qual ocorre na debreagem enunciativa; consiste no conjunto de marcas identificáveis no texto, que remetem à instância da enunciação, a qual comporta frequentemente elementos como pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos e advérbios apreciativos, dêiticos espaciais e temporais, analisáveis no plano de conteúdo. A enunciação enunciada (ou narrada) é o “simulacro que imita, dentro do discurso, o fazer enunciativo: o “eu”, o “aqui” ou o “agora”, encontrados no discurso enunciado” (Greimas; Courtés, 2020, p. 168).

Bertrand (2003), a respeito de enunciação enunciada, diz que ela “instala, de maneira simulada, a presença e a atividade do sujeito da fala, as do narrador e as das personagens” (Bertrand, 2003, p. 83). Assim, a debreagem enunciativa é aquela em que se instalam no enunciado os actantes da enunciação, trata-se de texto narrado em primeira pessoa, cujo efeito de sentido é de subjetividade.

A enunciação reportada, ocorre também no processo de enunciação enunciada, portanto debreagem enunciativa, tem como definição o fato de que “⁶¹corresponde a um simulacro no

⁶¹ “[...] correspond à un simulacre – à l’intérieur du discours – la relation de communication entre l’énonciateur et l’énonciataire” (Courtés, 1989, p. 49, original).

interior do discurso da relação de comunicação entre enunciador e enunciatário (Courtés, 1989, p. 49). Na enunciação reportada [discurso direto], os “[...] actantes que falam, o espaço e o tempo simulam os elementos correspondentes da enunciação. Com efeito, o narrador dá a palavra a outrem, que passa a dizer eu [...]” (Fiorin, 1995, p. 25).

Quanto à embreagem, tem como definição:

[...] o efeito de retornar à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado. Toda embreagem pressupõe, portanto, uma operação de debreagem que lhe é logicamente anterior” (Greimas; Courtés, 2020, pp. 159-160).

A embreagem, assim como a debreagem, organiza-se em enunciva e enunciativa, as quais têm a suspensão de certos termos das categorias de pessoa, de espaço e de tempo, ao utilizar terceira pessoa no lugar de primeira, o que promove um procedimento chamado “neutralização” (Greimas; Courtés, 2020, p. 159-162). A embreagem enunciva, é a “embreagem que visa ao retorno à instância da enunciação” (Id., Ibid, p. 161). Seria um “eu” dizer algo sobre si mesmo como se outro dissesse. A título de exemplo, “João disse que é humorista” [dizendo sobre si mesmo]. Greimas e Courtés (2020) explicam a embreagem enunciva por meio do exemplo de um general dizendo sobre si mesmo o seguinte enunciado: “ “O general de Gaulle pensa que...[...], estaria utilizando uma embreagem” (Id., Ibid, p. 160).

Quanto à embreagem enunciativa, é a “embreagem de segundo grau ou interna, a qual se efetua no interior do discurso quando o sujeito visado já está aí instalado” (Id., Ibid, p. 161). A título de exemplo, no enunciado “Ele é humorista”, mas quem enuncia é o próprio falante dizendo sobre si mesmo, fez, neste caso, uso de embreagem actancial enunciativa, cujo efeito é de objetividade (dizer algo sobre si como se alguém dissesse sobre outro). No entanto, tratar em terceira pessoa, nesse caso, é estratégia de neutralização da primeira pessoa, a fim de sair da ideia de subjetividade, ao proferir algo sobre si mesmo. Greimas e Courtés (2020), a esse respeito dá exemplo de um trabalhador dizendo sobre si mesmo: “Trabalhas bem, meu rapaz”, o que teria uma debreagem logicamente pressuposta (Id., Ibid, p. 160).

Desse modo, de acordo com exemplos expostos acima, observamos que há uma:

[...] distinção entre a embreagem enunciva (cf. Supra exemplo do general de Gaulle) e a embreagem enunciativa (o rapaz trabalhador); entre a embreagem que visa ao retorno à instância da enunciação e a embreagem de segundo grau – ou interna- que se efetua no interior do discurso quando o sujeito visado já está aí instalado (cf. Os dois amigos de Maupassant, cuja “interioridade” é constituída pela embreagem de suas recordações) (Greimas; Courtés, 2020, p. 161-162).

Há ainda a embreagem homocategórica e heterocategórica. A embreagem

homocategórica ocorre “[...] quando a debreagem e a embreagem que a seguem efetuam a mesma categoria a de pessoa, a do espaço ou a do tempo [...] (Id., Ibid, p. 162). Enquanto a heterocategórica “quanto à categoria debreante e a embreante são distintas” (Id., ibid).

O que depreendemos como importante da embreagem é a distinção do discurso mais voltado para a objetivação, uso da terceira pessoa, pois cria, no caso, uma dimensão institucional, de autoridade, ou mais para subjetivação, uso da primeira pessoa, estando toda embreagem precedida de uma debreagem (Id., Ibid, p. 159-162).

Conforme nos orienta Fiorin (2001 [1996]), pautando-se em Benveniste (1966), é em relação ao agora da enunciação, que se estabelece o tempo linguístico. Há três tempos, o tempo do momento da enunciação, concomitante ao momento da enunciação (tempo presente); há os tempos não concomitantes ao momento da enunciação, que correspondem a um antes ao momento da enunciação e a um posterior ao momento da enunciação, são respectivamente pretérito e futuro, dos quais falaremos a seguir.

A dinâmica estabelecida por Benveniste (1966), segundo Fiorin (2001 [1996]) é a seguinte:

Como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do "sujeito", tomado como ponto de referência. Assim, espaço e tempo estão na dependência do eu, que neles se enuncia. O aqui é o espaço do eu e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito (Fiorin, 1995, p. 26)

Em relação ao momento da enunciação, Fiorin (2001 [1996]) orienta que há três momentos de referência (MR), como mecanismos: MR presente; MR pretérito e MR futuro. Para o momento de referência presente, há três possibilidades, são elas, um concomitante em relação ao agora, que é o presente simples; um anterior em relação ao agora, que é o pretérito perfeito e um posterior em relação ao agora, que é o futuro do presente (Fiorin, 2001 [1996], p.147).

Para o momento de referência pretérito, Fiorin (2001 [1996]) nos explica sobre a questão do aspecto, pois o concomitante do pretérito se realiza, na língua portuguesa, em dois tempos diferentes, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito. O aspecto, como já vimos, é um ponto de vista sobre o desenrolar da ação expressa no tempo pelo verbo. Há dois aspectos em uma língua, o perfectivo e o imperfectivo. O aspecto perfectivo indica que o acontecimento está acabado, trata-se de um fato pontual, é um ponto no tempo, que no português é indicado pelo pretérito perfeito.

O imperfectivo indica que a ação está em andamento, por isso é durativo, e em português é indicado pelo pretérito perfeito e imperfeito.

O imperfeito durativo pode ser de duas formas, durativo inceptivo, que ocorre quando se verifica a ação no início, como no exemplo “Eu comecei a assistir ao vídeo do padre”; e o durativo cursivo, que ocorre quando a ação está em andamento, como no exemplo “Eu estudava a Palavra de Deus”. E por último, durativo terminativo, como no exemplo, “Acabei de comprar isso”.

Para melhor compreensão, a partir de Fiorin (2001 [1996]) organizamos uma tabela:

Aspecto do tempo			
Perfectivo	Acontecimento está acabado, fato pontual, é um ponto no tempo.	Em português é indicado pelo pretérito perfeito.	
Imperfectivo	Ação em andamento, por isso é durativo, e em português é indicado pelo pretérito perfeito e imperfeito.	Imperfectivo durativo	Durativo inceptivo (Ação no início/pretérito perfeito)
			Durativo cursivo (Ação está em andamento/pretérito imperfeito)
			Durativo terminativo (Ação terminada/pretérito perfeito)

Tabela 5 – Aspecto do tempo com base na proposta de Fiorin (2001 [1996]).

Assim sendo, o ponto de vista sobre o desenrolar da ação (aspecto) deve observar as relações de correspondência entre o modo indicativo do período simples da língua portuguesa com os marcos temporais com suas concomitâncias, anterioridade e posterioridade. Para tanto, Fiorin (2001[1996]) esclarece um ponto importante sobre a relação de correspondência de sentido entre os verbos simples e composto, que julga não terem sentidos equivalentes, excetuando-se apenas o pretérito mais-que-perfeito simples e composto, como no exemplo “Tinha saído” e “saíra”, os quais têm o mesmo sentido, embora o composto expresse ação mais acabada.

Fiorin (2001 [1996]) assinala que há duas possibilidades de Momento de Referência (MR). MR pretérito, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito, como já dito acima. E que independente de qual das duas possibilidades seja estabelecida como MR, terá como não concomitantes o pretérito mais-que-perfeito como anterioridade e o futuro do pretérito como posterioridade.

É necessário ainda, atentar-se que para estabelecer o MR concomitante importa ater-se aos advérbios de tempo e adjuntos adverbiais de tempo, além dos indicadores de espaço, os dêiticos, embreadores, elementos que apontam para as pessoas da fala, para os tempos relacionados ao presente da enunciação.

Fiorin nos explica que o MR futuro, difere bastante dos demais MR, porque contém novas

nomenclaturas bem distintas do que conhecemos do modo indicativo. De acordo com o linguista brasileiro, o futuro do presente passa a ser chamado de presente do futuro e será o concomitante ao MR futuro. E terá como não concomitantes, nomenclaturas conforme a tradição no latim, sendo chamado de futuro anterior ao tempo de anterioridade e o futuro do futuro como posterioridade.

O tempo da enunciação se filia exatamente às formas verbais, pois pode se repetir, como para expressar o presente do futuro e o futuro do futuro usa-se a forma verbal futuro do presente, aquela que já conhecemos do modo indicativo. Assim, as formas verbais do tempo físico cronológico estão subordinadas ao tempo da enunciação.

Quanto a debreagem temporal, organiza-se em enunciativa quando os tempos forem pretérito ou futuro; e enunciativa quando o tempo for presente (Fiorin, 2001 [1996], p. 150), enquanto que a embreagem temporal, usa-se um tempo com valor de outro. Conforme Fiorin (2001 [1996]), Benveniste mostra o espaço como um dos elementos do aparelho formal da enunciação. Os marcadores de espaço na língua portuguesa são os pronomes demonstrativos, advérbios de espaço e adjuntos adverbiais de espaço. Os pronomes demonstrativos de primeira e segunda pessoas pertencem ao espaço da enunciação e a terceira pessoa ao espaço fora da enunciação. A título de exemplo, “este” e “esse” referem-se ao espaço enunciativo e “aquele” ao espaço não enunciativo.

Quanto aos advérbios de espaço, Fiorin (2001 [1996]) apresenta como sistema ternário, aqui, aí, ali; e um sistema binário, cá, lá. No sistema ternário, “aqui” é o lugar do “eu”, “aí” é o lugar do “tu”, ambos pertencentes ao lugar da enunciação. E “ali” é o lugar fora da enunciação. Entretanto, Fiorin observa um quase desaparecimento do “cá”, por isso nos apresenta outra ordem: “aqui” e “aí” como do lugar da enunciação, e “ali”, “lá”, “acolá” como o lugar fora da enunciação. Quando esses marcadores aparecem no enunciado, significa que a enunciação parte do espaço enunciativo, temos uma debreagem enunciativa.

Por outro lado, há os marcadores de espaço enuncivo, muito comum em descrição de ambientes, são eles, “alhures”, que se refere a outro lugar, “algures” que se refere a algum lugar, e “ nenhures” que se refere a nenhum lugar, embora em muitas situações seja possível aparecer o “lá” ou “ali” como enuncivo, não estando em relação ao aqui.

Neste item, foram apresentados os níveis do percurso gerativo de sentido, o qual se mostrou um ferramental teórico-metodológico importante para análise interpretativa do plano do conteúdo, pois é pressuposto ao que se considera semiótica *standard*, o que se entende como proposta primeira da semiótica discursiva. No próximo item, trataremos dos desdobramentos tensivos resgatados nesta tese para a análise do corpus.

3.1 OS DESDOBRAMENTOS TENSIVOS

Com o surgimento das mídias digitais, a produção de textos multissemióticos são cada vez mais frequentes nas práticas sociais, o que passa a exigir ferramentas teórico-metodológicas que possam dar conta das novas construções composicionais. Enveredamos pelos caminhos dos desdobramentos tensivos para dar conta dessa demanda midiática, não em detrimento de outras possibilidades, mas por delimitação da pesquisa, como assim também o fez Discini (2015), ao tratar de estilo de gênero, vinculando-se à tensiva, como Silva (2011;2020) que tratou das totalidades religiosas vinculando-se à tensiva e a retórica.

Assim sendo, ao considerarmos a constituição plena do texto, expressão e conteúdo, a semiótica discursiva “busca examinar também o plano da expressão daqueles textos em que esse plano faz mais do que expressar o conteúdo, como ocorre, por exemplo, nos textos de função estética (poema, pintura, cinema, quadrinhos etc.) (Castro; Portela, 2018, p.4). Desse modo, “o plano da expressão pode não se limitar a expressar o conteúdo (como nos textos com função utilitária); nesse caso, ele cria novas relações com o conteúdo, contribuindo para a significação global do texto” (Lara, 2011, p. 3).

Nesse sentido, propomos pensar as camadas de profundidade da enunciação/instauração do sujeito (Greimas; Courtés, 2020, p. 167), em uma articulação com a tensividade, um desdobramento da teoria de Greimas (1975), desenvolvido em estudos de Zilberberg (2011), descrito na obra *tensão e significação* e resgatado por Discini em uma proposta de estilo de gênero.

Fontanille e Zilberberg (2001) admitem atrelar a problemática da presença à da enunciação, de modo a “introduzir as “variedades enunciativas da presença, controladas pela instância trinitária da enunciação: actante, espaço e tempo [...] [partem] da pressuposição recíproca entre [...] campo de presença e domínio espaciotemporal” (Fontanille; Zilberberg, 2001, pp. 124-125).

Os autores propõem isolar “cada uma das três dimensões da dêixis enunciativa e [considerá-las] como categorias tensivas” (Id., Ibid). Assim, a partir de uma articulação semiótica mínima, em que o próximo à manifestação é a presença realizada e o distante é a presença virtualizada, esta última, mais profunda, ao se projetar na competência do sujeito da percepção, dá lugar à dialética dos pontos de vista (Cf. Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 126).

O sujeito instaurado no campo de presença, do ponto de vista do sujeito, em presença realizada, esse sujeito tem a presença, quase unânime, como apreendida pelo espanto [...]. Na tensiva o “eu” semiótico é “[...] o eu sensível, afetado, muitas vezes atônito” (Id., Ibid, p. 126-

128).

Há dois elementos de tensividade na proposta de Zilberberg (2011, pp. 69 a 250): A intensidade e a extensidade. A intensidade tem a ver com o andamento, se rápido ou lento e com a tonicidade, se forte (tônica) ou fraca (átona). Enquanto a extensidade tem a ver com a temporalidade, ou seja, o pervir, longo, ou sobrevir, o breve. Ainda na extensidade tem a ver com a espacialidade que pode ser espaço aberto ou espaço fechado.

Fontanille (2007) assim define a estrutura tensiva:

[...] é um modelo que procura responder às questões deixadas em suspenso pelos modelos clássicos. Na verdade, ela situa a representação das estruturas elementares na perspectiva de uma semântica do contínuo. Além disso, articulando um espaço tensivo das valências e um espaço categorial dos valores, a estrutura tensiva (Fontanille, 2007, p. 58).

A proposta é que haja um nível tensivo-fórico regido pelo princípio da descendência, ou seja, dividir a tensividade em dois regimes, chamados de remissivo (retenção) e emissivo (continuidade), a chamada missividade proposta no livro *Razões e Poética do Sentido* (Zilberberg, 2006, p. 129-147). Assim, a tensividade de ambos (fazer missivo e remissivo) fica em suas atuações dentro do fazer missivo, em que remissivo é a parada, a retenção, enquanto o emissivo é a continuidade, a parada da parada. No nível narrativo em um antiprograma, o regime seria remissivo, visto que provoca a parada do percurso do sujeito, uma concessão. Enquanto em um programa, o regime seria emissivo, promovendo a parada da parada, uma implicação.

Recuperamos as ideias de Discini (2015) quanto a potencialização da dêixis da ausência a fim de considerar a tensiva como um desdobramento da semiótica discursiva. A autora explica que ao recuperar o conceito de potencialização formulado por Tatit (2010), que “ao tornar “latente e inativo” o que era realizado no nível discursivo, a potencialização firma-se como átona” (Discini, 2015, p. 29). Para Tatit (2010, p. 155) “potencializar significa passar de um estado de realização para um estado ‘potencial’, latente, inativo, configurando uma amenização do impacto da experiência para que esta possa durar na mente do indivíduo” (Tatit, 2010, p. 155).

A partir das considerações acima sobre a enunciação e instauração do sujeito, tomemos as contribuições de Discini (2015) expostas no esquema a seguir:

com um destinatário, no exercício de dever fazer o enunciatário saber de alguma coisa e crer naquilo que é veiculado via semiose” (Discini, 2019, p.89).

Esse destinador, diante de um *tu* pressuposto, cuja noção se dá por um sujeito de estado do crer-dever-fazer, constrói-se como um sujeito de ação do fazer-crer naquilo que se enuncia. Assim, o discurso, no nível discursivo, é semantizado dentro de valores cristãos, por um destinador, cujo mover se dá pela expectativa de mais visualizações do destinatário e modula-se e toma corpo no desempenho de papéis temáticos, dispostos na figurativização fundamentados na bíblia (discurso fundador).

Vejam os a seguir, a respeito da instauração do sujeito no campo de presença:

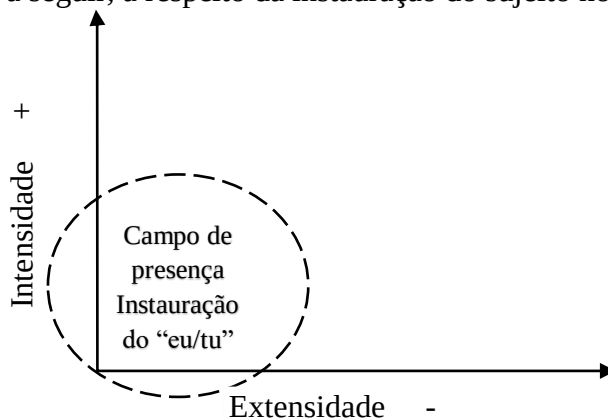


Gráfico 1 - Representação da instauração do sujeito no campo de presença (Cf. Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 128).

O estilo (*ethos*) é apreendido por meio da análise do aspecto, na sintaxe do nível discursivo, cuja noção, conforme explica Fiorin (2001) é um ponto de vista sobre o desenrolar da ação expressa no tempo pelo verbo.

Ainda é possível pensar o aspecto na própria fala dos atores (pregadores), de acordo com os encadeamentos das ideias e uso dos verbos durante o discurso, sendo as recorrências constituintes do estilo. Segundo Zilberberg (2011), há quatro categorias aspectuais, a minimização, a atenuação, de um lado, enquanto do outro lado o restabelecimento, o recrudescimento. Tais categorias conferem um ritmo, o qual atua pelos princípios de iteratividade (repetição) e de sucessão (sequência sem interrupções), na oscilação entre um estado e outro (Zilberberg, 2011, p. 84-86).

O perfil do interlocutário (internauta) e o perfil do interlocutor (ator da enunciação) surgem a partir de um contrato de fidúcia, ou seja, de confiança (entre um *eu* e um *tu*), estabelece-se, desse modo, a veridicção, processo de enunciação crítico da verdade, tratado na semiótica discursiva como a dinâmica veridictória: articulação entre parecer e ser. Essa premissa parte do ponto em que a “verdade”, para ser dita e assumida, tem de deslocar-se em

direção às instâncias do enunciador/destinador e enunciatário/destinatário. Não mais, se imagina que o enunciador/destinador produza discursos verdadeiros, mas discursos que produzem efeito de sentido “verdade” ” (Greimas; Courtés, 2020, p. 531). Trata-se do fazer persuasivo, no qual Discini (2015) constrói sua proposta de estilo.

Quanto a dinâmica veridictória estabelecida no percurso dito *standard* permanece e ganha, a partir de contribuições de Mancini (2023), com base nos estudos de Zilberberg (2011), uma leitura tensiva, a partir da ideia de que o contrato de veridicção insere-se no enunciado, de modo implícito ou explícito, em proposta estabelecida pelo enunciador e reinterpretada pelo enunciatário, sendo este enunciatário o sujeito afetado (sofre a ação) e o enunciador o sujeito ativo (Baldan, 1988, p. 50). Assim, “[...] o sujeito sofre um parecer e age decidindo um ser [...]” (Lisboa; Mancini, 2023, p. 19).

Assim, a semiótica tensiva formula que o sobrevir causa um sofrimento e chama o sujeito a se reorganizar e (re)agir” (Id., Ibid). De acordo com os autores, essa reorganização e reação “fazem com que se sucedam momentos em que ele [sujeito aturdido/sujeito do estupor] [tenha] sua capacidade de ação reduzida pelo assomo e depois revigorada pela apreensão deste por suas capacidades inteligíveis” (Id., Ibid).

De um sujeito do estupor, não costumamos dizer familiarmente que é preciso esperar até que ele “volte a si”? Dessa maneira, a descendência e a ascendência apresentam-se como as duas esferas disjuntas da existência semiótica imediata: a vivência, ou seja, o vaivém incessante entre essas duas esferas, põe o sujeito à prova (Zilberberg, 2011, p. 25).

Lisboa e Mancini (2023), a partir da noção de modo de existência da veridicção/enunciação, virtual, atual e real (Greimas; Courtés, 2020, p. 46), apresentam um modelo para localizar a veridicção entre as instâncias enunciativas. Os autores propõem as instâncias da veridicção a partir das instâncias da enunciação, de acordo com citação a seguir:

1. No virtual, está o repertório do sujeito que permite a apreensão de algo que parece, e as categorias que fundamentam o julgamento de algo que é ou não. Cá estão o crer do sujeito em um contrato que o modaliza;
2. Ao atualizar, o parecer emerge dessa estrutura, como “forma inovadora” e solicitante. O sujeito é dotado de um saber e de um poder: ele apreende o que parece e advém do discurso – quais características fazem com que pareça;
3. Ao realizar, o sujeito executa o julgamento: essas características têm fundamento de acordo com o conjunto de valores virtualizado? Elas preenchem as categorias necessárias do “ser” compartilhado? Como diz Fontanille (2007, p. 277), a forma é descrita e ganha “um estatuto de realidade”;
4. A potencialização que retorna ao virtualizado é a diluição desse julgamento: a veridicção. Ela alimenta o sistema, expandindo-o ou reforçando-o, ampliando ou reorganizando a capacidade de julgamento do sujeito (Lisboa; Mancini, 2023).

Lisboa e Mancini (2023) apresentam a articulação entre o parecer e o ser, no modelo tensivo, com a dinâmica continuidade/abertura/aceleração, a qual considera as relações: 1) se

parece e é = é verdadeiro/verdade, então é implicativo, parada da parada e 2) se não parece e não é = é falso/falsidade, então é implicativo.

Ao atualizar os valores pertencentes ao virtualizado, o parecer projeta uma expectativa, um encaminhamento de certa forma lógico que Zilberberg chama de implicativo. O parecer clama por ser, pois não surpreende que ele seja. Da mesma forma, o não parecer argumenta em favor de um veredicto pelo não ser (Id., Ibid, p. 21).

Por outro lado, na dinâmica descontinuidade/fechado/desaceleração, a articulação proposta pelos autores considera as relações: 1) não parecer mas não é = falso/falsidade, então implicativo e, 2) Parecer mas não é = segredo, então concessivo (Cf. Lisboa; Mancini, 2023, p. 21).

De acordo com os autores, a partir das lógicas implicativas e concessivas, a intenção é “diferenciar, de um lado, verdade e falsidade, e, do outro, mentira e segredo, a proposta também busca entender o impacto tensivo que essas modalidades produzem no sujeito, surpreendendo-o ou confirmando suas expectativas de diferentes formas dentro desses gradientes” (Cf. Lisboa; Mancini, 2023, p. 21).

3.1.1 AS DENSIDADES DE PRESENÇA ENQUANTO CORPO DISCURSIVO

Encontramos a utilização da noção de corpo discursivo nos estudos da semiótica discursiva e do discurso religioso também na tese de Cardoso, intitulada *Corpo e presença na Bíblia Sagrada*, defendida em 2017, ao dialogar com nossa proposta quanto à questão da corporeidade. A pesquisa de Cardoso tem como propósito contribuir para elucidação dos motivos pelos quais a Bíblia Sagrada encontra leitores na atualidade. Para tanto, o autor (2017), recorre à Análise do Discurso de linha francesa, para reconhecer a Bíblia Sagrada como discurso fundador, da qual seleciona dois livros, o Evangelho de Lucas e Atos dos apóstolos e propõe estudá-los no campo da semiótica discursiva, considerando seus desdobramentos tensivos, a presença da ordem da estesia e a percepção da ordem do sensível.

O autor (Ibid), busca demonstrar como é constituído, nos livros narrativos da Bíblia Sagrada, o corpo do enunciador divino que sensibiliza e mobiliza o enunciatário, sendo o corpo do enunciatário entendido como o corpo que sente e faz emergir o sentido do discurso religioso. Para tanto, investiga, por meio de suas análises, os mecanismos de produção de sentido discursivizados na Bíblia Sagrada, tida como Palavra Revelada de Deus. A hipótese central de sua tese é de que o texto bíblico discursiviza o mundo divino e seus atores e produz, em termos de presença, um impacto que mobiliza o enunciatário, como corpo sensível, a um fazer

interpretativo, que o sanciona como Palavra Revelada de Deus e transforma o estado epistêmico do enunciatário e demanda dele uma resposta cognitiva e ética orientada pela axiologia cristã.

Para Cardoso (2017), o corpo do destinador divino, tido como Arqui-Destinador e Destinador transcendente, presentifica-se no texto bíblico, na qualidade de enunciado marcado por pessoa, tempo e espaço definidos; constrói para si o sentido de discurso onnipessoal, omnitemporal e omniespacial. Defende que os textos bíblicos constroem na enunciação enunciada, uma peculiar cena enunciativa, em que o enunciador é o sujeito de uma *performance* que constitui o mundo divino. Para tanto, o autor (Ibid, p. 103), pautando-se nos desdobramentos tensivos e sensíveis, especialmente na obra de Tatit (2010), trabalha o conceito de destinador transcendente, como actante essencial, responsável pelas transformações, sendo função transitiva que articula disjunção e conjunção como estágios de um mesmo processo, mantendo o sujeito em continuidade, estando este sujeito em constante busca de junção. Esse destinador transcendente, seria pressuposto em todas as etapas do percurso e “paira sobre todas as operações executadas e as paixões vividas pelo sujeito ao longo de sua trajetória” (Tatit, 2010, p. 20).

As proposições mobilizadas por Cardoso (2017), apresentam distintas instâncias enunciativas do destinador, as quais dialogam com nossa proposta, pois as noções de corpo do enunciador e corpo do enunciatário são pautadas nos estudos de Discini (2015), Fontanille (2011) juntamente com os desdobramentos tensivos de Zilberberg (2011), analisáveis no percurso gerativo de sentido inaugurado por Greimas (1975), tornam suas contribuições importantes fontes de pesquisa para concatenação do corpo religioso no mundo midiático-digital que engendramos nesta pesquisa, visto nossa tese também pautar-se nos pressupostos teóricos da semiótica discursiva, embora nossa empreitada não seja o mundo divino, mas sim o mundo midiático-digital.

Para tratar do corpo discursivo nesta tese, considerando que na semiótica discursiva há três níveis no percurso gerativo de sentido, fundamental, narrativo e discursivo, assim também o é na conceituação do corpo discursivo, pois uma grandeza materializa-se a partir da instauração do corpo no campo de presença entre as valências; corpo este que se:

“[...] atrela a problemática da presença a da enunciação e constrói uma metalinguagem comum à estas duas instâncias, permitindo que ambas sejam tratadas, [conforme dissemos em item anterior nesta tese], como variedades enunciativas da presença, controladas pelas categorias dêiticas de pessoa, espaço e tempo” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 124-125).

Considerando o enunciado como corpo realizado, as análises dos enunciados contemplam o ponto de vista temporal, considerando as continuidades e discontinuidades dos elementos

participantes do sentido do conjunto significante, no tempo e no espaço, considerando o andamento e a tonicidade que os controlam, tanto no ponto de vista da expressão quanto do conteúdo, visto que a expressão é entendida como o modo de estabilizar o processo (texto).

A noção de quase-presença, é a mesma de enunciação, que emerge concomitantemente à formação de um corpo, em uma metalinguagem. Assim sendo, entendemos a semiose, tida como o processo de significação, implicada em uma profundidade passional, que passa a ser vista como afetiva, assim, tendo afeto e ação, entende-se que há, obviamente, um corpo.

O corpo semiótico não está no registro da psicologia, pois não se trata do nível psicológico do corpo, mas sim como parte constituinte do processo de significação. Em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1994, p. 208), apresenta-nos como noção de estilo a modalidade de existência, presentificada nas sensações táteis, que a título de exemplo, apresenta a percepção da mão ligada às percepções visuais dessa mesma mão, outrossim, às percepções dos outros segmentos do corpo, sendo a maneira de gesticulação implicada a um certo estilo.

Podemos dizer que há dois corpos em uma incompletude, sendo um eu e um tu, cuja completude se dá quando se encontram entre as duas abscissas, tornando-se ambas, partes de um só corpo. Esse corpo, composto por um eu e um tu, é individual e coletivo.

A abscissa de intensidade é verticalizada e refere-se à interjeição, tida nos estudos gramaticais como aquela classe de palavra que não interfere no sentido, na tensiva assume valor sintático de regente do inteligível.

O inteligível está na abscissa da extensidade, a qual equivale ao desenvolvimento sintático do processo (texto), que é aspectualizado de acordo com o andamento do percurso do sujeito, que recebe influência dominante dos afetos, visto que o sensível rege o inteligível.

Vejamos novamente o gráfico, agora na perspectiva de um corpo discursivo:

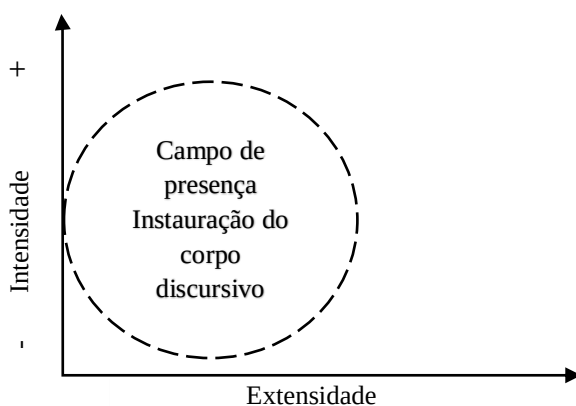


Gráfico 2 - Representação do corpo discursivo no campo de presença (Cf. Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 128).

O corpo semiótico é, do ponto de vista do sujeito, apreendido como espanto, que devido

sua efemeridade, sua virtualidade dá lugar ao hábito (Zilberberg, p. 125). Ao observarmos o corpo entre as duas abscissas, ele está próximo da intensidade ao surgir, mas tende a afastar-se dela à medida que sua presença torna-se um hábito, sendo o surgimento do corpo da ordem da concessão/descontinuidade e o hábito da ordem da implicação, uma continuidade/processo. Outrossim, esse corpo pode tornar-se mais intenso ou menos intenso de acordo com as pressões sofridas durante o processo.

Sendo assim, pautando-nos na semiótica discursiva, nosso posicionamento quanto às densidades da presença leva em consideração a noção de uma grandeza, que dentro de um contexto, em um texto-enunciado, traz à tona um corpo, o qual se forma, desde as profundidades figurais em uma metalinguagem com a noção de enunciação. Essas densidades intrínsecas ao percurso gerativo de sentido, tem como resultado a formação de um corpo discursivo, passível de ser analisado em todos os níveis do percurso. A seguir, trataremos da práxis enunciativa do corpo discursivo nos vídeos do *YouTube*.

3.1.2 A PRÁXIS ENUNCIATIVA DO CORPO DISCURSIVO NOS VÍDEOS DO *YOUTUBE*

A práxis enunciativa nos vídeos do *YouTube*, possuem uma regularidade. O título, sempre posicionado logo abaixo do vídeo, é construído de modo a sintetizar a temática abordada, a fim de persuadir o enunciatário que se identifique com a problemática que permeia toda a narrativa. Aparece o nome do enunciador do discurso, ao menos na maior parte dos vídeos, seguido do título, a fim de validar a qualidade e relevância do conteúdo.

Logo abaixo do título há o nome do Canal, acompanhado de uma imagem da face de quem seria o sujeito divulgador do discurso proferido no vídeo, seguida da quantidade de inscritos no canal.

A interação do enunciatário manifesta-se por meio de formas actanciais que marcam sua presença e suas impressões sobre o vídeo, expressos por um sino, o chamado sininho, o qual é disponibilizado para o enunciatário inscrito no Canal, enquanto para os não inscritos aparece a opção de inscrever-se. O chimite e a seta acompanhada do verbo compartilhar aparecem logo na sequência.

O chimite é expressão popular cujo sentido é “tudo bem” ou “tudo certo”, no *YouTube* passa a ser conhecido como o joinha ou *like*. O joinha para cima é eufórico, enquanto o joinha para baixo é disfórico. Essas marcas eternizadas no vídeo, constroem o “tu” do discurso enunciado que valida o discurso socialmente. Desse modo, enunciador e enunciatário têm o registro de suas interações por meio de actantes sujeitos.

Em uma ilustração da dinâmica de uso dos vídeos do *YouTube*, imaginemos dois destinatários, em que um está feliz com a família unida e outro com a data de um divórcio litigioso próxima, ambos abrem um vídeo no *YouTube* e deparam-se com um destinador orando pela união da família. A possibilidade de o primeiro assistir apenas parte do vídeo é grande, e talvez nem se inscreva no Canal, pois está satisfeito com a sua vida. Entretanto, o destinatário cujo divórcio está próximo, provavelmente irá se inscrever no Canal, curtir, assistir até o final, dar *like* e comentar na publicação.

No parágrafo acima temos que cada um dos sujeitos está, em perspectivas distintas, instalado, como observadores sensíveis, no cerne da categorização, como o próprio lugar das correlações entre gradientes semânticos (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 20). Em outras palavras, como bem orientam-nos Fontanille e Zilberberg (2001, p. 20), “a “caixa preta” das semióticas das paixões, o corpo do sujeito que sente, [...] o corpo é o lugar em que se fazem e se sentem, de uma só vez, as correlações entre valências perceptivas (intensidade/extensidade)” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 20).

Valência é a significação do devir fugaz (Zilberberg, 2004, p. 72), o valor alcançado para mais ou para menos, que varia com a significação produzida pelo devir fugaz, ou seja, pelo acontecimento, sobre o sujeito. A valência é a medida de afeto que o acontecimento, o devir fugaz, provoca no sujeito, observado na ordem intensa, enquanto a ordem extensiva tem sua medida pela quantidade, pelo número. O afeto está para a intensidade, assim como a quantidade está para a extensidade (Zilberberg, 2004, p.73).

No campo de presença, instala-se um observador sensível, organizado a partir de valências, tratadas como gradientes (intensidade e extensidade), que se relacionam entre si. Como decorrência, “o valor é função que associa as duas valências e essas duas valências – esses gradientes orientados e correlatos – são fúntivos do valor” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 22)

Em uma representação gráfica, conforme apregoa Zilberberg (2006), cuja correlação é conversa, delimita os valores e trabalha os graus. As máximas são sempre ++ ou --. (Relação ou...ou: correlação conversa). Vejamos:

S1= sujeito do divórcio
litigioso/do sofrer.

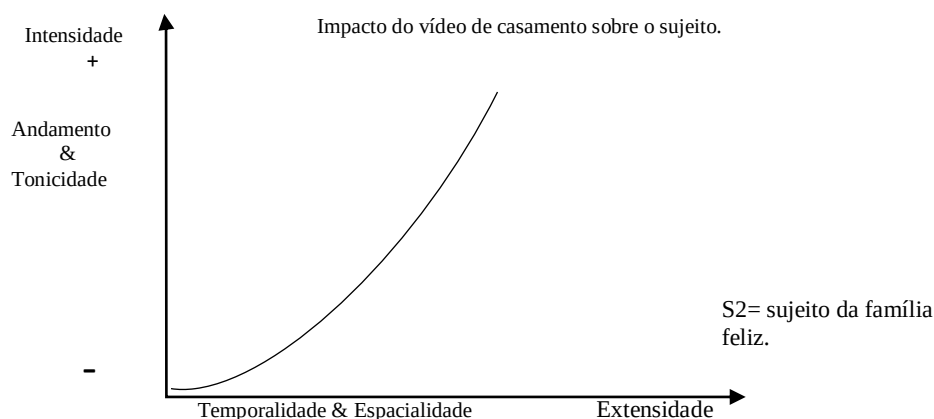


Gráfico 3 - Demonstração de família feliz vs. família em possibilidade de divórcio com base em Zilberberg (2011).

O valor eufórico ou disfórico em relação ao vídeo é estabelecido de acordo com a perspectiva do destinatário, cujas modulações previstas dependem do sentir, do destinatário e do fazer persuasivo do destinador. Visto o enunciário, por apenas um clique, ter o poder de decisão sobre o discurso, o corpo (eu/tu) terá determinada configuração de acordo com as valências paroxísticas, a medida de impacto do pervir sobre o sujeito.

Em uma análise comparativa, na perspectiva da correlação conversiva, para o sujeito do divórcio litigioso, há uma ascendência, exacerbação, mais tempo no vídeo, maior impacto, enquanto o sujeito do casamento feliz, há uma descendência, minimização, menos tempo no vídeo, quiçá, nula, visto que, naquele dado tempo e espaço, não necessita da manutenção da fé ou adesão do discurso religioso. Obviamente, a análise que acabamos de realizar é uma das inúmeras possibilidades, visto que o sentir de cada sujeito é modulado pelos valores.

Trataremos a seguir da retórica na semiótica discursiva, considerando-a uma importante ferramenta para a construção do estilo do ator da enunciação, depreensível nas análises.

3.1.3 A RETÓRICA NA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Segundo dicionário de semiótica, a Retórica de Aristóteles e Quintiliano tem sua origem na tradição greco-romana, compondo juntamente com a gramática e a dialética o chamado trívio medieval, apresentando-se como uma espécie de teoria do discurso pré-científico (Greimas; Courtés, 2020, p. 421).

A semiótica discursiva, desde seu formato dito *standard*, reconhece a importância dos estudos da Retórica e a acolhe de modo a adaptar seus conceitos aos propósitos da teoria:

O interesse atual pela retórica explica-se pelo reaparecimento, sob o uso da semiótica, da problemática do discurso. Se bem que não possam, por razões evidentes, ser integrados tais quais na semiótica discursiva, certos campos teóricos da antiga retórica

correspondem às preocupações atuais e merecem ser explorados (Greimas; Courtés, 2020, p. 421).

Dentro da consideração acima, a semiótica introduz aos estudos do discurso os estudos da retórica, a partir da ideia do todo do discurso, organiza-o em partes para estudo. Assim, as partes componentes do sistema retórico dispostas no discurso são, *dispositio*, *inventio* e *elocutio* (Greimas; Courtés, 2020, p. 421).

A *dispositio* corresponde à maneira de organizar ou planejar as diferentes partes do discurso; a *inventio* refere-se ao conteúdo, de onde se extraem provas e argumentos relacionados ao tema e a *elocutio* trata das escolhas da expressão que se adequa ao conteúdo (Greimas; Courtés, 2020, p. 421) e (Discini, 2003, p. 16).

Quanto às partes do discurso, seguindo os pressupostos da retórica clássica, os enunciadores dos vídeos selecionados, dentro de suas denominações religiosas, assumem figuras de padres ou pastores. Desse modo, as análises serão realizadas de modo a apreender marcas discursivas provenientes de sermões, os quais organizam-se a partir das etapas básicas de um discurso (Cf. Silva, Pedro., 1999). Conforme consta no capítulo XIII do livro II da Arte Retórica, as etapas básicas de um discurso consistem em a) exórdio, b) provas, c) narração e d) peroração.

a) O exórdio, chamado também de proêmio, tem a função de evidenciar a finalidade do discurso que se pretende proferir, como uma preparação dos ouvidos do enunciatário. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), o exórdio é responsável por deixar o auditório mais disposto ao discurso proferido pelo orador.

b) As provas, chamadas também de argumentação ou confirmação-refutação, são de três espécies, uma (s) correspondente (s) ao caráter moral do orador, outra, a disposição do ouvinte e a última seria a prova que reside na aparência do próprio discurso, no parecer dizer algo ou parecer querer dizer algo, onde são lançadas as estratégias discursivas como meios de persuasão e o provar por meio de demonstração objetiva.

c) A narração, chamada de exposição, é a enunciação em ato, que assim como as provas é parte essencial do discurso.

d) A peroração, chamada epílogo, compõe-se por quatro elementos, tornar o ouvinte favorável ao que se deseja, ampliação ou minimização de elementos de prova, despertar um comportamento emocional, seria comover o enunciatário e por último, por meio de uma recapitulação do que se expôs no discurso por meio das provas.

Nos estudos de Discini (2003, p.17), encontramos mais dois componentes adotados pela

semiótica, apontados pela autora como importantes para a análise do texto, *actio*, parte que se refere à execução ou atualização do discurso, que dispõe timbre de voz e entonação, pausa e ritmo e *memória*, parte componente adicionada pelos romanos, refere-se à escrita do discurso. Discini, amparando-se em Mosca (1999, p. 28-29), sobre a importância de se ter um discurso de qualidade, diz: “que talvez se possam retomar as partes componentes do sistema retórico numa proposta de conceituação de estilo que junte *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio* e também *memória*” (Discini, 2003, p. 17- Itálico do original).

Discini (2015), pautada nos estudos de Maingueneau (2005), apresenta o destinador como aquele do qual se depreende o *ethos* discursivo. Assim, *ethos* é a imagem do enunciador criada pelo texto, é aquele que possui um caráter, uma voz e um corpo, que são apreendidos quando da análise da totalidade de suas obras, não sendo admitida nunca a análise do escritor de carne e osso. Enquanto o enunciatário é a imagem pressuposta do leitor, criada também pelo texto (Discini, 2015, p. 64-67).

Para depreender o *ethos* é necessária a análise do aspecto (mecanismo discursivo), o qual corresponde à “categoria linguística, que além de perfilar-se ao modo, à voz, à pessoa e ao número do verbo, possui a especificidade de definir a duração ou desenvolvimento do processo verbal; é tido como a representação espacial do processo; tem a noção de visão objetiva (Discini, 2015, p. 15).

A Retórica tem papel importante nos estudos da semiótica discursiva nos trabalhos de Barros (2001, 2008) e Zilberberg (2006a). A obra pioneira, a qual formaliza o tratamento tensivo da retórica, é a coletânea de artigos organizada na revista *Langages*, número 137 (Bordron; Fontanille, 2000). A problemática do discurso ao longo dos estudos semióticos, promoveu a introdução dos estudos retóricos na teoria (Silva, 2011, p. 182).

Conforme ressalta Barros (2002, p. 73), propostas teóricas associadas à semiótica discursiva são associadas a fim de dar conta de análises sintáticas e semânticas do discurso. O uso dos estudos da semântica da enunciação, como da argumentação, da pressuposição, dos atos de fala, na teoria do texto literário “[...] principalmente quando aprecia questões do foco narrativo, na estilística e na retórica” (Barros, 2002, p. 73).

Silva (2011, p. 183), observa na semiótica discursiva, a partir de Barros (2002) que a tematização e a figurativização da semântica discursiva, aproximam-se das questões da estilística da poética e da retórica.

Desse modo, recorreremos à noção de aspecto, categoria verbal que corresponde ao social, relativo à participação ativa e ética do sujeito-no-mundo, a partir de uma tensividade gradual, trabalhada por Zilberberg (2006a) com a incorporação da retórica aristotélica, também

chamada de tropológica, para tratar dos afetos, das paixões, do *páthos*. Conforme apregoa Discini (2015, p. 16), a semiótica discursiva ampara-se nos componentes sintáticos e semânticos relativos ao percurso gerativo do sentido, mas

também nas profundidades figurais, pressupostas ao percurso gerativo do sentido e encerradas no que se nomeia *nível tensivo*. Assim acontece para que se delineiem os dois perfis do ator no processo de aspectualização: o social, relativo à participação ativa e ética do sujeito-no-mundo e o pático [...] relativo aos desdobramentos do sentir ou do “sofrer” (Discini, 2015, p. 16).

Como ferramenta teórico-metodológica para desbastar as problemáticas do discurso, Zilberberg (2006a) introduz à semiótica tensiva no que tange a Retórica tropológica em uma afinidade com as valências (Zilberberg, 2006a, p. 200), nas análises realizadas a partir do percurso gerativo de sentido, a considerar a tensividade no acontecimento (ou ato), no plano do conteúdo, e a teatralidade, no plano da expressão (Zilberberg, 2006a, p. 199).

Quando Zilberberg (2006a) trata de Retórica tropológica, está se referindo ao uso metafórico da linguagem, melhor dizendo, ao uso da linguagem translata, a linguagem figurada, enfim, à linguagem conotada, a qual é utilizada como estratégia argumentativa de persuasão, de encantamento, que nos remete às paixões, às quais modulam os sujeitos.

Em uma justificativa de discutir a questão da Retórica no percurso gerativo de sentido, Zilberberg (2011, p. 196) utiliza a definição de “persuadir” do dicionário de semiótica para reconhecer o uso da retórica no percurso, mas se lamenta por ser apenas no nível discursivo (Id., Ibid, p. 196), visto que as estruturas discursivas seriam “o lugar “natural” da Retórica.

De modo figural, o aspecto é a análise do devir ascendente ou descendente de uma intensidade, fornecendo aos olhos do observador atento, certos mais e certos menos. “O aspecto é a análise do devir ascendente ou descendente de uma intensidade” (Zilberberg, 2011, p. 17). O discurso persuasivo, de acordo com Zilberberg (2006), teria dois campos de atuação, sendo o primeiro argumentologia, a qual seria implicativa, de atonia reduzida, enquanto a tropologia, seria concessiva e tônica.

Conforme apregoa Reboul (2004), há estudos retóricos contemporâneos que representam a chamada Nova Retórica, cujo foco não é mais produzir discursos, mas sim dispor de ferramentas de análise para interpretá-los.

A nova retórica, embora tenha seu desenvolvimento de modo mais concreto nos anos 70, surgiu em 1958 com a publicação da obra *O tratado da argumentação: a Nova Retórica*, escrita pelo polonês Chaim Perelman e a socióloga belga Olbrechts-Tyteca.

Dentre a Nova Retórica, Reboul (2004) destaca também a retórica de estilo, representada por Jean Cohen, o grupo UM, Gérard Genette e Roland Barthes, os quais apresentam estudos

de figuras de linguagem, também chamadas de tropos, daí o nome tropológica.

Tanto os estudos das figuras de linguagem, dos discursos orais e escritos, quanto os estudos da retórica da argumentação, representada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) são partes integrantes que compõem as ferramentas de análise desta tese, incorporadas aos estudos da semiótica discursiva, teoria na qual se inscreve nossa proposta de análise, a saber, a questão de persuasão no programa narrativo, quais sejam, manipulação (dever-querer-fazer); por meio da intimidação; por meio da sedução (a relação de junção existente entre sujeito “cristão” e o valor “graça divina”, determinada pelo desejo e ainda a provocação (cognitiva/apresenta ideias e argumentos).

A recorrência no modo de atuação do sujeito de fazer sobre o sujeito de estado irá refletir no nível discursivo, promovendo a apreensão das marcas discursivas tanto semânticas quanto sintáticas, e assim emergir o estilo dentro de uma proposta com base nos estudos principalmente em Discini (2015).

A Retórica, presente no modo peculiar de dizer o que diz nas pregações cristãs, é produzida com uso da arte de bem dizer, pois é expressão cativante, persuasiva e sedutora, que garante a permanência do convertido e o ganho de novos cristãos. Manter viva a prática de pregações persuasivas, tem contribuído para seu aprimoramento, que a cada dia se tornam pomposos espetáculos.

A seguir, o corpo discursivo instaurado em um campo de presença, exposto a uma tensividade advinda das profundidades figurais, pensado como um corpo do qual emana um estilo, uma voz e um caráter.

3.1.4 CORPO DISCURSIVO E ESTILO RETÓRICO

O corpo, analisável sob o ponto de vista discursivo, como um sujeito instaurado em um campo de presença, faz uso da retórica, seja para produzir seus discursos, como sujeito ativo, seja para ser influenciado, como sujeito passivo. O corpo discursivo é composto por dois perfis, um perfil social, que diz respeito a sua participação ativa e ética no mundo e um perfil individual, relativo ao seu sentir e sofrer no mundo, de acordo com sua percepção daquilo que o afeta e o faz sentir, sendo a percepção equivalente ao *pathos* aristotélico, sendo o resultado da soma dos dois perfis, a sua identidade (Discini, 2015).

O perfil individual, *pathos*, “[...] firma-se numa relevância de um “estado de alma” de um sujeito, ou agente e judicativo, ou paciente e “afetado” pelos acontecimentos do mundo [...]” (Discini, 2015, p. 20). Enquanto o perfil social, do qual depreende-se o caráter, “convoca a vontade e a tomada de posição que constitui o ato ético como responsabilidade e responsividade

diante do outro” (Id., Ibid, p. 20). O ato ético é tido como ato voluntário, subordinado a um querer posicionar-se ou não, enquanto o caráter é tido como autoridade do sujeito, ou agente judicativo, cuja disposição é instrumentalizada, como meio para atingir a persuasão (Id., Ibid, p. 20).

Essa instrumentalização é constituída por técnicas discursivas construídas no *logos*, ou seja, no discurso proferido pelo enunciador, a fim de obter um controle do dizer sobre o dito. A latência sensível surge no *logos* como figurativização, instalada “segundo uma força que aumenta, entre restabelecimentos e recrudescimentos, ou diminui, entre atenuações e minimizações” (Id., Ibid, p. 22). Tal força diz respeito às grandezas tensivas, oscila tanto no perfil social e individual, das quais, em uma análise estilística, apreende-se a voz do enunciador (Id., Ibid, p. 22). O *logos* tem uma relação estésica concernente à constituição do estilo (Id., Ibid, p. 217)

Nas profundidades figurais a enunciação permanece latente e inativa, com força e tonicidade semânticas rarefeitas, como resíduo do ato como atividade responsável para que encontre seu lugar o sujeito paciente. Este sujeito paciente, a medida que “sofre” os “ataques” dos fenômenos do mundo, quando do encontro inevitável entre o olhar que visa o objeto e o objeto visado (Id., Ibid, p. 31-32).

Conforme explica Discini (2015, p. 24-25), o corpo é analisável sob duas direções, primeiro na organização do sentido da totalidade, enquanto encadeamento sintático entre os textos, e segundo, enquanto transformações no eixo paradigmático no plano de conteúdo de cada texto, analisável no percurso gerativo do sentido. Corpo este, pensado em uma escala antropomorfa, mensurável em termos de densidade de presença, seja no perfil judicativo ou no perfil afetivo. No nível discursivo, a enunciação instala-se como presença (Id., Ibid, p. 39).

Os estudos que instalam, dentro da reflexão semiótica discursiva, o corpo enquanto aquele que percebe e que é percebido, são inaugurados pela obra *Imperfeição* (1980) com Greimas e com *Tensão e significação* de Fontanille e Zilberberg (2001).

Sendo assim, o corpo não é um complemento da teoria semiótica e nem um suporte comunicacional. É, pois, a fonte, a sede das energias e dos afetos dos efeitos de sentido afetivos, pela qual se gerencia a figurativização do sentido, cujo ponto de vista adotado dará o sentido que resulta da articulação imbricada entre o plano de expressão e o conteúdo.

Trata-se de um corpo actante que em um campo discursivo, inscreve-se em uma formação discursiva, instala-se entre as valências (intensidade e extensidade) formando um campo de presença tensivo. Esse corpo, individual e coletivo, quando mediante uma narrativa, tematiza-se, assume uma persona (personagem) no meio social, onde sofre as ações de outros corpos e é

afetado em uma relação de interdependência axiológica pressuposta em todos os discursos e aspectualiza-se ora como sujeito passivo, paciente, “afetado” pelos acontecimentos do mundo, ora sujeito, ou agente e judicativo.

Fontanille (2011), desenvolveu estudos sobre o corpo discursivo que não abordaremos nesta tese. São estudos que apresentam o conceito do que ele chama de corpo próprio. Consoante Fontanille (2011), o corpo próprio é o corpo da percepção, presente nos efeitos das semioses, é toda a composição corporal, é toda percepção assumida a partir de um ponto de vista. O corpo próprio é construído a partir de tudo que experimenta. Já o corpo não próprio é o que excede a experiência, o corpo não próprio é possível ser percebido apenas por um ângulo e não por outro, trata-se da alteridade. O corpo próprio, enquanto corpo social que percebe e posiciona-se, compõe-se de uma identidade, cuja organização se dá em uma dimensão de membrana consciente e a outra dimensão como carne (Cf. Fontanille, 2011).

Podemos entender basicamente, que tudo que existe, qualquer coisa é um corpo, pois é uma presença. Desse modo, uma grandeza que passe pelos níveis da quase-presença até sua concretização na presença realizada é um corpo. Assim, uma palavra, uma ideia, um projeto, um pensamento, as figuras narrativas, o enunciador, o enunciatário, unidade integral, totalidade discursiva, tudo que se presentifica é um corpo, cujo *tu* é uma certeza pressuposta.

Esse corpo discursivo pode presentificar-se ou despresentificar-se, passando inversamente por todos os níveis do percurso, potencializado segundo proposta tensiva, como exposto ao longo desta tese.

Pensando na metalinguagem entre o corpo discursivo e a noção de enunciação, podemos pensar sua figurativização, um simulacro do real, projetada na figura de Deus em conformidade com a seguinte passagem bíblica: “No princípio criou Deus o céu e a Terra. E a Terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz” (Gn 1: 1-3). Deus, enquanto Espírito Santo, dentro dessa figurativização, num mundo de fantasia, imaginação e crença seria a metáfora da enunciação. Fiorin (2001) em *Astúcia da Enunciação*, ao tratar do mito, observa: “Ao mesmo tempo que faz as coisas, Deus as denomina. No universo mítico, dar nome é criar. Até o quinto dia, o Senhor vai criando o mundo” (Fiorin, 2001, p. 11).

Esse corpo (*eu/tu*), o do fazer cognitivo e do fazer interpretativo, indissociáveis, atuam de modo reflexivo no ambiente midiático-digital, pois influencia e é influenciado reciprocamente, visto que o mensageiro da Palavra Revelada anseia por maior quantidade de visualizações e de inscrições no Canal, enquanto o internauta desliza o dedo em seu suporte midiático na busca de um vídeo que melhor atenda suas expectativas, faz parte de um corpo

coletivo influenciado e influenciador ao mesmo tempo. Desse modo, o mensageiro (enunciador) produz seus vídeos de acordo com o retorno medido pelas mensagens, quantidade de acessos, curtidas e inscrição no Canal.

É no nível discursivo que se apreende o *ethos*, a imagem do enunciador construída no discurso pela totalidade de suas obras (pregações, mensagens). Sabendo dessa complexidade, continuamos a mobilizar os estudos de Discini (2003; 2012; 2015) para tratar da imagem construída de si, tida como termo *ethos*, *conceito* que vem do grego (Aristóteles), retomado por Maingueneau (2005) e chamado de estilo por Discini (2004). Estilo este, depreendido de um corpo (totalidade integral), presente em uma formação discursiva cristã, compõe-se de diversas unidades integrais (*unus*), que se materializam como um texto semiótico, uma única publicação de vídeo, por exemplo.

De acordo com Discini (2015), a aspectualização remete a um corpo que funde um estilo, e é indício da constituição de um corpo posicionado e afetado no mundo. O corpo sempre dotado de uma incompletude, completa-se quando da junção de um eu e um tu, quais sejam, os coenunciadores, tidos como enunciador e enunciatário, juntos, referem-se ao corpo discursivizado, o qual é uma organização depreendida das marcas da enunciação enunciada ao longo de uma totalidade, amparando-se nos componentes sintáticos e semânticos relativos ao percurso gerativo do sentido. Segundo Tatit, o afeto é observado no andamento, pois as variações de velocidade, aceleração, desaceleração, retardos e antecipações, ou seja, é na aspectualização do processo (Tatit, 2007, p. 376).

Discini (2012), no artigo “Para um estilo de um gênero”, ao procurar experiência do encontro entre uma estilística discursiva de Bakhtin e do Círculo, investiga procedimentos que pudessem respaldar a emergência do estilo de um gênero, do estilo religioso, a hagiografia. A autora utiliza da noção de exotopia, trazida de Bakhtin, a qual tem o autor como correlato de herói, problematiza o conceito de estilo de gênero. Essas ideias são incorporadas em um trabalho mais amplo na obra “Corpo e estilo” (2015), quando aborda a partir da presença de um corpo tensivo, tensividade é advinda de profundidades figurais.

Faz-se necessária a definição de exotopia para compreensão da proposta de Discini (2012; 2015). “Exotopia” é um termo que vem do francês “exotopie”, utilizado pela primeira vez por Tzvetan Todorov (1980) ao traduzir Bakhtin na Europa (Magalhães et al., 2017, p. 71). Etimologicamente, “exotopia” tem prefixo “ex” que significa “fora de” e “tópos”, do grego, significa “lugar”, o que dá o significado de “lugar exterior” (Amorim, 2010, p. 96).

Partindo da premissa de que o gênero discursivo hagiografia, possuidor de uma regularidade temática, composição e um estilo, Discini (2012), propõe examinar como se organizam tais estabilidades e seu processo de produção.

Observemos a hagiografia. De modo equivalente a qualquer biografia, a temática hagiográfica versa sobre a história de determinada vida. Entretanto, ficam ressaltadas as coerções éticas exercidas pela esfera de atividades religiosas, na qual circula a biografia dos santos. Também a composição, como modo de organização do texto, apresenta equivalências lá e cá (Id., 2012, p. 76).

A autora relaciona o estudo dos gêneros discursivos de Bakhtin, com estudos da enunciação e do discurso. Parte da afirmativa do filósofo russo de que os gêneros do discurso organizam a fala, assim como organizam as formas gramaticais, para remeter-se a estudos das categorias da enunciação (pessoa, espaço e tempo) (Cf. Benveniste, 1995 [1986]).

Nada é mais organizador de nossa fala do que as categorias instauradas no discurso como a pessoa (o sujeito que toma a palavra no ato de enunciar), o tempo (o momento da fala) e o espaço (o lugar do falante). A partir do eu, aqui, agora, alçamos de modo singular, na hagiografia, o não eu (ele), o não-aqui (algures) e o não-agora (então) (Discini, 2012, p. 76).

Ao considerar a composição dos gêneros e a instauração do enunciado nas categorias de pessoa, espaço e tempo, atenta-se para a pessoa (enunciador), instalado no enunciado por meio de um narrador, sendo esse enunciador “eu”, velado, pois não aparece no discurso nos gêneros biografia e hagiografia, o que produz um efeito de afastamento do “aqui e “agora”, e consequentemente dá lugar ao “ele”, um actante enunciado, o herói (Bakhtin, 2000, pp. 25-220).

Desse modo, Discini (2012), observa confluências significativas entre a noção bakhtiniana de autor e de herói (Bakhtin, 2000, pp. 25-220) com a noção discursiva de actante enunciativo (enunciador) e actante do enunciado (herói), o que lhe permite afirmar

[...] que a marca composicional referida contribui para que se diluam, autor (na voz do narrador implícito) e herói (na função de protagonista, o santo biografado) na presença de um terceiro. Este terceiro, como mira discursiva estabelecida pelo todo do gênero, é o Deus que subsume autor e herói por inteiro (Discini, 2012, p. 76).

A partir das observações dos mecanismos internos da composição do gênero é possível perceber a temática que “vai tomando corpo próprio [...] diante de outro gênero afim” (Id., 2012, p. 77).

Em um segundo momento, dada as considerações quanto aos mecanismos de construção do corpo próprio da hagiografia, Discini (2012), considera somar a sua delineação a estilística discursiva, atrelando-a às ideias do filósofo russo sobre discurso individual, a fala, tida como unidade real da comunicação verbal (Id., Ibid, p. 78). Para tanto, define o pensamento da

estilística discursiva como aquele que tem o estilo como homem e o homem “como pessoa pressuposta a uma totalidade de discursos, enfim um sujeito definido pelo modo como responde ao outro” (Id., Ibid, p.77). No caso do gênero discursivo hagiografia

Fundem-se aí autor e herói, para que o olhar triunfante seja o de Deus. Se Bakhtin sugeriu que, nesse gênero, o autor é feito de uma humildade que renuncia à iniciativa própria, podemos confirmar que essa humildade é cobrada do autor e do leitor, segundo um estilo que impregna o todo do enunciado (Id., Ibid, p. 92).

Sendo assim, o gênero discursivo abordado por Discini (2012; 2015) tem a noção bakhtiniana de um enunciado relativamente estável, possuidor de uma estrutura composicional, que aborda um tema, apresentando-se com um estilo específico (Bakhtin, 2000). A partir da noção de que estilo é o homem e de que cada gênero discursivo aborda uma temática específica, a autora entende que o gênero discursivo também tem estilo, daí a ideia de estilo de gênero, apreendido pelas marcas deixadas no enunciado analisáveis pela aspectualização a partir de estudos das categorias da enunciação (pessoa, espaço e tempo).

Quanto ao estilo autoral, a mesma autora (2018, p. 307) defende a ideia de que há o ator da enunciação como aquele que atua como sujeito da enunciação ao assumir papéis na narrativa, pressuposto pelo enunciado, do qual se homologa ao estilo autoral, pautando-se em afirmação de Greimas de que “o ator será, digamos ‘Baudelaire’, enquanto se define pela totalidade de seus discursos” (Greimas, Courtés, 2020, p. 45).

Isso posto, a partir das noções de corpo conforme indica Discini (2015), nosso corpus de análise é composto de quatro enunciados (totalidades integrais), dos quais selecionamos textos, vídeos de pregações (unidades integrais), no intuito de encontrar o perfil do ator da enunciação de cada uma das totalidades, partindo da ideia de que o *ethos* é o caráter do orador que leva à persuasão, para assim desvendarmos o estilo.

Os gêneros discursivos selecionados para esta tese, são pregações cristãs materializadas como sermões homiliastas, pois apresentam o pregador em um púlpito, palestras com dinâmicas e mensagens que se encaixam na genericidade nativa. São gêneros midiático-digitais nativos da internet, chamados de tecnodiscursos e os não nativos (Paveau, 2022, p. 335), pois há aqueles produzidos especificamente para o enunciatário midiático-digital e outros que foram gravados com público restrito e posteriormente postados em Canal do *YouTube*. Importa ressaltar que as pregações selecionadas previamente intituladas nesta tese, em primeira percepção, como mensagem cristã protestante, mensagem amiga católica (cena enunciativa 1) e pregação *Stand Up* católica e pregação *Stand Up Comedy* protestante. Para as duas cenas o arcabouço teórico-metodológico é composto por percurso gerativo de sentido, tensiva e retórica, mas acrescenta-

se à segunda cena informações de como o riso é utilizado como ferramenta discursiva importante no gênero discursivo *Stand Up Comedy*, o qual trataremos no próximo item.

3.1.5 O HUMOR COMO FERRAMENTA RETÓRICA DISCURSIVA RELIGIOSA

Sobre o termo “humor” no Dicionário Houaiss on-line, consta sua noção na área da História da Medicina como “líquido secretado pelo corpo e que era tido como determinante das condições físicas e mentais do indivíduo [na antiguidade clássica constavam-se quatro humores: sangue, bile amarela, fleuma ou pituíta e bile negra ou atrabílis.]”. Por extensão, ainda no Dicionário Houaiss on-line, na área da Medicina, o termo “humor” é:

“estado afetivo durável que depende da constituição psicofisiológica do organismo como um todo, constituindo o pano de fundo sobre o qual diferentes conteúdos psíquicos tomam uma tonalidade afetiva, p. ex. de irritabilidade, impassibilidade, tristeza, etc., que ultrapassa sua ação imediata” (Humor, 2024).

Todo o sentir do corpo humano é expressado de alguma maneira, como na postura de um corpo encurvado, que podemos compreender a presença de um sujeito, cujo estado de alma é do sofrer. Com o derramar de lágrimas, teríamos um sujeito com medida de afeto intensificada, pois seu estado de alma expressado no corpo, figurativiza um sujeito ainda mais triste. E quando um sujeito afetado pelo inesperado do cômico, engraçado, surge o riso.

Segundo Aristóteles (2006), em “Partes dos Animais” (Livro 3, cap. 10, 673^a, p. 9), “[...] apenas os entes humanos são suscetíveis às cócegas, é devido à finura de sua pele e ao fato de que os entes humanos sejam os únicos animais que riem”. Esse riso inerente ao humano, é possível ser provocado não apenas ao fazer cócegas, mas também por meio do discurso, especialmente tratado aqui aquele proferido no meio religioso cristão.

Riso, no Dicionário Houaiss on-line, “é ação ou efeito de rir; é a demonstração clara e geralmente espontânea de alegria, de contentamento, de satisfação, caracterizada visualmente pela contração dos músculos da face de uma pessoa, que geralmente deixa à mostra seus dentes” (Riso, 2024). O riso é algo demonstrado, está na ordem da expressão, que denuncia seu estado de alma, possível somente saber se é um riso por algo engraçado, dentro do contexto em que se deu o riso.

O ato de rir está relacionado ao humor do sujeito, na semiótica tensiva, estado de alma, sendo possível rir porque achou engraçado, rir porque está nervoso ou ainda rir de vergonha. Mas aquele que trata determinado tema de maneira engraçada, espera um riso de um estado de alma feliz, espera provocar um riso prazeroso, associado a um sentimento bom e agradável, frente à seriedade de um tema, por exemplo.

Moreno (2010) assinala que:

o riso no mundo romano sofreu uma degradação contínua. Tipificado como um riso satírico, nos séculos III e IV ele começa a ser perseguido pelas autoridades. Além disso, com o fortalecimento do Cristianismo e o mito de que “Jesus nunca riu”, a Idade Média, em seu limiar, apregoa a imagem do riso diabólico. Vê-se, então, embate entre cristãos e pagãos. As festanças passam a ter um significado pagão. (Moreno, 2010. p. 215).

Todavia, a despeito disso, no Antigo Testamento, é possível encontrar figuras bíblicas como Sara, ao rir da promessa impossível de engravidar quando idosa [Gn. 17:4-6], Elias ao zombar do profetas de Baal [1 Rs 18: 25-28], Hamã ridicularizado ao ter de humilhar-se puxando um cavalo montado por Mardoqueu [Et: 6-10] (Id., Ibid, p. 216).

O cristão João Crisóstomo (344 a 407 d.C.) marcou sua história como um obstinado adversário do riso, qualificando-o como diabólico, não havendo riso em seus sermões. “Nos mosteiros na Alta Idade Média, era violentamente punido, lançando mão até de chicotes para infligir os transgressores” (Id., Ibid, p. 216).

Há presença do riso parodístico na Idade Média:

A imitação ridícula medieval provinha, maiormente, de elementos sagrados, sendo os ritos do catolicismo, além de passagens bíblicas, os principais alvos. O testemunho advém de um texto latino anônimo — Coena Cypriani —, escrito entre os séculos V e VIII, que escarnece dos atos e ditos de personagens bíblicos. Alguns diziam que essas paródias possuíam uma função didática, facultando a memorização dos episódios religiosos (Id., Ibid, p. 216).

A “Festas dos Bobos” seria o precedente à introdução do riso nos meios eclesiásticos, o qual teria passado a ser usado como instrumento de manipulação a favor de suas necessidades até por volta do século XVI (Id., Ibid, p. 216).

Na transição da Idade Média para a Idade Moderna, no período do Humanismo, iniciado a partir de 1385, destaca-se o uso do riso em denúncias contra a hipocrisia da igreja católica, como no teatro de Gil Vicente exibido em praças públicas onde os fiéis riam das figuras de padres e membros da igreja que praticavam a imoralidade, como em Farsa de Inês Pereira, uma jovem que sonhava o casamento arranjado com um homem da corte, mas após um casamento frustrado, passa a mulher adúltera em sua segunda núpcias (Moisés, 2008).

O concílio de Trento (1542-1563) instituído pela igreja católica, tinha poder de juízo e condenação, instituído como resposta à Reforma protestante (1517), é chamado na história da sociedade ocidental de Contra-Reforma, cujo objetivo era investigar, julgar e condenar de modo a perseguir também aqueles que se valiam do riso contra a igreja (Moreno, 2010, p. 218).

Em 1686, o Tratado dos jogos e diversões teria chegado ao conhecimento do povo:

Tratado dos jogos e diversões que podem ser permitidos ou que devem ser proibidos aos cristãos segundo as regras da Igreja e o sentimento dos pais — publicado em 1686 por Jean Baptiste Thiers, doutor em teologia, esclarece como o clero deve reprimir o riso. Nele são proibidos a festa dos bobos e qualquer tipo de escárnio contra a religião, permitindo apenas o sorriso discreto fora do trabalho ou em dia de descanso (Id., Ibid,

p. 218).

Segundo Eco (1984, p. 346) por herança do teatro grego, estabeleceu-se a oposição comédia *versus* tragédia, que atuam como violação de regra. Destarte, com a obra moderna “Dom Quixote de La Mancha”, o trágico e o cômico não estariam mais em oposição, a exemplo da figura de um senhor de meia-idade que de tanto ler desejou ser um cavaleiro andante e passa a perambular pelas estradas e povoados, acompanhado de seu vizinho Sancho Pança, imaginando ser um cavaleiro andante como nos livros que de tanto lê-los enlouquecera, tornando-se a figura do ridículo-cômico-trágico, promovendo a quebra da oposição comédia *versus* tragédia (Moreno, 2010, p. 220). “Os exemplos abundam não só na literatura. A sétima arte, nos filmes de Charles Chaplin, em que tragédia e comicidade se revezam, é outro exemplo” (Id., Ibid, p. 220).

A dicotomia agora seria riso *versus* sério, sendo o riso vinculado à inconsequência e à irrelevância, aos loucos e às crianças; enquanto a seriedade seria vinculada ao saber e ao bom senso (Id., Ibid, p. 220).

Em elaboração teórica, Freud (1905) diferencia o chiste, o cômico e o humor. O chiste tido como “a habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas” (Freud, 1905), é uma técnica que lança mão de abreviações, jogo de palavras ou duplo sentido, é uma forma de condensação e uso múltiplo de um mesmo material (Id., 1905).

O cômico seria “ocasionado pelos movimentos e pelas ações em geral, como o caráter e hábito das pessoas, [...] parte da constatação dos contrastes [pois] [...] não se despende raciocínio, apenas constatando o ridículo por meio da caricatura, da paródia, da imitação” (Moreno, 2010, p. 223).

O humor, assinala Freud (1905), “é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles” (Freud, 1905, p. 212).

Das três classificações realizadas por Freud (1905), o humor e o cômico são comumente encontrados nas mídias digitais, especialmente em duas das pregações selecionadas. A título de exemplo de ferramentas que provocam o riso, há a ironia, a sátira, a paródia, a caricatura (forma ridícula e hiperbólica) caso o enunciador faça a descrição caricata. Os tropos em geral, especialmente a metáfora e a metonímia, são comumente utilizados nos discursos de humor.

Zilberberg (2011) a partir de sua observação no trabalho de Lévi-Strauss em *O Pensamento Selvagem*, apregoa uma “tensão entre a metonímia (quanto à contiguidade) e a metáfora (quanto à similaridade)” (Zilberberg, 2011, p. 35).

De acordo com explicação de Lausberg (1967):

A metáfora [...] é a substituição [...] de um *verbum proprium*, por uma palavra, cujo significado entendido *proprie*, está numa relação de semelhança [...] com o significado *proprie* da palavra substituída. A metáfora, por esse motivo, é definida também como <<comparação abreviada>>, na qual o que é comparado é identificado com a palavra que lhe é semelhante. À comparação [...] <<Aquiles lutava como um leão>>, corresponde a metáfora <<Aquiles era um leão na batalha>> (Lausberg, 1967, p. 163).

A metonímia tem participação real “do domínio do *proprie*” no domínio dos tropos, enquanto a metáfora apresenta uma metonímia de valor mágico (Lausberg, 1967, p. 163). O autor diz “mágico” porque a figura Aquiles não é da classe **dos leões, assim, dizer que Aquiles** é parte de um todo formado pelos felinos é uma ideia fantasiosa, por isso mágica. Enquanto a metonímia lida com as palavras no seu sentido próprio.

“A *metonymia* [...] consiste numa alteração da denominação fora do plano do conteúdo conceptual [...]. Esta alteração movimenta-se nos planos que correspondem à implicação de um fenômeno da realidade com as realidades que o rodeiam [...]” (Id., Ibid, p. 1659).

Assim assinala Fiorin (2008):

[...] metáfora e metonímia são procedimentos discursivos de constituição do sentido. Nelas o narrador rompe, de maneira calculada, as regras de combinatória das figuras, criando uma impertinência semântica, que produz novos sentidos. Assim, metáfora e metonímia não são a substituição de uma palavra por outra, mas uma outra possibilidade, criada pelo contexto, de leitura de um termo. Quando entre a possibilidade de leitura 1 e a 2 houver uma intersecção de traços semânticos, há uma metáfora; quando entre as duas possibilidades de leitura existir uma relação de inclusão, há uma metonímia (Fiorin, 2008, p. 118).

O uso da metáfora, considerada um tropo de salto, promove um ápice no discurso, um paroxismo de intensidade, cuja afetividade se eleva a uma máxima de legibilidade nula (Zilberberg, 2011, p. 168).

Porém, logo em seguida, conforme evolui o amortecimento das valências afetantes, o acontecimento enquanto tal cessa de obnubilar, de obsedar, de monopolizar, de saturar o campo de presença e, em virtude da modulação diminutiva das valências, o sujeito consegue progressivamente, por si próprio ou com auxílio reconfigurar o conteúdo semântico do acontecimento em estado, isto é, resolver os sincretismos intensivo e extensivo que o discurso projeta (Zilberberg, 2011, pp. 168-169).

Um gênero discursivo humorístico que vem se destacando no Brasil é *stand up comedy*, talvez, curiosamente também no meio cristão. *Stand up comedy*, é um gênero, cujo nome é de origem inglesa, quer dizer “comédia de pé”, uma apresentação realizada por um único artista geralmente focalizado com luzes de holofote, enquanto profere pequenas narrativas relacionadas ao público presente na plateia ou à situações sócio-políticas, as quais são tratadas por um viés humorístico, como em uma tentativa de “tirar leite de pedra” para produzir uma sensação de bem-estar nos participantes do *show* de humor.

Quanto à origem do *Stand Up comedy*, colabora Lins (2009) com a informação de que o precursor foi Philip Astley em 1770, considerado o pai do circo moderno, atuando como mestre de cerimônia, ao inaugurar o *Astley's Royal Amphitheatre of Art*. Os mestres de cerimônia costumavam dar pequenas entradas entre as apresentações, por exemplo, de circos, teatros, cabarés, com o objetivo de contar piadas para alegrar a plateia. O formato de *Stand Up comedy* tal qual conhecemos atualmente, surgiu somente na década de 50, com realizações de monólogos cujos temas permeavam, geralmente, as esferas políticas, sociais e de comportamento humano (Lins, 2009).

De acordo com Soares (2013, p. 483) os precursores do *Stand Up Comedy* no Brasil, dentre os mais conhecidos são José Vasconcellos, Chico Anysio, Jô Soares por introduzirem o formato do gênero em seus shows (Soares, 2013, p. 483). O autor afirma que:

O humor *stand up* se difere de todas as outras modalidades de shows humorísticos por carregar a indelével propriedade de versar sobre a vida coloquial, sobre os mais prosaicos acontecimentos sociais, e tem sua legitimação no reconhecimento dos que assistem a ele e riem dos relatos do humorista (Id., Ibid, p. 484).

Leo Lins, comediante de show de *stand up comedy*, realiza um quadro em um momento do show, quando convida pessoas da plateia para serem “fritadas” pelo comediante. Ser “fritado” é uma gíria adotada pelo comediante que consiste em perguntas feitas a quem se aventura a subir no palco, aproveitadas como conectores isotópicos para uma piada. Pode ainda ser gerado humor, caso o participante que subiu ao palco passe por alguma situação constrangedora, o humorista sem pensar duas vezes, elabora uma piada a partir da situação.

Figura 5 - Frame do comediante Leo Lins no palco (0': 11'")



Fonte: <https://youtu.be/WjWvMJeiFVY> Acesso em 22/01/2024.

No vídeo acima, o comediante Leo Lins convida a plateia para a “fritada”. Confira na transcrição esse momento:

Leo Lins (interlocutor): [...] Muita gente tava pedindo pra eu fazer de novo..que é quando eu convido a galera pra subir no palco pra esculhambar a pessoa ((plateia ri))...então cês querem que eu faça a fritada?

Plateia (interlocutários): e:::u:::.....e:::u::: ((plateia expressando desejo de subir ao palco))

Leo Lins (interlocutor): teve uma galera aqui que disse que veio pra isso...então tá bom...então vou dar um bônus pra vocês [...]então quem quiser subir ao palco pode vir aí...pode subir [...]

O *frame* da figura 5, no ponto de vista discursivo, corresponde ao momento em que o enunciador projeta-se em instância de segundo grau no discurso e interage com a plateia, que por sua vez, projeta-se como interlocutores. Na sintaxe discursiva o discurso é de debreagem enunciativa, pois são instalados um eu-aqui-agora que narra em primeira pessoa do discurso “eu” para um “tu” que é a plateia, em um espaço figurativizado com os interlocutários sentados e o interlocutor em pé fazendo comédia, formando-se assim um corpo discursivo, que se manifesta no gênero discursivo *stand up comedy*.

Os *frames* 5 e 6 apresentam uma focalização no palco, no primeiro consta a figura do comediante e no segundo novamente a figura do comediante, acompanhado por alguns integrantes da plateia. O ambiente escuro o privilegia de forma intencional, pois no *show*, o palco é o centro das atenções, principalmente quando está apenas o humorista, por isso as figuras transbordam do quadro, não aparecendo a plateia por inteiro, sendo essa configuração de espacialidade aberta, aspectualização imperfectiva, de existência fugaz de andamento acelerado.

Figura 6 - *Frame* do comediante Leo Lins no palco com convidados ao palco (0': 55'')



Fonte: <https://youtu.be/WjWvMJeiFVY> Acesso em 22/01/2024.

No segundo *frame* acima, do mesmo vídeo, o humorista está acompanhado dos integrantes da plateia para a realização da “fritada”. Confira nas transcrições a seguir:

Leo Lins (interlocutor): [...] nossa...tem muita gente...não vai dar pra falar com todos...se eu falar um minuto com cada...vai pra mais meia hora de show...não vai ter como tá...então vou falar só com alguns aí[...] (Lins, 2021).

O interlocutor (Leo Lins), aproveita um tropeço de um dos participantes na caixa que leva o nome da modalidade do show (*stand up comedy*) e começa a “fritada”:

Leo Lins (interlocutor): quer entrar dentro da caixa ((risadas))...que que é ((pergunta irônica))... ((risadas))...pra onde eu vou ((faz gestos com o corpo como se estivesse tremendo na intenção de debochar do participante que, de fato, debochou)) [...] (Lins, 2021).

O exemplo da chamada “fritada” que compõe o *show stand up comedy* do comediante Leo Lins, permite-nos pensar nessa modalidade humorística como aquela que não é fechada pura e simplesmente no palco composto por comediante e microfone, pois há um momento de integração mais efetiva, com a plateia subindo ao palco. Informação que pode nos ajudar a apreender o estilo dos enunciadores com perfil mais humorístico, conferidos na cena enunciativa 2a.

Todavia, diferente do *stand up comedy* secular, o humor nas pregações é utilizado para suavizar o tom sério do tema proposto, que via de regra fundamenta-se na Bíblia Sagrada, tida pela fé cristã como um manual de instrução de vida, de cunho moralista. Assim, as pregações seguem uma constante intenção de aconselhar, dizer o que pode e o que não pode, o caminho melhor a ser seguido, a fim de que o cristão permaneça eufórico aos desígnios da igreja, mas agora com um tom humorístico acentuado em alguns atores da enunciação.

Propp assinala que “o riso não nasce apenas da presença de defeitos, mas de sua repentina e inesperada descoberta” (Propp, 1992, p. 56). Essa repentina e inesperada descoberta apontada por Propp (1992) leva-nos a associar a ideia do riso à proposta da semiótica tensiva (Zilberberg, 2011). Vejamos o riso como quebra de expectativa no gráfico de correlação conversas:

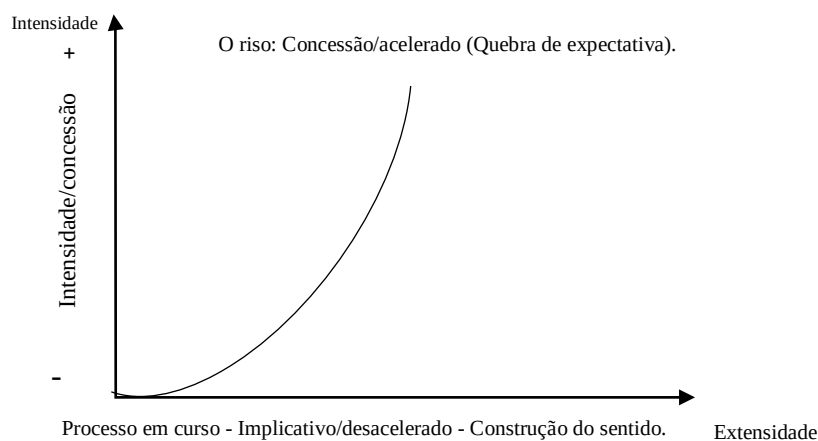


Gráfico 4 - Correlação conversas – O riso como quebra de expectativa com base em Zilberberg (2011).

Quando pensamos no momento do riso como uma quebra de expectativa, por exemplo, em uma pregação, é necessário que os atores (plateia) fiquem atentos para acompanhar o raciocínio do ator da enunciação (humorista), num encadeamento de ideias de estilo implicativo, desacelerado, construindo o sentido pouco a pouco, mas quando repentinamente o interlocutor lançar mão de um inesperado humor com exemplos engraçados, rompe-se uma expectativa da progressão do discurso, que antes do evento do riso, seguia em aspecto durativo de continuidade. Com a percepção de algo engraçado, o interlocutário, surpreende-se abruptamente, pois há uma quebra do andamento do processo e passa assim, a ser estilo concessivo, acelerado, de aspecto terminativo. Esse romper, é o paroxismo tímico, um ponto de emoção muito rápido e breve, mas em seguida um novo andamento se estabelece e a implicação é reiniciada (Zilberberg, 2011, p. 151).

Dito isso, percebemos uma intersecção entre o gênero discursivo *Stand Up Comedy* com o gênero discursivo religioso *pregação de gênero sermão homiliasta*, tanto na vertente católica quanto na vertente protestante. Para tratar dessa intersecção de gêneros discursivos, partimos de um ponto de vista tensivo com a noção do processo de mestiçagem advindo das ideias de Zilberberg (2007).

Assim, prossigamos com a proposição desta tese, a qual parte da ideia da manifestação do processo de mestiçagem (Zilberberg, 2007), ressaltada a correlação do espaço tensivo com os eixos de intensidade (valores de absoluto/foco) e extensidade (valores de universo/apreensão), relacionando-os a fim de perceber uma desfronteirização entre o discurso de fidelização e o discurso de divulgação. Para tanto, seguimos com o intento de analisar o corpus selecionado nesta pesquisa, oriundo da plataforma *YouTube*, e por nós organizado em duas cenas enunciativas materializadas como pregações cristãs, disponíveis nos capítulos IV e V.

Inclui-se também nos desdobramentos tensivos, pertinentes à nossa proposição, a noção de mestiçagem. O termo “mestiçagem” tem seu registro desde o século XII, vem do baixo-latim “mixticus”, de “mixtus”, quer dizer misturado. Trata-se de um termo usado como hibridismo na área vegetal e cruzamento na ordem humana, enquanto na semiótica é uma prática semiótica figural (Zilberberg, 2004, p. 71).

A mestiçagem, enquanto prática semiótica figural, tem ocorrência no “campo discursivo sob duas restrições: a novidade, aparente ou efetiva, de alguma mistura em um certo domínio e, eventualmente o estilo da mistura efetuada, se um dia for proposta uma tipologia analítica das misturas” (Zilberberg, 2004, p. 71). A noção de mestiçagem é de mistura de grandezas em duas ordens, a da intensidade, do sensível, e a da extensidade, do inteligível (Zilberberg, 2004,

p. 72). Essas grandezas de incoatividades distintas, portanto em disjunção, ao passarem pelo processo da mistura, progressivamente mesclam-se, tornando-se uma terceira grandeza.

Para a ocorrência da fusão, são necessários três processos, fase incoativa, progressiva, e terminativa, as quais correspondem a estados aspectuais, cujas tensões e ambivalências são determinadas pelo modo de existência específico (Id., Ibid, p. 79).

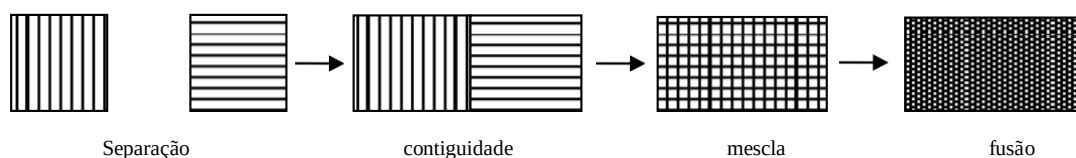


Figura 7 – Representação esquemática das dimensões direção e intimidade.

De acordo com Zilberberg (2004, p.77), os quatro estados aspectuais da mestiçagem são assim representados:

Separação: Triagem [t] plena [1] e mistura [m] nula [0], assim temos a valência **[t1 + m0]**;

Contiguidade: A triagem [t 1] domina a mistura [m 0], assim temos **[t > m]**;

Mescla: A mistura [m 1] domina a triagem [t 0], assim temos **[t < m]**;

Fusão: Triagem [t] nula [0] e mistura [m] plena [1], assim temos a valência **[t0 + m1]**.

Zilberberg (2004, p. 85), apresenta duas noções a partir do dicionário Micro-Robert. A primeira é “amalgama”, definida como “mistura de elementos que não combinam bem”, enquanto a segunda é “liga”, definida como “produto metálico obtido pela incorporação de um ou mais elementos a um metal”. Utiliza uma retórica argumentativa por analogia para associar a noção de “amalgama” à progressividade da adjunção, e à “liga” dá a noção de fusão. A progressividade, por ser composta de grandezas que não combinam bem, segue passível de ser interrompida, à espera de uma resolução, enquanto na fusão, há a incorporação plural de um produto (grandeza) (Zilberberg, 2004, p. 85).

Ao processo de mestiçagem acrescenta-se a noção de sincretismo, o qual é tratado por Zilberberg em duas dimensões, direção e intimidade. À direção dá-se a oposição *aproximação versus afastamento* entre duas grandezas. À intimidade dá-se a oposição *aderência versus inerência*. A aderência seria o contato de uma grandeza com outra. Enquanto inerência seria quando não se consegue mais perceber cada elemento (grandeza) separadamente, pois estão ligados por fusão (Id., Ibid, p. 76).

A proposta de mestiçagem nesta tese parte da proposição de Silva (2011; 2020), que organiza o discurso religioso em três tipologias distintas, discurso fundador, discurso de fidelização religiosa e discurso de divulgação religiosa, sendo este último delineado em cinco cenas enunciativas, especializada, instrucional, conscientização social, propagandista e

mediática. No capítulo V apresentaremos a progressividade da mestiçagem até o ponto de fusão que dá origem às pregações a serem analisadas nesta tese.

A seguir, trataremos da retórica argumentativa considerando-a como uma ferramenta importante nas análises das pregações cristãs selecionadas.

3.1.6 A RETÓRICA DA ARGUMENTAÇÃO NAS PREGAÇÕES

A Nova Retórica, originalmente escrita para o campo do direito, é voltada para a argumentação a partir de estudos representados por Perelman e Olbrechts-Tyteca na obra *O tratado da argumentação* (2014 [1958]), da qual retiramos algumas técnicas argumentativas que dialogam em muitos momentos com a semiótica discursiva, quando faz uso de metáforas, por exemplo, o que fica na tensiva na ordem da concessão, quando outras técnicas, mais voltadas à metonímia, ficam na ordem da implicação, a argumentação propriamente dita.

A seguir, apresentamos exemplificações, em sua maioria, retiradas de excertos dos capítulos IV e V, como um movimento de antecipação, não de resultados obviamente, mas como exemplos das possibilidades de visualização da retórica argumentativa nos discursos proferidos pelos destinadores das pregações selecionadas para esta tese. Há, nas técnicas argumentativas, a demonstração de que a lógica verossímil é a argumentação, apresentada por uma sistematização das tipologias dos argumentos retóricos: 1) os baseados na estrutura do real; 2) os baseados na estrutura do real; 3) as ligações que fundamentam a estrutura do real; e 4) as dissociações das noções. Antes, importa saber que o *corpus* de pesquisa compõe-se de duas cenas enunciativas intituladas, com termos que cunhamos e organizamos como a seguir:

- Cena enunciativa 1: a) Mensagem bíblica didático-religiosa protestante; b) Palavra Amiga católica.
- Cena enunciativa 2: c) Pregação *Stand Up comedy* católica; d) Pregação *Stand Up comedy* protestante.

1) Argumentos Retóricos quase-lógicos:

São argumentos que pretendem dispor de força de convicção “a medida em que se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 219). Apresentaremos nove tipos dos chamados quase-lógicos. Os argumentos retóricos quase-lógicos, têm caráter informal e apresenta-se:

de uma forma mais ou menos explícita. Ora o orador designará os raciocínios formais aos quais se refere prevalecendo-se do pensamento lógico, ora estes constituirão apenas uma trama subjacente [...] Quem critica um argumento tenderá a pretender que o que tem à sua frente depende da lógica; a acusação de cometer uma falta de lógica é, em geral, por sua vez, uma argumentação quase-lógica ” (Id., Ibid, p. 220).

Vejamos as tipologias dos argumentos Retóricos quase-lógicos:

1.a Contradição e incompatibilidade:

“[...] sempre e relativa às circunstâncias contingentes, sejam estas constituídas por leis naturais, fatos particulares ou decisões humanas” (Id., Ibid, p. 223). Podemos dizer que quando há uma contradição numa proposição, há uma incompatibilidade: Na pregação “A matemática do casamento”, no trecho intitulado Operação matemática subtração, no excerto I, da pregação “A matemática do casamento”, cena enunciativa 2.a, no excerto 87, o sujeito destinador, orienta o destinatário:

[...] **então vamos lá**...sem mais delongas...repita comigo primeira...subtração...deixará...deixará...deixará...jovem se você for casar...ponha na sua cabeça uma coisa...se não é pra você deixar...não se case...a moça que não está preparada...pra assumir uma casa e um homem...não se case...o que que as pessoas fazem...a Bíblia diz...o homem deixará pai e mãe...eles querem morar junto...tá escrito na palavra que é pra deixar...eles não querem deixar...e quer que o negócio dê certo [...] (Shankar, 2018).

Nesse excerto, o sujeito destinador faz uso da técnica argumentativa chamada argumento quase-lógico de contradição e de incompatibilidade ao orientar o destinatário a não permanecer na casa dos pais após o casamento, dentro do pressuposto de que há um contraditório em querer ter uma família e permanecer na família de origem, sendo essas ações incompatíveis.

1.b. O ridículo e seu papel na argumentação:

O ridículo é aquilo que merece ser sancionado pelo riso [...]. Este é a sanção da transgressão de uma regra aceita, uma forma de condenar um comportamento excêntrico, que não se julga bastante grave ou perigoso para reprimi-lo com meios mais violentos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 233).

Na cena enunciativa 2.a, na pregação intitulada “Nosso casamento”, excerto 111, o sujeito destinador utiliza do ridículo ao imitar os gestos realizados durante uma dinâmica de casais pelos sujeitos destinatários. Pode ser conferido na transcrição a seguir:

((imita novamente os participantes com humor e arranca risos))
[...] pode falar o que eu vi...o marido to::do...falou assim pra ela...vamos fazer...aí ela vamos...aí ele fez assim na orelha dela...aí ela mas tu é burro em...((A plateia ri))...gente cês tão num encontro de casal...não abaixa o nível...não...e a mulher que veio animada...vamos no encontro de casal bem ((imita a mulher))...((risadas)) [...] (Shankar, 2017).

1.c. Identidade e definição na argumentação:

Este argumento retórico consiste no uso de definições normativas, descritivas, de condensação ou complexas, sendo a escolha da definição a expressão de uma identidade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 238-239). Trata-se de uma das técnicas essenciais da argumentação quase-lógica, pois pretende identificar elementos que são objeto

do discurso, por meio de conceitos ou classificações “quando ela dá ou pode dar azo [motivo; causa; oportunidade] a uma justificação argumentativa” (Id., Ibid, p. 238). As definições que levam a uma identificação, os autores, elencam, a partir de estudos de Arne Naess, um filósofo norueguês, quatro espécies:

1) As definições normativas, que indicam a forma em que se quer que uma palavra seja utilizada [...]; 2) as definições descritivas, que indicam qual o sentido conferido a uma palavra em certo meio, num certo momento; 3) As definições de condensação, que indicam elementos essenciais da definição descrita; 4) As definições complexas, que combinam, de forma variável, elementos das três espécies precedentes. Essas diversas definições seriam, quer prescrições, quer hipóteses empíricas referentes à sinonímia do *definiendum* e do *definiens* (Id., Ibid, p. 239).

Na pregação intitulada “Nosso casamento”, temos um exemplo, pois o sujeito destinador, no excerto 109 – cena enunciativa 2, procura definir e identificar a noção de competir e cooperar.

[...] eu acredito que é mais fácil competir do que cooperar...por qual motivo...porque pra cooperar eu preciso de você...e pra competir eu só preciso...de mim...porque eu vou correr só eu cara...eu e eu...eu negócio com o meu corpo...negócio com o meu suor...negócio com a minha força...tô na metade eu vou correr e tô olhando...não olho pra trás...é meta linha de chegada...determinação...((faz movimentos de corrida))...competindo...estou competindo comigo [...] (Shankar, 2017 – excerto 109).

1.d. A regra de justiça:

O argumento da regra de justiça “requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são integradas numa mesma categoria” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 248). Trata-se de uma regra que se baseia em precedentes para requerer o mesmo tratamento que fora dado em relação a algo. A título de exemplo, seria como dizer que a educação é direito de todos. Assim, quando isso é violado, caberia uma reivindicação de um direito adquirido que não estaria sendo cumprido. Ou ainda, no caso de uma causa ter sido concedida favorável a alguém e negada a outro. Esse outro poderia ter como argumento a regra de justiça. No *corpus* de pesquisa há a pregação “O papel do homem e da mulher no casamento (segundo a bíblia)”, na qual o destinador argumenta como se houvesse uma regra de justiça que todo homem teria seu papel definido e toda mulher outro papel definido. Na pregação referida, pautando-se na bíblia, o sujeito destinador constrói seus argumentos de modo a orientar os cônjuges (ou futuros cônjuges) a exercerem cada um o seu papel sem “quebrar” a regra, que estaria previamente estabelecida na Bíblia Sagrada, como podemos observar no excerto 31, cena enunciativa 1.a, quando o sujeito destinador diz: “[...] está tendo muitos conflitos na forma de se relacionar [...] (Júnior, 2019 – excerto 31). Ou ainda no excerto 18, também na cena

enunciativa 1.a: [...] cada um tem o seu valor (papel)...mas são papéis diferentes [...]” (Júnior, 2019 – excerto 18).

1.e. Argumentos de reciprocidade:

São argumentos que “[...] visam aplicar o mesmo tratamento a duas situações correspondentes, em uma relação de reciprocidade aplicável tanto entre *a* e *b*, quanto em *b* e *a* (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 250). Esse argumento pode ser exemplificado com o excerto 51, da pregação intitulada “Espiritualidade do dia - Somos a casa onde Deus habita”, cena enunciativa 1.b:

[...] mas eu encontro espiritualidade num livro...numa música...numa peça de teatro...eu encontro espiritualidade quando encontro os meus amigos...quando eu sento a mesa para comer com pessoas que me agregam...eu tenho pra mim que todo e qualquer encontro que seja pautado na verdade em que a gente tem a oportunidade de ser quem somos...é um encontro que nos espiritualiza [...] (Melo, 2020).

No excerto acima, o sujeito destinador constrói um argumento a partir da noção de espiritualidade, a qual seria, digamos, “ativada” na relação do cristão com amigos ou com livro, música, peça de teatro, o que caracteriza um argumento de reciprocidade, visto que em uma relação há afeto recíproco, *a* com *b* e *b* com *a*.

1.f. A inclusão da parte no todo:

“Os argumentos derivados da inclusão da parte no todo permitem formular o problema de suas relações com os lugares da quantidade [...]” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 264).

O argumento *inclusão das partes no todo*, por exemplo, é vislumbrado no raciocínio orientado por meio de uma linguagem metafórica, relatada na Bíblia Sagrada por meio da figurativização do cristão como “um tijolo” que se une a mais “tijolos” para a formação do corpo de Cristo, no qual a cabeça é o próprio Cristo. Outra possibilidade de compreender a *inclusão da parte no todo* nas bases do cristianismo, no que tange a relação do fiel (igreja) com o próprio Deus. A ideia é que a igreja é embaixadora de Jesus Cristo aqui na Terra, conforme observa Paulo em carta enviada à igreja de Corinto: “Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio” (2 Co 5:20). Desse modo, as embaixadas de Cristo, somam-se e formam o corpo de Cristo.

1.g. A divisão do todo em partes:

“[...] para a utilização eficaz do argumento por divisão, a enumeração das partes tem de ser exaustiva [...]” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 266). É um argumento encontrado na própria lógica implicativa do discurso, que no seu desenrolar constrói uma lógica

na qual uma parte pertence à parte anterior e assim vai sucedendo a textualização.

1.h. Argumentos de comparação:

“[...] a argumentação não poderia ir muito longe sem recorrer a comparações, nas quais se cotejam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 274). Sobre o argumento da comparação selecionamos o excerto 76, da cena enunciativa 2.a:

[...] gente...**casamento...é igual um balão uma bexiga**...se você chega pra uma criança e você fala com ela assim uma criança pequeninha...vai brincar e dá uma aqui uma dessa pra criança faça o teste pra falar que eu sei o que eu tô falando...dá pra criança uma dessa aqui ((mostra a bexiga vazia))...e mostra as outras crianças com uma daquela ali que que essa criança vai falar pra você...((mostra Cássia e Fernando segurando uma bexiga cheia))...enche papai enche...ela não dá conta de encher ainda não...pequena...isso aqui ela não quer não...ela quer o que...o balão cheio...**casamento é igual um balão**...balão murcho meu filho não serve pra ...nada você tem que ter um casamento bola...cheia [...] (Shankar, 2015).

A comparação é encontrada muitas vezes nos discursos cristãos pelo fato do discurso fundador ser pautado em uma argumentologia tropológica como nas parábolas contadas por Jesus e nos estudos de escatologia. Isso não é diferente nos discursos dos sujeitos destinadores das cenas enunciativas selecionadas. Por exemplo, no excerto 76, há o uso de comparação entre casamento e balão (bexiga), quando o sujeito destinador atribui ao balão murcho como um casamento mal sucedido, enquanto o balão cheio seria um casamento bem-sucedido. Confira a análise na íntegra no capítulo IV.

1.i. Argumentos pelo sacrifício:

É utilizado “[...] na argumentação pelo sacrifício, este deve medir o valor atribuído àquilo por que se faz o sacrifício” (Perelman; Olbrechts-Tyteca 2014 [1958], p. 282). Os autores apresentam essa argumentação na base de todo o sistema de trocas, escambo, venda, contrato de prestação de serviços, mas não reserva apenas ao campo econômico, dizendo que “O alpinista que se pergunta se está pronto para fazer o esforço necessário para escalar uma montanha recorre à mesma de avaliação” (Id., Ibid, p. 281)

Este argumento pode ser exemplificado quando se usa as bases do cristianismo. Como exemplo, podemos citar o discurso do sujeito destinador na pregação “O papel do homem e da mulher no casamento (segundo a Bíblia)”, no excerto 35, da cena enunciativa 1.a, mais especificamente. Configura-se um argumento pelo sacrifício quando encarado como uma ordenança (inerente ao comportamento do cristão). Vejamos o excerto: “[...] o homem tem que amar a mulher como Cristo amou a igreja e como [...] Cristo ama a igreja que é o seu povo né...ele...ele se entregou voluntariamente...[...] então o marido deve ter esse tipo de amor pela

esposa [...] (Júnior, 2019 - excerto 35).

Segundo Rocha (2020, p. 65), os dez argumentos quase-lógicos, elencados por Perelman e Olbrechts- Tyteca (2014 [1958]):

forneem meios para tornar o discurso persuasivo, a partir do aspecto racional, visto que têm aparência de fórmulas matemáticas, lógicas. Esses dez argumentos quase lógicos estão a serviço de oradores que buscam convencer e persuadir determinados auditórios particulares e/ou universais. O uso eficiente dos argumentos quase lógicos pode resultar numa possível adesão por parte daqueles que ouvem a argumentação. Diante disso, presume-se que, no gênero discursivo sermão oral, a utilização desses (e outros) argumentos não acontece de maneira inconsciente, mas sim com uma intencionalidade previamente definida: persuadir o auditório, configurado por todos aqueles que ouvem o discurso religioso cristão. (Rocha, 2020, p. 65).

2) Os argumentos retóricos baseados na estrutura do real:

São argumentos que “valem-se dela [da estrutura do real] para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 297). Seleccionamos dezessete técnicas argumentativas para apresentarmos um exemplo de cada:

2.a O argumento do vínculo causal e a argumentação:

Dentre as ligações de sucessão, o vínculo causal desempenha, incontestavelmente, um papel essencial, e seus efeitos argumentativos são tão numerosos quanto variados. Desde logo, vê-se que ele deve permitir argumentações de três tipos:

- a) as que tendem a relacionar dois argumentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal;
- b) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pode determiná-lo;
- c) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 299)

Na cena enunciativa 1.a, há uma pregação sobre a pandemia (análise 3) “Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena”, na qual o sujeito destinador coloca-se como actante interlocutor em isolamento com sua família, a fim de construir um simulacro da realidade, tendo em vista o contexto histórico da publicação do vídeo ser o momento concomitante à publicação do vídeo. Assim o vínculo causal foi ocorrência de uma pandemia, juntamente com o fato de estarem todos reclusos, em isolamento social, situação que gerou um argumento para o início da pregação que pode ser conferida no capítulo IV desta tese.

2.b. O argumento pragmático:

“Denominamos de argumento pragmático aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis. [...] Para apreciar um acontecimento cumpre reportar-se a seus efeitos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 303).

Seguindo o mesmo exemplo da pandemia, na pregação “Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena”, o argumento pragmático surge na leitura da narrativa bíblica, quando o sujeito destinador enuncia: “[...] então vamos ler o que está escrito em Levítico capítulo treze o versículo quarenta e seis...diz assim...enquanto tiver a doença...estará impuro...viverá separado...fora do acampamento [...]” (Júnior, 2020 – excerto 40). Nesse excerto acima, há um simulacro do real no discurso que apresenta as consequências de actantes sujeitos terem se tornado impuros, e por conta disso, tiveram de viver separados.

2.c. O vínculo causal como relação de um fato com sua consequência ou de um meio com um fim:

Um mesmo acontecimento será interpretado, e valorizado diferentemente, conforme a ideia que se forma da natureza, deliberada ou involuntária, de suas consequências. [...] De um modo geral, o fato de considerar ou não uma conduta como um meio para alcançar um fim pode acarretar as mais importantes consequências, e pode, portanto, por essa razão, constituir um objeto essencial de uma argumentação. (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 308).

Esse argumento pode ser exemplificado na sanção de um sujeito judicativo que pune ou dá uma recompensa ao sujeito destinatário, como ir para o céu, recompensa, ou ir para o inferno, punição. Temos esse exemplo no texto-enunciado “O que pode ser evitado no casamento”, disponível no capítulo V, conferido na citação a seguir: [...]cê quer ter um casamento bola murcha...cê quer viver de qualquer jeito então vai viver...vai viver se dane vai pro **inferno** sozinho...nós queremos ser bola cheia...cheia de ar...**cheia do espírito** [...] (Shankar, 2015 – excerto 85).

2.d Os fins e os meios:

Os objetivos se constituem, se precisam e se transformam à medida que vai evoluindo a situação da qual fazem parte os meios disponíveis e aceitos; certos meios podem ser identificados a fins e podem mesmo tornar-se fins, deixando na sombra, no indeterminado, no possível, aquilo a que poderiam servir (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 312).

Este argumento pode ser exemplificado na pregação “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém”, da cena enunciativa 1.a, na qual o sujeito destinador afirma ser necessário realizar perguntas a si mesmo antes de se casar com alguém. As perguntas são os meios para um fim, que é o casamento.

eu vou te passar uma lista de seis perguntas que eu acredito que cada um deve fazer antes de se casar...mas antes disso já deixa seu like se inscreva aqui no meu Canal e ative o sininho...para você ser avisado pelo *YouTube* assim que eu colocar o próximo vídeo...tá ok...então vamos lá [...] (Júnior, 2019 – excerto do exórdio).

2.e. O argumento do desperdício:

“O argumento do desperdício consiste em dizer que, uma vez que já se começou uma obra, que já se aceitaram sacrifícios que se perderiam em caso de renúncia à empreitada, cumpre prosseguir na mesma direção” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 317).

Na cena enunciativa 1.b, na pregação “Missa Dominical com padre Fábio de Melo” o sujeito destinador alerta o sujeito destinatário sobre o trabalho de se casar novamente. Esse argumento é o do desperdício, pois persuade o sujeito a não se separar visto o trabalho de ter de construir uma nova relação. Podemos conferir no excerto 64, a seguir:

[...] e eu vejo muitos casais diante desse conflito...não **sabem** passar de fase...da mesma forma como seu filho joga vídeo game... e ele precisa passar de fase...pra não desistir do jogo...não é justo perder naquela fase...e não tentar...então existem muitos casais...que ficam...com dificuldade de mudar de fase...então se **separam** por isso...quando na verdade...aí vão tentar construir tudo isso com uma outra pessoa...dá trabalho meu Deus do céu [...] (Melo, 2020- excerto 64).

2.f O argumento da direção:

O argumento de direção consiste, essencialmente, no alerta contra o uso do procedimento das etapas: se você ceder desta vez, deverá ceder um pouco mais da próxima, e sabe Deus aonde você vai parar [...] Cada vez que uma meta pode ser apresentada como ponto de referência, uma etapa numa certa direção, o argumento da direção pode ser utilizado (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 321).

Na pregação “Espiritualidade a partir dos relacionamentos” é possível encontrar esse argumento da direção, pois o sujeito destinador, orienta o sujeito destinatário a mudar a postura diante das pessoas com quem estaria vivendo situações conflituosas. No excerto 71, podemos conferir:

[...] mas quando uma relação está me causando somente prejuízo...eu preciso relê-la...e tudo isso é espiritualidade...as pessoas que compõem a nossa ambiência afetiva...emocional...essas que nos influenciam...que de alguma forma participam na construção da nossa vida...todas essas pessoas precisam ser diariamente enfrentadas...ainda que não concretamente...mas pelo menos num entendimento...numa reflexão [...] (Melo, 2021 – 71).

2.g A superação:

“[...] os argumentos da superação insistem na possibilidade de ir sempre mais longe num certo sentido, sem que se entreveja um limite nessa direção, e isso com um crescimento contínuo de valor” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 327).

Um exemplo desse argumento é a divulgação que consta na página do perfil do Canal Pastor Antônio Júnior, na qual ele comemora a quantidade de inscritos.

2h. Argumentos: a) A pessoa e seus atos; b) A interação entre o ato e a pessoa

a) A pessoa e seus atos:

“A construção da pessoa humana, que se vincula aos atos, é ligada a uma distinção entre o que se considera importante, natural, próprio do ser de quem se fala, e o que se considera

transitório, manifestação exterior do sujeito” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 334): Esse argumento pode ser exemplificado com o excerto 74 da cena enunciativa 1.b:

[...] reveja os seus vínculos...o que esses vínculos sopram dentro de você?...eles lhe encorajam?...eles lhe fazem chegar ao melhor de si...ou eles...mediante a uma prática muitas vezes desonesta... lhe reificam...lhe paralisam...naquele pouco que você já achou de você?...há um horizonte a ser desbravado...e somente a espiritualidade nos faz chegar ao melhor de nós mesmos...espiritualidade é convivência...nunca se separaram [...] (Melo, 2021 – excerto 74).

O sujeito destinador intima o sujeito destinatário a rever seus vínculos, até mesmo quanto a sua honestidade que podem estar lhe reificando.

b) A interação entre o ato e a pessoa:

No que tange ao ato: “a reação do ato sobre o agente é capaz de modificar constantemente a nossa concepção da pessoa, em se tratando de atos novos que lhe atribuímos ou de atos antigos aos quais nos referimos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 337).

No que tange à pessoa: “tudo quanto pode ser considerado emanção da pessoa, sejam eles ações, modos de expressão, reações emotivas, cacoetes involuntários ou juízos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p.339).

Pensemos esse argumento no que tange à pessoa, quanto aos argumentos de interação como ferramenta do riso, presente na cena enunciativa 2. Os sujeitos destinadores movimentam-se de um lado para o outro enquanto contam narrativas engraçadas relacionadas a hipotéticos fatos do cotidiano vividos por quem está disfórico ao discurso fundador da fé cristã. Os destinadores riem, fazem imitações de movimentos e voz para provocar o riso.

2.i O argumento de autoridade:

“O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 348).

O argumento de autoridade está presente em muitas situações, como nas páginas de perfil dos enunciadores na própria identidade de “padre” ou “pastor”, que são autoridades espirituais dignas socialmente de serem ouvidas, pois figuram autoridade diante de seus adeptos. Outra situação é no próprio discurso fundador, de modo implícito, quando lido ou parafraseado, é exemplo de argumento de autoridade. Desse modo, esse argumento foi encontrado em todas as pregações analisadas, pois os discursos são fundamentados no discurso fundador da fé cristã (Bíblia Sagrada).

2.j As técnicas de ruptura e de refreamento opostas à interação ato- pessoa:

“As técnicas que rompem, ou que refreiam, a interação entre o ato e a pessoa devem ser postas em ação quando existe uma incompatibilidade entre aquilo que julgamos da pessoa e o que pensamos do ato” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 353).

Em “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém” e em “Espiritualidade a partir dos relacionamentos”, pois nas duas pregações há orientações (técnicas) para que o sujeito destinatário analise se convém escolher determinada pessoa para ser seu cônjuge, no caso da primeira pregação e quanto ao fato de reavaliar a interação social, pois sugere talvez haver atos disfóricos à harmonia da relação entre o sujeito destinatário e as pessoas com quem convive.

2.k O discurso estrutura do real como ato do orador:

“[...] merece atenção particular, tanto porque o discurso, para muitos, é a manifestação por excelência da pessoa, quanto porque a interação entre orador e discurso desempenha um papel muito importante na argumentação” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 361).

É um argumento presente em todas as pregações desde a leitura de versículos, a fala do destinador, bem como seus gestos são passíveis de interpretação argumentativa.

2.l O grupo e seus membros:

“Os indivíduos influem sobre a imagem que temos dos grupos aos quais pertencem e, inversamente, o que achamos do grupo nos predispõe a certa imagem daqueles que dele fazem parte” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 366).

Na cena enunciativa 2.a encontramos um sujeito destinador que se coloca como passível de avaliação, passando a sujeito paciente no momento em que se justifica como membro habilitado a estar naquele grupo, pois formou-se para isso, com cursos de capacitação. O mesmo sujeito, agora como destinador, interage com o grupo, proporcionando uma interação passível de avaliação entre os pares (casais) e pelo próprio sujeito judicativo que os imita de modo ridículo, a fim de provocar o riso.

2.m O argumento do ato e da essência:

“[...] a partir de um verbo, de um adjetivo ou de uma expressão que designa uma relação, a formar essências (‘o jogador’, ‘o patriota’, ‘a mãe’), características de certas classes de seres cujo comportamento elas explicam” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 373).

Na pregação “Arrume sua família na quarentena”, há a descrição de como é a mulher e de como é o homem em relação ao desejo sexual, a fim de argumentar o comportamento a partir de condicionantes biológicas que já são pré-determinadas ao sexo e influenciam na relação do casal e por isso precisam ser conhecidas e refletidas, a fim de que o parceiro adquira competência para lidar com as diferenças e obter objeto valor: sexo na relação.

2.n O argumento da ligação simbólica:

“[...] é preciso que símbolo e simbolizado [figura e figurativização na semiótica] estejam integrados numa realidade mítica ou especulativa, na qual participam um do outro” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 378).

A título de exemplo, as figuras de gesso de Nossa Senhora com o menino Jesus no colo, o quadro da Santa Ceia, são figuras representativas que integram num simulacro de realidade mítica, encontradas na cena enunciativa 2.a. Em geral, os temas e figuras que recobrem a narrativa são exemplos concernentes a esse argumento.

2.o O argumento de hierarquia dupla:

“Com efeito, atrás de toda hierarquia vemos delinear-se outra hierarquia; esse recurso é natural e ocorre espontaneamente porque nos damos conta de que é assim que o interlocutor decerto tentaria sustentar sua afirmação” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 384): Em todos os enunciados foram encontrados este argumento, pois a hierarquia católica consiste na ordem ascendente para descendente.

Arqui-Destinador (Deus), destinador da igreja (o Papa), destinador do fiel (padre), destinatário (o fiel). Na igreja protestante a hierarquia consiste na ordem ascendente para descendente: Arqui-Destinador (Deus), destinador do fiel (pastor), destinatário (o fiel).

2.p Os argumentos concernentes às diferenças de grau e de ordem: “tem o efeito de minimizar as diferenças de grau, de igualar mais ou menos os termos que só diferem entre si pela intensidade e de acentuar o que os separa de termos de outra ordem” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 393): Um exemplo desse argumento é o momento em que o sujeito destinador da cena enunciativa 2.a, no excerto 120, explica a dinâmica com um puxão da própria orelha, no lugar de contar o número um e enuncia:

[...] vamos tirar o um...agora parou o um...aqui ó ((puxa a orelha))...dois três...dois três...não se fala um...o um é isso aqui((puxa a orelha))...passado de nível...segundo nível do *playstation*...vai lá ...acelera...tá bom... olha pra cá ...vamos mudar [...] (Shankar, 2017 – excerto 120).

3) As ligações que fundamentam a estrutura do real: O enunciador cria uma situação hipotética, cuja estrutura baseia-se na realidade e em cima dela constrói o argumento desejado. Classificam-se em sete tipos específicos:

3.a Argumento pelo exemplo:

“[...] quando dois fenômenos são subsumidos sob um mesmo conceito, a assimilação deles parece resultar da própria natureza das coisas, ao passo que a diferenciação deles parece necessitar de uma justificação” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 406).

Podemos pensar como argumento pelo exemplo, o que ocorre em uma das pregações ao tratar de isolamento na pandemia devido ao vírus covid-19. Uma situação do mundo natural, transforma-se em exemplo dentro da narrativa, transformando o enunciador, já em uma situação de discurso, pôr-se como figura actancial de segundo grau na narrativa

3.b Argumento da ilustração:

“[...] [Fornece] casos particulares que esclarecem o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis, aumentam-lhe a presença na consciência” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 407).

Os *frames* em movimento na cena enunciativa 1.a é um exemplo contundente de argumento pela ilustração, conferidos no capítulo III. O enunciador 1.a, no primeiro e terceiro vídeo analisado, narra seus ensinamentos enquanto figuras em movimento vão passando pela tela.

3.c O argumento do modelo:

“O valor da pessoa, reconhecido previamente, constitui a premissa da qual se tirará uma conclusão preconizando um comportamento particular. Não se imita qualquer um; para servir de modelo, é preciso um mínimo de prestígio” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 414).

Trata-se de um argumento da construção de si sobre o outro, presente na página de perfil dos enunciadores, que pela crença cristã, todo cristão precisa ser um modelo de vida para que outros desejem seguir também a Cristo. Assim, todo aquele que é cristão, é esperado que siga os ensinamentos bíblicos, e por isso é, ou deveria ser um modelo a ser seguido. Os enunciadores analisados são modelos que se classificam como modelo a ser seguido, visto que estão até ensinando por meio de suas pregações seus enunciatários.

3.d O argumento do antimitelo:

“Se a referência a um modelo possibilita promover certas condutas, a referência a um contraste, a um antimitelo permite afastar-se delas” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, [1958] 2014, p. 417).

O antimitelo no discurso cristão é tudo que figurativiza o mal, como por exemplo, o pecado, os demônios (na página do perfil do enunciador 1 consta um exemplo), o inferno, ou ainda tudo que tiver na posição de disfórico ao que se prega, como o marido violento, a prostituição, entre outros.

3.e O argumento do ser perfeito como modelo:

“[...] por sua própria qualidade e por essência, ele tem algo de inapreensível, de

desconhecido e porque, de outro lado, ele não vale somente para um tempo e um lugar” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 423).

Esse argumento é a própria natureza do Arqui-Destinador (Deus), principal argumento que permeia e rege todos os discursos cristãos na posição axiológica sempre eufórica.

3.f O argumento da analogia:

“[...] analogia faz parte de uma série, identidade-semelhança-analogia, da qual constitui o elemento menos significativo. Seu único valor seria possibilitar a formulação de uma hipótese que seria verificada por indução [...]” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 423).

Podemos exemplificar os atos dos cristãos católicos no período da quaresma, quando buscam repetir o sofrimento de Cristo, ao parar de comer carne vermelha, viver em oração. São exemplos de atitudes que não figuram na identidade de Cristo e nem se assemelham com o que Cristo viveu, mas são atitudes análogas, pois trazem à memória o sentido do que é a quaresma.

3.g O argumento da metáfora:

“Não poderíamos, neste momento, descrever melhor a metáfora do que a concebendo, pelo menos no que tange à argumentação, como uma analogia condensada” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 453).

A metáfora pode ser exemplificada pelos balões de bexigas utilizados como semáforo. Não são um semáforo, mas foram tratadas como se fossem, a fim de realizarem uma dinâmica em uma das pregações da cena enunciativa 2.a.

4) As dissociações das noções:

“[...] A dissociação das noções determina um remanejamento mais ou menos profundo dos dados conceituais que servem de fundamento para a argumentação [...]” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 467-8).

Essa dissociação das noções equivale, mais ou menos, ao que a semiótica discursiva entende por axiologia: vida/morte, paz/guerra, individual/coletivo. Essa visão axiológica das coisas está na base da análise semiótica e por isso as dissociações das noções foram encontradas em todos os textos analisados.

Trataremos no item a seguir das pregações cristãs midiático-digitais enquanto textos sincréticos. Abordaremos o semissimbolismo a fim de dar continuidade à apresentação das ferramentas tensivas teórico-metodológicas que irão alicerçar as análises do *corpus* de pesquisa.

3.2 ACERCA DO SINCRETISMO TEXTUAL E DO SEMISSIMBOLISMO NAS PREGAÇÕES CRISTÃS MIDIÁTICO-DIGITAIS

Para tratarmos do sincretismo textual e do semissimbolismo, iniciemos com as bases da teoria greimasiana, a qual buscou nos estudos de Hjelmslev (1975 [1943]) para concatenar um modelo teórico-metodológico como pudemos observar em item sobre o percurso gerativo de sentido.

A semiótica discursiva contou com as contribuições de Louis Hjelmslev para sua formação basilar ao debruçar-se sobre os postulados saussurianos do século XX, período em que a Linguística então se torna ciência graças aos estudos de Saussure, este último tido como pai da linguística moderna após a publicação da obra póstuma *Curso de Linguística Geral*, que mais tarde, estudada pelo dinamarquês, passa por redefinições quanto ao signo linguístico na chamada teoria da linguagem publicada na obra *Prolegômenos* (1943).

Hjelmslev pretendeu construir um projeto imanentista que consiste na construção de uma teoria da linguagem ou álgebra da linguagem que denominou de glossemática, que provém do grego *γλωσσα* (*glossa*), que significa língua. Trata-se de um procedimento dedutivo e descritivo, que parte do texto em sua totalidade, o qual deve ser analisado exaustivamente, sem contradições, até que se esgotem as possibilidades, que devem consistir em reconhecer as dependências entre os termos que compõem o texto. Tais dependências, também chamadas de funções, podem ser mútuas, unilaterais ou, ainda, não haver dependência, não se pressupor, mas figurar juntas no texto (Fiorin, 2003).

Nas definições de Hjelmslev, dependência, como dito acima, é uma função, que pode vir a ser um funtivo, pois funtivo de uma função é um objeto que tem uma função com outro objeto. E o funtivo que não é uma função será denominado grandeza, por exemplo, sílabas e fonemas (Hjelmslev 1975 [1943], p. 39-40; Fiorin 2003, p. 30). Sobre o procedimento dedutivo adotado nas análises, Hjelmslev esclarece:

Nossas definições nada têm que contradiga ou impeça o uso da palavra dedução no sentido de "conclusão lógica". Parece-nos possível dizer que proposições que decorrem de outras proposições resultam destas por análise: em cada nível do procedimento, as proposições deduzidas são objetos que dependem uns dos outros de modo homogêneo, tal como eles dependem da proposição pressuposta (Hjelmslev, 1975 [1943], p. 36).

Em sua teoria da linguagem proposta, cujo objetivo “deve ser a verificação da tese de que um sistema subjaz ao processo e de que uma constância subentende as flutuações” (Hjelmslev, 1975 [1943], p. 9), o sistema e o processo são os objetos de análise, sendo o texto o processo e a língua o sistema (Fiorin, 2003, p. 25). No processo, as relações entre os

termos são hierárquicas e sintagmáticas, enquanto os termos do sistema são chamados de classes, e essas classes são, por sua vez, chamadas de paradigmáticas.

Cada parte do objeto só tem existência pelos relacionamentos: “1) entre ela e outras partes coordenadas, 2) entre a totalidade e as partes do grau seguinte, 3) entre o conjunto dos relacionamentos e das dependências” (Hjelmslev, 1975 [1943], p. 28). Esses relacionamentos entre os termos no processo, receberão nomes que o autor irá respectivamente chamá-los de interdependência, determinações e constelações. A partir dessas nomenclaturas, Hjelmslev faz uma organização das possibilidades de dependências presentes no processo, consoante quadro abaixo:

	Sistema (língua)	Processo (texto)
Interdependência	Complementaridade	Solidariedade
Determinação	Especificação	Seleção
Constelação	Autonomia	Combinação

Quadro organizado a partir de Fiorin (2003, p.28) com base em Hjelmslev (1975 [1943]).

No quadro acima, organizado por Fiorin (2003, p.28) consta como Hjelmslev (1975 [1943], p. 30) distingue as três espécies de dependências, conforme entrem num processo ou num sistema. O autor denomina solidariedade a interdependência entre termos num processo, e complementaridade refere-se à dependência entre termos num sistema, tratam, por exemplo, da relação entre os nomes e categorias de números, pressupondo-se um ao outro, como um breve exemplo, podemos citar a relação entre substantivo e adjetivo que é de complementaridade. Já a determinação entre termos num processo é chamada seleção e entre termos num sistema, especificação, tendo, por exemplo, a relação entre consoante e vogal na formação de sílaba, em que consoante pressupõe vogal, mas vogal não pressupõe consoante. E ainda a constelação denominada combinação no processo e autonomia no sistema, trata-se da não pressuposição entre um termo e outro, como em desinências verbais, por exemplo, “cantássemos”, “á” vogal temática, “sse” desinência que marca tempo imperfeito e modo subjuntivo e “mos” que marca primeira pessoa do plural.

Somam-se ainda as funções: a) ‘e...e’ para conjunção (relação de coexistência), equivale ao processo (texto); b) função sintagmática ‘ou...ou’ para disjunção (relação de alternância entre termos), equivale ao sistema. Além disso, há a chamada *função semiótica* que surge das ideias de Hjelmslev a partir da questão apresentada por Saussure de que a língua é forma e não substância, sendo o que de fato motivou o projeto de Hjelmslev. A língua é forma porque, por exemplo, pode ser traduzida para outras línguas, porque existe

uma “constância”, que se mantém sob variadas manifestações” (Fiorin, 2003, p. 22), e era o que procurava o estudioso. A premissa de que a língua é forma e não substância, constatamos na obra *Curso de Linguística Geral*, consoante a seguir:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som é o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura. A Linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens se combinam; esta combinação produz uma forma, não uma substância (Saussure, 2006, p.131).

Por conseguinte, Hjelmslev (1975 [1943]) repensa e reorganiza a definição de signo dada por Saussure. Para Saussure (2006, p. 80), o signo é a união do significante, imagem acústica, com o significado, que é o conceito, ambos em uma relação de reciprocidade. A partir da conceituação de Saussure, Hjelmslev chama de expressão, o significante e de conteúdo, o significado, em uma reformulação que culminou num modelo de língua que se afasta num ponto crucial do modelo saussuriano, pois enquanto para Saussure a *langue* era um sistema de signos, para Hjelmslev *a língua é um sistema de figuras que ao se combinarem produzem signos*.

Hjelmslev (1975 [1943]) observou que a análise em signos devia ser abandonada e que expressão e conteúdo deviam ser analisados separadamente. A esse respeito, Fiorin (2003) explica que para Hjelmslev (1975 [1943]):

O fato de um morfema como a (artigo ou marca de feminino ou indicador de 1ª conjugação) ser também uma sílaba ou um fonema indica que, em cada nível de análise, temos objetos diferentes. Esse fato mostra que a análise em signos deve ser abandonada e que expressão e conteúdo devem ser analisados separadamente (Fiorin, 2003, p. 33).

À vista disso, tendo no plano da expressão os componentes sonoros e no plano do conteúdo o sentido, o dinamarquês redefine signo, conceito também adotado pela semiótica discursiva, como “uma unidade do plano de manifestação, cuja função semiótica pressupõe uma reciprocidade entre significante e significado. Sendo o significante do plano da expressão e o significado do plano de conteúdo, no momento do ato de linguagem” (Greimas; Courtés, 2020 [1979]).

De acordo com Hjelmslev (1975 [1943]), há uma solidariedade entre a função semiótica e os fúntivos expressão e conteúdo devido a interdependência entre esses termos dentro de um processo, ou seja, eles se pressupõem mutuamente. Por isso, Hjelmslev nos diz que “a expressão só é expressão porque é expressão de um conteúdo e o conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão” (Id., Ibid, p. 53-54).

A significação é um processo de semiose, que resulta não somente em morfemas, as unidades mínimas, mas também por meio de frases e textos. Desse modo, qualquer produção humana dotada de sentido é um signo; e o sentido, por sua vez, é chamado de massa amorfa, “uma grandeza que só se define pela função que a une ao princípio de estrutura da língua e a todos os fatores que fazem com que as línguas se distingam umas das outras” (Hjelmslev, 1975 [1943], p. 55- 56); sendo o princípio de estrutura da língua aquele que “comporta a função semiótica e todas as funções que dela se pode deduzir” (Id., Ibid).

Sendo assim, podemos dizer que Hjelmslev (1975 [1943]) organizou o signo em duas partes, sendo um a expressão, é o que se vê, o aparente, o que é apresentado aos nossos sentidos, uma imagem ou palavra, e a outra conteúdo é o sentido, a compreensão, a interpretação dessa expressão, a ideia ou a atividade do pensamento, que embora não tenham uma relação de sentido idênticas ao proposto por Saussure (2006 [1916]), são mais ou menos equivalentes a significante e significado respectivamente, pois não são sinônimos perfeitos. Tanto a expressão quanto o conteúdo possuem uma forma e uma substância, sendo a função semiótica estabelecida entre ambos.

Diferentemente de ⁶²Saussure (2006 [1916]), Hjelmslev (1975 [1943]) estabelece que a substância é resultado da forma e não o contrário. Desse modo, há tanto a substância do conteúdo como resultado da forma, corresponde ao pensamento, quanto substância da expressão, corresponde à cadeia fônica; sendo a substância dependente exclusivamente da forma e não sendo possível sua existência independente.

E é esse isomorfismo descrito no parágrafo anterior, entre expressão e conteúdo que chama a atenção de Greimas para a produção da obra semântica estrutural. “Diz-se que há isomorfia entre duas estruturas de duas ordens diferentes de fatos quando ambas apresentam o mesmo tipo de relações combinatórias” (Dubois *et al*, s.d, p. 354). Desse modo, há um novo modelo do signo, diferente do proposto por Saussure (2006 [1916]), pois Hjelmslev (1975 [1943]) apresenta-nos os planos do significante e do significado em quatro estratos, dois de substância e dois de forma, dado que o signo é instituído como uma função contraída entre dois funtivos formais, o do plano da expressão e o do plano do conteúdo. E é nesse isomorfismo que as figuras se combinam e produzem o signo.

A relação combinatória entre as figuras “pode ocorrer entre femas, semas, fonemas,

⁶² O método estrutural apresenta cinco conceitos em uma doutrina dicotômica que “com o conceito de valor, Saussure ([1916] 2006), mostra que o que importa na língua são as diferenças existentes entre conceitos e sons (Fiorin, 2003, p. 59). Na primeira dicotomia define o signo como duas partes indissociáveis, sendo composto pelo significante e pelo significado. Significante, imagem acústica e psíquica da palavra, podemos dizer que é o corpo da ideia; e o significado é o conceito.

sememas, sílabas e enunciados semânticos” (Greimas; Courtés, 2020 [1979]). Os semas, pertencem ao plano do conteúdo em um paralelismo com os femas do plano da expressão. É uma unidade mínima linguística que dispõe de uma característica significativa que ao dispor-se em conjunto fornece os diferentes significados que tem uma palavra, passando assim a chamar-se semema. A natureza dos semas é relacional, sendo apreendido somente com outro termo da mesma rede relacional (Greimas; Courtés, 2020 [1979]). O semema de *cama*, por exemplo, comporta os semas: para deitar, de casal, de solteiro, de madeira. Ou ainda o semema de vaca, comporta os semas: boi, fêmea, adulto.

Dessa forma, os sememas, segundo o dicionário de semiótica, correspondem por aquilo que a linguagem ordinária entende por “acepção”, por “sentido particular” de uma palavra. É um fato estrutural, uma unidade do plano do conteúdo. O semantismo comum a diversos sememas cobertos por um mesmo formante, mas distinto dos investimentos sêmicos dos sememas contíguos da mesma cadeia, constitui o núcleo do semema e assegura a sua especificidade semântica. Esse núcleo é o que o semema tem de próprio, pois o resto vem do contexto (Greimas; Courtés, 2020 [1979]). Assim, o lexema *cama* pode possuir acepções como:

1. Móvel no qual a pessoa se deita para dormir; leito;
2. Qualquer objeto sobre o qual uma pessoa ou um animal se deita para dormir: cama de feno;
3. Colchão, enxerga ou barra de leito;
4. Lugar macio sobre o qual se colocam frutas ou objetos frágeis;
5. Parte do fruto de planta rasteira que assenta na terra;
6. Estar de cama, estar doente, acamado, sem poder levantar-se;
7. Fazer a cama a alguém, fazer intrigas, dar más informações a respeito de uma pessoa, com o fim de lhe criar embaraços.

O Lexema é a palavra, por exemplo, as entradas do dicionário, que são caracterizadas pela constituição de um conjunto de sememas, conjunto que pode ser em última instância monossêmicos, reunidos por núcleo sêmico comum (Greimas; Courtés, 2020 [1979]).

A seguir, tabela que organizamos com base na proposta de Hjelmslev (1975 [1943]), consoante a função semiótica:

Função semiótica	Expressão (significante) (É o que se vê, o aparente, o que é apresentado aos nossos sentidos, uma imagem, uma palavra, algo que nos apresente visualmente) Unidade vazia	Forma (representações feitas pela língua) Representação fonológica, articulação de vogais com consoantes. Esquema de possibilidades do sistema fonológico e sintático de uma língua. Os fonemas e morfemas que se unem para formar palavras.
		Substância (plano fônico)/ sons/fonética. Som, cores, representação fonológica, cromática e gráfica.
	Conteúdo (significado) (É o sentido, a compreensão, a interpretação da expressão)	Forma (representações feitas pela língua) Representação semântica. A maneira de combinar diferentemente o conteúdo nas diversas línguas no texto.

	Unidade plena/ campo cheio	Substância (plano do pensamento) Conceitos/filosofia. É o sentido, a ideia.

Tabela 7 - Função semiótica - Elaborado para esta tese com base nos estudos de Hjelmslev (1975 [1943]).

Hjelmslev (1975 [1943]) estabelece que todo e qualquer objeto significante compõe o objeto da glossemática, pois as línguas naturais são apenas um uso particular desse objeto mais geral e desse modo, ele realiza o projeto de Saussure (2006 [1916]) para quem a linguística faria parte de uma ciência mais geral, a semiologia (Cf. Saussure, 2006 [1916], p. 23-25). É a partir desse ponto em que Hjelmslev (1975 [1943]) procura responder duas questões: “na totalidade das estruturas semióticas, qual o lugar que se deve atribuir à língua? E em segundo lugar: onde fica a fronteira entre semiótica e não- semiótica?” (Hjelmslev, 1975 [1943], p. 115).

O estudioso (1975 [1943]) responde que uma língua é uma semiótica na qual todas as outras semióticas podem ser traduzidas, uma situação é a tradução de uma língua a outra, sendo a razão disso, atribui o autor, a possibilidade de formação de signos e as regras conforme consta na citação a seguir:

Estamos inclinados a supor que a razão disso é a possibilidade ilimitada de formação de signos e as regras bastante livres que rege uma formação de unidades de grande extensão (como as frases, por exemplo) em todas as línguas, o que, por outro lado, tem por efeito o fato de permitir formulações falsas, ilógicas, imprecisas, feias e imorais, bem como formulações verdadeiras, lógicas, precisas, belas e morais (Hjelmslev, 1975 [1943], p. 115).

De acordo com Hjelmslev (1975 [1943]), semiótica consiste na copresença de dois planos, de conteúdo e de expressão, pois assim, possuem estruturas biplanares. Às estruturas monoplanares, que tem apenas um plano, é dado o nome de símbolos, pois a expressão e conteúdo se resumem a apenas um plano, por exemplo o jogo de xadrez (Hjelmslev, [1943] 1975, p.118-119). Como exemplo de símbolo também temos “Uma mulher com olhos vendados e com uma balança na mão é símbolo da justiça”; “A foice e o martelo cruzados são o símbolo do comunismo” (Fiorin, 2003, p. 62). Entretanto, mesmo as não-semióticas são componentes de semióticas, são passíveis de análise, pois todos os objetos, os acontecimentos, as situações podem ser analisados do ponto de vista da significação. Por isso, segundo Hjelmslev (1975 [1943]), todos os objetos podem ser examinados do ponto de vista da teoria da linguagem.

O projeto científico da linguagem de Hjelmslev (1975 [1943]), vai além da semiótica denotativa que trata dos signos em seu sentido real e objetivo, distinguindo as semióticas entre semióticas denotativas, semióticas conotativas e metassemióticas. As semióticas conotativas operam com o plano de expressão que por si só já é uma semiótica, é “uma semiótica que não

é uma língua e cujo plano de expressão é constituído pelos planos de conteúdo e de expressão de uma semiótica denotativa” (Id., Ibid, p.125).

As contribuições de sentido quando do uso das metáforas, por exemplo, são inconcebíveis no sentido denotado. Entretanto, a semiótica conotativa possibilita dar a termos já existentes um outro sentido, sendo analisados pelos mesmos princípios da semiótica denotativa. A conotação é o uso de um termo no sentido figurado, que proporciona o uso das figuras retóricas das mais variadas, como vimos ao tratarmos do riso nas pregações e pretendemos apreender quando das análises da cena enunciativa 2.

As contribuições da proposta hjelmsleviana para a formação da semiótica discursiva inicialmente foi tal qual sua origem, entretanto pelo fato de a teoria da linguagem propor análises de textos, tornou-se um procedimento exaustivo, pois pretendeu explicar as unidades lexicais particulares, o que diverge de seu objeto almejado, que é a interpretação dos textos. O projeto hjelmsleviano não ultrapassou os limites da frase, enquanto a semiótica discursiva é da ordem do transfrástico, pois as análises partem da frase para o texto, descrevendo os fenômenos sintáticos-semânticos, e as relações que se estabelecem entre frases e períodos, formando uma unidade com sentido próprio.

Dentre as contribuições de Hjelmslev, destacamos como importante para os textos semissimbólicos o interesse do autor em estabelecer uma mesma metalinguagem que servisse tanto para o plano da expressão quanto para o plano do conteúdo (Cf. Tatit, 2007, p. 8). “Essa é a grande ambição de Hjelmslev: ter uma metalinguagem que dê conta dos dois planos. Evidentemente, cada um com as suas particularidades, mas a metalinguagem é a mesma. O pensamento que está por trás das duas versões é o mesmo” (Tatit, 2007, p. 8).

Sincretismo textual

Dada as considerações acima, tratemos do sincretismo textual “como o procedimento (ou seu resultado) que consiste em estabelecer, por superposição, uma relação entre dois (ou vários) termos ou categorias heterogêneas, cobrindo-os com o auxílio de uma grandeza semiótica ou linguística que os reúne” (Greimas; Courtés, 2020 [1979], p. 467).

Fiorin (2012) esclarece a noção de texto como “uma unidade de manifestação do discurso” (2012, p.153), em que o texto é a substância e o discurso, o conteúdo. Esse discurso pode se manifestar em diversos textos de gêneros distintos como em um romance, uma novela, por exemplo, podendo ser sincréticos ou não sincréticos.

Os textos sincréticos, são aqueles compostos por linguagem verbal e não verbal, enquanto os textos não sincréticos, apresentam-se com uma única linguagem que pode ser de modo escrito ou não. “Num sentido mais amplo, serão consideradas como sincréticas as semióticas que – como a ópera e o cinema – colocam em funcionamento diversas linguagens de manifestação” (Greimas; Courtés, 2020 [1979], p. 467).

Para exemplificar, as fotografias, as pinturas ou um texto escrito, são exemplos de não sincréticos. Agora, quando há mais de uma linguagem, temos o sincrético, como o cinema, a ópera, as histórias em quadrinhos e as pregações cristãs midiático-digitais. Portanto, segundo Fiorin (2012, p.148), em conformidade com a semiótica discursiva, temos que o texto é substância de expressão, enquanto o discurso é forma de conteúdo. [Sob o ponto de vista da tensividade], o discurso é da ordem do inteligível, enquanto o texto é da ordem do sensível (Fiorin, 2012, p. 148).

A relação bilateral presente nos textos sincréticos constitui o semissimbolismo, como sistemas significantes cuja caracterização está na correlação entre categorias dos dois planos (expressão e conteúdo). Assim, não basta apenas a coexistência de conteúdo e expressão, mas é necessária uma construção de sentido que envolva os dois planos (Cf. Teixeira, 2008).

Lindenberg Lemos (2016, p. 341) concatena argumentos a fim de validar a tensividade nas análises de textos sincréticos a partir da apresentação da observação de Floch (1986, p. 218), o qual ao observar que os objetos sincréticos (textos) possuem um todo de significação, propõe, num primeiro momento, proceder às análises do plano de conteúdo, para em um segundo momento, após adquirir um saber dos diferentes graus de correspondência (ref. percurso gerativo de sentido), retornar à manifestação a fim de compreender melhor “as regras de sua distribuição nas diferentes linguagens, bem como os papéis e estatutos que são atribuídos a estes últimos; e que se poderá abordar o plano da expressão” (Floch, 1986, p. 218).⁶³

Os estudos desenvolvidos por Floch (1986), a fim de dar conta das significações que envolvem tanto o plano de conteúdo quanto o plano de expressão, visto que as imagens das pregações são imprescindíveis para a apreensão do estilo (*ethos*), por isso são analisadas, no nível discursivo do percurso gerativo de sentido, por meio de recortes, de modo a congelar uma atuação do destinador no interior do discurso, por meio da combinação dos formantes cromático, eidético e topológico, os quais formam as figuras de conteúdo e figuras de expressão. Esses formantes plásticos, de acordo com as ideias de Floch (1986), correspondem às unidades do plano de expressão que podem corresponder a uma ou mais unidades do plano de conteúdo,

⁶³ [...] les règles de sa distribution sur plusieurs langages, ainsi que les rôles et les statuts qui sont attribués à ces derniers; et que l'on pourra aborder le plan de l'expression (Floch, 1986, p. 218).

capazes de apreender sentido, por exemplo, em um gesto, a disposição dos objetos, a roupa, a postura, o andar, a aproximação da face na câmera do vídeo, as figuras religiosas, configura-se como sistema semissimbólico (Pietroforte, 2017).

Conforme explica Lindenberg Lemos (2016), o semissimbolismo é tido como um mecanismo de análise de textos sincréticos mais difundido, o qual busca correlações entre categorias relevantes dos dois planos, expressão e conteúdo, contemplando mais detidamente os textos poéticos e não-verbais (Lindenberg Lemos, 2015, p. 342). A autora (2015) utiliza o exemplo do movimento horizontal da cabeça para negar e o movimento vertical para afirmar, com a finalidade de apresentar as axiologias verticalidade (afirmação) *versus* horizontalidade (negação), como argumento para demonstrar que não há nenhuma relação entre as categorias, mas que, todavia, dentro de um contexto adquire uma significação específica, a qual se forma, referindo-se ao exemplo do gesto da cabeça, em discursos gestuais do cotidiano. Tal exemplo é tido como algo que se dá pela característica arbitrária do signo, dada a observação saussureana (Id., Ibid, p. 342).

Desse modo, o “efeito semissimbólico”, segundo a autora (Id., Ibid,) de que:

[...] uma categoria independente do conteúdo corresponde necessariamente a uma categoria da expressão parece desafiar a arbitrariedade do signo: parece contraditório procurar motivação na relação entre significante e significado. Precisamos, no entanto, lançar mão de mais uma dicotomia saussuriana para justificar o semissimbolismo nesse quadro teórico. É preciso também considerar a oposição língua e fala, mais tarde reexaminada por Émile Benveniste (1995, p. 284-293) no quadro de uma oposição entre língua e discurso (Lindenberg Lemos, 2016, p. 343).

De acordo com Lindenberg Lemos (2016), Benveniste (1995, p. 54-59) lembra que há arbitrariedade entre significado/significante por ser uma relação imotivada, fazendo necessária uma relação cultural para que se estabeleça o sentido. A partir dessa observação, Lindenberg Lemos (2016) argumenta que o semissimbolismo promove uma desconstrução dessa relação (significado/significante) que é “necessária dentro de um dado sistema e incutir novos sentidos à categoria selecionada, criando a ilusão de que uma nova relação entre expressão e conteúdo gerada num texto é motivada – que aquela expressão deve necessariamente estar associada àquele conteúdo” (Id., Ibid, p. 343).

Assim sendo, completa a autora (2015), que a categoria semissimbólica é tida como transitória, o que preserva o princípio de arbitrariedade de Saussure (2006 [1916]), dada a ligação entre as categorias por função da escolha de um sujeito da enunciação (Id., Ibid, p. 343).

Jean-Marie Floch (1985, p. 206-207), na obra *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit*, busca em Hjelmslev (1975 [1943]) a distinção entre simbólicos, monoplanares, e os sistemas semióticos, os quais consistem na copresença de dois planos, de conteúdo e de expressão, pois

assim, possuem estruturas biplanares. Lindenberg Lemos (2016) explica que Floch (1985) “propõe então a formulação de sistemas semissimbólicos, em que há conformidade entre os planos da expressão e do conteúdo, mas essa conformidade se dá entre categorias e não mais de termo a termo” (Lindenberg Lemos, 2016, p. 344).

De acordo com observações de Barros (2008, p. 29-31), os sistemas simbólicos são determinados pelas práticas sociais, enquanto os semissimbólicos têm seus sentidos pela relação no interior do texto, a partir de um contexto determinado. A autora ainda observa que entre símbolo e semissímbolo há um caráter gradual, visto que as relações semissimbólicas constroem inovações, mas uma vez reiteradas com frequência, podem passar a ser fixadas como práticas corriqueiras banais (Barros, p. 34-37). Outra questão levantada por Barros é quanto a possibilidade de os símbolos servirem de apoio para a formação semissimbólica reconstruindo e aproximando sentidos (Id., Ibid), como ocorre nas paródias, que a partir de um sentido estabelecido pelas práticas sociais, busca construir um novo sentido, proporcionando ao destinatário essa reconstrução pelo conhecimento de mundo pré-estabelecido nas práticas.

Em item intitulado *Passagem às Categorias Tensivas*, Lindenberg Lemos (2016) defende as categorias tensivas como uma possibilidade de análise de textos sincréticos. A autora (2016), vincula-se à Barros (2008, p. 33), para crer que os sentidos tratados pelo mecanismo do semissimbolismo podem atuar na economia geral do texto, o que, segundo ela, “pedem critérios de abordagem mais abrangentes”. Mesmo assim, a autora valoriza a grande versatilidade que apresenta o semissimbolismo, mas arrisca no argumento, em conformidade com Tatit (2007, p. 18), que:

[...] as relações encontradas acabam por se revelar pouco justificadas na economia geral da análise do texto, pois são por demais acidentais e faltam elementos teóricos constantes que possam revelar o papel que essas categorias desempenham e como se ligam no interior do texto. Em outras palavras, é possível supor categorias mais abstratas, comuns à expressão e ao conteúdo, que se convertam em instrumental teórico e descritivo homogêneo para a análise de ambos os planos (Lindenberg Lemos, 2015, p. 18).

Sendo assim, e por não encontrarmos trabalhos que relacione em uma mesma pesquisa a tensiva com o semissimbolismo de Floch, longe de qualquer tentativa de despreço por uma ou outra abordagem, preferimos experimentar as ferramentas tensivas para dar conta das análises aqui propostas, cujos desdobramentos propostos por Claude Zilberberg (2006) dispõem de relações intensas e extensas, cuja sintagmatização faz parte da expressão, sendo a expressão o modo de estabilização do processo.

A partir das considerações acima, levando em conta “o texto como uma unidade de sentido constituída por meio da articulação entre um plano do conteúdo (o do discurso) e um

plano da expressão (o texto, verbal e/ou não verbal, que manifesta o conteúdo (Castro; Portela, 2018, p. 3); e considerando que o percurso gerativo de sentido se ocupa da análise do plano de conteúdo (o discurso), somaremos ao ferramental teórico-metodológico de análise os desdobramentos tensivos, os quais defendemos ser eficazes para as necessidades do *corpus*.

Nesse sentido, reafirmamos que esta tese recorre aos desdobramentos tensivos de Zilberberg (2011), aliados aos estudos de Discini (2015), a fim de traçar um percurso que atenda as necessidades do *corpus*.

Desse modo, o corpo discursivizado, após perpassar todos os níveis, manifesta-se no último patamar, no nível discursivo como ato enunciativo, conduzido pela narratividade, a qual comporta as instâncias intensivas e extensivas em uma articulação dos planos de conteúdo e de expressão, estabelecendo-se em um processo de impulsão (implicação) e resistência (retensivo), a impulsão seria o espaço aberto, enquanto a resistência, o espaço fechado, por exemplo.

Como explica Mancini e Calil (2015), na semiótica tensiva:

Segundo Zilberberg (2011), qualquer ato enunciativo – portanto, conduzido pela narratividade, o princípio de mudança entre estados inicial e final – comporta as instâncias intensivas e extensivas, que se articulam conforme haja articulação dos planos de conteúdo e expressão no enunciado. A intensidade é da ordem do sensível, passional e emotivo, enquanto a extensidade é da ordem do racional e apreensível; uma vez que um elemento qualquer adentra o campo de presença do sujeito, há a flutuação entre os instantes de interação não processada – como o susto, o choque – e de apreensão racionalizada. Quando o objeto semiótico prima pela estratégia da surpresa, a intensidade é maior; porém, como o próprio Zilberberg (2011) afirma ao citar Kant, o fim de qualquer experiência é direcionado à inércia, ao estado de anestesia. É quando o eixo da extensidade atinge o nível mais elevado, anulando o eixo da intensidade (Mancini; Calil, 2015).

Nesse sentido, para análise das figuras, reproduzidas nos *frames*, consideramos a possibilidade interpretativa sugerida por Zilberberg (2011), o qual baseado em Wölfflin, apresenta-nos o estilo renascentista (arte do ser), arte linear, de estilo clássico, visa o acabado, o aparecido (Zilberberg, 2011, p. 43): espacialidade fechada, relativo ao que não transborda, que tem a ilusão de estar tudo no quadro (*frame*), de aspectualidade perfectiva, modo de existência de estado de andamento desacelerado. Quanto ao estilo barroco (arte do parecer), o inacabado, o aparecimento (Zilberberg, 2011, p. 43): espacialidade aberta, como um transbordamento do quadro (*frame*), de aspectualidade imperfectiva de existência fugaz e andamento acelerado (Zilberberg, 2011, p. 194). Segue quadro conforme Zilberberg assinala (2011).

Definidos ↓ Definidores	→	Arte da Renascença	Arte barroca
Espacialidade		Fechado (respeito ao limite da moldura)	Aberto [transbordamento do limite da moldura]
Aspectualidade		Perfectivo	Imperfectivo
Existência		Estado [“solenidade”]	Acontecimento [fugacidade]
Andamento		Desaceleração	Aceleração

Tabela 8 – Disponibilidade das categorias semióticas - Reproduzida de Zilberberg (2011, p. 198).

As cores nas pregações em análise nesta tese são exemplos do plano de expressão, cujo conteúdo se dará mediante o contexto em que foram aplicadas, como por exemplo o vermelho da roupa da figura de um demônio será disfórica, representativa de inferno, bem como as cores pretas podem por vezes representar as trevas, enquanto, por vezes, o branco reluzente ser a presença do próprio Deus, e a pomba branca, o Espírito Santo. A título de exemplo, sob o ponto de vista da bondade, o escuro seria o mal e o claro, a bondade. Exemplificação no gráfico:

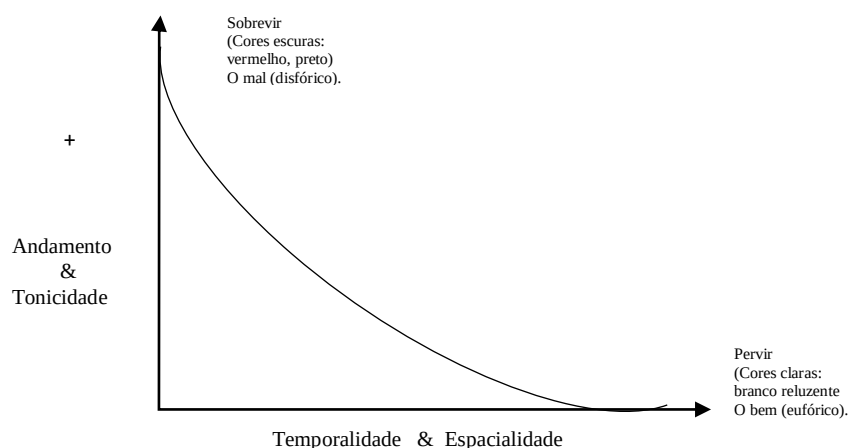


Gráfico 5 – Uma possibilidade interpretativa do bem e do mal na perspectiva cristã expressa nas cores.

A intensidade da cor preta ou vermelha em um contexto profano seria a presença do mal. Enquanto, a presença do sagrado poderia ser o branco reluzente, o vermelho, muitas vezes eufórico, representativo do sangue de Jesus Cristo, figurativização do sacrifício de sua própria vida para remissão dos pecados dos cristãos. Assim, o vermelho é expressão cujo contexto determina o plano do conteúdo. Há também o preto que pode ora figurativizar as trevas, ora pode simplesmente figurativizar a seriedade, quando na roupa do pregador ou nas cores das paredes de um altar, por exemplo.

Assim, é no desvelar do processo, que o analista apreende o sentido estabelecido pelo contexto em que se insere o plano de expressão e plano do conteúdo. As figuras tem o sentido desvendado no plano de conteúdo, mas esse conteúdo só terá seu sentido desvendado mediante análise do plano de expressão a partir da figurativização atribuída no contexto de produção, cuja axiologia é inerente, como em, a título de exemplo, quando ideia de movimento, estaticidade vs. mobilidade; quando saúde, saúde vs. doença; quando posição, horizontalidade vs. verticalidade, centralizado vs. descentralizado.

Assim sendo, entendendo as pregações como texto, pois são uma unidade sensível de manifestação do discurso, nas quais analisamos a expressão, o como foi dito, a entoação de voz, a organização das ideias, a gesticulação das mãos, dos braços, o andar no altar durante a pregação, as cores, o estilo da roupa, dos cabelos, enfim, tudo que fizer parte da expressão.

E o discurso, entendemos como a mensagem propriamente dita, com suas intencionalidades e suas convenientes verdades, que somente completa o sentido desejado, frente ao acordo fiduciário (tácito), em que tanto emissor e receptor concordam em valores e crenças referente ao tema tratado no discurso. O acordo fiduciário apresenta dois aspectos: a) como o texto deve ser considerado do ponto de vista da verdade e da realidade; b) como devem ser entendidos os enunciados: da maneira como foram ditos, ou ao contrário (Fiorin, 2001, p. 35). Varga (1995), contribui também nessa questão quando nos diz que no acordo tácito quando há desacordo completo, impossibilita o ato de comunicação. Mas “o que é muito mais difícil é determinar o grau de acordo” (Varga, 1995, p. 271).

Esse acordo tácito, com o advento da internet, torna-se mais sincrônico, permanecendo, muitas vezes, apenas durante uma pregação, pois o discurso religioso se apresenta no mundo contemporâneo com um viés libertador, sem a dura decisão de um batismo, que implica em praticar os dogmas da igreja, torna-se acessível por pessoas diversas, independente da escolha religiosa. Pode-se encontrar comentários de protestantes na publicação católica e vice-versa; ou ainda, pessoas com outras crenças, que naquela determinada pregação, estabelece um acordo tácito. A seguir, trataremos da desfronteirização da fidelização e da divulgação do corpo midiático-digital.

3.3 A DESFRONTEIRIZAÇÃO DA FIDELIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO CORPO CRISTÃO MIDIÁTICO-DIGITAL

Destacamos no segundo capítulo desta tese o surgimento da internet como resultado de uma ação programada após um cenário de crise comunicacional, onde uma nação, EUA, desejava ampliar seus recursos comunicacionais, cujo marco, ao menos nos registros históricos,

é a publicação do artigo “As We May Think” (1945) de Vannevar Bush. Trata-se, como vimos no capítulo 2, de um artigo científico que apresenta o chamado *Memex*, vinculado à ideia de espaço de armazenamento de memórias, que poderia ser acessado e consultado, funcionando como uma extensão da mente humana (Reino, 2017, p. 82).

O artigo “As We May Think” (1945) em si não é um acontecimento, porque é uma ação programada após um acontecimento, mas é fato implicativo, que indica que havia antes dele uma preocupação surgida em algum momento na história que o fez pensar no *Memex*. Essa preocupação, por sua vez, tem uma temporalidade bem definida, trata-se de um período de tensão pós Segunda Guerra Mundial, que se caracterizou pela chamada Guerra Fria (1945-1991), quando da intensidade da percepção da falta de uma comunicação mais eficaz.

O que queremos destacar, neste ponto inicial de nossa conversa, é que houve um acontecimento, no âmbito do particular e restrito, pois alguém em algum dado momento e dado espaço, teve a percepção de uma falta, que gerou provavelmente muitas discussões de como sair de uma crise comunicacional. Mas essa percepção considerada aqui, pode ter ocorrido em muitos momentos, por vários sujeitos de estado, dentro da cúpula do governo principalmente, o que nos habilita pensar em um sujeito coletivo de estado, que vivia em seu cotidiano, em distintas situações, a necessidade de se comunicar de maneira mais rápida e precisa, sem que se perdessem os registros e provavelmente também para fins militares.

Assim, quando pensamos na intensidade da percepção de uma necessidade coletiva, pensamos esse momento breve, rápido, singular e particular como um acontecimento. Acontecimento na semiótica tensiva é a instauração de uma crise, que atua como a pergunta da falta de algo, cujo o modo de eficiência é do sobrevir, de estilo concessivo e descendente (Zilberberg, 2011). A partir desse acontecimento, a falta de um meio mais eficaz de comunicação, promoveu uma reprogramação da rota a fim de chegar a uma resolução. A resolução é a resposta à falta. E qual é a resposta pós crise? A internet juntamente com a *World Wide Web*.

É importante esclarecer que o acontecimento não é a internet, a internet é a resolução. O acontecimento é o assomo (percepção da falta), consoante esquema a seguir:

Acontecimento (Assomo)	Modulação	Estado (Resolução)	Descendência
Pergunta		→	Resposta

Tabela 9 – Ocorrência de um acontecimento - Quadro elaborado de acordo com Zilberberg (2011, p. 22).

Na figura acima, há o esquema do sobrevir, enquanto acontecimento; trata-se de um assomo, um estresse, uma crise, que faz surgir uma pergunta. A falta de resposta para a nova realidade provoca no sujeito uma modulação, promovendo como resolução um novo estado, que no contexto das mídias é o surgimento de um novo paradigma, a Internet/Web.

Conforme apregoa Zilberberg (2011, p; 21), citando Cassirer, o assomo, concebido como uma vivência de significação, é da ordem do acontecimento, visto ser um sobrevir que comove o discurso na qualidade de recurso próximo, de não-resposta imediata, pois “o sobrevir precipita e nos precipita. Uma vez que representa de fato uma crise fiduciária radical” (Zilberberg, 2011, p. 277).

Entendemos que todo novo paradigma é precedido de um assomo. O novo paradigma é a resposta, de estilo implicativo, pois o sujeito da ação surge modulado, pois sai da posição de sofrer e passa a agir, trabalhar em busca da resolução. Observe o esquema:

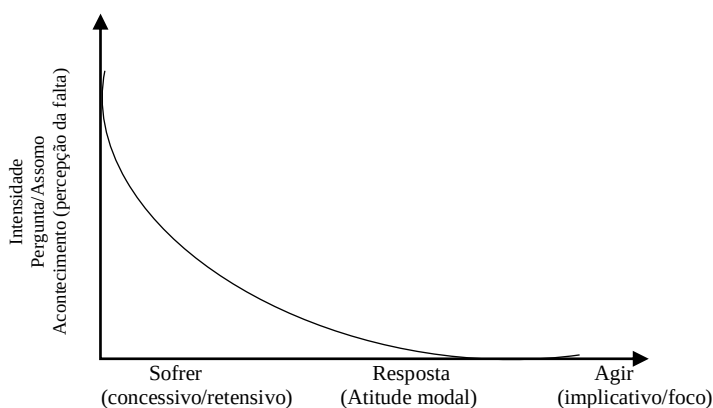


Gráfico 6 - Processo para novo paradigma - a partir das ideias de Zilberberg (2011, p. 113).

As principais revoluções de mídia foram denominadas por Silva Nepomuceno (2011) de macrocrises, na verdade, reforçamos, a crise é antes da resolução, ou seja, antes do surgimento do novo paradigma, sendo a internet a última e mais recente resolução pós assomo.

Pautando-se em Briggs e Burke (2006), Lévy (1999), Man (2002), Masuda (1980), Santos (2006), Chartier (1997) Silva Nepomuceno (2011) apresenta as macrocrises, que sucintamente organizamos da seguinte forma: 1- Gestos para oralidade (?); 2- Oralidade para a escrita manual (+ ou – 50.000 a.C); 3- Da escrita manual para a escrita impressa (1450) com a prensa de Johannes Gutenberg [Gensfleisch]; 4- Da escrita impressa para mídias digitais (1940), momento de surgimento do primeiro computador, chamado Eniac, tão grande que ocupava um andar inteiro de um prédio; 1980 surgem os microcomputadores e 1990 a internet. O surgimento de

uma mídia não exclui a outra, na verdade, surge como um aprimoramento em atendimento às novas demandas.

A fim de concatenar suas ideias sobre a importância do conhecimento e da informação, Silva Nepomuceno (2011), baseando-se em hipótese científica sobre uma espécie prima do ser humano, os Neandertais, exemplifica a primeira necessidade de evolução da humanidade, visto que “a despeito de sua inteligência, esses homens emitiam grunhidos ou eram mudos, não tinham linguagem para se comunicar entre si” (Silva-Nepomuceno, 2011, p. 49).

Pautando-se em Lévy (1993), Silva Nepomuceno (2011, p. 49), associa a extinção dos Neandertais às fracassadas soluções encontradas para seus novos problemas e que por isso não puderam difundir-se, permanecendo dispersos diante da transformação do mundo à sua volta. Assim, destaca que a informação é de suma importância para a manutenção da vida humana e para a geração de valor em uma dada sociedade.

Silva Nepomuceno, em sua tese de doutorado, admite a noção de informação como:

Portanto, informação é: um processo vital para o ser humano inseparável, indivisível e contínuo de conhecer, viver, produzir, através da percepção, a partir de dada representação. É matéria-prima básica para o funcionamento do cérebro, da mesma maneira que o ar é para o pulmão e o sangue para o coração. É um ato modificador da consciência humana, capaz de transformar estruturas e garantir a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida humana no planeta. Processo fundamental para que o ser humano atenda às suas necessidades materiais e sociais (das mais básicas às mais sofisticadas) e possa sobreviver sobre a terra, sendo elemento-chave para tomada de decisões, para obtenção e manutenção do poder e da riqueza. Elemento, assim, de prosperidade das nações, das regiões, das empresas e dos indivíduos (Silva-Nepomuceno, 2011, p. 57).

Conforme citado acima, podemos entender a importância da informação para a humanidade, a qual deve ser contínua, pois é importante para a manutenção da vida. A percepção, a qual ocorre a partir de valores morais, é inerente ao homem e é o que o faz posicionar-se no mundo e atuar com sua capacidade de transformar estruturas e garantir sua sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida. Entretanto, o suporte informacional é crucial para garantir a efetivação da informação, pois é o que define o tempo e o espaço em que chegará. Assim, quando o suporte não basta para atender as necessidade da vida, surgem as rupturas históricas sobre a maneira de se comunicar.

De acordo com Silva Nepomuceno (2011):

A história da troca de informação entre os humanos é feita de rupturas. Essa parece ser a percepção, quase unânime, de todos os que estudaram os diferentes ambientes de informação ao longo do tempo. O desenvolvimento do intercâmbio de informações entre os seres humanos se caracteriza mais por um processo de abalos que de continuidade. De tempos em tempos, mudamos a maneira de realizar esse intercâmbio, o que repercute inevitável e drasticamente na maneira de pensar e agir da sociedade (Silva-Nepomuceno, 2011, p. 87).

Desse modo, a internet, inicialmente, surge como solução (resolução) para questões militares, mas acaba por marcar a mais recente ruptura de paradigma midiático informacional, cujo diferencial mais importante é seu caráter descentralizador.

Essa ruptura de paradigma comunicacional propomos chamar de desfronteirização, a qual influenciou e influencia em todos os campos do saber, todavia, propomos refleti-la no campo da religião e religiosidade. Ao nos voltarmos para a divulgação das práticas religiosas antes do advento da internet/web, nos deparamos com uma fronteira localizada entre o discurso de fidelização e divulgação. A esse respeito a tese de Silva (2011; 2020) corrobora com a nossa ideia, pois a autora identifica uma fronteira presente entre modalidades de discursos religiosos bem definida entre a fidelização e a divulgação dos discursos cristãos. Essa fronteira a qual Silva (2011; 2020) se refere, materializa-se em um cenário fora das mídias-digitais, tendo em vista que sua pesquisa, por delimitação, não abarcou o mundo midiático-digital.

Utilizando-se do esquema tensivo de divulgação de Zilberberg (2007, p. 15), a autora propõe para o estilo *retensivo* a pertinência da intensidade e para o estilo da *divulgação* a pertinência da extensidade, tendo nos discursos de divulgação as crenças, caráter subjetivo, partilhadas e inseridas em uma natureza informativa, caráter objetivo, cujos saberes de crenças e de conhecimento convivem em uma relação imbricada. No gráfico a seguir figura a manutenção como estilo retensivo (concentrado) e a divulgação como estilo extensivo (difuso).

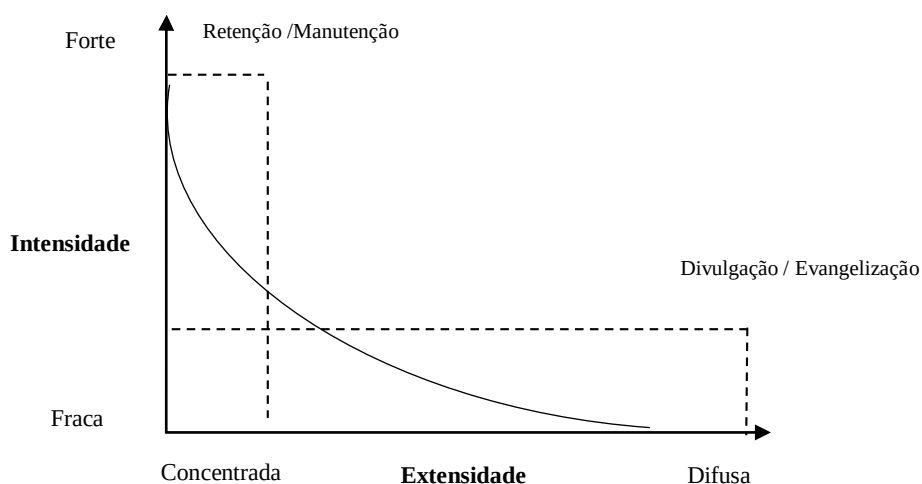


Gráfico 7 - Esquema tensivo da divulgação (Zilberberg, 2007, p. 15).

Ainda no esquema tensivo, em conformidade com Zilberberg (2007), a autora (2011; 2020) trata o discurso fundador como concentrado, enquanto o de divulgação como difuso e estabelece uma fronteira segura para o fiel (enunciatário), dentro dos ensinamentos que o modula com segurança e previsibilidade (Silva, 2020, p. 135-141). Desse modo, de acordo com

Silva (2020, p. 109), há nessa relação imbricada as modalidades do crer e do saber concebidas por Greimas (1983), dentro de um mesmo universo cognitivo, o que configura o saber compartilhado, a partir da crença, que figura como reguladora, a qual modula as práticas sociais e de normas efetivas de comportamento de uma formação discursiva dada. Esse compartilhamento, segundo a autora, é no âmbito do privado entre os partícipes que compartilham da mesma fé.

Nessa **fronteira** referida por Silva (2020), como “práticas de fidelização, gêneros de fronteira entre a fundação e a divulgação” (Id., p. 206) segura e intransponível, a qual modula o comportamento do fiel, que encontramos uma ruptura provocada pelas inovações das práticas de mediatização digital da atualidade, observadas, por exemplo, em transmissões de missas e cultos cristãos via *YouTube*, fronteira esta, que propomos o fenômeno da desfronteirização.

Diante do exposto, retomemos a pergunta da pesquisa: a) Há uma desfronteirização do mundo secular com o mundo cristão por meio da mediatização do discurso religioso?

Compreendemos que sim, há um cenário midiático competitivo conforme Martino (2016) aponta, visto que as mídias digitais possibilitam o acesso ao discurso religioso por meio de um aparelho celular, na televisão instalada no automóvel, no *desktop*, no *notebook*, no *tablet*, enfim, em diversos aparelhos e por diversos aplicativos e/ou plataformas digitais. Sendo todas essas possibilidades de acesso surgidas a partir da internet, materialização como uma quebra de paradigma.

Sendo assim, a desfronteirização entre o discurso de divulgação cristã e o público secular por meio das mídias digitais é um novo cenário a partir do surgimento da internet, em especial a partir da web 2.0 (web de pessoas). Desse modo, estamos diante de um processo em curso, o que significa dizer que nosso corpus de análise é pós acontecimento, pois é o próprio processo em curso, atuante e contemporâneo que são as pregações cristãs católicas e protestantes nas mídias digitais. Onde está a desfronteirização? Ela é imaginária, possível visualizá-la ao observarmos como se os muros dos templos religiosos caíssem e as práticas religiosas como a missa, os cultos, os momentos de orações nos grupos da igreja ficassem à mostra para quem quiser ver e participar, sem que precise se deslocar até o lugar físico, devido a possibilidade da presença virtual.

Arriscamos dizer, que esta tese é prova viva da desfronteirização, visto que sua proposta inclui o discurso da igreja católica romana e o discurso protestante, oriundo de um protesto historicamente marcado no século 16, com as noventa e cinco teses de Martinho Lutero, com a dita reforma protestante, que embora cristã, por muito tempo, travaram disputas discursivas ao longo da história da humanidade.

Assim sendo, as publicações dos enunciadores em análise nesta tese, disjungem de uma estabilização do processo comunicacional, sendo a desfronterização, o modo de eficiência do pervir, o implicativo, a estabilidade como temporalidade, na ordem do processo, sendo as pregações a materialização desse processo, por isso é pós-ruptura, a duratividade, a progressividade como temporalidade, na ordem do estado, do fluxo contínuo dessa nova ordem de divulgação religiosa cristã.

Pela semiótica tensiva de Zilberberg (2004), podemos representar a desfronterização do mundo religioso com o mundo secular materializado nas pregações com o processo de mistura de Zilberberg (2004; 2011) chamado de mestiçagem, pois é a mistura de duas ordens, a intensidade, da ordem do sensível, e a extensidade, da ordem do inteligível, sendo cada ordem analisada em valência (Zilberberg, 2004, p. 72).

A mestiçagem entre as práticas religiosas com as seculares proporciona uma interseção, o aparecimento de um ponto singular, causando o cruzamento entre duas dinâmicas, nascendo assim, o cenário de desfronterização entre o restrito, presente no discurso fundador cristão, divulgado para um núcleo fechado de fiéis já convertidos que ao utilizar a internet como suporte de divulgação, amplia seu público, ocorrendo assim uma diluição intensiva e uma difusão extensiva.

A seguir, temos a projeção da estrutura tensiva sobre a estrutura elementar do dizer. Nesse processo de dizer algo a alguém, temos o ato de divulgar. Na divulgação há a extensidade, que garante um alcance maior de fiéis cristãos. Por outro lado, essa representação gráfica demonstra o fortalecimento da comunidade cristã quando concentrada, embora pequena, enquanto que com o advento da internet, passou a ser difusa, rompendo fronteiras. Fato esse se dá devido ao exorbitante alcance de pessoas que ouvem a Palavra, que não necessariamente tenha a intenção de estabelecer um contrato fiduciário.

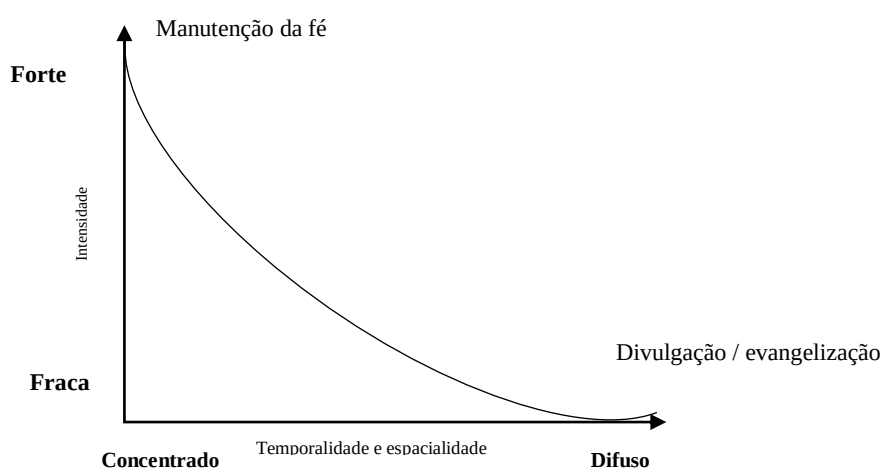


Gráfico 8 -Divulgação vs manutenção com base na proposta de Zilberberg (2007, p. 15).

A noção de divulgação passa a ser concebida tomando como base a correlação entre o universo midiático e a era digital das religiões e religiosidades em uma proporcionalidade de dinamismo extremo. Fato esse, que representa um cenário de desfronterização entre o restrito, presente no discurso fundador bíblico, divulgado para um núcleo fechado de fiéis já convertidos que com o advento da internet/web e por conseguinte o Mundo Virtual, a divulgação se amplia e se fortalece por divulgar algo verídico, a Palavra Revelada, dita como verdadeira.

Verdade, conforme explica Greimas e Courtés (2020, p. 529) “subsume os termos *ser e parecer*, pois a verdade está no interior do discurso, sem relação alguma com o externo”, integrando-se no interior do discurso pelas marcas da veridicção (Greimas; Courtés 2020, p. 530). Entende-se por contrato de veridicção “um *crer-verdadeiro* [que] deve ser instalado nas duas extremidades do canal da comunicação, e é esse equilíbrio, mais ou menos estável, [num] entendimento tácito entre dois cúmplices mais ou menos conscientes” (Greimas; Courtés 2020, p. 530).

Assim sendo, entendemos a desfronterização como um processo, um pervir que rompe uma fronteira antes bem delimitada, pois a fidelização ocorria no privado, entre as paredes (fronteira) de um templo religioso, onde se reuniam os que professavam da mesma fé, os quais tinham de se locomover até o local de pregação para alimentar a fé professada. A divulgação, como tem a intenção de promover a conversão de novos fiéis ao cristianismo, buscava ambientes como praças públicas, a evangelização de porta em porta, os folhetos impressos. Tanto a fidelização em ambiente privado, quanto a divulgação de modo presencial ainda existem, pois não se trata de descontinuar o que está posto, mas do surgimento de novas práticas de fidelização e de divulgação.

Desse modo, a desfronterização é o afrouxamento do restrito (privado) com o difuso (público), medido para mais ou para menos de acordo com a escolha do enunciatário, que ganha uma liberdade de escolha e constrói uma imprevisibilidade quanto ao acesso ou não do Canal, inscrição ou não no Canal. Assim, o enunciatário que curte, inscreve-se, visualiza e compartilha está mais fidelizado do que um outro enunciatário que apenas visualiza, por exemplo. E nessa perspectiva agora descrita pensamos a aproximação entre o sagrado, tido como o mundo cristão, e o profano, tido como o mundo secular, uma mestiçagem zilberberguiana (2011) materializada no comportamento imprevisível do enunciatário. Esse comportamento imprevisível do enunciatário modaliza os enunciadores ao produzirem as pregações cristãs midiático-digitais, cujas marcas identitárias que formam seus estilos sofrem influências do comportamento do enunciatário medido pela inscrição, visualização, curtida, comentários e compartilhamentos dos

vídeos postados no *YouTube*.

Desse modo, os discursos cristãos de divulgação religiosa têm o valor de absoluto como predominante, o que dá origem à triagem, tida como melhorativa e a mistura pejorativa. A pejoração dada pela mistura é, sob o ponto de vista institucional cristão religioso, como negativa. Entretanto, a mistura promove a democratização tanto levantando inúmeras vozes de destinadores, no papel de pregador (a), como também de enunciatários de perfis diversos, do mais fiel, representando a triagem, ao mais secular, representando a mistura.

Assim como houve uma mudança de paradigma midiático, tida como a passagem da escrita manual para a impressa, cuja tecnologia da prensa em 1450 proporcionou a publicação da Bíblia Sagrada como a primeira impressão de Johannes Gutenberg [Gensfleisch] (Lévy, 1999), também houve como mudança de paradigma midiático, tida como a passagem da escrita impressa para o digital, a partir de 1990 com a internet, sendo este último paradigma o mais recente e responsável por uma nova organização da sociedade em que não somente a escrita é digital, mas também a imagem e a voz.

Sendo assim, apontamos perfis de pregadores (enunciadores), oriundos de um novo paradigma comunicacional de público misto, diverso, que estabelece um contrato fiduciário mais intenso ou menos intenso, em conformidade com a sua própria decisão. O discurso religioso midiático-digital é diverso, e corresponde à mestiçagem proposta por Zilberberg (2011), é, em nossa proposta, a desfronterização emanada de uma democratização da qual originam diferentes corpos discursivos.

Propomos observar o surgimento de quatro corpos discursivos oriundos de três totalidades, discurso fundador, discurso de fidelização e discurso de divulgação, vislumbradas a partir da tese de Silva (2011; 2020), que a partir da desfronterização passa pelo processo de mestiçagem zilberberguiano. Para tanto, a concretização de nossa proposição ocorre após as 12 pregações selecionadas serem analisadas, o que implica retomarmos nossa conversa mais a frente. A seguir, as análises das pregações cristãs midiático-digitais materializadas no *YouTube*.

CAPÍTULO IV

DISCURSIVIZAÇÃO DO CORPO CRISTÃO MIDIÁTICO-DIGITAL DA CENA ENUNCIATIVA 1

Este capítulo dedica-se às análises da cena enunciativa 1, organizada em 1.a e 1.b, por ser composta por dois enunciadores (enunciador - A e enunciador - B). Para melhor organização da tese, a cena enunciativa 2 está disponível no capítulo IV. As transcrições dos trechos das pregações selecionadas para análise foram realizadas segundo normas previstas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) e das orientações de Dino Preti (2010), disponíveis nos anexos desta tese. A metodologia de análise será realizada como indicado na introdução deste trabalho.

Assim sendo, consideramos a popularidade na plataforma *YouTube*, visualizações e inscritos nos canais como critério para seleção do corpus. Selecionamos três vídeos de pregações de cada um dos dois enunciadores, para assim termos uma amostra representativa da totalidade discursiva de cada ator.

Iniciamos com a apreensão do *ethos* do enunciador a partir das declarações divulgadas nas redes sociais somadas ao que depreendemos da página do perfil do Canal do *YouTube* de cada enunciador. A página do perfil do Canal do enunciador é como a sala de visita, disponível para aquele que deseja conhecer afinal quem é o produtor dos vídeos do Canal. Desse modo, o enunciador deixa suas marcas que incluem o nome do Canal, recursos visuais, a imagem do banner (parte superior mais evidente), a foto do perfil e acesso a outras páginas relacionadas a eles, por meio dos *hiperlinks*⁶⁴. Nos *frames* selecionados, na ocasião, havia a divulgação da última publicação do Canal. De quando em quando as páginas são atualizadas modificando suas informações, por isso é necessário informar que os *frames* selecionados das páginas foram realizados de 2020 a 2022.

⁶⁴ *Hiperlink* é um tipo de elemento presente em documentos eletrônicos (páginas da *Web*, *e-mails*, documentos de texto digital, etc.) que se refere a um documento diferente, uma parte específica do mesmo documento ou outro recurso de qualquer natureza, como pesquisas on-line, mecanismos de compra, assinaturas, etc. Os hiperlinks consiste, portanto, na possibilidade de “saltar” de um texto para outro, de uma informação para outra, seguindo o fio de associação dos interesses do usuário, e não uma lógica linear e sucessiva como ocorre na cultura tradicional. Este tipo de associação é fundamental no funcionamento da *World Wide Web*, uma vez que um hiperlink, juntamente com um protocolo de acesso a uma rede de dados estabelecida, permite “visitar” os diferentes recursos disponíveis on-line, quer para os ver, quer para descarregar (Disponível em: <https://conceitosdomundo.pt/hiperlink/> - Acesso em 11/01/2024).

4. O *ETHOS* DO ENUNCIADOR DA CENA ENUNCIATIVA 1.A

No *site*, acessado pelo *hiperlink* “Sobre” (figura 8, logo abaixo), do ⁶⁵Canal Pastor Antônio Júnior, encontramos as informações da figura do enunciador. Figurativizado como homem casado e com filhos. Informações bastante representativas por serem passíveis de pregadores protestantes, também chamados de evangélicos, uma marca de valores eufóricos que o validam como voz de autoridade religiosa no meio cristão. Observemos o exemplo retirado do *hiperlink* “Sobre”: “Antônio Júnior é casado com Thaís e pai da Lorena e do Daniel”. Nesse exemplo há o uso de *embreagem actancial* enunciativa, pois utiliza terceira pessoa no valor de primeira, o que gera efeito de sentido de objetividade, um distanciamento de quem fala, dando a impressão que alguém que o conhece é quem diz algo sobre ele.

Figura 8 – Hiperlink da página do Canal Antônio Júnior



Fonte: <https://www.youtube.com/@prantoniojunior> - Acesso em 26/07/2024

No mesmo *site*, encontramos a informação de que ele é escritor e influenciador digital, sendo considerado um dos mais relevantes criadores de conteúdo no segmento cristão. Informa ainda que viveu uma adolescência rebelde, mas teve um encontro com Deus que marcou a sua vida no ano de 2002, e desde então, encoraja as pessoas com seus conselhos e experiências próprias, a fim de buscarem um relacionamento com Deus.

⁶⁵ <https://www.youtube.com/@prantoniojunior>

4.1 Página do perfil do Canal Antônio Júnior⁶⁶

Figura 9 - Página do perfil do Canal Antônio Júnior



Fonte: <https://www.youtube.com/@prantoniojunior> Acesso em 17/10/2022.

Estruturas semionarrativas e tensivas

A página do perfil do Canal intitulada Pastor Antônio Júnior apresenta a axiologia sagrado *versus* profano como enunciado elementar da sintaxe narrativa. São estabelecidos dois percursos no texto entre os termos:

1- (Profano) Mérito do homem (disfórico) *versus* (Sagrado) Mérito de Deus (eufórico). Essa oposição aparece quando observamos a figura do pastor sobreposta com a frase “Glória a Deus”.

2- (Profano) demônio (diabo) *versus* (Sagrado) Bíblia Sagrada (Deus). Oposições encontradas na figura demoníaca (disfórica) justaposta a um versículo bíblico (eufórico). Os percursos são:

Profano -----	não-profano-----	Sagrado.
(Mérito-do-homem)	(não-mérito-do-homem)	(Mérito de Deus)
(Disfórico)	(não-disfórico)	(Eufórico)

Profano -----	não-profano-----	Sagrado.
(demônio (diabo))-----	(não-demônio (não-diabo))-----	(Bíblia Sagrada (Deus))
(Disfórico)	(não-disfórico)	(Eufórico)

⁶⁶ A título de exemplo da dinamicidade da *Web*, durante a elaboração desta tese o Canal Pastor Antônio Júnior saltou de 11 milhões para 14,5 milhões de inscritos (medição em 18/07/2024).

O não-mérito-do-homem (profano), negação do mérito do homem, aparece na formação da letra “d” na mão da figura do pastor e na frase “Glória a Deus” sobreposta à figura do pastor e na figura de um demônio justaposta a um versículo bíblico, formando o conteúdo mínimo.

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos (sagrado *versus* profano/ Mérito do homem *versus* Mérito de Deus sagrado/demônio (diabo/profano) *versus* Bíblia Sagrada (Deus)), são assumidos como valores. O sujeito do fazer e destinador (pastor) compartilha sua conquista, o objeto valor (11 milhões de inscritos no Canal), com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. Ao mesmo tempo atribui o mérito ao Arqui-Destinador (Deus). O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo querer-fazer, saber-fazer, poder-fazer, dever-fazer sobre o destinatário a partir da sedução (divulgação: “Vídeos diários: 5h, 16h, 20h”, logo abaixo de “11 milhões de inscritos) e pelo antissujeito (figura demoníaca), justaposto ao objeto-modal de valor cognitivo (Bíblia Sagrada), acompanhados pelo enunciado: “O versículo que os demônios não querem que você saiba”. A modalização do destinatário ocorre pelo dever-fazer, argumentado pelo destinador a partir do discurso “O versículo que os demônios não querem que você saiba” acompanhado do antissujeito e o objeto valor cognitivo, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*.

No que diz respeito ao nível discursivo, no canto esquerdo, há a figura do narrador (o enunciador projeta-se no discurso e assume o simulacro de narrador) olhando para frente, de sorriso largo, marca identitária de pastor, acompanhada também da quantidade de inscritos no Canal, o que credibiliza o mesmo no discurso religioso-cristão. Na parte inferior da página constam algumas figuras que indicam que há membros no Canal.

Mais abaixo, um vídeo intitulado “O versículo que os demônios não querem que você saiba” cuja imagem estática figurativiza a página inicial do vídeo, sugere ser o vídeo mais recente do pastor, como consta no recorte a seguir:

Figura 10 - Recorte da figura 9 (1)



Fonte: <https://www.youtube.com/@prantoniojunior> Acesso em 17/10/2022.

O vídeo apresenta a figurativização de um ⁶⁷demônio em ambiente avermelhado, simulando a ideia de fogo, que remete ao inferno, o que traz a axiologia céu (suave/sagrado) *versus* inferno (quente/profano), enquanto ao lado, envolto por um círculo que separa o ambiente avermelhado, aparece um versículo, discurso fundador bíblico, em uma imagem clara em que um dedo indica o versículo que os demônios não querem que seja visto pelo enunciatário (fiel/internauta).

Na sintaxe discursiva temos na instância de enunciação a categoria de pessoa, um “eu” enunciador, produtor de conteúdos do Canal intitulado Pastor Antônio Júnior e um “tu” enunciatário, o internauta, aquele que acessa o Canal no ciberespaço. O enunciador projeta-se no interior do discurso como narrador do texto-enunciado e gera efeito de sentido de subjetividade. Esse narrador divulga um grande feito: “11 milhões de inscritos” ao lado de sua figura interposta pela frase “Glória a Deus”, figurativização de gratidão a um ser divino.

Quanto à categoria de tempo, do lado direito da página há o verbo “seja”, modo imperativo afirmativo, estratégia linguística que causa adesão do enunciatário ao Canal, promovendo uma programação inerente ao fiel (enunciatário); trata-se de verbo no tempo concomitante ao momento da enunciação “agora”, o que configura debreagem enunciativa, promovendo um efeito de subjetividade. O imperativo “seja” é seguido do substantivo “membro”, *status*/perfil, que, uma vez aderido pelo enunciatário, disponibiliza acesso a conteúdos exclusivos.

Do lado direito da página há o verbo inscrever, na cor vermelha, é infinitivo impessoal, seguido do pronome oblíquo “se”, indicando que ao clicar, o próprio enunciatário inscreve-se no Canal, por meio de ação reflexiva, ou seja, uma ação sobre si mesmo. O comando dado ao enunciatário “inscrever-se” figurativiza uma sugestão imperativa, pois diz respeito a um recurso de persuasão que intima o internauta a acompanhar as publicações do enunciador. Trata-se de marcas do destinatário debreado em segunda pessoa, pois há um apagamento intencional do enunciador (no caso o *YouTube*) oriundo de comunicação manipuladora. Esse recurso de manipulação por tentação (uma ordem com tom de convite: inscrever-se em vez de inscreva-

⁶⁷ Observamos que a figura demoníaca apresenta traços femininos, embora o enunciado apresente o termo “demônio”, no masculino, e não “demônia”. Sobre essa questão, ao considerarmos que no cristianismo a crença é de que os demônios são anjos que foram expulsos do céu juntamente com Satanás, entendemos que eles, segundo o mito cristão, não têm gênero, como corrobora Fiorin (2002, p. 19) ao dizer que os anjos são figuras neutras, nem humanidade e nem divindade. Embora, de acordo com estudos teológicos cristãos, na disciplina de demoniologia, eles (demônios) possam assumir um ou outro sexo quando se materializam no mundo natural, como os conhecidos por incubos (atacam mulheres) e súcubos (atacam homens). Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-sao-incubos-e-sucubos> – Acesso em 19/10/2024.

se), também ocorre com a figura *seja membro*, recurso que manipula a adesão a uma área de conteúdos exclusivos, como já dito no parágrafo anterior.

Quanto aos temas, desenrolam-se o da superação, por meio da conquista de inscritos no Canal, mediante ajuda divina e a temática religiosa-cristã.

Figura 11 - Recorte da figura 9 (2)



Fonte: <https://www.youtube.com/@prantoniojunior> Acesso em 17/10/2022.

No que tange às estruturas tensivas, a figura 11, acima, apresenta a face do actante sujeito em espacialidade aberta, efeito de aproximação, de estilo concessivo de aceleração, de acento eufórico. A postura do actante sujeito figurativiza uma imagem construída de si sobre o sujeito de estado cria um simulacro de pleno exercício da função de pregador da Palavra de Deus (Arqui-Destinador). Não se trata, obviamente, do pastor de carne e osso, cujas imperfeições humanas não estão à mostra, pois refere-se a uma atuação específica da figura actancial de um pastor que prega a Palavra de Deus, pois na imagem congelada, está como se estivesse pregando. Com a mão direita elevada até a altura da cabeça, posiciona os dedos como se desenhasse a ⁶⁸letra “d” de Deus.

Figura 12 - Recorte da figura 9 (3).



Figura 13 - Recorte da figura 9 (4).



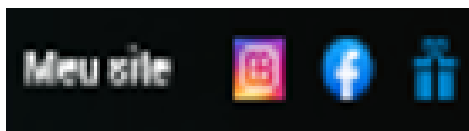
Fonte: <https://www.youtube.com/@prantoniojunior> Acesso em 17/10/2022.

Sobre a figura do actante sujeito consta a frase “Glória a Deus” (Recorte da figura 9 (3)), o que, em uma possibilidade interpretativa, figurativiza a ideia de que não deseja ser idolatrado, embora possua milhões de inscritos. Todavia, o destaque maior, figurativizado no tamanho da letra e na cor azul celeste, figurativiza a intenção de destaque, está na quantidade de inscritos: “11 milhões” (Recorte da figura 9 (4)).

⁶⁸ A proposta de interpretação do gesto com o dedo ser a letra “d” de Deus surge ao considerarmos que tudo é intencional quando se trata da imagem de si, pois o gesto em conjunto com a frase “Glória a Deus” e o dedo apontado para o alto informa ao enunciatário que o mérito deve ser dado a Deus. Entretanto, não se descarta a possibilidade de não haver o formato de “d” de Deus, mas apenas o dedo apontado para o alto como se estivesse apontando para o responsável pela quantidade de inscritos, o qual seria Deus.

Esse simulacro de pleno exercício do trabalho, promove um efeito de uma figura atuante, por isso o estilo é implicativo. Pelo processo estar em andamento, é de desaceleração, com inaccento eufórico, pois traz a ideia de movimento esperado, ação programada, então ideia de continuidade e aspecto durativo.

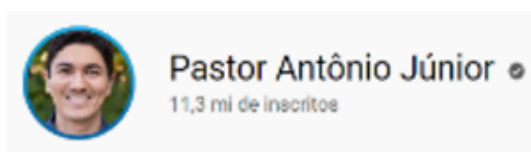
Figura 14 - Recorte da figura 9 (5).



Fonte: <https://www.youtube.com/@prantoniojunior> Acesso em 17/10/2022.

A disposição dos *hiperlinks* (*figuras*): *Meu site*, *Instagram*, *Facebook*, e *loja virtual*, um ao lado do outro, promovem também uma aceleração, pois exige uma parada/concessão do olhar do enunciatário que recebe a informação de que o enunciador possui outras redes sociais, o que figurativiza marcas identitárias de um enunciador das redes sociais.

Figura 15 - Recorte da figura 9 (6)



Fonte: <https://www.youtube.com/@prantoniojunior> Acesso em 17/10/2022.

Um pouco mais abaixo, no canto esquerdo, há mais uma figura do pastor olhando para frente, de sorriso largo, marca identitária de pastor, acompanhada também da quantidade de inscritos no Canal, o que credibiliza o mesmo na formação discursiva religiosa-cristã.

Mais abaixo, um vídeo intitulado “O versículo que os demônios não querem que você saiba” cuja imagem estática figurativiza a página inicial do vídeo, figurativização de vídeo mais recente do pastor, o qual apresenta a figurativização de um demônio em ambiente avermelhado, cuja figurativização liga à ideia de fogo/inferno, enquanto ao lado, envolto por um círculo, separando o ambiente avermelhado, aparece um versículo, discurso fundador bíblico, em uma imagem clara em que a figura de um dedo humano (sugerindo a mão de um cristão que orienta) indica o versículo que a figura demoníaca não quer que seja visto pelo enunciatário/internauta. Desse modo, o estilo é retensivo, de aceleração, concessivo com acento disfórico, aspecto imperfectivo, cujo andamento só se dará caso o enunciatário clique no vídeo para assisti-lo e descobrir o versículo.

A percepção sensível é de um sujeito da ação que comemora uma atualização (ato implicativo ao esforço (publicações) realizado anteriormente) da quantidade de inscritos no

Canal, cuja aspectualização é do perverso, de andamento lento, pois durante o processo houve o acompanhamento da progressividade de quantos inscritos. Entretanto, o sujeito em “nome da ascendência [...] [aparenta] converter o esperado nesta ilusória “espera do inesperado” a qual Greimas dedica o último capítulo da obra *Da imperfeição*” (Zilberberg, 2011, p.174). Desse modo, há uma aparência de um sujeito impactado pelos “11 milhões de inscritos”, acometido por uma gratidão a um Arqui-Destinador expressada pelo enunciado “Glória a Deus” e o gesto com a mão esquerda simulando a letra “d” de Deus. Mas é um “sujeito instalado na ordem racional, programada e compartilhada do perverso, senhor de suas esperas particulares” (Zilberberg, 2011, p. 170).

Tipologias dos argumentos retóricos (Enunciador Pastor Antônio Júnior)

Ao considerar que a figura 9 - *Página do perfil do Canal Antônio Júnior* é uma representação construída de si sobre o enunciatário, e que as figuras de pregadores objetivam disseminar a Palavra de Deus, tem-se na atitude do sujeito/enunciador ao compartilhar na página de perfil sua conquista, uma tipologia dos argumentos retóricos que num primeiro momento poderíamos pensar que se trata de um argumento pautado *pelo exemplo* (*As ligações que fundamentam a estrutura do real*), pois a figura do pastor é apresentada ao enunciatário por meio de elementos plástico-figurativos (imagens, frases estrategicamente posicionadas e cores vibrantes) como uma figura exemplar.



Fonte: <https://www.youtube.com/@prantoniojunior> Acesso em 17/10/2022.

Figura 16 - Recortes da figura 9 (7).

Entretanto, trata-se de *argumento pelo modelo*, digno de ser imitado, pois “para servir de modelo, é preciso um mínimo de prestígio” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 414). E o sujeito/enunciador figurativiza um perfil de pessoa que é exemplo porque venceu, porque confiou em um ser divino.

Do ponto de vista do enunciatário presumido, podemos pensar dentre os *argumentos quase-lógicos*, os da *reciprocidade*, “os quais visam aplicar o mesmo tratamento a duas

situações correspondentes” (Id., 2014, p. 250), pois presume-se que haverá um enunciatário imitador dos valores e comportamentos cristãos.

Ethos do enunciador da cena enunciativa 1.A

Ao apresentar aos enunciatários o percurso de sua conversão, ao dizer que fora adolescente rebelde, cria um simulacro de um enunciador que construiu um caminho de arrependimentos de uma vida disfórica para só então tornar-se eufórico com os dogmas cristãos e por isso, passou a ser uma figura digna ser imitada, pois se um jovem conseguiu mudar o percurso, reprogramando-o por meio da aquisição de novos valores, os enunciatários com uma vida disfórica ao ponto de vista cristão também podem conseguir.

Figura 17 - Recorte da figura 9 (8).



Fonte: <https://www.youtube.com/@prantoniojunior>. Acesso em 17/10/2022.

O posicionamento da mão com o gesto de “d” de Deus acima da cabeça é a figurativização de que o sujeito actante está abaixo da figura de Deus.

A frase “Glória a Deus” corrobora o gesto da mão elevada acima da cabeça, pois também é figurativização de que o sujeito actante está abaixo da figura de Deus.

A imagem de vencedor, figura 17, é intensificada na página do perfil do Canal Pastor Antônio Júnior, pois apresenta um enunciador designado pela figura de um Deus supremo, que o motiva a continuar com o Canal, pois seu objetivo de levar o Evangelho aos enunciatários pelo Canal do *YouTube* está dando certo, comprovado pelo grande número de inscritos no Canal. Assim, ao mesmo tempo que agradece também divulga o próximo vídeo, os horários de postagens dos vídeos. Sua identidade cristã é marcada no conteúdo do Canal, figurativizada na página pelo nome da figura divina “Deus”, pela figura da Bíblia Sagrada e seu oponente, o mal na figura de um “demônio”.

A figura do pastor segurando um microfone no banner (imagem maior e superior da página) efetiva a marca de um enunciador motivado a continuar pregando a Palavra de Deus, pois afinal chegou aos 11 milhões, o que assinalamos como estilo implicativo por ser um sujeito

da ação, do trabalho, do ofício, eufórico aos mandamentos bíblicos estipulados no livro de Gn sobre ter de se sustentar de seu próprio suor, seguindo assim a linha de um cristão que vive pela graça e pela própria superação, engajado com a temática cristã religiosa, e servindo de modelo para seus enunciatários como uma figura de sujeito bem-sucedido que vive pela fé em um Arqui-Destinador.

CENA ENUNCIATIVA 1.A- MENSAGEM BÍBLICA DIDÁTICO-RELIGIOSA

A cena enunciativa 1.a diferencia-se das demais cenas por organizar as mensagens com o uso de *framings* em movimentos, por usar o recurso da voz do narrador sem muitas vezes ter sua figura presentificada nos vídeos. Assim, antes de iniciarmos as análises das mensagens, é importante destacar que nesta cena enunciativa especificamente, o enunciador apropria-se de uma ferramenta muito utilizada nas mídias digitais na atualidade. A seguir, tecemos a respeito dos *framings* utilizados na cena enunciativa 1.a.

4.1.1 Os *framings* na cena enunciativa 1.a

O *framing* é uma técnica de persuasão que consiste em construir um simulacro do real com enquadramentos comuns à realidade, são os chamados *framings*. A noção de *frame* surgiu com a publicação do artigo científico intitulado *A theory of Play and Fantasy* de Gregory Bateson (1954); (1972). Segundo Gonçalves (2011, p. 1), estudioso da comunicação social:

Bateson analisa os «paradoxos de abstracção da comunicação verbal» (1972: 177), a nível metalinguístico e metacomunicativo, utilizando o termo «frame» como conceito psicológico que relaciona com a noção de «contexto». Para este autor, enquadrar significa delimitar um conjunto de mensagens (ou acções significativas) que adquirem sentido na situação partilhada pelos interlocutores. É o enquadramento que nos permite, por exemplo, distinguir simulação de realidade; distinguir o jogo do seu referente real (Gonçalves, 2011, p. 1).

Assim, o enquadramento da situação é que dá o efeito de sentido desejado, conforme percebido nas postagens do Canal Antônio Júnior, a técnica do enquadramento tornou-se uma estratégia argumentativa de grande valia, haja vista a quantidade de adeptos de seu discurso.

O conceito de *freeze-frame*, enquadramento congelado, é introduzido, mais tarde, no jornalismo por autores como Gaye Tuchman (1978) e Todd Gitlin (1980), sendo a partir de então, propostos diferentes quadros teóricos agrupados, a *posteriori*, em duas vertentes, tendo “por um lado, estudos orientados para a explicação sociológica do funcionamento do campo jornalístico e dos seus mecanismos de produção de sentido. E, por outro, estudos que têm uma orientação determinada pela explicação dos efeitos dos *media* noticiosos” (Gonçalves, 2011, p. 10).

A técnica utilizada no Canal Antônio Júnior, na maioria das postagens não é de enquadramentos congelados, mas sim de enquadramentos em movimento, os *framing*. O congelamento se dá como ferramenta de análise desta tese, quando da captura de quadros congelados, os chamados *freeze-frame*, que chamaremos de *frame*, ficando o termo “freeze” pressuposto à ação de capturar uma tela.

Acabamos de analisar a “Página do perfil do Canal Antônio Júnior” a partir do que consta na figura 9. Considerando as estruturas semionarrativas e tensivas iniciamos pelas estruturas elementares Profano *versus* Sagrado, as quais no nível narrativo assumem valores como a conquista de seguidores, dado este compartilhado com o sujeito destinatário como objeto valor alcançado por quem enfim consegue um patamar elevado diante de seu público que o credibiliza em seu fazer cognitivo de pregar o Evangelho ao fiel (manipulado).

A seguir analisaremos a pregação cristã protestante intitulada “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém”.

4.1.2 O *ETHOS* DO ATOR DA ENUNCIÇÃO DE “SEIS PERGUNTAS QUE VOCÊ DEVE FAZER ANTES DE SE CASAR COM ALGUÉM”

Recortamos o trecho que corresponde desde o *início do vídeo até o tempo de cinco minutos e trinta e três segundos (5':33'')*. O acesso a publicação foi realizado em 28 de novembro de 2020 no *website* <<https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>>. A transcrição do trecho consta nos anexos desta tese.

As figuras são estrategicamente organizadas à medida que o discurso vai sendo proferido. Muitas figuras vão passando, ao mesmo tempo em que o discurso vai sendo proferido, o que deixa o texto sincrético dinâmico, pois a mensagem do vídeo é rapidamente transmitida com ricos detalhes de informação. Devido à dinâmica do vídeo, para fins de análise, selecionamos os *frames* mais representativos para cada unidade mínima narrada, as quais vão dando sentido pouco a pouco ao discurso.

Reproduzimos a transcrição com os excertos correspondentes a cada figura para melhor leitura (Há mais figuras, mas aqui estão apenas as selecionadas). Para fins de organização, as estruturas semionarrativas e discursivas serão analisadas mais especificamente na fala introdutória do narrador. As estruturas tensivas e sensíveis estão organizadas a partir das figuras e as tipologias dos argumentos retóricos estão após as figuras. As axiologias presentes nos excertos correspondentes aos interlocutores e interlocutários (figuras inseridas em imagens para construção da narrativa) serão analisadas no nível discursivo, visto que o vídeo trata do tema sem uma narrativa específica, pois as figuras são utilizadas como situações hipotéticas de

possíveis relações que poderiam ser vividas em suas vidas no mundo natural, ou seja, não são tratadas como simulacro de verdade, mas sim como simulacro de possibilidade de verdade.

Estruturas semionarrativas e tensivas

O EXÓRDIO

[...] a escolha de alguém com quem iremos nos casar é uma das decisões mais importantes da vida...por isso devemos levá-la a sério...com muita **oração... reflexão e planejamento...quando eu era solteiro**...eu costumava perguntar aos meus amigos evangélicos casados...como é que eles sabiam que estavam se casando com a pessoa certa...e pra minha surpresa...muitos diziam a mesma coisa...ah quando você está com a pessoa enviada por Deus...você sente uma paz diferente...você sabe que será feliz com aquela pessoa...e hoje com sete anos de casado...eu consigo entender o que eles diziam...realmente...Deus colocou paz no meu coração e da Thaís...quando estávamos nos conhecendo e orando juntos...mas eu acredito que mais do que isso...**devemos observar outros fatores de uma forma mais racional**...para termos certeza de que estamos tomando a decisão certa...afinal...Deus nos deu o livre arbítrio...e precisamos decidir se realmente queremos passar a vida toda...ao lado de tal pessoa...e isso Deus não vai fazer por nós...por isso EU VOU TE PASSAR UMA LISTA DE SEIS PERGUNTAS QUE EU ACREDITO QUE CADA UM DEVE FAZER ANTES DE SE CASAR...mas antes disso já deixa seu like se inscreva aqui no meu Canal e ative o sininho...para você ser avisado pelo *YouTube* assim que eu colocar o próximo vídeo...tá ok...então vamos lá [...] (Júnior, 2019 - Excerto 1 - (exórdio)).

A partir da leitura do exórdio da mensagem podemos observar a axiologia Vida (ventura) *versus* Morte (fracasso/desventura) como enunciado elementar da sintaxe narrativa. É estabelecido um percurso no texto entre os termos:

1- Relação frustrada (morte) (disfórico) *versus* Relação bem-sucedida (vida) (eufórico). Essa oposição aparece quando se propõe uma ação de precaução na escolha do (a) parceiro (a) com quem se deseja estabelecer casamento.

O percurso:

(Fracasso)	(Não-fracasso)	(Ventura)
Morte -----	Não-morte -----	Vida.
(Fim da relação)	(não-relação-frustrada)	(Relação bem-sucedida)
(Disfórico)	(não-disfórico)	(Eufórico)

A não-relação-frustrada, negação da relação frustrada, não aparece no discurso, mas é pressuposta, pois a relação frustrada está na ordem do inesperado e por isso não há um sujeito da ação logo de imediato.

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos (relação frustrada *versus* relação bem-sucedida) são assumidos como valores.

No programa narrativo, há o uso da persuasão com um *dever-fazer* proposto pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um *querer-dever-fazer* para obter o objeto-valor casamento.

O sujeito do fazer e destinador (pastor) compartilha o objeto-modal cognitivo, com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os.

O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo querer-fazer, saber-fazer, poder-fazer, dever-fazer sobre o destinatário a partir da sedução. No exórdio, faz uso da provocação ao apresentar a ideia de três ações necessárias quando estiver escolhendo com quem irá se casar: “muita **oração... reflexão e planejamento**” (Júnior, 2019 – Grifo nosso).

A modalização do destinatário ocorre pelo dever-saber e dever-fazer, argumentado pelo destinador a partir do discurso “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém”, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*.

Em relação ao nível discursivo na instância de enunciação a categoria de pessoa, um “eu” enunciador, produtor de conteúdos do Canal intitulado Pastor Antônio Júnior e um “tu” enunciatário, o internauta, aquele que acessa o Canal no ciberespaço. O enunciador projeta-se no discurso e assume o simulacro de narrador, instância de primeiro grau, e organiza seus argumentos/provas no formato perguntas e respostas. As perguntas são: 1) Eu realmente gosto dessa pessoa?; 2) Eu sou atraído somente pela sua aparência ?; 3) Eu quero essa pessoa como pai ou mãe dos meus filhos?; 4) Eu posso ser eu mesmo quando estou perto dessa pessoa?; 5) Essa pessoa fortalece a minha fé?; 6) Essa pessoa estará comigo em qualquer situação? A partir de cada pergunta, tece respostas que direcionam o narratário a fim de convencê-lo de que se seguir as orientações será bem-aventurado quando se casar com alguém.

O exórdio é marcado pelo relato de experiência do narrador que intensifica o efeito de sentido de subjetividade, cujas marcas presentificam-se conforme constam na citação a seguir:

[...] eu costumava perguntar aos meus amigos evangélicos casados...como é que eles sabiam que estavam se casando com a pessoa certa...e pra minha surpresa...muitos diziam a mesma coisa...ah quando você está com a pessoa enviada por Deus...você sente uma paz diferente...você sabe que será feliz com aquela pessoa...e hoje com sete anos de casado...eu consigo entender o que eles diziam...realmente...Deus colocou paz no meu coração e da Thaís...quando estávamos nos conhecendo (Júnior, 2019 - Excerto 1 - (exórdio)).

Na sintaxe discursiva, no excerto 1, no trecho transcrito acima, na categoria de pessoa, usa de breagem enunciativa, com a instauração de um “eu” que narra em primeira pessoa, e um “tu”, narratário que não aparece no discurso, fica pressuposto. Observa-se o uso do pronome de tratamento **você**, que simula uma intimidade entre o narrador e o narratário. O uso do pronome

pessoal na primeira pessoa do discurso como **eu, meus, minha, meu**, promovem um efeito de sentido de subjetividade, aproximando o narrador do narratário/enunciário, mesmo que tenha utilizado uma imposição com a locução verbal “deve fazer”.

Quanto à categoria de tempo, no exórdio (mesmo excerto acima), o narrador, a fim de trazer à tona seu relato de experiência, quando da escolha de sua parceira, utiliza o mecanismo da debreagem enunciativa, pois utiliza os verbos no pretérito imperfeito, como ocorre em **costumava, estavam, diziam** (em negrito no trecho selecionado - Excerto 1 - (exórdio)), com a ideia de ação em movimento, de aspecto imperfectivo, simula um recorte do passado, que, quando durativo, trouxe a sabedoria, o conhecimento para a melhor escolha do cônjuge.

Ao término do relato de experiência que serviu como elemento introdutório, o narrador (sujeito destinador) passa aos argumentos/provas, momento em que pergunta e em seguida responde o que ele mesmo perguntou. Durante a argumentação, utiliza a debreagem enunciativa tanto para a categoria de pessoa quanto para a categoria de tempo, a exemplo: *Você deve fazer/Eu devo*.

Os verbos no imperativo, simulam uma ordem/sugestão para que o narratário obtenha a ventura programada. O espaço da narrativa é um aqui, debreagem enunciativa, figurativizado pelo *website*, a plataforma *YouTube*, marcado na fala do narrador no trecho “já deixa seu like se inscreva **aqui** no meu Canal”.

Desenrolam-se duas temáticas, a religiosa cristã, pois a precaução aconselhada pelo narrador tem como base a oração, reflexão e planejamento. E a temática é o casamento, permeado pela ideia de cuidado quando da escolha do parceiro/da parceira.

Antes de iniciarmos as análises das estruturas tensivas, importa ressaltar que a axiologia fundamental do discurso proferido pelo narrador é MORTE *versus* VIDA, que se manifesta nos mais variados contextos observados ao longo da análise das micronarrativas, que servem como argumentos retóricos.

Seguimos com a análise do vídeo *Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém*, considerando a utilização dos *frames* como parte integrante dos *argumentos baseados na estrutura do real*, cuja foria desenvolvida é sob o ponto de vista cristão.

As figuras 18 e 19 figurativizam as forias do primeiro argumento (Eu realmente gosto dessa pessoa?), atuam como resposta da primeira pergunta.

Excerto 2 - Cena enunciativa 1.a

[...] **A PRIMEIRA PERGUNTA**...EU REALMENTE GOSTO DESSA PESSOA...eu sei que pode parecer uma pergunta redundante...mas não é...(muitos casais dizem que amam um ao outro...mas quando sentimentos românticos passam...não existe nenhuma amizade no relacionamento... casar com alguém que você não tem uma amizade forte...prazerosa”(Júnior, 2019).

Figura 18 da cena enunciativa 1.a - *Frame* no tempo de 1':39"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>< Acesso em 28/11/2020.

Na figura 18, um simulacro de um casal de pele clara prestes a concretização de um beijo, transborda o quadro de espacialidade aberta, pois a focalização está nas faces das figuras de um homem, cabelo claro, barba escassa e por fazer, e de uma mulher, pele clara, cabelos pretos (castanho-escuros), cujas bocas aproximam-se na simulação de um iminente beijo. A aspectualidade é imperfectiva, pois não é possível ter a dimensão das duas faces, muito menos de seus corpos, o que promove uma existência fugaz, de andamento acelerado, como se dissesse “Nada mais importa ver, que não seja o iminente beijo desse casal jovem e belo”. Os semblantes felizes confirmam uma figurativização eufórica de um casal em um momento íntimo, de um beijo apaixonado.

Quanto ao discurso do primeiro argumento parte da pergunta “Eu realmente gosto dessa pessoa?”, sendo respondida em áudio e em imagem. Em áudio o sujeito destinador diz que além do amor, é preciso ter amizade, assim a figura 18 figurativiza o casamento com amor e amizade. AMOR e AMIZADE (eufóricos). O estilo é implicativo de desaceleração, com inacento eufórico, visto trazer a ideia de movimento dentro de algo que se planejou, figurativizado pelo fato de haver amor entre o casal, assim ideia de continuidade e aspecto durativo.

Excerto 3 - Cena enunciativa 1.a

[...] eu acredito que seja um casamento destinado ao fracasso...não basta se casar com alguém que você admira...você precisa gostar de estar junto com ela...conversar...sair...curtir a vida...**A SEGUNDA PERGUNTA QUE VOCÊ DEVE SE FAZER...EU SOU ATRAÍDO SOMENTE PELA SUA APARÊNCIA** [...] (Júnior, 2019 – excerto 3).

Figura 19 da cena enunciativa 1.a - *Frame* no tempo de 1': 52".



Fonte: <<https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>> Acesso em 28/11/2020

A figura 19, no que tange ao *frame*, a espacialidade é fechada, pois respeita os limites da moldura (*frame*), o que quer dizer que há a visão do todo da cena, como a visualização de corpos inteiros, a sacada da qual a figura da esposa, insatisfeita, joga as roupas de seu cônjuge, simulando o rompimento do relacionamento conjugal. A figura do esposo parece representar o antissujeito da relação, que estaria “pagando o preço por algum deslize”. Essa micronarrativa opõe-se à figura 18, na qual, pode-se entender ser o casal narrado, que estariam juntos inicialmente pela aparência, visto que são belos e jovens, de corpos esbeltos, o que sugere a escolha pela aparência. Este mesmo casal, na percepção de sequência narrativa, agora disfóricos, porque teriam se casado pela aparência, atitude não aconselhada pelo narrador. Considerando a focalização fechada, a aspectualidade perfectiva, pois não há transbordamento das figuras no quadro, cuja existência de estado, de andamento desacelerado.

A figura 19, no que tange ao discurso, figurativiza o casamento que apesar do amor não há amizade e, por isso, termina de modo conflituoso. DESAMOR e CIZANIA (Forias disfóricas). O estilo é concessivo, terminativo com aceleração, acento disfórico, pois interrompe uma duratividade da harmonia do casamento, figurativizado pelo desentendimento do casal, quando a esposa joga as roupas do marido pela sacada.

Topologicamente a figura da mulher está em posição superior, figurativização de quem ficou no imóvel, acolhida na moradia, enquanto a figura do marido fica em oposição, na parte inferior, fora do imóvel, sem moradia, é aquele que vai embora.

Assim, as figuras 18 e 19 formam as forias: AMOR e AMIZADE (eufóricos) *versus* DESAMOR e CIZANIA (Forias disfóricas).

Excerto 4 - Cena enunciativa 1.a

[...] atração física é sem dúvida...muito importante...porque você não vai querer estar com alguém que não acha bonito...não é mesmo...ela não precisa necessariamente ser bonita pra todo mundo...mas pra você tem que ser [...] (Júnior, 2019).

Figura 20 da cena enunciativa 1.a - *Frame* no tempo de 2':29"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0> Acesso em 28/11/2020.

Quanto ao estilo do *frame*, confere a arte barroca (imperfeição), pois a espacialidade é aberta, pois a focalização está apenas nas faces do casal de homem e mulher igualmente jovens e belos, com transbordamento dos limites da moldura (*frame*), não sendo possível visualizar seus corpos por inteiro. Esse transbordamento promove um aspecto imperfectivo de existência fugaz de andamento acelerado, cuja figurativização é de um casal além jovens e belos, também apaixonados, o que corrobora com o discurso do narrador, cuja argumentação é de que achar o seu parceiro bonito é importante.

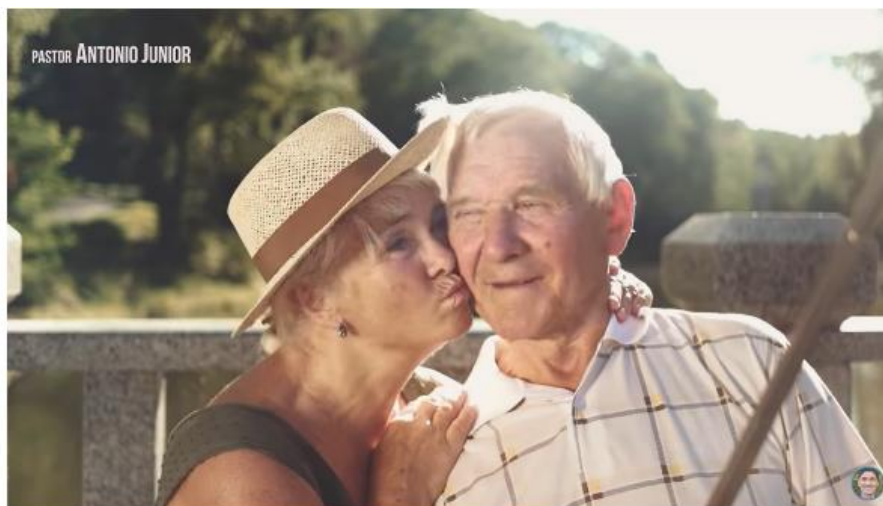
No que tange ao discurso, as figuras 20 e 21, figurativizam as forias do segundo argumento (Eu sou atraído somente pela sua aparência?) e, portanto, atuam como resposta da segunda pergunta. De modo estratégico, no áudio, o narrador direciona o narratário a escolher não apenas pela beleza, mas também pelos valores. Neste momento não explicita os valores, porque já se posicionou como cristão no exórdio quando procurou cristãos para aconselhá-lo. Para o cristão, aquele que não crê em Cristo está no pecado, porque parte da premissa que Cristo é o único caminho, a verdade e a vida (Cf. Jo 14:6). Por isso pensamos na foria: SAGRADO/CRISTÃO (eufórica) versus PROFANO/PECADOR (disfórico). Para o cristão, não basta crer em Deus (uma força transcendental), é necessário crer em um Deus trino (Pai, Filho e Espírito Santo), de acordo com o discurso fundador da fé cristã.

Excerto 5 - Cena enunciativa 1.a

[...] porém você deve entender que um dia...os seus olhos não verão a mesma coisa...essa menina gata ou o cara bonitão que você está olhando agora...vão parecer muito diferentes em quarenta anos...e você precisa ter certeza de que você é atraído por quem a pessoa é...e não apenas como ela se parece...**A TERCEIRA PERGUNTA**

QUE VOCÊ DEVE SE FAZER...EU QUERO ESSA PESSOA COMO PAI OU MÃE DOS MEUS FILHOS...antes de se casar você não precisa se perguntar...eu quero que meus filhos se pareçam com aquela pessoa...não [...] (Júnior, 2019).

Figura 21 da cena enunciativa 1.a- *Frame* no tempo de 2'26''



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>< Acesso em 28/11/2020.

O *frame* (figura 21) apresenta espacialidade aberta, apenas parte dos corpos surgem no quadro, então não respeita os limites da moldura (*frame*), por isso, a aspectualidade é imperfectiva, de existência fugaz e andamento acelerado. Apresenta casais de idosos, dos quais selecionamos um, cuja figurativização promove a ideia de que a escolha do cônjuge deve ir além da aparência física. Os valores fóricos estão na manutenção do amor, independente do envelhecimento, então a foria eufórica é a DURATIVIDADE (Foria eufórica). DURATIVO (eufórico) *versus* TERMINATIVO (disfórico).

Em relação ao discurso referente às figuras (20 e 21), a foria é eufórico pois figurativizam casal feliz na juventude e na velhice. Assim, estilo implicativo de desaceleração com inaccento eufórico, visto trazer a ideia de movimento, continuidade e aspecto durativo.

Excerto 6 – Cena enunciativa 1.a

[...] em vez disso faça essa pergunta...será que eu quero que meus filhos sejam como aquela pessoa...infelizmente...muitas pessoas se iludem...querendo arrumar alguém com uma ótima genética...e aparência física [...] (Júnior, 2019).

Figura 22 da cena enunciativa 1.a- *Frame* no tempo de 3':00"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0> < Acesso em 28/11/2020.

Podemos considerar o *frame* (figura 22) como espacialidade fechada, pois embora haja o transbordamento dos limites da moldura (*frame*), com pés e parte das pernas fora do quadro, apresenta a visão geral da ação figurativizada na cena, na qual o sujeito do sofrer (a jovem mulher) deitado, sofre a opressão de um antissujeito (apagado ao fundo), que apesar de jovem, não se relaciona euforicamente com a esposa. A figura da jovem apresenta-se deitada, chorando, em ⁶⁹posição fetal, o que quer dizer deitar-se de lado e com as pernas enroladas, figurativização da posição de alguém que deseja proteção, o que figura um sujeito aturdido sensivelmente. Ao entendermos o enquadramento de espacialização ser fechada, o aspecto é perfectivo de existência desacelerada, o que sugere uma ação prolongada, não terminativa.

Em relação à pergunta “Eu quero essa pessoa como pai ou mãe dos meus filhos?”, corresponde ao terceiro argumento, a figura de um marido (sujeito actante/antissujeito) discute enquanto a esposa chora, em uma figurativização de violência psicológica. Desta vez, o narrador destaca nas figuras algumas foras disfóricas que frustram a criação dos filhos, como bebida alcoólica e discussões. Guerra (BEBIDA e DISCUSSÃO) *versus* Paz (SOBRIEDADE e HARMONIA). Desse modo, quanto à narrativa, o estilo é concessivo com aceleração, acento disfórico, visto trazer a ideia de algo que destoa do esperado, pois são movimentos contrários, então ideia de descontinuidade e aspecto terminativo.

Excerto 7 – Cena enunciativa 1.a

[...] para terem filhos bonitos e saudáveis[...] (Júnior, 2019).

⁶⁹ Ver <<https://holmesplace.com/pt/pt/blog/wellness/posicaoadormirepersonalidade>> - Acesso em 18/07/2024.

Figura 23 da cena enunciativa 1.a- *Frame* no tempo de 3':11"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0> < Acesso em 28/11/2020.

Quanto ao *frame* da figura 23, a espacialidade é fechada, pois embora os elementos figurativos da sala de estar transbordem ao limite da moldura (*frame*), os corpos centralizados, embora posicionados de modo que não seja possível vê-los por inteiro, não estão fora do quadro. Assim, a aspectualidade é perfectiva, de existência estado e andamento desacelerado. A desaceleração promove uma experiência ao narratário de contemplação: a figurativização de uma família feliz com um casal de filhos belos e saudáveis posicionados sobre os pais em um momento de harmonia e felicidade, ratificam a ideia de uma família com filhos bonitos e saudáveis.

A figurativização da felicidade da família é intensificada com as cores quentes, figuram felicidade, um ambiente claro, com as roupas despojadas, ambiente aconchegante de uma família que vive bem (boa moradia) cujos sorrisos largos destacam-se como se “roubassem a cena”.

No discurso proferido sobre a figura 23, há a figurativização do excerto “infelizmente...muitas pessoas se iludem...querendo arrumar alguém com uma ótima genética...e aparência física...para terem filhos bonitos e saudáveis” (Júnior, 2019). As figuras seriam membros da família com boa genética, dotados do atributo beleza e ao mesmo tempo vivem felizes em harmonia. (Fória: Aparência (BOA GENÉTICA) (eufórico) + Moralidade (BOA CONDUTA) *versus* Aparência (BOA GENÉTICA) + Imoralidade (MÁ CONDUTA) (disfórico). Desse modo, embora a terceira questão parta também do atributo beleza como na segunda pergunta, a ideia é voltada para a questão de que há pessoas que escolhem por aparência na expectativa de boa genética para os futuros filhos, esquecendo-se de avaliar os valores morais. Sob o ponto de vista eufórico, boa genética (eufórico) + moralidade, o estilo será

implicativo, desaceleração com inaccento eufórico, visto trazer a ideia de movimento harmonioso, então ideia de continuidade e aspecto durativo.

Excerto 8 – Cena enunciativa 1.a

[...] mas se esquecem de analisar o caráter...e os seus valores...que são o que realmente fazem a diferença na vida dos filhos...**A QUARTA PERGUNTA QUE VOCÊ DEVE SE FAZER...EU POSSO SER EU MESMO QUANDO ESTOU PERTO DESSA PESSOA...**esta é uma pergunta importantíssima...se você sente que precisa ser outra pessoa...quando está bom o seu companheiro...então não se case...nada é mais desgastante do que fingir ser alguém...só para agradar o outro [...] (Júnior, 2019).

Figura 24 da cena enunciativa 1.a- *Frame* no tempo de 3':14"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>< Acesso em 28/11/2020.

Na figura 24, a figurativização é construída com a figura de um homem, na hipótese de marido. A figura masculina, de face insatisfeita, segura um copo com a mão esquerda e com a direita serve uma bebida, figurativização de seu momento de embriaguez. Em um diálogo como o discurso do narrador, a figurativização seria de um marido que faz uso da bebida alcoólica em momentos de insatisfação na relação, na qual, para manter o relacionamento, acaba fingindo uma alegria superficial trazida pela bebida.

Foria: Vida/Saúde (SOBRIEDADE) (eufórico) *versus* Morte/Doença (EMBRIAGUEZ) (disfórico).

Tanto quanto à disposição da figura actancial quanto ao discurso o estilo é concessivo com aceleração, de acento disfórico, aspecto imperfectivo, de espacialidade aberta, de uma existência fugaz, visto trazer a ideia de algo que destoa do esperado, pois são movimentos contrários ao cristianismo que prega a sobriedade. Então a ideia é de descontinuidade e aspecto terminativo.

Excerto 9 – Cena enunciativa 1.a

[...] o seu companheiro deve gostar das coisas boas que há em você... mas nunca tentar mudar quem você é [...] (Júnior, 2019).

Figura 25 da cena enunciativa 1.a- *Frame* no tempo de 3': 48"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0> < Acesso em 28/11/2020.

Quanto à manifestação na figura 25, a espacialidade é aberta, transborda o quadro, pois focaliza nas faces das figuras de um casal jovem e belo, que olham para o horizonte, sugerindo uma convivência harmoniosa. O *frame* tem aspectualidade imperfectiva, pois transborda o quadro, por isso é de existência fugaz, de andamento acelerado, o que favorece a ideia de um momento especial (ímpar), com cabelos ao vento, debaixo de um sol agradável, a cor celeste da roupa do jovem homem se mistura com o céu azul claro e sem nuvens. A figura do casal sugere um momento de contemplação e de expectativas futuras figurativizada pelos olhares no horizonte com sorrisos suaves.

Nas figuras 25 e 26, podemos pensar nas respostas da pergunta quatro: “Eu posso ser eu mesmo quando estou perto dessa pessoa?”. Esse argumento tem sua força mais na voz do sujeito destinador do que nas figuras. A foria é verdade (SER VERDADEIRO) (eufórico) *versus* mentira (SER FALSO) (disfórico) ou ainda CUMPLICIDADE *versus* ANIMOSIDADE no cotidiano, mediante as difíceis exigências que um cônjuge pode fazer ao outro. O sujeito destinador argumenta ser necessária a mudança de maus hábitos, mas não a mudança de personalidade, conforme consta a seguir: “...você pode e deve mudar maus hábitos...mas não a sua personalidade...” (Júnior, 2019).

Um adendo quanto ao uso do pronome *você* que no excerto e durante os demais argumentos é constante, cujo efeito de sentido é de intimidade, informalidade, visto no Brasil o uso do *tu* não ser recorrente e exigir a adequação que muda a terminação verbal, como por exemplo em “*você pode e deve*, ficaria *tu podes e deves*. Como não é usual no cotidiano, caso o enunciador utilizasse o *tu*, ficaria distante e superficial, o impacto tensivo seria de menor intensidade. O estilo tensivo da figura 25, pensando a figurativização de um casal revestido de

cumplicidade, a foria é eufórica, por isso é estilo implicativo, desaceleração, inaccento eufórico, continuidade e aspecto durativo.

Excerto 10 – Cena enunciativa 1.a

[...] você pode e deve mudar maus hábitos...mas não a sua personalidade...jamais...A **QUINTA PERGUNTA QUE VOCÊ DEVE SE FAZER...ESSA PESSOA FORTALECE A MINHA FÉ** [...] (Júnior, 2019).

Figura 26 da cena enunciativa 1.a - *Frame* no tempo de 3': 50"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0> < Acesso em 28/11/2020.

O *frame* da figura 26 é manifestado com espacialidade aberta, pois o rosto da mulher não aparece no *frame*, assim a aspectualidade é imperfectiva, de existência fugaz, e de andamento acelerado, sugerindo a figurativização de um momento no tempo que exemplifica a rotina de um casal, no qual o marido estaria deitado no sofá, momento interrompido pela esposa indignada que não estaria concordando com sua postura. Quanto ao transbordamento do (*frame*) quadro, além do da parte superior, a partir dos ombros da esposa, outros elementos da sala de estar também transbordam.

A figura 26, está em diálogo com o seguinte excerto: “você pode e deve mudar maus hábitos...mas não a sua personalidade...jamais...a quinta pergunta que você deve se fazer...essa pessoa fortalece a minha fé? (Júnior, 2019). A foria seria: BONS HÁBITOS (eufóricos) *versus* MAUS HÁBITOS (disfóricos).

Encontramos um estilo concessivo, aceleração, acento disfórico, visto a figura trazer a ideia de desentendimento por conta dos hábitos, cuja sugestão, aparentemente, é por ele ter o hábito de deitar no sofá, além de uma leve sugestão de que a esposa está arrumando/limpando o ambiente, pois parece organizar caixas (encontra-se com uma caixa na mão e outras ao seu redor, como se estivesse realizando uma organização no ambiente). Na possibilidade de arrumação, os maus hábitos seriam ainda piores, pois o marido seria a figura do preguiçoso que

se folga no sofá, enquanto a esposa realiza os serviços domésticos, sem auxílio do marido. A figurativização é construída em uma sala de estar, onde a figura do marido deitada no sofá, contraria a figura da esposa, que o puxa pelo braço, causando um uma situação de conflito. O que parece, em uma interpretação, é que a sugestão é de que pequenos hábitos, mesmo que pareçam insignificantes, se isso desagrade o cônjuge é melhor que não o faça. Assim, a figura 26 tem ideia de descontinuidade e aspecto terminativo.

Excerto 11 – Cena enunciativa 1.a

[...] como cristão eu acredito que o projeto de Deus para o casamento é que o marido e a esposa se unam colocando Cristo no centro de tudo [...] (Júnior, 2019).

Figura 27 da cena enunciativa 1.a - *Frame* no tempo de 4': 05"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0> < Acesso em 28/11/2020.

O *frame* da figura 27 é manifestado com espacialidade aberta, pois se trata de um templo religioso que geralmente é amplo e espaçoso, com assentos para os fiéis. No entanto, a focalização está na figurativização de um momento de devoção de um casal (homem e mulher) a Deus, que de joelhos, posicionados um ao lado do outro, sugerem a ideia de momento de oração. No centro superior está a cruz, elemento plástico-figurativo cristão, que remete à crucificação de Jesus Cristo que é contemplada pelo casal, ajoelhados em sinal de reverência. A aspectualidade é imperfectiva, pois há um transbordamento do quadro de elementos figurativos como o todo do templo (a porta de entrada, os assentos), assim a existência é fugaz, de andamento acelerado, o que também dá ideia de um ponto no tempo, um momento ímpar na rotina do casal. O casal usa roupas que parecem ser do trabalho, figuram um casal que busca a harmonia no casamento por intermédio da fé. Nas laterais, em volta da cruz, tanto na parte superior, quanto na parte inferior do altar, há flores que ornamentam o altar. Os castiçais, um do lado esquerdo e outro do lado direito, transbordam do quadro, assim como os assentos próximos do casal. Foria: FÉ *versus* INCREDULIDADE.

Em relação ao discurso, observe o excerto: “como cristão eu acredito que o projeto de Deus para o casamento é que o marido e a esposa se unam colocando Cristo no centro de tudo” (Júnior, 2019 – excerto 11).

Esse excerto vincula-se às figuras 27 e 28, integram o quinto argumento, cuja pergunta é “Essa pessoa fortalece a minha fé?”. Apenas no início do vídeo e nesse argumento há menção da formação discursiva cristã, talvez indício de estratégia discursiva para alcançar a adesão de público diverso, independente de religião, visto que a instituição casamento é prática cultural consolidada socialmente como eufórica de adesão diversa.

Excerto 12 – Cena enunciativa 1.a

[...] sem ele não existe fundamento...e com isso o casamento acabará desmoronando...você deve se casar com alguém que não só compartilha a sua fé...mas também fortalece a sua fé...o seu cônjuge deve trazer você para mais perto de Jesus...e não afastá-lo para mais longe...**A SEXTA PERGUNTA QUE VOCÊ DEVE SE FAZER...ESSA PESSOA ESTARÁ COMIGO EM QUALQUER SITUAÇÃO** [...] (Júnior, 2019).

Figura 28 da cena enunciativa 1.a - *Frame* no tempo de 4': 14"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>< Acesso em 28/11/2020.

Na figura 28 o enquadramento é de espacialidade mais ou menos aberta, pois não respeita os limites da moldura, de aspectualidade imperfectiva de existência fugaz e andamento acelerado, pois o ambiente figurativizado por um quarto transborda do quadro a totalidade da cama, dos pés e pernas da figura da esposa, pois tem a parte inferior do corpo fora do quadro.

A figurativização é de um casamento fracassado, o espaço é o quarto de um casal jovem, onde a figura do marido está fazendo as malas, enquanto a esposa, sentada na cama, cabisbaixa, com as duas mãos na cabeça, na proximidade da testa, figura uma mulher desolada e entristecida, o que gera a axiologia eidética curvo (sentado) *versus* reto (em pé). A jovem mulher, embora não esteja deitada, tem uma postura corporal que remete ao posicionamento

fetal, figurativização da posição de alguém que deseja proteção, o que figura um sujeito aturdido sensivelmente. As cores do ambiente embora claro, não figurativiza luz pois predomina o opaco, o que gera a axiologia brilhante *versus* opaco, sendo o opaco, voltado para a cor cinza, o cromatismo predominante, que gera efeito de clima de tristeza no ambiente. Foria: Vida (SUCESSO) conjugal *versus* Morte (FRACASSO conjugal).

O discurso do narrador juntamente com a cena, apresentam estilo tensivo concessivo com aceleração, de acento disfórico, visto trazer a ideia de algo que destoa do esperado, pois o movimento é contrário ao casamento para a vida toda, com ideia é de descontinuidade e aspecto terminativo, pois ao ter um marido que vai embora, deixando a esposa desolada e sozinha, gera efeito de abandono, sendo o marido alguém que não está na relação em qualquer situação.

Excerto 13– Cena enunciativa 1.a

[...] nós vivemos em um mundo onde as pessoas gostam de abandonar qualquer coisa que começa a ficar difícil...porém a base de um casamento não são sentimentos...porque eles estão sempre mudando...mas é o compromisso...que nunca muda...quando você diz sim...você está dizendo...eu topo enfrentar qualquer barreira ao seu lado...eu estarei com você nos altos e baixos da vida [...] (Júnior, 2019).

Figura 29 da cena enunciativa 1.a - *Frame* no tempo de 4': 38"



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0> < Acesso em 28/11/2020.

No *frame* da figura 29 consideramos ter espacialidade fechada, pois a informação é de um marido que vai embora com as malas, uma cena que cabe no quadro, pois não houve transbordamento do corpo do marido e nem da mala que ele leva consigo. A aspectualidade perfectiva com o portão aberto, com o caminhar do marido em sentido para fora, indo para a rua. Assim, a existência é solene de andamento desacelerado, com a esposa, na sacada, observando sua saída. Um tom cinza presente nas roupas e piso gera a oposição brilhante *versus* opaco, sendo o opaco um tom que figurativiza a tristeza, um dia ruim, que dialoga com o último argumento de número seis, cuja pergunta é “Essa pessoa estará comigo em qualquer situação?”.

A figura 29 intensifica o sentido de abandono por falta de cumplicidade, e pela instauração da animosidade entre o casal, parte do argumento de que há pessoas que fogem das dificuldades. Foria: vida (RESISTÊNCIA) *versus* morte (FUGA).

Excerto 14– Cena enunciativa 1.a

[...] por isso analise a reação do seu companheiro quando a situação apertar e veja se ele está disposto a ficar com você...haja o que houver...se você encontrar alguém que passe no teste destas perguntas...e se estiver disposto a fazer o mesmo por ele ou por ela [...] (Júnior, 2019).

Figura 30 da cena enunciativa 1.a - *Frame* no tempo de 5':01''



Fonte: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>< Acesso em 28/11/2020.

Na figura 30, em relação ao enquadramento, a espacialidade é aberta, transborda o quadro, pois a focalização está na parte superior dos corpos, deixando todo o resto do corpo fora do quadro. Assim, a aspectualidade é imperfectiva, de existência fugaz e andamento acelerado. O excerto que dialoga com a figura 30 diz: “por isso analise a reação do seu companheiro quando a situação apertar e veja se ele está disposto a ficar com você...haja o que houver [...] (Júnior, 2019). Enquanto o narrador profere o discurso, duas figuras actanciais (homem e mulher), centralizados no quadro, encontram-se em um abraço de acolhimento, pois a mulher figurativiza um sujeito que sofre e se consola em um abraço de cumplicidade de um marido presente nos momentos difíceis. Repete-se então a foria: CUMPLICIDADE *versus* ANIMOSIDADE. Quanto à mensagem da figura 30 é de estilo implicativo com desaceleração, inaccento eufórico, pois traz a ideia de algo positivo, então, ideia de continuidade e aspecto durativo, é parte do argumento de que há casais que enfrentam as dificuldades juntos.

Excerto 15 – Cena enunciativa 1.a

[...] ENTÃO EU ACREDITO QUE VOCÊS SERÃO REALMENTE FELIZES para sempre...orem juntos...planejem juntos...e sigam em frente confiando em Deus...eu

sou o pastor Antônio Júnior... se você gostou dessa mensagem...compartilhe com seus amigos e me siga nas redes sociais...Deus te abençoe (Júnior, 2019).

Figura 31 da cena enunciativa 1.a - *Frame* no tempo de 5':14"



Fonte: <<https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>> Acesso em 28/11/2020.

Em relação ao enquadramento, a espacialidade é mais ou menos aberta, pois transborda o quadro (o arco de entrada dos noivos não coube no quadro), aspectualidade imperfectiva, pois focaliza o casal ao fundo casando, de existência fugaz e andamento acelerado.

O conteúdo do *frame* sugere que embora seja difícil mensurar, antes do casamento, o quanto alguém estaria disposto a enfrentar as dificuldades do dia a dia, o argumento de que Cristo é a solução, aparece na figura 30, pois surge um casal em uma cerimônia de casamento, um juiz de paz ou um pastor preside o casamento, atrás do ministrante, uma cruz, figurativização de um casamento cristão sendo celebrado ao ar livre, durante o dia, com a presença de figuras que atuam como convidados dos noivos. Assim, o discurso é de estilo implicativo, desaceleração, inacento eufórico, pois traz a figurativização da concretização do que se espera: a celebração do casamento.

Para concluir, o sujeito destinador constrói o epílogo da mensagem videográfica, retomando o exórdio, cuja provocação fora “a escolha de alguém com quem iremos nos casar é uma das decisões mais importantes da vida...por isso devemos levá-la a sério...com muita **oração... reflexão e planejamento**” (Júnior, 2019 – excerto 1). Esse retomar é agora não mais com três palavras (oração, reflexão e planejamento), visto a reflexão ter sido realizada durante a reprodução do vídeo. O que é retomado na conclusão é “orem juntos...planejem juntos...e sigam em frente confiando em Deus”.

A percepção sensível do sujeito destinador enquanto sujeito, é um sujeito do controle, de ação programada, que vive da previsibilidade, por isso não se espanta, antes analisa situações

hipotéticas de fracassos anteriores para aprender pelo exemplo e não os viver como atores fracassados de narrativas frustradas. O sujeito destinador se põe no discurso com uma linguagem de quem já passou pelo momento de escolha e agora quer contribuir para que outros também se beneficiem dos conselhos que ele recebera.

A partir da análise realizada, organizamos uma tabela com as forias, as quais correspondem aos valores eufóricos e disfóricos constituídos a partir da axiologia fundamental *morte versus vida*. Observemos a tabela a partir da ideia de que o casamento é o corpo discursivo que se deseja compor. O qual ao surgir das profundidades figurais é vida, portanto eufórico. Enquanto o seu não surgimento é a morte, portanto disfórica. Assim, as atitudes das figuras actanciais representativas de casais que aparecem no vídeo como simulacro de comportamentos eufóricos e disfóricos são manifestados no nível discursivo como atitudes que levam à morte o casamento e outras atitudes que levam à vida o casamento:

Resumo das forias de “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém” Mais uma vez ressalta-se que a axiologia fundamental é MORTE <i>versus</i> VIDA, que se manifesta nos mais variados contextos observados ao longo da análise das micronarrativas.	
Eufórico	Disfórico
Amor	Desamor
Amizade	Cizânia
Cristão	Pecador
Sagrado	Profano
Durativo	Terminativo
Bebida	Sobriedade
Sobriedade (vida/saúde)	Embriaguez (morte/doença)
Harmonia	Discussão
Boa genética + moralidade	Boa genética + imoralidade
Ser verdadeiro	Ser falso
Cumplicidade	Animosidade
Bons hábitos	Maus hábitos
Fé	Incredulidade
Sucesso	Fracasso
Resistência	Fuga

Tabela 10 – Forias de “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém”.

A partir das forias consideradas na tabela acima, disponibilizamos a seguir o gráfico de correlação inversa de “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém”, no qual considera os valores do absoluto, abscissa de intensidade como o propósito que se deseja

alcançar, casamento, representativo de vida, portanto eufórico. Enquanto, nos valores de universo, abscissa de extensidade como comportamentos disfóricos que afastam o cristão do propósito de se casar, disponível no gráfico abaixo:

Correlação inversa de Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém

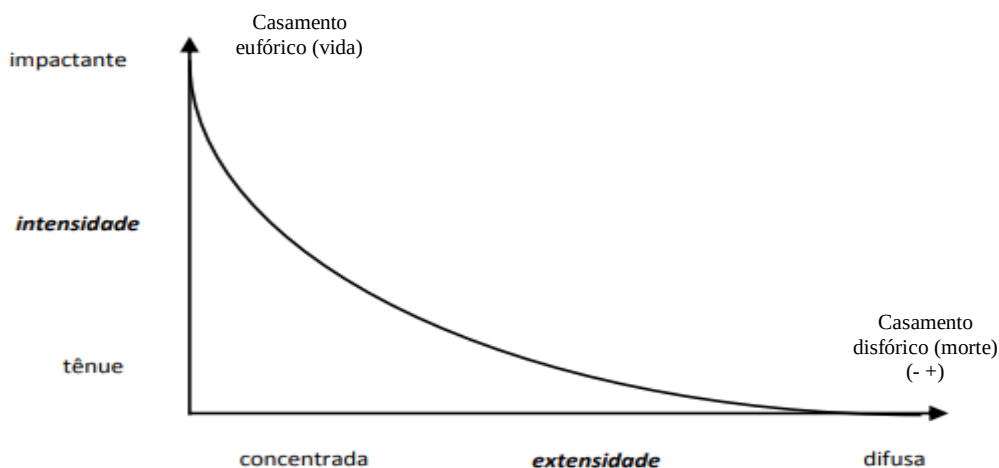


Gráfico 9 - Correlação inversa de “Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém” (Cf. Zilberberg, 2006, p. 216)

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoriação”. Quanto mais concentrado/impactante e menos difuso = ventura (probabilidade de se casar com alguém de atitudes eufóricas). E quanto menos intenso e mais difuso = desventura no casamento (quanto menos aplicar as seis perguntas, mais Casamento disfórico).

Tipologias dos argumentos retóricos de Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém

O argumento *Identidade e definição* é utilizado na argumentação do sujeito destinador quando ele parte de uma afirmativa “casar é uma das decisões mais importantes da vida” (parte do excerto 1), para só então propor um discurso pautado em perguntas. O mesmo argumento surge quando diz que por ser cristão (argumento de identidade), acredita que casamento seja um projeto de Deus. Conferido no excerto: [...] como cristão eu acredito que o projeto de Deus para o casamento é que o marido e a esposa se unam colocando Cristo no centro de tudo [...] (Júnior, 2019 – excerto 11).

Ao organizar em perguntas e respostas em seu discurso, o sujeito agente/destinador utiliza as ligações que fundamentam a estrutura do real, pois cria situações hipotéticas, com base empírica, representativas de casamentos fracassados e conflituosos num simulacro do real, cujo efeito de verdade está nos frames de figuras que vivenciam a ventura ou desventura conjugal.

Dentro do argumento da estrutura do real, há o *argumento da direção*. O sujeito dá a direção que julga correta em detrimento às escolhas fracassadas que casais tomam e se dão mal. O argumento pela estrutura do real é fortalecido pelas figuras que vão passando à medida que o discurso se desenrola. O que há na verdade, são seis argumentos estrategicamente organizados por meio de perguntas, os quais são fortalecidos quando respondidos pelo próprio sujeito da ação.

Pela sequência dos *frames* selecionados é possível perceber os *argumentos pelo exemplo* do que seria eufórico e do que seria disfórico. O modo de o sujeito destinador dizer que é um cristão também chama a atenção, pois quando diz no início do vídeo que é cristão, diz compartilhando seus momentos de dúvida, põe-se como aquele que buscava uma ajuda e encontrou em quem tem autoridade para aconselhar, sendo os cristãos essa autoridade, conforme consta esta parte do excerto 1 “eu costumava perguntar aos meus amigos evangélicos casados”, configurando assim, um argumento de autoridade, retomado neste argumento cinco, acrescido de *argumento pelo modelo*, consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958], p. 423), visto ser conduta a ser seguida, pois o casamento está como alicerce da família. Ao enunciar, “como cristão”, assume-se como sua identidade o cristianismo e aconselha que o casal tenha a mesma fé religiosa e que seja algo observado antes do casamento, como estratégia que garante o êxito.

Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém

Na análise realizada acima, o discurso proferido pelo narrador, que chamamos de mensagem bíblica, é construído com o cuidado de explicar de modo detalhado o que o narratário deve fazer para obter êxito no casamento. A instrução é sobre como escolher o/a cônjuge, para não acabar em uma relação frustrada. A construção do discurso apresenta as partes necessárias de um texto minimamente elaborado, com uso de linguagem acessível e subjetiva, que aproxima o narratário.

Pudemos constatar um gênero discursivo de divulgação religiosa midiático-digital, no qual a análise da aspectualização do corpus, permitiu o vislumbre das marcas de uma enunciação especializada, que ensina, de modo didático, por meio de cenas que constroem uma sequência que orienta o sujeito a ser aquele do controle, ensinando-o a sair da posição de passivo, a fim de que ele se modalize a partir do agir/ da ação, o que garante o efeito de verdade. O estilo implicativo (inerente ao encadeamento do discurso) do corpus, garante, pelo princípio do desenvolvimento, segundo a articulação parada/desenvolvimento, seu caráter de continuação, de relaxamento, característico do discurso de divulgação religiosa, voltado para a

extensidade. Como demonstrado, as forias eufóricas e disfóricas possuem uma correlação conversiva de melhoração, a qual, do ponto de vista cristão, possui uma gradação partindo do modelo a ser seguido, como um manual de instrução construído a partir de princípios cristãos.

Portanto, especialmente neste vídeo analisado (Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém), encontramos um estilo didático religioso, visto que o ator da enunciação, utilizou-se de conhecimento especializado, advindo de um conhecimento bíblico somado a sua própria vivência, apresentou um discurso articulado e planejado com uso de ferramentas das mídias digitais com a técnica dos *frames*. A seguir analisaremos o discurso proferido no vídeo “O papel do homem e da mulher no casamento”.

4.1.3 O *ETHOS* DO ATOR DA ENUNCIÇÃO DE “O PAPEL DO HOMEM E DA MULHER NO CASAMENTO (SEGUNDO A BÍBLIA)”

Trata-se de um vídeo publicado em 18 de maio de 2019, que elenca o que compete à mulher e o que compete ao homem em uma relação conjugal. O enunciador recebe uma convidada para tratar do tema: sua esposa. Ao longo do vídeo o casal assume uma fala de concordância e tecem considerações a fim de aconselhar o enunciatário sobre qual seria o papel do homem e da mulher no casamento. Dessa vez não utilizam imagens no interior da narrativa a fim de ilustrar situações hipotéticas como na análise anterior. A proposta do vídeo é estabelecer uma conversa entre as figuras Thaís e Antônio Júnior (casados) com o enunciatário que passivamente recebe as instruções.

Assim sendo, recortamos o trecho que corresponde desde o *tempo de um minuto e vinte e três segundos (1’:23’)* até o *tempo de dezessete minutos e trinta segundos (17’:30’)*. disponível no website <https://youtu.be/r0nXve1hmTU>. Desse trecho selecionamos excertos do exórdio e da argumentação/provas para análise.

Estruturas semionarrativas e tensivas

Excerto 16 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): [...] tem até uma frase que diz que não é o amor que sustenta o casamento...mas é a forma de se relacionar que sustenta o amor [...] (Júnior, 2019).

No excerto 16 do exórdio, temos a axiologia: Natureza *versus* Cultura como enunciado elementar da sintaxe narrativa, pois o sujeito-destinador atribui o conflito das relações à falta de razão entre os cônjuges, o que quer dizer uma necessidade de o actante moldar-se, de modo a contrair sua natureza em prol da cultura, que o torna aceito e de fácil convivência. São estabelecidos dois percursos no texto entre os termos:

1- Submissão da mulher (disfórico) *versus* desempenho de papel de esposa. Essa oposição aparece no discurso quando o sujeito da ação apresenta a submissão feminina no casamento como desígnios bíblicos.

2- Homem sem autoridade (Disfórico) *versus* homem com autoridade (eufórico).

Estabelece-se, assim, dois percursos entre os termos:

1- Submissão da mulher-----não-submissão da mulher-----Desempenho de papel de esposa.

(Disfórico)

(não-disfórico)

(eufórico)

2- Individualidade-----não-individualidade-----cumplicidade

(Disfórico)

(não-disfórico)

(eufórico)

A não-submissão da mulher, negação da submissão da mulher, aparece no discurso quando o sujeito da ação apresenta um ponto de vista positivo em relação à questão da submissão feminina. A não-individualidade, negação da individualidade, no exercício do papel do homem e da mulher, uma vez exercidos a fim de agradar o outro, sai a individualidade e toma lugar a cumplicidade.

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores. No programa narrativo, há o uso da persuasão com um dever-fazer proposto pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado manipulado pela sedução de buscar um querer-dever-fazer para obter o que aparece no excerto 17, como o que não se deseja na relação.

Excerto 17 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): [...] está tendo muitos conflitos na forma de se relacionar [...] (Júnior, 2019).

Assim, o que se deseja é o oposto, por isso o objeto-valor é casamento bem-sucedido. Para isso o sujeito de estado, precisa de uma transformação de estado para sujeito da ação, para adquirir competência (sabedoria) e melhorar sua *performance*.

O sujeito do fazer e destinador (pastor) compartilha o objeto-modal cognitivo, com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os.

Excerto 18 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): [...] cada um tem o seu valor (papel)...mas são papéis diferentes [...] (Júnior, 2019).

No excerto 18, o sujeito-destinador introduz o tema: dizer quais são os papéis do homem e da mulher no casamento.

Excerto 19 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): Efésios...capítulo cinco...versículo vinte e dois...mulheres...sujeite-se cada uma ao seu marido...como ao Senhor...pois o marido é o cabeça da mulher...como também Cristo é o cabeça da igreja...aqui está dizendo que o papel da mulher é ser submissa ao marido...como ao Senhor...pois o marido é o cabeça da mulher...como também Cristo é o cabeça da igreja...aqui está dizendo que o papel da mulher é ser submissa ao marido... né... isso hoje em dia é um absurdo né...eu lembro uma vez eu fui dar um casamento fui pregar no casamento [...] (Júnior, 2019).

No excerto 19, o sujeito-destinador, informa ao sujeito-destinatário em que é pautado o seu discurso. Pauta-se no discurso fundador da fé cristã (Bíblia Sagrada: Ef 5: 22).

Excerto 20 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): [...]mulheres...sujeite-se cada uma ao seu marido...como ao Senhor...pois o marido é o cabeça da mulher...como também Cristo é o cabeça da igreja...aqui está dizendo que o papel da mulher é ser submissa ao marido [...] esse é o dever da mulher porque a mulher ela foi chamada pra ser uma colaboradora... (Júnior, 2019).

No excerto 20, o sujeito-destinador apresenta o versículo bíblico acompanhado de um ponto de vista exegético, no qual aproxima o sentido de submissão e colaboração. Assim apreendemos o ponto de vista do sujeito destinador sobre a mulher submissa: Mulher submissa= mulher colaboradora.

Excerto 21 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] não tô dizendo que você vai ser escrava do seu marido de jeito nenhum...tanto é que não existe só o papel da mulher vamos continuar...o papel do homem é muito importante também olha o que diz...maridos...ame cada um a sua mulher...assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela...então eu acredito que você mulher é que está nos assistindo...você não acharia ruim né de se submeter a um homem que ama você assim como Cristo ama a igreja...tá bom...então o papel do homem é tão importante e talvez mais difícil ainda...porque o homem tem que amar a mulher como Cristo amou a igreja e como que Cristo ama a igreja que é o seu povo né...ele...ele se entregou voluntariamente...ele perdoa sempre quando nós pecamos quando nós falhamos sabe...então o marido deve ter esse tipo de amor pela esposa (Júnior, 2019).

No excerto acima (21), o sujeito-destinador apresenta o papel do homem: amar a esposa da mesma maneira que Cristo ama a igreja.

Excerto 22 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] e só pra gente encerrar aqui (refere-se ao exórdio) nessa mesma passagem né... ele termina dizendo...o apóstolo Paulo...portanto cada um de vocês também amem a sua mulher como a você mesmo...e a mulher trate o marido com todo o respeito...então é uma via de mão dupla né o marido ele tem que tratar sua mulher com amor demonstrando amor carinho atenção...ouvindo né a mulher gosta muito de falar...((risos comedidos)) [...] (Júnior, 2019).

No excerto 22, surge mais um papel do homem, a partir do discurso fundador da fé cristã, apresentado pelo sujeito-destinador: Amar a mulher como a si mesmo. E o papel da mulher: Tratar o marido com todo o respeito.

Excerto 23 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] a Bíblia diz lá no livro de Amós capítulo três...versículo três...como poderão os dois andarem juntos se não houver um acordo entre eles[...] (Júnior, 2019).

No excerto 23, surge a ideia da fidúcia na orientação do destinador/narrador, pois a partir de um acordo fiduciário entre actante sujeito homem e o actante sujeito mulher que as ações (papéis) são realizadas. Em seguida, os destinadores/narradores (Antônio Júnior e Thaís) iniciam a manipulação (por meio da tentação) dos sujeitos-destinatários atribuindo a cada um uma competência necessária para uma boa *performance* para conjunção do objeto-valor (casamento bem-sucedido).

No nível discursivo temos na instância de enunciação a categoria de pessoa, um “eu/nós” instala-se no interior do discurso, debruçando-se em um “eu” narrador, a partir de um contrato de fidúcia estabelecido com um “tu” pressuposto, o enunciatário, legalizado assim que o vídeo é acessado no *YouTube*.

Para tanto, constroem na narrativa o espaço figurativo composto por figuras de homens e figuras de mulheres que atuam com valores disfóricos em seus casamentos. São dois enunciadores/narradores, nas figuras de Antônio Júnior e Thaís, sua esposa. Colocam-se como as figuras apresentadas ao narratário como aqueles de figuração eufórica. A linguagem estabelecida com um tom calmo, amigável, claro, sem rodeios, direta, simples e ora ou outra com sorrisos suaves.

Vejamos o excerto de número 34 a seguir:

Antônio Júnior (narrador) [...] **eu vou ler pra vocês** uma passagem porque é falando de amor já que o marido tem que demonstrar amor...né já se ouviu talvez você já ouviu aí muitas pregações né...é pessoas dizendo que o marido não deve chegar lá na hora do vamo ver na hora h...e já querer ter relação sendo que antes ele não plantou amor...então demonstre esse amor no dia a dia se você quiser ter uma vida saudável uma vida abençoada por Deus né e nós vamos ler aqui uma passagem que fala sobre os deveres né...olha o que diz em primeiro Coríntios capítulo sete versículo três...o marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher...e da mesma forma a mulher para com o seu marido [...] (Júnior, 2019 – excerto 34).

O excerto 34, logo acima, é exemplo da aspectualização verbal: “eu vou ler pra vocês”. A locução verbal na primeira pessoa do discurso, é exemplo de debruagem enunciativa, que perpassa todo o discurso. O uso do pronome de tratamento “vocês” são marcas de efeito de sentido de subjetividade. Os narradores intercalam seus turnos de fala mais ou menos a cada orientação dada ao narratário.

No excerto 24 começam com orientações quanto ao papel temático da mulher:

Excerto 24 – Cena enunciativa 1.a

Thaís (coenunciadora/narradora): [...] às vezes a pessoa trabalha fora e não dá tempo de cozinhar...mas de vez em quando faça uma comida pra agradar seu esposo...vá no mercado faça uma compra...fica um tempo com sua família eu tenho certeza que isso

vai ser benção pro seu casamento...porque o seu esposo vai sentir que ele tem uma esposa que participa da família...uma esposa que protege o lar que respeita o esposo...então faça o seu papel independente do tempo...faça um esforço e dedica a sua família [...] (Thaís, 2019).

Conforme assinalam no excerto 24, o sujeito destinador/narrador (Thaís) apresenta exemplos de papel da mulher, que seriam atuações eufóricas, como de vez em quando fazer uma comida para agradar seu esposo, ir ao mercado fazer uma compra, ficar um tempo com sua família.

No excerto 26, o sujeito destinador/narrador (Thaís) arrisca um tema delicado (sexualidade), mas a figurativização pauta-se mesmo no discurso fundador (Bíblia Sagrada):

Excerto 26 – Cena enunciativa 1.a

Thais (coenunciadora/narradora): [...] eu como psicóloga uma vez eu atendi uma família que essa família ela tava como uma criança de três anos de idade...ela tava com algumas características homossexuais...então porque o pai ele era menosprezado pela mãe...então tudo era a mãe...a mãe ela criticava o pai...o pai não faz nada tudo ela xingava o pai...o filho ele foi vendo que aquele pai não era importante...então o pai não tinha um papel importante a mãe era melhor...então ele admirava a mãe ele queria o que ele queria usar o sapato da mãe...ele queria colocar as roupas da mãe e fazer o que a mãe fazia...porque aos olhos dele a mãe era boa e o pai era ruim...então isso é muito importante nós temos que valorizar o nosso esposo valorizar a nossa esposa porque isso também isso influencia nos nossos filhos...isso é muito importante para a criação o desenvolvimento dos nossos filhos também [...] (Thaís, 2019 – excerto 26).

Embora no excerto acima o narrador use sua formação de psicóloga como *argumento de autoridade* para ilustrar uma situação em que uma criança do sexo masculino, passou a ter gosto feminino porque não admirava o pai devido a mãe não ter tratado o marido com respeito na frente da criança.

Orientam o sujeito destinatário quanto ao papel do homem. Iniciam com o dever do homem em tratar a mulher com amor, aconselham que o homem deve estar conectado com Deus, que ame a esposa, que não seja desleixado, que tenha gosto pelo trabalho, que seja provedor do lar e que proteja a família.

Em uma interpretação, a partir dos excertos selecionados, temos como papéis temáticos da mulher: 1. Cozinhar; 2. Fazer compras; 3. Ficar com a família; 4. Ser sábia; 5. Respeitar o marido; 6. Dialogar; 7. Honrar o marido perante aos filhos.

Excertos		Papel temático da mulher
24	“faça uma comida pra agradar seu esposo...vá no mercado faça uma compra...fica um tempo com sua família”(Thaís, 2019).	Cozinhar; Fazer compras; Ficar com a família.
25	Thais (coenunciadora/narradora): [...] a Bíblia fala que nós fomos chamadas para ser colaboradoras dos nossos esposos...então nós temos que ter sabedoria...nós temos que pedir todos os dias sabedoria a Deus... pra sabermos lidar com o casamento[...] (Thaís, 2019).	Ser sábia.

26	“a mãe ela criticava o pai...o pai não faz nada tudo ela xingava o pai” (Thaís, 2019).	
27	Antônio Júnior (narrador) [...] eu percebo que a Thais faz muito isso comigo sabe...diante dos nossos filhos eles ainda são pequenos a Lorena ainda tá com quatro anos e o Daniel com um aninho...mas ela sempre mostra que eu tenho autoridade no lar né...eu sou o pai...e é muito triste ver que esse feminismo esse movimento aí que tem havido aí entre as mulheres...ele tem menosprezado o homem sabe [...] (Júnior, 2019).	Respeitar o marido;
28	Antônio Júnior (narrador) [...] não fique xingando brigando discutindo ...tenha respeito por ele mostre que ele tem o papel dele e mesmo quando ele não estiver...exercendo o papel dele...sabe...tenha sabedoria pra você falar tá bom [...] (Júnior, 2019).	Dialogar
29	Antônio Júnior (narrador) [...] tem muitas mulheres aí...é que elas crescem né adolescentes e já estão revoltadas não quer...ter um homem na vida delas porque a vida inteira viu a mãe falar ah esse homem não presta...meu marido não serve pra nada não faz nada sabe...então tenha sabedoria de você quiser que ele seja uma pessoa melhor já começa a tratar ele né...como se fosse pela fé né...eu vou tratar ele do modo que eu gostaria que ele fosse tá bom [...] (Júnior, 2019).	Honrar o marido perante aos filhos

Tabela 11 - Papéis temáticos da mulher no casamento - Organizada para esta tese.

Quanto aos papéis temáticos do homem temos: 1. Amar a esposa; 2. Ser sacerdote do lar; 3. Praticar a fé; 4. Ser fiel à esposa; 5. Ser trabalhador; 6. Ser provedor; 7. Ser protetor; 8. Praticar o amor no dia a dia; 9. Fazer sexo com amor; 10. Valorizar a mulher que cuida do lar (Função: Do lar).

Excertos		Papel temático do homem
30	Antônio Júnior (narrador) [...] agora nós vamos falar da parte do homem...o papel do homem aqui está dizendo que o homem deve tratar a sua mulher com amor...não preciso nem dizer nada né a gente liga é a televisão...na internet quantas mulheres têm sido agredidas...tratadas pior que um cachorro né...então isso tudo é porque o amor tem se esfriado infelizmente [...] (Júnior, 2019).	Amar a esposa; Não praticar violência.
31	Antônio Júnior (narrador) [...] primeiro passo pra você homem né... foque é a sua vida na presença de Deus porque você é aquele que é o cabeça da família...você é o sacerdote do lar...então você precisa estar conectado com Deus [...] é o que eu mais recebo de pessoas chegando pra mim pedindo ajuda é o que...mulheres que foram traídas...abandonadas infelizmente...porque os homens não estão amando as mulheres [...] se você tratar a sua mulher olha isso...a sua mulher com falta de honra com desrespeito até as suas orações não serão respondidas por Deus [...] (Júnior, 2019).	Ser sacerdote do lar (ter acesso a Deus mediante oração); Praticar a fé; Ser fiel.
32	Antônio Júnior (narrador) [...] tem muito marido...eu percebo assim [...] ele casou e ele não entendeu ainda o papel dele e é o quê... um marido desleixado... não gosta de trabalhar...uma vez uma moça entrou em contato comigo pastor eu acabei de casar...mas meu marido não sai do videogame sabe...então é triste ver que o marido né...ele não está exercendo o seu papel não está...dando atenção a sua esposa né [...] (Júnior, 2019).	Ser trabalhador.
33	Thaís (narradora): acredito que independente do tanto que ganha o esposo ele tem que fazer o papel dele de provedor do	Ser provedor; Ser protetor.

	lar...então ele tem que trabalhar não pode ter preguiça ele tem que fazer a parte dele porque isso é muito importante...porque a mulher no fundo a mulher ela tem essa necessidade de alguém que protege ela né e o homem ele tem esse papel...de proteger a família de proteger o lar...não é verdade? (Júnior, 2019).	
34	Antônio Júnior (narrador) [...] eu vou ler pra vocês uma passagem porque é falando de amor já que o marido tem que demonstrar amor...né já se ouviu talvez você já ouviu aí muitas pregações né...é pessoas dizendo que o marido não deve chegar lá na hora do vamo ver na hora h...e já querer ter relação sendo que antes ele não plantou amor... então demonstre esse amor no dia a dia se você quiser ter uma vida saudável uma vida abençoada por Deus né e nós vamos ler aqui uma passagem que fala sobre os deveres né...olha o que diz em primeiro Coríntios capítulo sete versículo três...o marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher...e da mesma forma a mulher para com o seu marido [...] (Júnior, 2019).	Tratar com amor no dia a dia; Praticar sexo com amor.
35	Thais (coenunciadora/narradora): existem muitos casos também de homens que só porque ele sustenta a casa e a mulher ser dona de casa...o homem menospreza a mulher diminui a mulher...isso é muito errado o homem tem que valorizar a mulher também...porque não é porque ela não trabalha fora que ela não tem um trabalho importante...ela cuida da família ela cuida dos filhos ela cuida do lar (Thaís, 2019).	Valorizar a mulher que cuida do lar.

Tabela 12 - Papéis temáticos do homem no casamento (Organizada para esta tese).

Desenrolam-se as temáticas: O papel do homem no casamento; O papel da mulher no casamento; a divisão de tarefas no casamento; a descredibilização do homem na família; a falta de modelo masculino na formação do indivíduo; a falta de amor no casamento, o menosprezo do homem sobre a mulher por ser líder do lar e a violência contra a mulher.

Encontramos na capa do vídeo (aquela antes da abertura do vídeo) marcas do cristianismo que não foram tratadas na fala dos enunciadores, mas que ficaram figuradas no vídeo. Talvez tenha sido uma estratégia para obterem uma boa adesão do discurso proferido, não tocando em temas mais polêmicos. Observemos a capa do vídeo a seguir:

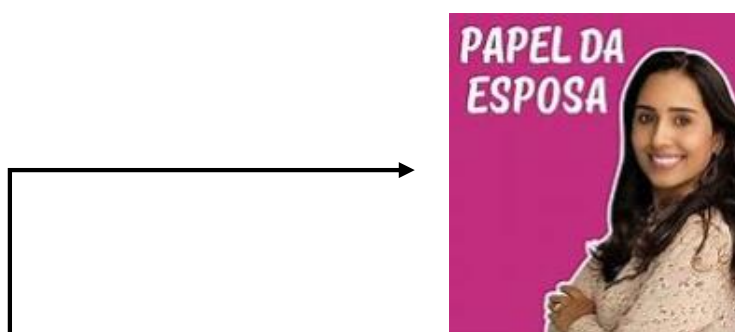
Figura 32 – Frame da capa vídeo 3.1.3 – *O papel do homem e da mulher no casamento.*



Fonte: <<https://youtu.be/r0nXve1hmTU>> Acesso em 21/06/2020

Na figura 32, quanto ao enquadramento, o estilo é da arte barroca, de espacialidade aberta, é hiperbólico, com aproximação das faces. A aspectualidade é imperfectiva, fugaz de andamento acelerado. As figuras do casal se posicionam ao centro, de costas um para o outro, privilegiam a lateralidade de seus corpos, mas posando com seus rostos sorridentes para frente. Ao fundo, o cenário se divide em duas cores, a cor rosa no lado da mulher, e a cor azul no lado do homem. Assim, materializa, no plano de expressão, o papel temático da figura da esposa, figurativizada na cor rosa.

Figura 33 - Recorte da figura 32 (1)

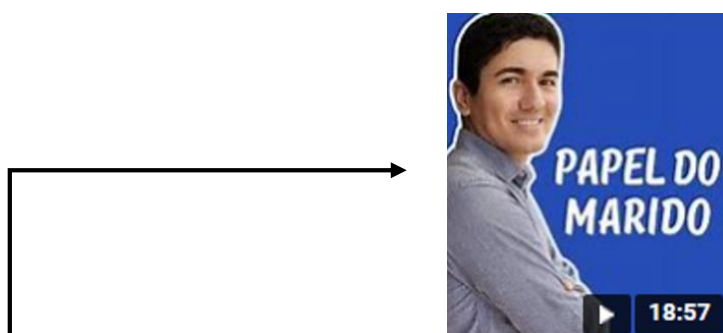


Fonte: <<https://youtu.be/r0nXve1hmTU>> Acesso em 21/06/2020

A ⁷⁰cor rosa, desde o século passado, figurativiza a singeleza, a beleza, a emoção e o feminino da mulher, sendo um discurso mundialmente difundido inclusive nos brinquedos como roupas de boneca, jogo de cozinha, bicicleta para meninas, embora não seja cor exclusiva para o sexo feminino, tendo, por exemplo, camisas e calças em tons variados de rosa disponível no mercado de consumo masculino também.

⁷⁰ É importante frisar que as questões voltadas às cores condizem ao conteúdo do texto-enunciado e não a um posicionamento ideológico da pesquisadora.

Figura 34 - Recorte da figura 32 (2)



Fonte: <<https://youtu.be/r0nXve1hmTU>> Acesso em 21/06/2020

A cor azul, na figura 34, figurativiza, intencionalmente⁷¹ o marido heterossexual, a razão, a provisão. Um adendo se faz necessário sobre as possíveis motivações do conteúdo expresso nas cores representativas do homem e da mulher conforme constam na figura 32. Por isso, tecemos aqui algumas considerações a partir da ideia de que todo texto tem um contexto, pois sua produção está inserida em uma sociedade cujas práticas sociais dialogam entre si de algum modo, sendo possível um discurso estar, de certo modo, em resposta a um discurso outro, que acreditamos neste caso, estar em resposta ou apoio a discursos que defendem o casal heterossexual, o qual seria o casal à luz divina, aquele aprovado por Deus.

Desse modo, cremos que essas considerações nos ajudam a compreender melhor, ou ainda podemos ter a partir delas uma possibilidade interpretativa do uso das cores rosa e azul. Vamos às considerações. Muitos são aqueles que se levantam como voz cristã contra o homossexualismo, a título de exemplo, o pastor Flávio Amaral⁷², que se autointitula ex-travesti nas redes sociais, tem mobilizado os cristãos por meio do que ele chama de ministério LPD, Libertos Por Deus.

Há um posicionamento sócio-político de combate aos movimentos LGBTI+ bastante frequente nos discursos proferidos por líderes religiosos, embora não esteja posto no discurso do vídeo em análise a posição política dos enunciadores, corroboram nosso apontamento quando observamos em notícias como a do *site El País*, em que consta publicação intitulada “Evangélicos progressistas reagem contra homofobia de pastores e ensaiam avanço na política”, na qual representantes do movimento LGBTI+ reclamam de discursos de líderes evangélicos como o das figuras André Valadão e Ana Paula Valadão, que se posicionam contra o homossexualismo utilizando versículos da Bíblia Sagrada.

⁷¹ Ver <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-20/evangelicos-progressistas-reagem-contr-homofobia-de-pastores-e-ensinam-avanco-na-politica.html>- Acesso em 21/07/2023. Ver <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/damare-diz-que-video-e-metafora-e-que-meninos-e-meninas-podem-usar-qualquer-cor.ghtml> -Acesso em 21/07/2023

⁷² <https://www.youtube.com/@flavioamaraleandriacastro>

Em outro momento, pouco antes da pandemia da covid-19, menções às cores azul e rosa foram realizadas usando-as de metáforas da sexualidade, como pudemos perceber na imagem do vídeo em análise. Tais menções foram intensificadas entre os evangélicos apoiadores de um governo de direita, em momento de comemoração da vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018, pois houve uma declaração da então Ministra da Mulher, Damares Alves, que circulou pela internet com os dizeres “Menino veste azul e menina veste rosa”. A própria ministra esclareceu que fora apenas uma metáfora, mas não disse o que a metáfora encobria, o que sugere um dizer de combate ao homossexualismo e não simplesmente a impossibilidade de um menino vestir rosa e uma menina vestir azul, o que seria uma fala extremamente ingênua, não condizente com ambientes políticos tão díspares.

Figura 35 - *Frame no tempo de 3'05”* – O papel do homem e da mulher no casamento.



Fonte: <<https://youtu.be/r0nXve1hmTU>> Acesso em 21/06/2020.

De enquadramento de espacialidade aberta, a figura 35 tem estilo da arte barroca, é hiperbólico, a mesa de vidro transborda o quadro, aproxima as figuras do casal. A aspectualidade é imperfectiva, fugaz de andamento acelerado. A figurativização é do marido sentado ao lado da esposa, surge no cumprimento de seu papel de autoridade espiritual, conforme corrobora em sua orientação neste vídeo analisado, quando orientam o homem quanto à necessidade de ter uma manutenção da conexão com Deus.

Excerto 25 – Cena enunciativa 1.a

Thais (coenunciadora/narradora): [...] a Bíblia fala que nós fomos chamadas para ser colaboradoras dos nossos esposos...então nós temos que ter sabedoria...nós temos que pedir todos os dias sabedoria a Deus...pra sabermos lidar com o casamento[...] (Thaís, 2019).

Do ponto de vista tensivo, a instrução do sujeito da ação (narrador) no excerto 25, ao sujeito de estado (narratário) quanto a pedir sabedoria divina, atribui à mulher o papel de: **ser sábia**. Se sábia, o estilo é implicativo, desaceleração, com inaccento eufórico, pois traz ideia de movimento dentro de algo que se planejou, figurativizado pela esposa sábia que ora, assim ideia de continuidade e aspecto durativo.

Foria: SÁBIA *versus* TOLA

Excerto 27 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] eu percebo que a Thais faz muito isso comigo sabe...diante dos nossos filhos eles ainda são pequenos a Lorena ainda tá com quatro anos e o Daniel com um aninho...mas ela sempre mostra que eu tenho autoridade no lar né...eu sou o pai...e é muito triste ver que esse feminismo esse movimento aí que tem havido aí entre as mulheres...ele tem menosprezado o homem sabe [...] (Júnior, 2019).

No excerto 27 há a seguinte passagem: “é muito triste ver que esse feminismo...esse movimento aí que tem havido aí entre as mulheres...ele tem menosprezado o homem sabe [...] (Júnior, 2019). Nesse trecho, o sujeito da ação aponta um exemplo disfórico de um movimento social feminino (feminismo). O enunciador coloca-se contra (disfórico) ao movimento feminista, mas não aprofunda no tema. Sob o ponto de vista do sujeito da ação (narrador) estaria a mulher feminista disfórica à proposta cristã por menosprezar o homem no casamento. Nesse argumento, se feminista, o estilo é implicativo, desaceleração, com inaccento disfórico, pois está no discurso do narrador como algo contrário ao papel da mulher no casamento. Remete à ideia de movimento fora de algo que se planeja em um casamento, figurativizado pelo movimento feminista. Assim, a ideia é de descontinuidade e aspecto terminativo à união do casal. No contexto construído pelo narrador constrói-se uma foria entre os termos: CASAMENTO (eufórico) *versus* FEMINISMO (disfórico).

Excerto 28 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] não fique xingando brigando discutindo...tenha respeito por ele mostre que ele tem o papel dele e mesmo quando ele não estiver...exercendo o papel dele...sabe...tenha sabedoria pra você falar tá bom [...] (Júnior, 2019).

No excerto 28, o sujeito da ação (narrador) aconselha o sujeito de estado (narratário) sobre não xingar e saber falar com o marido quando ele não exerce o seu papel. Se considerarmos uma continuidade nas atitudes disfóricas, temos o estilo implicativo de desaceleração, com inaccento disfórico e aspecto terminativo.

Foria: AGRESSÃO VERBAL *versus* CONVERSA

Excerto 29 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] tem muitas mulheres aí...é que elas crescem né adolescentes e já estão revoltadas não quer...ter um homem na vida delas porque a vida inteira viu a mãe falar ah esse homem não presta...meu marido não serve pra nada

não faz nada sabe...então tenha sabedoria de você quiser que ele seja uma pessoa melhor já começa a tratar ele né...como se fosse pela fé né...eu vou tratar ele do modo que eu gostaria que ele fosse tá bom [...] (Júnior, 2019).

No excerto 29, o sujeito da ação (narrador) usa as figuras de adolescentes, que de tanto ouvir a mãe denegrir a figura do marido, cresce com um estereótipo de homem negativo de tal modo que não deseja ter um marido. No exemplo dado pelo sujeito da ação (narrador) o estilo implicativo de desaceleração, com inaccento disfórico e aspecto terminativo.

Foria: DIFAMAÇÃO *versus* HONRA

Excerto 30 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] agora nós vamos falar da parte do homem...o papel do homem aqui está dizendo que o homem deve tratar a sua mulher com amor...não preciso nem dizer nada né a gente liga é a televisão...na internet quantas mulheres têm sido agredidas...tratadas pior que um cachorro né...então isso tudo é porque o amor tem se esfriado infelizmente [...] (Júnior, 2019).

No excerto 30, o sujeito da ação (narrador), insere como exemplo a postura de um antissujeito violento, que está disfórico aos princípios do discurso fundador, pois não trata o sujeito de estado (esposa) com amor. Trata-se de atitudes disfóricas, assim, o estilo é implicativo de desaceleração, com inaccento disfórico e aspecto terminativo.

Foria: AMOR *versus* VIOLÊNCIA

Excerto 31 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] primeiro passo pra você homem né... foque é a sua vida na presença de Deus porque você é aquele que é o cabeça da família...você é o sacerdote do lar...então você precisa estar conectado com Deus [...] é o que eu mais recebo de pessoas chegando pra mim pedindo ajuda é o que...mulheres que foram traídas...abandonadas infelizmente...porque os homens não estão amando as mulheres [...] se você tratar a sua mulher olha isso...a sua mulher com falta de honra com desrespeito até as suas orações não serão respondidas por Deus [...] (Júnior, 2019).

No excerto 31, o sujeito da ação aconselha o sujeito de estado a assumir o papel de sacerdote da família, ação que exigirá dele uma postura santa de modo a honrar a figura da esposa. Segundo assinala o site resposta.com, voltado à temática cristã, ser sacerdote da família significa ser “O pai cristão [que] tem a responsabilidade de ensinar seus filhos no caminho de Deus. Também deve orar por sua família e ser um bom exemplo de obediência a Deus”⁷³.

Foria: SANTIDADE (eufórico) *versus* CARNALIDADE (disfórico)

SAGRADO (eufórico) *versus* PROFANO (disfórico)

Excerto 32 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] tem muito marido...eu percebo assim [...] ele casou e ele não entendeu ainda o papel dele e é o quê... um marido desleixado... não gosta de trabalhar...uma vez uma moça entrou em contato comigo pastor eu acabei de

⁷³ Disponível em <<https://www.respostas.com.br/sacerdocio-no-lar#:~:text=O%20sacerd%C3%B3cio%20no%20lar%20%C3%A9,%C3%A9%20sacerdote%20sobre%20outros%20crist%C3%A3os>> Acesso em 16/01/2024.

casar...mas meu marido não sai do videogame sabe...então é triste ver que o marido né...ele não está exercendo o seu papel não está...dando atenção a sua esposa né [...] (Júnior, 2019).

No excerto 32, o sujeito da ação (narrador) constrói um simulacro narrativo a fim de ilustrar a figura de um marido que não exerce seu papel, pois fica no videogame, procrastinando a fim de não exercer seu papel de esposo. A esposa é figurativizada como a mulher insatisfeita que reclama do marido a um pastor, por não obter êxito na relação. Ainda no excerto 32, o sujeito da ação (narrador) constrói a narrativa de um sujeito paciente que sofre as pressões do mundo sem reagir. Passivo às necessidades de atenção da esposa, é o sujeito da espera e do sofrer que sofre por alienação, pois não percebe, mas é percebido. Trata-se de atitudes disfórica, assim, o estilo é implicativo de desaceleração, com inaccento disfórico e aspecto terminativo.

Folia: AÇÃO *versus* PROCRASTINAÇÃO

Excerto 33 – Cena enunciativa 1.a

Thais (narradora): acredito que independente do tanto que ganha o esposo ele tem que fazer o papel dele de provedor do lar...então ele tem que trabalhar não pode ter preguiça ele tem que fazer a parte dele porque isso é muito importante...porque a mulher no fundo a mulher ela tem essa necessidade de alguém que protege ela né e o homem ele tem esse papel...de proteger a família de proteger o lar...não é verdade (Júnior, 2019).

No excerto 33, consta a seguinte passagem: “[...] então ele tem que trabalhar...não pode ter preguiça ele tem que fazer a parte dele porque isso é muito importante [...] (Thaís, 2019). A enunciadora instala-se no enunciado como narradora e figurativiza o espaço narrativo com a figura de um marido que recebe instruções de um destinador a fim de que cumpra o papel de esposo (trabalhar e prover o lar). O sujeito sensível (marido) instala-se no campo de presença como agente paciente, sem ação, sofre as pressões do mundo sem percepção do sofrer. Trata-se de atitude disfórica, assim, o estilo é implicativo de desaceleração, com inaccento disfórico e aspecto terminativo.

Folia: TRABALHO *versus* PREGUIÇA

Excerto 34 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] eu vou ler pra vocês uma passagem porque é falando de amor já que o marido tem que demonstrar amor...né já se ouviu talvez você já ouviu aí muitas pregações né...é pessoas dizendo que o marido não deve chegar lá na hora do vamo ver na hora h...e já querer ter relação sendo que antes ele não plantou amor...então demonstre esse amor no dia a dia se você quiser ter uma vida saudável uma vida abençoada por Deus né e nós vamos ler aqui uma passagem que fala sobre os deveres né...olha o que diz em primeiro Coríntios capítulo sete versículo três...o marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher...e da mesma forma a mulher para com o seu marido [...] (Júnior, 2019).

No excerto 34, O espaço figurativo apresenta a figura actancial de um esposo que não trata a figura esposa com amor, mas no momento do sexo não obtém êxito porque não a tratou

com amor antes do momento da intimidade sexual. Trata-se de atitudes disfórica, assim, o estilo é implicativo de desaceleração, com inaccento disfórico e aspecto terminativo.

Foria: SEXO com AMOR *versus* SEXO sem AMOR

Excerto 35 – Cena enunciativa 1.a

Thais (coenunciadora/narradora): existem muitos casos também de homens que só porque ele sustenta a casa e a mulher ser dona de casa...o homem menospreza a mulher diminui a mulher...isso é muito errado o homem tem que valorizar a mulher também...porque não é porque ela não trabalha fora que ela não tem um trabalho importante...ela cuida da família ela cuida dos filhos ela cuida do lar (Thaís, 2019).

O excerto 35, o argumento é construído com a figura de um marido que trata com menosprezo a esposa que trabalha “apenas” em casa, por não considerar importante o trabalho em casa como líder do lar. Trata-se de atitude disfórica, assim, o estilo é implicativo de desaceleração, com inaccento disfórico e aspecto terminativo.

Foria: VALORIZAÇÃO *versus* MENOSPREZO.

Organizamos os papéis temáticos da mulher e os papéis temáticos do homem em duas tabelas distintas, disponíveis mais acima (tabelas 11 e 12), elaboradas a partir de excertos dos discursos proferidos no vídeo analisado, dos quais, a seguir, é possível obter as forias correspondentes, sendo eufórico o cumprimento do papel temático e disfórico o não cumprimento dele.

Retomamos as informações das tabelas 11 e 12 e acrescentando uma coluna com às forias correspondentes ao papel da mulher, tabela 13, e às forias correspondentes ao papel do homem, tabela 14:

Excertos		Papel temático da mulher	Foria
24	“faça uma comida pra agradar seu esposo...vá no mercado faça uma compra...fica um tempo com sua família”(Thaís, 2019).	Cozinhar; Fazer compras; Ficar com a família.	ESFORÇO E DEDICAÇÃO (eufórico) <i>versus</i> LINGUIDEZ E DESCASO (disfórico)
25	“nós temos que ter sabedoria...nós temos que pedir todos os dias sabedoria a Deus” (Thaís, 2019).	Ser sábia.	SABEDORIA (eufórico) <i>versus</i> TOLICE (disfórico)
26	“a mãe ela criticava o pai...o pai não faz nada tudo ela xingava o pai” (Thaís, 2019).	Respeitar o marido;	RESPEITO (eufórico) <i>versus</i> DESRESPEITO (disfórico)
27	“[...] eu percebo que a Thais faz muito isso comigo sabe...diante dos nossos filhos eles ainda são pequenos a Lorena ainda tá com quatro anos e o Daniel com um aninho...mas ela sempre mostra que eu tenho autoridade no lar” (Júnior, 2019). (exemplo eufórico)		
28	“[...] não fique xingando brigando discutindo...tenha respeito” (Júnior, 2019).	Dialogar	CONVERSA (eufórico) <i>versus</i> AGRESSÃO VERBAL
29	[...] tem muitas mulheres aí...é que elas crescem né adolescentes e já estão revoltadas	Honrar o marido perante aos filhos	HONRA (eufórico) <i>versus</i> DIFAMAÇÃO (disfórico)

	não quer...ter um homem na vida delas porque a vida inteira viu a mãe falar” (Júnior, 2019).		

Tabela 13 - Papéis temáticos da mulher no casamento + forias (Organizada para esta tese).

Somam-se a partir dos papéis temáticos do homem suas forias correspondentes, sendo eufórico quando o papel do homem é cumprido e disfórico quando o papel do homem não é cumprido.

Excertos		Papel temático do homem	Foria
30	“[...] a gente liga é a televisão...na internet quantas mulheres têm sido agredidas...tratadas pior que um cachorro né...então isso tudo é porque o amor tem se esfriado infelizmente [...]” (Júnior, 2019).	Amar; Não praticar violência.	AMOR (eufórico) <i>versus</i> VIOLÊNCIA (disfórico)
31	“você é o sacerdote do lar...então você precisa estar conectado com Deus [...] é o que eu mais recebo de pessoas chegando pra mim pedindo ajuda é o que...mulheres que foram traídas...abandonadas infelizmente...porque os homens não estão amando as mulheres [...]”(Júnior, 2019).	Ser sacerdote; Praticar a fé; Ser fiel;	SANTIDADE (eufórico) <i>versus</i> CARNALIDADE (disfórico) SAGRADO (eufórico) <i>versus</i> PROFANO (disfórico) FIDELIDADE (eufórico) <i>versus</i> TRAIÇÃO (disfórico)
32	“[...] tem muito marido...eu percebo assim [...] ele casou e ele não entendeu ainda o papel dele e é o quê... um marido desleixado... não gosta de trabalhar...uma vez uma moça entrou em contato comigo pastor eu acabei de casar...mas meu marido não sai do videogame sabe...então é triste ver que o marido né...ele não está exercendo o seu papel não está...dando atenção a sua esposa né [...]” (Júnior, 2019).	Ser trabalhador	AÇÃO (eufórico) <i>versus</i> PROCRASTINAÇÃO (disfórico)
33	“[...] acredito que independente do tanto que ganha o esposo ele tem que fazer o papel dele de provedor do lar...então ele tem que trabalhar não pode ter preguiça ele tem que fazer a parte dele porque isso é muito importante...porque a mulher no fundo a mulher ela tem essa necessidade de alguém que protege ela né e o homem ele tem esse papel...de proteger a família de proteger o lar...não é verdade [...]” (Thaís, 2019).	Ser provedor Ser protetor	TRABALHO (eufórico) <i>versus</i> PREGUIÇA (disfórico)
34	“[...]o marido não deve chegar lá na hora do vamo ver na hora h...e já querer ter relação sendo que antes ele não plantou amor [...]”(Júnior, 2019).	Tratar com amor no dia a dia; Praticar sexo com amor.	SEXO com AMOR (eufórico) <i>versus</i> SEXO sem AMOR (disfórico)
35	“[...]existem muitos casos também de homens que só porque ele sustenta a casa e a mulher ser dona de casa...o homem menospreza a mulher diminui a mulher...isso é muito errado	Valorizar a mulher que cuida do lar.	VALORIZAÇÃO da mulher (eufórico) <i>versus</i> MENOSPREZO (disfórico)

	o homem tem que valorizar a mulher também...porque não é porque ela não trabalha fora que ela não tem um trabalho importante...ela cuida da família ela cuida dos filhos ela cuida do lar [...] (Thaís, 2019).		

Tabela 14 - Papéis temáticos do homem no casamento + forias (Organizada para esta tese).

A partir das forias consideradas nas tabelas 13 e 14, disponibilizamos a seguir o gráfico de correlação inversa de “O papel do homem e da mulher no casamento (Segundo a bíblia)”, o qual considera os valores do absoluto, abscissa de intensidade, como o propósito que se deseja alcançar, o cumprimento dos papéis temáticos do homem e da mulher no casamento. Enquanto a abscissa de extensidade seria os comportamentos disfóricos que afastam o cristão do propósito de cumprir seus papéis no casamento, sendo seu descumprimento disfórico ao casamento bem-sucedido, disponível no gráfico abaixo:

Gráfico correlação inversa dos papéis do homem e da mulher no casamento

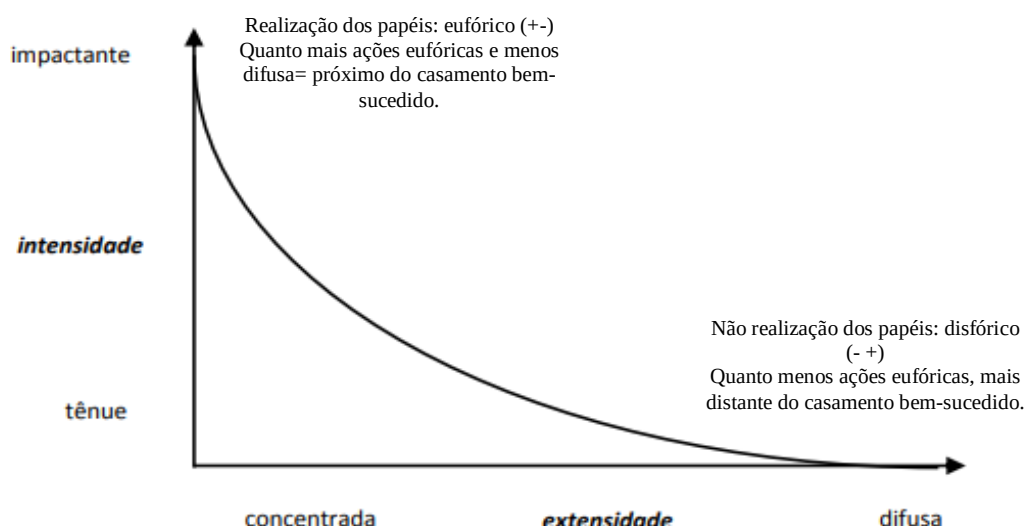


Gráfico 10 - Papéis temáticos do homem no casamento + forias (Com base no modelo de Zilberberg, 2006, p. 216)

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoriação”. Quanto mais concentrado e intenso e menos difuso = possibilidade de casamento bem-sucedido. E quanto mais difuso e tênue= mais possibilidade de casamento mal-sucedido.

Tipologias dos argumentos retóricos de *O papel do homem e da mulher no casamento*

O discurso como um todo é pautado no *argumento da regra de justiça*, pois busca, do início ao fim, determinar o papel de cada cônjuge, como numa tentativa de organizar a relação sem que fique um discurso tendencioso nem para um nem para o outro.

A presença da figura actancial da esposa é o argumento inicial, pela *estrutura do real*, que chega antes mesmo de iniciar a mensagem.

O fazer sexo é colocado como dever conjugal de ambos. Para esse conselho, utiliza o *argumento de autoridade* ao citar 1 Co 7:3-5, narrador assinala:

[...] eu vou ler pra vocês uma passagem porque é falando de amor já que o marido tem que demonstrar amor...né já se ouviu talvez você já ouviu aí muitas pregações né...é pessoas dizendo que o marido não deve chegar lá na hora do vamo ver na hora h...e já querer ter relação sendo que antes ele não plantou amor...então demonstre esse amor no dia a dia se você quiser ter uma vida saudável uma vida abençoada por Deus né e nós vamos ler aqui uma passagem que fala sobre os deveres né...olha o que diz em primeiro Coríntios capítulo sete versículo três...o marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher...e da mesma forma a mulher para com o seu marido [...]. (Júnior, 2019 – excerto 34)

Em seguida aconselha que deve haver o diálogo entre o casal, que não acessem pornografia e que tenham uma vida sexual ativa. Atribuem o divórcio, em sua maioria, à falta de sexo e também à dificuldade financeira.

No final do vídeo o sujeito agente/ narradora atenta o sujeito passivo/narratário sobre, muitas vezes, o homem desprezar a mulher quando ela é aquela que cuida do lar e somente o homem provê o lar, sendo esse homem, aquele que não está compreendendo que esse é o seu papel.

Compreende-se o elemento persuasivo “esposa” a partir da leitura do discurso fundador, *argumento de autoridade*, Ef 5, versículos 22 e 23, os quais apresentam uma direção de vida para casais: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja (Ef, 5:22-23).

O sujeito da ação/destinador, assim, pretende dar uma direção de vida, *argumento retórico de direção*, aos sujeitos de estados/destinatários casados e solteiros, cuja formação identitária é o cristianismo, sendo o vídeo direcionado ao público-alvo, sujeito de estado presumido cristão.

Em uma possibilidade interpretativa, o versículo selecionado pelo sujeito destinador é popularmente polêmico, de tal modo, que decidiu tratar do tema proposto na presença da esposa, configurando *argumento retórico de autoridade*, a fim de persuadir, as mulheres que se depararem com o vídeo, fiquem até o final da mensagem, ou por concordar ou por esperar a reação da esposa. Como se dissesse: “O que digo é verdade, porque minha esposa concorda”.

Após a leitura dos versículos, *inicia um argumento quase-lógico de identidade e definição na argumentação*, pois trata a noção de “sujeitai-vos” como sinônimo de “submissão”, visto o versículo orientar que a mulher deva sujeitar-se ao marido. O sujeito destinador admite ser de difícil aceitação por parte das mulheres, difícil concordarem em serem submissas aos homens,

como podemos observar no trecho da transcrição do vídeo “aqui está dizendo que o papel da mulher é ser submissa ao marido né...isso hoje em dia é um absurdo né” (Júnior, 2018 – excerto 19).

Apresenta argumento *retórico pelo exemplo*, por meio de um casamento que teria pregado a partir do mesmo versículo bíblico, no qual principalmente as mulheres presentes teriam rido, quando tratou da submissão de acordo com a Bíblia Sagrada, discurso fundador da formação discursiva cristã.

Cabe um adendo do analista neste momento, pois talvez para compreendermos a insistência na palavra submissão neste discurso em análise e em tantos outros discursos cristãos que possam existir, é importante conhecermos ao menos mais dois versículos que constam na Bíblia Sagrada, que impede, proíbe, melhor dizendo, de o pregador mudar uma palavra sequer dos versículos bíblicos.

Porque se pensarmos, a palavra submissão poderia ser mudada para uma outra menos impactante, menos polêmica, já que a intenção principal do discurso é harmonizar a relação, a convivência entre marido e mulher. Todavia, em Dt 12:32, consta a seguinte passagem: “Aplicuem-se a fazer tudo o que eu ordeno a vocês; não acrescentem nem tirem coisa alguma” ou ainda em Dt 4:2, no qual diz “Nada acrescentem às palavras que eu ordeno a vocês e delas nada retirem, mas obedeçam aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, que eu ordeno a vocês”. Ficaremos apenas com os versículos citados acima, mas há outras passagens que também, de alguma forma, desabilita, impede qualquer alteração na Bíblia Sagrada como em Ap 22:18-19, Mt 5:18, Lc 16:17, Ec 3:14, 1 Co 4:6, Pv 30:5, Gl 1:6-12, 1Tm 4:1-2 e 2 Co 11:13-15, sendo difícil a quem se dedica à pregação justamente desse livro, que é sagrado para o cristão, Palavra Revelada de Deus, mudar o sentido da palavra submissão, que possui sentido bíblico de quem está como aquela que ajuda em uma missão.

Voltemos à mensagem que utiliza um argumento retórico de hierarquia dupla, cuja intenção é, a partir de uma hierarquia, delinear outra hierarquia, figurativizadas pelos papéis do homem e da mulher no casamento, estando ambos subordinados a Cristo. Para tanto, faz menção aos versículos 22, 23 e 25 de Ef 5, para tratar do papel do homem no casamento. Neste momento da mensagem fica mais evidente a inscrição do discurso no conceito de corpo. Para compreendermos melhor, vejamos o que diz os versículos que o sujeito destinador selecionou:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos. Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja e entregou-se por ela (Ef 5:22-25).

Trata-se de um argumento retórico pela ligação simbólica. Como na Bíblia Sagrada há o uso da metáfora como argumento retórico mais utilizado, é necessário que façamos a ligação do sentido de corpo conforme tratamos no capítulo II, no item 2.3.1 quanto ao corpo na perspectiva cristã, no qual vimos que a metáfora do corpo do casal ocorre em comparação com a igreja de Cristo. A *metáfora* consiste na ideia de Cristo sendo a cabeça e a igreja os membros, que em comparação com o casamento considera o homem a cabeça e a mulher os membros, a mulher é ajudadora do homem, assim como a igreja ajuda Cristo.

O *argumento de autoridade* novamente aparece quando o destinador faz menção ao que chamamos de acordo tácito, o qual nas palavras do destinador está em Am 3:3: “como poderão os dois andarem juntos se não houver um acordo entre eles?”, e completa com Ef 5:33, orientando que o marido deve tratar a mulher com amor, carinho, atenção.

Depois disso, o discurso organiza-se em orientações quanto ao que é papel da mulher e o que é papel do homem no casamento, conforme consta no título do vídeo.

O papel do homem e da mulher no casamento

Pudemos constatar um gênero discursivo de divulgação religiosa midiático-digital, no qual a análise semiótica, permitiu o vislumbre das marcas de uma enunciação especializada, que ensina, instrui de modo didático, a partir de exemplos de desventuras hipoteticamente vividas no cotidiano de casais anônimos. Não foram utilizados os *frames* durante a narrativa, preferindo o enunciador apresentar a figura de uma esposa, a sua própria, para gerar mais um argumento, neste caso, argumento pelo modelo.

Manteve o estilo didático, pautando-se no discurso fundador da fé cristã, ensinando-o o enunciatário a sair da posição de passividade, oferece um objeto cognitivo, a fim de que ele se modalize a partir do agir/ da ação. O corpus analisado possui um estilo implicativo, garantido pelo princípio do desenvolvimento, com articulação de parada/desenvolvimento. Seu caráter de continuação, de relaxamento, característico do discurso de divulgação religiosa, voltado para a extensidade. Como demonstrado, na primeira análise da cena enunciativa 1.a, as forias eufóricas e disfóricas possuem também uma correlação conversa de melhoriação, a qual, do ponto de vista cristão, possui uma gradação partindo do modelo a ser seguido, como um manual de instrução construído a partir de princípios cristãos. Portanto, neste vídeo analisado, encontramos um estilo didático-religioso, visto que o ator da enunciação, utilizou-se de conhecimento especializado, advindo de um conhecimento bíblico somado a sua própria vivência, assim como

ocorreu na primeira análise. Apresentou novamente um discurso articulado e planejado com uso de ferramentas das mídias digitais, mas dessa vez sem a técnica dos *frames*.

4.1.4 O *ethos* do ator da enunciação “Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena”

Recortamos o trecho que corresponde desde o início *do vídeo até o tempo de quatro minutos e dezenove segundos (4':19")*. O acesso a publicação foi realizado em 24 de março de 2020 pelo *website* <https://youtu.be/VdbcgFntnU4>. As figuras são estrategicamente organizadas conforme o discurso vai sendo proferido. Para título de análise, selecionamos os *frames* mais representativos para cada unidade mínima narrada, as quais vão dando sentido pouco a pouco ao discurso. Reproduzimos a transcrição com os excertos correspondentes a cada figura para melhor leitura (Como no primeiro vídeo analisado, lembramos que há mais figuras, mas aqui estão apenas as selecionadas).

Estruturas semionarrativas e tensivas

EXÓRDIO

Excerto 36 - Cena enunciativa 1.a

Narrador: Olá pessoal...tudo bem... aqui é o pastor Antônio Júnior...hoje eu estou aqui com a minha família...
 Esposa Thais: oi pessoal tudo bem...
 Narrador: com o Daniel
 Narradora: fala oi pessoal Daniel... ((Daniel acena para a câmera)) (THAÍS, 2020).
 Narrador: e com a Lorena
 Lorena: oi...
 Narrador: e nós estamos em quarentena assim como vocês...
 e esse é um momento em que as pessoas estão ficando muito preocupadas com medo é com razão não é mesmo...porque nós estamos com o futuro incerto nós não sabemos o que vai acontecer daqui pra frente...mas a verdade é que o mundo parou e Deus ele permite todas as coisas Deus é soberano ele está no controle de tudo...então Deus tá permitindo esse momento[...] (Júnior, 2020).

A partir da leitura do exórdio da mensagem podemos observar a axiologia *Vida versus Morte* como enunciado elementar da sintaxe narrativa. Estabelece-se um percurso no texto entre os termos: 1- Isolamento (disfórico) *versus* Interação (eufórico). Essa oposição aparece no título do vídeo “Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena” e logo no início do vídeo com o enunciador e sua família se apresentando como isolados devido a pandemia da covid – 19. O percurso é:

Isolamento-----	não-isolamento-----	Interação
(Disfórico)	(Não-disfórico)	(Eufórico)

O não-isolamento, negação de isolamento, aparece no discurso desde o título, no exórdio, em toda a narrativa. No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores. No programa narrativo, há o uso da persuasão com um dever-saber proposto pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um querer-dever-saber para obter o objeto-modal cognitivo. O sujeito do fazer e destinador (pastor) compartilha o objeto-modal cognitivo, com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo querer-saber, saber-fazer, poder-fazer, dever-fazer sobre o destinatário a partir da sedução. No exórdio, faz uso da sedução ao apresentar uma família unida, suportando com alegria o isolamento. A modalização do destinatário ocorre pelo dever-saber e dever-fazer, argumentado pelo destinador a partir do discurso “Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena” (Júnior, 2020), legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido quando o destinatário acessa o Canal do *YouTube*.

Figura 36 - *Frame* no tempo de 0':10" – Enunciador como figura actancial



Fonte: < <https://youtu.be/VdbcgFntnU4> > Acesso em 21/06/2020.

No nível discursivo, o *frame* (figura 36) apresenta toda a família, entretanto, a mesa transborda o quadro, o que aumenta a aproximação das faces. A espacialidade é aberta, aspecto imperfectivo, de existência fugaz com andamento acelerado.

O enunciador projeta-se no discurso como narrador, pois temos na instância de primeiro grau, assim, na categoria de pessoa, há um “eu” narrador, produtor de conteúdos do Canal intitulado Pastor Antônio Júnior e um “tu” narratário, o internauta, aquele que acessa o Canal no ciberespaço.

Como argumento pelo exemplo o enunciador também se projeta no texto na instância de segundo grau, tornando-se uma figura actancial que vive as vicissitudes ocasionadas pela

pandemia da covid-19 juntamente com a figura da esposa e dos filhos, o que faz surgir uma nova isotopia (vicissitudes de uma família na pandemia).

Desse modo, inova na introdução de sua fala, pois insere no discurso sua própria figura de sujeito de estado, como aquele que sofre as pressões da covid-19 juntamente com as figuras de sua própria família, formando um simulacro do real como seu primeiro argumento estabelecido no texto-enunciado.

A segunda isotopia é materializada pelas narrativas bíblicas, cuja tematização é a defesa da existência da quarentena nos registros bíblicos, sob o ponto de vista de que a prática da quarentena seja um ensinamento divino.

No interior da narrativa sobre a quarentena, surge um nível enunciativo (instância de segundo grau) das figuras (isotopia figurativa), com interação entre os interlocutores da narrativa bíblica, não lhes são atribuídas falas, mas atuam em um cenário de época, com roupas típicas e linguagem não-verbal figurativizadas pelos gestos e semblantes, as quais surgem como argumento retórico e persuasivo, como metáforas que envolvem o plano de expressão e plano de conteúdo, introduzidas no texto-enunciado por meio de uma ferramenta discursiva, os *framing*, que nesta análise serão congelados para fins de análise, os *freeze - frame*.

O narrador atribui à pandemia uma permissão de um Arqui-Destinador divino, como no trecho “Deus tá permitindo esse momento” (Júnior, 2020 – excerto 36). Logo em seguida lança o argumento retórico pelo exemplo, na tentativa argumentativa de que como o Arqui-Destinador está no controle, até mesmo coisas boas acontecem, dizendo que a pandemia proporcionou a um amigo que pouco convivia com a família, conhecer melhor a própria esposa.

Uma declaração é lançada como verdade irrepreensível: “[...]eu vou mostrar pra vocês que a quarentena é algo de Deus...Deus criou a quarentena e nós vamos meditar aqui na Palavra de Deus e você vai entender que esse é um princípio bíblico [...]” (Júnior, 2020 – excerto 39).

A sintaxe discursiva apresenta-se diferentemente em duas instâncias enunciativa. Na isotopia da família que vive as vicissitudes da pandemia (quando o enunciador se coloca como figura actancial) utiliza pronomes pessoais em primeira pessoa como “eu” e “nós”, na categoria de tempo como em “estamos”, “sabemos”, que são exemplos de debreagem enunciativa, pois aproxima o enunciatário, pois geram efeito de subjetividade.

Na instância de primeiro grau há o narrador falando com o narratário em primeira pessoa como em “[...]eu vou mostrar pra vocês que realmente a pandemia é algo de Deus” (Júnior, 2020 – excerto 39). Mas, o narrador, ainda no excerto 39, ao iniciar o relato bíblico, faz uso da debreagem enunciativa.

Trata-se da debreagem enunciativa actorial que simula um efeito de afastamento da

enunciação. Isto confere ao enunciado um caráter de objetividade, garantidor da isenção do foco e da apreensão do relato estabilizado como um fato histórico-bíblico. Neste sentido, os detalhes históricos-bíblicos fornecidos garantem, digamos, a factualidade histórica. O uso do advérbio de lugar “lá”, o verbo “identificava”, “mandava” são marcas que se instauram no enunciado os actantes do enunciado (ele), o espaço do enunciado (algures) e o tempo do enunciado (então), cujo texto é narrado em terceira pessoa, o que gera efeito de sentido de objetividade. Como se trata de um texto-enunciado expositivo, o narrador realiza comparações com a covid-19, por isso intercala com a debreagem enunciativa como “um agente de saúde que tem nos dias de hoje” (Júnior, 2020 – excerto 43).

O efeito de verdade é intensificado ao surgir na tela as figuras em movimento nos *framing*. A *figura da Bíblia Sagrada*, como que em um desfile, surge majestosa diante dos olhos do narratário, um efeito de sentido de percepção de que o narratário está diante de uma escritura Sagrada, portanto, autoridade diante dos homens na Terra, como podemos conferir no *frame* a seguir disponível na figura 37.

Excerto 40 - Cena enunciativa 1.a

[...] então vamos ler o que está escrito em Levítico capítulo treze o versículo quarenta e seis...diz assim...enquanto tiver a doença...estará impuro...viverá separado...fora do acampamento...pessoal cês repararam aqui que as crianças já não estão mais perto da gente eles foram lá brincar...então quem é pai aí sabe o quanto é difícil né manter as crianças assim presas né num lugar só...[...] (Júnior, 2020).

Figura 37 - *Frame* no tempo de 1':26" – A Bíblia Sagrada como figura actancial.



Fonte: <<https://youtu.be/VdbcgFntnU4>> Acesso em 21/06/2020.

O enquadramento da figura da Bíblia Sagrada no *frame*, da figura 37, é de estilo da arte Renascença, espacialidade fechada, pois respeita os limites da moldura, tem aspectualidade perfectiva, existência estado (solenidade) de andamento desacelerado.

Quanto ao discurso, é proferido o verbo meditar utilizado na introdução do tema ao dizer: “nós vamos meditar aqui na palavra de Deus e você vai entender que esse é o princípio Bíblico tá certo [...]” (Júnior, 2020). O Dicionário *Houaiss on-line* apresenta algumas noções da palavra “meditar”, como estudar o pensamento; a maneira; o aspecto; o conteúdo de; pensar sobre; ponderar; preparar (alguma coisa) amadurecendo-a longamente; projetar; intentar; sujeitar (algo) à meditação ou entregar-se a longas e profundas reflexões; pensar longamente sobre (ou em); refletir.

O narrador realiza a leitura de Lv 13:46 “Enquanto tiver a doença estará impuro, viverá separado fora do acampamento”. A passagem bíblica, discurso fundador, citada pelo narrador apresenta o sentido da palavra quarentena, na qual as pessoas doentes eram orientadas a ficarem separadas das demais, como na pandemia da covid-19.

Logo em seguida, o cenário da família em quarentena surge novamente no vídeo, mas agora sem as crianças (figura 38), reforçando o efeito de subjetividade, proporcionando proximidade com o enunciatário presumido, visto ter supostamente havido uma falha, uma reprogramação durante a produção do vídeo, conforme assinala o enunciador na voz de interlocutário: “[...] pessoal cês repararam aqui que as crianças já não estão mais perto da gente... eles foram lá brincar...então quem é pai aí sabe o quanto é difícil né manter as crianças assim presas né num lugar só [...]” (Júnior, 2020). No *frame* a seguir constam as figuras dos interlocutores sem as figuras dos filhos:

Excerto 41 - Cena enunciativa 1.a

[...] mas você que talvez não entendeu essa passagem ela está falando a respeito do povo de Israel que foi liberto por Moisés...esse povo agora estava morando no deserto...[...] (Júnior, 2020).

Figura 38 - *Frame* no tempo de 1':45” – Narrador portando a Bíblia Sagrada.



Fonte: <https://youtu.be/VdbcgFntnU4>> Acesso em 21/06/2020.

Quanto ao enquadramento da figura 38 tem espacialidade aberta, é hiperbólico, pois há um transbordamento das figuras no quadro, com parte dos corpos, da altura do peito para cima à mostra, enquanto a parte inferior do corpo extrapola o quadro, transborda, o que gera efeito de aproximação. A aspectualidade é imperfectiva, de existência fugaz de andamento acelerado.

Quanto ao discurso, após acomodação dos interlocutores, o retomam na instância de primeiro grau, momento de atuação apenas do narrador, pois a figura esposa fica em silêncio. O narrador prossegue a narrativa bíblica, intercalando o discurso bíblico (debreagem enunciativa) com a explicação articulada com a pandemia da covid-19 (debreagem enunciativa).

O vídeo publicado em período da pandemia da covid-19, momento em que o mundo convivia com uma incerteza do amanhã intensificada pela presença do vírus, os noticiários eram como bombas nos lares, que massacravam as esperanças, pois o número de mortes diárias era assustador. E, nesse contexto, atribuir a figurativização da Bíblia Sagrada, na figura 37, como fonte de respostas para tanta dor era de tamanha significação, que talvez em outro contexto, não teria a mesma medida de impacto. Vemos aqui, um acento mítico, um acontecimento particular da percepção do inesperado, que logo se acomoda à medida que o sujeito de estado assiste ao vídeo e passa a implicação, regular à linguagem humana, como apregoa Zilberberg (2011), quanto a linguagem ser de ordem implicativa “na qual a boa explicitação das causas e consequências garante a homogeneidade do conteúdo ao longo do discurso” (Tatit, 2020, p. 186). Assim, compreendemos que a figura da Bíblia Sagrada na figura 37 é um correlato objetual do sobrevir (Zilberberg, 2011, p. 236), de acento tônico, eufórico, de estilo concessivo de aceleração, pois quebra uma duratividade num percurso de dor e destruição, que promovia uma desesperança. A concessão surge como um alento, um conforto de que um o Arqui-Destinador está no controle e oferece uma nova perspectiva, como que um combustível para continuar o processo, dando o discernimento de que não é um caos universal, mas uma permissão divina, como orienta o narrador do vídeo.

Os *frames* referentes a isotopia das narrativas bíblicas passam a surgir no vídeo de modo alternado com a isotopia da família em quarentena. Os *frames*, baseados na estrutura do real, mudam à medida que o sujeito da ação profere as narrativas com sua interpretação exegética, garantindo a implicação inerente à linguagem, pois essa continuidade vai delineando o sentido do texto-enunciado.

Excerto 42 - Cena enunciativa 1.a

[...] e eram cerca de um milhão de pessoas que estavam ali...aí você imagina a quantidade de pessoas que poderia estar doentes...ter doenças contagiosas né...e aqui nós temos a instrução que Deus deu aquele povo...lembrando que Deus não deu somente as instruções dos dez mandamentos...mas Deus deu também leis de

higiene...leis morais...leis espirituais e aqui nós temos uma lei de higiene pra você entender que a saúde e a vida com Deus também está ligada...e aqui a instrução é a seguinte...enquanto uma pessoa tiver a doença ela estará impura...e ela deverá ser separada fora do acampamento...então aqui nós vemos que a quarentena ela foi criada por Deus...nós estamos passando esse momento aqui do coronavírus...né em que tantas pessoas têm sido infectadas com esse vírus...e nós temos vindo a importância de ficar dentro de casa...porque essa doença é contagiosa né...então nós vemos que Deus é um Deus que sabe de todas as coisas e Deus sabia que principalmente nessa época...as pessoas não tinham instruções e aqui nesse contexto está falando especificamente sobre os leprosos...né naquela época não tinha cura pra hanseníase que a lepra então...a pessoa deveria ser considerada impura e sair do meio do pessoal porque se não ia contagiar muita gente...e o que deveria acontecer essa pessoa que começava a ter uma ferida na cabeça ou ferida em alguma parte do corpo ela deveria se apresentar ao sacerdote...ela deveria ir ao Tabernáculo[...] (Júnior, 2020).

Figura 39 - *Frame* no tempo de 1':56" – Figuras actanciais dos tempos bíblicos.



Fonte: <<https://youtu.be/VdbcgFntnU4>> Acesso em 21/06/2020.

A respeito do *frame* (figura 39) há um transbordamento das figuras, por isso a espacialidade é aberta, de aspecto imperfectivo, de existência fugaz de andamento acelerado.

O *frame* da figura 39 surge **após** o sujeito da ação relatar que o “[...] povo de Israel [...] liberto por Moisés [...] agora estava morando no deserto...e eram cerca de *um milhão* de pessoas que estavam ali[...]” (Júnior, 2020 – excerto 42). Percebemos que não aparece na fala do sujeito da ação (narrador) nada sobre a passagem bíblica que surge sobre o *frame* da figura 39. Ao consultar a passagem (Nm 26:51) vemos que se refere a quantidade de pessoas que saíram do Egito. Consta na passagem bíblica, consultada pelo analista, o resultado de um censo, que na época não contabilizava as mulheres e nem as crianças, como corrobora Sá e Ghedini (2021 nesta citação: “Na sociedade judaica, mulheres e crianças não eram contadas nos censos” (Sá; Ghedini, 2021). Essa exclusão das mulheres e crianças no censo bíblico, leva a compreender o porquê da divergência do que o narrador declara com o que consta na passagem, pois o narrador diz “um milhão de pessoas”, mas na passagem diz “seiscentos e um mil setecentos e trinta”

(Nm 26:51). A passagem do povo hebreu pelo Mar Vermelho é de acento tônico, concessivo de aceleração, seguido de uma implicação figurativizada pelo período em que o povo hebreu, livre da dominação egípcia, vive uma duratividade de acento átono de continuidade durativa e lenta figurativizada pelos quarenta anos no deserto.

A figura de um actante sujeito (um homem com roupas da época) sugere uma figurativização, não precisa, desse momento no qual o povo hebreu, acompanhado de Moisés, teve de atravessar milagrosamente o Mar Vermelho.

O sujeito da ação argumenta ao sujeito de estado que o discurso fundador bíblico classifica as leis em três tipos, além dos dez mandamentos. Esses três tipos são: leis de higiene, leis morais e leis espirituais, das quais o sujeito da ação (narrador) seleciona as de higiene e tira dela o princípio da quarentena. Vejamos o excerto 42, em que ele explica ao sujeito destinatário isso: “lembrando que Deus não deu somente as instruções dos dez mandamentos...mas Deus deu também leis de higiene...leis morais...leis espirituais e aqui nós temos uma lei de higiene pra você entender que a saúde e a vida com Deus também está ligada [...]” (Júnior, 2020). Esse momento pedagógico, expositivo/explicativo é de estilo implicativo de desaceleração, com inaccento eufórico e aspecto durativo. Foria: ESCRAVIDÃO *versus* LIBERDADE.

Excerto 43 - Cena enunciativa 1.a

[...] e lá o sacerdote ele tinha o papel como se fosse um agente de saúde que tem nos dias de hoje...e assim que ele identificava a doença ele então mandava a pessoa se retirar...não era uma opção era uma obrigação de não iria contaminar todas as outras pessoas...e essa reclusão essa quarentena poderia durar dez dias...um mês...quarenta dias...sabe então essa lei foi criada pelo Senhor porque Deus conhece todas as coisas [...] (Júnior, 2020).

Figura 40 - *Frame* no tempo de 3':36" – Figuras actanciais de sacerdotes.



Fonte: <<https://youtu.be/VdbcgFntnU4>> Acesso em 21/06/2020.

O *frame* (figura 40) tem estilo mais ou menos da arte Renascença, de espacialidade mais ou menos fechada, pois a figura do sacerdote está quase inteira no quadro. A

aspectualidade mais ou menos perfectiva, de existência estado e andamento desacelerado. O narrador esclarece que a quarentena do versículo tratado se refere a uma quarentena aplicada aos leprosos, que na época não tinha cura, sendo os mesmos considerados impuros devendo ficar isolados. A figura 40 refere-se à figurativização do momento em que um integrante da tribo de Israel tinha que, aos primeiros sintomas, apresentar-se aos sacerdotes, os quais atuavam como agentes de saúde. Sendo identificada a doença, obrigatoriamente o leproso tinha de se isolar por um tempo que poderia durar dez dias, um mês ou quarenta dias. Conforme assinala no excerto 42: [...] e aqui a instrução é a seguinte...enquanto uma pessoa tiver a doença ela estará impura...e ela deverá ser separada fora do acampamento...então aqui nós vemos que a quarentena ela foi criada por Deus...nós estamos passando esse momento aqui do coronavírus [...] (Júnior, 2020 – excerto 42). O narrador atribui neste momento o procedimento da quarentena como princípio bíblico, tida como procedimento implicativo, pois uma vez doente (doença contagiosa) o sujeito acometido pelo vírus deve ficar um período em isolamento.

Foria: ISOLAMENTO *versus* INTERAÇÃO.

Excerto 44 - Cena enunciativa 1.a

[...] e foi somente no século dezoito que os cientistas descobriram que[...] (Júnior, 2020).

Figura 41 - *Frame* no tempo de 4':13" – Figuras actanciais de cientistas.



Fonte: <<https://youtu.be/VdbcgFntnU4>> Acesso em 21/06/2020.

O *frame* (figura 41) tem estilo mais ou menos da arte ⁷⁴Renascença (o estado, o aparecido), de espacialidade mais ou menos fechada, pois a figura dos cientistas, propósito da mensagem, está quase inteira no quadro. A aspectualidade mais ou menos perfectiva, de existência estado e andamento desacelerado.

⁷⁴ Cf. Zilberberg (2011, p. 166).

As figuras 41 e 42 surgem uma após a outra como conectores de isotopia, no mesmo momento em que o narrador dá um salto histórico, pois termina as narrativas bíblicas e logo insere um contexto científico com descobertas do homem no campo da ciência, de acordo com os seguintes excertos (43 a 45):

[...] essa reclusão essa quarentena poderia durar dez dias...um mês...quarenta dias...sabe então essa lei foi criada pelo senhor porque Deus conhece todas as coisas [...] (Júnior, 2020 – excerto 43).

[...] e foi somente no século dezoito que os cientistas descobriram que [...] (Júnior, 2020 – excerto 44).

[...] há doenças contagiosas e a origem dessas doenças estão nos microorganismos (Júnior, 2020 – excerto 45).

Figura 42 - *Frame* no tempo de 4':17"/ Vírus da covid-19 e final do vídeo.



Fonte: <<https://youtu.be/VdbcgFntnU4>> Acesso em 21/06/2020.

No *frame* (figura 42) os microorganismos surgem com efeito de aproximação de um deles e distanciamento dos demais, efeito que intensifica a simulação de quantidade excessiva e de transbordamento do quadro. Sobrepondo o cenário dos microorganismos, consta a figura actancial do sujeito de ação, assinalando o término do vídeo. Devido ao transbordamento dos microorganismos, a espacialidade é aberta, de aspecto imperfectivo, de estado fugaz e andamento acelerado.

Em relação à exposição/explicação do sujeito da ação (narrador) sobre a origem bíblica da noção de quarentena, o estilo é implicativo de desaceleração, com inaccento eufórico e aspecto terminativo, pois o vídeo cumpre a proposta de dar uma perspectiva bíblica à noção de quarentena sem aprofundar em questões científicas. O discurso do sagrado não se opõe ao científico, como poderíamos pensar, pelo contrário, fazem parte de uma mesma esfera de sentido, elevando o sagrado sobre o científico. A foria que surge na verdade é: DOENÇA *versus* CURA/SAÚDE.

Excerto		Foria
42	O “[...] povo de Israel [...] liberto por Moisés [...]agora estava morando no deserto...e eram cerca de <i>um milhão</i> de pessoas que estavam ali[...]” (Júnior, 2020 – parte do excerto 42).	ESCRAVIDÃO <i>versus</i> LIBERDADE
42	[...] e aqui a instrução é a seguinte...enquanto uma pessoa tiver a doença ela estará impura...e ela deverá ser separada fora do acampamento [...] (Júnior, 2020 – outra parte do excerto 42).	ISOLAMENTO <i>versus</i> INTERAÇÃO
43	[...] essa lei foi criada pelo senhor porque Deus conhece todas as coisas e foi somente no século dezoito que os cientistas descobriram que há doenças contagiosas e a origem dessas doenças estão nos microorganismos [...] (Júnior, 2020 – excerto 43).	DOENÇA (disfórico) <i>versus</i> CURA/SAÚDE (eufórico)

Tabela 15 –Forias de “Estamos presos em casa!!! [...]” (Organizada para esta tese).

Em uma representação gráfica, conforme explicita Zilberberg (2006), cuja correlação é conversiva, delimita os valores e trabalha os graus. As máximas são sempre ++ ou --. (Relação ou...ou: correlação conversiva). Vejamos:

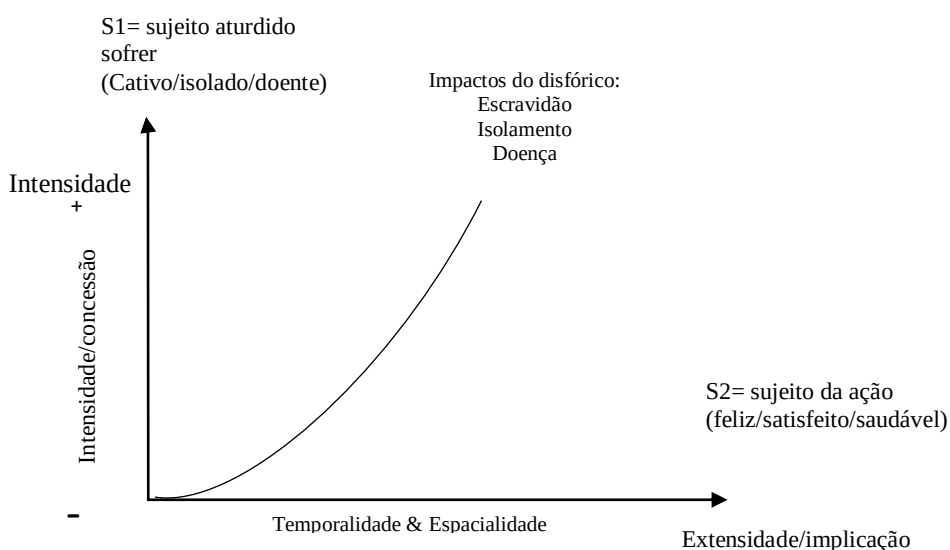


Gráfico 11 - Correlação conversiva - Sujeito aturdido vs. Sujeito da ação - com base em Zilberberg (2011).

No gráfico de correlação conversiva é possível compreender as forias eufóricas na ordem da extensidade, de estilo implicativo, acento de inaccento eufórico, pois figura um sujeito da ação, em liberdade, com a possibilidade de interagir socialmente sem dados à saúde com o fim da pandemia e/ou a partir, como tratado no discurso do narrador, a partir das descobertas científicas que proporcionaram avanços no combate aos microorganismos nocivos à saúde humana. Por outro lado, no mesmo gráfico, podemos figurar um sujeito do sofrer, acometido de privação de cativo, doente e/ou isolado. Desse modo, as modulações estão na ordem do

inesperado, que acomete a percepção sensível do sujeito do sofrer, de acordo com as valências paroxísticas.

Tipologias dos argumentos retóricos de *Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena*

Ocorre seu primeiro argumento, o *argumento pelo exemplo*, (sujeito exemplifica uma família na pandemia, mostrando sua própria família em isolamento) como podemos conferir no excerto 36 correspondente à figura 36: “Olá pessoal...tudo bem...aqui é o pastor Antônio Júnior...hoje eu estou aqui com a minha família...” (Júnior, 2020).

O segundo *argumento pelo exemplo* também é um relato de experiência, todavia é vivido pela figura actancial do amigo do narrador: “e teve um amigo meu que me ligou hoje contando o quanto essa quarentena tá sendo abençoada e ele falou cara eu passei o fim de semana com a minha esposa e eu tô percebendo o quanto que ela é gente boa[...]” (Júnior, 2020 – excerto 37).

Utiliza o *argumento do antimodelo*, a partir de citação de pessoas na internet que estariam propagando um discurso de medo: “[...]eu sei que aqui na internet tem muita gente né tentando passar medo pras pessoas e então nós devemos é ter o bom senso e fazer aquilo que a palavra de Deus diz vamos reter o que é bom...tá certo [...]” (Júnior, 2020 – excerto 38).

Todos os argumentos acima foram utilizados já no exórdio da mensagem, para depois ser introduzido o tema proposto no título do vídeo, “o que a bíblia diz sobre a quarentena”: “[...] e eu vou mostrar pra vocês que realmente a quarentena é algo de Deus...Deus criou a quarentena e nós vamos meditar aqui na palavra de Deus e você vai entender que esse é o princípio Bíblico tá certo[...]” (Júnior, 2020 – excerto 39).

Na parte de argumentação/provas o narrador, a partir do excerto da figura 36 introduz um argumento de autoridade ao pautar-se no discurso fundador da fé cristã (Bíblia Sagrada: Lv 13:46). Narra o relato bíblico articulado com o período pandêmico, apresentando, ao mesmo tempo figuras bíblicas (articulação com as isotopias figurativas) que produzem um efeito de realidade. Assim, utiliza outro argumento, o *argumento da ilustração*, pois “[fornece] casos particulares, relatados no discurso fundador, que esclarecem o enunciado geral, produzindo um efeito de interesse do interlocutário pelo assunto através da variedade das aplicações possíveis àquela época, aumentam-lhe a presença na consciência do que se vivia no momento da pandemia da covid-19”.

Conforme consta no trecho da transcrição (excerto 42), o sujeito destinador (narrador) utiliza o *argumento retórico quase-lógico da divisão do todo pelas partes*: “lembrando que Deus não deu somente as instruções dos dez mandamentos...mas Deus deu também leis de

higiene...leis morais...leis espirituais e aqui nós temos uma lei de higiene pra você entender que a saúde e a vida com Deus também está ligada” (Júnior, 2020).

Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena

Trata-se de um vídeo publicado durante a pandemia da covid-19, em 24 de março de 2020, em pleno período pandêmico, no qual encontramos dois graus de instâncias enunciativas. Instância de primeiro grau, com debreagem enunciativa durante as explicações e enuncia quando dos relatos bíblicos. A instância de segundo grau surgiu nos *frames* como isotopias figurativas, mas também com a atuação do próprio enunciador projetado no enunciado como figura (de narrador à figura), juntamente com sua família, no papel de interlocutores figurativizados em contexto de pandemia. Essa *performance* enunciativa foi um diferencial neste último vídeo que intensifica o estilo didático ao qual se insere o ator dessa enunciação.

Constatamos novamente um gênero discursivo de divulgação religiosa midiático-digital, no qual a análise semiótica, permitiu o vislumbre das marcas de uma enunciação especializada, que ensina, instrui de modo didático, a partir de contexto bíblico. Os *frames* foram utilizados novamente como no primeiro vídeo analisado, configurando assim uma marca recorrente em suas narrativas.

Manteve o estilo didático, pautando-se no discurso fundador da fé cristã, ensinando o enunciatário, mais uma vez, a sair da posição de passividade, oferecendo um objeto cognitivo, a fim de que ele se modalize a partir do agir/ da ação, saindo de uma visão de vitimismo a de um sujeito resiliente de acordo com os desígnios divinos. O corpus analisado possui um estilo implicativo, garantido pelo princípio do desenvolvimento, com articulação de parada/desenvolvimento. Seu caráter de continuação, de relaxamento, característico do discurso de divulgação religiosa, voltado para a extensidade.

Como demonstrado, na primeira análise da cena enunciativa 1.a, as forias eufóricas e disfóricas possuem também uma correlação conversa de melhoração, a qual, do ponto de vista cristão, possui uma gradação partindo do modelo a ser seguido, como um manual de instrução construído a partir de princípios cristãos. Portanto, neste vídeo analisado, encontramos um estilo didático-religioso, visto que o ator da enunciação, utilizou-se de conhecimento especializado, advindo de um conhecimento bíblico somado a sua própria vivência, assim como ocorreu na primeira análise. Apresentou novamente um discurso articulado e planejado com uso de ferramentas das mídias digitais, mas dessa vez além da técnica dos *frames*, projetou-se também como figura actancial (sua própria família na quarentena como exemplo argumentativo).

Como a cena enunciativa 1 é composta por pregações de dois distintos enunciadores, escolhemos organizá-la em cena enunciativa 1.a e cena enunciativa 1.b para melhor organização da tese. A seguir analisaremos o *ethos* do enunciador da cena enunciativa 1.b.

4.2 O *ETHOS* DO ENUNCIADOR DA CENA ENUNCIATIVA 1.B

A figura a seguir é um *frame* do *hiperlink* intitulado “Sobre”, encontrado na página do Canal do enunciador, no qual há uma descrição autobiográfica, como é possível observar no trecho “Fábio José de Melo Silva, mais conhecido como Padre Fábio de Melo (Formiga, 3 de abril de 1971), é um sacerdote católico, artista, cantor, escritor, professor universitário [...]”. O trecho é exemplo do uso da linguagem verbal escrita em terceira pessoa, o que figura objetividade e distanciamento, o que caracteriza uso da embreagem actancial enunciativa, pois utiliza a terceira pessoa no valor de primeira.

Figura 43 – *Frame* do *hiperlink* “Sobre” da página do Canal Padre Fábio de Melo



Sobre

Fábio José de Melo Silva, mais conhecido como Padre Fábio de Melo (Formiga, 3 de abril de 1971), é um sacerdote católico, artista, cantor, escritor, professor universitário e apresentador. Pertenceu à Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. Atua na Diocese de Taubaté, no interior do Estado de São Paulo.

Atualmente está na estrada com o show que leva o título de seu novo single distribuído pela Altafonte “Este sou Eu” (2022). Ao todo, Padre Fábio já vendeu mais de 3 milhões de cópias de CDs (1,8 milhão apenas na Som Livre), além de 3,5 milhões de livros.

Como professor universitário, lecionou teologia na Faculdade Dehoniana de Taubaté. Apresentou por mais de uma década o programa Direção Espiritual, transmitido pela TV Canção Nova, às quintas-feiras. Em dezembro de 2019, entrou no ranking do Instituto QualiBest como um dos maiores influenciadores digitais do Brasil.

Links

- Instagram
[instagram.com/pefabiodemelo](https://www.instagram.com/pefabiodemelo)
- Facebook
pt-br.facebook.com/PadreFabiodeMelo
- Twitter
twitter.com/pefabiodemelo
- Site
pefabiodemelo.com.br
- Spotify
open.spotify.com/artist/72G62rG7kmq4GFOzyjJV4q

Detalhes do canal

www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial

Fonte: <<https://www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial>> Acesso em 19/07/2024.

Ao clicar no *hiperlink* “Sobre” da página oficial do Canal Padre Fábio de Melo, o enunciatário encontra uma breve biografia do enunciador. Consta que o nome do enunciador é José de Melo Silva, mais conhecido como Padre Fábio de Melo, nascido em Formiga, em 3 de abril de 1971. Apresenta-se como “um sacerdote católico, artista, cantor, escritor, professor universitário e apresentador” (Melo, 2022). Informa ainda que pertenceu à Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus e que atua na Diocese de Taubaté, no interior do Estado de São Paulo.

No seu perfil também informa sua atividade na “estrada com o show que leva o título de seu novo *single* distribuído pela Altafonte “Este sou Eu” (2022)” (Melo, 2022). Seu perfil também informa que já vendeu mais de 3 milhões de cópias de CDs (1,8 milhão apenas na Som Livre), além de 3,5 milhões de livros. Ainda segundo informações em seu perfil, diz ter lecionado teologia na Faculdade Dehoniana de Taubaté e que apresentou por mais de uma década o programa Direção Espiritual, transmitido pela TV Canção Nova, às quintas-feiras. Consta a informação de que seu nome, em dezembro de 2019, entrou no *ranking* do instituto QualiBest como um dos maiores influenciadores digitais do Brasil.

Em livro biográfico consta que é “O homem que desafia regras, canta, filosofa, faz humor, tem milhões de seguidores na internet e atravessa os muros da Igreja para falar a todos os brasileiros” (Alvarez, p. 1, 2016).

4.2.1 Página do perfil do Canal Padre Fábio de Melo

Figura 44 - Página inicial do perfil do Canal do Padre Fábio de Melo no YouTube.



Fonte: < <https://www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial> > Acesso em 17/10/2022.

Estruturas semionarrativas e tensivas

A página do perfil do Canal Padre Fábio de Melo apresenta a axiologia sagrado *versus* profano como enunciado elementar da sintaxe narrativa. São estabelecidos dois percursos no texto entre os termos:

1- Natureza (Homem comum) (disfórico) *versus* Cultura (Padre) (eufórico). Essa oposição aparece quando observamos o nome do Canal “Padre Fábio de Melo”, que uma vez padre, opõe-se em ser homem comum, pois ao assumir um valor, nega-se outro.

2- Cantor (disfórico) *versus* Padre (eufórico). Essa oposição aparece quando observamos que o nome do Canal é “Padre Fábio de Melo”, uma identidade assumida, que nos habilita supor que seja um Canal que publica vídeos com missas, por exemplo. No entanto, o Canal anuncia o último clipe lançado, no qual divulga uma música cantada em parceria com Ivete Sangalo, cuja espacialidade é figurativizada pelo padre, Ivete Sangalo e pela atriz Grazi Massafera, que aparece no *freeze-framing* quando da captura de tela. Os percursos são:

1- Homem comum-----	não-homem-comum-----	Padre.
(Disfórico)	(não-disfórico)	(Eufórico)

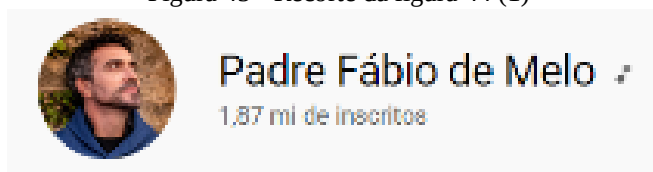
2- Padre comum-----	não-padre-comum-----	Padre-cantor.
(Disfórico)	(não-disfórico)	(Eufórico)

O não-homem-comum, negação do homem comum, aparece no nome do Canal. E o não-padre-comum, aparece na divulgação do então mais recente clipe musical gravado com duas figuras artísticas do universo discursivo secular.

No nível das estruturas narrativas, os elementos disfóricos e eufóricos surgem como valores (sagrado *versus* profano/ homem comum *versus* Padre/ cantor *versus* padre). O sujeito do fazer e destinador (padre) compartilha seu último trabalho, o objeto-valor (clipe oficial da canção Retrovisor) com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo querer-fazer, saber-fazer, poder-fazer, dever-fazer sobre o destinatário a partir da sedução (divulgação: último clipe lançado).

A modalização do destinatário pelo dever-fazer, argumentado pelo destinador com a publicação do vídeo, credibilizado (maior valor) pela participação de figuras artísticas do mundo secular, sendo a argumentação legalizada a partir do acordo fiduciário estabelecido quando o destinatário acessa o Canal.

Figura 45 - Recorte da figura 44 (1)



Fonte: < <https://www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial> > Acesso em 17/10/2022.

No que diz respeito ao nível discursivo, no canto esquerdo da página, há a figura narrador (o enunciador projeta-se no discurso e assume o simulacro de narrador), olhando para cima como quem contempla o céu, o divino, e ao lado, seu nome acompanhado com uma cifra musical, marca identitária de padre cantor, seguida da quantidade de inscritos no Canal, o que credibiliza o mesmo na formação discursiva religiosa-cristã-musical.

Figura 46 - Recorte da figura 44 (2)



Fonte: < <https://www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial> > Acesso em 17/10/2022.

Na parte superior centralizada da página (no banner da página), a figura do padre aparece com roupa comum que não o identifica como padre, o que confirma as afirmações de Alvarez (2016) sobre o padre “atravessar os muros da igreja” o que parece ser uma estratégia figurativa de aproximação dos fiéis, como se não quisesse parecer mais santo, como se quisesse estar comum a todos.

Figura 47 - Recorte da figura 44 (3)



Fonte: < <https://www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial> > Acesso em 17/10/2022.

Os hiperlinks *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e de seu *site* (inativo) são marcas identitárias do enunciador. Na sintaxe discursiva temos na instância da enunciação a categoria de pessoa, um “eu” enunciador, produtor de conteúdos do Canal intitulado Padre Fábio de Melo, e um “tu” enunciatário, o internauta, aquele que acessa o Canal no ciberespaço. O enunciador projeta-se no interior do discurso como narrador do texto-enunciado e gera efeito de sentido de subjetividade.

Figura 48 - Recorte da figura 44 (4)



Fonte: < <https://www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial> > Acesso em 17/10/2022.

Esse narrador divulga seu então mais recente clipe musical “Retrovisor”, a imagem do vídeo vai sendo reproduzida mesmo o internauta não abrindo o vídeo, mas no momento em que fizemos a captura de tela a imagem permaneceu na figura artística Grazi Massafera.

Quanto à categoria de tempo, do lado direito da página há o verbo inscrever, na cor vermelha, é infinitivo impessoal, seguido de pronome reflexivo, indicando que ao clicar, o próprio enunciatário inscreve-se no Canal, por meio de ação reflexiva, ou seja, uma ação sobre si mesmo, o que configura uma sugestão imperativa, pois diz respeito a recursos de persuasão que intima o internauta a acompanhar as publicações da figura do padre no Canal.

Desenrolam-se dois temas relacionados à identidade do enunciador, um trata do padre que representa a igreja católica e deseja ser seguido pelos enunciatários e o outro tema é o padre que canta e deseja que os enunciatários apreciem suas canções.

Figura 49 - Recorte da figura 44 (5)



Fonte: < <https://www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial> > Acesso em 17/10/2022.

Nas estruturas tensivas podemos observar que a figura acima é um simulacro de si sobre o sujeito de estado, cuja focalização da face é aberta, pois transborda do quadro a figura do padre, que deixa à mostra apenas o rosto. Assim, o estilo é concessivo de existência fugaz e de andamento acelerado, com acento eufórico. Essa focalização na face apresenta um sujeito da ação de semblante amigável, próximo do sujeito de estado, com breve expressão de sorriso, sugere o sentido de convite a uma parada do enunciatário ao Canal (concessão).

Nas informações no *hiperlink* “Sobre” como exposto no início da análise, o sujeito da ação intitula-se sacerdote católico, artista, cantor, escritor, professor universitário e apresentador, e que tem um show que parece estar disponível para contratação pela empresa musical Altafonte. Essas informações são marcas de um estilo de extensidade difusa, pois ao demonstrar atividade de trabalho em curso, o estilo é implicativo, com inaccento eufórico de

aspecto durativo, de continuidade, visto que o padre está ativo em sua carreira musical, continua sendo o padre das celebridades como é conhecido no Brasil, conforme assinala Alvarez (2016).

A percepção sensível é de um sujeito da ação cumpridor de muitas tarefas, cuja aspectualização é do perverso, de andamento durativo e lento, pois trabalha dentro do previsível, programado e esperado.

Tipologias dos argumentos retóricos (Enunciador Padre Fábio de Melo)

Ao dar informações de si (fazer-saber), o sujeito agente/enunciador estabelece uma interação intersubjetiva utilizando o *argumento da ligação simbólica*, pois sua figura se identifica como a figura de um padre não nos seus ofícios tradicionais, mas o padre da música, o padre-cantor, com presença fortemente marcada no meio artístico secular. Outro argumento encontrado é o argumento relacionado ao *grupo e seus membros*, nos quais a figura do padre se relaciona, evidenciado pela parceria musical (Ivete Sangalo) e participação especial (Grazi Massafera). Pois o argumento estaria no raciocínio de que se o padre cantor relaciona-se com membros de prestígio no ramo da música e artístico-televisivo, presume-se que o sujeito passivo/enunciatário terá a percepção de que o padre também é artista e tem uma boa música aceita nos grupos de prestígio, pois os “indivíduos influem sobre a imagem que temos dos grupos aos quais pertencem e, inversamente, o que achamos do grupo nos predispõe a certa imagem daqueles que dele fazem parte” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 366).

A parceria da figura actancial do padre-cantor com uma cantora secular traz à tona o *argumento dos fins e os meios*, pois se o fim é evangelizar por meio da música, faz necessário relacionar-se com todos, e o meio estaria na parceria com uma cantora secular de prestígio, o que gera efeito de sentido de um padre-cantor que se aproxima de todos, como também Jesus se aproximou, o que remete a um outro argumento, o *de hierarquia dupla*, pois por ser padre, sua imagem vincula-se a uma hierarquia, que pensada em ascendência seria o padre-cantor < o Papa < Deus.

Ethos do enunciador da cena enunciativa 1.b

No recorte da página de perfil analisada a figura do padre é de cantor, e isso parece ser seu principal intuito no Canal, pois mesmo apresentando muitos ofícios na função de padre, desejou deixar mais marcado o seu papel de um enunciador que canta. Trata-se, a partir do que foi analisado, que é uma figura designada pela igreja católica para marcar a presença da igreja católica no meio artístico, pois ao mesmo tempo que se credibiliza frente aos enunciatários vinculados ao discurso da figura da cantora, também marca presença no meio artístico, a fim

de influenciar a fé dos artistas e de quem os aprecia, proclamando implicitamente o Evangelho de Cristo, o que seria o “atravessar os muros da igreja”, como indica no *hiperlink* “Sobre”.

O simulacro da erudição também se vincula a figura do padre-cantor, pois informa em seu perfil que é professor universitário. As regras desafiadas por sua figura, anunciada por Alvarez (2016), estariam relacionadas ao fato de, por exemplo, cantar com os seculares, e estar entre eles. Ou ainda por sua figura surgir com “roupas do mundo” no perfil de sua página. Quanto à afirmação de Alvarez, que seria um padre que faz humor, não se confirmou nesta análise. Analisaremos a seguir três vídeos postados no *YouTube* para operacionalização do *ethos* do ator da enunciação da cena enunciativa 1.b – Palavra amiga católica.

CENA ENUNCIATIVA 1.B – PALAVRA AMIGA CATÓLICA

A cena enunciativa 1.b, composta por três pregações católicas, “Espiritualidade do dia - Somos a casa onde Deus habita”, “Missa dominical com Padre Fábio de Melo” e “Palavra essencial – Espiritualidade a partir dos relacionamentos.

4.2.2 O *ethos* do ator da enunciação “Espiritualidade do dia - Somos a casa onde Deus habita”

Recortamos o trecho que corresponde do início do vídeo até o tempo de oito minutos e um segundo (8’:01”). A transcrição na íntegra do trecho analisado está disponível nos anexos. O vídeo consta postado no *website* <<https://youtu.be/WITP0aIq6-w>>, com data de 04/10/2020 (período de isolamento social devido a circulação do vírus covid-19) e acessado em 17/01/2021.

Estruturas semionarrativas e tensivas

Organizamos o exórdio da mensagem em quatro excertos para fins de análise.

EXÓRDIO

Excerto 46 – Cena enunciativa 1.b

Narrador: ((câmera trêmula)) estamos começando aqui hoje...um momento diferente daqueles que nós távamos acostumados a fazer aos domingos... quando nós tínhamos a **missa** ...mas também uma oportunidade de viver...um **encontro...que nos proporcione uma experiência de espiritualidade...**((interrompe a fala e se aproxima da tela))...eu vou desativar aqui os comentários... pra facilitar o nosso encontro...((distancia-se novamente da tela, provavelmente devido a ação de desativar os comentários, sorri, inspira levemente e recomeça a fala)) [...] (Melo, 2020).

A partir da leitura do excerto 46, do exórdio da mensagem, podemos observar a axiologia Sagrado *versus* Profano como enunciado elementar da sintaxe narrativa. São estabelecidos dois percursos no texto entre os termos:

1- Carnalidade (Profano/disfórico) *versus* Espiritualidade (Sagrado/eufórico). Essa oposição aparece no título do vídeo “Espiritualidade do dia” e na construção da narrativa que busca explicar o que é espiritualidade e como promover a espiritualidade ao longo do dia.

2- Espiritualidade fora da igreja (disfórico) *versus* Espiritualidade na igreja (eufórico)

Os dois percursos são:

(Natureza) Carnalidade-----	não-carnalidade-----	(Cultura) Espiritualidade + carnalidade.
(Disfórico)	(não-disfórico)	(Eufórico)

Espiritualidade-----Não-espiritualidade-----Espiritualidade.

(fora da igreja)	(fora da igreja)	(dentro e fora da igreja).
(Disfórico)	(não-disfórico)	(Eufórico)

A não-espiritualidade fora da igreja, negação da espiritualidade fora da igreja, aparece no excerto 55 quando o sujeito da ação diz que as paredes dos conventos escondem e provocam preguiça:

[...] aliás a vida monástica nasceu assim...em trezentos e pouco depois de Cristo...Santo Antão iniciou um movimento lindo...que até hoje faz sentido... Santo Antão e alguns de seus colegas quiseram sair dos conventos e fazerem uma experiência no deserto...subjugar o corpo a uma disciplina que dentro de casa eles não conseguiam...**as paredes dos conventos podem nos esconder e provocar-nos uma preguiça**[...] (Melo, 2020).

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores. No programa narrativo, há o uso da persuasão com um dever-crer-ser proposto pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um crer-dever-ser para obter o objeto-valor espiritualidade. O sujeito do fazer e destinador (padre) compartilha o objeto-modal cognitivo com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo crer-dever-ser sobre o destinatário a partir da sedução, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido quando o destinatário acessa o Canal do *YouTube*.

No nível discursivo, na instância de enunciação, na categoria de pessoa, estabelece-se um “eu” enunciador e um “tu” enunciatário. O enunciador projeta-se no interior do enunciado e assume um simulacro de narrador, instância de primeiro grau e organiza seus argumentos/provas com um estilo intimista e de improvisações logo no início do vídeo, no qual desenvolve uma narrativa a fim de explicar o que é espiritualidade.

Selecionamos o excerto 46, da cena enunciativa 1.b, para análise das categorias de pessoa, espaço e tempo:

Narrador: ((câmera trêmula)) **estamos começando aqui hoje**...um momento diferente daqueles que **nós tínhamos acostumados** a fazer aos domingos... quando nós **tínhamos** a missa ...mas também uma oportunidade de viver...um encontro...que nos proporcione uma experiência de espiritualidade...((interrompe a fala e se aproxima da tela))...eu vou desativar **aqui** os comentários... pra facilitar o **nosso** encontro...((distancia-se novamente da tela, provavelmente devido a ação de desativar os comentários, sorri, inspira levemente e recomeça a fala)) [...] (Melo, 2020).

Na sintaxe discursiva, no excerto acima, na categoria de tempo, utiliza a debreagem enunciativa com o uso dos verbos no tempo presente, concomitante ao momento do enunciado, como em **estamos começando**, reforçado com o uso de advérbios (dêiticos) **aqui, hoje**. Todavia, ao fazer referência a um tempo outro como em (es)**tínhamos acostumados, tínhamos**, refere-se a um tempo não concomitante ao momento presente, neste caso, a debreagem é enunciativa. Na categoria de pessoa, o uso dos pronomes **nós, nosso**, provocam o efeito de sentido de subjetividade, o que aproxima o narrador do narratário.

Ainda sobre excerto 46, transcrito logo acima, o narrador inicia a apresentação com imprevisto: câmera trêmula (possível ser conferido apenas no vídeo em movimento obviamente), ele ajeita o que parece ser um celular desalinhado. Pede uma pausa para desativar os comentários que parecem estar lhe tirando o foco.

Figura 50 – *Frame* no tempo de “0:28”- Cena enunciativa 1.b.



Disponível em <<https://youtu.be/WlTP0aIq6-w>> - Acesso em 19/07/2024.

O *frame* da figura 50 tem espacialidade aberta, pois as figuras transbordam do quadro, sendo perceptível apenas o corpo do narrador do ombro para cima (parte superior do corpo), ficando elementos figurativos fora do quadro como a estante de livros, os livros e o quadro de pintura atrás do narrador. Assim, a aspectualidade é imperfectiva, de existência fugaz, de andamento acelerado. A roupa despojada, o cabelo um pouco esparramado, geram efeito de intimidade (subjetividade) que contrastam com o ambiente que parece ser um escritório, o que figurativiza um momento sério, de trabalho, uma dualidade importante para a compreensão do

estilo do ator que enuncia. As cores claras e cores vivas favorecem o ambiente descontraído. O corpo curvo, o uso dos óculos para melhorar a visão na câmera, figurativizam o momento de preparo para o início da mensagem. Pelo fato da aparente inabilidade com os recursos tecnológicos ou improvisação pensamos na FORIA: Inabilidade (disfórico) *versus* habilidade (eufórico).

Figura 51 – *Frame* no tempo de 0'42" - cena enunciativa 1.b.



Disponível em <<https://youtu.be/WITP0aIq6-w>> - Acesso em 19/07/2024.

O *frame* da figura 51 tem espacialidade também aberta pelos mesmos motivos descritos na figura anterior, mas agora o corpo curvo muda de direção, para ainda ajeitar o ambiente para o início da mensagem. Assim, a aspectualidade é imperfectiva, de existência fugaz, de andamento acelerado. O narrador começa a falar novamente, mas faz movimentos para o lado como com quem mexe em algo, como se ajeitasse ainda o cenário para a produção do vídeo. FORIA: Informalidade *versus* formalidade.

Excerto 47 – Cena enunciativa 1.b

[...] hoje é um dia muito especial pra liturgia católica...é um dia que nós celebramos São Francisco de Assis [...] (Melo, 2020).

Figura 52 – *Frame* no tempo de 0’43” - cena enunciativa 1.b.



Disponível em <<https://youtu.be/WITP0aIq6-w>> - Acesso em 19/07/2024.

O narrador enfim se acomoda, após colocar um fundo musical de melodia suave, como se estivesse construindo um clima de espiritualidade, preparando o ambiente, um momento sublime, especial entre ele e o narratário, quando enfim fixa o corpo em uma postura que se manterá até o fim da mensagem, de frente para a câmera, considerando sua parcialidade no *frame*, agora encontra-se reto e acomodado para a transmissão da mensagem que segue uma programação informal, mas como uma aparente preparação prévia do tema. FORIA: Organização (eufórico) *versus* desorganização (disfórico).

Excerto 48 – Cena enunciativa 1.b

[...] e eu não gostaria de deixar passar esse dia sem a gente ter a oportunidade de falar sobre a importância dessa liturgia pra nós...primeiramente dizendo que pra mim é...é sempre uma responsabilidade...uma alegria enorme poder participar da vida espiritual de vocês [...] (Melo, 2020).

No excerto 48, enfim, completa o que dizia no excerto 47 e uma marca identitária concretiza-se quando o narrador comunica ao narratário sobre a comemoração do dia de São Francisco de Assis, pois se trata de um santo católico. FORIA: Identidade (cristão) *versus* alteridade (não-cristão).

Excerto 49 – Cena enunciativa 1.b

[...] eu tenho uma compreensão muito simples de espiritualidade...vocês já me ouviram falar sobre isso...gosto de repetir...a espiritualidade é toda e qualquer oportunidade que preenche os nossos corações...que faz com que o nosso corpo fique repleto de espírito...sim...porque o corpo é a casa do Espírito...que o nosso corpo fique repleto de um sopro sagrado [...] (Melo, 2020).

No excerto 49 – Introduz o tema do texto-enunciado (Espiritualidade) e define o corpo físico do cristão como casa do Espírito, aqui referindo-se ao Espírito Santo. Defende a ideia de

um corpo físico ser habitação do Espírito de Deus, em conformidade com o discurso fundador da fé cristã. Percebemos, neste ponto, a falta da Bíblia Sagrada em mãos, uma marca que o diferencia por exemplo do enunciador 1.a que estava ou com a Bíblia na mão ou realizando citações de versículos no decorrer de suas pregações. Sobre isso, citar versículos bíblicos ou estar com a bíblia durante seu discurso, em uma possibilidade interpretativa podemos pensar como uma estratégia discursiva a fim de obter maior adesão de público ou ainda uma marca oriunda da distinção das práticas cristãs entre católicos e protestantes. FORIA: Identidade (católico) *versus* alteridade (protestante).

Excerto 50 – Cena enunciativa 1.b

[...] e nós podemos experimentar esse so...sopro sagrado em muitas experiências da vida...nós podemos vivê-la dentro dos nossos espaços religiosos...a religião é por excelência um lugar de espiritualidade...a gente sabe que nem sempre é assim...mas deveria ser...então se você tem uma experiência religiosa bonita...éééé...bem alicerçada...você certamente encontra na religião uma fonte de espiritualidade...eu tive essa graça...a minha religião...retirando alguns momentos em que eu me desvirtuei muito...eu me perdi...dentro da ritualidade católica cristã [...] retirando alguns momento em que isso ocorreu..eu sempre fui muito beneficiado...com a religiosidade católica cristã...me ajudou a viver a minha espiritualidade e me ajuda [...] (Melo, 2020).

No excerto 50, o narrador relata algo pessoal ao dizer que se desvirtuou no passado, retomando sua espiritualidade, um efeito de sentido de subjetividade, que o aproxima do enunciatário, um efeito de cumplicidade. FORIA: Cumplicidade *versus* Animosidade

Excerto 51 – Cena enunciativa 1.b

[...] mas eu encontro espiritualidade num livro...numa música...numa peça de teatro...eu encontro espiritualidade quando encontro os meus amigos...quando eu sento a mesa para comer com pessoas que me agregam...eu tenho pra mim que todo e qualquer encontro que seja pautado na verdade em que a gente tem a oportunidade de ser quem somos...é um encontro que nos espiritualiza [...] (Melo, 2020).

No excerto 51 começa a transparecer um preparo prévio do discurso proferido, pois apresenta uma definição do que seria espiritualidade. A outra temática é a espiritualidade ser praticada não apenas num templo religioso, entre os que estão na igreja (membros católicos), mas também deve ser praticada na vida (em uma conversa, na leitura de um livro, em qualquer lugar fora dos muros da igreja (aqui no sentido de templo religioso). Porque na verdade o narrador está dizendo que o Espírito de Deus habita no cristão, independente de templo religioso. Por isso, onde quer que o cristão esteja, poderá praticar a espiritualidade.

Excerto 53 – Cena enunciativa 1.b

[...] é interessante porque nós estamos acostumados a identificar as fomes do corpo...as necessidades do corpo...se você sente frio...você busca um cobertor para este frio...se você sente calor...como nesses dias nós estamos sentindo muito

calor...você dá um jeito de procurar uma sombra...ou tomar um banho frio...liga o ar condicionado...liga o ventilador...tudo aquilo que possa nos ajudar a sobreviver ao calor...se você sente fome...você busca um alimento...se você sente sede...você busca água...então nós estamos sempre muito atentos às necessidades do nosso corpo...nós aprendemos a lidar com ele [...] (Melo, 2020).

Excerto 54 – Cena enunciativa 1.b

[...] mas lamentavelmente nós não temos a mesma preocupação...ou até mesmo a mesma percepção...quando o assunto são as necessidades do nosso espírito...e é interessante porque é no corpo que sentimos as necessidades do espírito...eu costumo dizer sempre que o corpo é que põe a alma para passear...cuidar bem deste corpo...submetê-lo a alguma disciplina...a disciplina da atividade física...a disciplina da alimentação...a disciplina do sono...criar rituais de descanso para o corpo...são exercícios de espiritualidade...eu nunca fui adepto de um discurso que fragmenta...que secciona...que separa o corpo da espiritualidade [...] (Melo, 2020).

Os excertos 53 e 54 utilizam a comparação para argumentar a necessidade de cuidar do corpo tanto fisicamente quanto espiritualmente. O narrador coloca-se no discurso mantendo a primeira pessoa do discurso com pessoa ampliada “nós”, o que promove a subjetividade e cumplicidade, colocando-se em uma relação de igualdade entre o narrador e o narratário.

Há duas temáticas desenvolvidas pelo narrador/ator, uma reflexão sobre a espiritualidade ser praticada considerando o cuidado com o corpo, pois argumenta uma visão de indissociabilidade entre o corpo e o espiritual. E a outra é a espiritualidade ser uma prática promovida ao frequentar um templo religioso ou fazer uma leitura, conversar com pessoas sinceras e amigas.

Figura 53 – Frame da capa do vídeo “Somos a casa onde Deus habita”.



Fonte: <https://www.youtube.com.br/playlist?list=PLzKQZ0Am0hgYdyfPSL6MI77YgilTeuR3>
- Acesso em 18/01/2024.

A figura 53, capa do vídeo, constrói um simulacro de si sobre o sujeito de estado, cuja focalização da face é aberta, de estilo concessivo (fugaz) de andamento acelerado, de acento

eufórico, pois sugere uma parada para uma contemplação ao tema filosófico-religioso. A letra “e” de “espiritualidade” corrobora o estilo hiperbólico do barroco.

Ao lado do título do vídeo, o sujeito da ação figura uma face contemplativa, como um simulacro de um sujeito judicativo de ação cognitiva que reflete sobre o tema instalado em seu campo de presença. Logo atrás dele uma estante repleta de livros intensifica a figuração daquele que estuda e filosofa. A figuratividade no estilo de roupa, camiseta (esporte), apresenta um sujeito destituído de formalidade. Os óculos, mais que uma figura de deficiência visual, trazem à tona um efeito de realidade de um sujeito afeito aos estudos.

A percepção sensível é de um sujeito da ação ligado às questões filosóficas-cristãs, cuja aspectualização é do perverso, de andamento durativo e lento/desacelerado, pois trabalha dentro do previsível, programado e esperado.

Quanto à indissociação do corpo físico e espiritual, está se referindo ao cuidado físico e não às imoralidades, às quais o cristianismo condena. Essa interpretação se confirma ao observarmos a citação de quem foi para fora dos muros da igreja. O sujeito da ação (narrador) cita Santo Antônio, que foi de fato para fora da igreja, mas não se juntou aos do “mundo”. Pelo contrário, ficou recluso de coisas do mundo consagrando toda uma vida de oração e busca espiritual, quando surgem os mosteiros, um ambiente onde vivem os monges (Évora, 2015), o que configura uma outra forma de prática cristã católica, que acaba sendo uma “igreja” também, pois é uma comunidade cristã, mas com práticas distintas do que se espera de uma igreja católica. Assim, a carnalidade é disfórica e a espiritualidade é eufórica.

Forias: SAGRADO *versus* PROFANO

CARNALIDADE *versus* ESPIRITUALIDADE.

A tabela a seguir é construída a partir de excertos do discurso proferido no vídeo “Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita”. Excertos dos quais extraímos as forias correspondentes aos valores eufóricos, quando se pratica a espiritualidade, e os valores disfóricos, quando a espiritualidade não é praticada no dia a dia do cristão.

Forias de “Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita”.		
Axiologias fundamentais: Sagrado <i>versus</i> Profano/Natureza <i>versus</i> cultura		
Excerto		Forias
46	Narrador: ((câmera trêmula)) estamos começando aqui hoje...um momento diferente daqueles que nós tínhamos acostumados a fazer aos domingos... quando nós tínhamos a missa ...mas também uma oportunidade de viver...um encontro...que nos proporcione uma experiência de espiritualidade (Melo, 2020)..	SAGRADO (eufórico) <i>versus</i> PROFANO (disfórico)
54	[...] lamentavelmente nós não temos a mesma preocupação...ou até mesmo a mesma percepção...quando o assunto são as necessidades do nosso espírito ...e é	

	interessante porque é no corpo que sentimos as necessidades do espírito ...eu costumo dizer sempre que o corpo é que põe a alma para passear (Melo, 2020).	ESPIRITUALIDADE (eufórico) versus CARNALIDADE (disfórico)
46	Narrador: [...] eu vou desativar aqui os comentários... pra facilitar o nosso encontro ...((distancia-se novamente da tela, provavelmente devido a ação de desativar os comentários, sorri, inspira levemente e recomeça a fala)) [...] (Melo, 2020).	INABILIDADE (disfórico) versus HABILIDADE (eufórico).
Figuras 51 e 52	No tempo do vídeo 0'42": O narrador começa a falar novamente, mas faz movimentos para o lado como com quem mexe em algo, como se ajeitasse ainda o cenário para a produção do vídeo. (Em todo o vídeo é informal). Desorganizado inicialmente, mas depois estabelece-se organizado até o final do vídeo.	INFORMALIDADE versus FORMALIDADE.
		ORGANIZAÇÃO (eufórico) versus DESORGANIZAÇÃO (disfórico).
47	Narrador: [...] hoje é um dia muito especial pra liturgia católica...é um dia que nós celebramos São Francisco de Assis [...] (Melo, 2020).	IDENTIDADE(CRISTÃO) versus ALTERIDADE (NÃO-CRISTÃO)
49	[...] eu tenho uma compreensão muito simples de espiritualidade...vocês já me ouviram falar sobre isso...gosto de repetir...a espiritualidade é toda e qualquer oportunidade que preenche os nossos corações...que faz com que o nosso corpo fique repleto de espírito...sim...porque o corpo é a casa do Espírito...que o nosso corpo fique repleto de um sopro sagrado [...] (Melo, 2020). (Observação: Colocou-se como autoridade para definir conceito sem indicar versículo bíblico)	IDENTIDADE(CATÓLICO) versus ALTERIDADE (PROTESTANTE)
50	[...]eu tive essa graça...a minha religião...retirando alguns momentos em que eu me desvirtuei muito...eu me perdi...dentro da ritualidade católica cristã [...] retirando alguns momentos em que isso ocorreu...eu sempre fui muito beneficiado ...com a religiosidade católica cristã...me ajudou a viver a minha espiritualidade e me ajuda [...] (Melo, 2020).	CUMPLICIDADE versus ANIMOSIDADE

Tabela 16 – Forias de “Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita”.

A partir das forias disponíveis na tabela 16 é disponibilizado a seguir o gráfico de correlação inversa de “Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita”, no qual os valores de absoluto, abscissa de intensidade, é eufórica, pois corresponde à prática da espiritualidade proposta no vídeo (eufórica), enquanto os valores de universo, abscissa da extensidade, corresponde à falta da prática de espiritualidade proposta no vídeo (disfórica).

Gráfico de correlação inversa “Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita”.

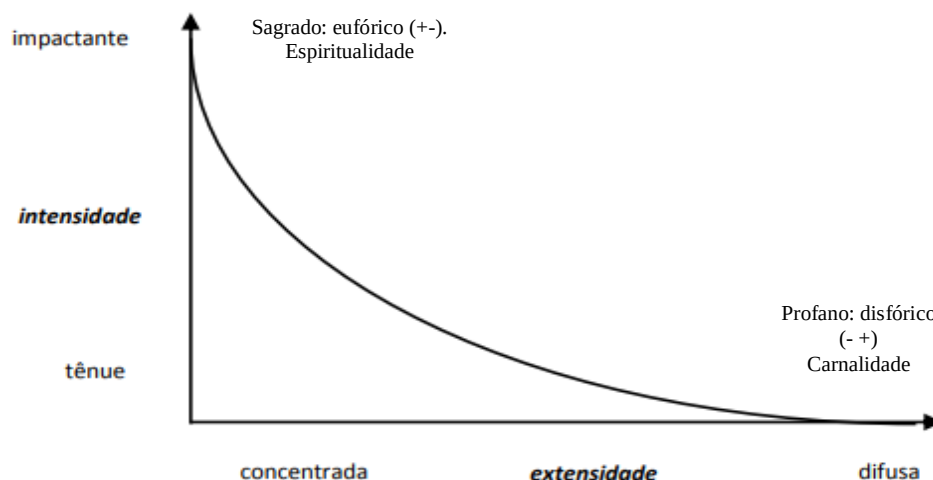


Gráfico 12 - Correlação inversa “Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita””. (Com base no modelo de Zilberberg (2006, p. 216)

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoriação”. Quanto mais concentrado e intenso e menos difuso = sagrado/prática da espiritual. E quanto menos concentrado e intenso e mais difuso= profano/não prática da espiritual.

Tipologias dos argumentos retóricos de *Espiritualidade do dia - Somos a casa onde Deus habita*

No excerto 55, é utilizado um argumento *de autoridade*: “[...] Santo Antão e alguns de seus colegas quiseram sair dos conventos e fazerem uma experiência no deserto...subjugar o corpo a uma disciplina que dentro de casa eles não conseguiam...as paredes dos conventos podem nos esconder e provocar-nos uma preguiça [...] (Melo, 2020 – excerto 55).

Para compreender o argumento de autoridade, tivemos de buscar informações sobre Santo Antão. É considerado o pai do monaquismo, que se refere a uma proposta de modelo de vida cristã. Por volta de 270 d.C, após morte de seus pais, Antão, inspirado pelo livro de Mt 19: 21, doa suas terras aos vizinhos, doa seu dinheiro aos pobres, deixa uma pequena parte a sua irmã e retira-se do meio do povo para ter uma vida ascética (Évora, 2015, p. 71). De acordo com o Dicionário Houaiss on-line, ascético diz respeito aquele que se volta para a vida espiritual, mística; místico, contemplativo.

O *Argumento de comparação* surge entre a noção de corpo físico e o corpo espírito, para chegar em sua defesa de que são indissociáveis. Pois, de acordo com o narrador, o corpo físico

saudável auxilia na prática espiritual porque é templo do Espírito, o que implica cuidados. Conforme assinala nos excertos 53 e 54:

[...] é interessante porque nós estamos acostumados a identificar as fomes do corpo...as necessidades do corpo...se você sente frio...você busca um cobertor para este frio (Melo, 2020 – excerto 53).

[...] criar rituais de descanso para o corpo...são exercícios de espiritualidade...eu nunca fui adepto de um discurso que fragmenta...que secciona...que separa o corpo da espiritualidade [...] (Melo, 2020 – excerto 54).

Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita”

Nesta análise pudemos perceber um discurso elaborado previamente, baseado no discurso fundador da fé cristã. Mas também percebemos uma improvisação no que tange às questões tecnológicas, como a câmera. Todavia, pode ser uma justificativa possível, o fato de o narrador estar iniciando uma nova maneira de interagir com seus enunciatários (seguidores), como anuncia no início do vídeo.

As marcas de uma identidade católica são evidentes desde a autointitulação de “padre”, mas também durante o discurso ao anunciar que o dia do vídeo coincide com o dia de São Francisco de Assis (Marca identitária católica).

No texto-enunciado, o destinador (narrador) busca construir um vínculo sensível com o enunciatário com uma fala amigável, comedida e informal. Fez uso de relato pessoal ao dizer que no passado desvirtuou-se, mas retomou sua espiritualidade, o que confere um efeito de aproximação subjetiva.

Como argumento de autoridade cita Santo Antônio como modelo de vida cristã que atravessou os muros da igreja para viver sua espiritualidade. Quando defende o romper dos muros, defende a ideia de que é possível em qualquer lugar em que o enunciatário estiver, poderá se conectar com Deus, sendo a vida um lugar de espiritualidade, pois o Espírito habita no cristão e não no templo cristão. O ator da enunciação apresenta um tom amigável, calmo, filosófico, de estilo implicativo, desacelerado, de inaccento eufórico. A aspectualização é de continuidade durativa.

A pregação *Espiritualidade do dia “Somos a casa onde Deus habita”* diferencia-se da cena enunciativa 1.a por apresentar vídeos mais próximos do improvisado. Talvez isso se explique pelo que apreendemos no item “*Ethos* do enunciadador”, quando percebemos um *ethos* de padre cantor. Mesmo dedicando-se à música, o enunciadador reserva um tempo para compartilhar vídeos com seus enunciatários, impulsionado, no caso da pregação analisada, pelo isolamento social provocado pela pandemia da covid-19.

4.2.3 O *ethos* do ator da enunciação “Missa Dominical com Padre Fábio de Melo”

Trata-se de uma homilia, pregação proferida em missa, produzida exclusivamente para transmissão on-line no período mais rígido de isolamento, medida sanitária brasileira para tentar “frear” o avanço do vírus covid-19. Recortamos o trecho do tempo de sete minutos e cinquenta e três segundos (7’:53”) até o tempo de dezoito minutos e quarenta e seis segundos 18’: 46”, que corresponde ao exórdio da mensagem. O vídeo foi postado no *website* < <https://youtu.be/6KJcjL7h0iY> > - em 23 de agosto de 2020 com acesso em setembro de 2021.

Estruturas semionarrativas e tensivas

EXÓRDIO

Excerto 60 – cena enunciativa 1.b

[...] nós começamos essa celebração do jeito que a gente começa toda boa amizade...mostrando o que a gente tem de mais frágil...ainda que você tenha tentado encantar as pessoas com suas qualidades...você só sente que conquistou aquela pessoa...depois que ela se encantou com suas qualidades...mas também conheceu os seus defeitos...nenhuma amizade se estabeleceu verdadeiramente...somente durante o encantamento...com os recursos do encantamento...nenhum amor se estabeleceu de VERDADE...criou raízes...somente a partir dos recursos de encantamento...a gente só sabe amá-lo...depois que nós sabemos...que o outro já viu o que a gente tem de melhor...mas também já percebeu...já identificou...já provou...às vezes até de maneira muito sofrida...aquilo que nós temos de pior...e mesmo assim não nos despreza...e mesmo assim não nos abandona (Melo, 2020).

A partir da leitura do exórdio da mensagem podemos observar a axiologia verdade (Sagrado) (disfórico) *versus* falsidade (Profano) (eufórico), como enunciado elementar da sintaxe narrativa. É estabelecido dois percursos no texto entre os termos:

1- Encantamento (disfórico) *versus* conquista (eufórico), encontrada no primeiro excerto; 2 - Falso Evangelho (disfórico) *versus* Evangelho de Cristo (eufórico), encontrada no excerto 66 (disponível um pouco mais abaixo e nos anexos desta tese).

Os percursos:

(Base: qualidades.)

(Base: qualidades e defeitos.)

1- Encantamento-----não-encantamento-----conquista.

(Disfórico)

(não-disfórico)

(Eufórico)

2- Falso Evangelho-----não-falso-Evangelho-----Evangelho de Cristo

(Disfórico)

(não-disfórico)

(Eufórico)

O não-encantamento, negação do encantamento, aparece no discurso quando o sujeito cognitivo faz a descrição da configuração do processo de conhecer alguém e estabelecer um

relacionamento, como consta no excerto 60: [...] *ainda que você tenha tentado encantar as pessoas com suas qualidades...você só sente que conquistou aquela pessoa...depois que ela se encantou com suas qualidades...mas também conheceu os seus defeitos [...]* (Melo, 2020). O falso Evangelho, negação do Evangelho, aparece quando o sujeito cognitivo reclama de um outro Evangelho pregado, como no excerto 66: [...] *não tô falando desse evangelho paralelo que nós já falamos tantas vezes...de um Deus punitivo...que adora nos colocar no inferno [...]* (Melo, 2020).

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores.

No programa narrativo, há o uso da persuasão com um dever-querer-saber proposto pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um querer-saber para obter o objeto-valor conquista. O sujeito do fazer e destinador (padre) compartilha o objeto-modal cognitivo com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo dever-saber sobre o destinatário a partir da sedução, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*.

Considerando um percurso de avaliação do sujeito que busca um relacionamento, esse sujeito passa a exercer o papel de destinador, pois tem o poder de julgar se deseja ou não o outro sujeito como seu amigo, cônjuge ou inscrição religiosa (Ter Deus como amigo). O destinador judicativo verifica as ações e os valores com quem se relaciona, por meio de uma operação cognitiva de reconhecimento do sujeito. O que significa uma interpretação veridictória dos estados como resultados do fazer do sujeito (Barros, 2005, p. 35).

Assinala Barros (2005, p. 35) que “os estados são, dessa forma, definidos como verdadeiros (que parecem e são) ou falsos (que não parecem e não são) ou mentirosos (que parecem, mas não são) ou secretos (que não parecem, mas são)” (Barros, 2005, p. 35). A interpretação, no caso do texto-enunciado, faz-se sob a ideologia cristã católica.

No nível discursivo, na instância de enunciação, na categoria de pessoa, estabelece-se um “eu” enunciador e um “tu” enunciatário. O enunciador projeta-se no interior do enunciado e assume um simulacro de narrador, instância de primeiro grau e organiza seus argumentos/provas com um estilo intimista, agora mais formal, em um cenário figurativizado pelo sagrado, pois trata-se de uma missa dominical. Estabelece um discurso figurativizado por um momento de conversa entre amigos que tecem uma reflexão sobre os sucessos e insucessos de relacionamentos sejam de amizade, seja de casamento, seja com o sagrado, na qual o turno de fala é majoritariamente do narrador.

Na sintaxe discursiva, na categoria de pessoa, ocorre o uso da debreagem enunciativa com uso de pronomes “nós” (pessoa ampliada de “eu”), com variação de “nós” com o uso de “a gente” (uso informal).

Na categoria de tempo, faz uso do tempo presente de um “eu-aqui-agora”, que divaga numa recorrência de estabelecimento de um relacionamento de amor ou de amizade. Para concatenar sua reflexão utiliza ora a debreagem enunciativa como em “(nós) começamos”, “começa”, “sente”, “sabem”, “separam”, momento concomitante ao momento de enunciação, ora ocorre a debreagem enunciativa com uso de verbos no pretérito como na locução verbal “tenha tentado” (tentou), “conquistou”, “encantou”, “provou”, que não é concomitante ao momento de enunciação. Essa variação de debreagem ocorre por conta de o discurso ser organizado com reflexões de ações hipotéticas ocorridas no passado que produzem um resultado eufórico ou disfórico no presente. Como se observa, por exemplo, em parte do excerto 60: [...] ainda que você **tenha tentado** encantar as pessoas com suas qualidades...você só **sente** [...] (Melo, 2020).

No raciocínio do destinador quando o narratário conhece os defeitos e qualidades de seu parceiro, ocorre a efetivação da conquista ou um rechaçamento. O rechaçamento não é privilegiado, pois o narrador detém seu discurso entre os opostos: encantamento, fase inicial de uma relação e a conquista, fase amadurecida da relação (encantamento *vs* conquista), conferido no excerto 60 do exórdio.

Esse relacionamento pode ser entre amigos, entre um casal ou ainda com Cristo. Desse modo, há quatro temáticas: relacionamento de amizade, relacionamento no casamento, relacionamento com Deus e o falso Evangelho. Confira nos excertos:

Excerto 60: “[...] nenhuma **amizade** se estabeleceu verdadeiramente...somente durante o encantamento [...] é tão bom quando você identifica que o outro conhece você...eu acho bonito porque a eucaristia começa assim” (Melo, 2020). Nesse excerto, podemos conferir o tema amizade, tendo seu estabelecimento após o encantamento, o qual vê apenas as qualidades, enquanto que a efetivação da amizade é a junção de qualidades e defeitos postas à mostra e aceitas.

Excerto 64: [...] e eu vejo muitos casais diante desse conflito...não sabem passar de fase...da mesma forma como seu filho joga vídeo game...ele precisa passar de fase [...] (Melo, 2020).

No excerto acima, o narrador utiliza a *comparação* do videogame com o casamento. Alimenta a ideia de que um casamento não pode ficar na fase de conflito, identificação de defeitos, precisa mudar de fase (amadurecer a relação).

Excerto 67: [...] esse Jesus que foi revolucionário no seu tempo...justamente porque disse que Deus prefere os piores...que o banquete é para quem tem fome...que a festa belíssima...[...] é feita para os que não foram convidados...e que a gente sai lá na rua buscando...e trazendo dizendo...olha venha...que existe um grande banquete...preparado pra vocês [...] (Melo, 2020).

Excerto 65: [...] a festa só começa depois que a gente olha nos donos do lar...nos donos da casa...no dono da mesa...e contamos a Ele todos os nossos defeitos...e sorrindo Ele nos perdoa e nos diz...não tem problema...este lugar é preparado para quem tem pecados [...] (Melo, 2020).

Nos dois excertos acima, podemos perceber o tema relacionamento com Deus, comparando esse momento de relacionamento com Deus como algo digno de festa, na qual um grande banquete se estabelece. É possível notar que em todos os relacionamentos é necessária a verdade.

Excerto 66: [...] porque existem muitos cristãos que inventaram seu próprio Deus [...] não tô falando desse Evangelho paralelo [...] de um Deus punitivo...que adora nos colocar no inferno...que tem enorme satisfação em nos humilhar pelo nosso pecado [...] (Melo, 2020 – excerto 66).

No excerto acima, o enunciador/narrador apresenta um Evangelho oponente ao verdadeiro. Esse Evangelho seria construído também por cristãos, mas sem conferir ao que Cristo de fato pregou.

Figura 54 – *Frame da Missa dominical – Pe. Fábio de Melo*



Fonte: < <https://youtu.be/6KJcjL7h0iY> > - com acesso em setembro de 2021.

A figura 54, capa do vídeo, presentifica-se o simulacro de um sujeito judicativo de ação cognitiva que reflete sobre o tema relacionamentos, instalado em seu campo de presença. Nesse simulacro de si sobre o sujeito-destinador, possui espacialidade aberta, aspectualidade

imperfectiva, cujo efeito visual sugere que os elementos constitutivos transbordam do quadro. Podemos observar na figura a ocorrência da hipérbole, uma superlatividade das figuras, um sobrecarregamento da cobertura espacial. Para Lausberg (1967, p. 158), “a hipérbole pura é um sobrepujamento gradual do *verbum proprium et univocum* para além da credibilidade [...] especialmente aplicada às categorias espaciais” (Lausberg, 1967, p. 158). A hipérbole é da ordem do mais...mais, figurativizada com os raios de luz oriundo do Espírito Santo localizado atrás da figura do padre. Os anjos nos ares em volta do altar com as cores douradas dignificam o sacerdote que prega a Palavra de Deus. Toda essa figurativização convida o sujeito de estado (enunciatário) para uma parada com estilo concessivo de aceleração ascendente, de acento eufórico, cuja parada é para uma contemplação ao tema filosófico-religioso-católico, figurativizado na espacialidade, intensificada pela batina do enunciatário.

A percepção sensível é de um sujeito da ação ligado às questões filosóficas-cristãs de relacionamentos, cuja aspectualização é do perverso, de andamento durativo e lento/desacelerado, pois trabalha dentro do previsível, programado e esperado.

Quanto ao discurso proferido, as modalidades veridictórias articulam-se em categoria *modal parecer vs ser*, pois no discurso enunciado ser um bom amigo/cônjuge/cristão, parte do parecer, pois faz-se necessário que outro (o amigo, o cônjuge e Deus), em seu fazer interpretativo, diga se parece ou não parece sê-lo, ao observar a manifestação das qualidades e defeitos. Na dinâmica veridictória, na articulação PARECER vs. SER, a dinâmica é continuidade/abertura/aceleração, e segue a lógica: se parece e é, então é verdadeiro de estilo implicativo, pois é concessivo. Se não parece e não é, então é falso de estilo implicativo.

No caso do discurso enunciado, não se rechaça porque tem defeitos, mas porque não se apresenta os defeitos, na expectativa de um ajuste entre os pares para que haja uma continuidade da relação.

Forias: SER *versus* PARECER

AMIZADE *versus* NÃO-AMIZADE

CASAMENTO *versus* SOLTEIRO

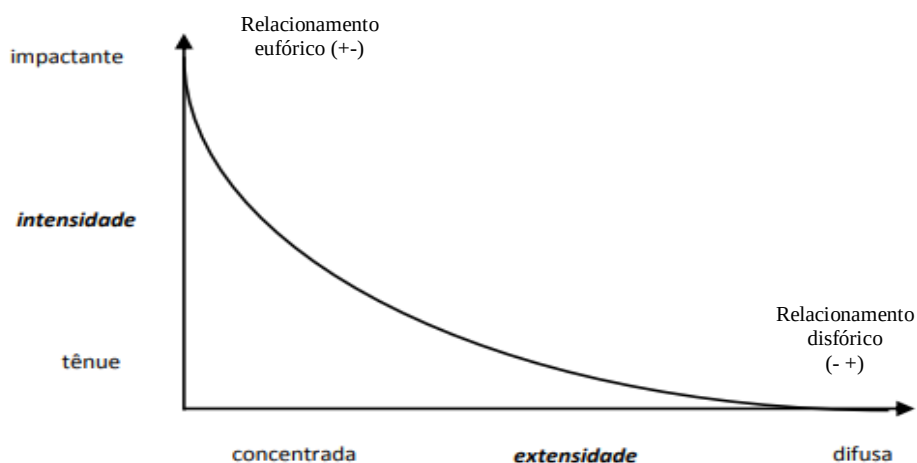
CONEXÃO com Deus *versus* NÃO- CONEXÃO com Deus.

A partir de excertos do discurso analisado, disponibilizamos na tabela a seguir as forias do vídeo “Missa Dominical com padre Fábio de Melo”, sendo eufórico o que o destinador considera sagrado (ser (verdade), amizade, casamento, amigo de Deus) e disfórico o que o destinador considera profano (parecer (mentira), não-amizade, separação, não-amigo de Deus).

Forias de <i>Missa Dominical com padre Fábio de Melo</i>		
Excerto		Forias
65	[...] você não vem aqui e fala... olha Senhor como eu sou uma pessoa maravilhosa no início da missa...não... a eucaristia é uma festa...que começa convidando a contar os seus defeitos [...] (Melo, 2020). [...] muitos lugares você precisa mentir...para ser aceito... inventa qualidades ...para ser aceito...na eucaristia não [...] (Melo, 2020).	SER (verdade) <i>versus</i> PARECER (mentira)
61	[...] a gente prova que aquela amizade já se estremeceu...o outro errou...o outro fez tudo errado...e você o abraçou...e você se reconciliou com ele...porque você já percebeu...que a junção de qualidades e defeitos ...é agradável...é bonita...ninguém é bonito só porque tem encantamentos...não...por incrível que pareça...nos avessos...de quem a gente é...até mesmo nas nossas fragilidades...nos tornamos atraentes [...] (Melo, 2020).	AMIZADE <i>versus</i> NÃO-AMIZADE
64	[...] com dificuldade de mudar de fase...então se separam por isso...quando na verdade...aí vão tentar construir tudo isso com uma outra pessoa [...] (Melo, 2020).	CASAMENTO <i>versus</i> SEPARAÇÃO
65	[...] a festa só começa depois que a gente olha nos donos do lar...nos donos da casa...no dono da mesa...e contamos a Ele todos os nossos defeitos...e sorrindo Ele nos perdoa e nos diz...não tem problema...este lugar é preparado para quem tem pecados [...] (Melo, 2020).	AMIGO DE DEUS <i>versus</i> NÃO-AMIGO DE DEUS

Tabela 17 – Forias de “Missa Dominical com padre Fábio de Melo”.

A partir das forias encontradas em “Missa Dominical com padre Fábio de Melo” na tabela 17, disponibilizamos a seguir, o gráfico de correlação inversa considerando as forias eufóricas como valores de absoluto, abscissa de intensidade, e as forias disfóricas como valores de universo, abscissa de extensidade:

Correlação inversa de *Missa Dominical com padre Fábio de Melo*Gráfico 13 - Correlação inversa de *Missa Dominical com padre Fábio de Melo* (Com base no modelo de Zilberberg 2006, p. 216).

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoração”. Quanto mais concentrado e intenso e menos difuso= possibilidade de ventura no relacionamento de amizade,

no casamento e/ou com Deus. E quanto menos concentrado e intenso e mais difuso= desventura no relacionamento.

Tipologias dos argumentos retóricos de *Missa Dominical* com Padre Fábio de Melo

Logo no início do excerto 60 é utilizado o *argumento de reciprocidade*, pois o sujeito agente surge visando aplicar o mesmo tratamento que ocorreria entre amigo, ao tratamento dele com o sujeito destinatário.

O *argumento do antimodelo*, surge quando apresenta ao sujeito paciente um suposto falso Evangelho, que consiste em uma interpretação exegética equivocada que pune “[que] inventaram seu próprio Deus [...] um Deus punitivo...que adora nos colocar no inferno...que tem enorme satisfação em nos humilhar pelo nosso pecado...ou então subjugar as culpas de coisas terríveis a vida inteira [...] (Melo, 2020 – excerto 66).

Para validar a existência do antimodelo cristão apresenta o que seria o verdadeiro Evangelho, utilizando o *argumento pelo modelo*:

[...] estou falando de Deus revelado em Jesus...esse Jesus que foi revolucionário no seu tempo...justamente porque disse que Deus prefere os piores...que o banquete é para quem tem fome...que a festa belíssima. [...] é feita para os que não foram convidados [...] um grande banquete...preparado pra vocês[...] é a feliz oportunidade em que você tem de contar...quem você é...o que você fez de errado[...] (Melo, 2020 – excerto 67).

O *argumento de comparação*, no qual coteja dois objetos, o jogo (videogame) e o casamento, sendo os dois constituídos por fases. A mudança de fase é a evolução do jogo, assim como ocorre no casamento, cujo amadurecimento da relação (sair do encantamento e ir para fase da amizade) seria uma fase mais elevada, como confere a fala do sujeito agente/destinador em: “[...] e eu vejo muitos casais diante desse conflito...não sabem passar de fase...da mesma forma como seu filho joga videogame... e ele precisa passar de fase...pra não desistir do jogo...não é justo perder naquela fase...e não tentar [...]” (Melo, 2020 – excerto 64).

Podemos citar também o uso do *argumento do ser perfeito* como modelo, pois Jesus, enquanto figura humana, foi descrito pelo sujeito agente/judicativo como aquele que exige verdade e perdoa pecados, como assinala o excerto “Ele nos perdoa e nos diz...não tem problema...este lugar é preparado para quem tem pecados [...]” (Melo, 2020 – excerto 65).

***Missa Dominical* com Padre Fábio de Melo**

Nesta análise pudemos perceber um discurso elaborado previamente, baseado no discurso fundador da fé cristã. No discurso encontramos a recorrência de estilo intimista, tom calmo e

amigo, inclusive este último explicitado pelo narrador. A informalidade ficou na fala, mas não na figuração do espaço, composto por uma configuração da práxis católica, com o rito da missa.

A improvisação na filmagem surge, mas pouco perceptível, pois o que chama mais atenção nesta vez é a figurativização do cenário, pomposo e fortemente marcado com figuras representativas da fé católica. A figura tropológica hipérbole salta aos olhos ao observarmos a batina do narrador, as figuras angelicais à sua volta que intensificam a sacralidade do espaço.

O ator da enunciação tem no texto-enunciado, um discurso que progride para a orientação eufórica, fundamentada no discurso fundador da fé cristã. Calmo, amigo, de estilo implicativo, desacelerado, de inaccento eufórico. A aspectualização é de continuidade durativa.

O discurso abordou o tema relacionamento de maneira ampla, incluindo amizade, casamento e relacionamento com Deus. Para concatenar seus argumentos construiu uma figurativização em que um falso Evangelho estaria pregando um deus que não perdoa, enquanto o Deus que ele anunciava era o Deus do perdão, que tinha/tem como exigência a verdade. O ser e parecer surgem como incompatíveis, sendo necessária evidenciar as qualidades, que aparecem primeiro e fica na fase do encantamento, e os defeitos que aparece apenas numa segunda fase, como um jogo de videogame, em que muitos casais, figurativizados na fala do narrador não estaria conseguindo ter êxito e por isso se separavam e embarcavam enfadonhamente em uma nova relação.

4.2.4 O *ethos* do ator da enunciação “Palavra Essencial – Espiritualidade a partir dos relacionamentos”

Recortamos o trecho do início do vídeo até o tempo de quatro minutos e quarenta e seis segundos (4’:46’’), que corresponde ao total da mensagem. O vídeo foi postado no *website* < <https://youtu.be/nY6EcMVI68k> > em 30 de maio de 2021 com acesso em setembro de 2021.

Estruturas semionarrativas e tensivas

EXÓRDIO

Excerto 68 – cena enunciativa 1.b

Todo relacionamento é uma fonte importante de vida espiritual... eu sei que não estamos muito acostumados a pensar sobre isso...é mais fácil a gente falar de vida espiritual a partir de uma relação que nós estabelecemos com Deus...sim...mas nós não podemos nos esquecer que a relação com Deus nos ensina e nos sugere a estabelecer relações humanas [...] (Melo, 2021).

A partir da leitura do exórdio da mensagem podemos observar a axiologia Profano (carnalidade) (disfórico) *versus* Sagrado (espiritualidade) (eufórico), como enunciado elementar da sintaxe narrativa. É estabelecido um percurso no texto entre os termos: Relação

humana (disfórico) *versus* relação com Deus (eufórico), encontrada no primeiro excerto. O percurso é:

1- Relação espiritual -----	não-relação espiritual-----	relação espiritual
(Divina)	(Divina)	(Divina e humana)
(Disfórico)	(não-disfórico)	(Eufórico)

A não-relação espiritual Divina, negação da relação espiritual Divina, aparece no discurso quando o sujeito cognitivo estabelece espiritualidade como relação Dina e humana, como consta no excerto 68: Todo relacionamento é uma fonte importante de vida espiritual... eu sei que não estamos muito acostumados a pensar sobre isso...é mais fácil a gente falar de vida espiritual a partir de uma relação que nós estabelecemos com Deus...sim...mas nós não podemos nos esquecer que a relação com Deus nos ensina e nos sugere a estabelecer relações humanas [...] (Melo, 2021).

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores. No programa narrativo, há o uso da persuasão com um dever-querer-saber proposto pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um querer-saber para obter o objeto-valor saúde integral. O sujeito do fazer e destinador (padre) compartilha o objeto-modal de valor cognitivo com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os.

O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo dever-saber sobre o destinatário a partir da sedução, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*. O objeto-modal consiste em saber-fazer oração direcionada ao Arqui-Destinador Divino e aplicar nos relacionamentos humanos.

No nível discursivo, na instância de enunciação, na categoria de pessoa, estabelece-se um “eu” enunciador e um “tu” enunciatário. O enunciador projeta-se no interior do enunciado e assume um simulacro de narrador, instância de primeiro grau e organiza seus argumentos/provas com um estilo intimista e informal, o cenário desta vez é figurativizado por uma sala de estar, um ambiente de sua intimidade, compartilhado com o destinatário/narratário validando o efeito de sentido de subjetividade instaurado no texto-enunciado.

Na sintaxe discursiva, há na instauração de pessoa, espaço e tempo um *eu/aqui/agora* projetado no enunciado pela debreagem enunciativa, assumida por um narrador (enunciador projeta-se no discurso) e um narratário pressuposto. Como exemplo das marcas de debreagem enunciativa podemos citar o excerto 68: “**eu sei** que não **estamos** muito acostumados a pensar

sobre isso” (Melo, 2021). Nesse excerto 68, há o uso do pronome pessoal do caso reto “eu”, o verbo “sei” (ser) e o verbo “estamos” no tempo presente do indicativo, certificam a debreagem.

Para concatenação dos argumentos/provas, o narrador estabelece um discurso figurativizado por um momento de conversa entre amigos em que o narrador está no seu turno de fala. No primeiro excerto (69), tece uma reflexão sobre espiritualidade a partir dos relacionamentos humanos, e lança a noção de oração como um momento de enfrentamento (oração=enfrentamento). Esse enfrentamento com Deus seria quanto a assuntos relacionados ao próprio narratário que após expor seus anseios teria que ouvir a voz de Deus constituída de orientações para resolução de questões de relacionamento humano, como pode ser constatado no excerto a seguir:

[...] toda a oração é uma espécie de enfrentamento...eu coloco a minha realidade diante de Deus e tento ouvir o que Ele tem a me dizer sobre aquilo...mas [...] do enfrentamento que a oração nos permite...deverão nascer os enfrentamentos com as pessoas que estão fazendo parte na nossa vida emocional [...] (Melo, 2021 – excerto 69).

Na sequência o narrador elenca hipoteticamente três exemplos de relacionamentos passíveis de enfrentamentos: relacionamentos doentios, vínculos não saudáveis, vínculos que atrapalham a espiritualidade. O narrador orienta seu narratário sobre quem enfrentar: pessoas de convívio diário.

O narratário, revestido de uma nova postura comportamental, um reposicionamento, teria de tecer perguntas para si mesmo, a fim de julgar a presença de tais pessoas na sua vida. As perguntas sugeridas pelo narrador são: 1) qual é o papel dessas pessoas na minha vida?; 2) Essas pessoas estão favoráveis ao meu crescimento espiritual, à minha evolução humana ou estão sendo obstáculo?; 3) O que precisa ser dito? A partir das perguntas feitas a si mesmo, o narrador orienta que o narratário precisa também ouvir o que precisa ser ouvido, referindo-se às queixas da outra parte (Melo, 2021 – excerto 71).

No excerto 72, vincula a saúde integral ao sucesso nas relações com Deus e com as pessoas, considerando como coisas indissociáveis, mas delimita essas pessoas intitulando-as como “*amigos*”, e “*família*”. No excerto 69, já tinha mencionado quem seriam essas pessoas “*com as pessoas que estão fazendo parte na nossa vida emocional*”, e no excerto 73 complementa como “*quem estiver ao nosso lado*”. O narrador classifica essas ações como “um crescimento espiritual com as pessoas que estão ao meu lado” (Melo, 2021 – excerto 72).

No excerto 73, o narrador apresenta a ação sugerida como “um caminho que nós trilhamos o tempo todo. O narrador, como já vimos nas demais análises não utiliza versículos bíblicos para pautar-se no cristianismo, todavia deixa marcas no enunciado que possibilitam perceber

sua inscrição cristã, como no trecho “[...] porque tudo sopra sopra dentro de nós...mas também...sopra desânimo...sopra pessimismo [...]” (Melo, 2021 – excerto 73). Podemos entender que, se no corpo do cristão habita o Espírito Santo, na condição de estar cumprindo as orientações do discurso fundador (Bíblia Sagrada), no corpo de quem não está em conjunção com o cristianismo tem algo que habita nele. Esse algo seria o que sugere o narrador: “sopra desânimo...sopra pessimismo” (Melo, 2021 – excerto 73), assim teríamos, por exemplo, a axiologia: cristã praticante (habitado pelo Espírito Santo) *versus* cristão oprimido (habitado pelo desânimo pessimismo). Se habita o Espírito Santo, as emoções estão harmônicas e bem administradas (perfil patêmico), enquanto no cristão oprimido, não praticante, tem prevalência de seu perfil patêmico e sofre as pressões do mundo.

O texto-enunciado é concluído com novas perguntas a fim de que o narratário reveja os seus vínculos: 1) O que esses vínculos sopram dentro de você? 2) Eles lhe encorajam? Eles lhe fazem chegar ao melhor de si? 3) Esses vínculos, mediante a uma prática, muitas vezes desonesta, reificam-lhe, paralisam-lhe naquele pouco que você já achou de você? (Melo, 2021 – Excerto 74).

Sobre esse último trecho tecemos as seguintes interpretações analíticas: O narrador realiza perguntas de provocação, sugerindo um perfil disfórico a Deus, que poderia estar atuante na vida do cristão, para que numa autoavaliação o cristão desvele sua própria condição, se praticante ou oprimido (ref. pergunta 1 – 74). A pergunta dois sugere uma *performance* que deve ser realizada e o narratário deve avaliar como está a *performance* dele enquanto cristão (ref. pergunta 2 – 74). A pergunta de número três é a mais provocativa, pois convida o narratário a perceber se devido às coisas do mundo, transformou-se em sujeito-coisa, que quer dizer, em uma interpretação a partir do sentido de “reificar”, alguém que perdeu seus valores cristãos. Esse sentido é conferido com a fala do narrador: “[...] mediante a uma prática, muitas vezes desonesta, [...] paralisam-lhe naquele pouco que você já achou de você” (ref. pergunta 3 – 74). Esse pouco, seguindo o sentido de reificar=coisa, já seriam resultados desse sujeito-coisa (práticas disfórica). Conferimos o sentido de “reificar” no Dicionário Houaiss on-line como “transformar em coisa, dar o caráter de coisa” (Reificar, 2024). O mesmo dicionário orienta quanto ao uso do termo no caráter de heróis e anti-heróis na cultura popular e exemplifica com o enunciado “o sistema capitalista reifica o homem” (Reificar, 2024).

Figura 55 – Capa do vídeo “Espiritualidade a partir dos relacionamentos”.



Fonte: <<https://youtu.be/nY6EcMVl68k>> Acesso em 19/01/2024

A figura 55, capa do vídeo, presentifica-se o simulacro de um sujeito judicativo de ação cognitiva que reflete sobre o tema espiritualidade a partir dos relacionamentos, instalado em seu campo de presença. Nesse simulacro de si sobre o sujeito de estado, a figura do narrador possui espacialidade aberta, que amplia a parte superior e gera efeito de aproximação. A aspectualidade é imperfectiva de andamento acelerado.

A cor pastel, clara e suave, cuja composição possui o branco como predominante, o termo em inglês “blessed” (abençoado) estampado na altura do peito do sujeito-destinador, figurativizam um estado sublime de um sujeito conectado com o espiritual.

O dedo indicador do sujeito-destinador apontado para o título do vídeo orienta o destinatário a acessar o vídeo. As letras grandes da expressão “Palavra essencial”, em caixa alta, conferem uma expressão hiperbólica (uso de hipérbole), e promove a ilusão de intensificação do sentido. Seu nome, logo abaixo, “Pe. Fábio de Melo” de “Palavra essencial” é marca identitária de “padre”, figurativizado como sujeito de sujeito-destinador-mensageiro da Palavra de Deus. O tema, mais abaixo, aparece entre aspas “Espiritualidade a partir de relacionamentos”.

Figura 56 – Cenário do texto-enunciado 3.2.4



A figura 56 apresenta a figurativização do cenário, composto por elementos constitutivos de uma sala de estar. A camiseta com o termo “blessed”, que significa “abençoado” escrita com caixa alta (letras maiúsculas), figurativiza uma linguagem hiperbólica, sugere uma marca identitária de “homem de Deus, por isso abençoado”. De barba, cabelo com penteado (ou despenteado) jovial confere a figura de um padre jovem. Atrás da figura do padre, um sofá na cor branca, um vaso com flores também brancas e o tom pastel promovem a ilusão figurativa de um ambiente sagrado.

Quanto ao enquadramento, *frame* (figura 56) a espacialidade é aberta, a figura do padre transborda o quadro, por isso a aspectualidade é imperfectiva de andamento acelerado.

Fonte: <<https://youtu.be/nY6EcMVI68k>>

Acesso em 19/01/2024

No texto-enunciado, o sujeito-destinador, orientado pelo Arqui-destinador, replica ao sujeito paciente uma programação. O sujeito-destinatário é um sujeito sensível impactado pelos conflitos relacionais, posicionado em um programa onde exerce o papel de sujeito do sofrer, impactado pelas coisas do mundo. O sujeito-destinador publica o vídeo no Canal do *YouTube* com objeto-modal cognitivo para resolução de conflitos relacionais. O sujeito-destinatário, assiste ao vídeo e de posse do objeto-modal, modaliza-se em uma reprogramação de percurso. O sujeito paciente modalizado, posiciona-se e torna-se sujeito judicativo. Como sujeito judicativo revestido de nova postura frente às coisas do mundo, julga os outros sujeitos à sua volta. A nova programação consiste em fazer oração direcionada ao Arqui-Destinador Divino, ouve as orientações e aplica no seu dia a dia, a partir de ação reflexiva, pois realiza perguntas a si mesmo e obtém o objeto-valor que é a saúde integral.

Observamos no início do excerto 70, o uso de *anáfora verbal*: “*rezam, rezam, rezam*”, para enfatizar o hábito hipotético que o sujeito-destinador teria ao orar e não agir, não buscar soluções efetivas.

É possível apreender a foria do texto-enunciado:

ESPÍRITO SANTO *versus* DESÂNIMO/PESSIMISMO

SANTIDADE *versus* CARNALIDADE

SUPERAÇÃO *versus* FRACASSO (NAS RELAÇÕES)

HARMONIA *versus* CONFLITO.

A partir de excertos de “Palavra Essencial: Espiritualidade a partir dos relacionamentos” organizamos forias eufóricas para os valores sagrados e forias disfóricas para os valores profanos organizados na tabela a seguir:

Excerto		Forias (axiologia fundamental: Sagrado <i>versus</i> Profano)
73	[...] tudo é espiritual ... porque tudo sopra sopra dentro de nós...mas também...sopra desânimo...sopra pessimismo [...](Melo, 2021 – excerto 73).	ESPÍRITO SANTO <i>versus</i> DESÂNIMO/PESSIMISMO
74	[...] reveja os seus vínculos...o que esses vínculos sopram dentro de você?...eles lhe encorajam?...eles lhe fazem chegar ao melhor de si...ou eles...mediante a uma prática muitas vezes desonesta ... lhe reificam ...lhe paralisam ...naquele pouco que você já achou de você? [...] (Melo, 2021 – excerto 74)	SANTIDADE <i>versus</i> CARNALIDADE
70	[...] às vezes eu encontro pessoas que rezam rezam rezam...mas estão sempre infelizes...insatisfeitas ...é porque está faltando oração?...não...é que está faltando o segundo passo da oração ...que é mudar muitas vezes a regra do jogo...reposicionar as pessoas (Melo, 2021 – excerto 70)	SUPERAÇÃO <i>versus</i> FRACASSO (NAS RELAÇÕES)
69	[...] o mal-estar emocional é causado por relacionamentos doentios...vínculos que não são saudáveis ...e que estão influenciando na saúde da minha espiritualidade [...] (Melo, 2021).	HARMONIA <i>versus</i> CONFLITO
73	não é um momento isolado da nossa vida ...não...se você quiser...tudo é espiritual (Melo, 2021 – excerto 73)	INTERAÇÃO <i>versus</i> ISOLAMENTO

Tabela 18 – Forias de *Palavra Essencial: Espiritualidade a partir dos relacionamentos*.

A partir das forias organizadas na tabela 18, disponibilizamos a seguir o gráfico de correlação inversa de “Palavra Essencial: Espiritualidade a partir dos relacionamentos” no qual os valores eufóricos estão na abscissa de intensidade, valor de absoluto, enquanto na abscissa de extensidade, valor de universo, estão os valores disfóricos.

Correlação inversa de Palavra Essencial: Espiritualidade a partir dos relacionamentos

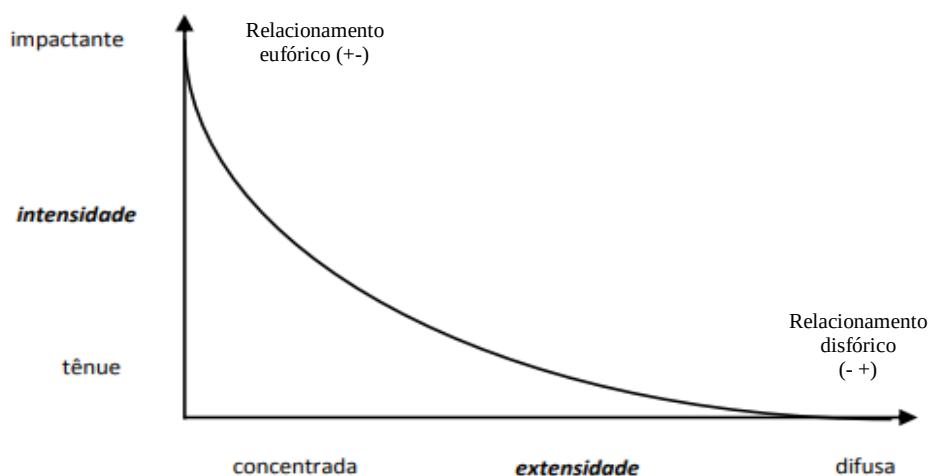


Gráfico 14 – Correlação inversa de Palavra Essencial: Espiritualidade a partir dos relacionamentos (Com base no modelo de Zilberberg - 2006, p. 216)

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoração”. Quanto mais concentrado/impactante e menos difuso = maior probabilidade de ventura no relacionamento (Com Deus/familiares /pessoas próximas). E quanto menos concentrado e intenso, e mais difuso = desventura no relacionamento.

Tipologias dos argumentos retóricos de Palavra Essencial – Espiritualidade a partir dos relacionamentos

Ao organizar em perguntas e respostas em seu discurso, o sujeito agente utiliza as *ligações que fundamentam a estrutura do real*, pois cria *situações hipotéticas, com base empírica*, representativas de um sujeito paciente que estaria vivendo relacionamentos fracassados e conflituosos, que geram efeito de verdade.

Dentro do argumento da estrutura do real, há o *argumento da direção*. O sujeito destinador dá a direção que julga correta em detrimento a posicionamentos disfóricos que o sujeito paciente tenha tomado, sugerindo no último excerto até mesmo um caminho da frieza humana ao ponto de se tornar sujeito-coisa.

Pela sequência das perguntas sugeridas pelo sujeito destinador, o sujeito destinatário assumiria uma nova programação, revendo seus atos e se reconciliando com o sagrado e com quem estivesse à sua volta. Desse modo, esse final questionador no discurso, apresenta mais um argumento, o argumento da pessoa e seus atos, pois intima o sujeito destinador a uma avaliação de si para rever suas atitudes para se alinhar, digamos assim, no que o discurso fundador apregoa.

Palavra Essencial – Espiritualidade a partir dos relacionamentos

Com a última análise percebemos um discurso elaborado previamente, baseado no discurso fundador da fé cristã, que orienta a prática de oração e um aprofundamento na relação com o divino e aplicação das orientações dadas por Deus na prática de relacionar-se.

Um *ethos* jovem e despojado foi desvendado pelas marcas deixadas nas manifestações do corpo retilíneo e cuidadoso. A improvisação dos vídeos trouxe à tona um sujeito pouco afeito a formalizações. O discurso, previamente preparado, não acompanha em nenhuma das análises a Bíblia Sagrada como elemento figurativo, muito presente no ator da cena enunciativa 1. As marcas identitárias são de um jovem pregador, católico, que adota um estilo amigável e sincero cujo tema de preferência é relacionamentos, com fala intimista e comedida deixando para o último parágrafo de sua mensagem uma cobrança mais incisiva sobre uma postura moralmente correta pregada pelo cristianismo.

Não lançou mão de muitos argumentos, provavelmente pelo tempo de duração da mensagem, mas organizou perguntas provocativas para aplicação no cotidiano da vida do enunciatário que deixou uma estrutura de organização plausível. O argumento baseado na estrutura do real se faz na própria figura do ator presentificada na figura de um padre, que consequentemente torna-se argumento de autoridade e pelo modelo, pois prega o cristianismo, presume-se que o viva também. Novamente não encontramos traços de humor, mas uma confirmação de um ator da enunciação de tom amigável, calmo, filosófico, de estilo implicativo, desacelerado, de inaccento eufórico e aspectualização de continuidade durativa.

CAPÍTULO V

DISCURSIVIZAÇÃO DO CORPO CRISTÃO MIDIÁTICO-DIGITAL DA CENA ENUNCIATIVA 2

Este capítulo está organizado em duas partes, na primeira parte encontram-se as análises da cena enunciativa 2, e na segunda parte a “Tipologia midiático-digital: Da origem à proposta” com a sintaxe da mestiçagem, “Recorrência de traços dos *ethé* discursivos” e considerações finais.

As análises da cena enunciativa 2 estão organizadas em 2.a e 2.b, devido a cena ser composta por dois enunciadores (enunciador - A e enunciador - B). Para melhor organização da tese, a cena enunciativa 1 está disponível no capítulo IV.

As transcrições dos trechos das pregações selecionadas para fins de análise, assim como as do capítulo III, foram realizadas segundo normas previstas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) e das orientações de Dino Preti (2010), disponíveis nos anexos desta tese. A metodologia de análise será realizada como indicado na introdução.

Assim como dito no capítulo IV, consideramos a popularidade na plataforma *YouTube*, visualizações e inscritos nos canais como critério para seleção do corpus. Selecionamos três vídeos de pregações de cada um dos dois enunciadores, para assim termos uma amostra representativa da totalidade discursiva de cada ator.

Iniciamos com a apreensão do *ethos* do enunciador a partir das declarações divulgadas nas redes sociais somadas ao que depreendemos da página do perfil do Canal do *YouTube* de cada enunciador. A página do perfil do Canal do enunciador é como a sala de visita, disponível para aquele que deseja conhecer o simulacro do produtor dos vídeos do Canal. Desse modo, o enunciador deixa suas marcas que incluem o nome do Canal, recursos visuais, a imagem do banner (parte superior mais evidente), a foto do perfil e acesso a outras páginas relacionadas a eles, por meio dos *hiperlinks*⁷⁵. Nos *frames* selecionados, na ocasião, havia a divulgação da última publicação do Canal. De quando em quando as páginas são atualizadas modificando suas

⁷⁵ *Hiperlink* é um tipo de elemento presente em documentos eletrônicos (páginas da *Web*, *e-mails*, documentos de texto digital, etc.) que se refere a um documento diferente, uma parte específica do mesmo documento ou outro recurso de qualquer natureza, como pesquisas on-line, mecanismos de compra, assinaturas, etc. Os hiperlinks consiste, portanto, na possibilidade de “saltar” de um texto para outro, de uma informação para outra, seguindo o fio de associação dos interesses do usuário, e não uma lógica linear e sucessiva como ocorre na cultura tradicional. Este tipo de associação é fundamental no funcionamento da *World Wide Web*, uma vez que um hiperlink, juntamente com um protocolo de acesso a uma rede de dados estabelecida, permite “visitar” os diferentes recursos disponíveis on-line, quer para os ver, quer para descarregar (Disponível em: <https://conceitosdomundo.pt/hiperlink/> - Acesso em 11/01/2024).

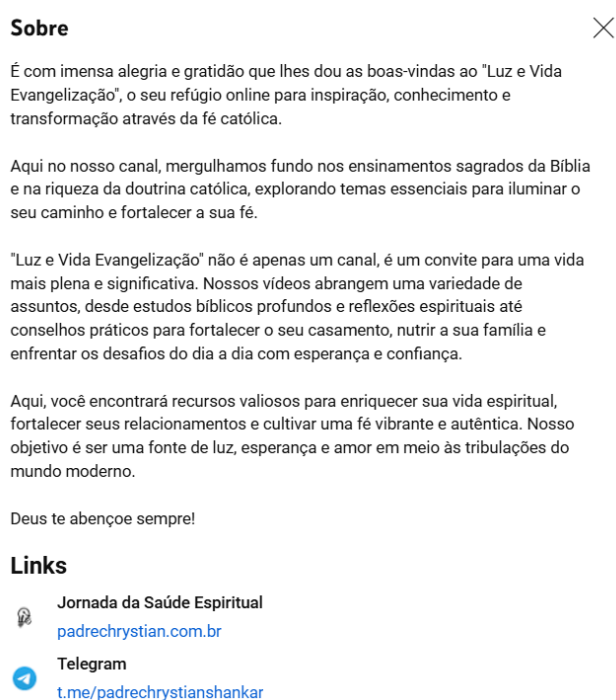
informações, por isso é necessário informar que os *frames* selecionados das páginas foram realizados de 2020 a 2022.

5. O *ETHOS* DO ENUNCIADOR DA CENA ENUNCIATIVA 2.A

Este item apresenta as informações disponíveis no Canal do enunciador da cena enunciativa 2.A, ficando reservado o item 5.1 para análise das estruturas semionarrativas e tensivas.

Ao acessar o *website* <https://www.youtube.com.br/@PadreChrystianShankar> em 17/10/2022, encontramos informações sobre o enunciador, o qual constrói uma imagem de si a partir dos valores estabelecidos como eufóricos na fé cristã. Ao acessar o *hiperlink* disponível na página do perfil do Canal do *YouTube*, o enunciatário obterá tais informações disponíveis no *site*. Trilhamos o caminho do enunciatário e registramos as informações. Ao retornar ao *site* em outro momento para *print* de tela, o site já fornecia outras informações, as quais são de cunho mais coletivo. As informações coletadas inicialmente, na verdade, foram realocadas para um *site* que aparece em um *link*, ao lado de um link do ⁷⁶Telegram, cujo *website* é <https://padrechrystian.com.br>, no qual são comercializados cursos. Sendo assim, vamos apresentar o que foi coletado na última pesquisa, realizada em 24 de julho de 2024.

Figura 57 – Hiperlink “Sobre” do Canal LuzeVidaPadreChrystianShankar



⁷⁶ O Telegram é um serviço de mensagens instantâneas baseado na nuvem (Fonte: Google.com (Este conteúdo vem do Mapa de informações, o acervo do Google de informações sobre pessoas, lugares e itens variados) – Acesso em 24/07/2024.

Fonte: <https://www.youtube.com.br/LuzeVida@PadreChrystianShankar> – Acesso em 24/07/2024.

Na figura 57, o enunciador constrói uma voz institucional, o ator da enunciação não é a figura do Padre Chrystian Shankar, mas sim a voz da instituição Luz e Vida + Padre Chrystian Shankar. Inicia o discurso enunciado em linguagem verbal escrita: “É com imensa alegria e gratidão que **lhes dou** as boas-vindas ao “Luz e Vida evangelização”, o seu refúgio *online* para inspiração, conhecimento e transformação através da fé católica”. Nesse excerto, conforme consta na figura 57, o narrador, projetado no discurso em instância de primeiro grau, utilizando a primeira pessoa do discurso, para dirigir-se ao enunciatário (narratário) dando-lhe boas-vindas como no excerto “que **lhes dou** as boas-vindas”. No próximo parágrafo com o seguinte excerto: “Aqui no nosso canal, mergulhamos fundo nos ensinamentos da Bíblia e na riqueza da doutrina católica [...]”. Nesse trecho do texto-enunciado, o narrador utiliza a pessoa ampliada do “eu”, ou seja, utiliza o “nós”, cuja figurativização é criar um efeito de instituição Luz e Vida + Padre Chrystian Shankar, como é proposto no nome do canal.

Logo abaixo das “boas-vindas”, há dois *links* de acesso, um acesso ao *website* <https://padrechrystian.com.br> e outro para acesso ao Telegram (similar ao WhatsApp). Acessamos o *website* e encontramos as seguintes informações da figura a seguir:

Figura 58 – Página de apresentação do enunciador no site Padre Chrystian.



Fonte: <https://padrechrystian.com.br> – acesso em 24/07/2024.

Na figura 58, com cor preta de fundo, destaca-se o texto-enunciado verbal escrito, bem como a figura do padre com roupa preta, mais social, usa terno inerente à atividade de padre. O terço na mão e a Bíblia aberta nas mãos, reforçam a identidade religiosa católica. O amarelo, ao fundo contrastando com o preto deixam sua figura mais evidente, pois chama a atenção a cor viva do amarelo. O amarelo também contribui com o destaque da biografia, que juntamente

com a figura do pastor ao lado, constrói a imagem que se deseja, uma imagem de si sobre o outro. A biografia descrita na figura 58 é a mesma que havíamos encontrado na primeira pesquisa, informações agora realocadas para um *site* voltado a um contato entre o enunciador e o enunciatário, desvinculado do nome “Luz e Vida”, pois na figura acima a o enunciado “Conheça o Padre Chrystian Shankar”. Como na primeira pesquisa realizada no site, encontramos informações de que o enunciador é natural de Taubaté – MG, entrou para o Seminário Propedêutico da Diocese de Divinópolis em 1998, cursou Filosofia no Seminário Arquidiocesano de Mariana e Teologia no Instituto Dom João Resende Costa na PUC em Belo Horizonte e que foi ordenado sacerdote em 27 de agosto de 2005, por imposição das mãos do bispo diocesano, Dom José Belvino do Nascimento. O *site* ainda informa uma outra formação do enunciador, especialista em Inteligência Emocional, escritor palestrante com realização de palestras por todo o Brasil. O *site* apresenta dois espaços para que o enunciatário clique, “Quero me inscrever” e “Começar a jornada”:

Figura 59 – Recorte da figura 58 (1)



Figura 60 – Recorte da figura 58 (2)



Fonte: <https://padrechrystian.com.br> – acesso em 24/07/2024.

A figura 59 está do lado esquerdo da figura do padre, e a figura 60 consta no canto inferior direito da figura do padre, em cor amarela, como um alerta, o que figurativiza uma estratégia enunciativa para manipular o enunciatário. Na figura 59 há um enunciado construído com o verbo “quero” + o pronome oblíquo “me” + o verbo “inscrever”. O verbo “quero”, debreado em primeira pessoa do discurso, cria um efeito de apagamento da voz de quem enuncia, como se quem estivesse falando fosse aquele que acessou o site. O mesmo ocorre na figura 58 quanto ao apagamento de quem enuncia, ao utilizar o verbo no infinitivo, como uma ação parada no tempo à espera de quem possa clicar e “começar a jornada”. A “jornada” é o acesso às informações de cunho mercadológico que aqui não iremos tratar. O verbo inscrever, na cor amarela, é infinitivo impessoal precedido do pronome oblíquo “me”, indicando que ao clicar o próprio enunciatário, porque quer (verbo “quero”), inscreve-se no Canal por meio de ação reflexiva, ou seja, uma ação sobre si mesmo. Trata-se de marcas do destinador debreado em primeira pessoa (como se quem falasse fosse o enunciatário), pois há um apagamento, intencional do enunciador, cuja intenção é de manipular uma ação.

Na pregação intitulada *O que deve ser evitado no casamento*, com outro recorte analisado na cena enunciativa 2.a, consta um relato do enunciador sobre o processo de formação do projeto que motivou, à posteriori, as publicações de pregações no *YouTube*. Ao relatar o

percurso anterior ao início das postagens de vídeos, o enunciador pretendeu construir uma imagem perante seu público. Tratava-se de um público formado por casais, que buscavam a manutenção da fé por meio do encontro de casais promovido pelo enunciador. Recortamos esse relato do vídeo, disponível no tempo de dois minutos e seis segundos até o tempo de doze minutos e quarenta e cinco segundos (2': 6" até 12': 45"), que está disponível a seguir em uma síntese que produzimos. O trecho na íntegra está nos anexos.

O enunciador relata que seu projeto inicial era de receber uma paróquia, por intermédio de um bispo, e administrar os sacramentos, como batizar as crianças, aconselhar os fiéis e celebrar as missas.

Relata sua trajetória desde sua ordenação a padre na paróquia Nossa Senhora do Carmo do Cajuru, uma paróquia tradicional, perto de Divinópolis, na qual foi seminarista, fez estágio diaconal e vigário do padre Francisco, onde assumiria a paróquia após passarem-se dois anos, indo o padre Francisco embora, momento que enfim se tornaria o pároco da paróquia, no entanto, após eleição, torna-se vigário forâneo, padre que toma conta de uma região em nome do bispo.

Como vigário forâneo, teve a incumbência de escalar padres para a celebração das missas aos domingos na paróquia Nossa Senhora Aparecida por dois meses, novembro e dezembro, até que o bispo enviasse um padre definitivo. Colocou-se também na função de padre na escala que montou para os dois meses estabelecidos, na qual se pôs na missa de Natal e Réveillon, que, segundo relato, foi algo muito bonito.

Esperava que ao chegar dezembro, mês do término da escala que fora incumbido de tratar, fosse para a paróquia Nossa Senhora do Carmo. Todavia, fora surpreendido por um telefonema do bispo chamando-o para uma conversa, na qual fica decidido, pelo bispo Dom José Belvino, de que assumiria definitivo, como pároco em Divinópolis a paróquia Nossa Senhora Aparecida, na qual permaneceu até um ano anterior à gravação do vídeo em que o enunciador realiza o presente relato.

Relata que inicialmente não fora recebido muito bem, pois a igreja esperava o retorno do padre anterior, de antes da escala. Descreve uma paróquia inicialmente sem dinheiro suficiente para as demandas diárias, mas que ao longo de sua administração conseguiu estabilizar a situação.

A busca dessa estabilização financeira da paróquia, segundo o relato, fora o impulso para celebrações cujo tema específico era a família, chamada no relato de missa da família, realizada não aos domingos, mas às quartas-feiras.

Houve uma grande mobilização de toda a igreja, com divulgação por toda a cidade de Divinópolis, sendo a primeira celebração desanimadora, com a presença de apenas quarenta pessoas. Com o tempo tornou-se um grande evento com telões espalhados no ambiente para que todos pudessem acompanhar a pregação.

Com o passar do tempo, os membros da paróquia disseram ao padre que havia pedidos das pregações em dvd, o que surpreendeu o padre que não tinha isso como projeto, orientando os membros a dizerem que não tinha dvd e que seria necessário o comparecimento no dia da pregação.

Um membro da paróquia, responsável pelas filmagens, de maneira espontânea, começou a colocar as gravações em dvd e distribuir para quem desejasse. Então, certo dia esse mesmo membro diz que encomendaram cem dvds, o que despertou o padre para algo, de fato, mais amplo, momento em que nasce o Projeto Luz e Vida, o qual possui um Canal no *YouTube*, de onde selecionamos uma das pregações para esta tese.

Surge em meados de 2006 e 2007, um membro da Canção Nova, um rapaz chamado Tiba, conforme consta em relato do enunciador, o qual comparece a uma missa da família, adquire dvds e leva para a Canção Nova, que após um longo tempo de análise dos mesmos, em meados de 2010, 2011, convida o enunciador para uma participação em um programa do Dunga, que era transmitido pela Canção Nova, momento em que abre portas para convites para pregar em um programa da Canção Nova chamado *Acampamento para Casais*, passando a ficar mais conhecido. A partir de então, começa a receber convites para pregar em congressos.

Os convites o motivaram a buscar uma maior preparação como cursos, estudos sobre a psicologia do casamento, curso com psicólogos, terapias de grupo como terapia de casal, estudos de documentos da igreja sobre casamento, transformando em uma linguagem mais fácil, segundo relato do enunciador. Nasce assim, um outro projeto, o projeto Motivar, um projeto, com o tema casamento em pregações voltadas para empresários, para funcionários, como por exemplo em semanas de Sipat (Semana Interna de Prevenção de Acidentes).

Todo esse relato, figura um cuidado em construir uma imagem de si sobre o enunciatário, a fim de obter adeptos ao seu discurso.

5.1 Página do perfil do Canal Luz e Vida - Padre Chrystian Shankar

Figura 61 - Página do perfil do Canal Luz e Vida - Padre Chrystian Shankar no *YouTube*



Fonte: <https://www.youtube.com.br/LuzeVida@PadreChrystianShankar> Acesso em 17/10/2022.

Estruturas semionarrativas e tensivas

A página do perfil do Canal intitulada Luz e Vida - Padre Chrystian Shankar apresenta a axiologia Sagrado *versus* Profano como enunciado elementar da sintaxe narrativa. São estabelecidos dois percursos no texto entre os termos:

1- Homem comum (disfórico) *versus* padre (eufórico). Essa oposição aparece quando observamos o nome do Canal “*Luz e Vida - Padre Chrystian Shankar*”, pois ao escolher ser padre, nega-se a ser homem comum, pois ao assumir um valor, nega-se outro.

2- Apenas o padre (disfórico) *versus* Padre com Luz e Vida (eufórico). Essa oposição aparece quando o enunciador opta por criar um Canal no *YouTube* vinculado ao seu nome. Pois, ao criar o Canal, nega-se a não parceria. Os percursos são:

1- Homem comum (Profano)-----não-homem-comum-----Padre (Sagrado).
(Disfórico) (não-disfórico) (Eufórico)

2- Apenas padre (Individual)-----não- apenas padre-----Padre e Luz e Vida (Parceria).
(Disfórico) (não-disfórico) (Eufórico)

O não-homem-comum, negação do homem comum, aparece no nome do Canal (padre). E o não – apenas padre aparece na criação de um Canal associado ao nome da comunidade católica Luz e Vida.

No nível das estruturas narrativas, os elementos disfóricos e eufóricos surgem como valores (sagrado *versus* profano/ Homem comum *versus* padre / Apenas o padre *versus* Padre com Luz e Vida). O sujeito do fazer e destinador (Luz e Vida/padre) compartilha seu último trabalho, o objeto-valor (vídeo introdutório sobre a temática da Quaresma de São Miguel 2022) com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo querer-fazer, saber-fazer, poder-fazer e dever-fazer sobre o destinatário a partir da sedução (divulgação vídeo com introdução do tema).

A modalização do destinatário pelo dever-fazer é argumentado pelo destinador com a publicação do vídeo que aparece em posição justaposta às informações sobre o evento divulgado (Solenidade da Assunção de Nossa Senhora). O destinador tem sua argumentação legalizada pelo contrato de fidúcia estabelecido quando o destinatário acessa o Canal do *YouTube*.

No nível discursivo, no canto esquerdo, há a figura do narrador (o enunciador projeta-se no discurso e assume o simulacro de narrador), olhando para frente, usando batina, o que fortalece a inscrição católica. O semblante amigável e o sorriso despojado complementam o sentido de convite a uma parada e mais uma vez reforça o nome do Canal que não é somente da figura do padre, mas também da figura da comunidade Luz e Vida à qual o enunciador se vincula. Também consta juntamente com a imagem sorridente da figura do padre, a quantidade de inscritos, o que credibiliza o mesmo na formação discursiva religiosa-cristã.

A figura do padre, na parte superior (banner do Canal) está centralizada. Os *hiperlinks* do *site* da figura da comunidade Luz e Vida, *Instagram* e *Twitter* são marcas identitárias do enunciador, que divulgam as outras redes sociais, nas quais o enunciador também tem conteúdos publicados.

Mais abaixo, há a divulgação de um vídeo no qual o narrador realiza uma pregação com tema introdutório de uma solenidade para a qual o enunciatário é convidado. Esse vídeo continua em movimento mesmo sem o internauta abri-lo. Devido a quantidade de elementos figurativos, optamos por realizar uma segunda captura de tela.

Figura 62 - Recorte da figura 61 (Página do perfil do Canal – enunciador 2.a).



Fonte: <https://www.youtube.com.br/LuzeVida@PadreChrystianShankar> Acesso em 17/10/2022.

No *frame* acima (figura 62) o corpo da figura do padre é focalizado da altura do peito para cima, o que provoca um transbordamento do quadro de espacialidade aberta, aspectualidade imperfeita, de existência fugaz e andamento acelerado.

Observamos a figura do narrador como um padre vestido de terno, um terno específico para padres, na cor preta, figurativização de seriedade. Sua posição não é centralizada, dando espaço às figuras representativas da fé católica (figuras de Nossa Senhora, uma de cada lado da figura do padre).

Ao fundo, em centralização superior, consta um quadro da Santa Ceia, no qual a figura de Jesus Cristo está centralizada. Cristo com o pão e o vinho prepara a Ceia que figurativiza seu próprio corpo e sangue, ensinando aos apóstolos a repetirem a mesma cena em sua memória. De um dos lados do quadro, a figura de um dos apóstolos aparece com um saco, figurativização do relato bíblico de que Judas era o tesoureiro do ministério de Jesus (Jo 13:29). A figura de Judas está posicionada como se estivesse em movimento, um simulacro que pretende trazer à memória do enunciatário o relato bíblico, no qual Judas Iscariotes recebe trinta moedas para entregar Jesus Cristo aos sacerdotes (Mc 14: 10-11; Lc 22: 3-6). A figura de Judas em um simulacro de movimento remete à ideia de um apóstolo traidor que entre os doze da cena do quadro, é o único que não está sentado, opondo-se a figurativização da existência de união entre os demais, que estão atentos ao ensinamento do sentido da Santa Ceia.

Do lado direito da figura do padre, está a figura de Nossa Senhora com o menino Jesus no colo, trata-se de uma figura construída em gesso, comumente presente em ambientes da fé católica.

Ao seu lado esquerdo, está a figura de uma vela branca acesa. Segundo o *site* Catolicismo Romano, a vela é feita de um pouco de sebo, tendo, no seu interior, um barbante, que para os católicos representa a alma da vela. O mesmo *site* assinala, sobre um dos sentidos do uso da vela em altares, que o fogo no pavio consumindo a vela⁷⁷, produzindo luz e calor, é a figurativização da alma e da fé, sendo a fé o fogo, e o sebo da vela o corpo do cristão. Exalando o fogo da fé, há caridade; “[...] assim também o fogo da verdade católica vai consumindo o fiel, fazendo com que ele gaste sua vida, para produzir luz da verdade e calor da caridade para os demais homens”.

O Roger Luis da Silva é membro da Comunidade Canção Nova, sacerdote encarregado dos Clérigos no Conselho Geral da Comunidade, esclarece, por sua vez, em *podcast* postado na página do *site* da Canção Nova⁷⁸, que a figurativização da vela para os católicos considera: “[...] a cera [...] o Pai, o pavio [...] o filho e o fogo [...] o Espírito Santo”.

Caso a vela fosse o círio pascal, a figurativização teria um outro sentido, como se confirma na fala do professor Felipe Aquino no *site*⁷⁹ da Canção Nova: “Na noite do Sábado Santo, quando o celebrante acende o círio pascal, significa a ressurreição de Jesus, isto é, a nova vida de Cristo e Sua presença entre nós”. Ao lado da vela, mais uma estrutura em gesso, figurativização de Nossa Senhora, a mãe de Jesus.

Do lado direito da página há o verbo inscrever, na cor vermelha, é infinitivo impessoal, seguido do pronome oblíquo “se”, indicando que ao clicar, o próprio enunciatário inscreve-se no Canal, por meio de ação reflexiva, ou seja, uma ação sobre si mesmo. O comando dado ao enunciatário “inscrever-se” figurativiza uma sugestão imperativa, pois diz respeito a um recurso de persuasão que intima o internauta a acompanhar as publicações do enunciador. Trata-se de marcas do destinador debruado em segunda pessoa, pois há um apagamento, intencional do enunciador (no caso o *YouTube*) oriundo de comunicação manipuladora.

Reproduzimos o anúncio que consta posicionado ao lado do vídeo para melhor visualização:

“Na próxima segunda-feira, dia 15 de agosto, Solenidade da Assunção de Nossa Senhora, inicia-se um tempo devocional chamado “Quaresma de São Miguel Arcanjo”. É um período de 40 dias (excluídos, portanto, os domingos) que vai até 29 de...” (Shankar, 2022).

⁷⁷ <https://www.catolicismoromano.com.br/simbologia-da-vela-para-os-catolicos/> - Acesso em 17/10/2022.

⁷⁸ <https://www.formacao.cancaonova.com/liturgia/catequese-liturgica/voce-sabe-como-a-disposicao-das-velas-no-altar/> - Acesso em 23/01/2024.

⁷⁹ <https://www.formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/para-igreja-velas-tem-um-significado-muito-importante/> - Acesso em 17/10/2022.

No excerto acima, o que há é um anúncio, uma divulgação do próximo evento da comunidade Luz e Vida, com ministração do enunciador. O efeito de sentido é de objetividade, pois a temporalidade é demarcada pelo Momento de Referência futuro, “próxima segunda-feira, dia 15 de agosto”. É um tempo do *então* e não do agora. O “eu” se distancia e dá lugar ao “ele”, ou melhor “ela”, a “Solenidade da Assunção de Nossa Senhora”. O espaço, um *lá*, figurativizado pelo vídeo que acompanha o anúncio. As reticências, indica que há mais informações caso o enunciatário clique para saber mais. A Solenidade enunciada é o marco inicial ao que vem depois, a quaresma (40 dias), figurativizada no texto como um período “devocional”. Trata-se de um tempo litúrgico que faz referência aos quarenta dias de Jesus no deserto (Mt 4: 1-14).

Desenrolam-se dois temas relacionados à identidade do enunciador, um trata do padre que deseja ser seguido pelos enunciatários e a outra é a divulgação da fé conforme igreja católica, especificamente a igreja católica da comunidade Luz e Vida.

Figura 63 - Recorte da página do perfil do Canal Luz e Vida - Padre Chrystian Shankar (2).



Fonte: <https://www.youtube.com.br/LuzeVida@PadreChrystianShankar> Acesso em 17/10/2022.

A focalização da imagem acima é aberta, estilo concessivo, de existência fugaz, de aceleração, acento eufórico, figurativizada com o uso da batina pela figura do padre, o qual se posiciona com a cabeça levemente inclinada para baixo, apoiada em suas mãos, as quais estão posicionadas em forma de prece e uma das mãos, a direita, está envolta por um terço. Toda a figurativização descrita apresenta características do catolicismo. O uso das letras maiúsculas para manifestar o seu nome, gera efeito hiperbólico, do exagero.

Quanto ao ofício do sujeito do fazer, figura actancial de padre na comunidade Luz e Vida, tem foco e programação de um sujeito do controle e trabalha dentro da previsibilidade. Desse modo, temos estilo extensivo, implicativo, desaceleração, de inaccento eufórico com andamento durativo de continuidade.

A percepção sensível é religiosa de um sujeito destinador que recebe orientações de um Arqui-destinador (Deus) para pregar a Palavra de Deus em ação conjunta a uma comunidade católica Luz e Vida.

Tipologias dos argumentos retóricos (Enunciador 2.a (Padre Chrystian Shankar))

Ao dar informações de si (fazer-saber), o sujeito agente estabelece uma interação intersubjetiva utilizando o argumento retórico de *Identidade e definição na argumentação*: pois faz uso de definições cristãs, descritivas condensadas na figurativização do ambiente como as imagens dos santos, o quadro da Santa Ceia, a vestimenta específica de sua ordenação como padre, sendo todas elas juntas a expressão de uma identidade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 238-239).

O argumento retórico da *inclusão da parte no todo* também está presente em seu discurso, pois o sujeito/enunciador inclui-se de maneira indissociável à forma de vida da igreja católica, sempre envolto da figurativização da igreja, filiando até mesmo ao nome da comunidade Luz e Vida da qual faz parte.

O argumento de *autoridade* também se presentifica no próprio “ser um padre”, pois nem todo homem se faz padre, sendo assim, aquele que se faz é digno de autoridade, pois é possuidor de argumento de prestígio pela própria posição que ocupa, cujos atos discursivos são dignos de serem seguidos por aquele que estabelece um contrato de fidúcia estabelecido no *YouTube* no momento em que acessa seus vídeos, inscreve-se no Canal, medido o grau de intensidade da fidúcia conforme a frequência de acesso aos seus vídeos, sendo mais intenso caso inscreva-se no Canal.

***Ethos* do enunciador da cena enunciativa 2.a**

O enunciador da cena enunciativa 2.a tem um enunciatário mais específico, casais que desejam fazer uso dos ensinamentos da igreja para a manutenção da vida conjugal, o que o diferencia dos demais enunciadores.

A fim de se credibilizar frente ao público presumido, apresenta-se com uma biografia rica em detalhes bem particular, relatando sua trajetória desde o início de sua ordenação, o que configura uma estratégia para maior adesão de seu discurso, pois destaca o quanto se preparou para o ofício.

Não se trata de um enunciador que deseja adentrar no discurso do enunciatário para levar o Evangelho, pois o que se põe mais à mostra é a sua identidade bem marcada com a figurativização composta por elementos que expressam a fé católica. Trata-se de um enunciador que divulga não somente o Evangelho, mas também a prática católica, configura ao mesmo tempo a divulgação do cristianismo nos moldes do catolicismo e fidelização dos enunciatários que já professam a fé católica no restrito, mas agora dispõe de um Canal de comunicação digital para a manutenção da fé. A mensagem divulgada não é apenas o cristianismo do Novo

Testamento, mas também as práticas de vida de um católico, como se dissesse “Não basta ser cristão, tem de ser cristão católico”, o que constitui a máxima axiológica, católico *versus* protestante, construída pelos eventos históricos do mundo ocidental.

CENA ENUNCIATIVA 2.A – PREGAÇÃO *STAND UP COMEDY* CATÓLICA

A cena enunciativa 2.a compõe-se de três pregações, sendo uma missa e duas palestras realizadas na comunidade católica, na qual o enunciador congrega. Como pudemos constatar, o enunciador preocupa-se em construir uma imagem de si a partir de uma apresentação prévia, excetuando-se apenas, como veremos, na missa.

5.1.2 O *ethos* do ator da enunciação “O que deve ser evitado no casamento”

A pregação da qual recortamos o trecho analisado, inicia-se com um relato da trajetória do enunciador até o tempo de doze minutos e quarenta e cinco segundos, conforme consta na transcrição disponível nos anexos e no item 5, reproduzida em forma de síntese nesta tese para compor as informações sobre o enunciador a fim de perceber o que ele diz sobre si mesmo.

O recorte do trecho corresponde à aplicação de uma dinâmica aplicada pelo enunciador durante o terceiro encontro de casais da Arquidiocese de Maringá - Paraná, realizado nos dias 27 e 28 de junho de 2015, no qual ele foi o palestrante. A dinâmica inicia-se no tempo de doze minutos e quarenta e cinco segundos (12’:45”) até o tempo de dezoito minutos e trinta e oito segundos (18’:38”). O vídeo foi postado no *website* <<https://youtu.be/MIaFFDQdY5g>> no dia 12 de julho de 2015 e acessado em 21 de junho de 2020.

Observa-se dois momentos de enunciatário presumido, sendo os primeiros os fiéis presentes no templo, espaço de celebração da missa e gravação do vídeo, enquanto o segundo enunciatário presumido é o público misto, visto a internet ter um caráter libertador e democrático, mesmo que publicado em Canal católico, caso o internauta digite palavras que dialoguem com o título do vídeo, terá acesso ao discurso do enunciador, pois o título possui um estilo inusitado e estratégico “O que deve ser evitado no casamento”, assim, basta desejar tratar da temática casamento, para tê-lo como opção de acesso.

Estruturas semionarrativas e tensivas

A partir da leitura da dinâmica enquanto texto-enunciado podemos observar a axiologia Sagrado (eufórico) *versus* Profano (disfórico), como enunciado elementar da sintaxe narrativa. É estabelecido um percurso no texto entre os termos:

Casamento conflituoso (disfórico) *versus* casamento harmonioso (eufórico), encontrado no decorrer da dinâmica.

O percurso é:

1- Casamento conflituoso (profano)-----casamento não-conflituoso-----casamento cristão (sagrado).

O casamento não-conflituoso, negação do casamento conflituoso, aparece no discurso quando o sujeito cognitivo introduz a metáfora do semáforo, na qual o semáforo assume papel de cônjuge.

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores. No programa narrativo, há o uso da persuasão com um dever-querer-saber proposto pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um querer-saber para obter o objeto-valor casamento harmonioso. O sujeito do fazer e destinador (padre) compartilha o objeto-modal de valor cognitivo com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os.

O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo dever-saber sobre o destinatário a partir da sedução, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*. O objeto-modal consiste em saber-fazer julgamento com equidade, enquanto sujeito judicativo do comportamental do sujeito de estado a partir de um conhecimento prévio do funcionamento do semáforo aplicado no contexto da relação conjugal, a fim de obter objeto valor: casamento harmonioso (Bola cheia).

No excerto 85 surge uma sanção do Arqui-Destinador, argumentado pelo sujeito destinador, que seria, se casamento bem-sucedido, há recompensa, ir para o céu. Se casamento mal-sucedido, há punição, ir para o inferno., conferido na fala do sujeito destinador:

[...] porque existem muitos casamentos que são...bola murcha aqui...((joga bexigas vazias no chão))...só que tem um problema gente...o mundo de hoje...o problema do mundo é esse...ocê quer ser bola murcha...cê quer ter um casamento bola murcha...cê quer viver de qualquer jeito então vai viver...vai viver se dane vai pro inferno sozinho...nós queremos ser bola cheia...cheia de ar...cheia do espírito [...] (Shankar, 2015 – excerto 85).

No nível discursivo, na instância de enunciação, na categoria de pessoa, estabelece-se um “eu” enunciador e um “tu” enunciatário. Esse enunciador (Padre Chrystian Shankar) projeta-se no interior do enunciado e assume um simulacro de narrador, instância de primeiro grau, em um texto-enunciado no gênero discursivo palestra para casais. O narrador do texto-enunciado, estabelece uma estratégia discursiva para proferir seu discurso intitulado “O que deve ser evitado no casamento”. A estratégia inicial consiste na aplicação de uma dinâmica, na qual o

narrador projeta-se no interior do discurso, em instância de segundo grau, e instala-se como interlocutor que interage com o interlocutário.

Na sintaxe discursiva há o uso da debreagem enunciativa, ao instalar um eu-aqui-agora no tempo concomitante ao enunciado, como no exemplo, quando o interlocutor cumprimenta o interlocutário: “[...] Fernando...prazer [...] **aqui** ó [...] **pode** encher e **dá** um nozinho depois que encher [...]” (Shankar, 2015 – excerto 75), temos exemplo de debreagem enunciativa. O “aqui” um dêitico espacial de tempo presente, os verbos “pode” e “dá” estão conjugados no tempo presente do modo indicativo. Observamos, digamos, locuções conjuntivas de continuidade (**vamos lá/ então vamos lá**), utilizadas como um comando para continuar a dinâmica. O verbo “vamos” indica o tempo concomitante ao momento de enunciação, enquanto o “lá” é um lugar outro, que é o próximo passo da dinâmica, um futuro próximo ao tempo de enunciação presente.

Há também o uso da debreagem enunciativa com a instauração do tempo pretérito, não concomitante ao momento do enunciado, quando há um relato pessoal de sua infância: [...] eu **já fui** com meu pai [...] (Shankar, 2015). Nesse trecho, há o “já” a conjunção temporal que marca algo realizado no passado e o verbo “fui” pretérito perfeito do modo indicativo.

O interlocutor convida a figura de um casal até o altar e entrega a cada um deles um balão vazio e pede que os encham, o vermelho para o homem e o verde para a mulher. Na mão do interlocutor fica um outro balão na cor amarela. O discurso é construído a partir da axiologia cheio vs. vazio, sendo os balões figuras que atuam como recursos persuasivos, cujo argumento retórico é a metáfora. Os balões cheios são corpos cheios do Espírito Santo e o balão vazio é um corpo sem a atuação do Espírito Santo.

As cores dos balões figurativizam outra metáfora, o semáforo. São cores utilizadas para sinalizar para o outro corpo o estado de alma do cônjuge. Se vermelho, pare, se verde, siga. O narrador começa a encher o balão amarelo e entra no meio do casal, figurativização do sinal de alerta.

Figura 64 – *Frame* com momento de tentativa de trocar as bexigas (16':08'')



Fonte: <<https://youtu.be/MIaFFDQdY5g>> - acesso em 21/01/2024.

No *frame* acima, figura 64, os corpos das figuras não estão todos à mostra, pois a focalização privilegia o momento figurativizado pelo marido tentando trocar de balão com a esposa. Esse transbordamento das figuras no quadro, promove uma espacialidade aberta, de aspecto imperfectivo de existência fugaz com andamento acelerado. A postura corporal da figura actancial do marido, simula estar sugerindo tratar-se de uma esposa que teria como perfil a intransigência, figurativizado em uma linguagem tropológica metaforizada pela cor vermelha tal qual um semáforo ao interromper o percurso do motorista com o comando de parar.

Figura 65 – *Frame* com momento de orientação da dinâmica (20':35'')



Fonte: <<https://youtu.be/MIaFFDQdY5g>> - acesso em 21/01/2024.

No *frame* da figura 65 não há transbordamento do quadro, assim a espacialidade é fechada, pois os elementos figurativos e as figuras actanciais surge em uma focalização que privilegia os corpos actanciais inteiramente (dos pés à cabeça), bem como o espaço onde ocorre a dinâmica. Assim, a aspectualização é perfectiva de existência solene com andamento desacelerado.

Juntamente com a metáfora do semáforo o sujeito destinador, a partir de relato pessoal compara casamento com uma bexiga (uso do tropo comparação), na intenção de intensificar e validar a metáfora do semáforo. No relato, quando criança habitualmente frequentava partidas de futebol com o pai e percebia que para jogar a bola não podia estar murcha, argumento conferido no excerto 77:

[...] eu já fui com meu pai [...] ele ia jogar pelada e eu ia com ele [...] eu lembro eles jogando lá falar [...] para isso aí o que que é...essa bola tá murcha velho [...] quem quer bola murcha...ninguém quer bola murcha...você nasceu pra ser um casal bola...((chega perto do casal Cássia e Fernando, que respondem com a palavra cheia))...cheia [...] (Shankar, 2015 – excerto 77).

O sujeito destinador lembra que enquanto criança acompanhava o pai nas partidas de futebol e observava que ninguém gostava de bola murcha, pois logo pediam para enchê-las. Declara não saber jogar bola e que acompanhava o pai apenas porque havia sempre um churrasco depois do futebol, declaração que provoca o riso dos sujeitos destinatários, obtendo êxito nas concessões.

As quebras funcionam como encadeadores de isotopias, que são realizadas com voz engraçada, com humor e imitando os actantes das micro-narrativas introduzidas no discurso. Lança mão de outra isotopia enquanto prepara o balão amarelo, ao relatar que em outro momento, com a mesma palestra, a bola que o sujeito destinador enchia escapou e foi parar em um holofote, motivo de risos que o sujeito destinador reproduz, causando humor. No entanto, continua a relatar que durante a missa o holofote esquentou e o balão começou a derreter.

Começa a simular, juntamente com o casal, um semáforo em atividade. Observe o trecho transcrito a seguir:

[...] **então vamos** lá treinando...aí...fechou...((Fernando levanta o balão vermelho))...parou...siga...((Cássia levanta o balão verde))...atenção...((Padre levanta o balão amarelo))...então tá segura a atenção também...((padre entrega o balão amarelo para Cássia)) (Shankar, 2015 – excerto 82).

Durante o discurso, a todo o momento o sujeito da ação manipula de maneira descontraída, com concessões que quebram o programa, cujo processo durativo em andamento é interrompido, para introdução de um exemplo com base na estrutura do real. Essas quebras são carregadas de humor que provoca o riso dos sujeitos destinatários. Por exemplo, enquanto entrega os balões ao casal, sujeitos de estado, lembra que quando criança tem em mãos um balão vazio, solicita ao adulto de imediato que encha para ela o balão, e argumenta que ninguém gosta de bola murcha.

Em uma linguagem tropológica, o sujeito destinador mensageiro a fim de manipular o sujeito destinatário, recobre o tema casamento conflituoso *versus* casamento harmonioso com

a metáfora do semáforo, em que o semáforo seria o sinal vermelho (pare), amarelo (atenção) e verde (siga), figurativização do posicionamento sujeito judicativo (cônjuge), julgador da ação outrora intentada pelo sujeito agora de estado. O sujeito de estado estaria no momento da dinâmica recebendo um objeto- modal cognitivo do sujeito mensageiro de um Arqui-Destinador Divino para adquirir competência e alcançar o objeto-valor: casamento harmonioso. Após realizar a dinâmica o sujeito destinador desvenda a metáfora, momento em que assume um tom sério e afirma que casamento tem que ser bola cheia.

Percebemos o desvendar da metáfora na afirmação: “[...] esses três balões representam o sonho de Deus pra nós...que são casamentos bola...cheia [...]” (Shankar, 2015 – excerto 85). O trecho é o início da estabilização do processo, quando acaba a concessão e desacelera o discurso. O sujeito destinador ao desvendar a metáfora, revela que o “casamento bola cheia” é “sonho de Deus” o que nos faz entender um argumento cujo casamento é parte de um todo (sonho de Deus). Nesse sentido, a revelação da metáfora inicia uma metonímia, representativa da continuidade do processo, desacelerando-o e estabilizando-o.

A interação entre o sujeito destinador e os sujeitos destinatários no altar promove descontração, provocando risos o que elevado o estado de alma de um sujeito sensível que é preenchido de satisfação, conferido pelos sorrisos e atitudes espontâneas como a ação do sujeito destinatário (figura marido) com balão vermelho tentar trocar de balão.

A metáfora do semáforo estimula os sujeitos destinatários a assimilarem uma nova programação com direção de vida conjugal proposta pelo destinador. As cores do semáforo são elementos de figuras actanciais do respeito à alteridade em uma busca pela harmonia dos sujeitos destinadores (casal) no percurso durativo de continuidade (o cotidiano).

Quando o sinal está vermelho, figura conflito instalado em um recrudescimento, acento disfórico, é preciso parar o processo de aspecto durativo, que após modulações do corpo, passa ao terminativo visto sua continuidade ser disfórica e a reprogramação ser necessária, pois assume uma nova direção.

O sinal amarelo figura alerta, o casal precisa dar atenção a algo que pode sair do controle, da harmonia do processo, sem necessariamente ter de reprogramar, assim atuação e minimização do processo durativo, cuja continuidade pode ou não ser eufórica. O sinal verde é a harmonia e completude do processo e a plena certeza de euforia, aspecto durativo, cuja continuidade é favorável, restabelecimento.

Forias:

CASAL CONFLITUOSO (bola murcha) *versus* CASAL HARMONIOSO (bola cheia)
HARMONIA (respeitar os sinais) *versus* CONFLITO (não respeitar os sinais)

CRISTÃO *versus* PECADORCÉU *versus* INFERNO

Organizamos a tabela a seguir a partir de excertos de “O que pode ser evitado no casamento”, a fim de apresentar as forias encontradas no texto analisado, as quais são eufóricas quando consideradas sagradas e disfóricas quando consideradas profanas, sendo sagrado o que contribui para a harmonia no casamento e profano o que contribui para a desarmonia no casamento.

Excerto		Forias
85	[...] porque existem muitos casamentos que são...bola murcha aqui...((joga bexigas vazias no chão))[...] (Shankar, 2015 – excerto 85).	CASAL CONFLITUOSO (bola murcha) <i>versus</i> CASAL HARMONIOSO (bola cheia)
83	[...] gente... quem aqui é bom motorista sabe que o semáforo não tem utilidade nenhuma se você não olha pra ele...o semáforo deve ser olhado e ...obedecido...a dinâmica é simples mas é pra você guardar uma coisa...o seu marido...e a sua mulher tem esses três balões na mão o dia inteiro pra você...e ele não precisa dizer pra você...o jeito que a pessoa olha...o jeito que ela se comporta...o jeito que ela é [...] (Shankar, 2015 – excerto 83).	HARMONIA (respeitar os sinais) <i>versus</i> CONFLITO (não respeitar os sinais)
84	[...] esses três balões representam o sonho de Deus pra nós...que são casamentos bola...cheia [...] (Shankar, 2015 - excerto 84).	CRISTÃO <i>versus</i> PECADOR
85	[...]cê quer ter um casamento bola murcha...cê quer viver de qualquer jeito então vai viver...vai viver se dane vai pro inferno sozinho...nós queremos ser bola cheia...cheia de ar... cheia do espírito [...] (Shankar, 2015 – excerto 85).	CÉU <i>versus</i> INFERNO

Tabela 19 – Forias de “O que pode ser evitado no casamento”.

A partir das forias organizadas na tabela 19, apresentamos a seguir o gráfico de correlação inversa de “O que deve ser evitado no casamento”, sendo casal bola cheia o que cumpre as forias eufóricas (sagrado) e o casal bola murcha o que cumpre as forias disfóricas (profano).

Correlação inversa de *O que pode ser evitado no casamento*

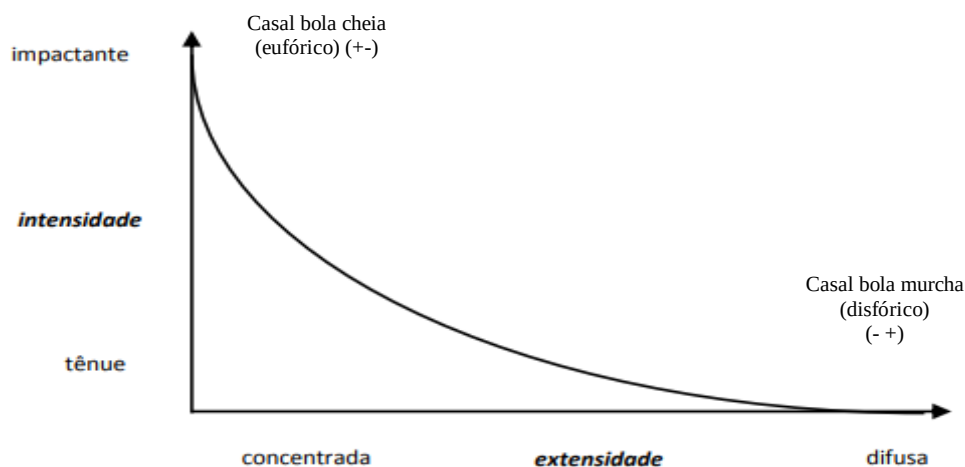


Gráfico 15 – Correlação inversa de “O que pode ser evitado no casamento” (Com base em Zilberberg (2006, p. 216))

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoriação”. Quanto mais concentrado/impactante e menos difuso = casal bola cheia (casal que respeita os sinais emitidos pelo cônjuge (eufórico)). E quanto menos intenso e mais difuso = casal bola murcha (casal que não respeita os sinais emitidos pelo cônjuge (disfórico)).

Tipologias dos argumentos retóricos de *O que deve ser evitado no casamento*

Após convidar as figuras actanciais Fernando e Cássia para uma dinâmica, *compara o casamento com uma bexiga*. A partir de então, segue uma sequência argumentativa alicerçada em uma linguagem tropológica. Primeiramente compara casamento com bola por meio da axiologia bola cheia vs bola murcha, introduzida no discurso a partir de situação hipotética de uma criança que prefere uma bexiga cheia e não murcha. Como segundo argumento para validar a *comparação entre casamento e bola*, realiza relato pessoal de quando ia com o pai nas partidas de futebol percebia que a bola tinha de estar cheia para jogar.

Como terceiro argumento, o sujeito agente/destinador explica a dinâmica aos sujeitos pacientes convidados para ir até a frente onde ele estava, na explicação assume semáforo como sinais emitidos pelo cônjuge. Neste momento não houve *comparação*, mas a efetivação da *metáfora*, pois os sinais emitidos pelo cônjuge não recebem nenhuma intitulação, ficam pressupostos como um sentimento de contrariedade. Esse sentimento de contrariedade não se parece com um semáforo, passa efetivamente a ser o semáforo, por isso é uma *metáfora* e não uma *comparação*.

No mesmo excerto 78, ocorre uma quebra de expectativa como confere a seguir: “um chorume essa bolinha...((A plateia ri))”. Essa *quebra, introdução isotópica*, gera efeito de sentido de humor, o que provoca o riso.

A dinâmica é rapidamente realizada, momento em que ocorre uma quebra suave novamente de humor ao sugerir a possibilidade da figura actancial esposa ser mais *pare* que *siga*, conferido no excerto 80: “[...] casamento cê quer trocar a cor...((pergunta e olha para Cássia, que está com o balão verde)) eu tô achando que cê não quer seguir muita coisa nada)...((Todos riem)) [...] (Shankar, 2015 – excerto 80).

No excerto 84 é introduzida a inscrição religiosa, que confere a *metonímia* na construção de sentido no discurso, como confere o excerto: “[...] esses três balões representam o sonho de Deus pra nós...que são casamentos bola...cheia [...]” (Shankar, 2015 – excerto 84). O sujeito da ação unifica a metáfora dos sinais de insatisfação ou satisfação do cônjuge com o resultado de um casamento harmonioso figurativizado como “bola cheia”. Mais uma vez, o discurso fundador da fé cristã surge quando o narrador diz que o balão deve estar cheio de ar, cheio de espírito, figurativização de um corpo cristão cheio do Espírito Santo. No excerto 85, há o uso do *argumento do vínculo causal como relação de um fato com sua consequência*:

[...] cê quer viver de qualquer jeito então vai viver...vai viver se dane vai pro inferno sozinho...nós queremos ser bola cheia...cheia de ar...cheia do espírito [...] (Shankar, 2015 – excerto 85).

O sujeito da ação lança uma sanção divina ao narratário, a qual consiste em ir para o inferno caso o casamento for mal-sucedido ou ir para o céu, se o casamento for bem-sucedido.

O que pode ser evitado no casamento

Pudemos conferir um gênero discursivo midiático-digital, produzido a partir de uma interação inicial restrita, no que tange ao momento concomitante ao tempo de produção do discurso. Todavia, houve uma preparação constatada pela gravação do discurso enunciado proferido no evento. Percebe-se um cuidado com a qualidade do som e imagem, o que configura a intenção inicial de publicação no *YouTube*. Quando publicado no *YouTube* realiza-se como discurso midiático-digital de divulgação da fé cristã católica.

Apresentou uma linguagem simples e descontraída e de uma maneira diferente pregou o cristianismo apreendido no discurso nos dois últimos excertos com o uso das expressões “sonho de Deus” ao referir-se ao casamento enquanto projeto divino. E ainda ao sancionar no último excerto da dinâmica o caminho para os casais que preferem seguir a relação sem se importar com os sinais do corpo que seriam a expressão de satisfação do cônjuge ou insatisfação.

O texto-enunciado apresenta um ator dinâmico e bem-humorado, cujo discurso denuncia uma preparação prévia, haja vista a posse de bexigas na aplicação da dinâmica. Seu destinatário, neste vídeo, é composto por casais que interagem bem aos comandos do destinador inclusive com risos durante toda a dinâmica, juntos todos tornam-se atores da enunciação. O que confere um estilo do ator da enunciação como cristão-humorístico, apreendido pelas micronarrativas pouco a pouco introduzidas no discurso, cujo encadeamento resulta na geração de humor.

Ainda observamos a imitação da voz dos jogadores quando narra os momentos de partida de futebol. Ao pensarmos na modalidade de show *Stand Up Comedy*, se considerarmos como modelo as “fritadas” humorísticas de Leo Lins, vistas no item 2.3.2 aplicadas em sua plateia, gera uma percepção sensível ao associarmos a dinâmica analisada, com suave “fritada” moralista aplicadas ao casal convidado, no qual a figura da esposa fora claramente questionada em ser ou não mais sinal vermelho do que sinal verde. A participação dos fiéis com muitos risos durante o desencadeamento do processo, são marcas de um estilo cristão católico *stand up comedy*.

5.1.3 O *ethos* do ator da enunciação “A matemática do casamento”

A matemática do casamento é um vídeo cujo conteúdo é um recorte de uma missa, o momento da homilia disponibilizado no Canal Luz e Vida. Seleccionamos parte dessa pregação homilética para análise. No Dicionário Houaiss on-line, homilia quer dizer “pregação em estilo familiar que busca explicar um tema ou texto evangélico; na liturgia católica, comentário do Evangelho, depois de sua leitura, por ocasião da missa” (Homilia, 2024). O recorte do vídeo corresponde ao tempo do início do vídeo até o tempo de quatorze minutos (14': 00"). O vídeo foi postado no website <<https://youtu.be/4Mb1fAvM9HU>> no dia 14 de fevereiro de 2018 e acessado em 21 de junho de 2022.

A organização geral do discurso gira em torno das quatro operações matemáticas, cujo sentido está organizado da seguinte forma: a) Subtração: Sair da casa dos pais e construir uma família; b) Soma: é a união do casal, abandonar a privacidade pra viver a intimidade; pessoa solteira, privacidade; pessoa casada intimidade; c) Multiplicar: É pensar em toda a família e não apenas em si mesmo e d) Divisão: O casal precisa aprender a dividir. Dividir no sentido compartilhar. Seleccionamos o argumento da operação matemática subtração: Sair da casa dos pais e construir uma família, para fins de análise.

Observam-se dois momentos de enunciatário presumido, como também ocorre na primeira análise, sendo os primeiros os fiéis presentes no templo, espaço de celebração da missa e gravação do vídeo, enquanto o segundo enunciatário presumido é o público misto, visto a

internet ter um caráter libertador e democrático, mesmo que publicado em Canal católico, caso o internauta digite palavras que dialoguem com o título do vídeo, terá acesso ao discurso do enunciador, pois o título possui um estilo inusitado e estratégico “A matemática do casamento”, assim, basta desejar tratar da temática casamento, para tê-lo como opção de acesso.

Estruturas semionarrativas e tensivas

A partir da leitura do trecho sobre subtração, extraído do texto-enunciado “A matemática do casamento”, podemos observar a axiologia Casado (eufórico) *versus* Solteiro (disfórico), como enunciado elementar da sintaxe narrativa. É estabelecido um percurso no texto entre os termos: soma (disfórico) *versus* subtração (eufórico), encontrado na proposta de observar o casamento como uma operação matemática (excerto 86) “[...] você que é casado...já fez as contas do seu casamento...qual é a operação matemática que mais se usa dentro da sua casa? [...]” (Shankar, 2018 – excerto 86).

O percurso é formulado com brevidade a partir do recurso figurativo dos tropos soma e subtração, o que reduz a discursivização, descoberta pouco a pouco no nível discursivo dando origem às temáticas.

O percurso:

1- Soma-----não-soma-----subtração.

(casamento disfórico)

(casamento eufórico)

A não-soma, negação da soma, aparece no discurso quando o sujeito cognitivo introduz a metáfora das operações matemáticas, na qual a subtração assume o comportamento disfórico do sujeito de estado. No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores. No programa narrativo, há o uso da persuasão sob uma perspectiva modal dever-querer-saber proposta pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um querer-saber para obter o objeto-valor casamento bem-sucedido. O sujeito do fazer e destinador (padre) compartilha o objeto-modal de valor cognitivo com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo dever-saber sobre o destinatário a partir da sedução, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*. O objeto-modal consiste em saber-ser bom cônjuge, a fim de obter objeto valor: casamento bem-sucedido.

No nível discursivo, na instância de enunciação, na categoria de pessoa, estabelece-se um “eu” enunciador e um “tu” enunciatário. Esse enunciador (Padre Chrystian Shankar) projeta-se

no interior do enunciado e assume um simulacro de narrador, instância de primeiro grau, em um texto-enunciado no gênero discursivo homilia, cuja pregação foi proferida em uma missa.

Na sintaxe discursiva, parte de uma oração subordinada restritiva “você que é casado” (excerto 86), restringe o público presumido para enunciatários que são casados. O verbo no tempo presente do indicativo “é”, o uso do pronome de tratamento “você”, são exemplos de debreagem enunciativa, cujo efeito de sentido é de subjetividade, pois aproxima o enunciatário. A locução conjuntiva “Então vamos lá” (início do excerto 87), encontrada também na análise anterior, indica o tempo concomitante a enunciação (tempo presente), enquanto o “lá” é um lugar outro, que é o próximo passo do discurso, um futuro próximo ao tempo de enunciação presente.

A partir de perguntas matemáticas, “já fez as contas do seu casamento...qual é a operação matemática que mais se usa dentro da sua casa” (Shankar, 2018 – excerto 86), o narrador manipula o enunciatário. A linguagem é informal e tropológica pois explicita o conteúdo da mensagem por meio da metáfora de cálculos, cujas operações matemáticas seriam cada uma delas uma estratégia adotada pelo narratário para obter êxito no casamento.

A debreagem enunciativa surge, por exemplo, quando o narrador diz no início do excerto 95: “uma mulher me **procurou** a bem tempo...ela se **casou**...a casa dela não **tinha** geladeira” (Shankar, 2018), como podemos observar, há o uso dos verbos destacados, “procurou”, “casou” e “tinha”, no pretérito perfeito.

Em tom de voz sério e objetivo, parafraseia o versículo bíblico de Gn 2:24, o qual diz, “Portanto, deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne”, usa o termo subtração para referir-se à ação de o solteiro ter de deixar os pais para unir-se ao cônjuge.

Há o uso da *anáfora sintática em prosa* (Lausberg, 1967, p. 175) para enfatizar a operação matemática, cujo cálculo seria de subtração. Conferimos isso ao enunciar “sem mais delongas...repita comigo...primeira...subtração...deixará...deixará...deixará” (Shankar, 2018 – excerto 87). “A anáfora [...] consiste na repetição de uma parte da frase no início de grupos de palavras [...] que se sucedem. O tipo desta figura é, portanto, / x ... / x ...” (Lausberg, 1967, p. 174).

Referindo-se novamente ao discurso fundador da fé cristã, recria os que moram junto com os pais após se casarem, atribuindo o fracasso a esse motivo, conferido no excerto 87 “Bíblia diz...o homem deixará pai e mãe...eles querem morar junto [...]” (Shankar, 2018 – excerto 87).

Ao introduzir no discurso a temática da sogra, usa como recurso de persuasão o refrão da letra da canção “Eu amo a sua mãe” (excerto 89) de Lindomar Castilho, juntamente com exemplo hipotético de a figura de um marido cantarolar a letra da canção para a figura da esposa, que estaria estranhando a fala, mas que se alegra ao compreender que é de sentido eufórico. Tal estratégia tem como intuito provocar o riso. Faz gesto de coração com as mãos e sorri, provocando o riso também dos fiéis.

A canção de Lindomar Castilho tem como figuras um pai e uma filha. Esse pai declara à filha o seu mais puro e singelo amor e ao mesmo tempo confessa o amor pela esposa, tendo a filha como sua confidente. Entretanto, o refrão apresenta um duplo sentido quando não se tem acesso a toda a letra da canção. O refrão por si só, parece ser uma declaração de amor de gratidão de um genro para com a sogra por ter trazido ao mundo a filha, que se tornara sua esposa. O narrador utiliza dessa proposta de genro que ama a sogra por gratidão em ter dado à luz a filha com quem se casou e cita o refrão para provocar o riso.

Retoma a seriedade e aconselha sobre a questão de que o solteiro (a) deixar os pais ou a sogra não significa abandonar, mas sim construir a própria família, conferido no excerto 90: “se não ama [a sogra]...respeite...e trate bem por causa do seu cônjuge...mas “o deixar” não é abandonar...agora se vire pra lá que eu tenho a minha vida...não...é você saber que você agora tem a sua família...mas que seu pai e sua mãe continuam sendo pai e mãe [...] (Shankar, 2018 – excerto 90).

O narrador utiliza a figura metafórica *subtração*, agora para tratar da necessidade de deixar a vida de solteiro, fazendo afirmações como “enquanto alguém já casado diz que a vida de solteiro é melhor do que a vida de casado é porque ali não há amor” (Shankar, 2018, excerto 93).

Como um dispositivo de conexão isotópica estabelece novas perguntas, às quais o próprio destinador responde: “Ô padre, onde que tem que morar...em outra cidade...não...mas no mesmo quarteirão...não...onde que eu tenho que morar”. Cria novamente uma narrativa hipotética, para isso faz voz engraçada, a fim de provocar o riso dos narratários, no excerto 91:

“...muito simples...você tem que morar num lugar...quando a sua sogra vier te visitar ela não traga mala...então não pode ser muito longe...mas tem que ser em um lugar que ela não vá de chinelo de dedo...então não pode ser muito perto...é uma distância de visita... mas onde você possa...exercer...o seu casamento” (Shankar, 2018 – excerto 91).

Cita situações inúteis e disfóricas como esconder debaixo da cama, quebrar a casa e gritar com o outro, em contrapartida, apresenta o diálogo como solução” (Shankar, 2018). Utiliza o

termo “possessa” no sentido de pessoa possuída de ira. Estar possesso, dentro da ideologia cristã é estar possuído de entidade espiritual maligna (demônio).

Outras direções sobre a rotina são tratadas no discurso, como alerta ao exagero da prática do futebol (excerto 96), com sugestão de a prática ser duas vezes na semana, ao invés de ser de segunda a sexta: “[...] porque quem joga bola a mulher até agradece...o corpo do rapaz até mais bonito...mas jogar bola de segunda a sexta pelo amor de Deus...jogue uma ou duas noites...e a noite que você jogar bola anteriormente...na outra você será duas vezes mais presente e carinhoso [...]” (Shankar, 2018).

Aconselha, do excerto 98 ao 103, sobre o cônjuge responder o que é perguntado, ao invés de partir com provocações, como no exemplo:

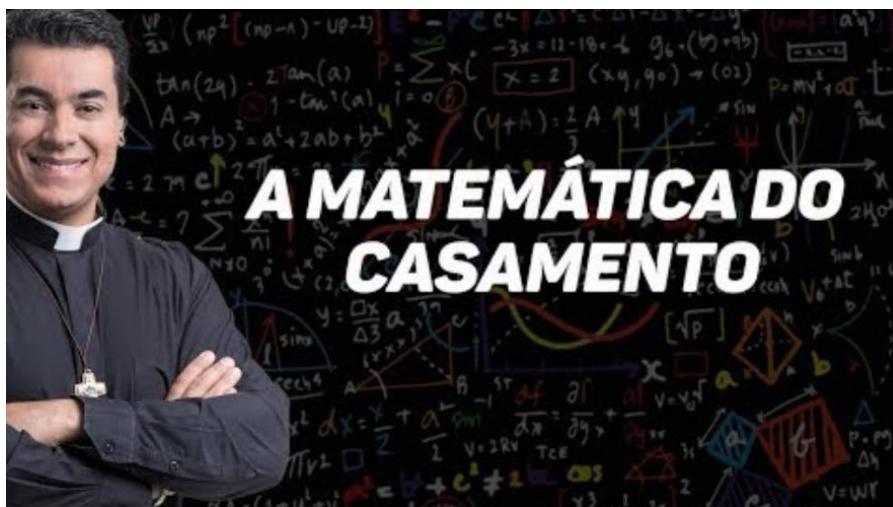
[...] quer ver um exemplo...o marido fala assim...amor...onde que está a minha chuteira...mas você só larga coisa jogada hein...ninguém tá aguentando...ele não perguntou isso...a pergunta pra essa resposta é...amor...eu só largo coisa jogada...e a resposta é...você só larga coisa jogada...essa é a resposta...ele não perguntou se ele larga coisa jogada...ele perguntou onde está a minha chuteira...qual seria a resposta...eu não sei (Shankar, 2018 – excerto 98).

Faz uso de relato pessoal para validar-se perante os narratários como confere o excerto o excerto 100: “eu estou fazendo esse exercício com a minha mãe...eu não tenho mulher eu vou na minha mãe” (Shankar, 2018 – excerto 100), o que cria um simulacro de subjetividade, intenciona pôr-se como alguém que tem a prática da relação de convivência que envolve homem e mulher, numa tentativa de convencimento de que além dos cursos que realiza (divulgado no perfil do Canal), também vive uma prática que o habilita ainda mais como especialista no assunto.

O texto-enunciado apresenta os seguintes temas axiologizados, encobertos por soma *versus* subtração:

Casar e morar com os pais (disfórico) *versus* casar e sair da casa dos pais (eufórico); casar e pensar só em si/egoísmo (disfórico) *versus* casamento é alteridade/compartilhamento (eufórico); Vida de solteiro libertino (disfórico) *versus* casar-se/fidelidade (eufórico); boa relação entre sogra e genro/nora *versus* relação ruim entre sogra e genro/nora.

Figura 66 – *Frame* da Capa do vídeo “A matemática do casamento



Fonte: <<https://youtu.be/4Mb1fAvM9HU>> - Acesso em 23/01/2024.

No *frame* acima, figura 66, o corpo do sujeito actante padre sorridente não está todo à mostra, pois a focalização privilegia o tema proposto no vídeo com a superposição da figura actancial religiosa que veste terno específico para padre e um elemento actancial figurativo, corrente com crucifixo. A cor preta com o branco privilegia o título, destacando-o. Os elementos actanciais figurativos de fórmulas matemáticas coloridas ao fundo intensificam a intenção metafórica proposta no texto-enunciado. Há um transbordamento das figuras do quadro, por isso a espacialidade é aberta, de aspecto imperfectivo, de existência fugaz, com andamento acelerado.

Figura 67 - *Frame* do excerto 89 - Formato de coração com as duas mãos (2':17").



Fonte:< <https://youtu.be/4Mb1fAvM9HU>> Acesso em 21/06/2020.

No *frame* acima, figura 67, o corpo do sujeito actante padre sorridente, como na figura 66, não está todo à mostra, pois a focalização privilegia a parte superior do corpo posicionado atrás de um átrio. O *frame* corresponde ao momento em que o sujeito destinador simula um

coração utilizando as duas mãos. O coração é figura actancial do amor de um genro pela sogra, conselho dado ao sujeito destinatário. A roupa do actante padre é uma batina de cor clara, como pano de fundo, uma cortina igualmente clara. Do lado direito do actante padre, uma vela acesa, e do lado inferior esquerdo à figura do sacerdote, o logo da comunidade Luz e Vida, da qual ele faz parte. Há um transbordamento do actante no quadro, por isso a espacialidade é aberta, de aspecto imperfectivo, de existência fugaz, com andamento acelerado.

Quanto ao texto enunciado, a perspectiva não é simplesmente o casamento, mas sim o sucesso, a manutenção, de aspecto perfectivo de andamento durativo do casamento cristão.

Enfatiza a operação matemática, cujo cálculo seria de subtração ao enunciar “sem mais delongas...repita comigo...primeira...subtração...deixará...deixará...deixará” (Shankar, 2018 – excerto 87), construído em um recrudescimento (mais mais), de intensidade máxima, de acento eufórico, concessivo, de aspecto terminativo e andamento acelerado.

Como um dispositivo de conexão isotópica estabelece novas perguntas, às quais o próprio sujeito destinatário responde: “Ô padre, onde que tem que morar...em outra cidade...não...mas no mesmo quarteirão...não...onde que eu tenho que morar” (Shankar, 2018 – excerto 91). Ao estabelecer uma proporcionalidade de distância de moradia entre os sujeitos actanciais pais e o casal, em que diz assim:

“...muito simples...você tem que morar num lugar...quando a sua sogra vier te visitar ela não traga mala...então não pode ser muito longe...mas tem que ser em um lugar que ela não vá de chinelo de dedo...então não pode ser muito perto...é uma distância de visita... mas onde você possa...exercer...o seu casamento” (Shankar, 2018 – excerto 91).

Desse modo, é construído, na argumentação do enunciador, um grau de cadência tensiva no relacionamento do casal com seus pais, conforme for a distância de moradias, pois quanto mais perto da casa dos pais, mais conflitos, recrudescimento (mais mais); quando longe demais, mais conflito, também recrudescimento (mais mais); e entre o muito perto e o longe, minimização e estabilização, pois estabelece como ideal o pouco longe e o pouco perto.

As quebras que produzem o riso são encontradas nos excertos 89: [...] “...tem aquela musiquinha...eu amo a sua mãe ((cantarolando)) [...]”; no excerto 91: “ô padre...onde que tem que morar ((Imita um suposto actante sujeito destinatário))”. A construção de uma graduação gera efeito de humor, pois provoca o riso; no excerto 94, “[...] aí as pessoas ficam até com canções...acordei no desespero [...]”; no excerto 95, o humor ocorre ao relatar um atendimento que teria prestado a um casal em que o esposo preferiu comprar um *playstation* a uma geladeira:

[...] subtrai da sua vida comportamento infantil...uma mulher me procurou a bem tempo...ela se casou...a casa dela não tinha geladeira...então eles compravam coisa que não precisava de geladeira...ou deixava no *freezer* do bar do marido...o marido economizou um dinheiro...legal...trabalhou...assim que tem que ser...o que que ele

comprou...ahn...não...*playstation*...eu falei não cê tá brincando comigo...não padre...ele falou que é o sonho dele...eu falei peraí e a geladeira [...] (Shankar, 2018).

No excerto 97, quando o narrador relata uma situação de uma esposa que escreve um bilhete (um papelzinho) ao marido dizendo ter ido embora e em seguida esconde-se embaixo da cama, a fim de testar a reação do marido.

[...] uma esposa se sentiu magoada com o marido...marido falou ih é dramática...ela escreveu um papelzinho...ele estava chegando do trabalho...ela escreveu um papelzinho e deixou na escrivaninha assim...fui embora não volto mais...e escondeu debaixo da cama...pra ver o que que ia acontecer...o marido chegou...entrou no quarto...pegou o papel...escreveu uma coisa embaixo...saiu falando no telefone...amor estou indo agora...a louca foi embora...a mulher saiu da cama possessa...hora que ela pega o papel...o marido escreveu assim...amor fui buscar pão eu vi seus pés...((riso dos fiéis)) (Shankar, 2018).

O narrador conta que o marido lê o bilhete e fala ao telefone com a amante, a qual chama de amor e diz estar indo, pois, a esposa, chamada de louca, teria ido embora. A narrativa provoca o riso do sujeito destinatário; do excerto 88 até o excerto 93, o sujeito destinador constrói diálogos hipotéticos entre actantes marido e esposa, os quais não teriam obtido resultado bem-sucedido quando realizaram perguntas sobre um assunto e o outro responder outra coisa.

A percepção do humor surpreende abruptamente o enunciatário e quebra o andamento do processo pois há o chamado paroxismo tímico de estilo concessivo, acelerado, de aspecto terminativo. Esse romper é um ponto de emoção muito rápido e breve, estabilizado em seguida em um novo andamento do processo implicativo de andamento lento, a estabilização é retomada. (Zilberberg, 2011, p. 151).

Forias:

DEPENDÊNCIA (disfórico) *versus* INDEPENDÊNCIA (eufórico);

EGOÍSMO (disfórico) *versus* ALTERIDADE (eufórico);

Sujeito SOLTEIRO LIBERTINO (disfórico) *versus* sujeito CASADO CRISTÃO (eufórico);

CASAMENTO secular (disfórico) *versus* CASAMENTO cristão (eufórico);

CONFLITO (disfórico) *versus* DIÁLOGO (eufórico);

INFANTILIDADE (disfórico) *versus* MATURIDADE (eufórico).

Disponibilizamos a tabela a seguir com excertos de “A matemática do casamento”, a fim de organizar as forias encontradas no texto-enunciado, sendo eufóricas as que se referem ao casamento cristão e disfórica, o que é contrário ele.

Excerto		Forias
91	[...] ô padre...onde que tem que morar ((imita um suposto actante sujeito destinatário))...em outra cidade...não...mas no mesmo quarteirão...não...onde que eu tenho que morar...muito	DEPENDÊNCIA (disfórico) <i>versus</i> INDEPENDÊNCIA (eufórico)

	simples...você tem que morar num lugar...quando a sua sogra vier te visitar ela não traga mala...então não pode ser muito longe...mas tem que ser em um lugar que ela não vá de chinelo de dedo...então não pode ser muito perto...é uma distância de visita mas onde você possa...exercer...o seu casamento...amém [...] (Shankar, 2018 – excerto 91).	
95	[...] subtrai da sua vida comportamento infantil...uma mulher me procurou a bem tempo...ela se casou...a casa dela não tinha geladeira...então eles compravam coisa que não precisava de geladeira...ou deixava no <i>freezer</i> do bar do marido...o marido economizou um dinheiro...legal...trabalhou...assim que tem que ser...o que que ele comprou...ahn...não... <i>playstation</i> ...eu falei não cê tá brincando comigo...não padre...ele falou que é o sonho dele [...] (Shankar, 2018 – excerto 95).	EGOÍSMO (disfórico) <i>versus</i> ALTERIDADE (eufórico)
		INFANTILIDADE (disfórico) <i>versus</i> MATURIDADE (eufórico)
93	[...] subtração...o casal deixa...a vida de solteiro pra ter uma vida agora de...casado...eu não estou falando que a vida de solteiro é melhor do que a vida de casado...enquanto alguém já casado diz que a vida de solteiro é melhor do que a vida de casado é porque ali não há amor...porque quando há amor...não há nada melhor do que você acordar todos os dias com o amor da sua vida [...] (Shankar, 2018 – excerto 93).	Sujeito SOLTEIRO LIBERTINO (disfórico) <i>versus</i> sujeito CASADO CRISTÃO (eufórico)
94	[...] casamento é uma benção...quando os dois se amam...tem Deus...e os dois fazem de tudo pra dar certo...pra dar certo [...] (Shankar, 2018 – excerto 94).	CASAMENTO secular (disfórico) <i>versus</i> CASAMENTO cristão (eufórico).
98	[...] agora me desculpa a franqueza principalmente as mulheres...aprenda a responder o que foi perguntado...simples assim...é um treino...de dez perguntas...sete a gente responde o que não foi perguntado...aí o casal briga [...] (Shankar, 2018 – excerto 98).	CONFLITO (disfórico) <i>versus</i> DIÁLOGO (eufórico)

Tabela 20 – Forias de “A matemática do casamento”.

A partir das forias da tabela 20, disponibilizamos o gráfico de correlação inversa de “A matemática do casamento” considerando as forias de casamento eufórico como valores de absoluto, abscissa de intensidade, e as forias de casamento disfórico como valores de universo.

Correlação inversa de A matemática do casamento

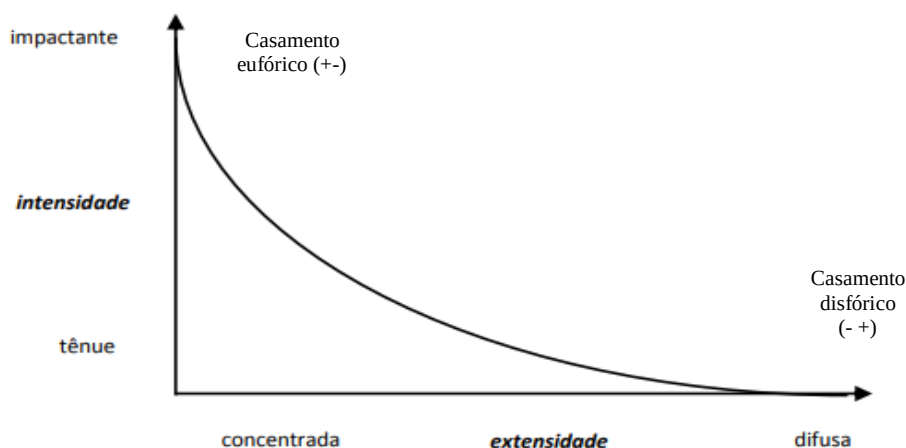


Gráfico 16 - Correlação inversa de *A matemática do casamento* (Com base no modelo de Zilberberg (2006, p. 216))

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoração”. Quanto mais concentrado/impactante e menos tênue/difuso = casal com cálculo correto (eufórico). E quanto menos intenso e mais difuso = casal com cálculo incorreto (disfórico).

Tipologias dos argumentos retóricos de *A matemática do Casamento*

Ao partir de perguntas matemáticas, “já fez as contas do seu casamento...qual é a operação matemática que mais se usa dentro da sua casa”, o sujeito destinador faz uso de uma técnica argumentativa chamada *argumento quase-lógico de contradição e de incompatibilidade*, no qual prevalece, neste caso, o caráter informal e forma não muito explícita no que tange aos cálculos, por tratar-se de uma temática subjetiva em que não se tem resultados exatos.

A organização do tema casamento em partes caracteriza o uso do *argumento retórico quase-lógico*, do qual selecionamos o argumento da operação matemática subtração: Sair da casa dos pais e construir uma família, para fins de análise.

Ao introduzir no discurso a temática da sogra, lança mão de mais um *argumento quase-lógico* ao cantarolar o refrão da letra da canção “Eu amo a sua mãe” (excerto 89) de Lindomar Castilho, juntamente com um argumento hipotético, *baseado na estrutura do real* da figura de um marido dizendo a letra da canção para a esposa, que estaria estranhando a fala, mas que se alegra ao compreender que é de sentido eufórico. Tal estratégia tem como intuito provocar o riso, pelo fato de o ridículo ter um papel estratégico na argumentação. Faz gesto de coração com as mãos e sorri, provocando o riso também dos fiéis.

Como um dispositivo de conexão isotópica estabelece novas perguntas, às quais o próprio sujeito destinador responde: “Ô padre, onde que tem que morar...em outra cidade...não...mas

no mesmo quarteirão...não...onde que eu tenho que morar” (Excerto 91). Realiza esse *argumento por ilustração* com voz engraçada, a fim de provocar o riso dos fiéis, o que configura novamente argumento do riso, ao estabelecer uma proporcionalidade de distância de moradia entre os pais e o casal, em que diz assim:

[...]...muito simples...você tem que morar num lugar...quando a sua sogra vier te visitar ela não traga mala...então não pode ser muito longe...mas tem que ser em um lugar que ela não vá de chinelo de dedo...então não pode ser muito perto...é uma distância de visita... mas onde você possa...exercer...o seu casamento [...] (Shankar, 2018 – excerto 91).

Complementa o argumento sobre o casal deixar pai e mãe e formar sua família como um ditado popular “briga de marido e mulher ((‘ninguém mete a colher’ é parte completada pelos fiéis))”. É um argumento de risco, pois tornou-se questionável nas campanhas contra a violência doméstica, todavia os fiéis presentes no templo não demonstraram nenhuma objeção. Nos comentários do vídeo, não foram encontrados comentários disfóricos ao discurso do sujeito.

O sujeito da ação continua com o uso do termo matemático *subtração*, agora para tratar da necessidade de deixar a vida de solteiro. Baseia-se na estrutura do real para fazer afirmações como “quando alguém diz que a vida de solteiro é melhor que a vida de casado é porque não há amor”. Lança mão de mais um argumento com base no riso e na *estrutura do real* ao citar a letra da canção de Wesley Safadão conforme consta trecho da transcrição a seguir:

[...] aí as pessoas ficam até com canções...acordei no desespero...achei que eu estava me casando...(risos dos fiéis)...mas o celular tocou...meus amigos chorando...minhas ex na igreja...o padre rezando:::...não tem uma musiquinha assim...aí o celular toca...nó...que alívio...vida de casado é bom só perde...(Os fiéis completam com as palavras ‘pra de solteiro’)...não conhece o amor e a alteridade [...] (Shankar, 2018).

Além da utilização dos argumentos de riso, como um tipo dos argumentos retóricos quase-lógicos. O *argumento retórico com base na estrutura do real*, também é utilizado durante todo o discurso e ainda mais nesse último trecho transcrito, o narrador pauta-se em simulacros do cotidiano, como por exemplo, “acordei no desespero”, que seria um sujeito do sofrer numa percepção sensível de estaria fazendo algo que não desejava.

É percebido um vício de linguagem, um cacoete “nó:::”, considerado como *argumento de interação entre a pessoa e o ato*, efeito de sentido de espontaneidade.

Chama a atenção as letras de canções consideradas seculares utilizadas como argumentos retóricos; também chamam a atenção o *argumento pelo exemplo* de uma família que não teria geladeira, conforme consta na transcrição do vídeo, o marido é dono de bar, detalhe não tratado no discurso. Não tratar como disfórico o fato de um cristão ter um bar, ou ainda quando utiliza canções seculares como exemplo e conectores isotópicos, denota uma visão cristã menos rígida

por parte do sujeito agente/destinador, ou talvez uma estratégia discursiva mais difusa, a fim de maior adesão de seus discursos por parte dos sujeitos pacientes/destinatários.

Outras direções sobre a rotina são tratadas no discurso, como alerta para o exagero da prática do futebol, com sugestão de a prática ser duas vezes na semana, ao invés de ser de segunda a sexta. Aconselha sobre o cônjuge responder o que é perguntado, ao invés de partir com provocações, e lança um *argumento pelo exemplo*:

[...] quer ver um exemplo...o marido fala assim...amor...onde que está a minha chuteira...mas você só larga coisa jogada hein...ninguém tá aguentando...ele não perguntou isso...a pergunta pra essa resposta é...amor...eu só largo coisa jogada...e a resposta é...você só larga coisa jogada...essa é a resposta...ele não perguntou se ele larga coisa jogada ele perguntou onde está a minha chuteira...qual seria a resposta...eu não sei [...] (Shankar, 2018 – excerto 98)

Um argumento inusitado, de autoridade, surge: “eu estou fazendo esse exercício com a minha mãe...eu não tenho mulher eu vou na minha mãe” (Shankar, 2018). O objetivo é de causar efeito de subjetividade, intenciona pôr-se como alguém que tem a prática da relação de convivência que envolve homem e mulher. Para tanto, lança mão do *argumento de comparação* quando apresenta sua relação mãe e filho com a de marido e esposa em uma situação possível de ser vivenciada em ambas as relações, trata-se de uma *ilustração* de um caso por meio de outro. Além disso, é uma marca identitária que se destaca, pois, o sujeito da ação é um padre apostólico romano, cujo celibato é parte de sua doutrina, o que o impede de se casar e constituir família, pois deve manter-se em abstinência sexual, mediante uma aliança firmada com o Arquidestinator divino.

A matemática do casamento

Assim como na análise de “O que pode ser evitado no casamento”, encontramos um gênero discursivo midiático-digital, produzido a partir de uma interação inicial restrita, no que tange ao momento concomitante ao tempo de produção do discurso. Todavia, houve uma preparação constatada pela gravação do discurso enunciado proferido no evento. Percebe-se um cuidado com a qualidade do som e imagem, o que configura a intenção inicial de publicação no *YouTube*. Quando publicado no *YouTube*, realiza-se como discurso midiático-digital de divulgação da fé cristã católica.

Apresentou novamente uma linguagem simples e descontraída. Inovou ao utilizar a matemática como argumento para desencadear sua pregação. Permaneceu atrás do átrio sem grandes movimentações durante a pregação, com privilegiada focalização da cintura até o alto da cabeça, diferenciando-se do primeiro vídeo no qual movimentou-se várias vezes. No trecho analisado não houve o uso da Bíblia como elemento figurativo, mas pautou-se no discurso

fundador parafraseando o versículo que trata da orientação de o cristão ter de deixar a casa dos pais ao se casar.

O texto-enunciado apresenta um ator bem-humorado, cujo discurso é preparado previamente a contar pela sequência organizada de apresentar os argumentos intercalados com isotopias humorísticas que quebram a seriedade do tema. Seu enunciatório, neste vídeo é composto por fiéis católicos no público restrito, os quais interagem com risadas a cada momento de humor, o que confere um estilo do ator da enunciação como cristão-humorístico, apreendido pelas micronarrativas pouco a pouco introduzidas no discurso, cujo encadeamento resulta na geração de humor. Ainda observamos a geração de humor ao imitar a voz de hipotéticos fiéis que estariam lhe perguntando sobre questões do casamento.

Novamente veio à tona a similaridade entre suas pregações e o *show stand up comedy*, pois o narrador não renunciou ao humor em nenhum momento, o que demonstra não ser um acaso, mas sim um discurso elaborado com a finalidade de promover o riso.

5.1.4 O *ethos* do ator da enunciação “Nosso casamento”

A pregação da qual recortamos o trecho analisado, refere-se à pregação ministrada no evento “1º Encontro para casais - Matrimônio blindado”, da comunidade Luz e Vida. O recorte do trecho corresponde *do início do vídeo até o tempo de onze minutos e cinquenta segundos (11':50")*. O vídeo foi postado em 17 de agosto de 2017 no website <<https://youtu.be/2X1FoNnfBsY>> e foi acessado em 21 de junho de 2020.

Excerto 108 – cena enunciativa 2.a

[...] antes de entrar nessas lâminas aqui...vamos fazer o seguinte...respondam pra mim...**o que é mais fácil...competir ou cooperar** ((aguarda os fiéis levantarem as mãos))...cês tão divididos...quem acha que o mais fácil é cooperar...quem acha que o mais fácil é competir... tá...a resposta ela é consciente...mas ela é incongruente com o inconsciente...o ser humano...ele é competidor nato...ele tem que aprender a ser um cooperador...porque que muitos casais não terminam juntos...porque eles não aprenderam o significado de cooperação...eles gostam de competição...então já que vocês me falaram que é mais fácil cooperar do que competir...porque eu acredito o contrário [...] (Shankar, 2017).

Estruturas semionarrativas e tensivas

A partir da leitura do trecho da dinâmica (veremos ao longo da análise) com casais “Nosso casamento”, podemos observar a axiologia Alteridade (eufórico) *versus* Individualidade (disfórico), como enunciado elementar da sintaxe narrativa. É estabelecido um percurso no texto entre os termos:

Competição (disfórico) *versus* cooperação (eufórico), encontrado na dinâmica aplicada pelo sujeito destinador no sujeito destinatário (excerto 108).

O percurso:

1- Competição-----não-competição-----cooperação.
(disfórico) (eufórico)

A não-competição, negação da competição, aparece no discurso quando o sujeito cognitivo introduz seu discurso a partir da pergunta: “O que é mais fácil...competir ou cooperar?” (excerto 108). No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores.

No programa narrativo, há o uso da persuasão sob uma perspectiva modal dever-querer-saber proposta pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um querer-saber para obter o objeto-valor cooperação no casamento. O sujeito do fazer e destinador (padre) compartilha o objeto-modal de valor cognitivo saber cooperar com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo dever-saber sobre o destinatário a partir da sedução, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*.

No nível discursivo, na instância de enunciação, na categoria de pessoa, estabelece-se um “eu” enunciador e um “tu” enunciatário. Esse enunciador (Padre Chrystian Shankar) projeta-se no interior do enunciado e assume um simulacro de narrador, instância de primeiro grau, em um texto-enunciado no gênero discursivo palestra para casais. O narrador do texto-enunciado, estabelece uma estratégia discursiva para proferir seu discurso intitulado “Nosso casamento”. A estratégia inicial consiste na aplicação de uma dinâmica, na qual o narrador projeta-se no interior do discurso, em instância de segundo grau, e instala-se como interlocutor ao interagir com o interlocutário.

Na sintaxe discursiva há o uso da debreagem enunciativa, ao instalar um eu-aqui-agora no tempo concomitante ao enunciado, como no exemplo, [...] nosso...casamento...**olha vamo aqui**...leia pra mim lá [...] (Shankar, 2017 – excerto 104). Nesse trecho do excerto 104 há “olha”, “vamos” e um dêitico espacial que indicam que há um eu-aqui-agora, marcas da debreagem enunciativa.

O interlocutor, com sorriso no rosto, voz engraçada, bom humor, caminha pelo altar e em um simulacro do real imita hipotéticos questionamentos sobre a habilitação dele para falar sobre casamento. Trata-se da validação de si mesmo perante o público, em que o interlocutor exime o narratário de qualquer julgamento em relação ao interlocutor, mas sugere que pensam, como

numa ideia de que alguém que não foi ao encontro com casais, porque pensou que um padre não teria competência para falar sobre o tema, como podemos conferir no excerto 104 “[...] nosso...casamento...olha vamo aqui...leia pra mim lá...((A plateia lê a frase “um médico não precisa ter tido a doença para saber o caminho da cura”))...isso aí...eu sei que ninguém pensa isso não...tanto que vocês vieram para o encontro” (Shankar, 2017). Evidencia-se um interlocutor que não quer se indispor com os interlocutários, por isso sugere estar falando com os que não foram ao encontro de casais. A partir de uma hipótese de fala de um ausente, imita-o: “eu não entendo esse encontro de casal com padre...o padre nem mulher tem...vai dar pitaco no casamento dos outros” (Shankar, 2017 – excerto 104).

Depois da hipotética pergunta, o próprio interlocutor responde, elencando sua preparação que o habilita discursar para casais. Para tanto, compara o que um paciente não tem em relação ao médico, como, segundo transcrição do vídeo (excerto 105), instrução, estudo, experiência, laboratório, atendimento, conversa, trabalho, conforme a seguir:

[...] quando cê for num médico...cê tem que falar assim...ô doutor eu tô com essa doença...o senhor já teve...o senhor já se curou...ah:...então o senhor não pode me atender...quem já teve essa doença para me atender...((risos dos fiéis))...cê não pergunta isso...o cara não teve...mas o cara teve o que você não teve...instrução...estudo...experiência...laboratório...atendimento...conversa...trabalho...quer dizer [...] (Shankar, 2017 – excerto 105).

Explica, que não tem esposa, mas tem uma mulher, que é sua mãe, conforme diz no trecho: “mas eu tenho uma mulher que eu testo as coisas...é minha mãe...ela não sabe...mas vamos fingir que eu sou marido dela aí eu jogo assim...uma pergunta...eu faço e o negócio funciona que é uma beleza” (Shankar, 2017 – excerto 106).

Depois de se consolidar como habilitado no assunto diante do público, propõe uma dinâmica de casais, introduzindo uma pergunta: “o que é mais fácil...competir ou cooperar? [...]” (Shankar, 2017 – excerto 108). Após confusa decisão dos interlocutários, acaba que a maioria levanta as mãos como sinal de que é mais fácil cooperar.

O interlocutor discorda da escolha dos interlocutários, dizendo que responderam conscientes, mas de modo incongruente com o inconsciente, afirmando que o ser humano é naturalmente competidor e que isso seria o motivo por tantos casais não terminarem juntos, conferido no excerto 108.

Surge a figura de um rapaz, que parece ser um assistente do evento, ao qual o interlocutor propõe uma dinâmica, que consiste em ficar o casal em pé, cada um individualmente pronunciar os números um, dois e três de forma alternada formando combinações como um, dois, três, depois, três, dois, um, ou ainda, dois, um, três. Depois o casal em cooperação, cada um teria de

falar um número e esperar o outro fazer para irem formando as combinações. A dinâmica acontece entre os enunciatários, logo após a demonstração do narrador (ator) com o assistente do evento (ator).

A dinâmica é realizada. De maneira humorada, sorridente, a figura do padre se movimenta e imita de modo a reproduzir o que supostamente teria presenciado durante a dinâmica de casais. A *performance* é tal, ao ponto de gerar a impressão de a dinâmica ter sido um pretexto para o show principal: o show de humor proporcionado pela figura do padre.

A dinâmica continua e vai aumentando os níveis de dificuldade. Num segundo momento solicita que refaçam a dinâmica, mas agora no lugar de dizer o número um, deve o participante tocar na orelha e continuar a contagem de modo compartilhado. A cada etapa da dinâmica um número é trocado por uma ação. Assim, na primeira etapa: um, dois, três; na segunda etapa: mão na orelha, dois, três; na terceira etapa: mão na orelha, bate palma, três; quarta etapa: mão na orelha, bate palma, mão no joelho. Ao final da dinâmica, os interlocutores concordam que é mais fácil competir, tendo a intenção da dinâmica alcançada.

No excerto 111, o interlocutor adiante a conclusão da dinâmica ao dizer: “[...] porque ocê gosta de fazer tudo sozinho...é do seu jeito que serve...seu marido faz cê grita...sua mulher não fez do jeito que você queria você fica frustrado...a cooperação ela é mais bonita...e soa melhor a gente fica até bem falando [...] (Shankar, 2017 – excerto 111).

Ao longo do discurso, após a dinâmica, o enunciador retorna a instância de primeiro grau e passa a narrador e tece um discurso ao longo do vídeo, considerando as atitudes de não querer fazer a dinâmica, não ter paciência com o cônjuge que erra a sequência como indícios de comportamentos disfóricos. As temáticas são: alteridade (eufórico) *versus* egoísmo (disfórico); cooperação *versus* competição; harmonia *versus* conjugal.

Figura 68 – Frame do momento de demonstração da dinâmica (6’:22”).



Fonte: <https://youtu.be/2X1FoNnfBsY> Acesso em 23/01/2024.

Analisemos o *frame* da figura 68 considerando que o palco seja o lugar da ação de comunicação. Assim, não há transbordamento do quadro, pois os corpos que se desejou figurar são dois, o corpo da figura padre e o corpo da figura do assistente de palco. Nessa perspectiva de análise, temos espacialidade fechada, pois os elementos figurativos e as figuras actanciais surgem em uma focalização que privilegia os corpos actanciais inteiramente (dos pés à cabeça), bem como o espaço onde ocorre a dinâmica. Assim, a aspectualização é mais ou menos perfectiva de existência solene com andamento desacelerado.

Figura 69 – *Frame*- sujeito destinador imitando actante esposa ao se sentar (8':14").



Fonte: <https://youtu.be/2X1FoNnfBsY> Acesso em 23/01/2024.

No *frame* da figura 69, temos a mesma situação, pois ao considerar o palco como o lugar da ação de comunicação, não há transbordamento do quadro, pois o corpo da figura que realiza o gesto engraçado é o padre que surge de corpo inteiro no *frame*. Nessa perspectiva de análise, temos novamente espacialidade fechada, pois os elementos figurativos e as figuras actanciais surgem em uma focalização que privilegia os corpos actanciais inteiramente (dos pés à cabeça), bem como o espaço onde ocorre a dinâmica. Assim, a aspectualização mais ou menos perfectiva de existência solene com andamento desacelerado.

O processo textual é composto pela atuação de um sujeito destinador que constrói uma introdução de validação de si mesmo como competente cognitivamente para impor sobre o sujeito de estado valores eufóricos sobre o casamento. Trata-se de um sujeito manipulador de competência discursiva cristã ao mesmo tempo humorística. Por isso, o andamento do processo é revestido de encantamento sobre o sujeito paciente que recebe um destinador sorridente, voz engraçada, bom humor que suaviza as questões de afeto disfóricas tratadas no decorrer da dinâmica.

O sujeito passivo aos comandos, obedece às instruções e realiza a *performance* ordenada, exteriorizando reações disfóricas denunciadas pelo sujeito destinador que passa a julgar sua *performance*, como podemos exemplificar no excerto 121:

[...] pode falar o que eu vi ((pergunta e em seguida expõe o que supostamente teria visto))...o marido to::do...falou assim pra ela...vamos fazer...aí ela vamos...aí ele fez assim na orelha dela...aí ela mas tu é burro hein...(A plateia ri)...gente cês tão num encontro de casal...não abaixa o nível...não [...] (Shankar, 2017 – 121).

O actante marido teria tocado na orelha da esposa em vez de tocar na própria orelha, errando um dos passos da dinâmica. Por esse motivo a actante esposa teria proferido um xingamento.

[...] e a mulher que veio animada...vamos no encontro de casal bem ((imita a mulher))...(risadas)...todo mundo fazendo...o marido tá assim ó...((fica parado e coloca a mão no bolso sugerindo um marido que não quer interagir))...faz pela sua mulher que a mulher gosta ((aconselha)) [...] (Shankar, 2017 – excerto - 121).

Na segunda situação, o actante marido teria se negado a participar da dinâmica. O julgamento do sujeito destinador é realizado com voz característica de humor e a cada situação denunciada o destinador imita os gestos a partir de micagens com a boca e movimentos exagerados, o que demonstra o uso da hipérbole, ferramenta muito usada para provocar o humor. O sujeito sensível manipulado entrega-se ao riso a cada julgamento recebido.

A cada etapa da dinâmica um número é trocado por uma ação. Assim, na primeira etapa: um, dois, três; na segunda etapa: mão na orelha, dois, três; na terceira etapa: mão na orelha, bate palma, três; quarta etapa: mão na orelha, bate palma, mão no joelho.

A dinâmica proposta pelo sujeito destinador segue um grau de intensidade vs. extensidade, em que quanto mais número é trocado por um gesto, fica mais intensa, mais difícil e mais restrita à realização, pois a cada etapa, menos casais conseguem realizar a dinâmica. A cada etapa da dinâmica é uma concessão, pois há uma quebra de rotina, sai do esperado, sai do programado e exige uma reprogramação. Ser a dinâmica eufórica ou disfórica é mediante juízo de valor do sujeito judicativo e o estado de alma para chegar a uma sentença favorável, a depender da qualidade da relação do casal. A cadência é ritmada, com a contagem dos números um, dois, três e as etapas com as trocas de gestos, cujo início é primeira etapa: um, dois, três, minimização; na segunda etapa: mão na orelha, dois, três, atenuação; na terceira etapa: mão na orelha, bate palma, três, estabilização; quarta etapa: mão na orelha, bate palma, mão no joelho, recrudescimento.

Tipologias dos argumentos retóricos de *Nosso Casamento*

É utilizado na realização da dinâmica o *argumento de grau e de ordem* ao estabelecer uma sequência de um, dois, três a ser seguida em uma ordem intercalada entre os pares participantes.

Ao dizer “padre sabe de casamento” e em seguida apresentar sua preparação, o sujeito destinador (Pe. Chrystian Shankar) está utilizando o argumento *Identidade e definição*, pois afirma de modo condensado e depois descreve por meio de seus cursos preparatórios para enfim estar preparado para fazer palestras para casais na comunidade de sua igreja. Com sorriso no rosto, voz engraçada, bom humor, caminha pelo altar e utiliza argumento retórico por *estrutura baseada no real* imita hipotéticos questionamentos sobre a habilitação do actante sujeito para fala sobre casamento.

Utiliza *argumento de ligação que fundamenta a estrutura do real*, pois cria novamente uma outra situação hipotética de alguém indo ao médico e colocando em dúvida a eficácia do tratamento pelo fato do médico não ter tido a mesma doença que o paciente. Conforme consta no trecho transcrito a seguir: “ô doutor...eu tô com essa doença...o senhor já teve?...o senhor já se curou?...ah:...então o senhor não pode me atender...quem já teve essa doença para me atender?” (Shankar, 2017).

O sujeito da ação, elenca sua experiência que o habilita a tratar do tema casamento. Para tanto utiliza *argumento retórico pelo exemplo*, pois insere o *argumento pela comparação* do que um paciente não tem em relação ao médico, como, segundo transcrição do vídeo, instrução, estudo, experiência, laboratório, atendimento, conversa, trabalho.

Explica, com *argumento pelo exemplo*, que não tem esposa, mas tem uma mulher, que é sua mãe, conforme diz no trecho: “mas eu tenho uma mulher...que eu testo as coisas...é minha mãe...ela não sabe...mas vamos fingir que eu sou marido dela aí eu jogo assim...uma pergunta...eu faço e o negócio funciona que é uma beleza” (Shankar, 2017 – excerto 106).

Desse modo, após adquirir autoridade diante dos enunciatários, de fato inicia a pregação para casais, introduzindo uma pergunta: “o que é mais fácil...competir ou cooperar?” (Shankar, 2017 – excerto 108).

Após a afirmação incisiva dos sujeitos destinatários, o sujeito destinador lança mão de um *argumento de autoridade*, citando uma pesquisa científica sobre a questão. Para tanto, utiliza argumento na estrutura do real, conforme consta no trecho transcrito:

[...] porque pra cooperar eu preciso de você...e pra competir eu só preciso...de mim...porque eu vou correr só eu cara...eu e eu...eu negócio com o meu corpo...negócio com o meu suor...negócio com a minha força...tô na metade eu vou correr e tô olhando...não olho pra trás...é meta linha de chegada...determinação...((faz

movimentos de corrida))...competindo...estou competindo comigo [...] (Shankar, 2017).

Fundamenta seu posicionamento com um *argumento de prestígio*, uma autoridade com base científica, pautando-se em W. Timothy Gallwey (1970), considerado o pai do *coaching*, cujo estudo chama de self 1, o instrutor, orientador e self 2, executor, o próprio atleta, julgador.

O sujeito da ação brevemente esboça sobre a teoria dizendo que Gallwey falou sobre uma partida de tênis, na qual havia dois jogadores em uma partida, mas havia um terceiro jogador desconhecido, o qual era a mente. Continua argumentando, com base em Gallwey, sobre a existência de um jogo interno, sendo este o mais difícil, visto ser como vencer a própria mente.

Conforme observamos no parágrafo acima, o sujeito agente não recorre ao Discurso Fundador para a dinâmica de quebra-gelo para a construção de seu argumento, ficando a sua própria figura como padre, a marca identitária do cristianismo, no pressuposto, no implícito.

No explícito fica a impressão superficial da figura de um palestrante motivacional que faz uso de técnicas advindas do *stand up comedy* para suavizar o discurso. Todavia, o sujeito agente, durante o uso do argumento em estudo científico, assumiu postura séria, sem risos e sem anedotas.

Após a dinâmica, o sujeito da ação atua com o *argumento retórico de interação entre o ato e a pessoa, fundamentado na estrutura do real*, pois, de maneira humorada, sorrindo, reproduz o que supostamente teria presenciado durante a dinâmica realizada pelos sujeitos passivos, trata-se de *argumento retórico do ridículo*, sendo algo que merece ser sancionado pelo riso.

Forias:

ALTERIDADE (eufórico) *versus* EGOÍSMO (disfórico);

COOPERAÇÃO *versus* COMPETIÇÃO;

HARMONIA *versus* CONFLITO.

A partir de excertos de “Nosso Casamento”, disponibilizamos a seguir uma tabela com as forias de valores eufóricos quando alteridade, cooperação e harmonia e valores disfóricos quando egoísmo, competição e conflito.

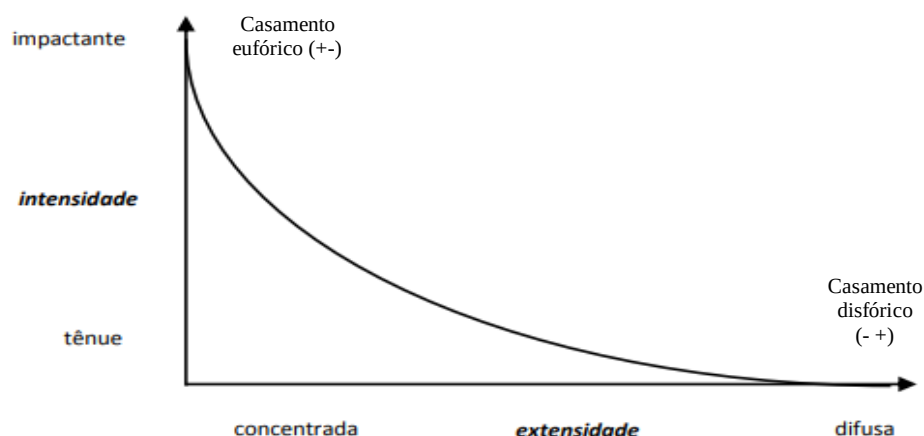
Excerto		Forias
109	[...] eu acredito que é mais fácil competir do que cooperar...por qual motivo...porque pra cooperar eu preciso de você...e pra competir eu só preciso...de mim... porque eu vou correr só eu cara...eu e eu...eu negócio com o meu corpo...negócio com o meu suor...negócio com a minha força...tô na metade eu vou correr e tô olhando...não olho pra trás...é meta linha de chegada...determinação...((faz movimentos de	ALTERIDADE (eufórico) <i>versus</i> EGOÍSMO (disfórico)

	corrida)...competindo...estou competindo comigo [...] (Shankar, 2017 – excerto 109).	
108	[...] o ser humano...ele é competidor nato ...ele tem que aprender a ser um cooperador...porque que muitos casais não terminam juntos...porque eles não aprenderam o significado de cooperação...eles gostam de competição (Shankar, 2017 – excerto 108).	COOPERAÇÃO (eufórico) <i>versus</i> COMPETIÇÃO (disfórico)
111	[...] porque ocê gosta de fazer tudo sozinho...é do seu jeito que serve...seu marido faz cê grita ...sua mulher não fez do jeito que você queria... você fica frustrado...a cooperação ela é mais bonita...e soa melhor a gente fica até bem falando...eu sou cooperador ((levanta a mão))...mas se você olhar a vida...na verdade a gente gosta bem de uma competição [...] (Shankar, 2017 – 111).	HARMONIA (eufórico) <i>versus</i> CONFLITO (disfórico)

Tabela 21 – Forias de “Nosso Casamento”.

A partir das forias da tabela 21, disponibilizamos a seguir o gráfico de correlação inversa de “Nosso Casamento”, o qual considera casamento eufórico na abscissa de intensidade, valores de absoluto, e casamento disfórico na abscissa de extensidade, valores de universo.

Correlação inversa de *Nosso Casamento*

Gráfico 17 - Correlação inversa de *Nosso Casamento* (Com base no modelo de Zilberberg - 2006, p. 216)

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoriação”. Quanto mais concentrado/impactante e menos tênue/difuso = casal cooperação (eufórico). E quanto menos intenso e mais difuso = casal competitivo (disfórico).

Nosso Casamento

Pudemos conferir novamente um gênero discursivo midiático-digital, produzido a partir de uma interação inicial restrita, no que tange ao momento concomitante ao tempo de produção do discurso. Todavia, houve uma preparação constatada pela gravação do discurso do enunciado proferido no evento.

Apresentou uma linguagem simples e descontraída. Partiu do comportamento nato do ser humano em ser competitivo para iniciar seu discurso. Uma marca recorrente é a dinâmica, agora com todos os casais presentes realizando, ficando no palco apenas o sujeito/enunciador.

A produção de humor consistiu em imitar as ações dos participantes após a realização da dinâmica. As imitações arrancaram risadas da plateia, pois o sujeito destinador fazia gestos e micagens com a boca, imitava a hipotética voz de esposa, tornando sua *performance* o centro das atenções, tornando os ensinamentos mais suaves.

A pregação “Nosso Casamento”, no momento da dinâmica, não tratou de religião na proferição do discurso, mas ficou no implícito pela figura de um padre ser o ministrante da palavra, figura representativa do cristianismo católico.

Conferimos um ator da enunciação afeito ao humor, que reserva boa parte de sua pregação à modalidade *stand up comedy*, o que acreditamos ser uma marca importante o bastante para conferi-lo como um sujeito destinador humorístico de vertente católica.

Suas imitações no altar mais pareciam as “fritadas” humorísticas de Leo Lins, vistas no item 3.1.5 aplicadas em sua plateia, conferindo mais uma vez a geração de afetos que despertam as risadas mesmo o público sendo “fritados” pelo humorista cristão, o que deixa um ambiente harmonioso para os aconselhamentos voltados para as atitudes na relação conjugal.

5.2 O *ETHOS* DO ENUNCIADOR DA CENA ENUNCIATIVA 2.B

O *frame* a seguir, figura 70, encontrado na página do perfil do enunciador, refere-se ao hiperlink “Sobre”, no qual há um texto-enunciado autobiográfico com linguagem verbal escrita. No excerto “Segundo o pastor, é possível ser respeitoso, responsável e íntegro e ainda fazer rir e se divertir” (Duarte, 2022). No trecho, há discurso proferido em terceira pessoa, o que gera efeito de objetividade e distanciamento, o que configura uso da embreagem actancial enunciativa, pois usa a terceira pessoa no valor de primeira.

Figura 70 - Frame – Hiperlink “Sobre” do enunciador 2.b



Fonte: <https://www.youtube.com.br/@pastorclaudioduarte> Acesso em 25/17/2024.

Ainda no *hiperlink* “Sobre” (figura 70), o enunciador declara que é um pastor muito carismático e simpático, que sempre traz leveza em suas mensagens e que possui opiniões muito interessantes sobre diversos assuntos. No *hiperlink* também declara ter mensagens sempre com muito bom humor e que tem o hábito de fazer piadas e contar histórias engraçadas entre suas mensagens. Ao declarar que é possível ser “respeitoso, responsável e íntegro e ainda fazer rir e se divertir” (Duarte, 2022), o que parecer ser uma sugestão de que possui essas características. Assume apreciar temáticas sobre relacionamentos, especialmente a vida conjugal.

Segundo o *site* Portal Gospel, o enunciador nasceu em Duque de Caxias, converteu-se ao cristianismo em 1992, é casado desde 1995, congrega na Igreja Batista Nacional, conhecido pelo perfil descontraído e bem-humorado de lidar com questões conjugais e o modo de conduzir suas pregações.

O mesmo *site* atribui como causa das primeiras aparições nas mídias digitais a compartilhamentos de trechos de suas pregações pelos membros de sua igreja. Contemporaneamente, é líder de uma igreja chamada Ministério Projeto Recomeçar, e atua como pastor itinerante pelo Brasil e no exterior. Desde 2021, é o atual presidente do COMERJ - Conselho de Ministros evangélicos do Estado do Rio de Janeiro.

de que é possível ser: “respeitoso, responsável e íntegro e ainda fazer rir e se divertir” (Duarte, 2022), assumindo para si um caráter humorístico.

No nível das estruturas narrativas, os elementos disfóricos e eufóricos surgem como valores (Sagrado *versus* profano/homem comum *versus* pastor/ Humorista (disfórico) *versus* Pastor (eufórico). O sujeito do fazer e destinador (pastor) compartilha seu último trabalho, o objeto-valor (vídeo “Dez mandamentos para os pais com pastor Cláudio Duarte”) com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo querer-fazer, saber-fazer, poder-fazer, dever fazer sobre o destinatário a partir da sedução (último vídeo publicado).

A modalização do destinatário pelo dever-fazer, argumentado pelo destinador com a publicação do vídeo, é legalizada a partir do acordo fiduciário estabelecido quando o destinatário acessa o Canal.

Quanto ao nível discursivo, no canto esquerdo, há uma figura de tamanho menor do narrador (o enunciador projeta-se no discurso e assume o simulacro de narrador) na qual ele aparece com o corpo na posição lateral, segurando um microfone com a mão direita, com a mão esquerda na altura da cabeça, figurativização de um momento em que estaria pregando. Ao lado dessa figura em tamanho menor, consta a quantidade de inscritos no Canal, o que credibiliza o mesmo na formação discursiva religiosa-cristã.

Na parte superior centralizada da página (banner do Canal), está a figura do pastor novamente como se estivesse pregando; com as mãos no microfone, sorridente, olhando para frente, está todo envolto da cor azul celeste, que em uma possibilidade interpretativa, estaria a cor azul figurativização de uma proximidade entre o enunciador e o mundo divino. Ao seu lado, está seu nome com fonte de tamanho grande, acompanhado de três palavras: fé, inspiração, conquista.

Figura 72 – Recorte da figura 71 (1)



Fonte: <https://www.youtube.com.br/@pastorclaudioduarte> Acesso em 17/10/2022.

Os *hiperlinks*: *site*, *Facebook* e *Instagram* são marcas identitárias do enunciador figurativização de um pastor midiático-digital com atuação em outras mídias digitais.

Na sintaxe discursiva temos na instância da enunciação a categoria de pessoa, um “eu” enunciador, produtor de conteúdos do Canal intitulado Pr. Cláudio Duarte, e um “tu” enunciatário, o internauta, aquele que acessa o Canal no ciberespaço. O enunciador projeta-se

no interior do discurso como narrador do texto-enunciado e gera efeito de sentido de subjetividade. Esse narrador divulga seu então mais recente vídeo de pregação “Dez mandamentos para os pais com pastor Cláudio Duarte”, a imagem do vídeo vai sendo reproduzida mesmo o internauta não abrindo o vídeo, mas no momento em que fizemos a captura de tela a imagem permaneceu na figura do pastor pregando. O vídeo apresenta o pastor no altar, cuja cor preta está figurativização de seriedade.

Quanto à categoria de tempo, há o verbo inscrever, na cor vermelha, é infinitivo impessoal, seguido de pronome reflexivo, indicando que ao clicar, o próprio enunciatário inscreve-se no Canal, por meio de ação reflexiva, ou seja, uma ação sobre si mesmo. O ícone *inscrever-se*, configura uma sugestão imperativa, pois diz respeito a recursos de persuasão que intimam o internauta a acompanhar as publicações do pastor no Canal, pois há um apagamento, intencional do enunciador (no caso o *YouTube*) oriundo de comunicação manipuladora.

O narrador autoafirma-se humorista, juízo de valor subjetivo sobre si mesmo, como podemos observar em trechos retirados do *hiperlink* “sobre”: “Cláudio Duarte é um pastor muito carismático e simpático”. Esse enunciado faz uso da embreagem actancial enunciativa, pois utiliza a terceira pessoa no valor de primeira. O mesmo ocorre também em “ele tem o hábito de fazer piadas e contar histórias engraçadas”, o que produz efeito de objetividade, evitando assim a ideia de manipulação sobre o enunciatário, trazendo-lhe respostas para a construção de uma imagem.

Nos enunciados “Cláudio Duarte é um pastor muito carismático e simpático” e “ele tem o hábito de fazer piadas e contar histórias engraçadas”, têm uso do mecanismo de instauração de pessoa, por isso trata-se de embreagem actancial enunciativa, utilizada a fim de neutralizar a debreagem enunciativa de primeira pessoa, pressuposta no enunciado. A embreagem actancial enunciativa figurada aqui é uma estratégia discursiva a fim, talvez, de afastar uma impressão negativa de falsa modéstia.

Assim sendo, desenrolam-se dois temas relacionados à identidade do enunciador, um trata do pastor que deseja ser seguido pelos enunciatários e o outro tema é o tema do pastor que vende a ideia de ser um pastor que faz humor e deseja que os enunciatários apreciem suas pregações considerando esse diferencial, portanto dizer que é humorista não confirma esse humor, pois o humor se confirma na construção do seu discurso enquanto o profere.

Figura 73 - Recorte da figura 71 (2) - banner da página do perfil do Canal Pr. Cláudio Duarte



Fonte: <https://www.youtube.com.br/@pastorclaudioduarte> Acesso em 17/10/2022.

A figura acima apresenta a figura actancial pastor com sorriso largo, segurando o microfone com as duas mãos, em um simulacro de que está pregando a Palavra para seus enunciatários. A focalização é aberta, de estilo concessivo, de aceleração, com acento eufórico, aspecto imperfectivo e terminativo.

Ao simular um momento de pregação, promove a figurativização de uma ação em movimento, no sentido de que está em pleno exercício de função. Nesse sentido, o estilo é implicativo, aceleração, de inaccento eufórico, visto trazer a ideia de movimento, então ideia de continuidade e aspecto durativo, que intensifica a ideia de um pastor ativo, em constante trabalho. O mesmo estilo implicativo ocorre quanto ao vídeo divulgado como última postagem do Canal “Dez mandamentos para os pais com pastor Cláudio Duarte”, pois mais uma vez, surge a figura do pastor pregando, por isso, estilo implicativo, com aceleração, de inaccento eufórico, visto trazer a ideia de movimento, então ideia de continuidade e aspecto durativo.

A percepção sensível é de um sujeito da ação, a aspectualização do ofício é do perverso, de andamento durativo e lento, pois trabalha dentro do previsível, programado e esperado.

Figura 74 - Recorte figura 71 (3) - vídeo anunciado na página do perfil do Canal Pr. Cláudio Duarte



Fonte: <https://www.youtube.com.br/@pastorclaudioduarte> Acesso em 17/10/2022.

Recortamos o vídeo do anúncio da página do perfil do Canal para vislumbrar o cenário. A espacialidade é fechada, pois os elementos figurativos surgem em uma focalização que privilegia o corpo actancial inteiramente (dos pés à cabeça). Assim, a aspectualização é perfectiva de existência solene com andamento desacelerado. A cor preta figurativiza a seriedade do ambiente, utilizada como uma voz coletiva de resistência à ideia de que o preto é cor das trevas. As igrejas evangélicas que normalmente utilizam essa cor apregoam que todas as cores são de Deus, inclusive o preto. Vejamos na transcrição⁸⁰ a seguir, sobre este assunto:

[...] todas as cores são de Deus... ele é o autor de todas as tonalidades que existem no universo...a cor preta não é do diabo...assim como as cores do arco-íris não são do movimento LGBT...diante disso...se todas as cores são de Deus...isso quer dizer...que as igrejas que pintam as paredes de preto devem ser limitadas?...igrejas que fazem isso são igrejas sérias?...não necessariamente...existem igrejas sérias...e igrejas falsas...que pintaram as paredes de preto...há também igrejas teologicamente robustas...e igreja teológicas que mudaram a aparência do prédio...a cor da parede...não determina a saúde espiritual de uma igreja...isso tem que ficar bem claro para todos nós [...] (Marque, 2022).

A falta das figuras sagradas, tipicamente presentes no catolicismo, é a figurativização da identidade protestante, a qual exclui de sua prática a ornamentação do ambiente como as figuras dos santos. Atrás da figura actante do pastor apenas a parede preta e os instrumentos musicais utilizados para os louvores. Escolhemos adotar a interpretação de que a cor preta é a figurativização da seriedade e de uma resistência à ideia de que é uma cor das trevas, sendo essa resistência quando figurada no mundo natural, e quando figurada na Bíblia estará associada metaforicamente como trevas, como podemos exemplificar com o versículo de 1 Jo 2:11 “Mas aquele que odeia seu irmão está nas **trevas** e por elas anda, sem saber para onde vai, pois as **trevas** lhe cegaram os olhos”.

Tipologias dos argumentos retóricos (Pastor Cláudio Duarte)

Consta a utilização do argumento retórico Identidade e definição na argumentação, pois o enunciador define-se por descrição de quem é (humorista), a fim de produzir uma imagem perante o enunciatário, o que se figura um intuito de expressar uma identidade.

Percebe-se o uso do *argumento do modelo*, pois utilizando a embreagem actorial enunciativa, o enunciador promove a própria imagem antes mesmo que o enunciatário tenha, talvez, não assistido nenhum de seus vídeos. Pois, “o valor da pessoa, reconhecido previamente, constitui a premissa da qual se tirará uma conclusão preconizando um comportamento particular” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1958], p. 414). O enunciador ou sua equipe de assessoramento provavelmente valeu-se da premissa de que “não se imita qualquer um; para

⁸⁰ Marque. Fabrício A. **Igrejas pretas: Por que as igrejas estão pintando as paredes de preto? / Pensando as Escrituras.** In <https://youtu.be/C2BltpzsiwI> - Acesso em 25/01/2024 (Tempo de 1':50" até 2':30").

servir de modelo, é preciso um mínimo de prestígio” (Id., 2014 [1958], p. 414). Assim, o enunciatário pode, talvez, preferi-lo em vez de outro.

Ethos do enunciador da cena enunciativa 2.b

Percebemos o uso do mecanismo de embreagem actancial em todos os *hiperlinks* “Sobre”, mas pontuamos especialmente na análise do discurso do enunciador da cena enunciativa 2.b, porque ele não trouxe, por exemplo, sobre um curso que fez, se é casado ou não, não trouxe informações objetivas de fato. Pelo contrário, apresentou informações subjetivas, opinativas sobre si mesmo. Essa nossa observação não traz aqui nenhum juízo de valor, até porque analisaremos o ator da enunciação para constataremos o humor, trata-se de uma observação de como o enunciador fala de si, o que sugere um enunciador de, ao menos, boa autoestima.

Assim, o que se apreende aqui, ao menos por enquanto, é que existe um desejo, por parte do enunciador, de ser visto como pregador que faz humor, o que se pode confirmar ou não quando da apreensão de sua atuação no interior das pregações. Mas é importante observar que o enunciador figura uma imagem de autoconfiança ao dizer ao seu enunciatário que sabe quem é, como se dissesse “Sou o que sou”, “Digo que sou porque sei quem sou”. Ou ainda, em uma possibilidade, porque já obteve *feedback* de seus enunciatários de tal modo que se convenceu disso, o que pode ter causado uma percepção de quem é, a partir de suas experiências durante ou após proferir suas pregações, o que figurativiza uma possibilidade de estarmos de fato diante de um enunciador consolidado como pastor-humorista. Todavia precisamos apreender esse estilo nas marcas dos texto-enunciados da cena enunciativa 2.b referentes às suas pregações.

CENA ENUNCIATIVA 2.B – PREGAÇÃO *STAND UP COMEDY* PROTESTANTE

O enunciador das pregações seguintes é itinerante, por isso as pregações estão postadas em distintos canais. Trata-se de um famoso enunciador que se destaca justamente pela sua irreverência nas pregações, as quais buscaremos apreender nas análises a seguir.

5.2.1.2 O *ethos* do ator da enunciação “Casamento com excelência”

“Casamento com excelência” é o nome de uma pregação postada em 29 de março de 2017 no Canal Igreja dos filhos, o qual pertence à comunidade evangélica Deus Provedor. Na descrição do vídeo, há a informação de que a pregação foi realizada nesta comunidade em janeiro de 2017, na cidade de Joinville no evento intitulado Casamento com inteligência.

O website é <https://youtu.be/H7It3T3_eXk> - com acesso em 21/06/2020. Seleccionamos o trecho com duração do tempo de dois minutos e vinte e oito segundos (2':28") até o tempo de seis minutos e quarenta e dois segundos (6':42").

Estruturas semionarrativas e tensivas

A partir da leitura do texto-enunciado “Casamento com excelência”, observamos a axiologia Casado *versus* solteiro, como enunciado elementar da sintaxe narrativa, oposição condicional à escolha, com foras estabelecidas mediante decisão do status de solteiro ou casado. É estabelecido um percurso no texto entre os termos: solteiro (disfórico) *versus* casado (eufórico), encontrado no momento em que o sujeito destinador realiza a leitura do versículo bíblico “[...] deixará o homem seu pai e a sua mãe e apegar-se-á a sua mulher e serão AMbos uma só carne...o texto também é para mulher... deixará a mulher seu pai e mãe e unir-se-á a seu marido e serão os dois uma só carne [...]” (Duarte, 2017 - excerto 123).

O percurso:

1- Dependência dos pais-----não-dependência pais-----casal autônomo.

(Disfórico)

(eufórico)

A não-dependência dos pais, negação à dependência dos pais, aparece em todo o discurso, qual trata da necessidade dos filhos serem autônomos, no sentido de deixar pai e mãe para constituir família.

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores. No programa narrativo, há o uso da persuasão sob uma perspectiva modal dever-querer-saber proposta pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um querer-saber para obter o objeto-valor casamento com excelência. O sujeito do fazer e destinador (pastor) compartilha o objeto-modal de valor cognitivo com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo dever-saber sobre o destinatário a partir da sedução, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*. O objeto-modal consiste em saber-ser autônomo/independente, desapegado dos cuidados maternos.

No nível discursivo, na instância de enunciação, na categoria de pessoa, estabelece-se um “eu” enunciador e um “tu” enunciatário. Esse enunciador (Pastor Cláudio Duarte) projeta-se no interior do enunciado e assume um simulacro de narrador, instância de primeiro grau.

Na sintaxe discursiva, utiliza a debreagem enunciativa com instauração de um eu-aqui-agora, pois narra o discurso em primeira pessoa do presente do indicativo como no exemplo

“[...] **nós vamos dar** uma olhada [...] (Duarte, 2017 – excerto 1). O uso do “nós” é um dêitico de pessoa ampliada do “eu”, a locução verbal “vamos dar” tem valor de “daremos”, mas a escolha da locução é estratégia discursiva com efeito de sentido de subjetividade.

A debreagem enunciativa surge como tempo futuro ao ser proferido, por exemplo, o versículo bíblico [...] “deixará o homem seu pai e a sua mãe e apegar-se-á a sua mulher e serão AMbos uma só carne [...]” (Duarte, 2017). Isso porque se trata de conselho dado aos que pretendem se casar no futuro.

A informalidade na fala com o uso de “pra”, “cê”, “virá”, a expressão diminutiva “um pouquinho de inteligência”, que poderia em outro contexto soar ofensivo; a ocorrência do pleonasma “eu me caso com a minha esposa”, geram todos esses recursos de informalidade, como uma orquestra argumentativa, de efeito de sentido de subjetividade, o que aproxima o narrador do narratário, tornam-se, por efeito de sentido, como íntimos em uma relação de cumplicidade.

O texto-enunciado apresenta uma pregação no gênero discursivo sermão de fidelização para o público presente no espaço de proferição do discurso, enquanto os internautas recebem o mesmo discurso com a finalidade de divulgação/evangelização. O discurso tem como base o discurso fundador da fé cristã, mais especificamente o livro de Gn 2:24-25.

[...] nós vamos dar uma olhada...nessa questão de vida conjugal...se casar...vamos passar por algumas etapas...mas a primeira delas é um conselho dado... e na verdade a palavra homem está generalizando...**“deixará o homem seu pai e a sua mãe e apegar-se-á a sua mulher e serão AMbos uma só carne”**...o texto também é para mulher... deixará a mulher seu pai e mãe e unir-se-á a seu marido e serão os dois uma só carne [...] (Duarte, 2017 – excerto 123).

A progressão do discurso consiste em insistir no entendimento prático da ação de deixar os pais. Assim, o narrador esmiúça diversas situações problemas que impedem a efetivação do cumprimento do que orienta o versículo bíblico do livro de Gênesis. Todos os exemplos são tratados com muito humor, o que promove um clima descontraído.

Ações de quem irá se casar são hipoteticamente apresentadas para exemplificar o disfórico e ao mesmo tempo para gerar humor no discurso. Cortar o cordão umbilical, explicado pelo narrador como perder o vínculo, a dependência da família de origem, conferido no excerto 124: “[...] a primeira coisa que nós precisamos entender é que o casamento... ele pede daquele que vai entrar nele...algumas decisões... e uma delas é cortar o cordão umbilical [...] (Duarte, 2017).

Referindo-se a uma suposta futura esposa, exemplificada em uma situação de mulher recém-casada querer voltar para a casa da mãe porque o marido gritou com ela, julga que não deveria ter se casado, pois estaria em desacordo com o versículo bíblico.

Aponta como uma questão problemática, a intromissão das sogras na relação dos filhos casados, dizendo, de maneira engraçada, que se estiver entre os fiéis presentes não precisaria nem se manifestar, numa tentativa de enfatizar a desnecessária intromissão no casamento dos filhos, conferido no excerto 115: “[...] pió...mãe...tem sogra aí?...se tivé...fica quieta...não precisa manifestá [...] (Duarte, 2017 – excerto 115). Como numa tentativa de justificar o apego da figura materna com o filho, compara as mães brasileiras com as mães norte-americanas, deixando para as brasileiras o perfil de mães superprotetoras, excerto 126:

[...] mas as mulheres brasileiras são muito engraçadas...se viaja pra europa...você vai jantar em restaurantes que tem lugar reservado pra botá o carrinho do bebê...a mãe senta aqui pra comê com o marido e o bebê fica numa outra sala...vista por um vidro ((voz cômica))...a senhora iria num restaurante desse?...que a sua prole não pode ficar do seu lado?...pra senhora tá esfregano nela?...não... porque a mulher brasileira...acho que cria filho pra casá com ela [...] (Duarte, 2017 – excerto 126).

Para explicar o sentido de um casal ser considerado, pelo discurso fundador da fé cristã, um só corpo, o narrador faz uso de um jogo de imagens, que simula a junção de dois corpos tornando-se um, simulado na figura duplicada do pastor que logo em seguida torna-se uma única figura novamente. Esse jogo de imagens está transcrito no excerto 127 e disponível no vídeo, no tempo de cinco minutos e quarenta e quatro segundos (5’: 44’’). Ao fazer essa projeção de imagens, o narrador intensifica a prévia intenção de publicação da pregação no *YouTube*, ambiente virtual de interação social, que possibilita perceber a simulação da junção dos corpos, o que não é possível no presencial.

Completa seu discurso dizendo que a união dos corpos, figurativizada também pela ideia de aliança (união) entre duas pessoas, deve respeitar a individualidade um do outro como no excerto 128: “[...] há uma união...são duas alianças...mas há uma individualidade...elas se entrelaçam para formar o casamento...o que significa que se um sobrepõe o outro...alguém perdeu seus direitos...suas vontades...seus hábitos...seus costumes...e não é assim que funciona [...] (Duarte, 2017 – excerto 128).

Cita outro exemplo, também com muito humor, sobre a esposa aceitar o futebol praticado pelo marido (excerto 129), cujo intuito é constituir um discurso a partir da defesa do respeito da individualidade, pois apesar de dois corpos tornarem-se um só corpo, orienta os narratários quanto a necessidade de ceder para agradar um ao outro:

[...] exemplo...você casou com um menino que sempre dia de sábado jogava bola com os amigos...VINte ano esse menino jogando bola ((com a mão esquerda fechada e braço firme...faz um gesto como que a continuidade da ação de jogar bola fosse

contínua e durativa))...e agora ele casa com você ((voz cômica))... e você diz “sábado agora não tem mais bola”((continua com a mão esquerda fechada e braço firme...mas agora como um gesto de imposição))... “não tem mais bola”...((risos também dos fiéis)) [...] (Duarte, 2017 – excerto 129).

Chama a atenção a expressividade, pois o narrador também é figura actancial no texto-enunciado mesmo permanecendo na instância de primeiro grau. Essa figura actancial de pastor apresenta utilizando somente o seu andar pelo altar, com gestos com as mãos, qual é a posição do homem e qual é a posição da mulher no casamento, sem usar palavras para isso. Em nossa interpretação, o narrador preferiu fazer gestos e movimentos para indicar qual é a posição do homem e da mulher no casamento, porque se seu posicionamento fosse explicado na linguagem verbal, poderia não ser bem aceito pelo público do *YouTube*, o qual é difuso e misto. Assim, é evitada a não adesão ao posicionamento cristão. A movimentação da figura do pastor pode ser conferida no vídeo no tempo de 6’:16” até 6’:22” e no excerto a seguir (excerto 128):

[...] segundo a proposta ((referindo-se ao cristianismo))... eu sou um aqui...((anda para o lado direito do altar, demarcando com as duas mãos o lugar))...minha mulher é uma aqui ((anda para o lado esquerdo do altar demarcando com as duas mãos o lugar))... e nós somos UM:: aqui... ((anda para o centro do altar demarcando com as duas mãos o lugar)) [...] [...] (Duarte, 2017 – excerto 128).

A posição da mulher no casamento é descrita e expressa em movimentos como sempre do lado esquerdo, enquanto a posição do homem seria sempre do lado direito. E a soma dos dois seria o centro. O sentido implícito de direita e esquerda no cristianismo vai muito além do que seria um posicionamento político. O lado direito é a posição de Jesus Cristo na trindade divina, a palavra destra é tida como o lado mais habilidoso, mais ágil, provavelmente pela maioria das pessoas ser destra e não canhota. É possível observar, por exemplo, a ideia de força destra em “Tu tens um braço poderoso; forte é a tua mão, e alta está a tua destra” (Salmo 89:13). Embora esse Salmo e a posição de Cristo no trono tenham sido mencionadas, há um embasamento bíblico internalizado na prática cristã, que o narrador assumiu como algo que não precisa ser mencionado por ser conhecimento prévio dos presentes ou, como dissemos no início, preferiu não tratar nos detalhes para divulgar e quicá evangelizar.

As temáticas são: Atingir a maturidade no tempo certo; sair da casa dos pais e viver uma vida de casado (a) com autonomia; o casal respeitar a individualidade um do outro; a mãe deixar o filho crescer sem tratá-lo como criança e a sogra não se meter no casamento dos filhos.

Figura 75 – *Frame* simulacro da junção dos corpos de um casal (5':44" até 5'60").



Fonte: <https://youtu.be/H7It3T3_eXk> Acesso em 21/06/2020.

Na figura 75 temos o jogo de imagens, um dizer de outro modo, agora por meio da expressão, o versículo bíblico do início da pregação, Gn 2:24-25, no qual é dito que o homem e a mulher deixarão pai e mãe para tornarem-se uma só carne. Trazendo à tona assim, o conceito de corpo no casamento, como apregoa o cristianismo. Sob o ponto de vista tensivo, quanto ao *frame* selecionado do vídeo, há um transbordamento dos elementos actanciais que compõem o quadro, por isso a espacialidade é aberta, de aspecto imperfectivo, de existência fugaz, com andamento acelerado.

Figura 76 – *Frame* após a junção de dois corpos que se tornaram um casal.



Fonte: <https://youtu.be/H7It3T3_eXk> Acesso em 21/06/2020.

Após a duplicação da figura do pastor, a imagem volta ao normal. Quanto às demais figuras, os elementos figurativos que formam o cenário, observa-se um átrio na cor de madeira, adornado com pães em uma cesta, juntamente com a escrita “Deus provedor” seguida da

afirmativa “Lugar de Crescimento” (observável em sua totalidade apenas no decorrer do vídeo) figurativizam o alimento, a provisão de Deus na vida do cristão, juntamente com a afirmativa de que a comunidade em que está sendo proferida a mensagem é um lugar de crescimento espiritual de quem a frequenta. A cor amarela lembra a cor do ouro e figurativiza a riqueza trazida como benção na vida do cristão. O *frame apresenta* um transbordamento das figuras, por isso a espacialidade é aberta, de aspecto imperfeito, de existência fugaz, com andamento acelerado.

Quanto ao discurso, chama a atenção a gradação de intensidade, digamos, da voz “dengosa” que o narrador simula, projetando um aumento de dengo na voz à medida que cita as ações que o filho (a) estaria recebendo da mãe. Se utilizarmos a série tônica, conforme assinala Zilberberg (2006, p. 56), teríamos a situação inicial como o momento do impulso “a comida da mamãe”, a ascensão “o leitinho” e a apoteose “a caminha e o cafuné”. O termo apoteose remete a ideia endeusamento de alguém pelo tratamento recebido. O tom sério é retomado em intervalos entre uma ilustração humorística e outra, a fim de manter a seriedade do todo da mensagem.

O sujeito destinador cria uma hipotética situação narrada para tratar da importância de se respeitar a individualidade. Nessa narração vem à tona a noção de corpo individual e coletivo, quando mediante a imposição da esposa, a figura actancial marido (menino) não pode jogar bola. A questão da individualidade é tratada quando o “menino” assume o papel de esposo, um sujeito sensível que sofre as ações de outro corpo (esposa) e é afetado disforicamente no cotidiano da vida conjugal, em uma relação que deveria ser, conforme orientação do sujeito destinador de respeito à individualidade, mas a figura esposa estaria extrapolando os limites do outro corpo (seu esposo). Podemos conferir esse momento do discurso no excerto 129, citado a seguir:

[...] exemplo...você casou com um menino que sempre dia de sábado jogava bola com os amigos...VINte ano esse menino jogando bola ((com a mão esquerda fechada e braço firme...faz um gesto como que a continuidade da ação de jogar bola fosse contínua e durativa))...e agora ele casa com você ((voz cômica))... e você diz “sábado agora não tem mais bola”((continua com a mão esquerda fechada e braço firme...mas agora como um gesto de imposição))... **“não tem mais bola”**...((risos também dos fiéis))[...] (Duarte, 2017 – excerto 129).

Esse sujeito passivo, na figura de marido tolhido pela figura da esposa, é afetado pela imposição severa de um sujeito sancionador, no sentido de uma vez casado, sem futebol. A modulação desse corpo, menino que joga bola, que agora está casado, ocorrerá mediante sua escolha, sua decisão e também aos afetos sofridos pelo outro corpo, a esposa que não deixa jogar bola.

Os exemplos são trazidos no desvelar do discurso revestidos de um humor expressado na voz, tanto quanto ao volume, quanto em relação à melodia, causando um efeito cômico e ridículo que quebra a seriedade do tema, gerando o riso dos sujeitos destinatários.

Forias:

SOLTEIRO *versus* CASADO (oposição condicional à escolha, com forias estabelecidas mediante decisão do status de solteiro ou casado);

DEPENDÊNCIA *versus* AUTONOMIA;

NORA/GENRO (eufórico) *versus* SOGRA (disfórico);

ALTERIDADE *versus* EGOÍSMO;

MATURIDADE *versus* IMATURIDADE.

A seguir, tabela de forias elaboradas a partir de excertos de “Casamento com excelência”, na qual constam como valores eufóricos comportamentos que contribuem para um casamento de casais independentes, que não dependem dos pais e valores disfóricos para casais dependentes dos pais.

Excerto		Foria
123	[...] nós vamos dar uma olhada...nessa questão de vida conjugal... se casar ((na possibilidade de casamento)) ...vamos passar por algumas etapas...mas a primeira delas é um conselho dado [...] (Duarte, 2017 – excerto 123)	SOLTEIRO <i>versus</i> CASADO; (oposição condicional à escolha, com forias estabelecidas mediante decisão do status de solteiro ou casado)
124	[...] o casamento... ele pede daquele que vai entrar nele...algumas decisões... e uma delas é cortar o cordão umbilical... é perder o Vínculo:...certo...de dependência...da família de origem [...] (Duarte, 2017 – excerto 124)	AUTONOMIA (eufórico) <i>versus</i> DEPENDÊNCIA (disfórico)
125	[...] e piô...mãe... tem sogra aí? ...se tivé' fica quieta...não precisa manifestá [...] (Duarte, 2017 – excerto 125).	NORA/GENRO (eufórico) <i>versus</i> SOGRA (disfórico)
129	[...] exemplo...você casou com um menino que sempre dia de sábado jogava bola com os amigos...VINte ano esse menino jogando bola ((com a mão esquerda fechada e braço firme...faz um gesto como que a continuidade da ação de jogar bola fosse contínua e durativa))...e agora ele casa com você ((voz cômica))... e você diz “sábado agora não tem mais bola”((continua com a mão esquerda fechada e braço firme...mas agora como um gesto de imposição))... “não tem mais bola” ...((risos também dos fiéis)) [...] (Duarte, 2017 – excerto 129).	ALTERIDADE (eufórico) <i>versus</i> EGOÍSMO (disfórico)
125	[...] se ocê ainda na primeira briga vai correr pra lá e fala “mãe... ele gritô comigo” ((imitando voz de alguém que fala e chora))...pois é fia ((risos))...não devia ter casado não [...] (Duarte, 2017 – excerto 125).	MATURIDADE (eufórico) <i>versus</i> IMATURIDADE (disfórico)

Tabela 22 – Forias de “Casamento com excelência”.

A partir das forias estabelecidas em “Casamento com excelência”, elencadas na tabela 22, disponibilizamos a seguir o gráfico de correlação inversa, no qual os valores de absoluto são eufóricos, abscissa de intensidade, pois correspondem às atitudes de casais independentes dos pais, enquanto os valores de universo são disfóricos, abscissa de extensidade, pois correspondem às atitudes de casais dependentes dos pais.

Correlação inversa de *Casamento com excelência*

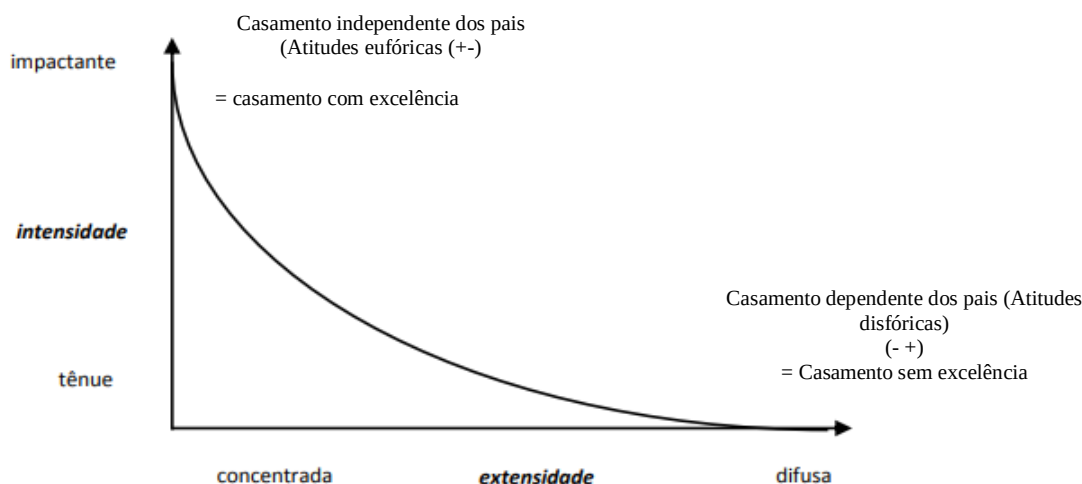


Gráfico 18 - Correlação inversa de *Casamento com excelência* (Com base no modelo de Zilberberg - 2006, p. 216)

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoriação”. Quanto mais concentrado/impactante e menos tênue/difuso = Casamento com excelência (eufórico). E quanto menos intenso e mais difuso = Casamento sem excelência (disfórico).

Tipologias dos argumentos retóricos

O argumento da regra de justiça surge na fala do sujeito destinador, no excerto 123, pois ele salienta que a palavra que será lida não apenas para os homens, mas também para as mulheres ao se referir ao versículo bíblico (Gn 2:24-25), conferido no **“deixará o homem seu pai e a sua mãe e apegar-se-á a sua mulher e serão AMbos uma só carne”**...o texto também é para mulher... deixará a mulher seu pai e mãe e unir-se-á a seu marido e serão os dois uma só carne [...] (Duarte, 2017 – excerto 123). O uso do argumento, não quer dizer que precisava ser utilizado, ou que se trata de fato de uma injustiça. A questão é que foi utilizado o argumento para gerar um efeito *de regra de justiça*.

O exórdio da pregação parte de um *argumento de autoridade* ao citar um versículo bíblico, inscrevendo o seu discurso, logo no início, à formação discursiva cristã, marca identitária do sujeito da ação. Cita, em tom sério e amigável, o versículo bíblico de Gn 2:24-25

conforme consta na transcrição, “deixará o homem seu pai e a sua mãe e apegar-se-á a sua mulher e serão AMbos uma só carne” e enfatiza o pronome indefinido “ambos” e esclarece que o termo homem, dito no versículo, refere-se também às mulheres.

Lança mão de mais três argumentos para validar o versículo bíblico. Dois com *base na estrutura do real*, pois com o *argumento retórico da metáfora* enuncia a expressão “cortar o cordão umbilical”, expressão que enfatiza a ação de deixar pai e mãe para a constituição do casamento. Juntamente com o *argumento da ilustração*, conforme consta na transcrição “se você ainda não tá pronto pra ficar sem a comida da mamãe...o leitinho...a:::...a caminha...o cafunê” profere com humor, imitando voz de alguém dengoso, cujo tom de voz beira o infantil, simulando voz de ação ridícula, que configura o uso do *argumento quase-lógico*, por meio do ridículo, provocando assim o riso do enunciatário.

O *argumento retórico pela estrutura do real* está presente durante todo o trecho analisado, visto basear-se na realidade, por meio de situações hipotéticas cruzadas com tom de voz humorístico, que desperta o riso no sujeito destinatário.

Como conector isotópico lança uma pergunta e introduz o tema sogra: “Tem sogra aí?”. O sujeito destinador aconselha as sogras a não se intrometer no casamento dos filhos, apenas com o acréscimo de um enunciado: “Se tiver, não precisa manifestar”. Sem tratar mais da temática sogra, prossegue o discurso, deixando no implícito toda a carga de sentido para uma reflexão sem dizer mais nada a respeito. Podemos dizer que se trata de uma estratégia discursiva inusitada. Retoma o tema anterior sobre mãe que cuida demais e utiliza o *argumento da comparação*, axiologia mãe brasileira vs. mãe norte-americana, como tom de voz irônico e ao mesmo tempo humorístico. A mãe brasileira é destacada como aquela que cuida demais, visto não ser capaz, conforme aparece em situação ilustrativa, de deixar o bebê em outra sala com vidro enquanto realiza refeição. O argumento serviu para tratar da mãe que promove ambiente de excesso de cuidado podendo gerar duas situações, concluindo dentro do próprio argumento duas consequências hipotéticas de ser uma mãe com cuidados excessivos, filho acomodado que não constrói a própria vida ou filho que vai embora por querer mais liberdade.

Para tratar do ato de ceder, utiliza uma *ligação que fundamenta a estrutura do real* ao fazer uso de uma ilustração, *um argumento pelo exemplo*, no qual actante marido, acostumado a jogar bola quando solteiro, prática realizada por vinte anos, estaria após casado, impedido pela esposa. A ilustração ganha força persuasiva a partir do humor proporcionado pelo tom de voz e a escolha das palavras. A palavra “marido” ou “cônjuge” é substituída por “menino”, figurativização de juventude, casal recém-casados. Dirigindo-se à figura esposa, o destinador profere: “e agora ele CA::sa com você::” (Duarte, 2017).

A expressão enfatiza o conteúdo da mensagem trazendo *riso*, devido a voz de humor, a imposição das mãos do sujeito destinador é representativa sugerindo um momento divisor de águas em que passa o “menino” a sofrer as imposições do casamento, cujo efeito de sentido é de um casamento desagradável e infeliz caso a actante esposa não considere as necessidades do actante marido.

Casamento com excelência

O texto-enunciado analisado tem uma produção claramente realizada tanto para o público presente quanto para o público da internet, a contar pelo jogo de imagem duplicada simulando a junção de dois corpos. Inscreve-se no gênero discursivo sermão, mas foge aos padrões de seriedade.

As quebras de humor por meio de narrações hipotéticas de situações vividas por sujeitos despreparados para uma união conjugal, adornam metaforicamente o discurso do início ao fim do trecho selecionado.

Diferente da cena enunciativa 2.a, o humor é produzido sem a interação dos fiéis, ficando a cargo deles apenas as risadas.

A estratégia dos movimentos do corpo para expressar o sentido de direita e esquerda dado aos sujeitos (marido e esposa e não esposa e marido) reduz o que talvez tivesse de explicar, por exemplo, em uma hora de discurso, pois é transmitido ao destinatário em apenas alguns segundos.

O ator da enunciação enunciada apresenta-se como um pastor afeito ao humor de estilo *stand up comedy*, um comediante que sozinho no palco realiza sua *performance* e promove o riso e artisticamente transmite a mensagem fundamentada no discurso fundador cristão

5.2.1.3 O *ethos* do ator da enunciação “Homem Banana e Mulher Abacaxi”

Homem Banana e mulher abacaxi refere-se ao título do sermão pregado presencialmente pelo enunciador, Pastor Cláudio Duarte, a fiéis evangélicos de uma comunidade cristã, posteriormente postado no *YouTube* no Canal Lagoa Digital em 12 de dezembro de 2013. O discurso intenciona explicar o perfil de um “homem banana” e de uma “mulher abacaxi”, um casal problemático. O *website* do vídeo é <<https://youtu.be/vAuHkE38PbY>> - acessado para esta análise ocorreu pela primeira vez em 21 de julho de 2020, quando selecionamos o trecho que corresponde ao tempo de dois minutos e dezesseis segundos (2’:16”) até o tempo de 20’:50”. Essa pregação tem se tornado conteúdo base para novas pregações desse mesmo

enunciador, por isso acreditamos ter sido melhor analisá-la do que escolher uma mais recente que a tomaria como base.

Estruturas semionarrativas e tensivas

A partir da leitura do texto-enunciado “Homem banana e mulher abacaxi”, disponível nos anexos, observamos a axiologia Natureza (homem secular) (disfórico) *versus* Cultura (homem cristão) (eufórico), como enunciado elementar da sintaxe narrativa, oposição condicional ao comportamento do homem casado frente às problemáticas vividas em um ambiente familiar.

É estabelecido um percurso no texto entre os termos: homem modelo (eufórico) *versus* homem antimodelo (disfórico), encontrado no momento em que o sujeito destinador apresenta um casal bíblico como antimodelo (Acabe e Jezabel).

O percurso:

Natureza	não-natureza	Cultura
1- Homem banana-----	não-homem banana-----	casal cristão.
(Disfórico)		(eufórico)

O não-homem banana, negação do homem banana, aparece em todo o discurso, o qual trata da necessidade do homem se posicionar euforicamente como marido e pai.

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores. No programa narrativo, há o uso da persuasão sob uma perspectiva modal dever-querer-saber proposta pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um querer-saber para obter o objeto-valor: ser casal modelo.

O sujeito do fazer e destinador (pastor) compartilha o objeto-modal de valor cognitivo com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo dever-saber sobre o destinatário a partir da sedução, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*. O objeto-modal consiste em saber-ser homem de autoridade e carinhoso com a esposa. A figura actancial esposa é fruto das ações de um sujeito não posicionado frente às coisas do mundo.

No nível discursivo, na instância de enunciação, na categoria de pessoa, estabelece-se um “eu” enunciador e um “tu” enunciatário. Esse enunciador (Pastor Cláudio Duarte) projeta-se no interior do enunciado e assume um simulacro de narrador, instância de primeiro grau. Na sintaxe discursiva, utiliza a debreagem enunciativa com instauração de um eu-aqui-agora, pois narra o discurso em primeira pessoa do presente como no exemplo do excerto 130: “ [...] **nós precisamos** entender que **nós estamos** [...]” (Duarte, 2013 – excerto 130). O dêitico de pessoa

“nós”, pessoa ampliada de “eu” é um pronome pessoal do caso reto. Os verbos “precisamos” e “estamos” são verbos conjugados no presente do indicativo, utilizados para indicar um tempo concomitante ao momento de enunciação.

Há debreagem enunciativa por exemplo em “[...] homens de verdade...**sabe**...que não se corrompam...que tenham valores...valores que esse cara **não tinha** [...] (Duarte, 2013 – excerto 152). O narrador usa as duas debreagem enunciativa com o verbo “sabe”, pois está se referindo ao tempo de enunciação presente e “**tinha**”, referindo-se à narrativa do texto bíblico, um pretérito perfeito, momento de referência não concomitante ao momento de enunciação.

O narrador, com base no discurso fundador da fé cristã, 1 Rs 16:29-31, conferido no excerto 127 no momento em que o narrador faz a sua leitura, momento em que ocorre um jogo de imagens a fim de figurativizar a união de um casal (no tempo de 5’44”). O narrador defende a ideia de que Acabe fora vítima de um antimodelo de pai e por isso repetiu, de modo mais intenso, o antimodelo de homem casado, conforme consta no excerto 137, a figura de Acabe surge como produto do meio, momento em que faz a leitura dos versículos do livro de 1 Rs:

[...] então vamos olhar este casal aqui...eu só tô contando essas histórias pra eu me acalmar...mas preste atenção...Acabe tem uma coisa muito ruim...ele tem um pai ruim...se você está com sua bíblia aberta preste atenção...capítulo dezesseis...versículo de número vinte e cinco diz assim ((o pastor refere-se a 1 Rs 16:25))...“fez Onri o que era mau perante o Senhor...fez pior do que todos os que foram antes dele” veja o versículo trinta “fez Acabe... filho de Onri, o que era mau perante o Senhor, mais do que todos os que foram antes dele”... o cara foi pior que o pai dele...os pais já não prestava... é ou não é?... e aqui nós vemos uma coisa muito importante que eu quero trabalhar com vocês de um homem banana...sabe o que é?...pra mim banana é aquele que se torna um produto do meio [...] (Duarte, 2013 – excerto 137).

Depois da leitura dos versículos, inicia sua explanação da figurativização de um homem banana. O texto utiliza Acabe e Jezabel como figuras alegóricas disfóricas para construir o que não se deve ser como marido cristão. Inclui no seu discurso as metáforas da banana e do abacaxi para referir-se às alegorias: Acabe (banana) e Jezabel (abacaxi).

De acordo com o texto narrado, um marido “Acabe” tem como perfis disfóricos:

1- Não se posiciona como cristão, frente às coisas do mundo secular. É possível conferir esse perfil disfórico de homem não posicionado no excerto 140: “[...] nós temos que manter um **posicionamento** meu irmão...eu não vou me corromper [...] (Duarte, 2013 – excerto 140);

2- Não educam os filhos, porque não tem autoridade sobre eles: “[...] hoje a maioria dos homens não educam mais seus filhos...não tem mais **autoridade** [...] (Duarte, 2013 – excerto 143);

3- Não é **carinhoso**: “[...] a gente fala de carinho...é:::...ês acham que é frescura...já falou pra sua mulher que você a ama hoje [...] (Duarte, 2013 – excerto 141);

4- Não é exemplo para os filhos de tal modo que o filho prefere o Bob Esponja (personagem de desenho animado): “[...] aí o filho tá todos quesito...serpenteador... falando fino ((risos dos fiéis))...ocê oia e fala... “onde cê tá aprendendo isso menino?...seu pai é macho...mas eu não aprendi com o senhor... foi o Bob [...]. Nesse momento o narrador novamente utiliza uma alegoria. O Bob Esponja não seria de fato o antítipo seguido pelo filho, entendemos, em nossa interpretação, que figuras sociais disfóricas aos modelos eufóricos na perspectiva cristã. Essa nossa observação ocorre também por observarmos o comportamento exemplificado na figura do filho, “aí o filho tá todo quesito...serpenteador”, uma linguagem metafórica que está no sentido de a possibilidade de um pai antítipo ser um impulso para a figura do filho desenvolver comportamento homossexual, um modelo disfórico ao cristianismo, principalmente no meio evangélico.

5- A Jezabel, diferente do que poderíamos pensar num primeiro encontro com o texto-enunciado a partir do título, não se opõe à figura de Acabe. Acabe é a causa de uma consequência materializada como a figura da esposa Jezabel, como podemos conferir no excerto: [...] por isso que aparece Jezabel nessa conta...ela só cria asa por quê?...porque o bananão tá lá ((voz cômica))...e homem banana automaticamente gera uma mulher abacaxi...tem que ter autoridade campeão [...] (Duarte, 2013 – excerto 22). Desse modo, Jezabel no discurso do narrador, existe na vida de um homem somente se ele for banana (Cf. discurso fundador, Acabe, rei do povo judeu cuja fé é monoteísta, casou-se com Jezabel, adoradora de outro deus (baal). Jezabel perseguiu os profetas e mandou matar Elias, que se refugiou para se salvar).

Como homem modelo, o narrador cita Davi e Salomão, conferido no excerto Excerto 141: Davi disse uma coisa pra Salomão antes de morrer... **“meu filho tema a Deus e seja homem”**...HO:::-MEM:::[...] (Duarte, 2013). Assim, no discurso do narrador, não basta ser homem, tem de temer a Deus.

A partir das observações levantadas entendemos que há as seguintes axiologias que constituem os temas do percurso narrado:

- 1- Homem cristão (eufórico) *versus* homem não cristão (posicionamento ideológico);
- 2- Homem de autoridade (eufórico) *versus* homem sem autoridade;
- 3- Homem carinhoso (eufórico) *versus* homem não carinhoso;
- 4- Homem exemplo para os filhos (cristão) (eufórico) *versus* homem não exemplo para os filhos (secular/outras ideologias).

O homem que possui as virtudes eufóricas acima elencadas, de acordo com o discurso narrado, será virtuoso e terá como consequência uma boa esposa. Enquanto o homem com atitudes disfóricas terá uma Jezabel.

Figura 77 – *Frame* do momento da pregação de *Homem banana e mulher abacaxi*.



Fonte: <<https://youtu.be/vAuHkE38PbY>> Acesso em 21/07/2020.

A figura 77 apresenta uma espacialidade aberta, pois tem focalização que privilegia a parte superior do corpo da figura do narrador, posicionado de modo centralizado no altar. Atrás da figura do pastor, há elementos figurativos que dialogam com o tema da pregação, pois há um par de sapato masculino (elemento figurativo de marido), percebe-se um par de sapatos de criança (figurativização do filho) e um par de sapato feminino, elemento figurativo da esposa), compondo-se todos a ideia de família. Essa falta do todo da figura no *frame* gera um transbordamento do quadro, o que configura aspecto tensivo imperfectivo, de existência fugaz e andamento acelerado.

Quanto ao discurso proferido, a linguagem é descontraída, permeia entre um tom sério e um tom de humor, sendo o momento do humor a quebra, a introdução de nova isotopia breve, mediante uma concessão que surge a cada posicionamento sério.

O título da pregação é uma *metáfora* que associa o casal bíblico sendo Jezabel uma mulher abacaxi e Acabe um homem banana. Utiliza adjetivos de modo irônico como “abençoado”, ao referir-se a Acabe como “o abençoado do Acabe”; “sensacional”, ao referir-se à Jezabel como “mulher sensacional” (Duarte, 2013 - excerto 130).

Atribui como perfil de fracassados no casamento de Jezabel e Acabe, rotulando-os como “pessoas mal resolvidas”, como aquelas com “problema de resolução pessoal”, pois o sujeito mal resolvido (sujeito paciente) seria aquele que precisa modular-se mediante percepção de

mundo, cujas escolhas, pautadas nos valores cristãos, possibilitaria um posicionamento acerca das coisas no mundo.

O sujeito de estado presumido são casais antimodelos, com discurso direcionado para as atitudes disfóricas do homem, a partir da axiologia homem banana (pecador) vs. homem cristão.

O sentido eufórico do discurso está pautado em escolhas do sujeito de estado, que se posiciona, a partir da aquisição do objeto modal cognitivo, orientado pelo destinador mensageiro. Mediante conselho, direcionamentos dados pelo destinador mensageiro de um Arqui-Destinador divino, que apresenta uma possibilidade de resolução que consiste em saber como um homem cristão se comporta, sendo eufórica a ação de se posicionar diante das coisas do mundo como sujeito ativo e judicativo.

Ao retomar a narrativa bíblica de início para aconselhar sobre como o sujeito de estado deve posicionar-se diante daquilo que porventura viveu, sugerindo uma reprogramação dos pensamentos, dos valores frente aos afetos disfóricos do mundo, evitando assim, no que o cristianismo chama de maldição, que consiste na prática de comportamentos disfóricos, tidos como pecado e repetidos de geração em geração.

Para tanto, cita a passagem que trata do pai de Acabe, um rei mau para seu povo, sendo Acabe ainda pior que seu pai. Trata-se assim, de antimodelos familiares, que acabam sendo repetidos como se fossem heranças, momento do discurso em que surge uma axiologia antimitelo vs. mitelo, de acordo com trecho transcrito a seguir:

[...] não interessa quem foram seus pais...meu pai casou oito vezes...eu sou filho do segundo casamento...falei não:::...não quero isso pra mim não...cresci vendo aquilo...mudando de um lado pro outro...papai só casando...((risos dos fiéis)) só relacionamento...eu não:::...eu olhei e falei...não...não quero isso pra mim...não:::...vou casar com uma mulher só...vou fazer vinte anos...o preço é alto ((risos dos fiéis))...é:::mas graças a Deus eu me mantenho firme [...] (Duarte, 2013 – excerto 139)

O efeito de subjetividade, provocado pelo relato pessoal do sujeito destinador no excerto 139 acima, alcança seu grau máximo, um recrudescimento carregado de humor, conferido pelo jeito despojado de tratar de vivências pessoais em um posicionamento reprogramado para a vitória, deixando o fracasso do pai em oito casamentos não definir sua trajetória:

[...] Deus te dá essa liber...ah eu tô no meio dessa situação...nossa...eu vivia...meu irmão...não interessa onde você viveu nem onde você cresceu... não interessa quem foram seus pais...meu pai casou oito vezes...eu sou filho do segundo casamento...falei não:::...não quero isso pra mim não...cresci vendo aquilo...mudando de um lado pro outro...papai só casando...((risos dos fiéis)) só relacionamento...eu não:::...eu olhei e falei...não...não quero isso pra mim...não:::vou casar com uma mulher só...vou fazer vinte anos...o preço é alto ((risos dos fiéis))...é:::mas graças a Deus eu me mantenho firme quero ir com ela uma só até que a morte nos separe...de preferência com a morte dela não é verdade...((risos dos fiéis)) mas pelo menos eu quero ir até o finalzinho...é ou não é verdade?...isso é um grande desafio [...] (Duarte, 2013 – excerto 139).

Para tratar da axiologia homem banana vs. homem sem autoridade, usa a metáfora da placa de trânsito e radar, em que o homem-banana é a plaquinha e o homem cristão é o radar, cuja relação de grau é mais intensa para o radar, portanto mais autoridade, recrudescimento, enquanto a plaquinha, intensificado o sentido pelo diminutivo, é menos intenso, minimização.

O homem-banana, sujeito disfórico, também seria aquele que não é cabeça do lar, não respeita leis de trânsito, tem lábios impuros (excerto 152).

[...] gen:::te...sabe...homens de verdade...sabe...que não se corrompam...que tenham valores...valores que esse cara não tinha ((referindo-se a Acabe))...ele poderia alegar como alegou Isaías... “Eu sou um homem de lábios impuros porque convivo com um povo de impuros ((os fiéis completam))...lábios”...isso não é justificativa [...] (Duarte, 2013 – excerto 152).

Para associar a figura actancial homem-banana àquele de lábios impuros, retoma o episódio em que Isaías, figura actancial do mundo divino, se vitimiza ao dizer que não conseguiria cumprir seu chamado, de ser profeta, ao dizer que tinha lábios impuros, de acordo com o trecho da pregação: “Eu sou um homem de lábios impuros porque convivo com um povo de impuros ((os fiéis completam))...lábios”...isso não é justificativa” (Duarte, 2013 – excerto 152).

Sobre a ausência do pai na educação dos filhos, o sujeito destinador mensageiro usa o humor, cadência marcante de seu discurso, ao dizer que filho do homem-banana é educado pelo Bob esponja, o Lanterna verde, sugerindo assim, que é a criança que fica o tempo todo assistindo televisão e sem momentos com o pai, conferido no excerto 146:

[...] isso cê vê hoje... hoje criam leis que a gente não pode dar uma palmada nos filhos da gente...e justamente na nossa hora de bater ((risos dos fiéis))...quando era pra gente apanhá ninguém criou lei...é ou não é verdade? ((risos dos fiéis))...agora na hora da gente se beneficiar do negócio... ((risos dos fiéis))... aparece um infeliz aí querendo criar lei...mas o que eu ando olhando...sabe o que é que é?...que tá faltando autoridade...os referenciais antigos...antigamente o filho queria ser igual a quem?...o pai meu irmão...por quê?...porque o pai e era o CAra... hoje o cara é o Bob Esponja ((risos dos fiéis))...o Lanterna Verde ((risos dos fiéis))... que coisa é essa gente? [...] (Duarte, 2013 – excerto 146).

A partir da disforia homem-banana é possível elencar que um homem cristão, eufórico, seria aquele que se posiciona, é carinhoso, é bom pai, bom marido, conhece os valores femininos, tem autoridade, modelo de homem para os filhos, amigo da esposa, ouve a esposa, olha na face enquanto conversa, é sacerdote do lar, aquele que ora, intercede pela esposa, tem lábios puros, profere boas palavras, atento, valoriza o que tem, assume seus erros, é líder, é a cabeça, defende a esposa, fala com Deus sobre suas deficiências, é respeitado, pai que dialoga, pois é pai que educa.

Quanto à mulher, a axiologia é Mulher Jezabel vs. Mulher cristã. O comportamento da mulher é modulado, de acordo com a mensagem proferida pelo sujeito destinador, a partir do posicionamento da figura do homem, sendo o homem-cristão merecedor da mulher cristã, que é ajudadora e o homem-banana merecedor da mulher Jezabel.

Forias:

CRISTÃO (eufórico) *versus* PECADOR (disfórico)

AUTORIDADE (eufórico) *versus* DESCRÉDITO (disfórico)

CARINHOSO (eufórico) *versus* DESATENCIOSO (disfórico)

HOMEM (eufórico) *versus* ACABE (disfórico).

A seguir, tabela de forias elaboradas a partir de excertos de “Homem banana e mulher abacaxi”, na qual constam como valores eufóricos comportamentos de um homem cristão no casamento e valores disfóricos comportamentos de um “homem banana” no casamento.

Excerto		Forias
141	[...] Davi disse uma coisa pra Salomão antes de morrer... “meu filho tema a Deus e seja homem [...] (Duarte, 2013 – excerto 141).	CRISTÃO (eufórico) <i>versus</i> PECADOR (disfórico)
143	[...] hoje a maioria dos homens não educam mais seus filhos...não tem mais autoridade...hoje as pessoas falam em diálogo... quero fazer uma pergunta pra você que é mais antigo...teu pai dialogava contigo filho?...e olha que tu é bem sucedido...graças a Deus [...] (Duarte, 2013 – excerto 143).	AUTORIDADE (eufórico) <i>versus</i> DESCRÉDITO (disfórico)
141	[...] tá faltando homem...que tipo de homem...homem carinhoso...são tudo uns banana...a gente fala de carinho...é::...ês acham que é frescura [...] (Duarte, 2013 – excerto 141).	CARINHOSO (eufórico) <i>versus</i> DESATENCIOSO (disfórico)
130	[...] nós estamos diante de duas pessoas mal resolvidas...Jezabel e Acabe são pessoas que têm problema com resolução pessoal [...] (Duarte, 2013 – excerto 130).	HOMEM (eufórico) <i>versus</i> ACABE (BANANA) (disfórico)
141	[...] tá faltando homem...que tipo de homem...homem carinhoso... são tudo uns banana [...] (Duarte, 2013 – excerto 141).	

Tabela 23 - Forias de “Homem banana e mulher abacaxi”.

A partir das forias estabelecidas na tabela 23, disponibilizamos a seguir o gráfico de correlação inversa de “Homem banana e mulher abacaxi”, no qual os valores de absoluto são eufóricos, homem posicionado, cristão, abscissa de intensidade, e os valores de universo são disfóricos, “homem banana” (Acabe), abscissa de extensidade.

Correlação inversa de Homem banana e mulher abacaxi

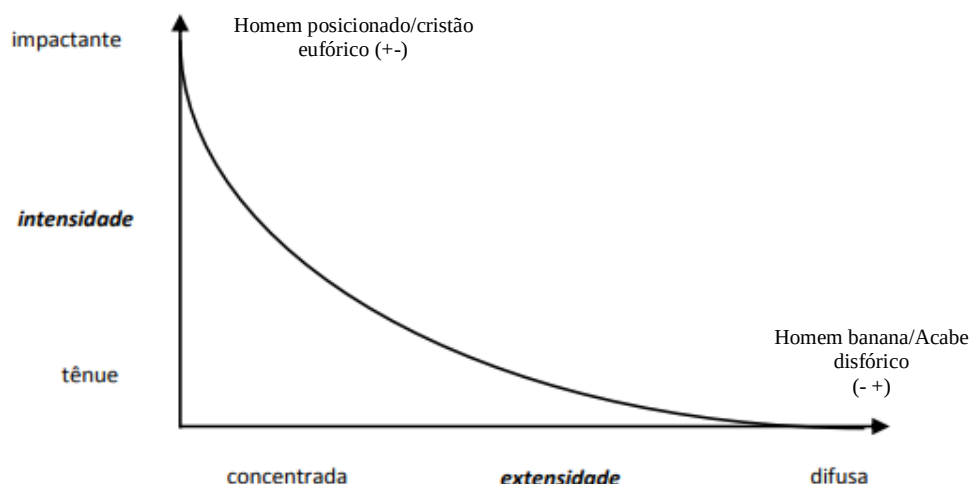


Gráfico 19 - Correlação inversa de Homem banana e mulher abacaxi (Com base no modelo de Zilberberg (2006, p. 216))

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoração”. Quanto mais concentrado/impactante e menos tênue/difuso = Homem posicionado/cristão (eufórico). E quanto menos intenso e mais difuso = Homem banana / Acabe (disfórico).

Tipologias dos argumentos retóricos de *Homem banana e mulher abacaxi*

A pregação *Homem banana e mulher abacaxi* fundamenta-se em um *argumento de autoridade*, pois pauta-se em uma narrativa do discurso fundador da fé cristã. O *argumento é pelo exemplo disfórico* de um casal actante que sofre as vicissitudes de atos fracassados por possuírem valores distintos. Assim, o *argumento parte de um antitema em um antiprograma*, a fim de construir argumentos para persuadir o sujeito destinatário, passivo às influências de antitemas do mundo, a reprogramar atitudes que sejam disfóricas em eufóricas de acordo com modelo cristão.

Para tanto, toma como base 1 Rs, versículo 16:29-31, no qual conta a história de Jezabel e Acabe. O relato da relação de Jezabel e Acabe permeia as ações judicativas de um sujeito ativo sobre o sujeito passivo, sendo o sujeito ativo na figura de Jezabel, a qual cultua deuses diversos e Acabe, passivo diante da figura da esposa rende-se a sua fé.

A figura actancial Acabe não era cidadão comum, mas rei do povo judeu do qual a sociedade da época esperava posicionamentos, dentre tais, um posicionamento religioso, pois eram, à época, coisas indissociáveis.

Ao longo do discurso, entre uma *anedota* e outra, com *tom enérgico e descontraído*, intima o sujeito paciente destinatário (homem) a deixar de ser banana, apresentando-o como aquele que é produto do meio, vive pelo modelo, não escolhe e não avalia mesmo tendo o poder

de escolha, lerdo, pacato, não é macho, no sentido de não exercer as obrigações conjugais em relação ao sexo.

O sujeito da ação, baseado na narrativa de Adão e Eva (excerto 131), figuras actanciais do mundo divino, constrói um de seus conectores isotópicos, uma anedota cujo humor consiste em uma perspectiva de que Eva seria um castigo. Descreve como falsa a possibilidade de Adão, ao vislumbrar os animais em pares, tivesse se motivado a também ter uma companheira. De acordo com o trecho transcrito a seguir:

[...] tem gente que pensa que Adão tava pedindo uma mulher pra Deus ...onde está escrito isso Que Adão falou “Senhor:...fico eu olhando o touro com a vaca... o leão com a leoa... leitão com a leitoa... eu aqui fico sozinho assim...puxa vida...tô muito infeliz”... a infelicidade nem existia... o cara tá no Éden...é ou não é...Adão era um cara resolvidão...feliz da vida... a ideia não veio de Adão... não...Deus é que olhou e disse...”Adão tu é muito feliz” ((risos e aplausos dos fiéis))... “ocê é feliz demais Adão”... “Adão... a sua felicidade me incomoda Adão”... “eu preciso fazer alguma coisa para atrapalhar esse negócio” ((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2013 – excerto 131).

Todavia, a ironia é desfeita ao discordar da própria afirmação, atribuindo a chegada de Eva como aquela que vem para que Adão compartilhe sua felicidade:

[...] o que eu quero que você entenda é que Adão era alguém bem resolvido...e Eva não entra em cena para fazer Adão feliz...Eva entra em cena para que Adão compartilhe com ela sua felicidade...esse é o grande desafio...é ou não é...pessoas bem resolvidas... bem decididas...que tomem suas decisões corretamente pautadas na palavra do Senhor [...] (Duarte, 2013 – excerto 132).

Trata-se de um *argumento de incompatibilidade*, cujo objetivo está na intenção de provocar o riso, para em seguida prosseguir o processo na direção programada, que permeia o tempo todo em motivar, aconselhar e sugerir estratégias de auto-controle.

O conselho é uma fala motivacional que surge ora ou outra entre as anedotas aparentemente improvisadas, como no trecho transcrito: “então eu aprendi que nessa vida nós temos que transformar desgraça em graça...transformar impacto em impulso...e isso é impossível de se fazer sozinho...mas a graça do Senhor nosso Deus nos fortalece...amém” (Duarte, 2013 – excerto 136).

O jogo semântico presente na axiologia desgraça vs. graça é desvelado pela noção de graça, que consiste em favor de Deus a quem segue o cristianismo, e graça como humor, aquele que provoca riso, estilo adotado nas pregações do destinador, um efeito de subjetividade novamente, pois ao declarar o humor como ponto de vista diante das coisas do mundo está dando o que é chamado de testemunho de vida.

O valor disfórico da noção de desgraça está justamente na condição daquele que não tem os princípios cristãos e, portanto, vive embaixo de desgraça, é sem graça, cujo sentido é de viver

em maldição, repetindo os mesmos erros geracionais, portanto não recebe o dom da graça e não tem motivos para fazer humor.

Homem banana e mulher abacaxi

O texto-enunciado apresentou um discurso pautado no discurso fundador da fé cristã, a partir de dois versículos do livro de 1 Rs. O sujeito/narrador esmiuçou o que seria a figura de Acabe, do mundo divino, atualmente. O intuito do discurso é de provocar a percepção de si mesmo no sujeito de estado/ narratário a fim de que mude suas atitudes frente às coisas do mundo.

Para tanto, o narrador faz uso de recursos figurativos tropológicos com uso de metáforas e figuras alegóricas bíblicas. O diferencial, além dos tropos, é a expressividade com que o discurso é proferido, pois o narrador faz uso do humor, com uma voz engraçada e satírica que arranca o tempo todo risadas do destinatário.

As quebras do ritmo são frequentes e proporcionam um clima de descontração que à priori não seriam possíveis diante da seriedade do tema que consiste em descrever atitudes disfóricas de um homem casado.

Assim, temos um ator da enunciação afeito ao riso, que gera um efeito de descontração típico de *show de stand up comedy*, que ao mesmo tempo é uma pregação cristã, uma mistura presente também na análise anterior da cena enunciativa 2.b.

5.2.1.4 O *ethos* do ator da enunciação “Arrume sua família na quarentena”

Trata-se de uma pregação ministrada no período da pandemia da covid-19, publicada no Canal do *YouTube* em 17 de abril de 2020, no *website* <<https://youtu.be/X0bbyfsAy5Q>>. A partir da leitura do título “Arrume sua família na quarentena”, observamos um texto-enunciado de temáticas abrangentes, pois intui “arrumar” por completo uma família. Devido a variedade temática, optamos por escolher dois trechos do vídeo, sendo um trecho do início, em que fundamenta a pregação e um trecho do final, quando trata do sexo no casamento. Selecionamos dois trechos para análise, sendo o primeiro após o narrador fazer a leitura de Hb 9:27, Salmo 90:10, Os 6:3, Ez 47:3 e Jó 42:5, do tempo de oito minutos e cinquenta e cinco segundos (8’:55”) até o tempo de dez minutos e sete segundos (10’:07”) e o segundo trecho selecionado vai do tempo de uma hora e vinte minutos (1’:20”) até o tempo de uma hora e vinte e seis segundos (1’:26”).

Estruturas semionarrativas tensivas

((O narrador fundamenta seu discurso no discurso fundador da fé cristã))

Excerto 154 – cena enunciativa 2.b

[...] eu queria que você observasse algo que se aproxima entre esses três textos...o primeiro diz conhecer e prosseguir em conhecer...o segundo diz que havia águas no tornozelo...no joelho...nos lombos... e se você pega o terceiro texto... ele diz no início eu apenas te ouvia...mas agora eu fui para um outro estágio...todos os três textos falam de uma evolução de relacionamento...ele diz desconheceis...mas a partir da convivência você prossegue em conhecer...ou seja...você vai por uma nova fase do relacionamento...quando olhamos aqui para Ezequiel nós vemos algo que começa rasinho...mas que vai se aprofundando...quando nós vemos o texto de Jó...diz que no começo é ouvir...é com experiências dos outros...mas agora ele diz os meus olhos te veem...então nós vamos trabalhar...certo...essa visão de fases de um relacionamento que precisam se ampliar...amadurecer [...] (Duarte, 2020).

O trecho selecionado, com sequência completa disponível nos anexos, refere-se à temática sexual dentro do casamento, cuja axiologia é identidade *versus* alteridade, como enunciado elementar da sintaxe narrativa, pois o sujeito do fazer parte do conhecer-se e conhecer o outro para que haja êxito na relação sexual.

É estabelecido um percurso no texto entre os termos: sexo solteiro (disfórico) *versus* não-sexo solteiro (eufórico), encontrado no momento em que o sujeito destinador diz “[...] Deus fica muito chateado com quem faz sexo antes do casamento...mas também fica muito aborrecido com quem não faz depois...((risos dos fiéis))...ok? [...]” (Duarte, 2020 - excerto 155).

O percurso:

1- Sexo solteiro-----não-sexo solteiro-----sexo no casamento.
(Disfórico) (eufórico)

O não-sexo solteiro, negação do sexo solteiro, é estabelecido desde o título da ministração que trata de arrumar a família na quarentena, o que exclui a vida de solteiro, voltando-se, no que se refere ao sexo, ao casal, marido e mulher.

No nível das estruturas narrativas os elementos disfóricos e eufóricos são assumidos como valores. No programa narrativo há o uso da persuasão sob uma perspectiva modal dever-querer-saber proposta pelo sujeito do fazer, o qual estabelece um sujeito de estado cuja busca envolve um querer-saber para obter o objeto-valor família arrumada na quarentena.

O sujeito do fazer e destinador (pastor) compartilha o objeto-modal de valor cognitivo com os sujeitos de estado/destinatários (inscritos e demais internautas), modalizando-os. O sujeito destinador exerce o poder da manipulação, modalizado pelo dever-saber sobre o destinatário a partir da sedução, legalizado pelo acordo fiduciário estabelecido no momento em que o destinatário acessa o Canal do *YouTube*. O objeto-modal consiste em saber-fazer sexo no casamento respeitando a axiologia identidade *versus* alteridade.

No nível discursivo, na instância de enunciação, na categoria de pessoa, estabelece-se um “eu” enunciador e um “tu” enunciatário. Esse enunciador (Pastor Cláudio Duarte) projeta-se no

interior do enunciado e assume um simulacro de narrador, instância de primeiro grau. Na sintaxe discursiva, utiliza a debreagem enunciativa com instauração de um eu-aqui-agora, pois narra o discurso em primeira pessoa do presente do indicativo como no exemplo do excerto 162: [...] aí a senhora **tira** a roupa...ele...ele já **faz** assim oh...oh ((gesto com o corpo como alguém ansioso))... e aí a mulher **fala** assim... calma cara [...] (Duarte, 2020 – excerto 162). Nesse excerto 162, o narrador cria uma narração concomitante entre o tempo da narração e o do fato hipotético narrado, a fim de simular que eles acontecem no mesmo momento em que estão sendo contados.

O título do vídeo é de caráter abrangente e condiz com o discurso proferido, pois trata da relação entre marido e mulher, o casal com suas famílias de origem, do casal com os filhos e do sexo no casamento, sendo este último o tema selecionado para análise. O tom de voz é sério no início e ao longo da temática, são introduzidas quebras de caráter humorístico.

Posiciona o discurso como cristão, mais efetivamente ao dizer: “[...] Deus fica muito chateado com quem faz sexo antes do casamento...mas também fica muito aborrecido com quem não faz depois...((risos dos fiéis))...ok?”(Duarte, 2020 – excerto 155). O sentido da declaração do narrador é de que o sexo deve ser intenso e restrito ao casamento, sendo vedado aos solteiros, o que restringe o narratário presumido.

No excerto 157, o narrador tece um cenário de desinteresse sexual feminino no casamento, conferido no seguinte trecho: [...] você deve viver aqui uma vida bem atarefada...certo?... e isso deve dar um desencontro muito grande...porque o cara estressado ele quer sexo...a mulher estressada ela quer falar [...] (Duarte, 2020 – excerto 157).

No excerto 156, o narrador constrói um discurso tropológico com uso da metáfora do brinquedo de montar sendo o órgão sexual masculino, enquanto o brinquedo de abrir seria o órgão sexual feminino:

[...] eu tô sendo claro para você...certo?... nossos brinquedos é de montar...o delas é de abrir...então na verdade...é::...nós temos uma desvantagem como eu disse...eu não tô aqui falando pornografia...eu só sou objetivo e muitas vezes que eu falo de maneira chula...aparentemente...tem o propósito de fazer a sua mente só captar...porque fica tão grosseiro às vezes...que você não esquece mais...sai daqui até falando para os outros...é ou não é?...e é isso que eu quero...ainda que vai falar mal de mim...((risos)) [...] (Duarte, 2020 – excerto 156).

De forma lúdica e informal trata das questões genéticas, a partir da figurativização construída pelo narrador, um hipotético cenário de rotina, seria o fator que desfavorece os homens, visto o homem apesar de gostar muito de sexo, diante de rotina torna-se desinteressado, o que provoca a não ereção, estando a mulher em vantagem devido ao formato do órgão genital que não exige ereção para o ato sexual.

Descreve a mulher subjetiva, intimista e mais complexa nas questões de afeto: [...] a mulher para fazer sexo...ela tem que estar muito legal...muito zen [...] (Duarte, 2020 – excerto 158), enquanto o homem seria mais objetivo e menos complexo, visto interessar-se de modo raso pelos afetos, tendo uma visão mais simplificada das coisas do mundo. A temática consiste em saber perceber o parceiro a fim de manter a vida sexual ativa e saudável no casamento.

Figura 78 - *Frame* com pregador no púlpito no momento da pregação.



Fonte: <<https://youtu.be/X0bbyfsAy5Q>> Acesso em 21/07/2020

A figurativização presente no *frame* da figura 78, apresenta uma espacialidade fechada, pois tem focalização ampla que abrange todo o altar e o sujeito destinador atrás de um suporte chamado de púlpito, ornamentado com flores vermelhas que privilegia todo o corpo da figura do narrador, posicionado de modo centralizado.

Atrás da figura do pastor, há elementos figurativos que dialogam com a inscrição protestante, com ausência de figuras religiosas, basta-se na figura de um violão, um telão para projeção de versículos bíblicos e/ou letras de louvores, equipamento de som, suporte para microfone e mais uma vez um tom escuro no altar. O *frame* apresenta aspecto tensivo perfectivo, de existência solene e andamento desacelerado.

A partir da leitura do texto enunciado, principalmente dos excertos 157 e 158, percebemos que com tom engraçado o sujeito destinador trata do comportamento da figura actancial homem *versus* comportamento da figura actancial mulher, por meio de adjetivações, características biologicamente marcadas do homem como sendo objetivo (busca satisfazer os desejos sexuais sem delongas), descomplexo, quando estressado quer sexo, gosta de sexo, é sujeito passivo frente os desejos do corpo e ansioso. Enquanto a mulher seria subjetiva (volta-se aos questionamentos cognitivos para só então despertar-se para o sexo), complexa, quando estressada quer falar, gosta de sexo, mas é sujeito judicativo, reflexiva.

O destinador ao realizar a leitura de Hb 9:27, Salmo 90:10, Os 6:3, Ez 47:3 e Jó 42:5, do tempo de oito minutos e cinquenta e cinco segundos até o tempo de dez minutos e sete segundos (primeiro trecho selecionado), profere sua proposição de conhecer os propósitos de Deus e prosseguir em conhecê-los, de acordo com o trecho transcrito no excerto 154, citado a seguir:

[...] eu queria que você observasse algo que se aproxima entre esses três textos...o primeiro diz conhecer e prosseguir em conhecer...o segundo diz que havia águas no tornozelo...no joelho...nos lombos... e se você pega o terceiro texto... ele diz no início eu apenas te ouvia...mas agora eu fui para um outro estágio...todos os três textos falam de uma evolução de relacionamento...ele diz desconheceis...mas a partir da convivência você prossegue em conhecer...ou seja...você vai por uma nova fase do relacionamento...quando olhamos aqui para Ezequiel nós vemos algo que começa rasilho...mas que vai se aprofundando...quando nós vemos o texto de Jó...diz que no começo é ouvir...é com experiências dos outros...mas agora ele diz os meus olhos te veem...então nós vamos trabalhar...certo...essa visão de fases de um relacionamento que precisam se ampliar...amadurecer [...] (Duarte, 2020 – excerto 154).

Usa um tom sério, convicto e calmo. Assim percebemos um argumento pela figura *gradação*, cuja cadência tensiva é ascendente e eufórica, vislumbra por meio de *metáforas*, como o imergir na água até o tornozelo, depois até o joelho e por fim, até os lombos. Ao dizer ampliar e amadurecer surge a ideia do *recrudescimento (mais mais)* com o objetivo, a *cadência máxima e eufórica*, por meio da valência da intensidade, cuja extensidade, por consequência é concentrada.

O segundo trecho do vídeo selecionado vai do tempo de uma hora e vinte minutos até o tempo de uma hora e vinte e seis segundos, sendo perceptível a *velocidade aumentada* da fala, *mais intensa e concentrada*, todavia um momento do discurso com uma gama de direções sobre sexo que desperta a nossa atenção, por isso o selecionamos.

O sujeito destinador inicia a temática ao declarar que há muitos casais com dificuldades na área sexual. Adjetiva sexo como algo “muito legal” e “de Deus”. O *advérbio de intensidade* (muito) *eleva o nível* de importância do sexo como algo que vai além de procriar, sendo autorizado por Deus, assim sem culpa deve ser feito, conferido no excerto 155.

A partir do conceito de corpo cristão organizado em corpo, alma e espírito, o sujeito destinador constrói uma anedota a qual consiste em narrar como os actantes mulher e homem vão para a cama, sendo a expressão “ir para cama” o mesmo que “ir fazer sexo”. Veja nos trechos transcritos a seguir:

[...] a mulher para fazer sexo...ela tem que estar muito legal...muito zen...por quê?... porque segundo a bíblia... nós somos compostos por três coisas... corpo...alma e espírito...então...e um homem...ele vai para a cama sem alma ...((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2020 – excerto - 158).

[...] mas a mulher...ela...só vai se a alma for primeiro...o homem não consegue entender isso...entendeu...uma mulher para ir para cama legal...a não ser se ela for... ah...vamos lá que eu vou ficar lá... parada... certo... você tem que mandar a alma dela primeiro...((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2020 – excerto 159).

[...] a alma vai para cama...o corpo vai depois...aí é alta-*performance*...alto desempenho...certo... nós... homem não... homens...se a mulher dele falar assim... “vão para cama?”...ele diz para a alma... “tá a fim?” ... ((risos dos fiéis))...se não...espera aí...que eu tô voltando agorinha mesmo...é dez minutos só eu tô voltando ...((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2020 – excerto 160).

Ao associarmos a noção de corpo cristão com a noção de corpo discursivo na anedota do enunciador, tem-se a *performance* de um sujeito judicativo disfórico na figura da mulher, visto que o sexo exige a presença de um sujeito passivo, cujo estado de alma precisa estar latente, configurando-se uma passividade eufórica atuante no momento do sexo. A passividade do sujeito (actante homem), consiste em deixar as vontades sexuais à mostra para o sujeito judicativo (actante mulher). A sexualidade, nos princípios fundadores da fé cristã, não é tida como imoral, a imoralidade sexual consiste na sua prática fora do casamento.

Surge com uma metáfora do homem que vai para a cama sem alma: “um homem...ele vai para a cama sem alma ...((risos dos fiéis)) [...]” (Duarte, 2020 – excerto - 158). Entretanto, em nossa interpretação discursiva, é exatamente o contrário, pois o homem vai para a cama num estado de *alma latente e passivo*, totalmente entregue aos afetos, às paixões carnis, modulado pelos princípios bíblicos, quando cristão.

Forias:

IDENTIDADE *versus* ALTERIDADE

SAGRADO *versus* PROFANO.

Na tabela a seguir, a partir de “Arrume sua família na quarentena”, disponibilizamos as forias do texto-enunciado analisado acima considerando que as forias identidade *versus* alteridade partes da axiologia fundamental natureza *versus* cultura, pois o destinador argumenta as questões biológicas para justificar comportamentos do homem e das mulher, os quais inseridos em uma cultura (casamento, cristianismo) precisam modular suas condutas para estabelecer atitudes eufóricas. A partir dessas considerações e excertos selecionados, organizamos como eufórico o comportamento que considera a alteridade na construção de sua identidade, bem como comportamentos cristãos como sagrado e comportamento promíscuo como profano.

Excerto		Foria
157	[...] homens...eles fazem sexo normalmente com o motivo diferente das mulheres[...] (Duarte, 2020 – excerto 157).	IDENTIDADE no casamento <i>versus</i> ALTERIDADE no casamento *Eufórico: considerar a alteridade para a construção da identidade;
157	[...] o cara estressado ele quer sexo ...a mulher estressada ela quer falar [...] (Duarte, 2020 – excerto 157).	

		* Disfórico: Construir a identidade sem se importar com a alteridade.
164	[...] pois é...escute aqui...tá assim ((faz gesto de muitos com a mão)) de homens que trazem para o seu casamento os vícios cujo quais suas mulheres não vão se submeter ...isso é um perigo...porque o camarada quer que a mulher dele reproduza o que aquelas...desculpe a expressão...vadias...prostitutas e profissionais fazem...cuidado com esse negócio...sua mulher não é vadia...não é prostituta...sua mulher é uma mulher que Deus colocou na sua vida para satisfazer seus desejos sim...mas os dela também [...] (Duarte, 2020 –excerto 164).	SAGRADO <i>versus</i> PROFANO

Tabela 24 - Forias de “Arrume sua família na quarentena”.

A partir do que consta na tabela 24 disponibilizamos o gráfico de correlação inversa de “Arrume sua família na quarentena”, no qual os valores de absoluto, abscissa de intensidade, são eufóricos, e os valores de universo, abscissa de extensidade, são disfóricos.

Correlação inversa de *Arrume sua família na quarentena*

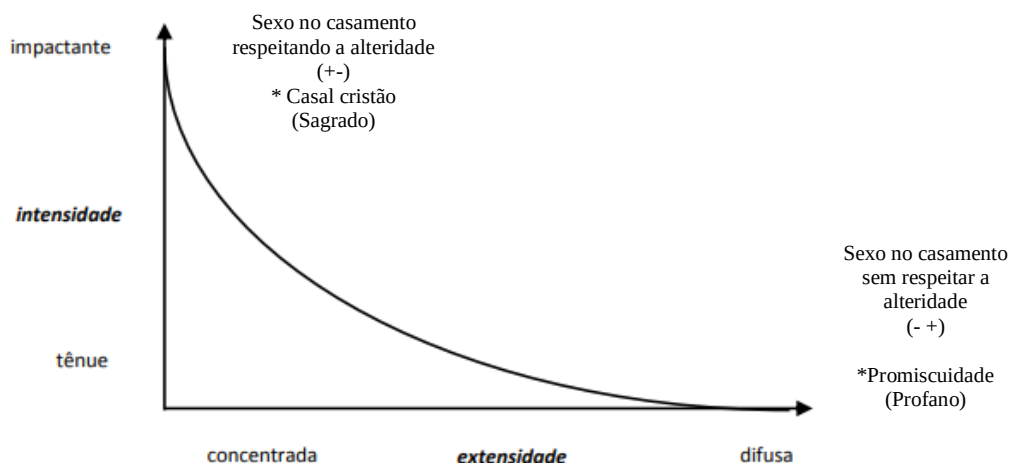


Gráfico 20 - Correlação inversa de *Arrume sua família na quarentena* (Com base no modelo de Zilberberg (2006, p. 216)

Diante da enunciação enunciada, a correlação inversa é da “melhoriação”, quanto mais entende-se de si e do outro, menos problema o casamento terá na área sexual. Quanto menos entende-se um do outro, mais problema o casamento terá na área sexual. Interessar-se pelo outro (alteridade) é, no caso do sexo, tão importante quanto entender a si mesmo (identidade). Quanto ao sagrado *versus* profano, refere-se às práticas sexuais fora do casamento, consideradas disfóricas, não podem entrar na relação do casal nem por meio de memórias de algo vivido no passado, conferido no excerto 164 na fala do sujeito destinador:

[...] pois é...escute aqui...tá assim ((faz gesto de muitos com a mão)) de homens que trazem para o seu casamento os vícios cujo quais suas mulheres não vão se submeter...isso é um perigo...porque o camarada quer que a mulher dele reproduza o que aquelas...desculpe a expressão...vadias...prostitutas e profissionais fazem...cuidado com esse negócio...sua mulher não é vadia...não é prostituta...sua mulher é uma mulher que Deus colocou na sua vida para satisfazer seus desejos sim...mas os dela também [...] (Duarte, 2020 – excerto 164).

Tipologias dos argumentos retóricos

No excerto 154, o sujeito destinador propõe que o casal prossiga em conhecer um ao outro, assim como se conhece a profundidade das águas quando ela bate no joelho, é uma profundidade, quando ela bate na cintura é outra profundidade.

[...] eu queria que você observasse algo que se aproxima entre esses três textos...o primeiro diz conhecer e prosseguir em conhecer...o segundo diz que havia águas no tornozelo...no joelho...nos lombos... e se você pega o terceiro texto... ele diz no início eu apenas te ouvia...mas agora eu fui para um outro estágio...todos os três textos falam de uma evolução de relacionamento...ele diz desconheceis...mas a partir da convivência você prossegue em conhecer...ou seja...você vai por uma nova fase do relacionamento...quando olhamos aqui para Ezequiel nós vemos algo que começa rasinho...mas que vai se aprofundando...quando nós vemos o texto de jó...diz que no começo é ouvir...é com experiências dos outros...mas agora ele diz os meus olhos te veem...então nós vamos trabalhar...certo...essa visão de fases de um relacionamento que precisam se ampliar...amadurecer [...] (Duarte, 2020 – excerto 154).

Esse argumento além de gradação é uma definição de como se deve conhecer o cônjuge, por isso entendemos ser também um argumento de identidade, pois parte do discurso fundador (Bíblia) e também por definição de como se deve conhecer um ao outro.

O sujeito destinador mensageiro, no excerto 156, utiliza argumentos tropológicos da *metáfora* e da *comparação*. Por exemplo, usa a *metáfora* do brinquedo de montar e de abrir, para referir-se aos órgãos genitais feminino (de abrir) e masculino (de montar) a fim de justificar a *performance* do homem ser difícil de improvisar *comparada* a da mulher seria fácil de simular desejo.

Vejamos o humor no excerto 155:

[...] porque hoje nós estamos aqui com muita gente sofrendo com dificuldade na área sexual... sexo é uma coisa muito legal...quem criou foi Deus...Deus criou para a gente fazer... e Deus fica muito chateado com quem faz sexo antes do casamento...mas também fica muito aborrecido com quem não faz depois...(risos dos fiéis)...ok? [...] (Duarte, 2020 – 155)

O *efeito de humor*, do excerto 155, está na incoerência de um solteiro que após espera de provável ansiedade para fazer sexo, quando se casa, perde o interesse. Os risos dos sujeitos destinatários alimentam o *argumento com base na estrutura do real*, visto pautar-se em relatos populares de que ao se casar, a libido entra em um processo de gradação descendente, visto o casamento ser um corpo que se instala em um espaço tensivo de rotina desinteressante, pois promoveria pouca novidade.

Ao continuar a pregação, o sujeito destinador surge com um discurso que trata conjecturas que consistem em experiências sexuais que possivelmente o sujeito destinatário teria vivido, ficando implícito duas possibilidades: hábitos antes da conversão ao cristianismo

ou hábitos enquanto cristão, mas que de todo modo, independente da pregação, seria um sujeito disfórico e em pecado, conferido no excerto 164:

[...] pois é...escute aqui...tá assim ((faz gesto de muitos com a mão)) de homens que trazem para o seu casamento os vícios cujo quais suas mulheres não vão se submeter...isso é um perigo...porque o camarada quer que a mulher dele reproduza o que aquelas...desculpe a expressão...vadias...prostitutas e profissionais fazem...cuidado com esse negócio...sua mulher não é vadia...não é prostituta...sua mulher é uma mulher que Deus colocou na sua vida para satisfazer seus desejos sim...mas os dela também [...] (Duarte, 2020).

No excerto acima, o sujeito destinador argumenta ter muitas figuras masculinas com tais hábitos na memória do sujeito destinatário, os que são tidos como disfóricos ao que se espera de um cristão, pois caso estejam no universo dos desejos latentes do sujeito paciente (actante homem e mulher), como memórias sedentas por manifestação, estará esse sujeito em disforia com os valores cristãos.

As memórias seriam, de acordo com o exemplos do sujeito destinador, acesso à pornografia, incluindo as mulheres, ler revistinha e vícios sexuais.

A contenção dos desejos é proposto no discurso com a atuação do sujeito ativo e judicativo, no seu fazer interpretativo mediante a máxima axiológica: se a Palavra de Deus aprova e o cônjuge aceita, é eufórico; se Deus reprova, é pecado, se o cônjuge não aceita é estupro.

A partir dessa máxima axiológica, em uma de suas anedotas com base na *estrutura do real* o narrador provoca o riso:

[...] aí o camarada vê aquelas mulher brilhando nos vídeos...quer que a mulher dele brilha...((risos dos fiéis))...aquilo é óleo irmão...se ocê passar óleo e bota a luz ela brilha também...((risos dos fiéis))... porque a mente acaba fazendo daquela ficção uma reaLI ((espera que os fiéis completem)) dade.. o cara vê aquelas mulher lá ((simula gemidos))... ...((risos dos fiéis))... cê pode pingar vela na sua mulher que ela não geme daquele jeito irmão...aqui não é verdadeiro...aquilo é uma ficção [...] (Duarte, 2020).

A *anedota* é construída a partir de um *argumento pelo exemplo*, uma conjectura, uma hipótese de que o sujeito paciente quisesse reproduzir o que estaria armazenado na memória, como em acessos pornográficos. O narrador desvenda a metáfora da mulher que brilha e geme ao revelar que é apenas óleo e que basta passar óleo na esposa para que ela fique do mesmo jeito. A vela citada tem efeito de algo que causa dor devido a cera derretida sobre o corpo, o qual ao sentir o queimor gemeria, não tendo neste caso a vela como algo sagrado, visto que o cristão protestante, na sua maioria, não acende velas.

Todo o desvelar *metafórico* simula um sujeito desinformado, que o sujeito paciente afetado, sofre, a partir de nova competência, atualiza-se, modula-se e passa a sujeito judicativo e ativo, o sujeito do saber-poder-fazer, não mais afetado pelos valores disfóricos do mundo.

Arrume sua família na quarentena

O trecho analisado desta pregação é direcionado ao tema sexo no casamento, o qual recebe um tratamento sério e ao mesmo tempo humorístico, discutido nas minúcias de hipotéticas relações entre homem e mulher e fundamentado no discurso fundador cristão.

O discurso de cunho religioso desmistifica o lado profano do casamento ao classificá-lo como “coisa muito legal”, que “Deus criou para a gente fazer”, conferido no excerto 155. Todavia, de maneira descontráida, o narrador “descasca” seu narratário com falas que “pesam” mais para o sexo masculino, o qual precisa, por exemplo, desvencilhar-se das práticas sexuais mundanas para santificar-se no casamento, ao não exigir da esposa práticas que não conferem a uma mulher casada.

Novamente encontramos um ator da enunciação afeito ao humor, desta vez a partir das diferenças entre homem e mulher como por exemplo no momento em que apresenta a mulher estressada como aquela que prefere falar, enquanto o homem prefere sexo. Ou quando diz que a alma da mulher deve ir primeiro para a cama, sugerindo que a mulher é mais afeita às questões psicológicas que sexuais. O andar no altar de um lado para o outro, risos irônicos e engraçados são presentes em seu discurso.

Ao final das 12 pregações analisadas, podemos, enfim, compilar traços recorrentes, no item a seguir, como resultados depreendidos de discursos materializados como a desfronteirização, um processo em curso manifestado a partir do surgimento da web 2.0, a web de pessoas, da interação.

5.3 TIPOLOGIA MIDIÁTICO-DIGITAL: DA ORIGEM À PROPOSTA

Este item apresenta a esquematização de uma proposição acerca do surgimento das cenas enunciativas 1 e 2, a qual corresponde ao processo de mestiçagem de totalidades discursivas abarcadas na tese de Silva (2020), das quais se originam novas totalidades apresentadas em nossa proposta a partir de nomeações que cunhamos para intitular as cenas enunciativas analisadas ao longo desta tese, que foram estabelecidas no decorrer da pesquisa com impressões primeiras que se confirmaram e se consolidaram ao término das análises.

A origem de nossa proposta surge ao analisarmos o terceiro capítulo das proposições tipológicas abarcadas por Silva (2011; 2020), as quais dizem respeito às análises de práticas de

divulgação religiosa disponíveis em sua tese de doutorado, defendida na Universidade de São Paulo.

Silva (2011; 2020), organiza o discurso religioso em três tipologias distintas calcadas no enunciatário, quais sejam, discurso fundador, discurso de fidelização religiosa e discurso de divulgação religiosa, sendo este último delineado em cinco cenas enunciativas, especializada, instrucional, conscientização social, propagandista e midiática, propondo reflexões a respeito do discurso religioso, como enunciado, enunciação, *ethos*, estilo e aspecto.

Pautada nos conceitos de Maingueneau (2005) e Discini (2004), no capítulo três, a autora recorta do *universo discursivo*⁸¹ religioso o *campo discursivo*, que denomina Discurso de Divulgação Religiosa, e nos apresenta dois eixos questionadores como ponto de partida, outrora trabalhados por Discini (2004), quais sejam, o estabelecimento das totalidades do estilo no universo discursivo e a ocorrência da construção do *ethos* do destinador pelo estilo.

A autora apresenta-nos a divulgação religiosa como um tipo de discurso e suas possibilidades de gêneros, identificáveis pelo enunciatário ao observar a estrutura composicional, momento em que se estabelece o contrato. A título de exemplo, cita a encíclica, o compêndio, os artigos jornalísticos, entrevistas em revistas e jornais de divulgação religiosa especializada (Silva, 2020, p. 107), que uma vez gêneros discursivos e inscritos em um dado espaço, em um dado tempo e com dados enunciador e enunciatário, estabelece-se a cenografia (Maingueneau, 1997, p. 33).

Das contribuições de Silva (2020, p. 139), recortamos o discurso de divulgação religiosa e três tipos textuais ou discursivos que foram formulados em sua tese para encontrar a imagem do *ethos* e o estilo.

Voltemos nosso olhar para as cenas enunciativas de divulgação religiosa especializada, divulgação religiosa instrucional, sobretudo a de divulgação religiosa midiática em uma relação imbricada, a fim de fundamentarmos nossa proposição que configura um aprofundamento nos estudos do discurso de divulgação religiosa, especificamente o midiático.

Falemos da conceituação das três tipologias de divulgação religiosa, a fim de concatenar a proposta de dar continuidade aos estudos de Silva (2020) a respeito do que concerne à divulgação religiosa.

A divulgação religiosa especializada, concentrada no campo religioso, cujo público-alvo são os partícipes de formação discursiva que partilham dos mesmos valores, tem como enunciador um porta-voz, um agente de prestígio como o papa para os católicos (Silva, 2020,

⁸¹ “Conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (Maingueneau, 2005, p.35).

p. 144). Acrescentemos nesse ponto os pastores, no caso dos protestantes que não possuem um líder mundial, mas sim um líder local, que varia de acordo com a denominação cristã específica.

Quanto à divulgação religiosa instrucional, encontra-se presente no campo religioso educacional, cuja espacialização enunciativa característica é organizada ao redor da instância do “aqui”, construindo o simulacro da cena de doação do saber (Silva, 2020, p. 144).

Assim como Silva (2020), adotamos a perspectiva tipológica midiática de divulgação religiosa, pautando-nos em Martino (2003, p. 9), o qual a considera como “um conjunto simbólico distribuído, via mídia, mediante uma explícita imposição doutrinária, mascarada pela aparência de objetividade informativa e pela “indiscutibilidade” do real” (Martino, 2003, p. 9).

Dentre as análises de Silva (2020), por estratégia de delineação do corpus de sua pesquisa, as mídias digitais não foram contempladas, mas suas proposições sobre as cenas enunciativas de divulgação religiosa especializada, divulgação religiosa instrucional e a de divulgação religiosa midiática, foram fundamentais para que pudéssemos propor a análise do corpus selecionado nesta tese.

Desse modo, partindo das proposições de Silva (2020), em uma relação imbricada, o gênero pregação religiosa surge na internet, a fim de divulgar a Palavra Revelada de modo especializado, para instruir por meio das mídias digitais.

Assim, esta tese se configura como o início de uma investigação acadêmico-científica sobre as publicações de vídeos com pregações religiosas, dispostos, geralmente, de modo interligado nas plataformas *YouTube e Facebook*, sendo possível, no comando de busca do *Google* ser encontrados facilmente.

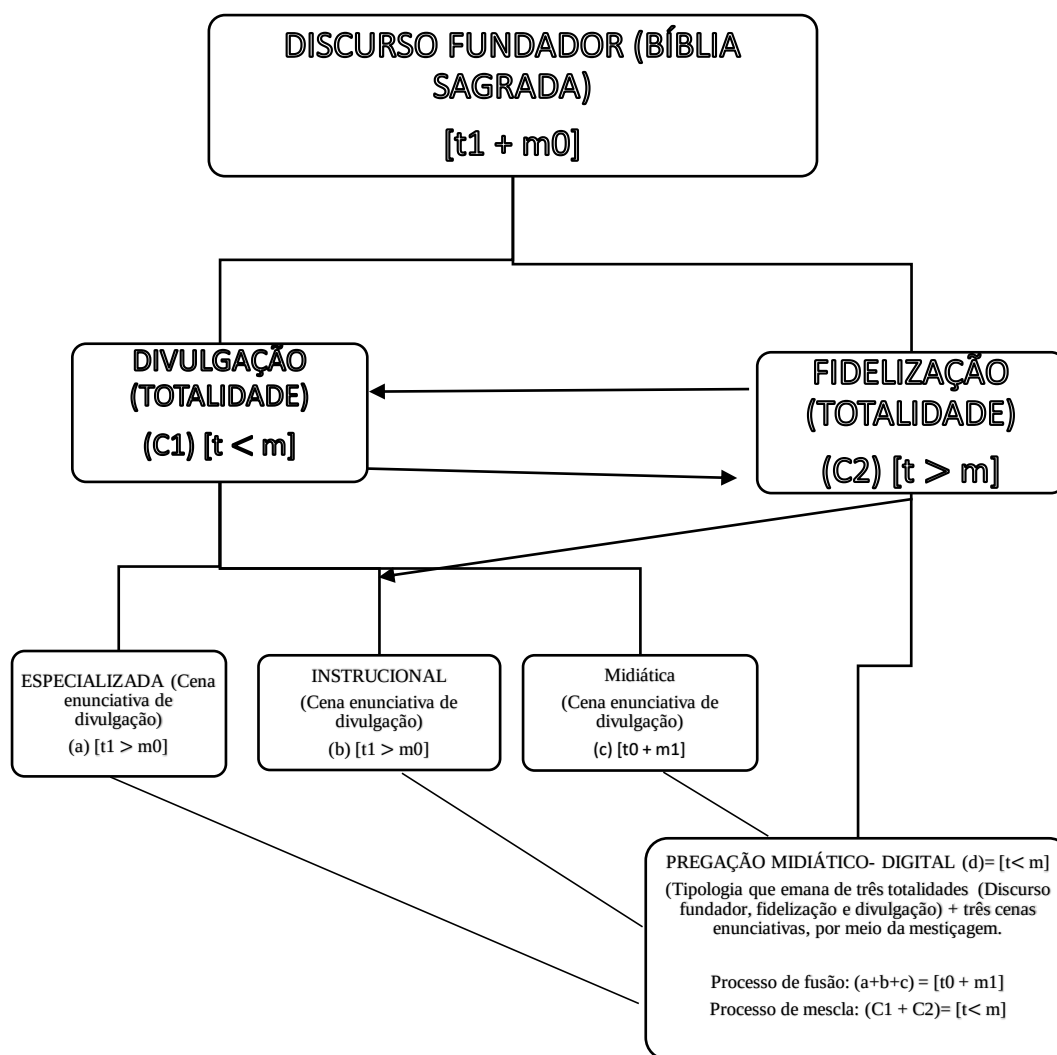
A pesquisa de tese de Silva (2011), publicada em livro (2020), como já dissemos na introdução, é o ponto de partida de nossa proposta, que se configura como uma continuação de pesquisa, mais especificamente, a partir da proposta dos discursos midiáticos de divulgação religiosa.

Silva (2011) e (2020), propôs e tratou, como detalhado mais acima, de três totalidades diferenciadas: a) discurso fundador, b) discurso de fidelização, c) discurso de divulgação religiosa. E é desta última, discurso de divulgação religiosa, que parte nossa proposta de tese, mas agora em uma versão midiático-digital.

No mundo midiático-digital, as três totalidades discursivas, fundadora, de fidelização e de divulgação, juntamente com as três cenas enunciativas, especializada, midiática e instrucional passam pelo processo de mistura, ou seja, uma mistura de gêneros, que se transmutam e diluem-se no gênero pregação midiático-digital, formando novas totalidades genéricas de divulgação que instruem, por meio de especialistas em uma mídia de formato

digital, atendendo às novas demandas sociais, cuja apreensão se dá por meio da análise do *ethos* discursivo.

A seguir, uma ilustração da pré-mestiçagem a partir das contribuições de Silva (2020) para a concatenação da ideia da configuração da pregação midiático-digital:



Esquema 2 – Esquema de mestiçagem de formação do gênero pregação midiático-digital a partir de três totalidades discursivas e três cenas enunciativas de Silva (2020).

Nossa proposta, demonstrada no esquema 2, propõe o discurso fundador de estilo aspectual da separação, pois se trata de fonte de saberes e valores sem que haja mistura ou fusão dada sua natureza imutável: assim temos triagem plena e mistura nula [t1 + m0]. O discurso de fidelização e discurso de divulgação materializam-se em um estilo aspectual da mistura [t < m] pois devido a internet/web ter um perfil democrático e descentralizador não há a necessidade

de fidelizar no ⁸²privado necessariamente, sendo possível em uma mesma pregação estarem em presença virtual um visitante, um curioso ou um simpatizante que possam talvez se converterem no mesmo espaço em que se encontram antigos inscritos. Todavia, a fidelização fica no particular, sem que o enunciador possa ter efetivo controle, visto que a área “membro” não comporta necessariamente todos os eventualmente convertidos. Por isso, consideremos a fidelização relativamente subjetiva.

Em relação às três cenas enunciativas, especializada (a), instrucional (b) e midiática (c), também oriundas da tese de Silva (2011; 2020), as quais já passaram por anterior mestiçagem proposta por Silva (2011; 2020). Nesta tese, as cenas (a), (b) e (c) reorganizam-se ao transporem-se para o mundo midiático-digital e fundem-se (a+b+c) ao transmutarem-se para o gênero pregação midiático-digital (d). Desse modo, no que tange às incorporações advindas do trabalho de Silva (2011; 2020) como resultado da mestiçagem temos o seguinte resultado: (a+b+c) = (d).

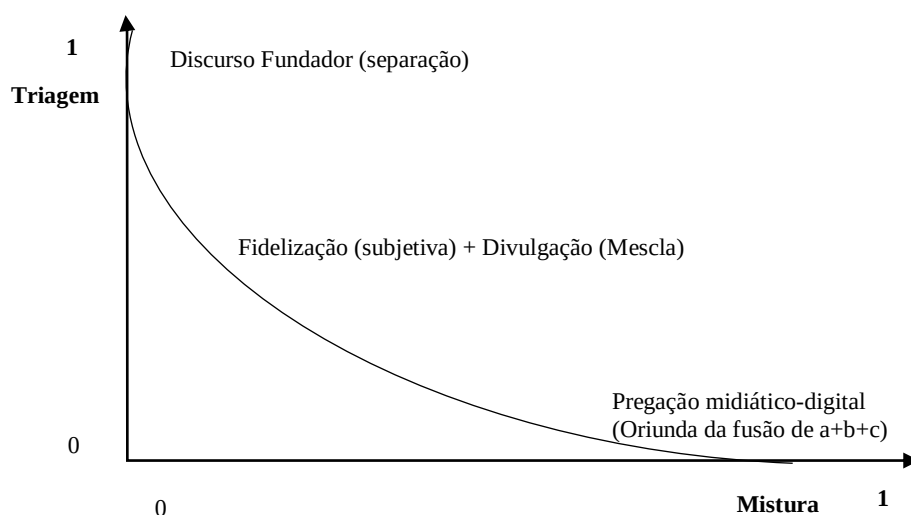


Gráfico 21 - Balizas aspectuais de triagem e mistura do gênero pregação no universo midiático-digital (sem humor)– Com base em Zilberberg (2004, p.77).

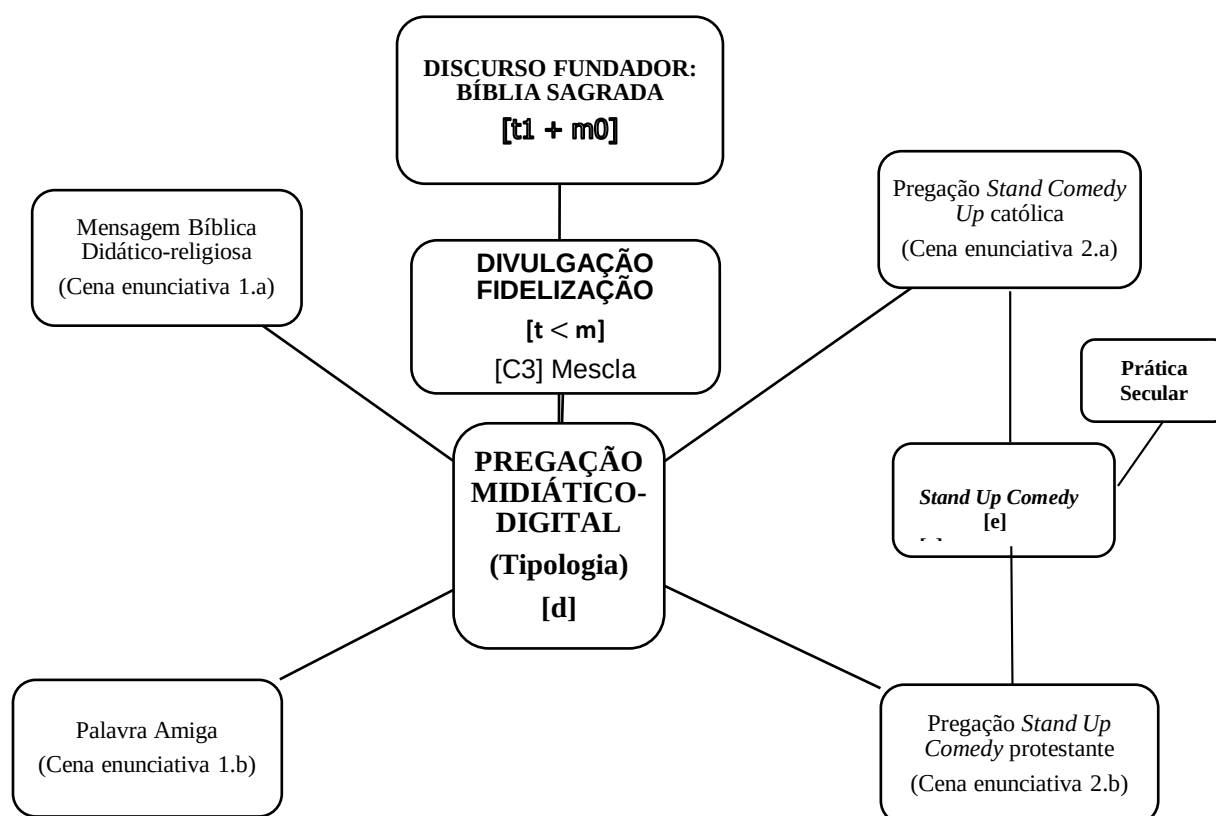
Desse resultado, do esquema 2, as operações elementares da mestiçagem podem ser representadas da seguinte maneira:

$$\begin{array}{ccc} [[C_1 \rightarrow [a,b,c]] - [[C_2 \rightarrow [&]]] & \longrightarrow & [[C_1 + C_2 \rightarrow [a,b,c,d]] \\ \hline \text{Situação inicial} & & \text{Situação final} \end{array}$$

Figura 79 - Sintaxe da mestiçagem do esquema 2.

⁸² A não ser na área “membro”, a qual não abordaremos dado o seu caráter de monetização.

Ao resultado de mestiçagem final, $[[C_1 + C_2 \rightarrow [a, b, c, d]]$, soma-se o gênero discursivo *Stand Up Comedy* [e] à cena enunciativa 2, o que promove um novo processo de triagem e mistura. Observe o esquema 3:



Esquema 3 - Gênero pregação e as duas cenas enunciativas após o processo de mestiçagem de acordo com o esquema 2 com acréscimo do gênero discursivo *Stand up Comedy* oriundo de prática secular.

Após o processo de mestiçagem, conforme exposto no esquema 2, a partir de novas demandas genéricas, diante de um cenário midiático-digital do gênero pregação, por apreensão do estilo actorial, mediante análise das cenas enunciativas, surgem dois estilos de gênero pregação, que se manifestam com estilos actoriais distintos. A cena enunciativa 1 organiza-se em 1.a e 1.b justamente por distinguirem-se quanto a manifestação do ator da enunciação, que se vincula às marcas da instituição religiosa a qual faz parte. Assim, percebemos que o ator da enunciação é variável mesmo surgindo de uma mesma cena enunciativa. A cena enunciativa 1, organiza-se em 1.a - Mensagem Bíblica Didático-religiosa; a cena enunciativa 2, organiza-se

em 1.b - Palavra Amiga; 2.a Pregação *Stand Up Comedy* católica; 2.b - Pregação *Stand Up Comedy* protestante, as quais têm recorrência de traços analisadas no próximo item.

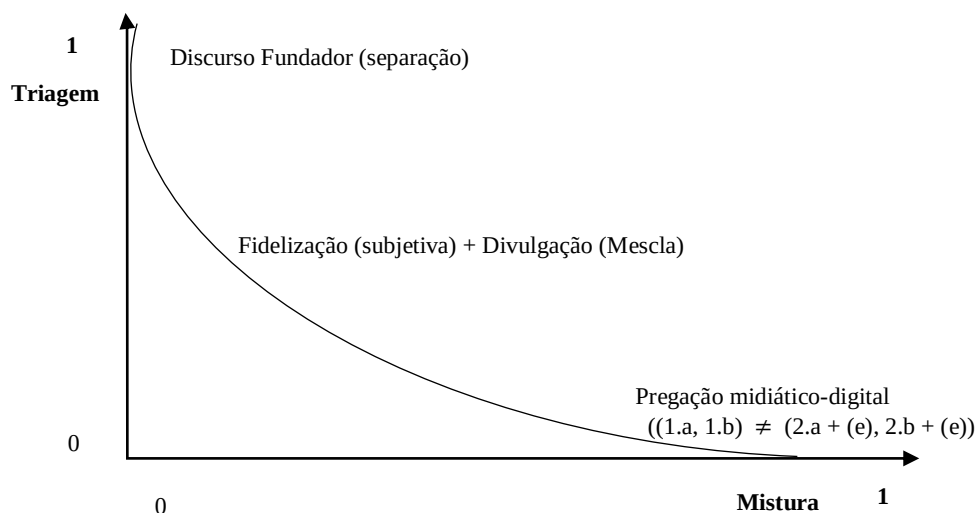


Gráfico 22 - Balizas aspectuais de triagem e mistura do gênero pregação no universo midiático-digital com *stand up comedy* - base em Zilberberg (2004, p.77).

Desse resultado, esquema 3, as operações elementares da mestiçagem podem ser representadas da seguinte maneira:

$$[[C1 + C2 = C3 \rightarrow [d \rightarrow [1.a, 1.b, 2.a, 2.b] + (e)]]$$

Situação inicial



$$[[C3 \rightarrow [d \rightarrow [[1.a, 1.b] \neq [C3 \rightarrow [2.a, 2.b, e]]$$

Situação final

Figura 80: Sintaxe da mestiçagem do esquema 3.

Após processos de mestiçagens é possível apresentar os resultados obtidos a partir das apreensões analíticas do corpus de pesquisa. Assim sendo, no próximo item trataremos da recorrência de traços dos *ethé* discursivos.

5.4 RECORRÊNCIA DE TRAÇOS DOS *ETHÉ* DISCURSIVOS

Ao considerarmos a desfronterização como um processo em curso desde o surgimento da internet, mais especificamente a partir da *web 2.0*, observável por meio da atuação dos atores desvelados nos textos-enunciados, entendemos que as análises realizadas nos possibilitaram a apreensão dos *ethé* à medida que analisamos as pregações. Ou seja, as análises em si são o desvelar da desfronterização materializada no discurso performático proferido pelo ator da enunciação, bem como pela práxis do *YouTube* (som, imagem, curtir, compartilhar, inscrever-se, seja membro, aba “Sobre” e outros) que media enunciador e enunciatário, influenciados reciprocamente, em um suporte midiático-digital no qual são postadas as pregações cristãs.

Importa ressaltar que os resultados da pesquisa surgem desde o início das análises, no desvelar do processo analítico, sobretudo nas considerações finais de cada análise, o que nos auxilia e nos possibilita organizar este item com os resultados depreendidos dos textos-enunciados analisados. Ao final da tese, as perguntas norteadoras da pesquisa são retomadas e respondidas, a fim de uma consolidação dos resultados.

Cena enunciativa 1.a

Na cena enunciativa 1.a há recorrência do uso dos *frames*, o que promove uma aceleração no discurso. Os traços identitários do ator da enunciação de cada pregação apresentaram em comum um perfil cristão protestante, que se apresenta como pastor casado (união heteroafetiva).

A Bíblia Sagrada e seus versículos bíblicos atuam como elementos figurativos frequentes nas três pregações protestantes. O discurso é proferido com tom de voz mansa, com explicações de passagens bíblicas e a presença de figuras actanciais com ações que surgem como exemplificação das atitudes eufórica e disfórica expostas nos *frames* dos vídeos reforçam o traço identitário cristão de cunho didático e moralista, tanto pelos temas abordados quanto pelos posicionamentos embasados no discurso fundador cristão.

Desse modo, concluímos que o ethos do enunciador da cena enunciativa 1.a é religioso, cristão protestante, calmo, ponderado e didático. O ethos calmo fica, digamos, em segundo plano quando há o uso dos *frames*, pois eles, além de deixar o discurso mais didático, aceleram a mensagem proferida, deixando-a impactante e ágil. Todas essas observações confirmam nossas primeiras impressões e nos permite intitular a cena enunciativa 1.a com o termo que cunhamos: *mensagem bíblica didático-protestante*.

Quanto ao estilo de gênero midiático-digital constatamos que se trata de tecnodiscurso por ser nativo da internet, no qual predomina a divulgação, embora também ocorra a

fidelização, sendo esta última de subjetiva constatação, visto que assistir ao vídeo não implica em conversão, o que confirma o perfil democrático no qual cabe ao enunciário decidir a adesão ou não da prática cristã protestante.

Na tabela a seguir organizamos os resultados dos traços recorrentes da cena enunciativa 1.a:

Cena enunciativa 1.a	Pregações	Recorrência no texto-enunciado	Traços identitários	Ethos do ator/enunciador	Estilo de gênero midiático-digital
	1- Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém	-Freeze frame (ferramenta discursiva de aceleração) - Versículos bíblicos na voz e no vídeo (elemento figurativo)	Cristão protestante Casado em união heteroafetiva Pastor	- Religioso - Cristão - Calmo - Ponderado - Didático.	-Tecnodiscurso -Predomina divulgação -Mensagem bíblica didático-protestante.
	2- O papel do homem e da mulher no casamento (segundo a bíblia)	- Bíblia Sagrada (elemento figurativo)	Cristão protestante Casado em união heteroafetiva Pastor	- Religioso - Cristão - Calmo - Ponderado - Didático.	-Tecnodiscurso -Predomina divulgação -Mensagem bíblica didático-protestante.
	3- Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena	-Freeze frame (ferramenta discursiva de aceleração) - Bíblia Sagrada como elemento figurativo	Cristão protestante Casado em união heteroafetiva Pastor	- Religioso - Cristão - Calmo - Ponderado - Didático.	-Tecnodiscurso -Predomina divulgação -Mensagem bíblica didático-protestante.

Tabela 25 - Recorrência de traços do *ethos* do ator da enunciação da cena enunciativa 1.a (Elab.para esta tese).

Cena enunciativa 1.b

Na cena enunciativa 1.b encontramos recorrência da improvisação no que se refere à gravação dos vídeos, como imagem trêmula e áudio de baixo volume. Como traços identitários depreendemos um perfil religioso, padre, cristão católico apostólico romano, portanto celibatário.

O ator da enunciação apresenta uma voz calma e serena de tom ponderado, filosófico e amigo. A falta da Bíblia Sagrada como elemento figurativo chama a atenção nos três vídeos analisados, o que entendemos ser uma confirmação de um posicionamento católico, que defende a ideia de que os padres têm autoridade na interpretação de textos bíblicos, em detrimento aos protestantes que enfatizam a Bíblia Sagrada como uma autoridade acima do pregador, como sinalizamos no item 1.1 (práxis do objeto de análise).

Desse modo, concluímos que o *ethos* do enunciador da cena enunciativa 1.b é religioso, cristão católico apostólico romano, então celibatário, calmo, ponderado, tom de voz amigável

e filosófico. Assim, dados os resultados das análises, reafirmamos o termo que cunhamos a esta cena enunciativa 1.b o qual intitulamos *palavra amiga católica*.

Quanto ao estilo de gênero midiático-digital constatamos que, assim como na cena enunciativa 1.a, se trata de tecnodiscurso por ser nativo da internet, no qual predomina a divulgação. A fidelização também é de subjetiva constatação, pelo fato de que assistir não significa aderir ao catolicismo, dado o perfil democrático no qual cabe ao enunciatário decidir a adesão ou não da prática cristã católica.

Na tabela a seguir, organizamos os resultados dos traços recorrentes da cena enunciativa 1.b:

	Pregações	Recorrências no texto-enunciado	Traços identitários	<i>Ethos</i> do ator/enunciador	Estilo de gênero midiático-digital
Cena enunciativa 1.b	4- Espiritualidade do dia - Somos a casa onde Deus habita	- Improvisação moderada na gravação	- Cristão católico - Celibato - Padre	- Religioso - Cristão - Calmo - Ponderado -Amigo. -Filosófico.	-Tecnodiscurso -Predomina divulgação -Palavra amiga católica.
	5- Missa Dominical com Padre Fábio de Melo	-Improvisação leve na gravação; - Discurso fundador no implícito (sem a figura da Bíblia)	- Cristão católico - Celibato - Rito da missa - Padre	- Religioso - Cristão - Calmo - Ponderado -Amigo. -Filosófico.	-Tecnodiscurso -Predomina divulgação -Palavra amiga católica.
	6- Palavra Essencial – Espiritualidade a partir dos relacionamentos	Discurso fundador no implícito (sem a figura da Bíblia)	- Cristão católico - Celibato - Padre	- Religioso - Cristão - Calmo - Ponderado -Amigo. -Filosófico.	-Tecnodiscurso -Predomina divulgação -Palavra amiga católica.

Tabela 26 - Recorrência de traços do *ethos* do ator da enunciação da cena enunciativa 1.b (Elab. para esta tese).

Cena enunciativa 2.a

Na cena enunciativa 2.a encontramos com recorrência no texto-enunciado um ator da enunciação que utiliza de argumentos que o validam (validação de si mesmo), antecede-se, antes de qualquer questionamento, e diz sobre si mesmo que é possível não ser casado e saber das coisas, “padre sabe de casamento” (excerto 104). Depreende-se ainda que se trata de um ator da enunciação dinâmico, pois realiza performance convidando para ir à frente do público para a realização de performance, cujo discurso promove o riso. O humor é uma marca identitária recorrente tanto em palestra quanto nas missas.

Há presença do discurso fundador bíblico, mas no implícito, pois nos discursos há os valores cristãos da fé católica, cuja interpretação surge nas afirmações do ator, sem apresentar o elemento figurativo Bíblia Sagrada.

Concluímos que o *ethos* do enunciador da cena enunciativa 2.a é religioso, cristão católico apostólico romano, então celibatário, acelerado, dinâmico, tom de voz ora sério ora engraçado, com destaque no humor. Assim, dados os resultados das análises, reafirmamos o termo que cunhamos a esta cena enunciativa 2.a, o qual intitulamos pregação *stand up comedy* católica.

Quanto ao estilo de gênero midiático-digital constatamos que é híbrido, pois fideliza e divulga, dado o espaço da dinâmica ou missa com os atores que compõem a cena (padre e fiéis) com posterior publicação no *YouTube*, o que resulta em um discurso de fidelização e divulgação respectivamente. Neste caso a fidelização é presencial e à distância, sendo o modo à distância de subjetiva constatação, pelo fato de que assistir ao vídeo não significa aderir ao catolicismo, dado o perfil democrático inerente à internet.

Na tabela a seguir, organizamos os resultados dos traços recorrentes da cena enunciativa 2.a:

	Pregações	Recorrência no texto-enunciado	Traços identitários	<i>Ethos</i> do ator/enunciador	Estilo de gênero midiático-digital
Cena enunciativa 2.a	7- Nosso casamento	- Validação de si - Dinâmica - Humor - Discurso fundador no implícito (sem a figura da Bíblia)	- Cristão católico - Celibato - Padre	- Religioso - Cristão - Acelerado - Dinâmico - Humorístico.	-Híbrido -Fideliza e divulga -Pregação <i>stand up comedy</i> católica.
	8- A matemática do casamento	- Humor -Figuratividade da missa - Discurso fundador no implícito (sem a figura da Bíblia)	- Cristão católico - Celibato - Rito da missa - Padre	- Religioso - Cristão - Acelerado - Dinâmico - Humorístico.	-Híbrido -Fideliza e divulga -Pregação <i>stand up comedy</i> católica.
	9- O que deve ser evitado no casamento	- Validação de si - Dinâmica - Humor - Discurso fundador no implícito (sem a figura da Bíblia)	- Cristão católico - Celibato - Padre	- Religioso - Cristão - Acelerado - Dinâmico - Performático - Humorístico.	-Híbrido -Fideliza e divulga -Pregação <i>stand up comedy</i> católica.

Tabela 27 - Recorrência de traços do *ethos* do ator da enunciação da cena enunciativa 2.a (Elaborada para esta tese).

Cena enunciativa 2.b

Na cena enunciativa 2.b os traços identitários do ator da enunciação de cada pregação apresentaram em comum um perfil cristão protestante, que se apresenta como pastor casado (união heteroafetiva).

A Bíblia Sagrada e seus versículos bíblicos atuam como elementos figurativos frequentes nas três pregações protestantes. O discurso é proferido com tom de voz humorístico, com explicações de passagens. O traço identitário cristão é de cunho moralista, tanto pelos

temas abordados quanto pelos posicionamentos embasados no discurso fundador cristão. Esse ator tem um peculiar jeito de tratar os assuntos do casamento cristão, aprofundando inclusive nas questões sexuais.

Desse modo, concluímos, a partir dos resultados apresentados durante as análises que o *ethos* do enunciador da cena enunciativa 2.b é religioso, cristão protestante, acelerado, performático, ousado, humorístico, o que confirma nossas primeiras impressões e nos permite intitular a cena enunciativa 2.b com o termo que cunhamos: *pregação stand up comedy* protestante.

Quanto ao estilo de gênero midiático-digital constatamos que é híbrido, pois fideliza e divulga, dado o espaço do culto estar com presença dos atores que compõem a cena (pastor e fiéis) com posterior publicação no *YouTube*, o que resulta em um discurso de fidelização e divulgação respectivamente. Neste caso a fidelização é presencial e à distância, sendo o modo à distância de subjetiva constatação, pelo fato de que assistir ao vídeo não significa aderir ao protestantismo, dado o perfil democrático inerente à internet.

	Pregações	Recorrência no texto-enunciado	Traços identitários	<i>Ethos</i> do ator/enunciador	Estilo de gênero midiático-digital
Cena enunciativa 2.b	10- Casamento com excelência	- Humor - Bíblia Sagrada (elemento figurativo)	- Cristão protestante - Casado em união heteroafetiva - Pastor	- Religioso - Cristão - Acelerado - Performático - Ousado - Humorístico.	-Híbrido -Fideliza e divulga -Pregação <i>stand up comedy</i> protestante.
	11- Homem banana e mulher abacaxi	- Humor -Bíblia Sagrada (elemento figurativo)	- Cristão protestante - Casado em união heteroafetiva - Pastor	- Religioso - Cristão - Acelerado - Performático - Ousado - Humorístico.	-Híbrido -Fideliza e divulga -Pregação <i>stand up comedy</i> protestante.
	12- Arrume sua família na quarentena	- Humor - Tema sexual - Bíblia Sagrada (elemento figurativo)	- Cristão protestante - Casado em união heteroafetiva - Pastor	- Religioso - Cristão - Acelerado - Performático - Ousado - Humorístico.	-Híbrido -Fideliza e divulga -Pregação <i>stand up comedy</i> protestante.

Tabela 28 - Recorrência de traços do *ethos* do ator da enunciação da cena enunciativa 2.b (Elaborada para esta tese).

Considerações Finais

Nas análises realizadas pudemos encontrar com frequência os tropos especialmente a metáfora, a comparação e a hipérbole, o que faz jus a previsão de Zilberberg (2011), como recursos de aceleração da argumentologia, pois sob um ponto de vista tensivo, “o campo de

ação do discurso persuasivo é dividido entre uma argumentologia, digamos implicativa e de atonia reduzida, e uma tropologia, mais precisamente concessiva e com maior tonicidade” (Zilberberg, 2011, p. 196).

De acordo com Tatit (2019) o nível tensivo-fórico “tem estatuto pré-narrativo, pré-modal, pré-discursivo, isto é, tem seu lugar na prefiguração profunda do nível de pré-condições da significação” (Tatit, 2019, p. 32). Desse modo, procuramos adotar um ponto de vista tensivo da semiótica discursiva de modo a considerar os estudos retóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, dando lugar à retórica, com análises voltadas para o nível semionarrativo, considerando sua presença no nível discursivo, seu lugar antes majestoso.

Diante disso, retomemos as perguntas norteadoras desta pesquisa a fim de respondê-las:

a) Há uma desfronterização entre a fidelização e a divulgação nas pregações cristãs midiático-digitais?

A primeira pergunta norteadora desta pesquisa se refere à presença ou não de uma desfronterização entre a fidelização e a divulgação nas pregações cristãs midiático-digitais. Ao observarmos vídeos de pregações cristãs no Canal do *YouTube*, partimos da hipótese de uma desfronterização entre o discurso religioso cristão e o discurso secular, cuja materialização, como demonstrado, ocorre em uma mestiçagem de diferentes gêneros discursivos, dos quais pudemos comprovar, por meio das análises, duas cenas enunciativas, formações oriundas de uma desfronterização, prática semiótica figural, termo que adotamos para construirmos nosso raciocínio quando da ocorrência da quebra de uma fronteira imaginária entre os discursos religiosos cristãos de manutenção e de divulgação, sendo o de divulgação difuso, e por isso mais próximo dos discursos seculares.

Antes das análises expomos o fenômeno da desfronterização no capítulo três em uma perspectiva tensiva da mestiçagem, somente para então apreendermos o estilo dos atores das enunciações cristãs midiáticas com a sintaxe da mestiçagem realizada após as análises, quando pudemos confirmar as primeiras impressões por meio das análises disponíveis no capítulo IV e V, a partir de uma noção de estilo com base nos estudos sobre o corpo na semiótica discursiva.

Constatamos que a desfronterização é um processo em curso promovido após o surgimento da internet, mais especificamente a partir da web 2.0, que proporcionou a interatividade, em especial por meio da plataforma *YouTube*, a qual se assemelha às configurações de Canal de televisão, diferenciando-se por ser de perfil individual, pois dá a oportunidade de qualquer internauta criar uma conta e assistir, no papel de sujeito de estado, e criar vídeos, no papel de sujeito da ação, o que gerou um perfil democrático e descentralizador que modula os partícipes da práxis enunciativa.

Retomemos a segunda pergunta:

b) Em que proporção as fronteiras dos discursos de fidelização e de divulgação se aproximam ou se dissipam?

A segunda pergunta de pesquisa refere-se à proporção em que as fronteiras entre a fidelização e a divulgação aproximam os estilos retensivo e difuso. Compreendemos que há as duas situações, considerando o surgimento dos tecnodiscursos e dos discursos de estilo misto no universo midiático-digital. Constatamos que o sujeito destinatário nas cenas enunciativas 1.a e 1.b é exclusivamente midiático-digital, pois os vídeos são gravados exclusivamente para serem postados na *web*, encaixam-se nos chamados tecnodiscursos. Paveau (2022, p. 334), apresenta Valérie Beaudoin (2014) como uma autora que deu a devida atenção aos gêneros nativos da internet, chamando-os de “gêneros próprios da *web*”, distinguindo dois grandes conjuntos.

Segundo assinala Paveau (2022, p. 335), Beaudoin (2014) classifica o primeiro grande grupo de gêneros da apresentação de si como a expressão de si no status do *Facebook*, frase no *Twitter*, quando da primeira versão do aplicativo; enquanto o segundo grande grupo são os gêneros da produção coletiva à distância como os artigos enciclopédicos redigido por muitos, e ainda os comentários e avaliações (Paveau, 2022, p. 335). Podemos encaixar entre os do primeiro grupo, a página do perfil do Canal do *YouTube*, no qual há a apresentação de si em linguagem sincrética.

Paveau (2022), define os tecnogêneros, dentro de uma restrição tecnológica, “como um gênero dotado de uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do linguageiro e do tecnológico [...] marcado por ou derivado da dimensão tecnológica do discurso, o que implica um funcionamento e propriedades particulares” (Paveau, 2022, p. 336). Desse modo, compreendemos as cenas enunciativas 1.a e 1.b como tecnogêneros, pois possuem uma tipologia tecnodiscursiva, pois apresentam um perfil presumido misto, democrático e de previsibilidade inconstante.

Em relação ao perfil aspectual da cena enunciativa 1.a, Mensagem Bíblica Didático-religiosa, o enunciador oferece aos enunciatários presumidos uma enunciação sincrética, cuja produção é de caráter híbrido. As estratégias enunciativas são adotadas a partir da forma da expressão por enquadramentos de simulacros do real em uma sequência narrativa, similares às histórias em quadrinhos, as quais são exemplos de usos de sequências de quadros na construção de sentido. De acordo com Mancini, a aceitação da forma de expressão de um texto por meio de quadros tornou-se tão aceita que “a quadrinização de qualquer tipo de texto passou a ser vista como recurso estratégico válido para potencializar a capacidade de sedução dessas mensagens

junto ao público” (Mancini, 2003, p. 97).

Com o elemento constitutivo da linguagem construída por meio dos enquadramentos, há o primor pela agilidade, pois os recursos dos enquadramentos são inovadores em se tratando de pregação, se pensarmos em uma pregação em seu formato original de sermão oral ou mesmo quando por cartas como no cristianismo primitivo, registrados na Bíblia Sagrada. Esse primor pela agilidade confere uma maior adesão por parte dos enunciatários, assim, o perfil básico é o *elã* da rapidez, portanto, perfil aspectual da rapidez, cujo modo de interação pressuposto pode ser acelerado com variação em maior ou menor grau. Assim, se direção ascendente, gera mais impacto, devido elemento surpresa e tonicidade; se direção descendente, desacelerada, quando a direção for dentro do esperado, sem elementos surpresas, embora uma tendência acelerada não se dissipe, porque o *elã* é da rapidez.

O paralelismo de conteúdos manifestados visual e verbalmente, é um sincretismo inerente a uma aceleração. A cada quadro surge uma quebra, uma concessão para o surgimento de um novo quadro temático-figurativo, os chamados requadros, o que também justifica o caráter da aceleração. Potencialidade por catálise devido às lacunas surgidas a partir dos encadeamentos por quadros, os quais deixam a completude do sentido a ser explorado pelo enunciatário.

Características formais: dentre as opções das características formais dos traços dos requadros, “espessos ou finos, angulosos ou sinuosos, gestuais ou geométricos, etc.” (Mancini, 2013, p. 102), o enunciador utiliza os enquadramentos de figuras gestuais a cores e em movimentos. A organização do conteúdo se dá pelo encadeamento dos quadros em movimento, cujo contato com o enunciatário torna-se impactante e tônico.

O perfil rítmico de leitura é de aceleração promovido pelo impacto visual. Assim, todas as características constitutivas da linguagem oriundas do estilo do gênero e do estilo actorial das mensagens bíblicas didático protestante em análise nesta tese tem potencial de aceleração do plano de conteúdo e plano de expressão.

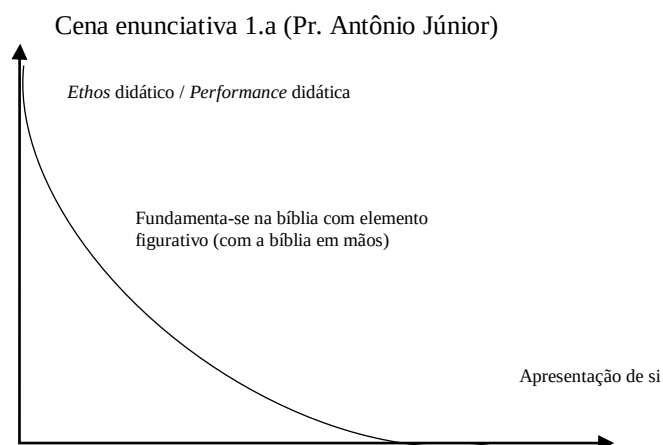


Gráfico 23 - Perfil aspectual da cena enunciativa 1.a - Elaborado para esta tese.

Na cena enunciativa 1.b, o *elã* é da lentidão, pois é oferecido ao enunciatário um discurso temático-figurativo construído a partir do simulacro de conversa entre dois amigos íntimos cujo turno de fala é sempre do narrador, em um tom amigável, calmo, tranquilo com cadência lenta. Desse modo, o perfil aspectual é o da lentidão. Quanto à intensidade, a direção é de andamento desacelerado e tonicidade átona.

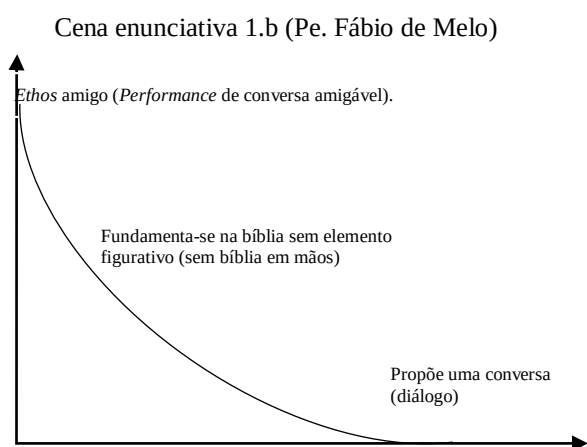


Gráfico 24 – Perfil aspectual da cena enunciativa 1.b - Elaborado para esta tese.

No plano de expressão, destaca o modo lento de falar de uma figura jovial com roupas fora da figurativização religiosa, o que promove a possibilidade de um alcance de público misto. Em um dos vídeos analisados, a figura do padre surge hiperbolicamente figurativizado em ambiente sacro, em discurso proferido especialmente ao enunciatário da *web*. O perfil rítmico de lentidão mantém-se em todos os vídeos analisados, os quais são de extensidade regida pela longevidade, pois não há uma novidade impactante, mas sim uma sequência serena ao conversar amigavelmente com o enunciatário, em uma cadência linear de um discurso previsível.

Retomemos agora a terceira pergunta de pesquisa:

c) De que forma se processa o humor no discurso religioso midiático-digital?

Quanto ao perfil aspectual das cenas enunciativas 2.a e 2.b, que também responde a terceira pergunta de pesquisa, que consiste em saber de que forma se processa o humor no discurso religioso midiático-digital. Quanto a manifestação do humor nas pregações analisadas, confirmamos nossa hipótese de ser um humor *stand up comedy*, pois os pregadores, nas cenas enunciativas 2.a e 2.b apresentaram um perfil performático de falas e movimentos engraçados, com *feedback* do público presente com muitas risadas contagiantes de elã variável entre o de lentidão e o de rapidez. A ocorrência de dois elãs no mesmo discurso se dá pelo uso de humor de modo intercalado com um discurso sério. O humor é a materialização das quebras, concessões geradoras de impactos tônicos seguidos de uma atenuação com a chegada do discurso sério.

Cena enunciativa 2.a (Pe. Chrystian Shankar).

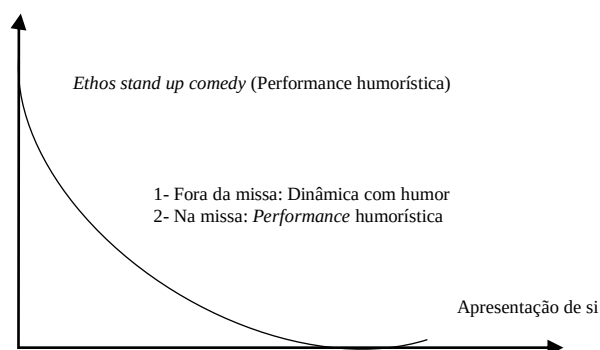


Gráfico 25 - Perfil aspectual da cena enunciativa 2.a – Elaborado para esta tese

Cena enunciativa 2.b (Pr. Cláudio Duarte).

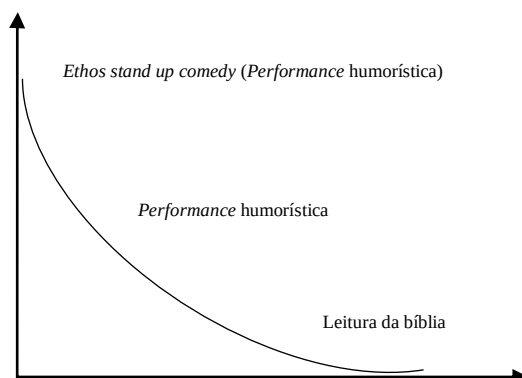


Gráfico 26 - Perfil aspectual da cena enunciativa 2.b - Elaborado para esta tese

A distinção entre as duas cenas enunciativa está na maneira de interagir com o narratário, aquele presente no momento da gravação do vídeo. Na cena enunciativa 2.a, encontramos um narrador que convida os narratários para subirem no altar (no caso das palestras, palco) e participarem da dinâmica que mais se assemelham, como vimos nas análises, às “fritadas” do Léo Dias em seus *shows de stand up comedy*. Já na cena enunciativa 2.b, o narrador mantém-se sozinho no altar e faz, entre um tom sério e outro, verdadeiras piadas que arrancam risos o tempo todo dos narratários. O discurso da cena enunciativa 2.b sempre é iniciado após a leitura de um versículo do discurso fundador.

Vejamos a quarta pergunta:

d) As proposições tipológicas propostas se confirmam?

A quarta pergunta de pesquisa se refere às confirmações tipológicas. Propomos as duas cenas enunciativas como oriundas da tipologia pregação cristã midiático-digital a partir da proposta de Silva (2011; 2020). Seleccionamos para concatenação de nossa proposta, na espacialidade do mundo digital, as três totalidades discursivas, fundadora, de fidelização e de divulgação, juntamente com as três cenas enunciativas, especializada, midiática e instrucional e propomos uma mestiçagem, da qual surgem novas totalidades genéricas de divulgação. Após as análises, obtivemos como resultado do processo de mestiçagem, duas cenas enunciativas cristãs midiático-digitais, de estilos de gêneros actoriais distintos, que se confirmaram, os quais denominamos de a) Mensagem bíblica didático-religiosa protestante. b) Palavra Amiga católica. c) Pregação *Stand Up comedy* católica. d) Pregação *Stand Up comedy* protestante.

Outrossim, os discursos seculares encontrados em uma mistura com os religiosos são o humorístico, na modalidade *stand up comedy*, o didático, mais presente na área da educação com ferramentas midiático-digitais como os *frames* na construção de narrativas com figuras actanciais em movimento, uma simulação de verdade criativa e persuasiva. As outras misturas não necessariamente pertenciam ao universo religioso, mas atuavam antes de modo individual, mas se mostraram atuantes em uma interdiscursividade misturada, demonstrada nesta tese pela proposta da mestiçagem zilberberguiana, pois as práticas discursivas presentes no corpus de análise têm suas ocorrências no “campo discursivo sob duas restrições: a novidade, aparente ou efetiva, de alguma mistura em um certo domínio e, eventualmente o estilo da mistura efetuada” (Zilberberg, 2004, p. 71).

Demonstramos a mestiçagem de grandezas presentificadas em duas ordens, a da intensidade, do sensível, e a da extensidade, do inteligível (Zilberberg, 2004, p. 72), as quais partiram de incoatividades distintas a partir da proposta de Silva (2020), na extensidade da

difusão (propagação) do discurso religioso cristão, por meio da divulgação em uma mestiçagem (mistura) entre o discurso de divulgação com o discurso de fidelização.

Quanto ao perfil aspectual do enunciatário presumido das pregações midiático-digitais (Cena enunciativa 1 e 2), como vimos, há duas distintas manifestações do discurso midiático-digital, sendo uma manifestação mista, oriunda de espacialidade restrita com posterior publicação na internet, e outra manifestação mais pura, nascida na internet, os chamados tecnodiscursos. Embora haja distintas manifestações, há em comum a presentificação do público difuso oriundo da *web*, no caso, o internauta que acessa os vídeos do *YouTube*.

O sujeito-no-mundo, advindo da noção de sujeito coletivo, é o enunciatário presumido da internet (o internauta), cujo perfil democrático lhe favorece estabelecer a intensidade da prática ritualística, posta em gradações de modo a estabelecer um ritmo, ligada a noção de aspecto, possível de se perceber o rito no ambiente midiático-digital.

Assim sendo, ao entendermos a noção de Canal como ambiente midiático-digital de comunicação entre o enunciador e enunciatário, os quais possuidores de um perfil de usuário no canal *YouTube*, tem-se de um lado os padres e pastores produtores de conteúdos de cunho religioso cristão, encobertos por figuras já apreendidas pelo enunciatário no título do vídeo, cuja figurativização, favorecida pela imagem, despertam o desejo de acesso desde um curioso a um seguidor do Canal. Assim, há o usuário que inscrito ou não no Canal é possuidor de escolha de uma intensidade átona ou tônica medida pelas visualizações das pregações disponíveis no canal.

Desse modo, propomos balizas aspectuais do perfil do usuário de pregações cristãs nas mídias digitais, baseadas em gráfico tensivo (Zilberberg, 2006), de um lado a abscissa da intensidade, do sujeito sensível, o qual rege, de outro lado, a abscissa da extensidade, regida. Nessa ordem, configura-se uma gradação que permeia o gráfico em uma máxima tônica (forte), gera efeito de individuação, a uma mínima átona (fraca), gera o efeito de coletividade, obtidas pela sequência gradual: S1 (visualização diária), S2 (visualização semanal), S3 (visualização mensal) e S4 (visualização semestral ou anual), de acordo com a disposição a seguir:

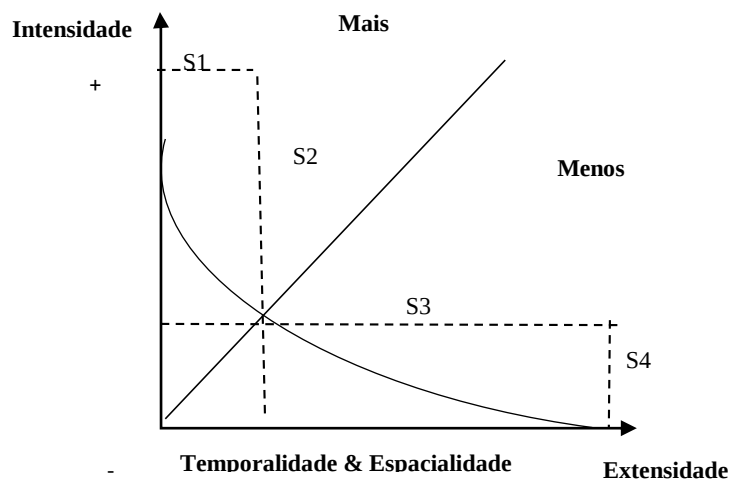


Gráfico 27 - Balizas aspectuais do perfil do internauta (enunciatório) - Elaboração nossa a partir da proposta das balizas aspectuais de Zilberberg (2006a).

De acordo com a proposta acima, tem-se um perfil de usuário, dentro do universo religioso cristão midiático-digital, construído a partir da percepção de mundo do sujeito, “sujeito que percebe e coisa percebida” (Discini, 2015, p. 29), a qual se move em uma atuação de um sujeito estésico, tido como aquele que contempla o perfil sensível, por possuir uma sensibilidade estética, estabelecida pelo “fluxo fórico” (Tatit, 1998, p.17), materializada no nível discursivo como o usuário persuadido pelo estilo do ator da enunciação.

Nas cenas enunciativas 2.a e 2.b, observam-se dois momentos de manifestação do sujeito destinatário cujo público é construído a partir da seleção, da triagem, num primeiro momento e depois pela mistura, após gravação e postagem do vídeo no *YouTube*.

A primeira manifestação é pela presença realizada no presencial, cujo espaço é o templo religioso restrito e fechado de celebração da missa, no caso dos textos-enunciados cujo narrador é figurativizado pelo padre Chrystian Shankar e também nas ministrações nos cultos protestantes, cujo narrador é a figura do pastor Cláudio Duarte. A segunda manifestação do sujeito destinatário é o presumido, manifestado pela quase-presença, pois fica virtualizado, presentificando-se no espaço do *website*, apenas quando o enunciatório acessa o vídeo no Canal do *YouTube*.

Esse segundo perfil de sujeito é oriundo de uma mistura, de público misto, visto a internet ter um caráter libertador e democrático. Desse modo, mesmo que publicado em Canal católico, caso o sujeito destinatário (internauta), de qualquer inscrição religiosa, digite palavras que dialoguem com o título do vídeo, terá acesso ao discurso do narrador. Por exemplo, os títulos “A matemática do casamento” e “Arrume sua família na quarentena” têm títulos, no caso do primeiro, inusitado, e no caso do segundo, condizente ao contexto pandêmico, portanto

estratégicos, pois basta o enunciatário desejar tratar da temática casamento, para tê-lo como opção de acesso. Assim, temos a seguinte tabela dessa organização dos níveis de presença dos enunciatários. Portanto, a cena enunciativa *Stand Up Comedy* organizada em 2.a e 2.b compõe-se de gêneros midiático-digitais, mas não nativos, pois apresentam uma duplicidade de perfis de enunciatários, o restrito e o presumido.

A seguir, tabela de triagem e mistura, na qual triagem refere-se à manutenção da fé católica/protestante e mistura refere-se à divulgação da fé cristã:

Triagem/manutenção da fé católica/protestante	Mistura/divulgação da fé cristã
Sujeito destinatário restrito, privado e cristão católico/protestante (manutenção da fé cristã).	Sujeito destinatário difuso, público misto (divulgação da fé cristã)

Tabela 29 - Triagem e mistura: manutenção e divulgação da cena enunciativa 2 (Com base em Zilberberg (2011).

Vejamos o gráfico de correlação inversa dos níveis do perfil dos enunciatários das cenas enunciativas 2.a e 2.b:

Correlação inversa da cena enunciativa 2.a e 2.b.

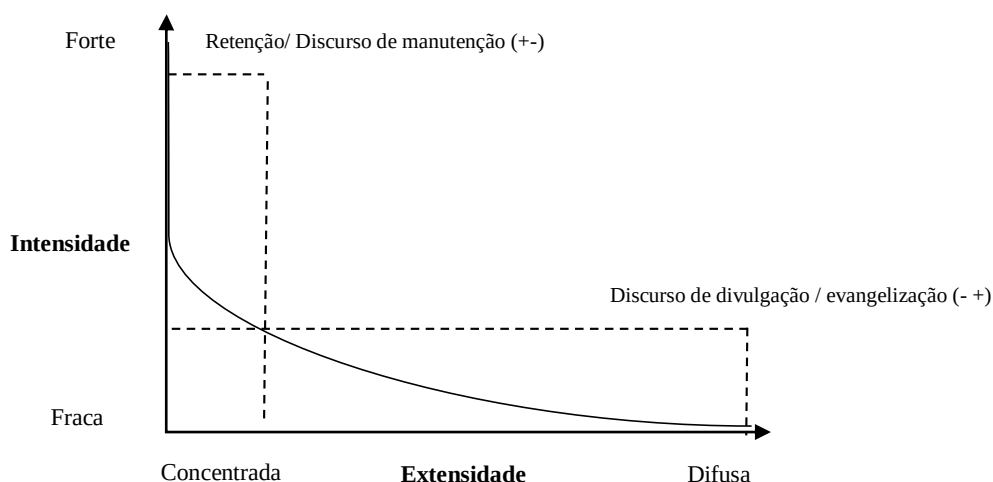


Gráfico 28 – Esquema tensivo de retenção e divulgação da cena enunciativa 2 com base no modelo de Zilberberg (2006, p. 216)

Diante das manifestações do enunciatário nas cenas enunciativas 2.a e 2.b, a correlação inversa torna-se de **manutenção da fé cristã** quando quanto *mais* restrito e concentrado e *menos* tênue e difuso. E quanto *menos* concentrado e *mais* difuso, torna-se **divulgação da fé cristã**.

Quanto à questão do impactante e tênue é pensado quanto à medida de impacto do discurso na perspectiva do alcance de destinatários (quantidade de cristãos). Já o impacto sensível é no âmbito do particular e independe se o espaço é restrito ou difuso, não sendo possível analisar, a não ser por meio de relato pessoal.

Concluimos que a desfronteirização entre a fidelização e a divulgação nas pregações cristãs midiático-digitais é um fato presente no universo da *web* devido seu perfil democrático e descentralizador, em uma proporção medida na percepção sensível do sujeito destinatário, o qual recebeu, com o advento da *web* 2.0 uma autonomia de acesso em tempo e espaço presumíveis, mas não controláveis. Desse modo, cabe ao sujeito sensível manifestar seu desejo em está fidelizado (ou não) durante sua interação no espaço destinado aos comentários. Quanto à divulgação há um maior controle dos resultados, pois é possível saber o alcance da mensagem por meio da quantidade de inscritos, de *likes*, de visualizações. Assim, entendemos que a fidelização fica na ordem do sensível e particular, sem uma medição precisa, pois, é subjetiva; enquanto que a divulgação é objetiva, pois é possível ter ciência dos resultados quantitativos.

Por fim, ao que nos compete sobre o tema tratado nesta tese, ao término da apresentação dos resultados, prosseguimos com a pesquisa e possíveis desdobramentos divulgados oportunamente por meio de parcerias, publicação em revista da semiótica e eventos nacionais e internacionais.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 95-114.

ALMEIDA, Hamilton. **Padre Landell: o autor das primeiras transmissões de voz e música por ondas de rádio do mundo**. Khronos, revista de História da Ciência, nº 14, janeiro de 2023. Revistas.usp.br/khronos – Acesso em 16/03/23.

AQUINO, Marcia Elizabeth de. **Personnas: gradações e sujeitos do discurso político-religioso no Estado Autoritário Pós-64**. Uma abordagem lexical e sociossemiótica. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ARAYA, ERM., and VIDOTTI, SABG. **Criação, proteção e uso legal de informação em ambientes da World Wide Web** [on-line]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 144 p. ISBN 978-85-7983-115-7. Available from SciELO Books.

ARISTÓTELES. **História dos Animais**, Livros I-VI; Lisboa: Imprensa Nacional, 2006.

_____. **Retórica**. Bauru: Edipro, 2013.

_____. **Arte retórica e Arte poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Introdução e notas de Jean Voilquin e Jean Capelle. Estudo introdutório de Goffredo Telles Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d]. 290p.

AZEVEDO, Renan Ramires de; SILVA, Sueli Ramos da. **Pandemia e prática religiosa no discurso on-line: A situação do enunciado**. CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 16, nº 1, p. 109-127, 2023.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, D. L. P. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3^a ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

_____. Semiótica e Retórica: Um diálogo produtivo. In: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander. (ORG). **Análise do discurso hoje**. Vol II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Teoria semiótica do texto**. 4^a edição, São Paulo, Ática, 2005.

_____. A complexidade discursiva na internet. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 13, n. 2, p. 13-31, 2015.

BENTO XVI. **Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade**. Mensagem para a celebração do 43º dia Mundial das Comunicações Sociais, 2009. Disponível em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html – Acesso em 22/10/2022.

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução do Grupo Casa. Bauru. Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003.

BERTRAND, Denis; DARRAULT-HARRIS, Ivan. Covid-19: o vírus e suas variantes semióticas. Trad. Gabriela Santos Silva e Mariana Luz Pessoa de Barros. **Estudos Semióticos** [online], volume 17, número 2. Dossiê temático: “A semiótica e a cultura”. São Paulo, agosto de 2021. p. 321-339. Disponível em: Acesso em: 16/05/2022.

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia on-line versão Católica, disponível em: <https://bibliaonline.com.br/vc> - Acesso de 2022 até 2024.

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia on-line Almeida Revisada e Atualizada, disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara> - Acesso de 2022 até 2024.

BOFF, Leonardo. Igreja: carisma e poder. **Ensaio de Eclesiologia Militante**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **A economia das trocas linguísticas: O que Falar Quer Dizer**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOGAZ, A.S.; HANSEN, J.H.; COUTO, M.A. **Patrística: caminhos da tradição cristã**. Paulus: 2014.

BRANDÃO, M. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2004.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet** / 2.ed.; tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. — 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

BURGESS, Jean. e GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital : como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade** / Jean Burgess e Joshua Green ; com textos de Henry Jenkins e John Hartley ; tradução Ricardo Giassetti. — São Paulo : Aleph, 2009.

BUSH, Vannevar. **As we may think**. Atlantic Monthly, v.176, 1, p.101-108, 1945. Disponível em: < <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-maythink/303881/>>. Acesso em: 28 de abril, 2014.

CASAMASSO, Marco Aurélio Lagreca. **Estado, igreja e liberdade religiosa na “Constituição Política do Império do Brasil” de 1824**. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI, Fortaleza CE, junho, 2010.

CARDOSO, D. de A. **Corpo e presença na Bíblia Sagrada**. 340 f. Tese (doutorado em letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo: 2017.

_____. Verificação nos milagres bíblicos. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v.

10, n.1, p. 47-55, 2014. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2014.83510. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/83510>. Acesso em: 20 jan. 2020.

_____. **A emergência do sentido nas narrativas bíblicas: uma proposta de pesquisa semiótica na Bíblia.** Cadernos de Pós-graduação em Letras (Mackenzie), São Paulo, vol. 15, n. 1. p. 71-89, 2015. Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/CONFIG/TEMPORARIO/FOTOS_PADRAO_NOVOSITE/PPGDPE/v15n1-05-cardoso.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.

CARVALHO, M. S. R. M. de. **A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança.** Rio de Janeiro, 2006, 239 p. 29,7 cm (COPPE/UFRJ, M.Sc., Engenharia de Sistemas e Computação, 2006)

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTRO, Carolina Mazzaron de.; PORTELA, Jean Cristtus. A noção de conteúdo e de expressão no percurso gerativo do sentido. **Estudos Semióticos.** [on-line] Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse> Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 14, Número 3, São Paulo, dezembro de 2018, p. 1–14. Acesso em 02/06/2024.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** Trad. Fabiana Komesu. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2020.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Não se desespere!** São Paulo: Vozes, 2013.

COURTES, J. **Sémantique de l'énoncé: applications pratiques.** Paris: Hachette, 1989

DEMARCHI, G. **Da paixão à ressurreição: uma análise semiótica.** 2015. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DIAS, Sonia G. B.; SILVA, Sueli Maria Ramos. **Análise isotópica de pregação cristã midiático digital: “A postura de Daniel”.** Revista Philologus, V. 22 – nº 82 supl. P. 217-224 - 03/06/2022. <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/issue/view/18> - Acesso em 18/05/2024.

DIAS, Sonia G. B. O perfil de um ator da enunciação religiosa nas mídias digitais. In: **Estudos de linguagens: da semiótica discursiva à linguística aplicada** [livro eletrônico] Curitiba: Bagai, 2022.

_____. O discurso religioso em “Morte e vida severina” de João Cabral de Melo Neto na perspectiva da semiótica discursiva. In: **Semiótica Discursiva, Educação Linguística e Letramento Teatral** [livro eletrônico]. Curitiba: Bagai, 2024a.

_____. O Rito do Casamento Cristão Coletivo Sob um Ponto de Vista Tensivo. In: **Semiótica Discursiva, Educação Linguística e Letramento Teatral** [livro eletrônico]. Curitiba: Bagai, 2024b.

DISCINI, N. **O estilo nos textos: histórias em quadrinhos, mídia, literatura**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. O Sujeito no jornal. **Gragoatá (16)**, 2004. Disponível em <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33348> - Acesso 22 de junho de 2022.

_____. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. Para o estilo de um gênero. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso. v. 7, n. 2. São Paulo: LAEL/PUC-SP, GP Linguagem, Identidade e Memória, 2012. p. 75-94. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/9934/9327>. Acesso em: 19 jul. 2021.

DORNELLES, Juliano P. **O fenômeno Vlog no YouTube: análise de conteúdo de Vloggers brasileiros de sucesso**. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

DUARTE, Cláudio. **Perfil do Canal Pastor Cláudio Duarte** - <https://www.youtube.com.br/@pastorclaudioduarte> <Acesso em 17/10/2022.

_____. **Casamento com excelência**. 29/03/2017. Disponível em <https://youtu.be/H7It3T3_eXk> Acesso em 21/06/2020.

_____. **Homem Banana e Mulher Abacaxi**. 26/03/2013. Disponível em <<https://youtu.be/vAuHkE38PbY>> Acesso em 21/07/2020.

_____. **Arrume sua família na quarentena**. 17/04/2020. Disponível em <<https://youtu.be/X0bbyfsAy5Q>> Acesso em 21/07/2020.

DUBOIS, J e outros (s.d.). **Dicionário de linguística**. São Paulo, Cultrix.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FEINBERG. John; GEISLER. Norman; REICHENBACK. Bruce; PINNOCK. Clark – **Predestinação e Livre-arbítrio: Quatro perspectivas sobre a soberania de Deus e a liberdade humana** [1986], Inter Varsity Press, Downers Grove, Illinois - E.U.A. Tradução Oswaldo Ramos, Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, São Paulo - Brasil, 2000.

FIORIN, J.L (org.) Da necessidade da distinção entre texto e discurso **In Texto ou discurso?** (org.) Beth Braite Maria Cecília Souza-e-Silva. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Teoria dos signos. In **Introdução à Linguística: objetos teóricos**. 2a. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo.** São Paulo: Contexto, 2001 [1996].

_____. **A religião da imanência:** Uma leitura de discursos presidenciais (1964 - 1978).1983. 549 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

_____. Semiótica e comunicação. **Galáxia** | n. 8 | outubro 2004. Acesso em: 10 abr. 2022.

_____. **A pessoa desdobrada.** Alfa, São Paulo, 39: 23-44, 1995.

FONTANILLE, Jacques; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica.** São Paulo:Contexto, 2008.

FONTANILLE, J; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação.** Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

FONTANILLE, Jacques. **Corpo e Sentido.** Traduzido por Fernanda Massi e Adail Sobral – Londrina: Eduel, Paris: Presses Universitaires de France, 2016 [2011].

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2007.

FLOR, Douglas Moacir. **Cultura Religiosa.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

FLOCH, Jean-Marie 1985. **Petites mythologies de l' œil et de l' esprit: pour une sémiotique plastique.** Paris/Amsterdam: Hadès/ Benjamins.

FREUD, Sigmund (1905). **Os chistes e as espécies do cômico.** In: Os chistes e sua relação com o inconsciente. Edição eletrônica brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980, v. VIII.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** Petrópolis: Vozes, 1997 [1960].

GEISLER, Norman; Nix, Willian. **Introdução Bíblica.** Tradução Oswaldo Ramos. – São Paulo: Editora Vida, 1997.

GONÇALVES, Telmo. **A abordagem do Enquadramento nos estudos do jornalismo.** Caleidoscópio: Revista de comunicação e cultura, [S1] n 5/6, July 2011. ISSN 1645-2585.

GREIMAS, A. J. **Da imperfeição.** 2. ed. São Paulo: Hacker, 2002.

_____. **Semântica estrutura.** São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica.** 2ª ed. São Paulo:Contexto, 2020.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões.** São Paulo: Ática, 1993.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO - GEGE. **Palavras e**

contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Paulo: Pedro & João editores, 2013.

GUIMARÃES, Leila Jane Brum Lage Sena; ROCHA, Eliane Cristina de Freitas. **Práticas Informacionais e design thinking: abordando usuários 3.0 na Ciência da Informação.** Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (RDBCI). Vol. 19, e021029, 2021.

HAFNER, Katie; LYON, Matthew. **Where Wizards stay up late – The Origins of the Internet.** New York: Simon & Schuster, 1996.

HIREMATH, BK; KENCHAKKANAVAR, Anand Y. **An Alteration of the Web 1.0, Web 2.0 and Web 3.0: A Comparative Study.** Imperial Journal of Interdisciplinary Research (IJIR). Vol 2, Issue 4, 2016.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem** (trad. de J. Teixeira Coelho Netto). São Paulo: Perspectiva, 1975 [1943].

HORTAL, Jesus. **Casamentos que nunca deveriam ter existido: Uma solução pastoral.** Editora Loyola, 16ª edição, São Paulo, 1987.

ISOTANI, Seiji; MIZOGUCHI, Riichiro; BITTENCOURT, Ig Ibert; COSTA, Evandro. 2008. **Web 3.0 - Os Rumos da Web Semântica e da Web 2.0 nos Ambientes Educacionais.** XIX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2008).

JADON, José Carlos. **Sucesso e salvação - Estudo semiótico comparativo entre os discursos televisivos das Igrejas Universal do Reino de Deus e Católica Apostólica Romana no Brasil.** Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

JUNIOR, Antônio. **Perfil do Canal Pastor Antônio Júnior.** < <https://www.youtube.com/@prantoniojunior> > Acesso em 17/10/2022.

_____. **Estamos presos em casa!!! Descubra o que a Bíblia diz sobre a quarentena.** 24/03/2019. Disponível em ><https://youtu.be/VdbcgFntnU4>< Acesso em 21/06/2020.

_____. **O papel do homem e da mulher no casamento.** 18/05/2019. Disponível em ><https://youtu.be/r0nXve1hmTU>< Acesso em 21/06/2020.

_____. **Seis perguntas que você deve fazer antes de se casar com alguém.** 7/11/2019. Disponível em ><https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>< Acesso em 28/11/2020.

KOLLER, Charles W. **Pregação expositiva: sem anotações** / Charles W Koller; tradução Odayr Olivetti – 6ª ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

KURZWEILL, Ray. A fusão homem-máquina: estamos no rumo da Matrix? In: GLENN, Yeffeth (org.). **A pílula vermelha: questões de ciência, filosofia e religião em Matrix.** Trd. Carlos Silveiro Mendes Rosa. São Paulo: Publifolha, 2003. pp. 202-215.

KUCHENBECKER, Valter. **O homem e o sagrado**. 5. ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2000.

LARA, Glaucia Muniz Proença. A imagem como objeto de ensino. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 9, n. 1, jul dez 2011.

LAUSBERG, Hainrich. **Elementos de Retórica Literária**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 2ª edição, 1967.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010. 5ª ed.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Ed. 34, 1999.

_____. **O que é virtual**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996

_____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LINDENBERG LEMOS, C. **Semissimbolismo e as categorias tensivas subjacentes**. Gragoatá, v. 21, n. 40, 1 jul. 2016.

LINS, Léo. **Notas de um comediante stand-up**. Curitiba: Nossa Cultura, 2009.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo, Cultrix, 1980.

MAGALHÃES, Elizandra Maria. MORAES, Rozania Maria Alves de. GONÇALVES, João Batista Costa. **Quadro teórico-metodológico da autoconfrontação: profissionais e pesquisador em posição exotópica**. Revista Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 71-86, set-dez, 2017.

MANCINI, Renata C; ALT, João. Quadrinhos: do papel à internet in **Linguagens na cibercultura**; orgs. Lucia Teixeira, Jose do Carmo Jr. – São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2013.

MANCINI, Renata C; CALIL, Lucas. **Um olhar tensivo sobre o semissimbolismo em “O Senhor dos Anéis”**. Estudos Semióticos. [on-line] Disponível em: <http://revistas.usp.br/esse> i. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 11, Número 1, São Paulo, Julho de 2015, p. 11–20. Acesso em 06/01/2024.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução Freda Indursky. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

MANZANO, José Augusto N. G., Estudo Dirigido: **ALGORITMOS** - Editora Érica, 2000.

MARTIN, P. S., GONÇALVES, S. L., GOURLARTE, P. S., DIAS, E.P., LEONARDI, A.E., TIEZZI, D. G., GABRIEL, S. A., CHIN, C. M. **História e Epidemiologia da covid-19 in** Ulakes Journal of Medicine de 20/07/2020. Acesso em 24/01/2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003

_____. **Teoria das Mídias Digitais – Linguagens, Ambientes e Redes**. Petropolis, Vozes: 2014.

_____. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

MELO, Fábio. **Perfil do Canal Padre Fábio de Melo Oficial** - <<https://www.youtube.com/c/PadreFabiodeMeloOficial>> Acesso em 17/10/2022.

_____. **Relacionamentos manipuladores** - Programa Direção Espiritual exibido em 28/02/2018. Disponível em < <https://youtu.be/urGIfQUaS7o> > Acesso em 20 de junho de 2020.

_____. **Temperamentos e relacionamentos**. Programa Programa Direção Espiritual exibido em 29/07/2015. Disponível em < <https://youtu.be/Yi3tOtbtDnQ> > Acesso em 20 de junho de 2020.

_____. **Tenha amor próprio**. Programa Programa Direção Espiritual exibido em 7/10/2015. Disponível em < <https://youtu.be/W27vHBQrzLk> > Acesso em 20 de junho de 2020.

MENDES, Marisa Bianconcini Teixeira. **No princípio era o poder: Uma análise semiótica das paixões no discurso do Antigo Testamento**. UNESP – Araraquara, 2003.

_____. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa** / Massaud Moisés; - São Paulo: Cultrix, 2008.

MORENO DA SILVA, F. As várias faces do riso. **Travessias**, Cascavel, v. 4, n. 1, p. e3594, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3594>. Acesso em: 9 jan. 2024.

NASCIMENTO. Valdivan Conceição. O que é pregar o Evangelho. In **Palavra do leitor**. Disponível em <https://www.ultimato.com.br/comunidade-conteúdo/o-que-e-pregar-o-evangelho> - Acesso em 13/01/2024.

NOGUEIRA, P. A. DE S. Modo onírico de narração e de articulação de imagens: hiperconectividade das linguagens da religião. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 51, p. 1004, 31 dez. 2018.

NUNES, Iuri. **Religião e hermenêutica: considerações acerca da relação entre linguagem e religião a partir de Gadamer** in Revista Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 165-174, jan-jun/2018.

OLIVEIRA, Felipe Rodrigues; MAZIERO, Ronaldo Colucci; ARAÚJO, Liriane Soares de. **Um estudo sobre a Web 3.0: evolução, conceitos, princípios, benefícios e impactos**. Revista Interface Tecnológica, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 60-71, [on-line]2018.

<https://revista.fatectq.edu.br/index.php/interfacetecnologica/article/view/492>

O'REILLY, Tim. Web 2.0 compact definition: trying again. O'Reilly Radar, 12 out. 2006. Disponível em: <http://radar.oreilly.com/archives/2006/12/web-20-compact.html>. Acesso em: 14/01/2024.

ORLANDI, E. P. Vão surgindo os sentidos. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Discurso fundador**. Campinas: Pontes, 1993. p. 11-25.

OUNDO, D. O sentido do “Sem-sentido do Ritual”: o ritual Védico (yajña) como narrativa de renúncia (tyāga) [segundo a escola não dualista advaita Vedānta]. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 51, p. 1152, 31 dez. 2018.

PANIER, Louis. Une lecture Sémiotique des textes: questions de theologie biblique. In: **Sémiotique et Bible**, Lyon, Centre pour l' analyse du discours religieux, n. 56, déc.1989, p. 19-36.

_____. **Sémiotique et etudes bibliques**. Évolutionsmethodologiques et perspectives épistemologiques. E/C – Rivista dell' associazione italiana istudi Semiotici. 2008. Disponível em: http://www.ec-aiss.it/index_d.php?recordID=71. Acesso em 05/08/2022.

PAULO XVI. **Sobre a relação entre arte e moral. Decreto Inter Mirifica sobre os meios de comunicação social. Proêmio**. Disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html - Acesso em 06/01/2024.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001, p. 311-318.

PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA [1958], Lucie. Tratado da Argumantação. **A Nova Retórica**. [Traité de L'argumentation: la nouvelle rhetorique] (*) Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2014 [1954].

PIETROFORTE, A. V. S. **O discurso da tradição esotérico-religiosa**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. **Semiótica visual**: Os percursos do olhar. Editora Contexto, 2017.

PORTELA, J. C. Níveis de pertinência e geração de sentido. In: **Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias** / Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz e Jean Cristtus Portela (org.). Bauru: UNESP/FAAC, 2008. p. 97-118.

PRETI, Dino (Org). **Análises de textos orais**. São Paulo, FFLCH/USP: Humanitas, 2010.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E-Compós, Brasília, v.9, p. 1-21, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/153/154>>. Acesso em 14/01/2024.

PROPP, V. I. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

REIFLER, Hans Ulrich. **Pregação ao alcance de todos**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2007, ISBN 978-85-275-0180-4.

REINO, Lucas Santiago Arraes. **Antes da internet: ideias que embasaram a criação da rede mundial de computadores**. Revista Cambiassu, São Luís/MA, v.13, nº 20 – janeiro/junho de 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Hipertexto e Vannevar Bush: um exame de paternidade**. Informação e Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 45-58, out./dez. 2008.

ROSS, Júlio. **Televisão analógica e digital**. Editora Antenna edições técnicas – ANE, 2007.

SÁ, Danielle Mendonça de. GHEDINI, Robson Maurício. **O paradigma do pastorado feminino na igreja evangélica da atualidade**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 12, Vol. 07, pp. 159-173. Dezembro de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/teologia/paradigma-do-pastorado> > Acesso em 17/01/2024.

SANTOS, Cristiano Rocha. **Liberdade Religiosa no Brasil Império**. Ciclo de Estudos Históricos da UESC. Evento 14 e 16 de setembro de 2009. www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/cristiano_rocha_santos.pdf - Acesso em 20/07/2023.

SANTOS, Pedro Paulo Alves dos. **Breve percurso histórico da Hermenêutica Bíblica**. In Atualidade Teológica ano XII nº 28, DOI 10.17771/PUCRio.ATeo.18378, janeiro/abril 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SHANKAR, Chrystian. **Perfil do Canal Luz e Vida Padre Chrystian Shankar**. <https://www.youtube.com.br/@LuzeVidaPadreChrystianShankar> <Acesso em 17/10/2022.

_____. **A matemática do casamento**. 14/02/2018. Disponível em <<https://youtu.be/4Mb1fAvM9HU>> Acesso em 21/06/2020.

_____. **Nosso casamento**. 17/08/2017. Disponível em <<https://youtu.be/2X1FoNnfBsY>> Acesso em 21/06/2020.

_____. **“O que deve ser evitado no casamento”**. 12/06/2015. Disponível em <<https://youtu.be/MlaFFDQdY5g>> Acesso em 21/06/2020.

SILVA, Carlos L. A. **YouTube muda logo pela primeira vez em 12 anos**. Disponível em: <http://www.codigofonte.com.br/noticias/youtube-muda-logo-pela-primeira-vez-em-12-anos> - Acesso em: 5 set. 2017.

SILVA, S. M. R. da. **O discurso fundador na esfera religiosa**. Em: JESUS, S. N; SILVA, S.

M. R. (org.). *O discurso & outras materialidades*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____. **Discurso da divulgação religiosa: semiótica e retórica**. 2011. 2v. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. **O discurso da divulgação religiosa materializado por meio de diferentes gêneros: dois *ethé*, duas construções do Céu e da Terra**. 2007. 360 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. Discurso fundador: análise semiótica de textos das Sagradas Escrituras. **Revista Investigações**, Recife, v. 32, n. 2, p. 548 - 570, dezembro/2019. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241777/34172>. Acesso em: 08/10/2022.

_____. "Deus caritas est": bases para a operacionalização da noção de *ethos*. **Estudos Semióticos (USP)**, vol. 6, no 2 p. 30 –39. 2010. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49268/53350>. Acesso em: 09/10/2022.

_____. **Discurso religioso: semiótica e retórica** [recurso eletrônico]. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

_____. O discurso fundador na esfera religiosa. Em: JESUS, S. N; SILVA, S. M.R. (orgs.). **O discurso & outras materialidades**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____. A primazia do acontecimento: tensão entre acontecimento e estado no domínio religioso. In: MENDES, C; LARA, G. (orgs.). **Em torno do acontecimento**. Curitiba: Appris, 2016. p. 229-245.

_____. A semiótica greimasiana no quadro epistemológico das teorias da linguagem e dos estudos da religião. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 51, p. 1066-1084, set./dez. 2018.

_____. **Discurso de divulgação religiosa: semiótica e retórica**. USP, São Paulo, 2011.

_____. **Novas tecnologias na midiatização das práticas religiosas**. Anais SIEL e Semanas de Letras — n. 1- p. 139 a 147. FAALC/UFMS, 2019.

_____. **O discurso de divulgação religiosa materializado por meio de diferentes gêneros: dois *ethé*, duas construções do céu e da terra**. USP, São Paulo, 2007.

SILVA, Marcelo Eduardo da. SILVA, Sueli Maria Ramos da. **Dialogismo, discurso alheio e heterogeneidade como constituintes da polêmica sobre a pandemia de covid-19 em meio ao discurso religioso**. Dossiê ler os discursos sobre o evento pandêmico: discursividades culturais, políticas, sanitárias. Cadernos discursivos, Catalão-GO, Vol.1, N.2, p. 112-133, 2023.

SILVA NEPOMUCENO, Carlos Eduardo da. **Macrocrise da informação digital: muito além das explosões informacionais**. Mar., 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). UFF/Ibict, Rio de Janeiro. Orientador: Rosali Fernandez de Souza.

SILVA, Severino Pedro da. **Homilética: o pregador e o sermão** -1 a Ed. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias, 6ª edição, 1999 [1992].

Souza-Machado, Vanda. **Guia de evangelização nas mídias sociais: Descubra como explorar todo o potencial da internet para o anúncio da Palavra de Deus**. Santos: São Paulo – livro digital [2019] 2ª edição, 2024

SOARES, Frederico Fonseca. **A leitura antropológica pelo humor stand up**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 12, n. 35, pp. 480-492, Agosto de 2013. ISSN 1676-8965.

SOUZA-MACHADO, Vanda. **Guia de evangelização nas mídias sociais: Descubra como explorar todo o potencial da internet para o anúncio da Palavra de Deus**. Santos: São Paulo – livro digital [2019] 2ª edição, 2024.

SPALDING, Marcelo. **Alice do livro impresso ao e-book: Adaptação de Alice no País das Maravilhas e de através do Espelho para Ipad**. Tese de doutorado em Literatura Comparada, UFRS - Porto Alegre, 2012.

STEFFEN, Ronaldo. As grandes religiões do mundo. In: KUCHENBECKER, Valter. **O homem e o sagrado**. 5. ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2000.

TATIT, L. **Musicando a semiótica: ensaios**. São Paulo, Annaplume, 1998.

_____. **Hjelmslev e as Bases Tensivas do Semissimbolismo**. São Paulo: Editora do CPS, 2007.

_____. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ateliê, 2010.

_____. **Passos da semiótica tensiva**. Cotia (SP): Atelier Editoria, 2019.

_____. O acento mítico na semiótica. Estudos Semióticos [on-line]. Volume 16, número 3. Dossiê temático: **Semiótica e Epistemologia**. São Paulo, dezembro de 2020. p. 185-204. Disponível em: . Acesso em: 05/05/2022.

TEIXEIRA, Lúcia. **Para uma leitura de textos visuais**. Biblioteca PUC, 2016. Disponível em https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/teixeira_1_para_uma_leitura_de_textos_visuais.pdf Acesso em 15/06/2024.

VARGA, A. Kibédi. Retórica e produção do texto. In Marc Angenot, Jean Bessière, Douwe Fokkema e Eva Kushner. **Teoria Literária: Problemas e Perspectivas**. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1995.

VALENTE, Mariana Giorgetti. **Por Dentro do Mercado de música digital no Brasil**. In Da rádio ao streaming: ECAD, direito autoral e música no Brasil / organização Pedro Augusto Pereira Francisco, Mariana Giorgetti Valente. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2016.

VERNANT, J. P. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e terra. 2002.

VIANA, Alexander Martins. **Estudo introdutório às 95 teses de Martinho Lutero**. Revista espaço acadêmico, n. 34, mar. 2004,

WIRTH. Lauri Emilio. **Protestantismo brasileiro de rito luterano**. Revista USP, São Paulo, nº 67, p.68-77, setembro/novembro, 2005.

ZILBERBERG, C. **Razão e poética do sentido**. São Paulo: EDUSP, 2006a.

_____. **Síntese da gramática tensiva**. Trad. Luiz Tatit e Ivã Carlos Lopes. Significação: Revista de Cultura Audiovisual. v. 33, n. 25. p. 163-204. jun. 2006b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65626/68241>>. Acesso em: 26.11.2020.

_____. **As condições semióticas da mestiçagem** em: CAÑIZAL, E.; CAETANO, K. (orgs.). In: Olhar a deriva: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004. pp. 69-101.

_____. **Louvando o acontecimento**. Revista Galáxia, N.13, São Paulo, jun., pp.13-28, 2007. Disponível também em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1472>>. Acesso em: 08/10/2022.

_____. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

_____. O duplo condicionamento – tensivo e retórico – das estruturas elementares da significação. **Estudos Semióticos [on-line]**. Volume 17, número 1. Trad. Renata Mancini e Ivã Carlos Lopes. São Paulo, abril de 2021. p. 47-58. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: 08/10/2022.

ANEXOS

Cena enunciativa 1

(Enunciador A.1)

PASTOR ANTÔNIO JÚNIOR: <https://youtu.be/GGFfmqkcPN0>

3.1.2 SEIS PERGUNTAS QUE VOCÊ DEVE FAZER ANTES DE SE CASAR COM ALGUÉM

((Transcrição do início do vídeo até o tempo de cinco minutos e trinta e três segundos (5':33''))

O exórdio

Excerto 1 - Cena enunciativa 1.a (exórdio)

[...] a escolha de alguém com quem iremos nos casar é uma das decisões mais importantes da vida...por isso devemos levá-la a sério...com muita **oração... reflexão e planejamento...quando eu era solteiro...**eu costumava perguntar aos meus amigos evangélicos casados...como é que eles sabiam que estavam se casando com a pessoa certa...e pra minha surpresa...muitos diziam a mesma coisa...ah quando você está com a pessoa enviada por Deus...você sente uma paz diferente...você sabe que será feliz com aquela pessoa...e hoje com sete anos de casado...eu consigo entender o que eles diziam...realmente...Deus colocou paz no meu coração e da Thaís...quando estávamos nos conhecendo e orando juntos...mas eu acredito que mais do que isso...**devemos observar outros fatores de uma forma mais racional...**para termos certeza de que estamos tomando a decisão certa...afinal...Deus nos deu o livre arbítrio...e precisamos decidir se realmente queremos passar a vida toda...ao lado de tal pessoa...e isso Deus não vai fazer por nós...por isso eu vou te passar uma lista de seis perguntas que eu acredito que cada um deve fazer antes de se casar...mas antes disso já deixa seu like se inscreva aqui no meu canal e ative o sininho...para você ser avisado pelo *YouTube* assim que eu colocar o próximo vídeo...tá ok...então vamos lá [...] (Júnior, 2019).

Excerto 2 - Cena enunciativa 1.a

[...] a primeira pergunta...eu realmente gosto dessa pessoa...eu sei que pode parecer uma pergunta redundante...mas não é...(muitos casais dizem que amam um ao outro...mas quando sentimentos românticos passam...não existe nenhuma amizade no relacionamento... casar com alguém que você não tem uma amizade forte...prazerosa”(Júnior, 2019).

Excerto 3 - Cena enunciativa 1.a

[...] eu acredito que seja um casamento destinado ao fracasso...não basta se casar com alguém que você admira...você precisa gostar de estar junto com ela...conversar...sair...curtir a vida...a segunda pergunta que você deve se fazer...eu sou atraído somente pela sua aparência [...] (Júnior, 2019).

Excerto 4 - Cena enunciativa 1.a

[...] atração física é sem dúvida...muito importante...porque você não vai querer estar com alguém que não acha bonito...não é mesmo...ela não precisa necessariamente ser bonita pra todo mundo...mas pra você tem que ser [...] (Júnior, 2019).

Excerto 5 - Cena enunciativa 1.a

[...] porém você deve entender que um dia...os seus olhos não verão a mesma coisa...essa menina gata ou o cara bonitão que você está olhando agora...vão parecer muito diferentes em quarenta anos...e você precisa ter certeza de que você é atraído por quem a pessoa é...e não apenas como ela se parece...a terceira pergunta que você deve se fazer...eu quero essa pessoa como pai ou mãe dos meus filhos...antes de se casar você não precisa se perguntar...eu quero que meus filhos se pareçam com aquela pessoa...não [...] (Júnior, 2019).

Excerto 6– Cena enunciativa 1.a

[...] em vez disso faça essa pergunta...será que eu quero que meus filhos sejam como aquela pessoa...infelizmente...muitas pessoas se iludem...querendo arrumar alguém com uma ótima genética...e aparência física [...] (Júnior, 2019).

Excerto 7 – Cena enunciativa 1.a

[...] para terem filhos bonitos e saudáveis[...] (Júnior, 2019).

Excerto 8– Cena enunciativa 1.a

[...] mas se esquecem de analisar o caráter...e os seus valores...que são o que realmente fazem a diferença na vida dos filhos...a quarta pergunta que você deve se fazer...eu posso ser eu mesmo quando estou perto dessa pessoa...esta é uma pergunta importantíssima...se você sente que precisa ser outra pessoa...quando está bom o seu companheiro...então não se case...nada é mais desgastante do que fingir ser alguém...só para agradar o outro [...] (Júnior, 2019).

Excerto 9– Cena enunciativa 1.a

[...] o seu companheiro deve gostar das coisas boas que há em você...

mas nunca tentar mudar quem você é [...] (Júnior, 2019).

Excerto 10 – Cena enunciativa 1.a

[...] você pode e deve mudar maus hábitos...mas não a sua personalidade...jamais...a quinta pergunta que você deve se fazer...essa pessoa fortalece a minha fé [...] (Júnior, 2019).

Excerto 11– Cena enunciativa 1.a

[...] como cristão eu acredito que o projeto de Deus para o casamento é que o marido e a esposa se unam colocando Cristo no centro de tudo [...] (Júnior, 2019).

Excerto 12– Cena enunciativa 1.a

[...] sem ele não existe fundamento...e com isso o casamento acabará desmoronando...você deve se casar com alguém que não só compartilha a sua fé...mas também fortalece a sua fé...o seu cônjuge deve trazer você para mais perto de Jesus...e não afastá-lo para mais longe...a sexta

pergunta que você deve se fazer...essa pessoa estará comigo em qualquer situação [...] (Júnior, 2019).

Excerto 13– Cena enunciativa 1.a

[...] nós vivemos em um mundo onde as pessoas gostam de abandonar qualquer coisa que começa a ficar difícil...porém a base de um casamento não são sentimentos...porque eles estão sempre mudando...mas é o compromisso...que nunca muda...quando você diz sim...você está dizendo...eu topo enfrentar qualquer barreira ao seu lado...eu estarei com você nos altos e baixos da vida [...] (Júnior, 2019).

Excerto 14 – Cena enunciativa 1.a

[...] por isso analise a reação do seu companheiro quando a situação apertar e veja se ele está disposto a ficar com você...haja o que houver...se você encontrar alguém que passe no teste destas perguntas...e se estiver disposto a fazer o mesmo por ele ou por ela [...] (Júnior, 2019).

Excerto 15– Cena enunciativa 1.a

[...] então eu acredito que vocês serão realmente felizes para sempre...orem juntos...planejem juntos...e sigam em frente confiando em Deus...eu sou o pastor Antônio Júnior... se você gostou dessa mensagem...compartilhe com seus amigos e me siga nas redes sociais...Deus te abençoe (Júnior, 2019).

PASTOR ANTÔNIO JÚNIOR: <https://youtu.be/r0nXve1hmTU>

3.1.3 O PAPEL DO HOMEM E DA MULHER NO CASAMENTO (segundo a bíblia)

(Transcrição do tempo de um minuto e vinte e três segundos (1':23'') até o tempo de dezessete minutos e trinta segundos (17':30'')).

Exórdio

Excertos selecionados do exórdio para análise:

Excerto 16 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): [...] tem até uma frase que diz que não é o amor que sustenta o casamento...mas é a forma de se relacionar que sustenta o amor [...] (Júnior, 2019).

Excerto 17 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): [...] está tendo muitos conflitos na forma de se relacionar [...] (Júnior, 2019).

Excerto 18 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): [...] cada um tem o seu valor (papel)...mas são papéis diferentes [...] (Júnior, 2019).

Excerto 19 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): Efésios...capítulo cinco...versículo vinte e dois...mulheres...sujeitem-se cada uma ao seu marido...como ao Senhor...pois o marido é o cabeça da mulher...como também Cristo é o cabeça da igreja...aqui está dizendo que o papel da mulher é ser submissa ao marido [...] (Júnior, 2019).

Excerto 20 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador): [...]mulheres...sujeitem-se cada uma ao seu marido...como ao Senhor...pois o marido é o cabeça da mulher...como também Cristo é o cabeça da igreja...aqui está dizendo que o papel da mulher é ser submissa ao marido [...] esse é o dever da mulher porque a mulher ela foi chamada pra ser uma colaboradora... (Júnior, 2019).

Excerto 21 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] não tô dizendo que você vai ser escrava do seu marido de jeito nenhum...tanto é que não existe só o papel da mulher vamos continuar...o papel do homem é muito importante também olha o que diz...maridos...ame cada um a sua mulher...assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela...então eu acredito que você mulher é que está nos assistindo...você não acharia ruim né de se submeter a um homem que ama você assim como Cristo ama a igreja...tá bom...então o papel do homem é tão importante e talvez mais difícil ainda...porque o homem tem que amar a mulher como Cristo amou a igreja e como que Cristo ama a igreja que é o seu povo né...ele...ele se entregou voluntariamente...ele perdoa sempre quando nós pecamos quando nós falhamos sabe...então o marido deve ter esse tipo de amor pela esposa (Júnior, 2019).

Excerto 22 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] e só pra gente encerrar aqui (refere-se ao exórdio) nessa mesma passagem né... ele termina dizendo...o apóstolo Paulo...portanto cada um de vocês também amem a sua mulher como a você mesmo...e a mulher trate o marido com todo o respeito...então é uma via de mão dupla né o marido ele tem que tratar sua mulher com amor demonstrando amor carinho atenção...ouvindo né a mulher gosta muito de falar...((risos comedidos)) [...] (Júnior, 2019).

Excerto 23 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] a Bíblia diz lá no livro de Amós capítulo três...versículo três...como poderão os dois andarem juntos se não houver um acordo entre eles [...] (Júnior, 2019).

ARGUMENTOS/PROVAS **Papel TEMÁTICO da mulher**

Excerto 24 – Cena enunciativa 1.a

Thais (coenunciadora/narradora): [...] às vezes a pessoa trabalha fora e não dá tempo de cozinhar...mas de vez em quando faça uma comida pra agradar seu esposo...vá no mercado faça uma compra...fica um tempo com sua família eu tenho certeza que isso vai ser benção pro seu casamento...porque o seu esposo vai sentir que ele tem uma esposa que participa da

família...uma esposa que protege o lar que respeita o esposo...então faça o seu papel independente do tempo...faça um esforço e dedica a sua família [...] (Thaís, 2019).

Excerto 25 – Cena enunciativa 1.a

Thais (coenunciadora/narradora): [...] a Bíblia fala que nós fomos chamadas para ser colaboradoras dos nossos esposos...então nós temos que ter sabedoria...nós temos que pedir todos os dias sabedoria a Deus...pra sabermos lidar com o casamento[...] (Thaís, 2019).

Excerto 26 – Cena enunciativa 1.a

Thais (coenunciadora/narradora): [...] eu como psicóloga uma vez eu atendi uma família que essa família ela tava como uma criança de três anos de idade...ela tava com algumas características homossexuais...então porque o pai ele era menosprezado pela mãe...então tudo era a mãe...a mãe ela criticava o pai...o pai não faz nada tudo ela xingava o pai...o filho ele foi vendo que aquele pai não era importante...então o pai não tinha um papel importante a mãe era melhor...então ele admirava a mãe ele queria o que ele queria usar o sapato da mãe...ele queria colocar as roupas da mãe e fazer o que a mãe fazia...porque aos olhos dele a mãe era boa e o pai era ruim...então isso é muito importante nós temos que valorizar o nosso esposo valorizar a nossa esposa porque isso também isso influencia nos nossos filhos...isso é muito importante para a criação o desenvolvimento dos nossos filhos também [...] (Thaís, 2019).

Excerto 27 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] eu percebo que a Thais faz muito isso comigo sabe...diante dos nossos filhos eles ainda são pequenos a Lorena ainda tá com quatro anos e o Daniel com um aninho...mas ela sempre mostra que eu tenho autoridade no lar né...eu sou o pai...e é muito triste ver que esse feminismo esse movimento aí que tem havido aí entre as mulheres...ele tem menosprezado o homem sabe [...] (Júnior, 2019).

Excerto 28 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...]não fique xingando brigando discutindo...tenha respeito por ele mostre que ele tem o papel dele e mesmo quando ele não estiver...exercendo o papel dele...sabe...tenha sabedoria pra você falar tá bom [...] (Júnior, 2019).

Excerto 29 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] tem muitas mulheres aí...é que elas crescem né adolescentes e já estão revoltadas não quer...ter um homem na vida delas porque a vida inteira viu a mãe falar ah esse homem não presta...meu marido não serve pra nada não faz nada sabe...então tenha sabedoria de você quiser que ele seja uma pessoa melhor já começa a tratar ele né...como se fosse pela fé né...eu vou tratar ele do modo que eu gostaria que ele fosse tá bom [...] (Júnior, 2019).

Papel TEMÁTICO do homem

Excerto 30 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] agora nós vamos falar da parte do homem...o papel do homem aqui está dizendo que o homem deve tratar a sua mulher com amor...não preciso nem dizer nada

né a gente liga é a televisão...na internet quantas mulheres têm sido agredidas...tratadas pior que um cachorro né...então isso tudo é porque o amor tem se esfriado infelizmente [...] (Júnior, 2019).

Excerto 31 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] primeiro passo pra você homem né... foque é a sua vida na presença de Deus porque você é aquele que é o cabeça da família...você é o sacerdote do lar...então você precisa estar conectado com Deus [...] é o que eu mais recebo de pessoas chegando pra mim pedindo ajuda é o que...mulheres que foram traídas...abandonadas infelizmente...porque os homens não estão amando as mulheres [...] se você tratar a sua mulher olha isso...a sua mulher com falta de honra com desrespeito até as suas orações não serão respondidas por Deus [...] (Júnior, 2019).

Excerto 32 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] tem muito marido...eu percebo assim [...] ele casou e ele não entendeu ainda o papel dele e é o quê... um marido desleixado... não gosta de trabalhar...uma vez uma moça entrou em contato comigo pastor eu acabei de casar...mas meu marido não sai do videogame sabe...então é triste ver que o marido né...ele não está exercendo o seu papel não está...dando atenção a sua esposa né [...] (Júnior, 2019).

Excerto 33 – Cena enunciativa 1.a

Thais (narradora): acredito que independente do tanto que ganha o esposo ele tem que fazer o papel dele de provedor do lar...então ele tem que trabalhar não pode ter preguiça ele tem que fazer a parte dele porque isso é muito importante...porque a mulher no fundo a mulher ela tem essa necessidade de alguém que protege ela né e o homem ele tem esse papel...de proteger a família de proteger o lar...não é verdade (Júnior, 2019).

Excerto 34 – Cena enunciativa 1.a

Antônio Júnior (narrador) [...] eu vou ler pra vocês uma passagem porque é falando de amor já que o marido tem que demonstrar amor...né já se ouviu talvez você já ouviu aí muitas pregações né...é pessoas dizendo que o marido não deve chegar lá na hora do vamo ver na hora h...e já querer ter relação sendo que antes ele não plantou amor...então demonstre esse amor no dia a dia se você quiser ter uma vida saudável uma vida abençoada por Deus né e nós vamos ler aqui uma passagem que fala sobre os deveres né...olha o que diz em primeiro Coríntios capítulo sete versículo três...o marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher...e da mesma forma a mulher para com o seu marido [...] (Júnior, 2019).

Excerto 35 – Cena enunciativa 1.a

Thais (coenunciadora/narradora): existem muitos casos também de homens que só porque ele sustenta a casa e a mulher ser dona de casa...o homem menospreza a mulher diminui a mulher...isso é muito errado o homem tem que valorizar a mulher também...porque não é porque ela não trabalha fora que ela não tem um trabalho importante...ela cuida da família ela cuida dos filhos ela cuida do lar (Thais, 2019).

PASTOR ANTÔNIO JÚNIOR: <https://youtu.be/VdbcgFntnU4>

3.1.4 ESTAMOS PRESOS EM CASA!!! DESCUBRA O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE A QUARENTENA

((Transcrição do início do vídeo até o tempo de quatro minutos e dezenove segundos (4':19"))))

Exórdio

Excerto 36 - Cena enunciativa 1.a

Narrador: Olá pessoal...tudo bem... aqui é o pastor Antônio Júnior...hoje eu estou aqui com a minha família...

Esposa Thais: oi pessoal tudo bem...

Narrador: com o Daniel

Narradora: fala oi pessoal Daniel... ((Daniel acena para a câmera)) (Thaís, 2020).

Narrador: e com a Lorena

Lorena: oi...

Narrador: e nós estamos em quarentena assim como vocês...e esse é um momento em que as pessoas estão ficando muito preocupadas com medo é com razão não é mesmo...porque nós estamos com o futuro incerto nós não sabemos o que vai acontecer daqui pra frente...mas a verdade é que o mundo parou e Deus ele permite todas as coisas Deus é soberano ele está no controle de tudo...então Deus tá permitindo esse momento[...] (Júnior, 2020).

Excerto 37 - Cena enunciativa 1.a

[...] e teve um amigo meu que me ligou hoje contando o quanto essa quarentena tá sendo abençoada e ele falou cara eu passei o fim de semana com a minha esposa e eu tô percebendo o quanto que ela é gente boa...né então eu falei cara olha pra você vê né cê tá precisando passar mais tempo com ela...então tudo nós podemos tirar proveito nós podemos ver pelo lado positivo[...] (Júnior, 2020).

Excerto 38 - Cena enunciativa 1.a

[...] eu sei que aqui na internet tem muita gente né tentando passar medo pras pessoas e então nós devemos é ter o bom senso e fazer aquilo que a palavra de Deus diz vamos reter o que é bom...tá certo [...] (Júnior, 2020).

Excerto 39 - Cena enunciativa 1.a

[...] e eu vou mostrar pra vocês que realmente a quarentena é algo de Deus...Deus criou a quarentena e nós vamos meditar aqui na palavra de Deus e você vai entender que esse é o princípio Bíblico tá certo [...] (Júnior, 2020).

ARGUMENTOS/PROVAS

Excerto 40 - Cena enunciativa 1.a

[...] então vamos ler o que está escrito em Levítico capítulo treze o versículo quarenta e seis...diz assim...enquanto tiver a doença...estará impuro...viverá separado...fora do acampamento...pessoal cês repararam aqui que as crianças já não estão mais perto da gente eles foram lá brincar...então quem é pai aí sabe o quanto é difícil né manter as crianças assim presas né num lugar só...[...] (Júnior, 2020).

Excerto 41 - Cena enunciativa 1.a

[...] mas você que talvez não entendeu essa passagem ela está falando a respeito do povo de Israel que foi liberto por Moisés...esse povo agora estava morando no deserto...[...] (Júnior, 2020).

Excerto 42 - Cena enunciativa 1.a

[...] e eram cerca de um milhão de pessoas que estavam ali...aí você imagina a quantidade de pessoas que poderia estar doentes...ter doenças contagiosas né...e aqui nós temos a instrução que Deus deu aquele povo...lembrando que Deus não deu somente as instruções dos dez mandamentos...mas Deus deu também leis de higiene...leis morais...leis espirituais e aqui nós temos uma lei de higiene pra você entender que a saúde e a vida com Deus também está ligada...e aqui a instrução é a seguinte...enquanto uma pessoa tiver a doença ela estará impura...e ela deverá ser separada fora do acampamento...então aqui nós vemos que a quarentena ela foi criada por Deus...nós estamos passando esse momento aqui do coronavírus...né em que tantas pessoas têm sido infectadas com esse vírus...e nós temos vindo a importância de ficar dentro de casa...porque essa doença é contagiosa né...então nós vemos que Deus é um Deus que sabe de todas as coisas e Deus sabia que principalmente nessa época...as pessoas não tinham instruções e aqui nesse contexto está falando especificamente sobre os leprosos...né naquela época não tinha cura pra hanseníase que a lepra então...a pessoa deveria ser considerada impura e sair do meio do pessoal porque se não ia contagiar muita gente...e o que deveria acontecer essa pessoa que começava a ter uma ferida na cabeça ou ferida em alguma parte do corpo ela deveria se apresentar ao sacerdote...ela deveria ir ao Tabernáculo[...] (Júnior, 2020).

Excerto 43 - Cena enunciativa 1.a

[...] e lá o sacerdote ele tinha o papel como se fosse um agente de saúde que tem nos dias de hoje...e assim que ele identificava a doença ele então mandava a pessoa se retirar...não era uma opção era uma obrigação de não iria contaminar todas as outras pessoas...e essa reclusão essa quarentena poderia durar dez dias...um mês...quarenta dias...sabe então essa lei foi criada pelo senhor porque Deus conhece todas as coisas [...] (Júnior, 2020).

Excerto 44 - Cena enunciativa 1.a

[...] e foi somente no século dezoito que os cientistas descobriram que [...] (Júnior, 2020)

Excerto 45 - Cena enunciativa 1.a

[...] há doenças contagiosas e a origem dessas doenças estão nos microorganismos [...] (Júnior, 2020).

Cena enunciativa 1

ENUNCIADOR 1.B

PADRE FÁBIO DE MELO: <https://youtu.be/WlTP0aIq6-w>

3.2.2 “ESPIRITUALIDADE DO DIA - Somos a casa onde Deus

habita” [04/10/2020] TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO: Do início do vídeo até o tempo de oito minutos e um segundo (8’:01”)

Exórdio

Excerto 46 – Cena enunciativa 1.b

Narrador: ((câmera trêmula)) estamos começando aqui hoje...um momento diferente daqueles que nós távamos acostumados a fazer aos domingos... quando nós tínhamos a missa ...mas também uma oportunidade de viver...um encontro...que nos proporcione uma experiência de espiritualidade...((interrompe a fala e se aproxima da tela))...eu vou desativar aqui os comentários... pra facilitar o nosso encontro...((distancia-se novamente da tela, provavelmente devido a ação de desativar os comentários, sorri, inspira levemente e recomeça a fala)) [...] (Melo, 2020).

Excerto 47 – Cena enunciativa 1.b

[...] hoje é um dia muito especial pra liturgia católica...é um dia que nós celebramos São Francisco de Assis...((faz movimentos para o lado como com quem mexe em algo, como se ajeitasse ainda o cenário para a produção do vídeo)) [...] (Melo, 2020).

Excerto 48 – Cena enunciativa 1.b

[...] e eu não gostaria de deixar passar esse dia sem a gente ter a oportunidade de falar sobre a importância dessa liturgia pra nós...primeiramente dizendo que pra mim é...é sempre uma responsabilidade...uma alegria enorme poder participar da vida espiritual de vocês [...] (Melo, 2020).

Excerto 49 – Cena enunciativa 1.b

eu tenho uma compreensão muito simples de espiritualidade...vocês já me ouviram falar sobre isso...gosto de repetir...a espiritualidade é toda e qualquer oportunidade que preenche os nossos corações...que faz com que o nosso corpo fique repleto de espírito...sim...porque o corpo é a casa do espírito...que o nosso corpo fique repleto de um sopro sagrado [...] (Melo, 2020).

Excerto 50 – Cena enunciativa 1.b

[...] e nós podemos experimentar esse so...sopro sagrado em muitas experiências da vida...nós podemos vivê-la dentro dos nossos espaços religiosos...a religião é por excelência um lugar de espiritualidade...a gente sabe que nem sempre é assim...mas deveria ser...então se você tem uma experiência religiosa bonita...éééé...bem alicerçada...você certamente encontra na religião uma fonte de espiritualidade...eu tive essa graça...a minha religião...retirando alguns momentos em que eu me desvirtuei muito...eu me perdi...dentro da ritualidade católica cristã [...] retirando alguns momento em que isso ocorreu..eu sempre fui muito beneficiado...com a religiosidade católica cristã...me ajudou a viver a minha espiritualidade e me ajuda [...] (Melo, 2020).

Excerto 51 – Cena enunciativa 1.b

[...] mas eu encontro espiritualidade num livro...numa música...numa peça de teatro...eu encontro espiritualidade quando encontro os meus amigos...quando eu sento a mesa para comer com pessoas que me agregam...eu tenho pra mim que todo e qualquer encontro que seja pautado na verdade em que a gente tem a oportunidade de ser quem somos...é um encontro que nos espiritualiza [...] (Melo, 2020).

ARGUMENTOS/PROVAS

Excerto 52 – Cena enunciativa 1.b

[...] então espiritualidade é uma fonte inesgotável de vida...põe vida no nosso corpo...são sopros que nós vamos encontrando por aí...de repente alguém lhe diz alguma coisa...por mais mundano que aquilo seja...aquilo tem um poder espiritual em você...nós precisamos de espiritualidade o tempo todo...para suportar as dificuldades da existência...pra darmos conta de tudo aquilo que nós precisamos viver...espiritualidade nos mantém em pé [...] (Melo, 2020).

Excerto 53 – Cena enunciativa 1.b

[...] é interessante porque nós estamos acostumados a identificar as fomes do corpo...as necessidades do corpo...se você sente frio...você busca um cobertor para este frio...se você sente calor...como nesses dias nós estamos sentindo muito calor...você dá um jeito de procurar uma sombra...ou tomar um banho frio...liga o ar condicionado...liga o ventilador...tudo aquilo que possa nos ajudar a sobreviver ao calor...se você sente fome...você busca um alimento...se você sente sede...você busca água...então nós estamos sempre muito atentos às necessidades do nosso corpo...nós aprendemos a lidar com ele [...] (Melo, 2020).

Excerto 54 – Cena enunciativa 1.b

[...] mas lamentavelmente nós não temos a mesma preocupação...ou até mesmo a mesma percepção...quando o assunto são as necessidades do nosso espírito...e é interessante porque é no corpo que sentimos as necessidades do espírito...eu costumo dizer sempre que o corpo é que põe a alma para passear...cuidar bem deste corpo...submetê-lo a alguma disciplina...a disciplina da atividade física...a disciplina da alimentação...a disciplina do sono...criar rituais de descanso para o corpo...são exercícios de espiritualidade...eu nunca fui adepto de um discurso que fragmenta...que secciona...que separa o corpo da espiritualidade [...] (Melo, 2020).

Excerto 55 - Cena enunciativa 1.b

[...] aliás a vida monástica nasceu assim...em trezentos e pouco depois de Cristo...Santo Antônio iniciou um movimento lindo...que até hoje faz sentido... Santo Antônio e alguns de seus colegas quiseram sair dos conventos e fazerem uma experiência no deserto...subjugar o corpo a uma disciplina que dentro de casa eles não conseguiam...as paredes dos conventos podem nos esconder e provocar-nos uma preguiça[...] (Melo, 2020).

Excerto 56 - Cena enunciativa 1.b

[...] um sei lá...ééé...quando...eu me lembro que...toda a minha vida de seminário...pra mim sempre foi muito forte isso...os muros dos seminários...dos conventos...nos protegem...e nos permitem muitas vezes...uma vida muito distante da disciplina cristã...é...é natural né...a gente vai...a gente vai vivendo...a gente vai tornando a nossa vida viciosa...a gente vai abrigando alguns vícios do nosso corpo...na nossa ausência de disciplina [...] (Melo, 2020).

Excerto 57 – Cena enunciativa 1.b

[...] e de repente Antônio e seus companheiros descobriram que disciplinando o corpo havia uma repercussão nas disciplinas da alma...nas disciplinas do espírito...vida espiritual é sem

dúvida...necessária até mesmo a quem não acredita em Deus...até essa semana eu escrevi um pouco sobre isso no meu Instagram...quem me acompanha no Instagram certamente leu isso [...] (Melo, 2020).

Excerto 58 – Cena enunciativa 1.b

[...] é...nós religiosos não somos proprietários da espiritualidade...a espiritualidade é um elemento da vida...nós religiosos somos...ou deveríamos ser...especialistas em vida espiritual...os nossos trabalhos...os nossos ritos religiosos deveriam favorecer ao povo que nos acompanha...ao povo que reza conosco...ou que vive essa caminhada conosco...uma experiência de vida espiritual [...] (Melo, 2020).

Excerto 59 – Cena enunciativa 1.b

[...] mas a vida é um lugar da espiritualidade...quando você se cala durante cinco minutos e volta os seus olhos para dentro de você e se permite a viver num recolhimento que é uma necessidade humana...você está fazendo um exercício de espiritualidade [...] (Melo, 2020).

PADRE FÁBIO DE MELO: <https://youtu.be/6KJcjL7h0iY>

3.2.3 MISSA DOMINICAL COM PADRE FÁBIO DE MELO

(Transcrição de sete minutos e trinta e três segundos (7':33'') até o tempo de 15': 09''))

EXÓRDIO

Excerto 60 – cena enunciativa 1.b

[...] nós começamos essa celebração do jeito que a gente começa toda boa amizade...mostrando o que a gente tem de mais frágil...ainda que você tenha tentado encantar as pessoas com suas qualidades...você só sente que conquistou aquela pessoa...depois que ela se encantou com suas qualidades...mas também conheceu os seus defeitos...nenhuma amizade se estabeleceu verdadeiramente...somente durante o encantamento...com os recursos do encantamento...nenhum amor se estabeleceu de verdade...criou raízes...somente a partir dos recursos de encantamento...a gente só sabe amá-lo...depois que nós sabemos...que o outro já viu o que a gente tem de melhor...mas também já percebeu...já identificou...já provou...às vezes até de maneira muito sofrida...aquilo que nós temos de pior...e mesmo assim não nos despreza...e mesmo assim não nos abandona (Melo, 2020).

Excerto 61 – cena enunciativa 1.b

[...] é só ali que você **sabe** que...o amor **aconteceu**...somente depois disso...é que a gente prova que aquela amizade já se **estremeceu**...o outro errou...o outro fez tudo errado...e você o abraçou...e você se reconciliou com ele...porque você já percebeu...que a junção de qualidades e defeitos...é agradável...é bonita...ninguém é bonito só porque tem encantamentos...não...por incrível que pareça...nos avessos...de quem a gente é...até mesmo nas nossas fragilidades...nos tornamos atraentes...aliás...em muitas situações...você se encantou pelo outro...é pela fragilidade que gritava dentro dele...não tem isso um pouquinho né...aquele olharzinho de quem caiu da mudança né...o cachorro que caiu da mudança...cê olha e pensa nossa que vontade de cuidar dessa pessoa...que vontade de amá-la...sim [...] (Melo, 2020).

Excerto 62 – cena enunciativa 1.b

[...] às vezes mesmo quando a gente não quer...nossa fragilidade fala...e ela fala de maneira...sedutora...às vezes nós nos apaixonamos é pela fragilidade do outro...aí depois você vai querer reivindicar que ela seja perfeita um tempo depois...volta ao lugar da paixão...ao lugar do encantamento...e você vai identificar...que o que fez você querer ficar ali...era justamente a fragilidade daquela pessoa [...] (Melo, 2020).

Excerto 63 – cena enunciativa 1.b

[...] então o amor...a amizade...e eu posso te dizer que a amizade é o último estágio de todo grande amor...e eu fico muito feliz de perceber...os casais que por exemplo...conseguem viver isso até o fim...pra mim é a maior...prova de...competência emocional...é você levar o casamento até o fim...não porque foi obrigado...é porque você foi descobrindo os encantos de cada fase...e aí quando você percebeu...nossa como é bom ter essa pessoa na minha vida...mesmo que não tenha mais os mesmos encantos sexuais do início...mas como é bom deitar ao lado dela...ver um filme...conversar...de vez em quando faz uma revisão né...igual manda o carro...de seis em seis meses...não tem problema...não sei qual a periodicidade da vida sexual...dos casais...às vezes é igual revisão de carro...de ano em ano...((risos))...não importa...vai chegar um momento em que vocês vão chegar a um acordo...e vocês vão descobrir que o que fez ficar...já é o sentimento de amizade...de amor...de confiança...às vezes leva uma vida inteira para ser construído [...] (Melo, 2020).

Excerto 64 – cena enunciativa 1.b

[...] e eu vejo muitos casais diante desse conflito...não **sabem** passar de fase...da mesma forma como seu filho joga vídeo game... e ele precisa passar de fase...pra não desistir do jogo...não é justo perder naquela fase...e não tentar...então existem muitos casais...que ficam...com dificuldade de mudar de fase...então se **separam** por isso...quando na verdade...aí vão tentar construir tudo isso com uma outra pessoa...dá trabalho meu Deus do céu [...] (Melo, 2020).

Excerto 65 – cena enunciativa 1.b

[...] é tão bom quando você identifica que o outro conhece você...eu acho bonito porque a eucaristia começa assim...você não vem aqui e fala...olha Senhor como eu sou uma pessoa maravilhosa no início da missa...não...a eucaristia é uma festa...que começa convidando a contar os seus defeitos...só pra nos dizer um pouco do significado de tudo isso...sim muitos lugares você precisa mentir...para ser aceito...inventa qualidades...para ser aceito...na eucaristia não...a festa só começa depois que a gente olha nos donos do lar...nos donos da casa...no dono da mesa...e contamos a Ele todos os nossos defeitos...e sorrindo Ele nos perdoa e nos diz...não tem problema...este lugar é preparado para quem tem pecados...mas tem coragem de lidar com eles...os hipócritas terão que ficar do lado de fora...quem chega aqui nessa festa...se auto elogiando...para causar uma boa impressão em Deus...lamento informar que não é assim que funciona aqui...na relação com Deus...revelado por Jesus...não [é um] Deus inventado pelos outros [...] (Melo, 2020).

Excerto 66 – cena enunciativa 1.b

[...] porque existem muitos cristãos que inventaram seu próprio Deus...esqueceram o que Jesus disse...não tô falando desse Evangelho paralelo que nós já falamos tantas vezes...de um Deus punitivo...que adora nos colocar no inferno...que tem enorme satisfação em nos humilhar pelo

nosso pecado...ou então subjulgar as culpas de coisas terríveis a vida inteira...não [...] (Melo, 2020).

Excerto 67 – cena enunciativa 1.b

[...] estou falando de Deus revelado em Jesus...esse Jesus que foi revolucionário no seu tempo...justamente porque disse que Deus prefere os piores...que o banquete é para quem tem fome...que a festa belíssima... é convidada para os que não...é feita para os que não foram convidados...e que a gente sai lá na rua buscando...e trazendo dizendo...olha venha...que existe um grande banquete...preparado pra vocês...então na eucaristia...não é momento de você se auto elogiar...e nem ficar preocupado em encantar o dono da casa...não...é a feliz oportunidade em que você tem de contar...quem você é...o que você fez de errado[...] (Melo, 2020)

PADRE FÁBIO DE MELO: <https://youtu.be/nY6EcMVl68k>

3.2.4 Palavra Essencial - Espiritualidade a partir dos relacionamentos

(Transcrição do início do vídeo até o tempo de quatro minutos e quarenta e cinco segundos (4':45''))

EXÓRDIO

Excerto 68 – cena enunciativa 1.b

Todo relacionamento é uma fonte importante de vida espiritual... eu sei que não estamos muito acostumados a pensar sobre isso...é mais fácil a gente falar de vida espiritual a partir de uma relação que nós estabelecemos com Deus...sim...mas nós não podemos nos esquecer que a relação com Deus nos ensina e nos sugere a estabelecer relações humanas [...] (Melo, 2021).

ARGUMENTOS/PROVAS

Excerto 69 – cena enunciativa 1.b

[...] toda a oração é uma espécie de enfrentamento...eu coloco a minha realidade diante de Deus e tento ouvir o que Ele tem a me dizer sobre aquilo mas nós precisamos entender que do enfrentamento que a oração nos permite...deverão nascer os enfrentamentos com as pessoas que estão fazendo parte na nossa vida emocional...sim ...porque às vezes...o mal estar emocional é causado por relacionamentos doentios...vínculos que não são saudáveis...e que estão influenciando na saúde da minha espiritualidade [...] (Melo, 2021).

Excerto 70 – cena enunciativa 1.b

[...] às vezes eu encontro pessoas que rezam rezam rezam...mas estão sempre infelizes...insatisfeitas...é porque está faltando oração?...não...é que está faltando o segundo passo da oração...que é mudar muitas vezes a regra do jogo...reposicionar as pessoas...ter coragem de dizer não aquilo que nos afeta...e que nos causam prejuízo...além do que é justo...porque toda a relação...toda a relação humana comporta prejuízos e vantagens [...] (Melo, 2021).

Excerto 71 – cena enunciativa 1.b

[...] mas quando uma relação está me causando somente prejuízo...eu preciso relê-la...e tudo isso é espiritualidade...as pessoas que compõem a nossa ambiência afetiva...emocional...essas que nos influenciam...que de alguma forma participam na construção da nossa vida...todas essas pessoas precisam ser diariamente enfrentadas...ainda que não concretamente...mas pelo menos num entendimento...numa reflexão...qual é o papel dessas pessoas na minha vida?...essas pessoas estão favoráveis ao meu crescimento espiritual...à minha evolução humana?...ou estão sendo obstáculo...o enfrentamento é justamente o momento em que a gente reposiciona...em que a gente diz o que precisa ser dito...e também ouve o que precisa ser ouvido (Melo, 2021).

Excerto 72 – cena enunciativa 1.b

[...] pense um pouco mais na importância dos seus vínculos...dos seus relacionamentos...na sua vida espiritual...não separe amigos de Deus...não separe família de Deus...faz tudo parte...tudo está junto...se eu quiser viver um crescimento espiritual em Deus...eu preciso viver um crescimento espiritual com as pessoas que estão ao meu lado...aí sim...a nossa **saúde** é mais **integral** [...] (Melo, 2021).

Excerto 73 – cena enunciativa 1.b

[...] e nós estamos falando de uma espiritualidade que abarca o mundo...que não nos aliena...mas nos incorpora em uma responsabilidade de tornar a nossa vida...e a vida de quem estiver ao nosso lado...um pouco melhor...a espiritualidade é um caminho que nós trilhamos o tempo todo...e não é um momento isolado da nossa vida...não...se você quiser...tudo é espiritual... porque tudo sopra sopra dentro de nós...mas também...sopra desânimo...sopra pessimismo [...] (Melo, 2021).

CONCLUSÃO/ EPÍLOGO

Excerto 74 – cena enunciativa 1.b

[...] reveja os seus vínculos...o que esses vínculos sopram dentro de você?...eles lhe encorajam?...eles lhe fazem chegar ao melhor de si...ou eles...mediante a uma prática muitas vezes desonesta... lhe reificam...lhe paralisam...naquele pouco que você já achou de você?...há um horizonte a ser desbravado...e somente a espiritualidade nos faz chegar ao melhor de nós mesmos...espiritualidade é convivência...nunca se separam [...] (Melo, 2021).

Cena enunciativa 2

ENUNCIADOR 2.A

PADRE CHRYSTIAN SHANKAR: <https://youtu.be/MlaFFDQdY5g>

4.1.2 O QUE DEVE SER EVITADO NO CASAMENTO

((Transcrição do tempo de doze minutos e quarenta e cinco minutos (12':45'') até o tempo de dezoito minutos e trinta e oito segundos (18':38''))

DINÂMICA DO SEMÁFORO

Excerto 75 – cena enunciativa 2.a

[...] Fernando...prazer((Cumprimenta com um aperto de mão))...aqui ó...((Entrega uma bexiga vazia para a Cássia e uma bexiga vazia para o Fernando))...pode encher e dá um nozinho depois que encher [...] (Shankar, 2015).

Excerto 76 – cena enunciativa 2.a

[...] gente...casamento...é igual um balão uma bexiga...se você chega pra uma criança e você fala com ela assim uma criança pequenininha...vai brincar e dá uma aqui uma dessa pra criança faça o teste pra falar que eu sei o que eu tô falando...da pra criança uma dessa aqui ((mostra a bexiga vazia))...e mostra as outras crianças com uma daquela ali que que essa criança vai falar pra você...((mostra Cássia e Fernando segurando uma bexiga cheia))...enche papai enche...ela não dá conta de encher ainda não...pequena...isso aqui ela não quer não...ela quer o que...o balão cheio...casamento é igual um balão...balão murcho meu filho não serve pra ...nada você tem que ter um casamento bola...cheia [...] (Shankar, 2015).

Excerto 77 – cena enunciativa 2.a

[...] eu já fui com meu pai e eu não falo que eu fui porque...aí é demais né...eu não jogo nada mas o meu pai eu lembro que ele ia jogar pelada e eu ia com ele...eu gostava porque tinha churrasco depois aí eu gostava do churrasco né...aí...ia por causa do churrasco mas o meu pai eu lembro eles jogando lá falar ou para para isso aí...pessoal muito educado né para aí...((Assobia))...ou bochecha para isso aí o que que é...essa bola tá murcha velho...falou não eu tenho ali o negócio de encher pneu de bicicleta aí não é assim...quem quer bola murcha...ninguém quer bola murcha...você nasceu pra ser um casal bola...((chega perto do casal Cássia e Fernando, que respondem com a palavra cheia))...cheia [...] (Shankar, 2015).

Excerto 78 – cena enunciativa 2.a

[...] tem hora...que não...((Aponta pro balão vermelho que Fernando está segurando))...tem hora...((Aponta para o balão verde que Cássia está segurando))...que é sim não sinal de trânsito assim...tem...o siga...siga...((Cássia levanta o balão))...pare...((Fernando levanta o balão))...é e entre os dois...aí tem eu eu vela...aí tem ahn...atenção eu vim aqui pra isso aqui ó...((Fica entre Fernando e Cássia, enchendo um balão amarelo))...um chorume essa bolinha...((A plateia ri))...((enche a bexiga))...o negócio não é o pulmão é a bola mesmo...((amarra a ponta do balão)) [...] (Shankar, 2015).

Excerto 79 – cena enunciativa 2.a

[...] quando eu fui dar essa palestra eu não sei onde que eu tava não... a bola...soltou...aí caiu num holofote...aí o pessoal hehehe...aí eu peguei outra...só que durante a missa o holofote esquentou e o balão começou a derreter...mas saiu um fumação queimado gente ((Risos)) [...] (Shankar, 2015).

Excerto 80 – cena enunciativa 2.a

[...] **então vamos** lá...pertinho de mim aqui...vamo treinar...pare...((Fernando levanta o balão vermelho))...siga...((Cássia levanta o balão verde))...vai fechar...((Padre levanta o balão amarelo))...esse aqui é vai fechar é o atenção entendeu...gente casamento...é um semáforo gente...casamento cê quer trocar a cor...((pergunta e olha para Cássia, que está com o balão

verde)) eu tô achando que cê não quer seguir muita coisa nada))...((Todos riem)) [...] (Shankar, 2015).

Excerto 81 – cena enunciativa 2.a

[...] **vamo lá**...o seu marido quer o mais pare ou ela que é o mais pare... você é o mais verde...o verde é aí continua continua...((A plateia ri))...vamos lá...mas não leva o negócio pra maldade não...ÓIA O TEU MARIDO... Ô MARIDO...((aos gritos/empolgado))...((Fernando tenta trocar o balão vermelho pelo balão verde, que está com Cássia))...((Risos))...cê viu...eu não falei nada ó ó atenção...atenção...((o padre balança o balão amarelo, sinalizando atenção)) [...] (Shankar, 2015).

Excerto 82 – cena enunciativa 2.a

[...] **então vamos** lá treinando aí...fechou...((Fernando levanta o balão vermelho))...parou...siga...((Cássia levanta o balão verde))...atenção...((Padre levanta o balão amarelo))... então tá segura a atenção também...((padre entrega o balão amarelo para Cássia)) (Shankar, 2015).

Excerto 83 – cena enunciativa 2.a

[...] gente...quem aqui é bom motorista sabe que o semáforo não tem utilidade nenhuma se você não olha pra ele...o semáforo deve ser olhado e ...obedecido...a dinâmica é simples mas é pra você guardar uma coisa...o seu marido...e a sua mulher tem esses três balões na mão o dia inteiro pra você...e ele não precisa dizer pra você...o jeito que a pessoa olha...o jeito que ela se comporta...o jeito que ela é...tem hora que ela está falando vai...((Cássia levanta o balão verde))...tem hora que ela está falando para...((Fernando levanta o balão vermelho))...tem hora que ela tá falando...((Cássia levanta o balão amarelo))... atenção em...fica esperto...tem gente que não sabe interpretar os sinais do outro...esses três semáforos que são três sinais claros...pare atenção e siga são as três palavras que podem renovar o seu casamento se você respeitar o momento do outro...tem momento que é pra parar...eu não quero...eu não quero ir em tal lugar...eu quero ficar mais sozinho eu tô introspectivo etecetera...tem momento olha atenção o que você fez me magoou...atenção cê tá dando mais atenção a outra pessoa do que a mim...tem hora que é o verde siga tudo muito bem caminha acelera...o casamento é feito dessas três palavras pare...atenção...e siga você tem que interpretar os sinais que o outro manda pra você [...] (Shankar, 2015).

Excerto 84 – cena enunciativa 2.a

[...] esses três balões representam o sonho de Deus pra nós...que são casamentos bola...cheia [...] (Shankar, 2015).

Excerto 85 – cena enunciativa 2.a

[...] porque existem muitos casamentos que são...bola murcha aqui...((joga bexigas vazias no chão))...só que tem um problema gente...o mundo de hoje o problema do mundo é esse...ocê quer ser bola murcha...cê quer ter um casamento bola murcha...cê quer viver de qualquer jeito então vai viver...vai viver se dane vai pro inferno sozinho...nós queremos ser bola cheia...cheia de ar...cheia do espírito [...] (Shankar, 2015).

PADRE CHRYSTIAN SHANKAR: <<https://youtu.be/4Mb1fAvM9HU>>

4.1.3 A MATEMÁTICA DO CASAMENTO

(Transcrição do tempo do início do vídeo até o tempo de quatorze minutos (14'00"))

OPERAÇÃO MATEMÁTICA: SUBTRAÇÃO

Excerto 86 – cena enunciativa 2.a

[...] você que é casado...já fez as contas do seu casamento...qual é a operação matemática que mais se usa dentro da sua casa? [...] (Shankar, 2018).

Excerto 87 – cena enunciativa 2.a

[...] então vamos lá...sem mais delongas...repita comigo primeira...subtração...deixará...deixará...deixará...jovem se você for casar...ponha na sua cabeça uma coisa...se não é pra você deixar...não se case...a moça que não está preparada...pra assumir uma casa e um homem...não se case...o que que as pessoas fazem...a Bíblia diz...o homem deixará pai e mãe...eles querem morar junto...tá escrito na palavra que é pra deixar...eles não querem deixar...e quer que o negócio dê certo [...] (Shankar, 2018).

Excerto 88 – cena enunciativa 2.a

[...] meu irmão eu não tô falando de sogra...sogra antes de ser sogra é mãe...o que que é sogra...é a mãe...do meu marido e da minha esposa isso é sogra...então se a mãe do meu amor...deve ser uma pessoa boa porque se não fosse ela...eu não teria ele ou a minha esposa (Shankar, 2018).

Excerto 89 – cena enunciativa 2.a

[...] tem aquela musiquinha...eu amo a sua mãe ((cantarolando))...já ouviu...eu amo a sua mãe...cantando pra mulher dele...eu amo a sua mãe...aí a mulher olhou pro marido aí o marido...eu amo a sua mãe...pois foi ela que fez você pra mim...ela...((faz gestos de coração com as mãos e sorri))...((risos dos fiéis)) [...] (Shankar, 2018).

Excerto 90 – cena enunciativa 2.a

[...] se não ama...respeite...e trate bem por causa do seu cônjuge...mas “o deixar” não é abandonar...agora se vire pra lá que eu tenho a minha vida...não...é você saber que você agora tem a sua família...mas que seu pai e sua mãe continuam sendo pai e mãe...mas agora você tem que construir a sua história...seu pai e sua mãe construíram a história deles...agora você tem que voar [...] (Shankar, 2018).

Excerto 91 – cena enunciativa 2.a

[...] ô padre...onde que tem que morar ((imita um suposto actante sujeito destinatário))...em outra cidade...não...mas no mesmo quarteirão...não...onde que eu tenho que morar...muito simples...você tem que morar num lugar...quando a sua sogra vier te visitar ela não traga

mala...então não pode ser muito longe...mas tem que ser em um lugar que ela não vá de chinelo de dedo...então não pode ser muito perto...é uma distância de visita mas onde você possa...exercer...o seu casamento...amém [...] (Shankar, 2018).

Excerto 92 – cena enunciativa 2.a

[...] eu não estou falando mal de sogra...eu estou falando que o casal jovem...eles têm que passar perrengue...tem que passar aperto...e os dois crescem juntos na alegria...e na tristeza...na saúde...((Os fiéis completam com a palavra doença))...deixa papai e mamãe e começa a sua história...é em briga de marido em mulher...((Os fiéis completam com a frase ninguém mete a colher))...para sua família tá tudo muito bom...vocês dois ali resolvam [...] (Shankar, 2018).

Excerto 93 – cena enunciativa 2.a

[...] subtração...o casal deixa...a vida de solteiro pra ter uma vida agora de...casado...eu não estou falando que a vida de solteiro é melhor do que a vida de casado...enquanto alguém já casado diz que a vida de solteiro é melhor do que a vida de casado é porque ali não há amor...porque quando há amor...não há nada melhor do que você acordar todos os dias com o amor da sua vida [...] (Shankar, 2018).

Excerto 94 – cena enunciativa 2.a

[...] aí as pessoas ficam até com canções...acordei no desespero achei que eu estava me casando...((risos dos fiéis))...mas o celular tocou...meus amigos chorando...minhas ex na igreja...o padre rezando:...não tem uma musiquinha assim...aí o celular toca nó...que alívio...vida de casado é bom só perde...((Os fiéis completam com as palavras pra de solteiro))...não conhece o amor a alteridade...o que essa canção me diz que o bom é ficar com todo mundo e não ficar com ninguém e acabar sozinho...casamento é uma benção...quando os dois se amam...tem Deus...e os dois fazem de tudo pra dar certo...pra dar certo [...] (Shankar, 2018).

Excerto 95 – cena enunciativa 2.a

[...] subtrai da sua vida comportamento infantil...uma mulher me procurou a bem tempo...ela se casou...a casa dela não tinha geladeira...então eles compravam coisa que não precisava de geladeira...ou deixava no *freezer* do bar do marido...o marido economizou um dinheiro...legal...trabalhou...assim que tem que ser...o que que ele comprou...ahn...não...*playstation*...eu falei não cê tá brincando comigo...não padre...ele falou que é o sonho dele...eu falei peraí e a geladeira...agora eu vou trabalhar pra comprar porque ele comprou *playstation* e agora ele está comprando cartuchos das últimas séries...cento e cinquenta reais cada cartucho...eu falei peraí...mas não dá né...o cara casou mas continua...um menino...então você tem que deixar não apenas a casa do pai e da mãe...mas você tem que deixar comportamentos infantis...você tem que deixar vida de solteiro...você é solteiro...sou...joga bola que dia...de segunda a sexta...amém meu filho...aproveita...joga bastante...então o dia que casar cria vergonha e divide isso aí...deixará...mas eu vou ter que parar de jogar bola...não [...] (Shankar, 2018).

Excerto 96 – cena enunciativa 2.a

[...] porque quem joga bola a mulher até agradece...o corpo do rapaz até mais bonito...mas jogar bola de segunda a sexta pelo amor de Deus...jogue uma ou duas noites...e a noite que você jogar bola anteriormente...na outra você será duas vezes mais presente e carinhoso...pra mulher falar

assim ó...depois que ele joga futebol ele volta melhor...vai jogar bola bem...vai...tendeu...esperteza gente...você fica brigando...dando murro em ponta de faca...assim ninguém aguenta...é preciso abrir mão...é preciso deixar...aquilo que atrapalha o meu relacionamento...ou não é assim...ou eu estou falando bobagem...que quando eu não estou disposto a deixar nada...o casamento não vai dar certo...porque o verbo é deixar...subtração...menos [...] (Shankar, 2018).

Excerto 97 – cena enunciativa 2.a

[...] uma esposa se sentiu magoada com o marido...marido falou ih é dramática...ela escreveu um papelzinho...ele estava chegando do trabalho...ela escreveu um papelzinho e deixou na escrivaninha assim...fui embora não volto mais...e escondeu debaixo da cama...pra ver o que que ia acontecer...o marido chegou...entrou no quarto...pegou o papel...escreveu uma coisa embaixo...saiu falando no telefone...amor estou indo agora...a louca foi embora...a mulher saiu da cama possessa...hora que ela pega o papel...o marido escreveu assim...amor fui buscar pão eu vi seus pés...((riso dos fiéis))...boazinha né...legal essa...gente...esconder debaixo da cama...quebrar a casa...gritar com o outro...dá rabo de arraia no outro...isso não resolve...qual é a melhor ferramenta...que um casal tem pra resolver problemas...diálogo[...] (Shankar, 2018).

Excerto 98 – cena enunciativa 2.a

[...] e aqui eu vou abrir um parênteses que não é o tema da pregação...mas isso aqui eu já ajudei milhares de casais Brasil a fora...graças a Deus...e falo sem modéstia já o fiz...qual é o conselho...aprenda...agora me desculpa a franqueza principalmente as mulheres...aprenda a responder o que foi perguntado...simples assim...é um treino...de dez perguntas...sete a gente responde o que não foi perguntado...aí o casal briga...quer ver um exemplo...o marido fala assim...amor...onde que está a minha chuteira...mas você só larga coisa jogada em...ninguém tá aguentando...ele não perguntou isso...a pergunta pra essa resposta é...amor...eu só largo coisa jogada...e a resposta é...você só larga coisa jogada...essa é a resposta...ele não perguntou se ele larga coisa jogada...ele perguntou onde está a minha chuteira...qual seria a resposta...eu não sei...onde está a briga...mas não responde o que foi perguntado [...] (Shankar, 2018).

Excerto 99 – cena enunciativa 2.a

[...] você quer empurrar o outro...meu filho...quanto foi que você tirou na prova...ah mãe a prova tava difícil eu faltei no dia anterior...não foi isso a pergunta...é a nota...tirei seis...aí a mãe pergunta por quê...aí que é a resposta...os casais quando vão conversar você tem que aprender a treinar isso...responda o que foi perguntado [...] (Shankar, 2018).

Excerto 100 – cena enunciativa 2.a

[...] eu estou fazendo esse exercício com a minha mãe...eu não tenho mulher eu vou na minha mãe...eu estou com ela exercendo com ela...eu pergunto uma coisa ela responde...eu falei mãe...presta atenção no que a senhora tá respondendo...o que eu perguntei...cê perguntou quem ligou pro cê...e a senhora respondeu o que...que esse telefone toca sem parar não tenho tempo...eu não perguntei isso...a pergunta é o telefone toca sem parar...como tá o seu tempo...não foi isso...eu perguntei fulado ligou pra mim...qual é a resposta...não sei...não atendi...não tem discussão [...] (Shankar, 2018).

Excerto 101 – cena enunciativa 2.a

[...] começa a prestar atenção...nas respostas que vocês marido e mulher se dão...quando estão conversando e principalmente quando estão com raiva...a resposta nunca é a pergunta...aí briga mesmo...ô amor...o almoço tá pronto...cê acha que eu sou sua empregada...não é isso...ele não perguntou isso...ele perguntou você é minha empregada...não é isso...ele não perguntou isso...ele perguntou você é minha empregada...não é isso...ele perguntou o almoço está pronto...qual é a resposta...ainda não [...] (Shankar, 2018).

Excerto 102 – cena enunciativa 2.a

[...] cês tão vendo que é difícil...diálogo não é fácil não...dialogar é difícil...porque a gente não ouve a pergunta...olha pra cá...marido e mulher não ouve pergunta...marido e mulher ouve o que...a intenção da pergunta...a mulher ataca o marido assim...não amor...tô cansada...o que que o marido escuta...não amor...limpa a casa pra mim...comece a pensar na pergunta e na resposta...no início pode até brincar...bom que vocês vão lembrar de mim várias vezes [...] (Shankar, 2018).

Excerto 103 – cena enunciativa 2.a

[...] o marido fala assim...amor...vou te fazer uma pergunta...lembra da homilia do padre Chrystian...aquela minha blusa branca você lavou...no teu tempo amor...cê sabe o que ela queria responder não sabe...eu sozinha limpando casa cuidando de menino e cachorro...eu vou lembrar de camisa branca...ele não perguntou se você está sozinha cuidando de menino e cachorro ele perguntou da camisa branca... não lavei...aí o diálogo continua...ô amor...mas eu precisava...mas por que você acha que eu não lavei...você acha que eu não cuido de você...eu não disse isso...é porque eu estou sozinha...com criança e ainda cachorro...a tá bom amor...da próxima vez eu vou cuidar da criança vou colocar o cachorro pra fora e você lava...com prazer...dá um beijinho aqui...fala dessa camisa branca mais uma vez...parece bobeira viu...mas melhora o casamento [...] (Shankar, 2018).

PADRE CHRYSTIAN SHANKAR: <https://youtu.be/2X1FoNnfBsY>

4.1.4 NOSSO CASAMENTO

(Transcrição do tempo do início do vídeo até o tempo de onze minutos e cinquenta segundos (11':50"))

Excerto 104 – cena enunciativa 2.a

[...] nosso...casamento...**olha vamo aqui**...leia pra mim lá...((A plateia lê a frase “um médico não precisa ter tido a doença para saber o caminho da cura”))...isso aí...eu sei que ninguém pensa isso não...tanto que vocês vieram para o encontro...mas tem gente que fica assim...eu não entendo esse encontro de casal com padre...o padre nem mulher tem...vai dar pitaco no casamento dos outros...padre sabe de casamento...tem gente que fala...eu sei que fala...aí cê aceita isso...eu acredito nisso...então não é só comigo não...tem que ser com tudo [...] (Shankar, 2017).

Excerto 105 – cena enunciativa 2.a

[...] quando cê for num médico...cê tem que falar assim...ô doutor eu tô com essa doença...o senhor já teve...o senhor já se curou...ah:...então o senhor não pode me atender...quem já teve essa doença para me atender...((risos dos fiéis))...cê não pergunta isso...o cara não teve...mas o

cara teve o que você não teve...instrução...estudo...experiência...laboratório...atendimento...conversa...trabalho...quer dizer [...] (Shankar, 2017).

Excerto 106 – cena enunciativa 2.a

[...] eu não tenho uma mulher...mas eu tenho uma mulher que eu testo as coisas...é minha mãe...((risos dos fiéis))...ela não sabe...mas vamos fingir que eu sou marido dela aí eu jogo assim...uma pergunta...eu faço e o negócio funciona que é uma beleza [...] (Shankar, 2017).

Excerto 107 – cena enunciativa 2.a

[...] falo olha gente...eu aprendi uma coisa vou ensinar para os maridos no encontro com os maridos...fazer sua mulher fazer o que cê quer...só que ela acha que é ela que tá querendo...ah isso é ótimo...eu faço assim com a minha mãe e ela fica toda feliz...eu falo assim... é::: vai que é tua Taffarel [...] (Shankar, 2017).

Excerto 108 – cena enunciativa 2.a

[...] antes de entrar nessas lâminas aqui...vamos fazer o seguinte...respondam pra mim...**o que é mais fácil...competir ou cooperar** ((aguarda os fiéis levantarem as mãos))...cês tão divididos...quem acha que o mais fácil é cooperar...quem acha que o mais fácil é competir...tá...a resposta ela é consciente...mas ela é incongruente com o inconsciente...o ser humano...ele é competidor nato...ele tem que aprender a ser um cooperador...porque que muitos casais não terminam juntos...porque eles não aprenderam o significado de cooperação...eles gostam de competição...então já que vocês me falaram que é mais fácil cooperar do que competir...porque eu acredito o contrário [...] (Shankar, 2017).

Excerto 109 – cena enunciativa 2.a

[...] eu acredito que é mais fácil competir do que cooperar...por qual motivo...porque pra cooperar eu preciso de você...e pra competir eu só preciso...de mim...porque eu vou correr só eu cara...eu e eu...eu negócio com o meu corpo...negócio com o meu suor...negócio com a minha força...tô na metade eu vou correr e tô olhando...não olho pra trás...é meta linha de chegada...determinação...((faz movimentos de corrida))...competindo...estou competindo comigo [...] (Shankar, 2017).

Excerto 110 – cena enunciativa 2.a

[...] foi aí que surgiu esse estudo de self um e self dois...em mil novecentos e setenta...(Gallwey) falou sobre uma partida de tênis...tinha dois jogadores jogando tênis e ele falou que tinha um terceiro jogador...e ninguém sabia quem era esse terceiro jogador e ele falou assim...o terceiro jogador é sua mente...você tem o jogo externo e você tem o jogo interno...o mais difícil é o jogo dentro...que a sua mente ela joga contra você...então você vence por fora se você está equilibrado por dentro...por isso que pra mim competir é mais fácil que cooperar é::: a pessoa que diz assim... interessante...tem um teste de ecograma...que a gente pergunta assim...qual é o seu perfil...você é uma pessoa que delega...a maioria fala assim...mais ou menos quando eu quero uma coisa é...quando eu quero uma coisa é melhor eu fazer do meu jeito...porque ninguém faz como eu...então eu pego e faço...aí você pergunta pra essa pessoa cê acha melhor competir ou cooperar...ela ri e fala pra mim...cooperar [...] (Shankar, 2017).

Excerto 111 – cena enunciativa 2.a

[...] porque ocê gosta de fazer tudo sozinho...é do seu jeito que serve...seu marido faz cê grita...sua mulher não fez do jeito que você queria você fica frustrado...a cooperação ela é mais bonita...e soa melhor a gente fica até bem falando...eu sou cooperador ((levanta a mão))...mas se você olhar a vida...na verdade a gente gosta bem de uma competição [...] (Shankar, 2017).

Excerto 112 – cena enunciativa 2.a

[...] então vamos fazer uma dinâmica que é rapidinha...fácil fácil fácil...é mamão com açúcar...é pra ver o grau de cooperação do marido e da mulher...se vocês falaram que o mais fácil é cooperar eu fiquei feliz né...porque vocês acham que é mais fácil ter alguém ali com você do que fazer as coisas sozinhos...então vamos pra primeira dinâmica...vamos ficar de pé...deixa as coisas aí...mão livre...mão livre...muito fácil...muito fácil...o padre está light...não vou pegar pesado... muito fácil...como que é a dinâmica...pode vim cá...pode vir...vem cá meu filho((chama o rapaz que está ao lado do palco pra perto)) [...] (Shankar, 2017).

Excerto 113 – cena enunciativa 2.a

[...] não é só porque tem que fazer de dois...muito fácil a dinâmica...a dinâmica é de cooperação certo...se fosse de competição seria...competição é fácil uai...um dois três...três dois um...um três dois...dois três um...um três um...um dois três...três dois um...dois três um...eu misturo os números rápido...um dois três...três dois um...um três dois...dois três um...um três dois...certo...isso é competição...((fala com o rapaz ao lado vamos lá faz igual vá))...competindo...cooperando não é assim não...cooperando é assim ó...um dois três[...] (Shankar, 2017).

Excerto 114 – cena enunciativa 2.a
(**Demonstração com um rapaz do som**)

((Interlocutor faz uma demonstração da dinâmica com um rapaz no palco de como cooperar)):

Interlocutor: um

Interlocutário (rapaz no palco): dois

Interlocutor: três

Interlocutário (rapaz no palco): um

Interlocutor: dois

Interlocutário (rapaz no palco): três

Interlocutor: um

Interlocutário (rapaz no palco): dois

Interlocutor: três

Interlocutário (rapaz no palco): um

Interlocutor: dois

Interlocutário (rapaz no palco): três

Interlocutor: um

Interlocutário (rapaz no palco): dois (Shankar, 2017).

Excerto 115 – cena enunciativa 2.a (**Humor**)

[...] certo...isso é cooperação...eu preciso do outro pra me completar...porque se eu falo um eu não posso falar o dois ((faz voz de deboche))...porque o dois é dele...eu sou o três...se eu fizer três...ele não vai dois...não...é um...porque eu sou o dois agora...((Estende as mãos para o rapaz a fim de que ele coloque as mãos nas mão do narrador para figurar a expressão “uma mão lava a outra”, mas o rapaz vacila um pouco))...é isso...dar e receber..a ficha caiu rápido ((referindo-

se ao rápido vacilo do rapaz))...você é um coito sexual muito lento ((irônico na tentativa de fazer humor)) mas tá bom muito obrigado...((A plateia ri)) (Shankar, 2017).

Excerto 116 – cena enunciativa 2.a (**Explica a dinâmica**)

[...] então de frente pro seu marido...de frente pra sua mulher...comecem devagar e quando você sentir segurança no outro acelere...a dinâmica é só essa...um dois três...um começa com um o outro dois...volta pra três e o outro agora é um...certo...quinze segundos vá lá...um dois três...((a plateia faz a dinâmica))...ok ok...tá [...] (Shankar, 2017).

Excerto 117 – cena enunciativa 2.a

(Sugere que alguns não fizeram como combinado))

[...] temos aí...ô gente olha aqui ó...olha pra mim...olha pra cá...vocês não acham que eu tô pedindo pra vocês contarem um dois três né...eu tô de olho ((sugerindo participantes estarem achando uma bobagem a dinâmica))...eu tô vendo relacionamentos...se eu fosse fazer com você uma sessão eu já sei como que você é [...] (Shankar, 2017).

Excerto 118 – cena enunciativa 2.a

((Avalia, com humor, a dinâmica imitando e comentando a *performance* dos casais))

[...] eu vi assim ó...olha como que muda...a mulher um...aí eles dois...aí a mulher...três...aí ele dois...a mulher...não amor é um (narrador imita a voz de mulher))... aí ele um...mas eu ouvi o contrário ((narrador imita a voz do marido))...o marido um...a mulher dois três...a mulher um...o marido dois...a mulher dois...o marido é um::((levanta o dedo simulando o número um como se fosse um marido já irritado))...((a plateia ri)) [...] é fácil...é fácil ((Sugere que o marido diminua a mulher por não saber algo tão fácil...porque já estaria sem paciência))...não tem nem a paciência com a mulher ((ironiza)) [...] (Shankar, 2017).

Excerto 119 – cena enunciativa 2.a

((O narrador continua imitando os participantes da dinâmica e arranca muitos risos))

[...] e teve mulher que fez pior...eu não tô apontando não...a mulher ficou assim ...e falou vamos lá...o marido um...ela dois...o marido um...ela fez assim ó sentou ((imita a mulher sentando sem paciência porque marido errou..faz micagem com a boca e encurva o corpo como se estivesse se sentando))...((A plateia ri))...cê não dá conta de nada em...nem disso cê tá dando conta...quem dirá lá em casa ((faz gesto sugerindo o ato sexual)) não tá dando conta de nada...nem pra contar cê tá dando conta [...] ((a plateia ri)) [...] (Shankar, 2017).

Excerto 120 – cena enunciativa 2.a

((Explica a dinâmica com um puxão da própria orelha, no lugar de contar o número um))

[...] vamos tirar o um...agora parou o um...aqui ó ((puxa a orelha))...dois três...dois três...não se fala um...o um é isso aqui((puxa a orelha))...passado de nível...segundo nível do *playstation*...vai lá ...acelera...tá bom... olha pra cá ...vamos mudar [...] (Shankar, 2017).

Excerto 121 – cena enunciativa 2.a

((imita novamente os participantes com humor e arranca risos))

[...] pode falar o que eu vi...o marido to::do...falou assim pra ela...vamos fazer...aí ela vamos...aí ele fez assim na orelha dela...aí ela mas tu é burro em...((A plateia ri))...gente cês tão num encontro de casal...não abaixa o nível...não...e a mulher que veio animada...vamos no encontro de casal bem ((imita a mulher))...((risadas))...todo mundo fazendo...o marido tá assim ó...((fica parado e coloca a mão no bolso sugrindo um marido que não quer interagir))...faz pela sua mulher que a mulher gosta ((aconselha)) [...] (Shankar, 2017).

Excerto 122 – cena enunciativa 2.a

[...] vamos tirar o dois...o dois agora é...((bate palma no número dois, puxa a orelha no número um e fala o número três))...((plateia faz a dinâmica)) [...]tá pra encerrar...pra encerrar...((puxa a orelha no número um, bate palma no número dois e agacha no número três))...faz rápido...um dois três...um dois três...((A plateia faz a dinâmica))...ó tá bom hein...tá bom...pode aplaudir vocês...pode sentar ((Conclui que é mais fácil competir)) [...] gente é fácil cooperar...((A plateia responde com a palavra não))...é mais fácil competir quer ver porque que é mais fácil...((faz a dinâmica sozinho, puxa a orelha, bate palma e agacha))...((A plateia ri))...sozinho vai rápido...o problema é quando cê faz assim ó...((demonstra como um casal faz a dinâmica))...é difícil...cê entendeu que a dinâmica prova o quê...o outro não pensa como você...o que é simples pra você...é difícil pro outro...mas eu que estava brincando com aqueles casais estressados...eu vi coisas maravilhosas...exemplo...((demonstra um casal fazendo a dinâmica de maneira carinhosa, os dois se abraçavam quando um errava)) [...] (Shankar, 2017).

CENA ENUNCIATIVA 2

ENUNCIADOR: 2.B

PASTOR CLÁUDIO DUARTE: <https://youtu.be/H7It3T3_eXk>

4.2.1.2 CASAMENTO COM EXCELENÇA

((Transcrição do tempo de dois minutos e vinte e oito segundos (2':28") até o tempo de seis minutos e quarenta e dois minutos (6':42") (Pregação baseada em Gn 2:24-25)))

EXÓRDIO

Excerto 123 – cena enunciativa 2.b

((Pregação baseada em Gn 2:24-25))

[...] nós vamos dar uma olhada...nessa questão de vida conjugal...se casar...vamos passar por algumas etapas...mas a primeira delas é um conselho dado... e na verdade a palavra homem está generalizando...“deixará o homem seu pai e a sua mãe e apegar-se-á a sua mulher e serão AMbos uma só carne”...o texto também é para mulher... deixará a mulher seu pai e mãe e unir-se-á a seu marido e serão os dois uma só carne [...] (Duarte, 2017).

Excerto 124 – cena enunciativa 2.b

[...] a primeira coisa que nós precisamos entender é que o casamento... ele pede daquele que vai entrar nele...algumas decisões... e uma delas é cortar o cordão umbilical... é perder o VíNculo::...certo...de dependência...da família de origem...se você ainda não tá pronto pra ficar

sem a comida da mamãe...o leitinho...a...a caminha...o cafuné ((voz figurativização de alguém dengoso))...((risos))...ainda não tá na hora de casá fio...ainda tem que cresce...ainda tem que aprende isso [...] (Duarte, 2017).

Excerto 125 – cena enunciativa 2.b

[...] se ocê ainda na primeira briga vai correr pra lá e fala “mãe... ele gritô comigo” ((imitando voz de alguém que fala e chora))...pois é fia ((risos))...não devia ter casado não... e pió...mãe...tem sogra aí?...se tive´ fica quieta...não precisa manifestá [...] (Duarte, 2017).

Excerto 126 – cena enunciativa 2.b

[...] mas as mulheres brasileiras são muito engraçadas...se viaja pra europa...você vai jantar em restaurantes que tem lugar reservado pra botá o carrinho do bebê...a mãe senta aqui pra comê com o marido e o bebê fica numa outra sala...vista por um vidro ((voz cômica))...a senhora iria num restaurante desse?...que a sua prole não pode ficar do seu lado?...pra senhora tá esfregano nela?...não... porque a mulher brasileira...acho que cria filho pra casa com ela...ês têm uma pena... é ou não é?... e aí comete-se um erro gravíssimo...cria um ambiente tão agradável no lar que o filho num quer embora nunca...ou então cria um ambiente muito ruim que ele quer embora...((espera os fiéis completarem)) antes da hora...os dois vai dá ruim...que os dois é rota de fuga... é assim...um não quer ir numa rota de fuga porque aqui tá bom demais...o outro quer ir porque tá ruim de ...((espera os fiéis completarem)) mais... então é complicado [...] (Duarte, 2017).

Excerto 127 – cena enunciativa 2.b

[...] só que eu preciso que cê tenha um pouquinho de inteligência e maturidade pra entender o que que é esse negócio de dois virá um...((silêncio)) como que é isso?... Então quer dizer que eu me caso com a minha esposa...e dois ((demonstra o número dois com dois dedos da mão esquerda)) ...tornam-se um? Segundo o símbolo disso... ((neste momento de fala, no tempo de 5’44” do vídeo, ocorre um jogo de imagens em que momentos distintos de fala e de imagens se cruzam, numa sobreposição de imagens e vozes, em que o narrador (pastor) torna-se dois e em seguida as duas imagens, dele mesmo, entrecruzam-se, normalizando-se novamente)) [...] (Duarte, 2017).

Excerto 128 – cena enunciativa 2.b

[...] há uma união...são duas alianças...mas há uma individualidade...elas se entrelaçam para formar o casamento...o que significa que se um sobrepõe o outro...alguém perdeu seus direitos...suas vontades...seus hábitos...seus costumes... e não é assim que funciona...segundo a proposta...((referindo-se ao cristianismo)) eu sou um aqui...((anda para o lado direito do altar demarcando com as duas mãos o lugar))...minha mulher é uma aqui ((anda para o lado esquerdo do altar demarcando com as duas mãos o lugar))... e nós somos UM:: aqui... ((anda para o centro do altar demarcando com as duas mãos o lugar)) [...] (Duarte, 2017).

Excerto 129 – cena enunciativa 2.b

[...] exemplo...você casou com um menino que sempre dia de sábado jogava bola com os amigos...VINte ano esse menino jogando bola ((com a mão esquerda fechada e braço firme...faz

um gesto como que a continuidade da ação de jogar bola fosse contínua e durativa))...e agora ele casa com você ((voz cômica))... e você diz “sábado agora não tem mais bola”((continua com a mão esquerda fechada e braço firme...mas agora como um gesto de imposição))... “não tem mais bola”...((risos também dos fiéis)) [...] (Duarte, 2017).

PASTOR CLÁUDIO DUARTE: <https://youtu.be/vAuHkE38PbY>

4.2.1.3 HOMEM BANANA E MULHER ABACAXI

(Transcrição do tempo de dois minutos e dezesseis segundos (2':16'') até o tempo de 20':50'')

((Pregação baseada em 1 Rs 16:29-31))

Excerto 130 – cena enunciativa 2.b

[...] aqui começa todo ou toda a problemática... o casamento desse abençoado do Acabe com essa mulher sensacional chamada Jezabel...um casamento equivocando que não deveria ter acontecido...mas infelizmente aconteceu...mas já que nós vamos falar de um banana e um abacaxi...nós precisamos entender que nós estamos diante de duas pessoas mal resolvidas...Jezabel e Acabe são pessoas que têm problema com resolução pessoal [...] (Duarte, 2013).

Excerto 131 – cena enunciativa 2.b

[...] esse é o grande desafio... né... o grande desafio hoje é sermos pessoas bem resolvidas... os grandes conflitos que enfrentamos são com isso...tem gente que pensa que Adão tava pedindo uma mulher pra Deus...onde está escrito isso...que Adão falou “Senhor:...fico eu olhando o touro com a vaca... o leão com a leoa... leitão com a leitoa... eu aqui fico sozinho assim...puxa vida...tô muito infeliz”... a infelicidade nem existia... o cara tá no éden...é ou não é?...Adão era um cara resolvidão...feliz da vida... a ideia não veio de Adão... não...Deus é que olhou e disse...”Adão tu é muito feliz” ((risos e aplausos dos fiéis))... “ocê é feliz demais Adão”... “Adão... a sua felicidade me incomoda Adão”... “eu preciso fazer alguma coisa para atrapalhar esse negócio” ((risos dos fiéis))...é o não é... não... não...não é nada disso [...] (Duarte, 2013).

Excerto 132 – cena enunciativa 2.b

[...] o que eu quero que você entenda é que Adão era alguém bem resolvido...e Eva não entra em cena para fazer Adão feliz...Eva entra em cena para que Adão compartilhe com ela sua felicidade...esse é o grande desafio...é ou não é?...pessoas bem resolvidas... bem decididas...que tomem suas decisões corretamente pautadas na palavra do Senhor [...] (Duarte, 2013).

Excerto 133 – cena enunciativa 2.b

[...] hoje vou falar um pouco de um banana porque tá assim ó...assim (gesto com a mão esquerda indicando grande quantidade))...e pior...tá ruim até de achar homem banana... porque homem tá igual mico-leão –dourado...pra ver só em cativeiro ((risos dos fiéis))...essa espécie está em extinção..é ou não é? [...] (Duarte, 2013).

Excerto 134 – cena enunciativa 2.b

[...] o camarada era um cara mal resolvido que casou com uma mulher mal resolvida... e deu no que deu...tanto casamento bom pra gente falar...Isaque e Rebeca...José e a Maria...Abraão e Sara...e me joga essa bomba na mão...((risos dos fiéis))...é ou não é? [...] (Duarte, 2013).

Excerto 135 – cena enunciativa 2.b

[...] De..Deus...é por isso que eu falo que Deus... eu estava brincando aqui com o Max...Deus é bem humorado...depois o pessoal fala que eu que sou engraçado... não...Deus tem umas coisas gente...sensacional...isso reflete muito em Je...o humor de Jesus era algo fascinante... é ou não é?...cê vê o dia que chegaram pra prendê-lo...que que ele perguntou?... a quem cês tão procurando? ((voz cômica))...((risos dos fiéis)) ele tá de brincadeira...é ou não é verdade? ...((risos dos fiéis))...não...ele está brincando...o clima era tenso...a confusão estava instaurada... os guardas chega.. e ele ah vá...cês tão procurando quem?... posso ajudar?...é ou não é verdade?...ele só podia tá brincando o dia que o cego desesperadamente grita... filho de Davi...filho de Davi...quando chega o cego...Jesus faz uma pergunta difícilima...o que queres que eu te faça?...((risos dos fiéis)) tá brincando não tá?...o cego ia falar... sabe o que eu tô querendo?... um cão-guia ((risos dos fiéis))... isso que eu tô querendo...um cão-guia...Senhor entende...Senhor providenciar ele num canil pra mim... ((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2013).

Excerto 136 – cena enunciativa 2.b

[...] então eu aprendi que nessa vida nós temos que transformar desgraça em graça...transformar impacto em impulso...e isso é impossível de se fazer sozinho...mas a graça do Senhor nosso Deus nos fortalece...amém [...] (Duarte, 2013).

Excerto 137 – cena enunciativa 2.b

[...] então vamos olhar este casal aqui...eu só tô contando essas histórias pra eu me acalmar...mas preste atenção...Acabe tem uma coisa muito ruim...ele tem um pai ruim...se você está com sua bíblia aberta preste atenção...capítulo dezesseis...versículo de número vinte e cinco diz assim ((o pastor refere-se a 1 Rs 16:25))...“fez Onri o que era mau perante o Senhor...fez pior do que todos os que foram antes dele” veja o versículo trinta “fez Acabe... filho de Onri, o que era mau perante o Senhor, mais do que todos os que foram antes dele”... o cara foi pior que o pai dele...os pais já não prestava... é ou não é?... e aqui nós vemos uma coisa muito importante que eu quero trabalhar com vocês de um homem banana...sabe o que é?...pra mim banana é aquele que se torna um produto do meio [...] (Duarte, 2013).

Excerto 138 – cena enunciativa 2.b

[...]Acabe cresceu vendo derrota...cresceu vendo humilhação...cresceu vendo desgraça...mas a decisão era dele porque Deus sempre esteve presente...e não interessa o que gire ao seu redor...você tem o poder de decisão se você quer para sua vida vitória ou derrota [...] (Duarte, 2013).

Excerto 139 – cena enunciativa 2.b

[...] Deus te dá essa liber...ah eu tô no meio dessa situação...nossa...eu vivia...meu irmão...não interessa onde você viveu nem onde você cresceu... não interessa quem foram seus pais...meu pai casou oito vezes...eu sou filho do segundo casamento...falei não:::...não quero isso pra mim não...cresci vendo aquilo...mudando de um lado pro outro...papai só casando...((risos dos fiéis)) só relacionamento...eu não:::...eu olhei e falei...não...não quero isso pra mim...não:::vou casar com uma mulher só...vou fazer vinte anos...o preço é alto ((risos dos fiéis))...é:::mas graças a

Deus eu me mantenho firme quero ir com ela uma só até que a morte nos separe...de preferência com a morte dela não é verdade...((risos dos fiéis)) mas pelo menos eu quero ir até o finalzinho...é ou não é verdade?...isso é um grande desafio [...] (Duarte, 2013).

Excerto 140 – cena enunciativa 2.b

[...] então preste atenção...não:::...você...hoje...hoje...um objetivo maligno...a estrutura...sabe o que é?...é corromper a nossa Casa...é corromper os nossos valores...é ou não é?...é colocar na nossa mente o quê?...injustiça...adultério...corrupção...isso é o que nós vemos ao nosso redor...é este o ambiente que nós circulamos...é por esse caminho que nós andamos...o nosso cotidiano...mas nós temos que manter um posicionamento meu irmão...eu não vou me corromper... “mil cairão ao meu lado... dez mil à minha direita mas eu não vou ser atingido” meu irmão...você precisa tomar um posicionamento...é ou não é?...ter força...eu não negocio...eu não abro concessão...tudo bem que Acabe viu e cresceu no meio de tudo aquilo...mas isso não significa que ele tem que seguir os padrões...isso não significa que ele tem que deixar com que as circunstâncias...né...crie uniforme pra ele...uma estrutura...já que todo mundo faz...já que...não:::...homem...homem [...] (Duarte, 2013).

Excerto 141 – cena enunciativa 2.b

Davi disse uma coisa pra Salomão antes de morrer... “meu filho tema a Deus e seja homem”...HO:::-MEM:::...homem...hoje tá faltando homem...que tipo de homem?...homem carinhoso...são tudo uns banana...a gente fala de carinho...é:::...ês acham que é frescura...já falou pra sua mulher que você a ama hoje...que isso irmão?...preciso falar?... ela já sabe... ela já sabe...mas quer ouvir rapaz...fala aí...eu te amo...você tá linda... ainda que seja pela fé...((risos dos fiéis))...profetizar ...é ou não é?... “a fé é o firme fundamento das coisas que não se vê” ((risos))... é ou não é verdade?...mas pelo menos se espera... é ou não é verdade? (Duarte, 2013).

Excerto 142 – cena enunciativa 2.b

[...] então olha... hoje...homens...tomem posicionamento... é... diante de sua casa...não se permita que a insensibilidade tome conta de você... não:::...não se torne um produto... não é?... pré-estabelecido...não:::tome atitudes corretas... o que este homem não fez... sabe... me parece que essa situação que ele viveu bloqueou algumas áreas emocionais de Acabe...porque ele fica sem reação...um camarada meio lerdo...meio pacato...cê já vai ver aqui na frente...aqui à frente mas a primeira coisa que eu quero deixar pra você... sabe o que é?...não se torne um produto do meio não cara... é desafiador?... é ...não é fácil não...precisa ser um bom marido...um bom pai...é ou não é? (Duarte, 2013).

Excerto 143 – cena enunciativa 2.b

[...] hoje a maioria dos homens não educam mais seus filhos...não tem mais autoridade...hoje as pessoas falam em diálogo... quero fazer uma pergunta pra você que é mais antigo...teu pai dialogava contigo filho?...e olha que tu é bem sucedido...graças a Deus [...] (Duarte, 2013).

Excerto 144 – cena enunciativa 2.b

[...] os pais de antigamente tinha diálogo não meu irmão...é só ((faz gestos com a face como se estivesse olhando para alguém com olhar de reprovação))...ó o diálogo aqui...no olhinho...e como é que o negócio ficava feito não respeitasse a olhada...é ou não é?... tu tava brincando na sala...chegava uma visita...o pai só:::(olhar de reprovação de modo cômico))... o filho baixava a cabeça e rapava fora... é ou não é? ((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2013).

Excerto 145 – cena enunciativa 2.b

[...] hoje em dia não... é bana::na... está conversando dois adultos...as crianças tão tudo brincando pertinho...agorinha memo cê fala um negócio...e ele diz “mentira”...ainda sem mete na conversa...é ou não é verdade?...e eu boto isso na conta do homem meu irmão...tem que ser tu campeão...é ou não é...tem que ser você [...] (Duarte, 2013).

Excerto 146 – cena enunciativa 2.b

[...] isso cê vê hoje... hoje criam leis que a gente não pode dar uma palmada nos filhos da gente...e justamente na nossa hora de bater ((risos dos fiéis))...quando era pra gente apanhá ninguém criou lei...é ou não é verdade? ((risos dos fiéis))...agora na hora da gente se beneficiar do negócio... ((risos dos fiéis))... aparece um infeliz aí querendo criar lei...mas o que eu ando olhando...sabe o que é que é?...que tá faltando autoridade...os referenciais antigos...antigamente o filho queria ser igual a quem?...o pai meu irmão...por quê?...porque o pai e era o CAra... hoje o cara é o Bob Esponja ((risos dos fiéis))...o Lanterna Verde ((risos dos fiéis))... que coisa é essa gente? [...] (Duarte, 2013).

Excerto 147 – cena enunciativa 2.b

[...] aí o filho tá todo quesito...serpenteador... falando fino ((risos dos fiéis))...ocê oia e fala... “onde cê tá aprendendo isso menino?...seu pai é macho...mas eu não aprendi com o senhor... foi o Bob...ele que é meu amigo...assisto todo dia de manhã...é ou não é?...tá faltando o posicionamento gente...e de homem mesmo...de HO:::-MEM... sabe...referencial mesmo por isso que aparece Jezabel nessa conta...ela só cria asa por quê?...porque o bananão tá lá ((voz cômica))...e homem banana automaticamente gera uma mulher abacaxi...tem que ter autoridade campeão... e mostrar sua autoridade dentro da sua casa...de pai...de sacerdote...de indivíduo... falô tá falado...sua palavra tem que ter peso (Duarte, 2013).

Excerto 148 – cena enunciativa 2.b

[...] vou te dar exemplo...quer vê...de autoridade...tu vem aí na rua...na rua aí...tem umas plaquinhas dizendo assim “oitenta quilômetros por hora”... quanto passa com o teu carrão filho?... em cento e cinquenta cavalos de força...tu passa do oitenta da plaquinha?...lógico que não rapaz...tu passa cento e vinte...cento e trinta...mas a plaquinha tá falando aqui é oitenta gente...me obedece...só que a plaquinha não tem autoridade...mas em algum lugarzinho da via colocaram um radar...e o radar diz... aqui é cinqüentina...passa aqui que eu quero ver...pa::ssa...tu tira onda com a plaquinha...comigo tu não tira onda não meu irmão hoje nós não temos mais homens...é plaquinha... não pode gente...tome o seu lugar camarada...seu posicionamento de macho...de homem...é ou não é?...às vezes tua mulher precisa de um amante no sentido literal da palavra...aquele que ama continuamente...e quem vai ser? ...é tu campeão...chegar junto...atleta de alcova... mandar ver no negócio...as mulher falando...têm uns homens fraquinho [...] (Duarte, 2013).

Excerto 149 – cena enunciativa 2.b

[...] esses dias uma irmã falou comigo...meu marido não me procura...a senhora se perde?...ela fala como é que é esse se perde?... eu falei ...eu vou ensinar a senhora já já...((risos dos fiéis))... às vezes a mulher precisa de um homem meu irmão...não é de um banana não... é um homem mesmo...pra pega a mulher ((voz cômica))...falá ...hoje eu te rebento...é ou não é verdade?...ela sabe que é mentira ((riso dos fiéis)) mas quem sabe ela vai orar e dizer “ossos seco...os ossos

secos... ouvi a palavra do Senhor”... é:::...quem sabe o espírito entra e o exército se levanta...é ou não é?...é uma boa oportunidade ...((risos dos fiéis))... se tá rindo...mas o assunto é sério [...] (Duarte, 2013).

Excerto 150 – cena enunciativa 2.b

[...] mas às vezes a mulher não tá precisando de um amante...a mulher tá precisando de um amigo...aquele homem que vai sentar e vai falar “fala que eu sou todo ouvidos e olhos”...porque comunicação feminina é audiovisual...elas querem que a gente olha quando elas estão falando... pra que eu não sei... não sou mulher ...é ou não é verdade?... eu só sei que elas gostam disso...então você vai sentar e ela vai falar aquelas coisas que você acha absurdas...((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2013).

Excerto 151 – cena enunciativa 2.b

[...] sa::be... na hora de dormir ela fala com a gente assim...vamos conversar...ocê fala...falar o quê?...e ela fala...não sei...mas tô precisando falar...é um grande desafio...mas às vezes a mulher não precisa nem do amante... nem do amigo...ela precisa do sacerdote...aquele cara que vai orar...vai interceder por ela...porque tem dia que ela amanhece morrendo...sangrando...é ou não é verdade?...o cabelo todo esvoaçado...a pele trocando... a dor de cabeça no corpo todo...é ou não é? aquelas dificuldades...e o maridão tem que tá lá...Senhor...casei com fênix...isso ressurgue das cinzas Jesus... é só passar uma semana que ela tá legal de novo... graças a Deus por isso [...] (Duarte, 2013).

Excerto 152 – cena enunciativa 2.b

[...] gen:::te...sabe...homens de verdade...sabe...que não se corrompam...que tenham valores...valores que esse cara não tinha ((referindo-se a Acabe))...ele poderia alegar como alegou Isaías... “Eu sou um homem de lábios impuros porque convivo com um povo de impuros ((os fiéis completam))...lábios”...isso não é justificativa [...] (Duarte, 2013).

Excerto 153 – cena enunciativa 2.b

[...] ((com tom sério)) Deus disse...então toma o serafim aí com a brasa...Isaías...vamos acabar com essa palhaçada de ficar falando que é um produto do meio...não:::...tome seu lugar cara...aprenda os valores femininos...não negligencie... mulher tem seu mundo...mulher gosta de proximidade...elas reclamam demais disso... ele tá em off miserável ((voz cômica))...ela quer tu ligado...tá lá vendo televisão dormindo...jogando videogame...não:::...mulher gosta disso...enquanto ela gosta de proximidade...homem de controle [...] (Duarte, 2013).

PASTOR CLÁUDIO DUARTE: <https://youtu.be/X0bbyfsAy5Q>

4.2.1.4 ARRUME SUA FAMÍLIA NA QUARENTENA

((Transcrição após o enunciador ler leitura de Hebreus 9:27...Salmo 90:10...Oséias 6:3...Ezequiel...47:3...Jó 42:5...do tempo de oito minutos e cinquenta e cinco segundos (8’:55”) até o tempo de dez minutos e sete segundos (10’:07”))).

PRIMEIRO TRECHO

((O narrador fundamenta seu discurso no discurso fundador da fé cristã))

Excerto 154 – cena enunciativa 2.b

[...] eu queria que você observasse algo que se aproxima entre esses três textos...o primeiro diz conhecer e prosseguir em conhecer...o segundo diz que havia águas no tornozelo...no joelho...nos lombos... e se você pega o terceiro texto... ele diz no início eu apenas te ouvia...mas agora eu fui para um outro estágio...todos os três textos falam de uma evolução de relacionamento...ele diz desconheceis...mas a partir da convivência você prossegue em conhecer...ou seja...você vai por uma nova fase do relacionamento...quando olhamos aqui para Ezequiel nós vemos algo que começa rasinho...mas que vai se aprofundando...quando nós vemos o texto de jó...diz que no começo é ouvir...é com experiências dos outros...mas agora ele diz os meus olhos te veem...então nós vamos trabalhar...certo...essa visão de fases de um relacionamento que precisam se ampliar...amadurecer [...] (Duarte, 2020).

SEGUNDO TRECHO

Excerto 155 – cena enunciativa 2.b

[...] porque hoje nós estamos aqui com muita gente sofrendo com dificuldade na área sexual... sexo é uma coisa muito legal...quem criou foi Deus...Deus criou para a gente fazer... e Deus fica muito chateado com quem faz sexo antes do casamento...mas também fica muito aborrecido com quem não faz depois ...((risos dos fiéis))...ok?... e nós homens...nós gostaríamos muito mais de fazer sexo do que fazemos...mas só gostaríamos...porque não temos força para cumprir tudo aquilo que nós gostamos...((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2020).

Excerto 156 – cena enunciativa 2.b

[...] eu tô sendo claro para você...certo?... nossos brinquedos é de montar...o delas é de abrir...então na verdade...é::...nós temos uma desvantagem como eu disse...eu não tô aqui falando pornografia...eu só sou objetivo e muitas vezes que eu falo de maneira chula...aparentemente...tem o propósito de fazer a sua mente só captar...porque fica tão grosseiro às vezes...que você não esquece mais...sai daqui até falando para os outros...é ou não é?...e é isso que eu quero...ainda que vai falar mal de mim...((risos)) [...] (Duarte, 2020).

Excerto 157 – cena enunciativa 2.b

[...] mas não tem problema não...então o negócio é o seguinte...homens...eles fazem sexo normalmente com o motivo diferente das mulheres...você deve viver aqui uma vida bem atarefada...certo?... e isso deve dar um desencontro muito grande...porque o cara estressado ele quer sexo...a mulher estressada ela quer falar [...] (Duarte, 2020).

Excerto 158 – cena enunciativa 2.b

[...] a mulher para fazer sexo...ela tem que estar muito legal...muito zen...por quê?... porque segundo a bíblia... nós somos compostos por três coisas... corpo...alma e espírito...então...e um homem...ele vai para a cama sem alma ...((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2020).

Excerto 159 – cena enunciativa 2.b

[...] mas a mulher...ela...só vai se a alma for primeiro...o homem não consegue entender isso...entendeu...uma mulher para ir para cama legal...a não ser se ela for... ah...vamos lá que eu

vou ficar lá... parada... certo... você tem que mandar a alma dela primeiro...((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2020).

Excerto 160 – cena enunciativa 2.b

[...] a alma vai para cama...o corpo vai depois...aí é *alta-performance*...alto desempenho...certo... nós... homem não... homens...se a mulher dele falar assim... “vão para cama?”...ele diz para a alma... “tá a fim?” ... ((risos dos fiéis))...se não...espera aí...que eu tô voltando agorinha mesmo...é dez minutos só eu tô voltando ...((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2020).

Excerto 161 – cena enunciativa 2.b

[...] e hoje nós temos um problema sério...pornografia...e pas:::mem vocês...estatísticas andam dizendo que mulheres estão acessando mais a pornografia do que os homens...principalmente na adolescência...o negócio tá bagunçado...uma sexualidade sadia...certo?...porque Deus fez tudo direitinho e deixa eu falar uma coisa para você...homem...homem...HOMem...mulher gosta de sexo...sim ou não mulher? sim ou não mulher? ((as mulheres respondem sim))... mas mulher gosta de serviço bem feito...o serviço bem feito a cliente volta...a qualidade total...entendeu? [...] (Duarte, 2020).

Excerto 162 – cena enunciativa 2.b

[...] eu sei que para nós... um homem...primeiro que o homem conta dias que não faz sexo... e ele olha para a mulher dele... você sabe a última vez?...ela diz... eu vou lá ficar contando...ele diz...pois é...eu sei...já tem três...((risos de ambos)) porque o homem...três dias... querida...deixa eu explicar pra você...se seu marido for saudável...três dias ele tá ((faz gesto com a mão indicando limite na altura da cabeça)) aí a senhora tira a roupa...ele...ele já faz assim oh...oh ((gesto com o corpo como alguém ansioso))... e aí a mulher fala assim... calma cara...eu não vou sair daqui não... e eu não vou fugir...((risos dos fiéis)) [...] (Duarte, 2020).

Excerto 163 – cena enunciativa 2.b

[...] e aí e você ri mas o assunto é sério...muitas pessoas caminham para adultério e pior...pior... muitos de nós homens principalmente fomos treinados no ambiente pornográfico...revistinha...lembra ((estala os dedos como sinal de tempos antigos))...se lembra?...cê lembra?...cê lembra?...você que morava na fazenda...cabrita piscava o olho ...((risos dos fiéis))... para você ((risos)) [...] (Duarte, 2020).

Excerto 164 – cena enunciativa 2.b

[...] pois é...escute aqui...tá assim ((faz gesto de muitos com a mão)) de homens que trazem para o seu casamento os vícios cujo quais suas mulheres não vão se submeter...isso é um perigo...porque o camarada quer que a mulher dele reproduza o que aquelas...desculpe a expressão...vadias...prostitutas e profissionais fazem...cuidado com esse negócio...sua mulher não é vadia...não é prostituta...sua mulher é uma mulher que Deus colocou na sua vida para satisfazer seus desejos sim...mas os dela também [...] (Duarte, 2020).

Excerto 165 – cena enunciativa 2.b

[...] no ato sexual duas coisas têm que ser bem de perto observada...primeiro...a palavra de Deus...porque se infligi-la é pecado...segundo...a vontade do cônjuge...porque se infligi-la é

estupro...no relacionamento sexual é palavra de Deus e vontade do cônjuge...se Deus não reprova e o outro aí é tu querido...aí o camarada vê aquelas mulher brilhando nos vídeos...quer que a mulher dele brilha...((risos dos fiéis))...aquilo é óleo irmão...se ocê passar óleo e bota a luz ela brilha também...((risos dos fiéis))... porque a mente acaba fazendo daquela ficção uma real ((espera que os fiéis completem)) dade... o cara vê aquelas mulher lá ((simula gemidos))... ((risos dos fiéis))... cê pode pingar vela na sua mulher que ela não geme daquele jeito irmão...aquilo não é verdadeiro...aquilo é uma ficção [...] (Duarte, 2020).

PREGAÇÃO CATÓLICA *STAND UP COMEDY* DE VERTENTE CATÓLICA

PADRE CHRYSTIAN SHANKAR: <https://youtu.be/MIaFFDQdY5g>

4.1.2 O PROJETO DE PREGAÇÕES PARA CASAIS

(Transcrição de testemunho do padre Chrystian Shankar sobre início do projeto de pregações para casais, que consta disponível no mesmo vídeo da pregação *O que deve ser evitado no casamento no tempo de dois minutos e seis segundos até o tempo de 12':45''*).

só um adendo que muitos podem pensar...porque que eu entrei nessa de relacionamento conjugal...quando a gente vai para o seminário ser Padre...você não pensa em outra coisa a não ser uma coisa...o dia que você ordenar o bispo vai te dar uma paróquia...e você vai pra essa paróquia cuidar da paróquia...só isso...cê vai na paróquia administrar os sacramentos...batizar as crianças aconselhar aos fiéis celebrar as missas isso é um padre de paróquia...é o que eu tinha na minha cabeça vai pra paróquia...me ordenei padre e fui para a paróquia de Carmo do Cajuru...é uma paróquia...muito boa porque era paróquia tradicional que é perto de Divinópolis...e fiquei na paróquia Nossa Senhora do Carmo dois anos...fui como seminarista fiz o meu estágio diaconal e fiquei lá como vigário do padre Francisco...no em dezembro o padre Francisco iria embora e eu iria assumir a paróquia como pároco...e na época o bispo que estava era Dom José Belvino...ele já estava nessa transição de embora não vai fica vai aí ninguém queria assumir muita coisa...aí teve eleição pra vigário forâneo aquele padre que toma conta de uma região em nome do bispo...quem é que ganha o negócio...aí votaram nos mais jovens tanto que todos os vigários forâneos na época...nós éramos padres muito jovens pra um cargo que são padres mais vividos não é... então eu assumi vigário forâneo...e tinha uma paróquia em Divinópolis chamada Nossa Senhora Aparecida...que é a paróquia que eu era pároco até ano passado...que o padre deu uma discussão com o bispo o bispo tirou...o povo ficou revoltado e o pau quebrou...o bispo foi e tirou o padre na marra...e deu um castigo pra paróquia...não vou mandar outro padre cês tão discutindo comigo cês vão ver como que é uma paróquia sem padre não vai...até janeiro cês vão ficar sem padre...e ele falou comigo ó é você que é o vigário forâneo...esse resto de ano aí novembro e dezembro...cê vai escalando uns padres pra celebrar domingo pra não ficar sem padre nenhum...e ocê dá uma assessoria lá naquilo que precisa...eu falei ué tá bom...aí fui escalando os padres de vez em quando eu ia né...aí no natal e ano novo fiquei com dó do povo a paróquia é grande muita gente o pessoal igual ovelhinha sem pastor...eu falei então deixa eu fazer um negócio caprichado aqui eu fiz uma missa de natal muito bonita...fiz o réveillon muito bonito...aí o povo gostou sabe aí ficaram tudo hehehe...((sorri demonstrando animação))...((A plateia ri))...e eu doido pra chegar dezembro pra assumir Nossa Senhora do Carmo...aí um dia o bispo me liga...cê pode vir aqui em casa...o bispo quando liga meu filho ou é pra pra te tirar de paróquia ou pra te tirar de paróquia...((A plateia ri))...aí eu falei deixa eu ir lá...aí lá fui eu tomar café ele olhou e falou assim...é...((faz uma voz grossa, imitando o bispo))...ele fumava sabe falava assim mesmo...cê tá fazendo um trabalho muito bom Nossa Senhora Aparecida...muito obrigada José a gente é padre novo né...não mas não é sobre isso que eu vim te falar não...cê vai parar...eu falei não Dom José eu

vou assumir a Nossa Senhora do Carmo...tô falando que você vai parar...eu falei uai tão delicadamente eu vou...((A plateia ri))...só eu vou só porque o senhor pediu com educação...aí eu fui pra Nossa Senhora do Carmo...meu Deus do céu foi o ano mais difícil da minha vida pessoal queria o outro...o outro já era um senhor e eu era um padre novo...e o povo me falava horário errado de missa...eu chega em horário errado o povo criticando eles queria me boicotar não é...não me pagava nada...falaram que a paróquia tinha oito mil no caixa eu achei um nada...a paróquia tinha que ter o que oito mil...eu larguei a paróquia agora pro outro lá com duzentos e cinquenta mil no caixa...eles falaram que tinha oito mil quando eu pequei o extrato tinha oitocentos reais...eu falei meu Deus uma paróquia desse tamanho com oitocentos reais o que eu vou fazer...o Dom José cê dá conta vai lá...((A plateia ri))...eu falei meu Deus aí eu fui...aí me deu uma eu falei gente...((coloca a mão na cabeça))...me dá uma luz espírito santo que que eu posso fazer nessa paróquia pra levantar esse negócio aqui...aí veio na minha cabeça...cria uma missa diferente...uma missa com muito louvor com muita pregação...cê sabe rezar e reza com o povo e o fogo desce...aí eu criei a tal missa da família...era quarta feira...divulgamu Divinópolis todo fechamo rua espalhamo cadeira tinha quarenta pessoa na primeira...((A plateia ri))...quando eu entrei que eu olhei eu falei meu Deus do céu...que fiasco...mas eu tive que manter animado porque tinha uma equipe comigo tinha coral o pessoal eu falei gente não desanima...nós tamo começando é agora...cê vai vê daqui uns tempos se aquela grade lá não vai caber o povo vai ter gente na rua...será padre eu falei vai...vai...((A plateia ri))...tomar...aí o negócio a gente foi começou a mas o negócio multiplicou muito rápido...a igreja encheu...o pessoal começava a ficar do lado eu comprei um telão pro lado direito aí não coube...põe o telão pro lado esquerdo não coube aí põe o telão na rua...não coube fizemos tem isso até hoje lá...fizemos um centro de evangelização enorme cabe quatro mil pessoas sentada e o negócio não coube e o pessoal ficou todo mundo ah...oh oh...aí a gente começou...eu comecei a passar as transmissões pelo telão...aí o pessoal falou assim ô Padre eles tão pedindo a sua pregação em dvd e cd...eu falei não gente não tem isso não uai a pessoa vem a missa...aí o cara da filmagem atrevido...começou a gravar e ele mesmo pondo nos dvd e distribuir pra quem queria...e o negócio foi crescendo ele falou padre semana que vem eles cobraram cem...eu falei uel...((coloca a mão no queixo e ri))...((A plateia ri))...se o povo quer...neném quer...aí a gente transformou um negócio...((gargalha))...aí transformamos um negócio num projeto chamado luz e vida...aí especializados né e chamamos pessoas que entendiam...eu sou assim eu vou fazer um negócio pra Deus...ou faz bem feito ou não faz por isso que trabalhar comigo não é fácil...faz o melhor se não ó...cê vaza fácil...falei vamos fazer um negócio de acordo aí vamos na gráfica fizemos capinha colorida...impressão nos cds compramos câmeras novas e o negócio foi crescendo...o Tiba...da canção nova aquele palhacento que sai da geladeira...ele é de Divinópolis...ele foi a eu não conhecia ele foi na Divinópolis assistiu e falou ahh...esse padre tem que pregar na canção nova...comprou um tanto de dvd e levou pra canção nova...isso foi...em dois mil e seis dois mil e sete ..durante três anos eles ficaram só assim ó...((coloca a mão no rosto, observando))...que lá o negócio é mais difícil sabe eles ficaram só assim ó...e dvd e dvd e eles analisando analisando...aí quando chegou em dois mil e dez dois mil e onze eles me ligaram ó é pra você participar do programa do Dunga...pgm foi a primeira vez que eu fui na canção nova...você precisa dar uma entrevista aqui aí eu fui conversei com o Dunga né...e esse meu jeito contei uns casos né e riu o pessoal gostou...aí no final ele falou assim padre Chrystian eu não conhecia o senhor mas quero te falar...com certeza o senhor vai estar conosco aqui outras vezes...pregando celebrando e acampamento eu falei opa...então o negócio tá se abrindo...quando eu fui na canção nova a primeira vez...foi num congresso olha como que Deus vai fazendo as coisas num congresso de casais...quem pregava era o padre Leo...depois que o padre Leo faleceu ficou faltando um padre que pregasse nesse estilo mais ou menos e engraçado e contasse caso e eles gostam muito de mineiro...o Brasil gosta muito de mineiro quando eles fala que é mineiro...é alguém mais simples alguém mais alegre alguém mais aberto então

quando falou que é mineiro o pessoal já gosta falou olha padre Leo era mineiro...então nós queremos um mineiro aqui então vamos fazer um teste...cê vai pregar o primeiro acampamento pra casais...que era pregado pelo padre Leo...aí eu assumi o acampamento desse jeito palhacento né...aí contei uns casos e peguei uns três dias eles gostaram...aí me chamou pro próximo...tudo que vai tudo que vai pra televisão o povo quer né...aí começou a aparecer na canção nova começou a ligar ó a gente tá fazendo um congresso de casal aqui em São Paulo o padre não quer pregar não...vou tá...a gente tá fazendo aqui em Manaus tá hora que eu vi meu irmão...de cinquenta e dois finais de semana por ano...a gente tava viajando quase quarenta...pra casais...aí eu comecei a me especializar comecei a ler...comecei a fazer curso...comecei a estudar psicologia do casamento...a os documentos todos da igreja sobre família sobre casamento sobre matrimônio...transformei tudo numa linguagem mais fácil coloquei piada coloquei caso e o negócio foi crescendo crescendo e virou outro projeto...que é o projeto motivar que é projetos pra empresários...pra funcionários...semana de (Sipat) que eles também começaram a pedir o negócio...eu tô contando isso porque...pra vocês verem que certas coisas não é que a gente entra pra ser...ah eu entrei pro seminário para ser um padre pregador pra casais o meu sonho era viajar Brasil a fora...eu resumi bem a história ...as coisas foram acontecendo...como eu fiz um acampamento de casais eles começaram a chamar e como eu não gosto de coisa tocada...aí eu comecei a fazer a colecionar esses vídeos...a outra vez que eu vim não tinha ainda né...fiz uma pasta de vídeo de casamento fiz de família...vídeos motivacionais alguns eles começaram a editar pra mim...como as pregações começaram a sair muito aí o dinheirinho começou né a entrar...gostei gostei...aí mas o que que eu fiz pegava o dinheiro todo como a paróquia tinha me paga eu jogava ele pra investir mais qualidade aí capas mais coloridas dvds muito mais bem feitos profissio quem comprou as pregações são editadas com som estéreo HD...então a coisa foi crescendo aí a canção nova começou a lançar livro...começou a lançar pregação...agora esse programa ele é grade da canção nova...vai virar produto a partir de dezembro cê pode comprar as coletâneas separadas cada coletânea são sete pregações que são sete programas né...e a coisa foi... crescendo eu acho importante eu contar isso...se alguém perguntar ah porque que esse padre fica pregando pra casal...porque que os padre daqui não prega porque que tem que trazer padre de fora...porque quando eu comecei a pregar pra casais eu me especializei nesse assunto com curso com psicólogos com terapias de grupo terapia de casal...com curso de final de semana de (prepici)...os documentos da igreja tem um pouquinho disso que eu acho importante a gente contar porque...parece que a gente caiu de paraquedas e ninguém sabe de onde que esse ete saiu...então...é daí[...] (Shankar, 2015)

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

(Normas adotadas pelo Projeto NURC)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (mas os daqui) não há problema...
Truncamento	/	sim ahn é... mas tem ge/ tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?

Incompreensão de palavras ou segmentos	()	bom mas eu acho que ginástica em () deve solucionar esse problema né?
Entonação	Maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalona viu? né? calça com a boca bem larga... bem cintura::da entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim fan-TÁs-ti-ca um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((pigarro)) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - era muita gente, né? muitos atletas - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[Ligando linhas	é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... “que que eu faço pra tirar a barriga?” eu digo pára de tomar chope...